UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00095749 8

630
49

RELIGIÕES DA LUSITANIA

VOLUME I

ALGUMAS OBRAS DO MESMO AUCTOR

POESIA

Balladas do Occidente, 1885.
Poema perdido, 1895.
Lyra de um morto, 1896.

ETHNOLOGIA

Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois de Entre-Douro-e-Minho, 1881.
Tradições populares de Portugal, 1882.
Portugal prehistorico, 1885.
Romanceiro português, 1886.
Poesia amorosa do povo português, 1890.
O deus lusitano Endovellico, 1890.
Sur les religions de la Lusitanie, 1892.
Sur les amulettes portugaises, 1892.
Ensaios ethnographicos, 1.º vol., 1891–1896.

PHILOLOGIA

O dialecto mirandês (premiado em concurso pela Sociedade das linguas romanicas de França), 1882.
Flores mirandesas, 1884.
Linguas raianas de Tras-os-Montes, 1886.
A evolução da linguagem (dissertação de Medicina, approvada com louvor pela Escola Medica do Porto), 1886.
A philologia portuguesa (história), 1888.
O texto dos Lusiadas (análise crítica), 1890.
As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo (análise crítica), 2.ª ed., 1893.
O gralho depennado (réplica ao Sr. Candido de Figueiredo), 3.ª ed., 1894.
De «Margariti» villa in territorio Vimaranensi commentariolum, 1893.
Chartam alteram de villa quae «Margariti» appellatur, 1894.
Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa (21 opusculos), 1880–1892.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Annuario das tradições populares portuguesas, 1883.
Revista Lusitana (ethnologia e philologia), 1889–1897, 4 vols., estando no prélo o 5.º
O Archeologo Português (publicação illustrada), 1895–1897, 2 vols., estando no prélo o 3.º

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

RELIGIÕES
DA
LUSITANIA
NA
PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Portuguez
S. S. G. L.

VOLUME I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1897

LIBRARY
DEC
19
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

BL
780
P3 L36
V.1

AO

MEU PREZADO PRIMO

MANOEL NICOLAU OSORIO PEREIRA NEGRÃO

(MOSTEIRÔ)

EM PENHOR DO MUITO QUE O MEU CORAÇÃO LHE DEVE

PROLOGO

Em 1892 devia realizar-se em Lisboa a 10.ª Sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas, ao qual eu tencionava offerecer uma memoria sobre as *Religiões da Lusitania,* mais para aproveitar o ensejo de publicar o meu trabalho, do que por este, pelo seu caracter de occidentalismo, ter *jus* a fazer parte das memorias especiaes do Congresso. Afinal o Congresso não se realizou; mas como a obra já estava no prélo [1], não desisti da publicação, e concorro agora com ella, como membro da Sociedade de Geographia de Lisboa, por cuja intervenção se publíca, para a celebração do Quarto Centenario do Descobrimento do Caminho Maritimo da India pelos Portugueses.

---

[1] Publicou-se um breve resumo intitulado *Sur les religions de Lusitanie,* Lisbonne 1892.

Esta minha contribuição litteraria, humilde como é, não corresponde de modo algum á grandeza do facto que tem por fim commemorar; mas leve-se-me em conta a sinceridade com que, através dos mil espinhos do assumpto, busquei projectar alguma pouca luz numa das materias mais obscuras e mais desconhecidas da nossa antiga historia, — as religiões da Lusitania.

Quando um povo, em virtude das más cabeças dos homens que o constituem, ou de condições historicas e geraes, está em decadencia, como o nosso, permitta-se ao menos aos que amão a terra em que nascêrão furtar-se, pela contemplação e estudo das cousas do passado, ás miserias do presente: assim se evitará uma causa de soffrimento moral, e ao mesmo tempo se tirará do conhecimento ethnologico do país, e da consciencia da solidariedade em que os diversos momentos historicos estão entre si, estímulo para não deixar abysmar-se completamente no pantano das protervias sociaes o que ainda resta de sentimentos puros na alma nacional.

*

Ao apresentar ao público o volume I da minha obra, julgo-me obrigado a testemunhar os meus agradecimentos aos tres distinctos homens de sciencia, os Srs. Joaquim Filippe Nery Delgado. Dire-

ctor dos Trabalhos Geologicos de Portugal, Augusto Epiphanio da Silva Dias, Professor no Curso Superior de Lettras, e Dr. Sousa Martins, Professor da Escola Medica de Lisboa, pela complacencia com que me ajudárão na revisão das provas: o primeiro, em relação a quasi toda a obra, sobretudo nos assumptos paleoethnologicos e geologicos; o segundo, em relação a muitas das notas em que faço citações em linguas classicas: o terceiro, em relação ao paragrapho sobre a *Trepanação,* (pags. 170–197). A esta cooperação, que não se limitou á parte material da correcção typographica, devo algumas observações que aproveitei.

Aos Srs. Luis Couceiro da Costa, e Maximiano Gabriel Apollinario, conductores de Obras Publicas, aquelle ao serviço da Direcção dos Trabalhos Geologicos, este ao serviço do Museu Ethnologico Português, agradeço o excellente auxilio que me prestárão fazendo diversos desenhos que adornão o presente volume.

Pelo que toca á Imprensa Nacional, de cujas officinas sae o livro, agradeço tambem ao Sr. J. A. Dias Coelho, chefe do grupo de typographos encarregados da composição, e aos Srs. Filippe Fernandes, e João Maria Heitor, — como sendo com estes tres habeis artistas que directamente e de perto tratei —, a sollicitude com que cada um na sua secção trabalhou no meu livro.

Ao Sr. Dias Coelho, alem dos serviços proprios da sua arte, mereci constantes cuidados na revisão das provas, pois não deixava passar nunca sem reparo o que se lhe affigurava digno de substituição ou de emenda, quer no que dizia respeito á disposição typographica, quer ainda no proprio contexto da obra: e por tanto aqui lhe deixo este protesto especial da minha gratidão, e ao mesmo tempo a prova de quanto aprecio as suas excellentes qualidades pessoaes e intellectuaes, e não vulgar illustração, realçada ainda pela maior modestia.

Lisboa, 7 de Julho de 1897.

INDICE METHODICO

Dedicatoria v
Prologo vii

Introducção geral á obra

I. Limites da Lusitania, e accepção em que aqui se toma esta palavra xxi
II. Razões da presente obra, considerada como elemento para o conhecimento da Historia da Lusitania xxv
III. Divisão da Historia da Lusitania em tres periodos (prehistorico, protohistorico e historico), e plano da presente obra, de accôrdo com essa divisão xxviii
IV. Methodo seguido pelo auctor xxxiii

PARTE I

Tempos prehistoricos

Preliminares (Prehistoria Portuguesa)

A) **Noticia bibliographica.** Divisão da historia da archeologia prehistorica portuguesa em dois periodos: um até 1857; outro d'essa data para cá. Lista de todos os trabalhos publicados durante os dois periodos 3

B) **Geographia prehistorica.** Indicação summária das antiguidades prehistoricas que ha nas differentes provincias portuguesas 12

C) **Epochas prehistoricas:**

Considerações prévias 25

a) Epocha da pedra:

O homem terciario 27

1. *Periodo paleolithico.* Vestigios nos concelhos de Peniche, Obidos e Leiria. Vida selvagem do homem paleolithico português 28

2. *Os kjoekkenmoeddings.* Sua existencia no valle do Tejo. Vida selvagem das gentes d'esses tempos; caracteres physiologicos; caracteres craniometricos 31

3. *Periodo neolithico.* Condições da existencia semi-selvagem. Sepulturas, vestuario, ceramica, objectos de pedra, moradas. A questão da habitabilidade das grutas. Castros prehistoricos. Caracteres sociaes e anthropologicos dos povos neolithicos. Feição especial da civilização neolithica de Portugal 33

b) Epocha dos metaes:

Periodo de transição (ou *chalcolithico*)..... 70

Periodo do cobre e *do bronze*. Se o uso dos metaes em Portugal é originario de cá, ou importado... 72

Condições sociaes do homem de então..... 78

Periodo do ferro..... 79

RELIGIÕES PREHISTORICAS

Resumo do que fica dito á cêrca da nossa prehistoria..... 81

CAPITULO I

Religiosidade do homem paleolithico

Discussão da theoria do Sr. G. de Mortillet de que não havia religião nos tempos paleolithicos..... 85

Não se conhecem povos sem religião 94

Origem das religiões, e suas fórmas primitivas 96

Applicação d'estas ideias ao periodo paleolithico português.. 97

CAPITULO II

A necrolatria nos kjoekkenmoeddings

Maneira de sepultar os mortos 99
Se a veneração pelos mortos é religião 100
Fórmas da necrolatria 100
Recinto mortuario ou *campo santo* 101

CAPITULO III

Ideias religiosas no periodo neolithico

I. Culto da Natureza. A Lua.

O homem primitivo e a Natureza 103
Antiguidade e extensão do culto da lua em geral 104
Objecto prehistorico português com a figura do crescente 105
Interpretação d'esta figura, pela comparação com factos da vida dos tempos historicos 106
Mythos astronomicos 109

II. Amuletos e objectos congeneres.

Definição e diversas especies de amuletos; sua origem; factos psychologicos 111

A) *Amuletos prehistoricos constituidos por dentes:*
Costumes antigos e modernos de varios paises .. 120
Costumes portugueses antigos e modernos 122
Factos colhidos na prehistoria e protohistoria estrangeiras 125
Significação dos dentes com orificios, achados nos jazigos neolithicos de Portugal 129

B) *Objectos amuletiformes e outros:*
a) objectos de azeviche 136
b) pingentes triangulares, cordiformes, etc 140
c) conchas 146
d) pingentes de osso 151
e) contas 153
f) placas:
distribuição geographica 155
descripção de alguns typos geraes 155

significação das placas 158
placas em fórma de baculo..... 161
placas zoomorphicas..... 161
placas pequenas..... 163

Observação final sobre os amuletos 166

III. Trepanação prehistorica e factos correlativos.

Litteratura do assumpto..... 170

A) *Trepanação em vida:*
Doenças produzidas por espiritos maleficos:
a) epilepsia..... 171
b) hysteria..... 172
Obsessos e possessos; exorcismos..... 173
Intuito da trepanação em vida..... 175

B) *Trepanação postuma:*
Hypotheses diversas sobre a sua significação... 178
Expulsão de espiritos malignos..... 180
Amuletos cranianos..... 184

C) *Pessoas dotadas de caracter sobrenatural*..... 187

Factos da prehistoria portuguesa:
Cranio trepanado da Cezareda..... 191
Amuleto craniano de Avis..... 193

Observações finaes..... 195

IV. Culto dos mortos.

Palavras prévias: concepção popular da vida, e da alma; destino da alma, — transmigração, anniquilamento, vida futura; país dos mortos; existencia ultratumular; almas do outro-mundo; intuito da necrolatria, — applacar as almas dos mortos, dirigir-lhes súpplicas; evocação dos mortos..... 198

A) *Destino dado aos cadaveres:*
Costumes diversos..... 204
Principaes costumes neolithicos portugueses:
1. inhumação..... 206
2. incineração..... 206

B) *Especies de monumentos sepulcraes:*
1. Grutas naturaes e lapas..... 212
a) natureza das grutas..... 213
b) designações vulgares das grutas..... 213

c) distribuição geographica..... 215
d) grutas funerarias..... 215
e) typo geral das grutas..... 216
f) ideias do homem prehistorico á cêrca das grutas..... 219
g) destino ulterior das grutas (lendas)..... 225

2. Grutas artificiaes:

a) Grutas de Palmella:
Historia do assumpto..... 227
1.ª Furna..... 228
2.ª Furna..... 229
3.ª Furna..... 230
4.ª Furna..... 233
Observações geraes..... 234
b) Grutas de Alapraia..... 237

3. Sepulturas por excavação sem revestimento interno:

Da Folha das Barradas..... 239
Várias sepulturas do Algarve..... 242
Observações geraes..... 243

4. Sepulturas por excavação com revestimento interno:

Monumento do Monge..... 245
Monumento do Arrife..... 246

5. Dolmens em geral:

a) O que são dolmens..... 248
b) Denominações populares dos dolmens... 249
c) Dolmens cobertos e descobertos..... 260
d) Distribuição geographica dos dolmens.. 266
e) Typos geraes dos dolmens:
dolmen coberto («n.º 1» de Alcalar)... 266
mamoinha com orla de pedras..... 268
orca da Cunha-Baixa..... 271
considerações diversas (dimensões dos dolmens e mamoas, natureza das rochas, estado d'estas)..... 273
f) Significação primitiva dos dolmens..... 277
g) Destino ulterior dos dolmens..... 285

6. Monumentos de transição entre os dolmens e as cryptas de Alcalar:

Monumento de Marcella..... 293

«N.º 2» de Alcalar 295
«N.º 3» de Alcalar 298
Observação 299

7. Monumentos alcalarenses propriamente ditos:
«N.º 4» 301
«N.º 5» 302
«N.º 6» 303
«N.º 7» 304
Observações diversas 305

8. Monumentos de transição entre os precedentes e as cistas:
Monumento da Nora 307
Monumento do Sêrro do Castello 307
Observação 308

9. Cistas (e antellas) 308

10. Sepulturas diversas:
a) Antinhas 311
b) Mamoellas 312

11. Questões correlativas:
a) Modo de deposição dos restos funerarios no sepulcro 312
b) Ossuarios 317
c) Monumentos que apresentão um orificio na camara 318
d) Relação em que estavão entre si os diversos monumentos funebres 323
e) Situação dos monumentos funebres: orientação 324
localização 325
cemiterios 327

C) *Offerendas aos mortos:*
Costumes de differentes povos 331
Costumes dos povos neolithicos de Portugal 340
Interpretação de todos esses costumes (crença no animismo) 348
Supervivencias modernas em Portugal 349

V. Signaes insculpidos em pedras.
Definição e nomenclatura 350
Litteratura do assumpto 351

Factos observados em diversos paises 352
Theorias para os explicarem 354
Tradições populares relacionadas com elles 355
Significação provavel dos signaes 357
Factos observados em Portugal:
a) em Tras-os-Montes (e Douro) 358
b) na Beira 363
c) em Entre-Douro-e-Minho 374
d) no Alemtejo 384
e) no Algarve 385
Factos observados na Galliza 386
Pégadas em penedos 381
Resumo, classificação dos factos portugueses, observações várias 386

VI. Considerações geraes sobre a religião neolithica.

Em toda a religião ha *crença* e *culto* 391
Conjuncto das crenças neolithicas 391
Conjuncto dos cultos neolithicos 396
Factos diversos 399
Supervivencias do passado 402
Resumo da religião neolithica 405
Caracter dos povos neolithicos deduzido da sua religião 405

CAPITULO IV

A religião na epocha dos metaes

Difficuldade de distinguir o periodo do cobre do do bronze 407
Sepulturas do periodo do cobre:
Cistas argarvias:
definição 408
mobiliario funebre 410
significação das cistas 410
caracter das cistas 412
várias cistas 412
localização 412
necropoles 413
Sepulturas da foz do Mira 414
Sepulturas especiaes do Algarve 414
Relação das cistas com os outros monumentos 415

Potes sepulcraes 416
Ideias religiosas dos homens do periodo do cobre ... 418
Sepulturas do periodo do bronze:
Sepulturas dos arredores de Faro 421
Urnas cinerarias de Mertola 421
Necropoles do periodo do ferro 422

Observação final do volume 423

Additamento 425
Indice alphabetico 433
Erratas 441

INTRODUCÇÃO GERAL Á OBRA

I. Limites da Lusitania, e accepção em que aqui se toma esta palavra. — II. Razões da presente obra, considerada como elemento para o conhecimento da Historia da Lusitania — III. Divisão da Historia da Lusitania em tres periodos (prehistorico, protohistorico e historico), e plano da presente obra, de accôrdo com esta divisão — IV. Methodo seguido pelo auctor.

I. Sendo varios os sentidos em que se tem tomado a palavra LUSITANIA, começo naturalmente por explicar qual a accepção que lhe dou nesta obra, em cujo titulo ella figura.

Segundo Estrabão, que floresceu em Roma nos tempos de Augusto e Tiberio, a Lusitania primitiva tinha por limites: ao Sul, o Tejo; ao Occidente e ao Norte, o Oceano; ao Nascente, os Carpetanos, os Vettões, os Vacceus e os Callaicos, — postoque pelo contrário alguns AA., acrescenta o geographo grego, chamassem igualmente Lusitanos a todos estes povos. Na segunda hypothese, isto é, incluindo-se na Lusitania os referidos povos, os limites d'esta ao Nascente erão os territorios dos Astures e dos Celtibéros [1]. — Por

[1] *Geographia*, III, III, 3 (ed. de C. Müller, Paris, Didot). — É notavel que, dizendo Estrabão que a Lusitania confinava pelo N. com o Oceano (i. e., com o Mar Cantabrico), diga na primeira hypothese que ella tinha a E. os Callaicos, quando nessa hypothese, como tambem na segunda, os Callaicos devião estar contidos nella, e ficarem ao N. Não ha êrro de texto, porquanto, ao referir os limites da Lusitania no segundo sentido, falla outra vez dos Callaicos, como sendo dos povos confinantes que passão a ser Lusitanos. Houve pois equivoco nas ideias do geographo, ou os Callaicos occupavão a principio alguma estreita região vizinha da dos Astures?

causa das proezas guerreiras dos Callaicos, estes fizerão que a maior parte dos Lusitanos se chamassem tambem como elles[1]: por isso toda a terra que ficava ao Norte do Doiro, e que primeiro se denominou *dos Lusitanos,* passou a denominar-se *dos Callaicos*[2]. — Como a cidade trasmontana de Aquae Flaviae (Chaves) pertencia á tribu dos Túrodos, que ficava na Callaecia[3], póde dizer-se que não só, como acaba de se ver, estava comprehendida nos limites da Lusitania a actual Galliza, o Entre-Doiro-e-Minho e a região portuguesa de entre Doiro e Tejo, mas ainda Tras-os-Montes. Estes limites fechavão propriamente a Lusitania antiga ou pre-estraboniana, cujo povo, diz o insigne geographo, era o maior ou mais poderoso dos ibericos: ἡ Λυσιτανία ἐστὶ μέγιστον τῶν Ἰβηρικῶν ἐθνῶν[4].

Nos fins do reinado de Augusto, ou nos principios do de Tiberio, em virtude de uma divisão que se fez da Hispania, constituiu-se uma «provincia romana» denominada LUSITANIA[5]. Ao passo que a primitiva denominação era meramente tradicional, e conforme ás concepções geographicas e ethnographicas, esta agora era official, com cunho politico bem pronunciado. Ficava comprehendida entre as fronteiras da Betica e da Tarraconense, e o curso do Doiro, desde as bôcas do Guadiana até o Promontorio Sagrado e a foz do Doiro, com o mar por limite occiden-

[1] Estrabão, *ib.,* III, III, 2.

[2] *Id., ib., ib.,* IV, 20.

[3] Ptolemeu, *Geographia,* II, VI, 39 (ed. de C. Müller, Paris, Didot). — Vid. a nota de E. Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, p. 331, acceita por C. Müller na interpretação do referido § 39 de Ptolemeu.

[4] Estrabão, *ob. cit.,* III, III, 3.

[5] Cfr. E. Hübner, *La arqueologia de España y Portugal*, Barcelona 1888, § 110.

tal: isto resulta dos textos combinados de Estrabão[1], e dos escriptores que se lhe seguirão, como Plinio (sec. I E. C.)[2], Mela (sec. I)[3], Ptolemeu (sec. II)[4], Marciano de Heraclea (sec. III ou IV)[5]. — Sem fallar das comarcas da Extremadura Hespanhola, de Castella e de Leão, que nesta nova provincia se abrangião, a Lusitana romana continha toda a região portuguesa de entre Doiro e Guadiana[6].

Conclue-se do exposto que o nosso país, com excepção dos territorios situados na margem esquerda do Guadiana, os quaes pertencião á Betica, ficava comprehendido na Lusitania: de facto, no decurso dos tempos, chamou-se assim a todo o Occidente da Hispania, desde a foz do Guadiana até parte da orla do Mar Cantabrico.

No trabalho que emprehendi, de expôr os systemas religiosos dos povos que habitárão no nosso país em tempos em que elle não existia ainda como nação, podia exigir-se que eu extendesse as minhas investigações ao conjuncto dos povos que ficavão na área da Lusitania, tomada esta palavra na accepção lata que a cima vimos quê teve: no

---

[1] *Geographia*, III, IV, 20.

[2] *Nat. Hist.*, IV, § 113-116 (ed. de Detlefsen). — Á cêrca de Plinio vid. um artigo do mesmo Detlefsen, intitulado «Die Geographie der Provinz Lusitanien», na revista allemã *Philologus*, XXXVI, 111 sqq.

[3] *De situ orbis*, III, 1 (ed. de Frick).

[4] *Geographia*, II, V (ed. de C. Müller, Paris, Didot).

[5] *Peripl.*, II, 12 (ed. de Müller in *Geograph. Graec. minor.*).

[6] Se os antigos Lusitanos demoravão, como vimos, ao N. do Tejo, porque é que se deu agora, na epocha romana, o nome de *Lusitania* a toda a região situada ao S. do Doiro, a qual comprehendia pois tambem o Sul do Tejo? Deve attribuir-se isso ao facto de terem ido Lusitanos habitar a região meridional, trazidos, como diz Estrabão (*Geographia*, III, I, 6), da direita do Tejo pelos Romanos. Visto que o N. do Doiro havia recebido, segundo se notou a cima, o nome de *Callaecia*, ficava assim muito naturalmente com o nome de *Lusitania* todo o país situado ao S. d'aquelle rio.

emtanto, isso tornava-se-me difficil por falta de elementos. Em Portugal tomo constantemente conhecimento, ou de qualquer trabalho archeologico que se publica, ou de qualquer antigualha que apparece, e a cada momento sáio de Lisboa para visitar uma collecção archeologica, ou verificar *in loco* a existencia de um monumento ou de uma estação archaica. Com relação á Hespanha já não posso dizer o mesmo, pois apenas conheço directamente alguns museus de Madrid, e me informo do movimento archeologico pelas revistas especiaes que recebo, ou raramente por algum livro. Por outro lado, não me falta que fazer em Portugal, para ter de ir occupar-me de países estranhos, ainda mesmo quando, como no caso presente, a historia d'elles está intimamente enlaçada com a do meu, e lhe serve de esclarecimento. É por tanto só de Portugal que fundamentalmente me occupo, e, quando muito, apenas uma vez ou outra farei incursões nos dominios archeologicos da Galliza e da fronteira hespanhola confinante com a nossa. Em compensação, não excluirei dos meus estudos o territorio português d'alem do Guadiana, com quanto elle, como a cima disse, pertencesse á Betica: ha nisso uma pequena infracção de rigor historico-geographico, mas evito periphrases e explico-me mais commodamente. Tambem o Portugal de hoje não é o mesmo do do tempo de D. Affonso Henriquez, e raro será o país em cuja historia se encontre esse rigor em todas as epochas: e comtudo não deixão de se empregar os nomes geraes dos países[1].

[1] Tambem André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae* (1593) e Fr. Bernardo de Brito, *Geographia antiga da Lusitania* (1597), com quanto dessem ás suas obras os titulos genericos de *Lusitania*, trataram nellas sobretudo de Portugal.

Independentemente mesmo das razões particulares que acabo de dar, ha razões geraes para que eu me occupe sobretudo de Portugal, porquanto, nesta vasta zona occidental da Iberia, foi Portugal a parte que melhor se definiu ethnologicamente, e se constituiu de modo duradoiro em nação autonoma, apesar das suas affinidades de raça e de lingua com a Galliza.

II. Na introducção da sua monumental *Historia de Portugal* combate Alexandre Herculano a opinião d'aquelles escriptores que admittião que entre a Lusitania e Portugal existia certa especie de unidade nacional: mas ao exaggêro de AA., como André de Resende e Fr. Bernardo de Brito, que ora empregavão a palavra *Lusitanos* para significarem os Portugueses, ora a palavra *Portugueses* para significarem os Lusitanos, contrapôs o sábio historiador exaggêro não menor, sustentando que é impossivel ir entroncar com os Lusitanos a nossa historia, ou d'elles descer logicamente a esta [1].

No tempo em que Alexandre Herculano publicou o seu trabalho, várias sciencias, como a Ethnologia, a Anthropologia, a Glottologia, a Archeologia, estavão muito menos adeantadas que hoje, e por isso não espanta que elle, de mais a mais com o desejo de refutar opiniões que considerava, e de certo erão, exaggeradas, negasse factos que aquellas sciencias tendem successivamente a confirmar: isto é, que, não obstante os cruzamentos ethnicos que de todos os tempos se tem operado no nosso territorio, devemos contar entre os nossos ascendentes os povos da Lusi-

[1] *Historia de Portugal*, t. 16 (2.ª ed.)

tania. Improprio seria entrar eu aqui em grandes considerações sobre este ponto, tanto mais que a presente obra mira exactamente a fazer essa confirmação em alguns ramos da Ethnologia: contentar-me-hei com lembrar que, se o territorio de Portugal não concorda exactamente com o da Lusitania, está porém comprehendido no d'ella; que a lingua que fallamos é, na sua essencia, mera modificação da que usavão os Luso-Romanos; que muitos dos nossos nomes de lugares actuaes provém de nomes pre-romanos; que certas feições do nosso caracter nacional se encontravão já nas tribus da Lusitania; que grande parte dos nossos costumes, superstições, lendas, isto é, da vida psychologica do povo, datão do paganismo; que bom número das nossas povoações correspondem a antigas povoações lusitanicas ou luso-romanas; que, numa palavra, quando estudamos, por meudo, qualquer elemento tradicional da nossa sociedade, nos achamos constantemente em estreita relação com o passado, ainda mesmo com o mais remoto.

Alem, pois, da curiosidade que um Português terá de saber o que em tempos afastados se passou no territorio em que vive, — os habitos, as ideias, as virtudes, os vicios, as façanhas, e, emfim, todas as circumstancias physicas e sociaes dos povos de então, as lutas em que se empenhárão, e em que cahirão vencidos ou se proclamárão vencedores, os progressos que fizerão para seu bem e da humanidade, as suas instituições politicas, os aspectos da sua natureza, o luxo ou a pobreza das suas habitações: não póde elle deixar tambem de se interessar pela Lusitania, visto que d'ella descende, e a ella se acha vinculado por laços de toda a ordem. Quanto mais intenso fôr o conhecimento da Historia, tanto mais firme será a consciencia da nacionalidade.

Tendo eu começado, desde muito novo, a investigar, a par da Glottologia, a Ethnographia moderna de Portugal, sobretudo as superstições, os costumes, as lendas e a litteratura popular, fui levado, pela successiva complexidade do trabalho, a occupar-me das cousas antigas, quando ellas servião, no círculo dos meus estudos, para aclarar os factos da actualidade, o que principalmente pude começar a realizar com algum proveito depois que entrei para a Bibliotheca Nacional de Lisboa, na qualidade de conservador, e d'então para cá, depois que ficou a meu cargo a cadeira de Numismatica do Curso de bibliothecario-archivista, e a direcção do Museu Ethnologico Português. Assim appareceu no meu espirito, e se tem enraizado cada vez mais, a ideia de escrever uma Historia da Lusitania.

Ninguem duvída que no viver de um povo um dos elementos mais importantes é a religião. Domina os actos mais simples, como os mais complicados; tanto leva ao heroismo como ao aviltamento; por ella se luta, e por ella se morre. Limitada ao que nella ha poetico, é como um luar que alumia a consciencia dos crentes, e os mantém em paz; transformada em fanatismo, origina todos os horrores, e infunde aos que a abráção instinctos de feras. Medianeira entre o natural e o sobrenatural, produz nos homens uma especie de abstracção da realidade, em que elles, pelo mysticismo, se tornão loucos, ou se julgão inspirados. Quantos bens não podem attribuir-se á religião! Quantos males a não tem por causa!

Absurdo sería pois pensar na elaboração de uma Historia da Lusitania, sem pensar ao mesmo tempo na religião, ou melhor, nas religiões dos Lusitanos.

Com a presente obra facilitarei o meu trabalho posterior, porque deixo já reunidos bastantes elementos para elle.

III. A palavra Lusitania vem de Lusitani por meio do suffixo -ia, como *Germania* de *Germani,* e *Gallia* de *Galli.* Quanto á origem do nome *Lusitani,* diversas tem sido as hypotheses emittidas, desde a que o filia no de *Lusus* ou *Lysa* (*Lyssa*)[1], d'onde se tirou *Lusiadas,* titulo da nossa epopeia nacional[2], até á do Sr. F. Martins Sarmento, que o suppõe deduzido de **Liuscetani* < **Ligusetani,* por sua vez tirado de *Liguses,* antiga fórma de *Ligures*[3]. Entre as diversas hypotheses, a que me parece

[1] Esta hypothese vem já da antiguidade, pelo menos, de Varrão: apud Plinio, *Nat. Hist.* (ed. de Detlefsen), III, § 8.

[2] A lenda de *Lusus* ou *Lysa*, a que se allude na nota precedente, se refere Camões (*Lusiadas,* III, 21):

> ..... Lusitania, derivada
> De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
> Filhos forão, parece, ou companheiros,
> E nella então os incolas primeiros.

Assim se justifica o titulo de *Lusiadas* dado por Camões ao seu poema. Esta palavra significa *descendentes* ou *filhos de Luso,* porque foi formada á imitação de *Laertiadas, Laomedontiadas, Iliadas,* accusativos pluraes de *Laertiades* (o descendente de *Laertes*), *Laomedontiades* (de *Laomedonte*), *Iliades* (de *Ilo*), palavras em que entra o suffixo analogico -i a d e.

[3] *Os Lusitanos,* 1880, pags. 25–26, nota; cfr. o opusculo do mesmo A., intitulado *Lusitanos, Ligures e Celtas,* 1891–1893, p. 42. — Para se acceitar esta hypothese, seria preciso averiguar se na bôca dos Luso-Romanos a palavra não deveria tomar a fórma **Liguretani*. com effeito o *s* de *Liguses*, nos periodos historicos do latim, só se manteve em *Ligus* (a par de *Ligur,* por influencia analogica dos casos obliquos), por ser final, e em *Ligustia, Ligusticus, Ligustinus, Ligustis,* por estar antes de consoante; quando é intervocalico, experimenta o rhotacismo, isto é, muda-se em *r,* por ex., em *Ligures* e *Liguria.* Igualmente se tornaria necessario saber se, havendo na região do Tartesso um *lacus Ligustinus,* (Avieno, *Ora maritima,* 284, ed. de Holder), o *g,* que se conservou em palavras usadas num ponto da Peninsula, se teria syncopado em palavras analogas usadas noutro, quando a lingua dos dois pontos havia de ser, nessa hypothese, a mesma, a lingua ligurica. Seria tambem preciso, para

mais acceitavel é a que busca a etymologia de *Lusitani* em Lusones, nome de uma tribu celtiberica, como já lembrára Herculano[1], seguindo Romey[2]. Dos *Lusones* falla Estrabão[3] e Appiano[4]; na obra do primeiro d'estes AA. a palavra tem a fórma Λεύσωνες; na do segundo tem a fórma Λούσονες. O facto de em alguns documentos se ler Λυσιτανοί, sem ditongo, ao passo que Λέυσωνες e Λεύσονες o tem, não é objecção, pois noutros se lê Λουσιτανοί. Admittindo-se que a terminação *-ones* da palavra *Lusones*, como a de outras que tambem representão tribus ibericas, a saber, *Berones, Vettones,* é um suffixo, teriamos *Lus-ones,* e por isso um thema Lus-, do qual poderia ser formado *Lus-itani;* quanto ao suffixo, cfr. *Turdetani, Igaeditani, Celtitani, Laminitani*[5], nomes de outros povos peninsulares; o pro-

explicar a passagem de *iu* para *u*, dar outros exemplos de palavras lusitanas, que primeiro tivessem *iu*, e depois, na epocha romana, *u*: ora occorre-me um exemplo que contradiz a hypothese, é a palavra Conivmbrica ou Conivmbriga (com o seu derivado Conivmbricensis ou Conivmbrigensis) que se transformou em Conimbrica = Conimbriga (d'onde Conimbricensis = Conimbrigensis), exemplo em que temos *iu* representado por *i*, e não por *u*, como o Sr. Sarmento estimaria. (Na nossa lingua popular ha tambem exemplos de a ligação *io* e *iu* dar *i* e não *u*, como se vê em *Lipoldo, ti'F., Ri'Maior*, e nos preteritos procliticos em *-i'* por *-iu*). Alem d'isso, porque é que o *u* breve de *Ligŭres* se transformou em *u* longo em *Lūsitani?* (No chamado «alongamento por compensação» não póde pensar-se). — O Sr. Adolpho Coelho pretendeu refutar in *Revista Archeologica*, III, 163–164, a hypothese do Sr. Sarmento, o qual respondeu no citado opusculo *Lusitanos, Ligures e Celtas*, pags. 42–44; mas a questão não ficou em melhor pé.

[1] *Historia de Portugal,* 2.ª ed., t. I, p. 16, nota.

[2] *Histoire d'Espagne,* 1858, t. I, p. 32.

[3] *Geographia,* III, IV, 13.

[4] *Iberica,* (Paris, Didot), cap. XLII e LXXIX.

[5] Sobre o suffixo *-etes, -etani, -itani,* vid. E. Hübner, *Monumenta linguae Ibericae*, p. CIII. — Cfr. *Mauretani* a par de *Mauritani*. — Em alguns documentos gregos lê-se tambem Τουδιτανία.

virem dois nomes de povos de um mesmo thema não é cousa que espante, como se vê em *Turdetani* a par de *Turduli*[1], e talvez em *Sicani* a par de *Siculi*[2]: e outros exemplos se poderião citar[3].

Vimos no Capitulo I d'esta introducção o uso antigo da palavra *Lusitania*. Ella dura até muito tarde, empregada no sentido tradicional, e como designação viva: ainda por exemplo, num documento do sec. X com a divisão ecclesiastica da Peninsula, se falla na «provincia *Lusitaniae*», que tinha por metropole Emerita[4]; todavia já em documentos anteriores, desde o sec. V, apparece a palavra *Portugale* e *Portucale*[5]. Depois de certa epocha a palavra *Lusitania* sahiu do uso da lingua commum, tendo resurgido para a lingua dos eruditos, ao que se crê, só no sec. XV[6]; apenas encontrei num documento manuscrito a fórma *Lusitaina*[7], que revela certa influencia da linguagem popular, embora tal fórma seja esporadica[8].

---

[1] Cfr. Estrabão, *Geographia*, III, 1, 6.

[2] «..... dall' esame critico delle fonti si fa sempre più strada l'opinione che Siculi e Sicani sieno due rami dello stesso popolo, od uno solo con due denominazioni lievemente variate». Paolo Orsi, in *Bullettino di Paletnologia Italiana*, 1895, p. 85, onde cita varios AA.

[3] Romey e Herculano limitão-se a aproximar os nomes *Lusones* e *Lusitani*, sem apresentarem a explicação morphologica que no texto ensaio. O Sr. F. Adolpho Coelho, tambem in *Revista Archeologica*, III, 164, aponta a hypothese de Romey e Herculano, mas dando-a, ao que parece, como sua.

[4] Heiss, *Monnaies des rois wisigoths d'Espagne*, 1876, p. 169.

[5] Citei as fontes no *Elencho das lições de Numismatica*, II, p. 5.

[6] A. Herculano, *Historia de Portugal*, 2.ª ed., I, p. 10.

[7] Não tenho á mão a nota que tomei quando li o ms., e por isso não posso dizer onde elle está.

[8] Fórma analoga é *Citaina*, de *Citania*, palavra que, como mostrei in *Revista Lusitana*, III, 33-34, é semi-litteraria. — Nunca encontrei no onomastico actual palavras nenhumas que se relacionem com *Lusitania* ou *Lusitanos*.

A Historia da Lusitania, se começa nos tempos mais remotos a que é possivel chegar-se, termina nos principios da Idade-Média. É tambem na Idade-Média que a palavra *Lusitania* deixa de se usar como denominação tradicional, e se generaliza a denominação *Portucale* e *Portugale*, i. e., *Portugal*.

Essa Historia admitte tres grandes divisões: *Prehistoria*, a primitiva; *Protohistoria*, ou a dos Lusitanos dos AA.; *Historia* propriamente dita, sobretudo romana.

A) Lusitania prehistorica. Os tempos prehistoricos do nosso pais abrangem:

a) *epocha da pedra:*

periodo paleolithico ..... } (selvagens)
periodo dos kjoekkenmoeddings }
periodo neolithico..... (semi-selvagem)

b) *epocha dos metaes:*

periodo do cobre } (barbaros; já relacionados intimamente com a secção seguinte).
periodo do bronze }
periodo do ferro }

É impossivel, no estado actual dos nossos conhecimentos, determinar datas precisas a estes periodos. Segundo Mortillet, o mais antigo periodo da epocha da pedra em França dataria de ha 240:000 annos![1] Perrot admitte que a idade da pedra polida nas beiras do Mediterraneo, excepto no Egypto e na Syria, chega á primeira metade do 2.º millenio antes de Christo[2]. Nuns países o periodo do bronze

[1] In *Revue de l'Ecole d'Anthropologie*, VII, 18 sqq.

[2] In *Revue des Deux Mondes*, 1897, 630. — Sobre calculos analogos cfr. *Revue Celtique*, XVI-253, XVIII-124.

acabaria nos seculos VI e IV A. C.[1]: noutros nos seculos XIV e XIII A. C. No nosso país não será absurdo admittir para o fim de certos periodos datas relativamente recentes, pelo menos em alguns pontos.

A transição do periodo neolithico para o do cobre não é brusca; póde admittir-se um periodo intermédio, que chamarei *chalcolithico*[2].

B) Lusitania protohistorica. Designo assim a historia dos tempos comprehendidos entre a Prehistoria e a chegada dos Romanos á Lusitania, ou melhor, á Peninsula. É nestes tempos que pela primeira vez nos apparecem na Historia os povos chamados Lusitanos, Bracaros, Turdetanos, Callaicos, etc.

Como a respeito da divisão precedente, torna-se muito difficil indicar datas, a não ser a do termo, que deve fixar-se no sec. III A. C. A vinda dos Phenicios á Peninsula teria sido pelo sec. XII ou X. Pelo sec. VI aportárão Phoceus á região do Tartesso. No sec. VI havia Ligures na Peninsula, e no sec. V havia Celtas. Os Carthagineses começarão a conquista da Hispania no anno de 238. — Não cito as fontes historicas, porque tenho de tratar d'este ponto outra vez, com mais desenvolvimento, no vol. II.

C) Lusitania historica. Principia no sec. III A. C., com a vinda dos Romanos á Hispania. — Depois dos Romanos chegão os Barbaros, no sec. V da E. C., e os Arabes,

[1] Vid. Perrot, *ibidem*; J. Naue, in *Prähistorische Blätter*, VIII, 3; cfr. Paolo Orsi, *Quattro anni di esplorazioni sicule*, Parma 1894, p. 232, o qual admitte que a data do segundo periodo siculo (do bronze) é, termo médio, talvez o sec. XII A. C.

[2] = *chalco-lithico*, do grego χαλκός (cobre, bronze) e λίθος (pedra). Os italianos dizem no mesmo sentido *eneolitico* (do latim *aeneus* ou *ahenus*); mas não só a palavra fica hybrida, i. e., formada de grego e latim, mas confunde-se na escrita e na pronúncia com *neolitico*.

no sec. VIII. No sec. XI, Portugal começa a constituir-se nação autonoma. — Parte da Historia do tempo dos Barbaros relaciona-se estreitamente com a historia antiga; a outra parte e a dos Arabes estão nas mesmas circumstancias em relação á historia da nossa Idade-Média.

Em virtude do que fica escrito, divido a minha obra em tres partes, correspondentes ás tres secções da Historia da Lusitania; ao que juntarei um appendice á cêrca dos vestigios do Paganismo, que principalmente se conservárão nas tradições populares, e ainda nos usos da Igreja. Temos pois o seguinte plano:

PARTE I. — *Religiões dos tempos prehistoricos;*
PARTE II. — *Religiões dos tempos protohistoricos;*
PARTE III. — *Religiões dos tempos historicos;*
APPENDICE. — *Vestigios do Paganismo.*

Com a introducção e propagação do Christianismo, acaba o meu trabalho; todavia é necessario o APPENDICE por isso que, no decorrer dos tempos seguintes, muitos restos persistirão do passado.

Procurei escrever sem preoccupação de seita: esta obra não é de combate: podem lê-la os crentes e os descrentes. Todo o meu empenho consistiu em apurar a verdade, no serviço da Sciencia. Para mim as religiões não passão de phenomenos sociologicos: e como taes as trato.

IV. Á cêrca dos primeiros tempos da Lusitania nada se encontra nos AA. greco-romanos que sirva de base para deducções historicas; o que de positivo sabemos d'esses tempos é exclusivamente do dominio da Archeologia, auxiliada pela Paleontologia, pela Anthropologia, e ainda pela

Geologia, e pela Ethnographia geral: a fim de justificar muitas attribuições religiosas que faço aos povos prehistoricos, ou de explicar o uso de certos objectos d'então, recorri constantemente á ethnographia dos povos incultos da actualidade (utilizando quanto pude a bibliographia portuguesa), dos povos antigos, e das camadas populares das sociedades civilizadas; isto engrossa a obra, mas, como d'ahi não resulta inconveniente, porque escrevo gratuitamente, sem commissão official, e por tanto sem receio de que se suponha que eu augmento o número de volumes para receber mais, não temi proceder assim. Á cêrca dos tempos protohistoricos e historicos a Archeologia é da maior importancia, sem dúvida; mas deparão-se-nos já muitas noticias na litteratura dos Gregos e dos Romanos; para a elaboração do APPENDICE concorrerá especialmente o estudo da tradição oral, feito no povo.

Não só me informei de tudo ou quasi tudo o que em Portugal se tem escrito sobre estes assumptos, e do que em mais proxima connexão com elles pude encontrar nas litteraturas estranhas, desde as antigas até ás modernas, mas percorri grande parte do país, a fim de conhecer melhor os monumentos de que tenho de tratar, e mais profundamente me compenetrar do viver íntimo das gerações extinctas. No Algarve visitei a célebre necropole prehistorica de Alcalar, e várias estações, umas romanas, outras pre-romanas, dos arredores de Lagos; estive mais de uma vez nos lugares em que tiverão a sua séde os povos *Balsenses* e *Ossonobenses;* fui em piedosa romagem ao Promontorio Sagrado, onde no sec. I A. C. estivera o geographo grego Artemidoro a estudar os costumes religiosos dos Barbaros d'aquella região inhospita; proximo de *Aesuri*, de cujo primitivo castro trouxe algumas memo-

rias da epocha romana, procedi em mais de um lugar a excavações, e colhi bastantes elementos para o estudo da civilização romana e anterior; e alem d'isso visitei o Museu Archeologico de Faro e algumas collecções particulares que ha pela provincia. Seguindo pelo *Anas,* desembarquei em *Myrtilis,* onde me familiarizei com os «servos de Deus» dos primordios da Igreja Lusitana, e encontrei tambem curiosos monumentos de todas as epochas antecedentes—, epigraphicos e ethnographicos; nos arredores de Serpa observei muitos vestigios de uma estação romana, e obtive inscripções ineditas; em *Pax-Iulia* por differentes vezes estudei as copiosas collecções archeologicas do Museu Munipal; estive perto de *Vipasca* ou *Vipascum,* no Baixo-Alemtejo, e visitei muitos castros d'esta região, entre elles o da Colla, já conhecido na nossa litteratura archeologica desde o sec. XVI; no concelho do Alandroal, no alto de um outeiro, explorei as ruinas do *fanum* do deus *Endouellicus,* e colhi muitas dezenas de monumentos, com os quaes, e com os que já erão conhecidos, se recompõe nas suas linhas geraes o culto d'aquelle deus dos nossos maiores; em *Ebora,* «oppidum ueteris Latii *Liberalitas Iulia*», e nos campos onde outr'ora existírão *Salácia, Caetóbriga* e *Equábona,* procedi a pesquisas, e estudei os que outros já antes de mim havião colligido ou descoberto; no Redondo, em Bencatel, cujos habitantes adoravão na epocha romana o deus *Fontanus* e a sua páredra *Fontana,* em Villa Viçosa, em Extremoz, e mais ao Norte, junto dos montes de *Ammaia,* de que falla o historiador lusitano Cornelio Boccho, não me faltou com que satisfazer a minha curiosidade e com que enriquecer os meus cadernos de apontamentos; em herdades do concelho de Avís assisti á exploração de umas poucas de antas neolithicas, de uma das quaes extrahi

eu mesmo um documento de que adeante me aproveito para fixar um dos pontos das religiões dos nossos avós da idade da pedra. Á direita do *Tagus,* sem fallar de *Olisipo,* onde actualmente assisto, tenho percorrido a maior parte do tracto comprehendido entre o rio e o mar, até Leiria: vi os megalithos de Bellas e da Serra da Lua, o castro de Liceia, e as grutas prehistoricas de Cascaes, Alapraia, Carnaxide, Cezareda, Serra de Montejunto, Alcobaça, e ahi a minha imaginação evocou as sombras dos mortos de ha milhares de annos, e com ellas fallei á cêrca dos tempos passados e das cousas de alem do tumulo; numa eminencia, sobranceira á aldeia de Pragança, explorei um dos castros prehistoricos mais ricos do nosso país, e cujos restos figúrão agora no Museu Ethnologico Português; deixando o trajecto da *uia militaris,* que de *Felicitas Iulia* conduzia ao *conuentus Bracaraugustanus,* subi a rampa de *Scallabis,* a fim de visitar o Museu Municipal, que, embora pequeno, possue monumentos epigraphicos e prehistoricos de merecimento; por uma inscripção fragmentada que encontrei ao pé da Amoreira de Obidos, creio ter determinado o local de *Eburobrittium,* cidade lusitana, que apenas nos é conhecida por uma rapida referencia de Plinio; finalmente (para deixar a Extremadura), estive nas margens do Nabão, tão ferteis em restos romanos, nas do Zêzere, onde explorei um castro e percorri várias estações archeologicas, e em *Collippo,* em cujo aro encontrei varios instrumentos do periodo neolithico, e uma moeda de prata com caracteres ibericos. Na Beira-Baixa passei por Celorico, Fundão, Guarda e Covilhã: nesta excursão travei conhecimento com a deusa luso-celtica *Trebaruna,* da qual existe uma ara no Museu a meu cargo, e fui a um dos muitos castros ou *oppida* que rodeião a Guarda. Na Beira Occi-

dental tive occasião de ver os monumentos neolithicos da Serra do Cabo Mondego e algumas estações luso-romanas junto de Montemór, colhi muitos objectos provenientes das ruinas de *Conimbriga,* e por mais de uma vez entrei nos Museus archeologicos de *Aeminium* e da Figueira, nos quaes mãos benemeritas vão collocando os restos archeologicos que apparecem nos «saudosos campos» do *Monda.* Na Beira-Alta, minha patria, andei pelas altas serras de Sátão, entre o *Vácua* e o Paiva, e ahi, e nos concelhos de Fornos-de-Algôdres e de Mangualde, explorei umas dezasete *orcas* ou dolmens da idade da pedra polida, tendo trazido para o Museu Ethnologico os peculios archaicos que desenterrei; alem d'isso alcancei cópias de inscripções romanas, e a posse de outras, entre estas a do deus *Bandius Ilienaicus,* informei-me da existencia de muitas estações já romanas, já anteriores, e procedi a excavações nos castros da Senhora-do-Castello e da Senhora-do-Bom-Successo, que, nas suas denominações catholicas, revelão ainda a tradição dos velhos cultos pagãos que nelles se celebrárão. As margens do *Durius* são ambas minhas conhecidas, desde Miranda até *Portu-Cale:* estive em Castro-de-Avellãs, um dos *oppida* mais fallados de Trás-os-Montes, onde se descobrírão as aras do deus *Aernus,* e percorri quasi toda a arraia hespanhola do districto de Bragança, havendo copiado por lá inscripções ineditas e contemplado nos seus sitios a famosa «porca» de Murça e os «berrões» de Parada e Bragança, monumentos religiosos protohistoricos todos tres; passei na ponte romana que atravessa o *Tamaca* em *Aquae Flauiae,* fui duas vezes ao cemiterio neolithico da Serra do Alvão, e outras duas a Panoias, ao pé de Villa-Real, onde córei de pasmo e de vergonha deante do abandono a que está votado o templo romano,

ou melhor «recinto sagrado», com as suas inscripções latinas e uma latino-grega insculpidas em rudes penedos de granito. No Minho conheço o excellente Museu da Sociedade Martins-Sarmento, de Guimarães, com bastantes monumentos religiosos protohistoricos, e conheço as notaveis ruinas de Sabroso e da Citania, perto do *Avus,* e as de Santa-Luzia, em Vianna, sobre o *Limia,* «flumen obliuionis»; percorri parte da *via romana* que passava por Ponte do Lima, e estive junto dos dolmens da Serra de Soajo e de Ancora; em Santo Thyrso e no Marco de Canaveses curvei-me em frente das aras divinas de *Turiacus* e dos *Lares Cerenaici;* e em *Bracara,* depois de haver saudado as inscripções miliarias do Campo das Carvalheiras, e outras muitas que ha pela cidade, enchi-me de satisfação ao determinar, depois das infructiferas tentativas de varios archeologos, a natureza e o verdadeiro nome do deus *Tongoenabiagus,* cujo busto se nota numa *aedicula* dentro de um tanque, entre limos que o desfigúrão. — Se na narração precedente me alarguei um pouco (ainda assim, muito menos do que me podia alargar), não foi pelo desejo vão de armar ao effeito rhetorico, ou de alardear serviços, mas sómente para que os leitores se convenção de que eu tentei escrever a minha obra com algum cuidado. Estas excursões, pesquisas e excavações tiverão por fim completar a instrucção colhida nos livros, porque, se é certo que da Archeologia, sem o auxilio da litteratura, não se tira todo o proveito que se póde tirar, não é menos certo que de ethnologos de gabinete, que nunca tenhão visto um museu, nem visitado um monumento, nem excavado uma estação, e apenas se limitem, em paises onde a litteratura archeologica não abunda, a ordenhar pacientemente os textos dos AA. classicos, não ha que esperar grande cousa.

Quanto ao APPENDICE, isto é, á secção da obra, em que me occupo dos vestigios pagãos conservados modernamente, recorrerei, quer ao que se acha na litteratura, nos Agiologios, nas Chronicas, e nas obras dos que entre nós tem trabalhado no que costuma chamar-se *Folklore,* quer tambem ás minhas proprias observações e estudos.

No que adeante tenho de dizer baseei-me innúmeras vezes, como era natural, no que outros escrevêrão, porque a sciencia só póde progredir quando para completar o que se colheu de novo se aproveita o que já está adquirido, e eu não sou d'aquelles que se péjão de citar os trabalhos dos seus collegas ou dos seus predecessores; comtudo, sempre que isso me foi possivel, confirmo, rectifico ou amplio por observações minhas, os factos citados: de maneira que este livro não é, como poderá parecer a quem o examinar superficialmente, ou com maus olhos, um *apanhado* do que já existia sobre o assumpto; alem do que vae em primeira mão, e que não é pouco, o mais é geralmente apresentado, classificado e discutido segundo um modo de ver puramente meu. Nas citações procurei ser exacto, não citando nunca livro que eu não lesse. Se alguma rara vez tive de me referir a obra que não vi, indico lealmente o auctor em cujo escrito achei menção d'ella. Muitos AA. tem o costume, ou de absolutamente não fazerem citações, ou de pôrem de modo vago no fim das obras uma lista dos livros que dizem que consultárão; eu entendo que ha sempre vantagem em citar as obras no fim da página, nos lugares competentes: não só se authentica o que se diz, e o auctor vae assim ganhando a confiança do leitor, mas tambem se ministrão elementos bibliographicos a quem quiser estudar. Eu por mim cito sempre; antes me chamem prolixo, do que me accusem de leviano.

Quando as citações feitas nesta obra são em francês, hespanhol ou italiano, não as traduzo, porque todo o leitor as entenderá sem custo; quando o são noutras linguas, traduzo-as geralmente, para mais commodidade; havendo já traducções portuguesas de AA. latinos ou gregos, sirvo-me d'ellas de preferencia a fazer essa traducção. As notas apresentão ás vezes grande extensão, porque tive de discutir nellas muitos pontos a fim de tornar o texto mais claro, ou de o desenvolver.

Em obras d'este tamanho, e para as quaes estão todos os dias a apparecer os materiaes, mal se podem evitar repetições e deslocamentos: os ultimos procurei attenuá-los, fazendo, no fim de certos paragraphos, resumos geraes das materias contidas nestes. Não se porá em dúvida a difficuldade do assumpto, que de mais a mais, com a largueza que lhe dou, pela primeira vez se trata em Portugal: por isso não raro, em lugar de me pôr a phantasiar, preferi deixar suspenso o julgamento. Em cousas scientificas precisamos de nos resignar, a cada instante, a cruzar os braços e a esperar. Quem tem pressa de concluir, nem sempre conclue bem.

Apesar dos sinceros esforços que tenho empregado, e continuarei a empregar, para levar do melhor modo a cabo a minha obra, não se me escondem muitos dos defeitos d'ella, devidos uns á minha pouca capacidade, outros a circumstancias variadas, inherentes nos que escrevem em Portugal; e alem de que muitos haverá que eu não descubro, e que pertence á critica apontar e corrigir: mas quem dá o que tem, não é obrigado a mais.

PARTE I

TEMPOS PREHISTORICOS

«Le sentiment religieux, dans sa plus large acception, existait-il dans le monde préhistorique? A quel âge et sous quelle forme s'est-il montré primitivement? Quels sont les monuments — tombeaux, amulettes ou autres — qui peuvent mieux guider la science dans des recherches si difficiles et si importantes?»

(Andrade Corvo, in *Compte-rendu* do Congresso de anthrop. e arch. prehist. de Lisboa em 1880, pag. 9–10).

PRELIMINARES

Antes de entrar na exposição do que pude colhêr á cêrca das crenças religiosas dos povos que habitárão o nosso país, nos tempos prehistoricos, julgo conveniente apresentar um quadro das condições da sua vida, porque, como a religião depende da raça, da civilização, do solo, do clima, etc., mais facilmente se comprehenderá esta, conhecendo se as circumstancias que influirão nella. E, para maior inteireza do assumpto, precedo tudo de algumas noticias bibliographicas e geographicas.

A) Noticia bibliographica

A archeologia prehistorica, actualmente estudada em todo o mundo com tanto enthusiasmo e fructo, é uma das acquisições scientificas mais notaveis e brilhantes do seculo XIX. As origens da humanidade recuárão boa porção de seculos, e a história d'esta recebeu uma luz inesperada. Não obstante, já antes do seculo actual alguns espiritos investigadores havião especulado sobre a significação primitiva de varios monumentos que nos restão dos tempos prehistoricos.

Com relação a Portugal, a história d'esta sciencia divide-se em duas epochas: uma, até á inauguração dos estu-

dos geologicos, especialmente até á data da nomeação da Commissão Geologica do reino (1857 [1]); outra, d'esta data para cá.

*

Não fallando nos documentos latino-barbaros e portugueses que desde o seculo IX mencionão como marcos de divisões territoriaes as *mamolas, mamoas* e *mamuas* [2], que sâo, pelo menos em geral, sepulturas prehistoricas, eis as noticias de caracter erudito que conheço da primeira epocha.

A mais antiga pertence ao seculo XVI: é uma carta de Fr. Martinho de S. Paulo, parte da qual vem publicada na *Thebaida Portuguesa* de Fr. Manuel de S. Caetano Damasio [3]; Fr. Martinho, que vivia ainda em 1571, como consta da mesma carta, menciona varias *antas* (tambem sepulturas prehistoricas) existentes pela Serra de Ossa (Alemtejo), e de uma diz mesmo que tinha «cinzas e carvões de fogo», provavelmente vestigios de incineração.

Do seculo XVII achei entre os Mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa uma curiosa noticia no *Itenerario da jornada q̃ fez o Sor M^el Severim d' Faria chantre e conego da see d'Evora a Miranda no anno d' 1609* [4]; o A. está fallando da aldeia das Antas de Penedono, na Beira, e diz:

«Esta aldea teue o nome, segundo parese, de muitas *antas* que por esta terra ha, as quais antas constão de tres pedras, duas d'ellas q̃ seruẽ como pes, e a outra ensima como meza, em q̃ dizem antigua m^te se fazião os sacrifi-

---

[1] Decreto de 8 de Agosto. Esta Commissão compunha-se de Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, membros-directores, a quem por decreto de 7 de Setembro do mesmo anno foi aggregado como adjuncto o sr. Nery Delgado, actual director. A Commissão Geologica passou por varias vicissitudes, sendo reorganizado o seu serviço por decreto de 23 de Dezembro de 1868, e por outros posteriores.

[2] Viterbo, *Elucidario*, 1.ª ed., s. v. *mamóa*.

[3] Lisboa 1793. Vid. t. I, p. 2–4, nota *b*. Repete-se a noticia no t. II, p. 30–31, nota.

[4] Marcação do ms. na respectiva sala: Y-2-55.

cios gentilicos, e desta forma uemos m[tas] em outras partes deste reyno, principal m[te] na Estremadura, e em o territorio de Euora.»[1]

Do sec. XVIII ha a muito citada *Conta* de Martinho de Mendoça de Pina sobre as antas, publicada na *Collecção de documentos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*[2]; ha a noticia da communicação do P.e Affonso da Madre de Deus Guerreiro á mesma Academia[3]; ha uma referencia de Viterbo no *Elucidario*, s. v. *anta;* ha trabalhos manuscritos do arcebispo Cenaculo, de José Gaspar Simões, etc.[4]

O seculo XVIII, graças ao impulso das Academias da Historia e das Sciencias, por um lado, e de individualidades como Cenaculo, etc., por outro, representa no nosso movimento historico-archeologico um periodo notavel, pelo fervor da investigação[5]. As descobertas dos eruditos propagavão-se ás vezes aos litteratos: é assim que no scenario da tragedia *Osmia,* coroada pela Academia das Sciencias em 1788, figura uma *anta.*

A ideia dominante nos trabalhos citados, — ideia tambem então, e ainda depois, em voga noutros paises —, é que as

---

[1] Fls. 215 do respectivo volume. — O A. não especifica que Antas são, pois na Beira ha Antas de Penalva e Antas de Penedono; mas pelo itinerario que elle descreve, vejo que falla das Antas de Penedono. Deve ser a este *Itenerario* que se refere Martinho de Mendoça de Pina no trabalho que cito adeante, pois diz das antas: «D'estes edificios não tratou nenhum dos nossos antiquarios, e unicamente Manuel de Faria Severim falla nelles na Relação de huma jornada que fez á Beira» (*Conferencia,* p. 2). A respeito da primeira affirmação enganou-se porém, porque, como vimos, já tinha havido no seculo XVI quem se lembrasse das antas.

[2] *Conferencia* de 30 de Julho de 1733, no vol. XIV.

[3] *Conferencia* de 1 de Abril de 1734. Guerreiro communicou a existencia de 315 antas; mas a sua *Conta* não foi impressa.

[4] Vide Pereira da Costa, *Dolmins ou antas,* p. 80 sqq.; Filippe Simões, *Introducção á archeologia da peninsula iberica,* p. 162.

[5] Cfr. o meu opusculo *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa,* Lisboa 1890, p. 7 e 8.

antas erão aras: só Mendoça de Pina, embora adòtando aquella opinião, menciona de passagem a hypothese de poderem haver tambem servido de sepulcros. Kinsey, referindo-se em 1829 ao dolmen ou anta de Arrayollos, chama-lhe ainda «altar druidico»[1]. Na *Vida de S. Torpes* de Lis Velho, Lisboa 1746, dá-se como sepultura de um santo um monumento que, segundo o que digo adeante (p. 21 sqq.), é uma anta.

*

A segunda epocha, em que se cria a archeologia prehistorica propriamente dita, ou Paleoethnologia, é caracterizada por um impulso novo nestes estudos, devido ao concurso da Geologia, da Paleontologia e da Ethnographia, o que fez alargar em todos os sentidos o campo da investigação. Já em 1872 dizia D. Francisco M. Tubino que os que em Portugal se occupavão da prehistoria «han aceptado la nueva ciencia con toda seriedad, y que sus labores se distinguen por la mesura, discrecion y acierto con que se llevan á cabo»[2].

Em 1867 enceta Carlos Ribeiro a questão do homem terciario[3].

Seguem-se depois numerosas explorações e escritos, cuja menção não posso aqui fazer por completo, mas de que irei dando noticia aqui e alem no decurso do meu trabalho.

Como livro de synthese, talvez ainda um pouco prematura, é a *Introducção á archeologia da peninsula iberica*

---

[1] *Portugal illustré*. Sobre o mesmo dolmen vid. tambem Borrow, *Bible in Spain*, II, 35; Fergasson, *Les monuments mégalitiques* (trad.), p. 411; barão de A. Bonstetten, *Essai sur les dolmens*, 1865, p. 22, fig. 19.

[2] In *Museo español de antigüedades*, I. 18.

[3] Cfr. Paul Choffat, *Notice nécrologique sur Carlos Ribeiro*, p. 329 extr. do *Bulletin de la Société géologique de France*). E vid. *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 81 sqq.

de Filippe Simões, publicada em 1878[1]. Em 1879 apresentou ao Congresso da «Association française pour l'avancement des sciences» o sr. Possidonio da Silva uma breve noticia das antas portuguesas, acompanhada de uma carta topographica[2].

A fundação do Museu de Anthropologia de Lisboa marca um passo importantissimo nesta serie de investigações, a que o Congresso realizado em 1880 em Lisboa deu novo relêvo[3].

No campo da anthropologia prehistorica temos como trabalhos especiaes apenas os de Paula e Oliveira, tão cedo arrebatado pela morte[4].

---

[1] Sobre este livro levantou-se uma polemica entre o sr. Adolpho Coelho e o A.: vid. *Renascença,* p. 82 sqq. e 126 sqq.; cfr. tambem *Revista de ethnologia e de glottologia,* p. 42 sqq. Do artigo do sr. Coelho, publicado na *Renascença* (fasc. v–vii), fez-se uma edição á parte com o titulo de *Sciencias historicas em Portugal,* 1879, folheto de 19 pag. in-8.º

[2] O mesmo auctor já tempo antes tinha publicado uma memória intitulada *Souvenirs du congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistorique.... de Bologne,* onde ha referencias ao nosso país. — O sr. Possidonio da Silva rege um curso de archeologia no Museu do Carmo, á cêrca do qual o sr. Émile Travers publicou um ligeiro opusculo intitulado *L'enseignement de l'archéologie préhistorique en Portugal en 1890,* Caen 1891 (extr. do *Bulletin monumental,* 1890).

[3] Alem do respectivo *Compte-rendu* geral das sessões do Congresso, fizerão-se em Portugal, a proposito d'este, várias publicações menores (folhetos), que estão encorporadas no *Compte-rendu.* Alguns dos congressistas tambem publicárão relatorios especiaes, por ex.: E. Cartailhac, *Congrès international d'anthropologie et de archéologie prehistor.,* Paris 1880; Magitot, com um titulo analogo, Paris 1881; Virchow, in *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft,* Sitzung am 20sten November 1880, p. 343–351 (*Zeitschrift für Ethnologie,* vol. xii), trabalho traduzido em parte no *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 647 sqq. — Nos *Elementos de anthropologia* de Oliveira Martins (2.ª e 3.ª ed.) vem, em appendice, uma «Noticia á cêrca dos trabalhos do Congresso de anthropologia».

[4] São elles:

Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le musée de la section géologique de Lisbonne, — memoria impressa in *Compte-rendu*

Num pequeno opusculo que publiquei em 1885 com o titulo de *Portugal prehistorico,* e que faz parte da *Bibliotheca do povo e das escholas* (n.° 106), mencionei e resumi, embora imperfeitamente, os principaes estudos feitos no nosso país até aquelle anno, e que, alem de outros que aqui torno a citar, erão de Pereira da Costa[1], Nery Delgado[2],

---

do Congresso de Lisboa, p. 290–304, e resumida (em português) in *Era Nova* de Lisboa, 1880–1881, p. 167 sqq.;

Anthropologia prehistorica: As raças dos kjoekhenmoeddings de Mugem, Lisboa 1881, opusculo de 18 pag. Tambem sahiu, no todo ou em parte, in *Era Nova,* p. 503 sqq., e 533 sqq.;

Les ossements humains existants dans le musée géologique à Lisbonne, que é um capitulo da obra de E. Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal;*

Notes sur les ossements humains existants dans le musée de la Commission des travaux géologiques,—artigo publicado in *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos,* II, 1 sqq.;

Caracteres descriptivos dos craneos da Cesareda,—artigo tambem publicado nas *Communicações,* ib., p. 109 sqq.;

Cfr. ainda do mesmo A. as duas seguintes memórias publicadas nas *Communicações:*

Nouvelles fouilles faites dans les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage,—memória postuma (p. 57 sqq.);

Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes,—memória postuma, (p. 109 sqq).

Sobre Paula e Oliveira, vid. um artigo necrologico in *Revista Lusitana,* I, 386 sqq.

O mais que ha sobre a nossa anthropologia prehistorica vem encorporado nos trabalhos de archeologia; e por esse motivo não tenho de me referir aqui a elles em particular.

[1] *Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal,* Lisboa 1868;

Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda, Lisboa 1865;

Noticia de alguns martellos de pedra, e outros objectos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo, Lisboa 1868 (com uma estampa), extrahido do *Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes,* n.° V (1868).

[2] *Noticia acêrca das grutas da Cesareda,* Lisboa 1867.

Os outros trabalhos d'este A. vão referidos adeante, a proposito das diversas estações archeologicas.

Carlos Ribeiro[1], Possidonio da Silva[2], Gabriel Pereira[3], Martins Sarmento[4], Estacio da Veiga[5] e Sá Villela[6]. De então até hoje muito ha já que assignalar.

Em 1886 publicou o sr. E. Cartailhac o seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, que é trabalho synthetico muito importante, embora limitado a certas questões, e com caracter principalmente descriptivo. Neste livro, ao lado do que o A. aproveitou da litteratura portuguesa especial, achão-se compendiados varios factos ainda ineditos, uns colhidos por elle nos nossos museus, outros em explorações que fez, etc.[7]

No mesmo anno de 1886 começou Estacio da Veiga a publicação das *Antiguidades monumentaes do Algarve*, que terminou no vol. IV em 1891, com a morte do seu auctor, que a ella tinha consagrado extraordinaria dedicação, embora nem sempre com muita critica[8].

---

[1] *Descripção de alguns silex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado*, Lisboa 1871;

Relatorio do Congresso de Bruxellas, Lisboa 1873;

Estudos prehistoricos em Portugal, 2 vol., Lisboa 1878–1880.

Tambem ha d'elle *Note sur le terrain quaternaire*, in *Bull. Soc. Géolog. de France*, XXIV, 692. — Outros trabalhos vão citados adeante.

[2] *Memoria* do Congresso de Bolonha, 1871.

Tem artigos no *Boletim da Associação dos archeologos e architectos*, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, etc.

[3] *Dolmens ou antas dos arredores de Evora*, Evora 1875.

Um artigo in *Universo illustrado*, I, 372 (1877), artigo reproduzido nas *Notas de archeologia*, Evora 1879.

[4] *Relatorio* da expedição á serra da Estrella, Lisboa 1883;

Artigos in *Pero Gallego* (de Vianna), in *Tirocinio* (de Barcellos) e in *Pantheon*. — Os outros trabalhos vão citados adeante.

[5] *Antiguidades de Mafra*, Lisboa 1879.

[6] *Estudos archeologicos:* III. *Os dolmens*, Lisboa 1876 (os n.os I e II sahirão no *Boletim da Associação dos archeologos e architectos*).

[7] D'este livro publicou o sr. Ricardo Severo uma analyse com o titulo de *Paleoethnologia portuguesa*, Porto 1888.

[8] Sobre este trabalho e outros do A., cfr. *Revista Lusitana*, II, 353–355 (art. do sr. Gabriel Pereira).

A estes investigadores, já conhecidos por anteriores trabalhos, outros vem juntar-se: o sr. dr. Santos Rocha publica as *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* 1888–1891 (2 volumes)[1], e organiza uma bella collecção, parte da qual se acha agora no Museu do Instituto de Coimbra; o sr. Vieira Natividade explora as grutas de Alcobaça tambem com muito proveito[2].

No trabalho intitulado *Étude géologique du tunnel du Rocio,* Lisboa 1889, pelo sr. Paulo Choffat, ha um capitulo sob a epigraphe de *Industrie préhistorique* (p. 60 sqq., com estampas), onde se dá noticia de explorações subterraneas do silex nos tempos prehistoricos em Lisboa, facto novo na nossa prehistoria. Do mesmo auctor ha ainda um opusculo intitulado *Passeio geologico de Lisboa a Leiria* (extrahido da *Revista de educação e ensino,* VI, 289 sqq.), em que vem várias referencias a estações prehistoricas da Estremadura.

Em 1890 publicou o sr. Nery Delgado o seu *Relatorio acêrca da 10.ª sessão do Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas* (Paris), trabalho rico de informações, ao qual tenho de me tornar a referir adeante, pois nelle entra por vezes a nossa prehistoria.

Com a publicação das *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos de Portugal,* começada em 1885, e que ainda prosegue, mais se enriqueceu a nossa bibliogra-

---

[1] O trabalho do sr. Santos Rocha está feito com clareza e methodo. Divide-se em duas secções: a primeira é apenas descriptiva; na segunda o A., sempre nos limites da prudencia, tira d'essa descripção deducções interessantes á cêrca dos usos e costumes do homem neolithico d'aquella região (occupações, armas, utensilios, artes, modos de sepultura, etc.), para o que compara tambem os objectos explorados por elle com objectos analogos de outras regiões, e dos povos selvagens modernos. Só com memórias práticas como esta, e como outras que já felizmente temos, é que a nossa archeologia prehistorica poderá verdadeiramente progredir.

[2] Cfr. *Roteiro dos cantos de Alcobaça,* pelo mesmo. Alcobaça 1891. — Sobre a importancia d'estas explorações, vid. adeante.

phia paleo-ethnologica, por nella se achivarem valiosas dissertações. Não são as *Communicações* a unica revista scientifica em que o estudo da nossa archeologia prehistorica tem tido logar: ha outras, taes como, o *Boletim* da Associação dos architectos e archeologos portugueses, a *Revista de Guimarães*, a *Revista archeologica*, a *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro*, a *Revista de Portugal*, etc.

Já depois de impresso tudo o que precede, publicou-se o *Compte-rendu* do Congresso prehistorico de Paris em 1889, livro que tem a data de 1891, e que, alem de várias referencias a assumptos portugueses, contém tres memórias do Sr. Nery Delgado: uma sobre as grutas de Santo Adrião, outra sobre as de Alcobaça e outra sobre os silices de Otta [1].

*

Por todos estes trabalhos, por outros dispersos em varios jornaes e livros, e pelo que se acha reunido nos museus publicos e nas collecções particulares, pois em Portugal, alem dos que escrevem sobre o assumpto, ha muitos amadores que por ora se tem limitado a colligir, póde já fazer-se uma ideia bastante aproximada do que era em geral a vida dos nossos antepassados prehistoricos.

*

Devia eu aqui fallar á cêrca da Galliza, e ainda da parte do reino de Hespanha comprehendida nos limites da antiga Lusitania; mas neste particular pouco pude colhêr.

Citarei no emtanto, com relação á Galliza, as *Antigüedades de Galicia* de Sivelo, as *Antigüedades prehistóricas y*

[1] Nesta resenha da nossa historiographia prehistorica menciono, a titulo de mera curiosidade bibliographica, a *Historia da Luzitania* (sic) *e da Iberia* do sr. João Bonança (Lisboa, vol. I, 1887). As minhas ideias á cêrca d'ella expendi-as já em artigos do *Reporter* (Abril a Agosto de 1888), e na *Revista Lusitana* (II, 91).

célticas de Galicia, Lugo 1873, de Villa-Amil y Castro, e varios artigos publicados por este último no *Museo español de antigüedades*[1]. Nos trabalhos insertos no *Museo* citão-se varios AA. que já se tem referido ás antiguidades prehistoricas da Galliza, uns do sec. XVIII, como o P.e Fr. Martin Sarmiento[2], outros d'este seculo, como Murguía[3], Martinez de Padin[4], Verea y Aguiar[5], Saralegui y Medina[6], etc. O mesmo auctor Villa-Amil y Castro havia já publicado, á cêrca dos tumulos gallegos, artigos avulsos em jornaes, taes como *El arte en España* e *Revista de Bellas Artes*.

Os monumentos prehistoricos são vulgares na Galliza: os *tumulos cobertos* tem os nomes populares de *mámoas, madorras* e *modorras*; o que nós em português mais vulgarmente chamamos *castros* tem em gallego este nome e o de *croas* (coroas).

B) Geographia prehistorica

Á cêrca da Galliza vid. os trabalhos de Villa-Amil.

Á cêrca de Portugal direi que em todas as nossas provincias se conhecem monumentos prehistoricos, mais ou menos. Fôra-me impossivel mencioná-los aqui na totalidade, nem isso faz ao meu intento. Menciono no emtanto alguns.

a) *Entre-Douro-e-Minho:*

Valença e Villa Nova da Cerveira. — O museu do sr. Marciano de Azuaga, nas Devesas (Porto), possue um machado de cobre ou bronze, achado numa aldeia de Valença; o museu de Guimarães possue tambem um instrumento de cobre ou bronze, de aselha, vindo de Villa N. da Cerveira.

Numa serra do Alto-Minho, entre a Peneda e Soajo, ha

---

[1] Vol. III, IV e VII (com estampas).

[2] Numa obra que tem a data de 1757.

[3] *Historia de Galicia,* t. I.

[4] *Historia de Galicia,* t. I.

[5] *Historia de Galicia* (1838).

[6] *Estudios sobre la época céltica en Galicia* (1868).

seis antas, proximas umas das outras. Cfr. o meu opusculo *Uma excursão ao Soajo,* p. 21.

Caminha. — Neste concelho ha várias antas e antelias, umas e outras cobertas ás vezes por comoros de terra, e constituindo assim mamôas. — Sobre os monumentos prehistoricos do Valle do Ancora vid. Martins Sarmento, in *O Phantheon,* p. 2 e 20; José Caldas, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 339. — Sobre o monte do Castro de Villas de Mouros, onde apparecêrão instrumentos prehistoricos de metal, vid. Figueiredo da Guerra, in *Archivo Viannense,* I, 61 e 62 (e cfr. *Revista Lusitana,* II, 288).

Vianna do Castello. — Das antiguidades prehistoricas d'este concelho, — antellas, mamôas, etc., — falla Martins Sarmento numa serie de artigos intitulada *Materiaes para a archeologia do concelho de Vianna do Castello* (in *Pero Gallego,* jornal litterario de Vianna).

Barcellos. — O mesmo A. escreveu sobre analogas antiguidades do vizinho concelho de Barcellos uma serie de artigos com o titulo de *Materiaes,* etc. (in *Tirocinio,* jornal noticioso de Barcellos). — No museu de Guimarães ha umas dezasete pontas de seta e duas facas de pedra, provindas da anta de Villa-Chã (Barcellos). — No museu particular do sr. Marciano de Azuaga, nas Devesas, ha tambem um instrumento de cobre ou bronze, de aselha, proveniente de umas excavações de ao pé de Barcellos.

Guimarães, Felgueiras. — São ainda do sr. Martins Sarmento as principaes noticias de monumentos prehistoricos, publicadas sobre estes concelhos, monumentos que consistem em mamôas, penedos com *cóvinhas* (de que fallarei adeante), etc.: vid. *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães* (e de Felgueiras, em parte), in *Revista de Guimarães,* vol. I, II, V. Nestes artigos dão-se tambem noticias de antigualhas romanas, lendas populares, etc. — Na cidade de Guimarães ha o museu da *Sociedade Martins Sarmento,* que possue muitas riquezas archeologicas de todas as epochas, e em especial provenientes de estações luso-romanas vizinhas de Guimarães, museu constituido

principalmente pelos objectos directa ou indirectamente colhidos pelo sr. F. Martins Sarmento, que é sem dúvida um dos archeologos a quem a nossa archeologia mais deve, e que alem d'isso encontrou em Guimarães um circulo de gente illustrada, que o auxilia efficazmente.

Santo-Thyrso. — Neste concelho tem apparecido monumentos funerarios, e achou-se uma bella collecção de instrumentos metallicos (cobre ou bronze), do typo caracteristico nosso. Vid. Martins Sarmento, in *Rev. de Guimarães,* v, 157–159: e cfr. Ricardo Severo, *Paleoethnologia portuguesa,* Porto 1888, p. 76–77. Esta collecção foi quasi toda adquirida pelo museu da Sociedade Martins Sarmento: a acquisição deve-se ao rev. Fonseca Pedrosa, digno abbade de Santo-Thyrso.

Baião. — Neste concelho ha várias antas e mamôas. Em diversos pontos do concelho tem-se encontrado instrumentos prehistoricos (de cobre ou bronze e neolithicos). Possue tres meu primo Manuel Negrão, na sua collecção archeologica de Mosteirô; eu tambem possuo um (de pedra), achado á beira de um caminho, perto do castro de Agrellos, na freguezia de Santa Cruz.

Marco de Canaveses. — Neste concelho ha uma gruta funeraria (propriamente é um «abrigo debaixo de rocha») em Soalhães, da qual falla o sr. dr. Martins Sarmento in *Os Argonautas,* p. 248, nota 6; ha várias mamôas e ha ou houve antas. Tambem tem apparecido muitos instrumentos, a maior parte dos quaes, por intervenção dos dedicadissimos investigadores os srs. drs. João de Vasconcellos Carneiro e Meneses, e José de Barros e Silva, tem ido para o museu de Guimarães.

Penafiel. — Segundo as informações que me deu o meu amigo sr. dr. João de Vasconcellos, a quem acabo de me referir, ha neste concelho, a 2 kil. do castro de Villa Boa de Quires, no monte denominado *O Forno do Mouro,* uma bella anta. — Cfr. tambem *Era Nova,* 1880–1881, p. 227.

Amarante. — Sei que tem apparecido lá instrumentos neolithicos.

b) *Tras-os-Montes:*

Villa Pouca de Aguiar. — Proximo do logar de Carrazedo, d'este concelho, existe uma mamunha: vid. Pereira da Costa, *Dolmins ou antas,* p. 90.

Vimioso. — São neste concelho as grutas de Santo Adrião, em parte explorados pelos srs. F. Cardoso Pinto e José Cardoso Pinto, e descritas pelo sr. Nery Delgado in *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos,* II, 46, in *Revista de Portugal,* IV, 31 e in *Compte-rendu* de Paris, p. 553 sqq.

No curioso museu do sr. Marciano Azuaga ha várias antiguidades prehistoricas vindas de Tras-os-Montes: machados de pedra, de typo analogo aos do Sul, procedentes de S. Mamede de Riba-Tua; instrumentos de cobre ou bronze, de aselha, da mesma procedencia; outro analogo, de Cortiços (Mirandella); outro analogo, de Contomil, de ao pé de umas minas metalliferas.

Mesão-Frio. — Neste concelho tem apparecido instrumentos neolithicos, existentes hoje na collecção archeologica de meu primo Manoel Negrão, em Mosteirô, collecção que, graças á actividade e desvelo do seu organizador e possuidor, é já bastante importante.

c) *Beira:*

Pereira da Costa, nos seus *Dolmins ou antas,* p. 86 sqq., menciona varios monumentos nas seguintes localidades da Beira Baixa: uma anta perto de Guilhafonso; outras na Matança e Campicham, junto a Celorico; outra no caminho da Guarda a Pinhel; cinco no termo de Sabugal; a p. 91, um trilitho (anta, ao que parece) em Villa Velha do Rodão: duas mamunhas ao N. das minas do Braçal, tendo uma d'ellas o nome popular de «mamunha de Mamaltar» (o que será um pleonasmo [1]). Diz Pereira da Costa que

[1] De facto, *mamunha* é um diminutivo secundario de *mamma;* e *Mamaltar* decompõe-se, segundo parece, em *Mamma-altar.* Cfr. o meu *Portugal prehistorico,* p. 47.

nesta última região da Beira «designam todos os monumentos analogos a este com o nome de *mamunha*» [1].

No *Relatorio* da expedição scientifica da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, feito pelo sr. Martins Sarmento, dá este A. várias informações sobre antas, mamôas, instrumentos, etc., descobertos em concelhos vizinhos á Serra. O mesmo *Relatorio* contém ainda noticias de archeologia romana e outras.

Nos museus da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães ha instrumentos de cobre ou bronze trazidos de varios pontos da Beira-Baixa.

Entre Sobral Pichorro (Beira-Baixa) e Antas de Penalva (Beira-Alta) descreve-se, num ms. do seculo passado, uma anta: vid. P. da Costa, *Dolmins ou antas,* p. 87. — Ao pé das *Antas de Penalva,* no sitio do Rancosinho (concelho de Fornos de Algodres, freguesia de Algodres), ha uma grande anta, que eu vi em Setembro de 1892; o povo chama-lhe *Casa d'Orca,* nome vulgar das antas naquella região.

Mangualde. — Neste concelho ha algumas antas. Explorei duas em Setembro de 1892: uma chamada *Casa d'Orca,* ao pé da Cunha-Baixa; outra chamada *Os Padrões,* ao pé do Outeiro de Espinho. Adeante me refiro várias vezes a ellas. Encontrei, nas explorações, facas de silex, machados neolithicos, ceramica, etc. Pelos campos do concelho de Mangualde apparecem avulsamente instrumentos do periodo da pedra polida, que o povo guarda; obtive alguns. Cfr. sob estas antigualhas os meus artigos *Estudos archeologicos em Mangualde* e *Archeologia mangualdense,* no jornal de Mangualde *A Reacção,* n.os 51 e 52 (Setembro de 1892).

Nellas. — Sobre as *Orcas* d'este concelho, vid. *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, s. v. *Cannas de Senhorim;* cfr. a mesma obra, s. v. *Viseu,* pag. 1700, nota 3 (artigo do sr. Abbade de Miragaya). — Na aldeia de Santar, d'este concelho, onde estive em Setembro de 1892, vi dois

[1] *Ob. cit.,* p. 89.

fragmentos de instrumentos neolithicos, achados na localidade; um d'elles era supersticiosamente guardado por uma velha de lá.

Coimbra e Cantanhede. — Filippe Simões na *Introducção á archeologia,* falla de várias antiguidades prehistoricas d'estes concelhos. — Em Coimbra o museu archeologico do Instituto possue bastantes antiguidades prehistoricas, provenientes de diversas localidades. D'este museu está publicado um *Catalogo* (com seu *Supplemento).*

Figueira da Foz. — As antiguidades prehistoricas d'este concelho tem sido exploradas, como disse a p. 10, nota 1, pelo sr. Santos Rocha. Alem de instrumentos neolithicos, que apparecem avulsos pelos campos, e que o povo chama *raios* e *coriscos,* este concelho possue monumentos funerarios chamados vulgarmente *mamoinhas,* outros que pertencem á classe das *antellas,* e outros, ao que parece, estações humanas, como na Varzea de Lirio.

d) *Estremadura:*

Alvaiazere. — De várias antiguidades prehistoricas d'este concelho, taes como instrumentos neolithicos e metallicos, e, segundo parece, antas e grutas, falla o sr. dr. Ferraz de Macedo no seu opusculo *Lusitanos e Romanos em Villa Franca de Xira,* Lisboa 1893, p. 97 sqq., opusculo que constitue um capitulo especial da obra do sr. Lino de Macedo *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca* (em publicação).

Leiria. — No concelho de Leiria apparecem, como de costume, muitos instrumentos neolithicos, avulsos, que o povo recolhe e conserva a titulo de «pedras de raio»; eu obtive por lá alguns em 1888 e 1890.

Porto de Mós. — Apparecem por lá muitas «pedras de raio». Tenho algumas, que me forão offerecidas pelo Sr. Antonio de Jesus e Silva, professor em Ameaes. O museu do Sr. Azuaga, nas Devesas (Porto), possue numerosos objectos prehistoricos (de pedra, osso e metal), provenientes de Reguengo do Fetal.

Alcobaça. — Alem de muitos instrumentos neolithicos que apparecem neste concelho, ha muitas grutas que forão exploradas pelo Sr. Vieira Natividade, o qual formou na villa um interessante museu. Sobre a bibliographia e outras noticias, vid. p. 10, 40 e 41, e respectivas notas.

Thomar. — Nesta cidade, o sr. Magalhães, redactor do jornal politico *A Verdade,* possue no seu museu particular uma collecção de instrumentos neolithicos, que eu vi em Setembro de 1890. — No museu do sr. Azuaga, nas Devesas (Porto), vi um formidavel machado neolithico, proveniente de Paialvo.

Caldas da Rainha. — Por todo o concelho apparecem «pedras de raio». Eu possuo bastantes encontradas lá, umas colhidas pela distincta ethnographa e polyglotta a ex.ma sr.a D. Cecilia Schmidt Branco, outras por mim.

Peniche. — Está neste concelho a importantissima gruta da Furninha, que foi explorada e estudada pelo sr. Nery Delgado: vid. *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 207 sqq. — Eu possuo vários instrumentos neolithicos achados pelo concelho.

Obidos. — No monte da Cezareda, d'este concelho, ha várias grutas, descritas pelo sr. Nery Delgado na *Noticia acêrca das grutas de Cesareda,* Lisboa 1867. — O sr. Paulo Choffat descobriu neste concelho outra estação que elle descreveu com o titulo de *Sur une station préhistorique à Obidos,* in *Communicações da Commissão geologica,* II, 158. — Como nos concelhos vizinhos, tambem pelo de Obidos apparecem avulsamente muitas «pedras de raio»; possuo bastantes de lá.

Cadaval. — Na Serra da Neve ha muitas grutas prehistoricas, umas já exploradas scientificamente, outras ainda não. Tem ministrado ossadas, ceramica, instrumentos neolithicos, etc. Em todas as freguesias do concelho é vulgar o apparecimento de objectos da idade da pedra (e alguns apparecem tambem de metal); a maior parte da minha collecção foi formada neste concelho. Á cêrca da prehistoria do Cadaval vid. os meus artigos *Antiguidades do con-*

celho do Cadaval, publicados in *O Clamor do Bombarral* de Agosto de 1892 a Março de 1893); e cfr. tambem adeante, p. 43, nota 3.

Santarem. — No museu d'esta cidade existem várias antiguidades prehistoricas, como placas de schisto ornamentadas e machados de pedra; um machado de pedra polida, proveniente de Santarem, existe tambem no museu do sr. Azuaga.

Villa Nova de Ourem. — Appareceu no logar de Espite uma importante collecção de uns trinta e dois machados prehistoricos de metal (sendo de cobre, pelo menos, mais de metade), que foi adquirida pelo sr. Sande e Castro, amavel investigador de antiguidades. Cfr. Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve,* IV, 152.

Valle do Tejo. — São nesta região os notabilissimos kjoekkenmoeddings estudados por Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira, como digo adeante, p. 29.

Mafra. — Sobre este concelho cfr. *Antiguidades de Mafra,* por Estacio da Veiga, Lisboa 1879, p. 14 sqq. Eu possuo alguns machados neolithicos encontrados lá.

Cintra. — De uma anta na serra de Cintra falla Pereira da Costa nos *Dolmins ou antas,* p. 94. — Do monumento funerario da Serra do Monge falla Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos,* II, 74. — Na saibreira da Sabuga, onde encontrei varios fragmentos ceramicos com caracter muito archaico, onde apparecêrão parece que sepulturas, e d'onde provierão tambem machados de pedra, algum dos quaes possuo, talvez houvesse uma estação prehistorica. — Em varios pontos da serra achão-se não raro instrumentos neolithicos.

Bellas. — Ha aqui algumas antas, descritas por Carlos Ribeiro nos seus *Estudos prehistoricos,* vol. II; os resultados das excavações achão-se no museu da Commissão Geologica. — O sr. Marciano de Azuaga tambem possue alguns objectos provindos do Valle de Carenque (Bellas).

Liceia e Barcarena. — A estação prehistorica de Liceia acha-se descrita por Carlos Ribeiro, *Estudos prehist.,* vol. I.

Sobre esta estação e sobre os instrumentos neolithicos provenientes de Barcarena, vid. adeante, p. 49 sqq.

Cascaes. — Da archeologia pre-romana de Cascaes se occupou Paula e Oliveira in *Communicações da Commissão geologica,* II, 82 sqq. — Cfr. tambem *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 73.

Arredores de Lisboa. — De uma sepultura prehistorica descoberta na Tapada Real da Ajuda falla o sr. Possidonio da Silva in *Boletim dos archit. e archeol.,* II, 177. — Nas povoações limitrophes de Lisboa achão-se sem grande difficuldade instrumentos neolithicos, que o povo ás vezes guarda.

Palmella. — Ao pé de Palmella ha as célebres grutas artificiaes, exploradas por Carlos Ribeiro. Cfr. Cartailhac, *Las âges préhistoriques,* p. 118 sqq.

Fonte da Roptura. — Sobre esta estação prehistorica, onde se tem encontrado ceramica ornamentada, objectos de osso, de pedra e de cobre, vid.: Filippe Simões, *Introducção á archeologia* (indice, s. v.), e Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 148.

e) *Alemtejo.*

Evora. — Nos arredores da cidade ha muitos grupos de antas. O Sr. Gabriel Pereira, no seu opusculo *Dolmens ou antas dos arredores de Evora,* Evora 1875, menciona mais de quarenta; mas, segundo elle me informa, este número tem de ser augmentado. — Tanto no Museu Archeologico annexo á Bibliotheca Publica eborense, como na collecção particular do Sr. Gabriel Pereira ha muitos objectos prehistoricos de Evora; eu tambem possuo alguns instrumentos neolithicos encontrados por lá. — Sobre outras antiguidades prehistoricas do districto de Evora, e entre ellas a *anta furada* da Candieira (Serra d'Ossa), monumento unico no país (pelo menos o unico conhecido), vid. Gabriel Pereira, *Notas de archeologia,* Evora 1879, p. 26 sqq.

Castello de Vide. — Pereira da Costa, nos *Dolmins ou antas,* cita nos arredores de Castello de Vide nada menos de umas quatorze antas: vid. p. 67 sqq.

O mesmo A. menciona mais umas dezasseis na provincia alemtejana (Nisa, Crato, Arrayollos, etc.).

Avis, Mora, Ponte-de-Sôr. — Existem numerosas antas nestes concelhos. Quem primeiro me deu noticias d'ellas foi o sr. dr. Mattos Silva, delegado do procurador regio em Ponte-de-Sôr. Adeante me refiro muitas vezes a algumas das antas que aquelle senhor explorou[1].

Sines. — Segundo uma antiga lenda, que tem semelhança com outras nossas e de fóra, aportou ao cabo de Sines o cadaver de S. Tórpes, vindo milagrosamente de Italia para ser alli sepultado. A supposta sepultura foi violada no sec. XVI, e da descripção do que se encontrou resulta para mim a convicção de que ella nada mais era do que uma anta, talvez com sua galeria. Todas as noticias a este respeito estão contidas no *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes,* por Estevão de Lis Velho, Lisboa 1746. Transcreverei algumas passagens para provar o que affirmo. O A. visitou o local e diz: «não encontrey mais que duas *pedras toscas,* que *levantadas* sinalavão o comprimento da dita sepultura»[2]. Quem tem visto antas, reconhece facilmente aqui, e em virtude tambem do que se vae seguir, os esteios de uma anta arruinada. Segundo outra noticia supplementar, o corpo do santo «estava sepultado debaixo de grandes pedras»[3]; estas pedras, que devião constituir o chapeu ou tampa da anta, foram levadas para a porta da matriz de

---

[1] É aqui occasião de agradecer ao sr. dr. Mattos Silva não só a sua bondade em me convidar para assistir á exploração archeologica, o que fiz em Setembro de 1892, mas a franqueza, verdadeiramente alemtejana, com que me tratou, e a liberalidade de que usou para comigo offerecendo-me varios objectos dos desenterrados das antas. Depois de Setembro o sr. dr. Mattos Silva procedeu a novas explorações. A sua collecção archeologica, que possue em Ponte-de-Sôr, é pois já hoje importante.

[2] Vid. o *Prologo.*

[3] Vid. o *Prologo.*

Sines [1]. — Dentro da sepultura encontrárão-se ossadas, tres dentes, «huma pomazinha quebrada de barro» com vestigios de fogo internos e externos, e «huma estampa de pedra preta debuxada»[2]. Á porta encontrou-se «hum casco de cabeça»[3]; mais fóra encontrarão-se várias ossadas e uma pedra preta[4]. Como as antas erão providas muitas vezes, senão sempre, de galerias mais baixas, em que tambem se enterrava, é provavel que os fragmentos osseos exhumados do lado de fóra da camara sepulcral estivessem na galeria, que, por ser de pedras pequenas, ou por já se não conservar, não foi reconhecida como fazendo parte do tumulo. O A., que tinha conhecimento das lucernas romanas, compara aquella *pomazinha* com uma lucerna[4]; mas é facil comprehender que tal *pomazinha* de barro não passa de uma d'estas grosseiras tijelinhas prehistoricas mais ou menos redondas que se encôntrão facilmente nas antas e nas grutas; eu tenho visto muitas, e possuo algumas[5]. Mas o que tira todas as dúvidas á cêrca da antiguidade prehistorica do tumulo é a tal *pedra preta debuxada,* que o A., por felicidade, estampou a p. 178 do seu livro, e que se vê ser uma como muitas das *placas de schisto,* a que já me referi a cima, p. 19, e de que volto a fallar adeante, p. 34, etc. O A. não explica o que seja a outra *pedra preta,* mas talvez seja um seixo rolado, como muitos que apparecem nas antas, etc.; eu mesmo os tenho já encontrado (em Mangualde, por ex., na Casa d'Orca da Cunha-Baixa). — Assim, em resumo: no cabo de Sines houve uma anta, de que no sec. XVIII restavão ainda dois esteios em pé, e que parece que estava completa, ou quasi, no sec. XVI; a anta tinha talvez uma galeria; d'este mo-

[1] P. 184.
[2] P. 154 e 167.
[3] P. 155 e 167.
[4] P. 172 sqq.
[5] Vid. desenhos de objectos analogos, por exemplo, em Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, est. XIII e XV.

numento sepulcral forão extrahidos objectos de industria prehistorica, e ossadas humanas, que o povo considerou e venerou como reliquias de S. Tórpes [1]. — A lenda de S. Tórpes ficou pois adaptada a um local pagão. Adeante heide tornar a referir-me a ella, pois que contém elementos de outro genero, não menos importantes.

Por todo o Alemtejo se encôntrão antiguidades prehistoricas: machados de pedra, instrumentos de metal, sepulturas, etc. Citarei ainda Odemira, Alandroal, Juromenha, Villa Viçosa, Estremôs, Elvas. Nestas tres ultimas localidades ha collecções archeologicas; em Villa-Viçosa tem uma o rev. Rocha Espanca, muito conhecedor da archeologia da sua terra; as de Estremôs e Elvas são do municipio. Em Beja ha tambem um museu archeologico municipal; não sei porém se possue antiguidades prehistoricas. De Juromenha e Alandroal possuo instrumentos neolithicos. Sobre Odemira cfr. Cartailhac, *Les âges préhist.*, p. 210; o sr. dr. Abel da Silva Ribeiro offereceu ao Museu da Commissão Geologica vários objectos prehistoricos de Odemira. Neste Museu ha objectos de muitas outras localidades.

---

[1] Em folhetim da *Aurora do Cavado* (jornal noticioso e bibliographico de Barcellos), n.º 1322, de 17 de Maio de 1893, num artigo intitulado *Viagens na minha livraria*, § XXVI, falla o sr. F. A. Barata da *Vida de S. Tórpes* de Lis Velho, e já ahi classifica de «ardosia prehistorica», a «pedra debuxada» de que falla o auctor do livro, e accrescenta: «creio que o tumulo, se é que algum appareceo, era um tumulo de um alguem qualquer que viveo naquelles tempos, etc.» (i. é., nos tempos prehistoricos). Ao sr. Barata pertence pois a prioridade d'esta noticia; só eu no texto a accrescento, e ensaio a demonstração de que realmente se refere a um monumento prehistorico, de cuja existencia se não póde duvidar.

O sr. Gabriel Pereira communica-me tambem um ms., que existe na Bibl. Nac. de Lisboa, marca A-4-12, intitulado *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado d'Evora* por Antonio Rosado Bravo; nelle, a pag. 24, vem uma «figura da pedra que se achou na sepultura do glorioso São Torpes, quando no anno de 1591 foi achado o seu corpo na v.ª de Sines, etc.» Esta estampa differe porém um pouco da que traz Lis Velho, embora ambas se refirão ao mesmo objecto.

f) *Algarve.*

Fallar da archeologia do Algarve é lembrar o nome de Estacio da Veiga. Com effeito este A., nas suas *Antiguidades monumentaes,* reuniu numerosos e importantissimos documentos sobre esta provincia, que elle explorou em varios sentidos: esses documentos pertencem ao periodo da pedra polida e aos dos metaes. Abstenho-me pois de citar aqui as diversas estações archeologicas algarvias; remetto para aquella obra quem desejar conhecê-las.

Com as antiguidades algarvias formou methodicamente Estacio da Veiga o Museu do Algarve, hoje annexo á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

São possuidores de antiguidades algarvias, os srs. dr. Teixeira de Aragão e Judice dos Santos, alem da familia de Estacio da Veiga, etc.

*

Na summaria enumeração que acabo de fazer da nossa *geographia prehistorica,* não foi meu intento referir-me aos castros, pelas razões que dou adeante. Estes porém são muito abundantes, com especialidade nas provincias do Norte (Entre-Douro-e-Minho, Tras-os-Montes) e Centro (Beira), como regiões montanhosas.

Percorrendo-se as obras de archeologia portuguesa, e mesmo algumas de chorographia, como o *Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal, encontrar-se-hão muitas mais noticias do que as por mim dadas acima[1].

Raro será o concelho de Portugal, se algum ha, que não possua vestigios pre-romanos. A minha prática auctorizame a suppor isto. O Alemtejo é a provincia onde talvez hoje se encontrem mais antas.

[1] Sobre a distribuição geographica das nossas antas vid. tambem Oliveira Martins. *Elem. de anthropologia,* 3.ª ed., p. 268 sqq., onde se resume um mappa prehistorico que está no Museu da Commissão Geologica, mappa que já depois tem sido a pouco e pouco ampliado.

C) Epochas prehistoricas

A *epocha da pedra* e a *epocha dos metaes* não se achão representadas por igual no nosso país. Nuns pontos predominão certos elementos; noutros pontos predominão outros, — o que adeante se verá melhor.

As proprias denominações populares dos monumentos, e as tradições annexas a elles, varião de local para local: assim no Entre-Douro-e-Minho, ao contrário do que succede no Sul, os machados de pedra não são tidos (segundo o que tenho observado) como «pedras de raio», dando-se este nome a certos mineraes crystallinos; a palavra *anta,* applicada aos tumulos prehistoricos, muito conhecida no Alemtejo, creio que é hoje desconhecida na Estremadura, no Minho e na Beira, sendo nesta última provincia, em certos concelhos, substituida por *casa d'orca,* e não tendo nas outras, que eu saiba, designação commum; ao que na Beira-Baixa se chama *mamunha* e no Minho *mamôa,* etc., chama-se na Figueira da Foz *mamoinha*. No emtanto, como se vê do onomastico, a palavra *anta* estendeu-se em epochas antigas por todo o país, o que prova que ainda depois dos Romanos, pois ella veiu-nos directamente do latim a n t a, por a n t a e [1], taes monumentos erão não só muito numerosos, mas chamavão em larga escala a attenção do povo.

---

[1] Quaes serião os nomes primitivos d'estes monumentos no nosso país é o que se não sabe. O nome que tinhão na occasião da conquista romana foi porém substituido pelo lat. a n t a.

Esta palavra não é especial ao romanço lusitanico, embora noutras partes tenha, ou possa ter, várias accepções, porque foi, em virtude de uma metaphora, devida á semelhança que a imaginação do nosso povo encontrou entre os rudes monumentos prehistoricos e as peças architectonicas chamadas a n t a e, que tal denominação se applicou áquelles.

No onomastico da Hespanha apparece ella: não só na Galliza, — *Anta* e *Antas;* mas em Zamora, — *Anta de Rioconejos* e *Anta de Tera;* e em Almeria, — *Antas.* No mesmo onomastico ha *Antela* (Galliza)

É tempo agora de entrar na exposição da nossa prehistoria, considerando em secções separadas a *epocha da pedra* e a *epocha dos metaes*.

---

e *Antella* (Valladolid e Valencia). Vid. *Diccionario geográfico-estatistico-historico de España*, por Pascual Madoz, II, 1845, s. v., e *Diccion. geográfico*, etc., de Riera y Sans, I, 1881, s. v. (e Supplem.).

Sobre a palavra anta noutras linguas vid. tambem Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, s. v. antae: e cfr. ainda Du Cange, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, s. v. *antes*, e Forcellini & De-Vit, *Totius lat. Lexic.*, s. v. *antae* (e o *Glossarium* appenso, s. v. *anta*).

Em português a palavra encontra-se em todas as provincias como designação locativa; isto prova, como digo no texto, que, na epocha da vinda dos Romanos á Lusitania, não só esses monumentos erão muito numerosos, mas que houve uma mesma palavra geral para todos, e que a impressão que elles causavão no povo era talvez mais viva do que actualmente. Depois, em virtude de novas ideias que vierão (com o Christianismo, com os Arabes, etc.), e de muitos d'esses monumentos se arruinarem ou destruirem, em algumas regiões o nome geral esqueceu-se completamente, ficando só ás vezes o onomastico a revelar, por assim dizer, inconscientemente, que alli tinha havido rudes monumentos antigos, que o povo conheceu; noutras regiões o nome commum esqueceu-se tambem, mas os monumentos recebêrão novos nomes, tirados, quer do seu estado actual, como *Os Padrões* (em Mangualde), quer das novas crenças, como *Casa dos Galhardos* (apud P. da Costa, *Dolmins ou Antas*, p. 77. É sabido que *Galhardo*, de *galh-ardo*, significa «Diabo» na linguagem popular de certas localidades), *Casa da Moira* (passim), *Forno do Moiro* (Penafiel), etc.; noutras regiões os monumentos tem ainda outros nomes, como *Casa d'Orca*, nas mesmas regiões em que existe *Anta* como designação locativa.

A metaphora que levou o povo a considerar os tumulos prehistoricos como antae (que é um termo de architectura), levou-o posteriormente a considerá-los como *padrões*, *fornos*, *casas*, etc.

Quem estuda methodicamente as etymologias e as tradições populares não acha estranho que se dêem estas mudanças de nomes, e se façam estas adaptações de lendas.

A etymologia da nossa *anta*, tirada do lat. antae, é já dada por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no *Elucidario das palavras que em Portugal antigamente se usárão*, s. v. *anta*, e, de entre as que se tem proposto, é a unica que satisfaz completamente ás exigencias da phonetica e do sentido.

a) Epocha da pedra

A existencia do homem terciario português, apesar dos esforços de Carlos Ribeiro[1], do modo como o sr. Mortillet trata a questão no seu livro *Le Préhistorique*[2], e de nada ter de absurdo *a priori*, não é comtudo ainda por ora um facto positivamente adquirido para a sciencia.

Tambem por occasião do Congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas, realizado em Paris em 1889, o sr. Nery Delgado leu uma memória sobre este assumpto. O estudo que elle fez de varios silices terciarios colhidos em Otta, na Estremadura, levárão-no a concluir que a demonstração da existencia do homem na era terciaria, «se tem um dia de apparecer, está ainda muito longe de poder formular-se com os dados que actualmente se conhecem»[3].

1. Periodo paleolithico

Do homem paleolithico, pelo contrario, possuimos informações seguras. Ha vestigios seus nas grutas da Casa da Moura e da Furninha, tão bem estudadas pelo sr. Nery Delgado[4]; estes vestigios consistem em ossadas, e em instrumentos de pedra lascada e de osso[5]; o sr. Cartailhac tambem encontrou nos arredores de Leiria um instrumento de quartzite do mesmo tempo[6]. Já Carlos Ribeiro tinha achado outro alli. Objectos analogos se encôntrão noutros paises, como a França, a Belgica, a Hespanha,

---

[1] Vid. supra, p. 6 e nota 3.

[2] 2.ª ed., 1885, p. 89 sqq.

[3] Vid. o *Relatorio* á cêrca do Congresso de Paris, pelo mesmo A., Lisboa 1890, p. 35.

[4] *Noticia acêrca das grutas da Cesareda*, Lisboa 1867; *La grotte de Furninha*, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa em 1880.

[5] Delgado, *Not. da Cesareda*, p. 43–44; *Furninha*, p. 237 e 264. Os ossos humanos no deposito paleolithico da Casa da Moura são mui raros, se não faltão inteiramente: Delgado, *Cesareda*, p. 25 e nota.

[6] *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, p. 29 e 30.

a Inglaterra, etc.; por este motivo, o que se sabe da arte paleolithica portuguesa não offerece caracteres proprios, a não ser, julgando pelo que se conhece, a extrema rudeza, se estabelecermos comparação, por exemplo, com o brilho da arte magdalenense em França.

Quanto á raça, se o cranio do Valle do Areeiro, estudado por Paula e Oliveira[1], pertence ao terreno quaternario, parece que nos tempos prehistoricos mais afastados vivião no nosso solo homens de typo igual ao de Furfooz: o que não importa necessariamente communidade de raça.

As condições da vida devião então ser muito precarias. O homem tinha de luctar com as feras, como a hyena, o urso, o lince, cujos restos se mostrárão nas nossas grutas paleolithicas; é provavel que não conhecesse a ceramica, pelo menos não apparecêrão fragmentos de louças nos depositos paleolithicos da Casa da Moura, nem nos da Furninha; parece que não tinha animaes domesticos. Pelo confronto com o que sabemos á cêrca de alguns povos selvagens mais atrasados, podemos de longe ajuizar como viveria aquelle nosso mais antigo avô. Errar pelas brenhas; sustentar-se de fructos silvestres, de mariscos e de caça, — o coelho bravo, o veado, etc., que erão perseguidos ou mortos á paulada, ou com rudes armas de pedra, e que erão comidos crus, ou, a avaliar por algum carvão achado nas grutas, provavelmente tambem ás vezes assados, e de cujos ossos se extrahia a medulla como grande mimo[2]; dormir, ora em grutas á beira-mar[3] e no alto dos montes[4],

---

[1] In *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 294. Ha sobre este cranio artigos posteriores do mesmo auctor.

[2] O que digo á cêrca da caça, da extracção da medulla, etc., póde ver-se justificado nos citados trabalhos do sr. Nery Delgado.

[3] Por ex. na *Furninha*, junto de Peniche.

[4] Por ex. na *Casa da Moura*, no monte da Cezareda. — De passagem notarei que a etymologia de *Cezarêda* se não póde buscar na palavra *Cesar* (cfr. Nery Delgado, *Noticia*, etc., p. 1), pois fica sem explicação a terminação *-eda*. Esta terminação é, quanto a mim, um suffixo que significa «ajuntamento», como em *Pedreda, Avelleda,*

ora talvez, attenta á benignidade do clima, ao ar livre, muitas vezes, ou em miseras barracas: eis ahi, não obstante o conhecimento do lume, e o regalo da carne na alimentação, um estado de vida bem simples.

2. Os kjoekkenmoeddings

No periodo que estabelece transição do periodo paleolithico, ou da pedra lascada, para o neolithico, ou da pedra polida[1], deparão-se-nos esses interessantes *monticulos, em grande parte constituidos de rebotalhos de cozinha,* ou *kjoekkenmoeddings,* como em dinamarquês se diz.

Os que por ora tem sido estudados em Portugal pertencem a Mugem, no Valle do Tejo, e sobre elles escrevêrão Pereira da Costa[2], Carlos Ribeiro[3] e Paula e Oliveira[4].

São constituidos por grandes accumulações de conchas misturadas com esqueletos humanos e ossos de animaes, instrumentos de pedra, madeiras carbonizadas, areias, etc.

Estas accumulações devem ter-se formado assim: cada pessoa ou familia depositava junto das suas estancias ou moradas as conchas dos molluscos que comia, como hoje se faz a cada passo nas aldeias; depois, para desembaraçar as testadas, removia os pequenos entulhos para um sitio determinado, onde por fim vinhão a agglomerar-se total ou parcialmente esses monticulos que hoje tanto ser-

---

alameda, Castanheda, Carralheda, Cerqueda (de quercus), *Maceda* (de matiana), etc. Talvez pois *Cezareda* esteja por *cicereta (de cicer ou cicera), ou por *ceraseta (de cerasus): só graphias antigas (com *s* ou *z*) o poderião decidir, embora me pareça mais plausivel a primeira hypothese.

[1] Cfr. o meu *Portugal prehistorico,* p. 26; e Paula e Oliveira, in *Communicações,* II, 70.

[2] *Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda,* Lisboa 1865.

[3] *Les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage* (in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 279 sqq.)

[4] Vid. os seus dois trabalhos indicados a cima, p. 8, nota.

vem para o paleoethnologo. Com as conchas acontecia irem muitas vezes objectos de uso domestico, ossos, etc., — factos vulgares que ainda succedem constantemente: quantas vezes se não vêem hoje, nos montões de estrume destinados ás hortas e aos campos, fragmentos de louça, facas quebradas, etc.?

Comprehende-se, por consequencia, que da exploração circumstanciada dos *kjoekkenmoeddings* advenhão muitos esclarecimentos para o conhecimento da vida dos nossos antepassados prehistoricos[1].

O modo de vida dos constructores dos nossos kjoekkenmoeddings era mesquinho. Á semelhança dos troglodytas paleolithicos da Cezareda, não conhecião a louça, — pelo menos não se encontrou vestigio algum authentico de ceramica[2]; tinhão instrumentos de pedra, de osso e de ponta de veado, alguns d'aquelles muito grosseiros, outros semelhantes a instrumentos neolithicos da Furninha[3]; não praticavão a agricultura; raros objectos possuiam com ca-

[1] Da observação de que a base do Cabeço da Arruda (Mugem) era formada por conchas, sem mistura de ossos de animaes, num leito de consideravel espessura, onde tambem apparecêrão bastantes esqueletos humanos, e de que só no nivel superior se encontrárão os restos de mammiferos, concluiu Pereira da Costa que a um povo pescador, que se alimentava de mariscos, succedeu um povo caçador que se alimentava do boi, do veado, do porco, etc.: vid. *Noticia*, etc., p. 13, e cfr. tambem Cartailhac, *Les âges préhist., etc.*, p. 55, o qual admitte a legitimidade da conclusão a que chegou o A. português. Todavia P. e Oliveira, que estudou posteriormente estes depositos, diz que tal distribuição dos restos culinarios (conchas e ossadas de mammiferos) devia ter sido fortuita, e localizada num ponto muito restricto, pois, examinando os kjoekkenmoeddings em todas as profundidades, nunca teve occasião de a observar: vid. *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos*, II, 62.

[2] Cfr. porém P. e Oliveira, in *Communicações*, II, 66–67, o qual falla de pedaços de argilla imperfeitissimamente manipulada, que poderião acaso ser um primeiro passo para a arte ceramica.

[3] Cfr. Nery Delgado, *La grotte de Furninha*, p. 232; P. e Oliveira, in *Communicações*, II, 64.

racter de enfeite corporal ou amuleto, e ainda assim sem vestigios de ornamentação. Os molluscos de que se sustentavão erão comidos crus ou mal assados[1]. Dos restos da caça, que ahi se encontrárão, póde concluir-se que esta se comia preparada pela exposição ao lume[2].

A arte dos selvagens de Mugem era não só inferior á dos tempos claramente neolithicos, mas ainda á dos kjoekkenmoeddings da Dinamarca[3].

Esta pobreza de vida coincide com um facto notavel, observado por Paula e Oliveira, e vem a ser que poucos individuos attingião a idade madura[4].

Nos nossos kjoekkenmoeddings descobrírão-se, como disse, muitos esqueletos humanos. Do estado e disposição dos esqueletos resulta que a sua collocação ali não foi casual, mas intencional. Os kjoekkenmoeddings erão pois tambem cemiterios[5].

Quanto á raça, os kjoekkenmoeddings offerecem craníos de dois typos: brachycephalico e dolicocephalico, sendo estes em maior número. Paula e Oliveira, que os estudou, julga ainda reconhecer um terceiro typo, sub-brachycephalico[6]. O mesmo A. encontrou ahi homens de pequena

---

[1] Fallando dos Ichthyophagos da Arabia, diz tambem Diodoro Siculo que elles partião as conchas com pedras para lhes extrahirem «a carne que comem crua»: *Bibliotheca Historica*, III, 16.

[2] A justificação de todas as affirmações que faço podem ver-se em C. Ribeiro, in *Compte-rendu* de Lisboa, p. 283-289; e em Paula e Oliveira, in *Communicações*, II, 63 sqq.

[3] P. e Oliveira, in *Communicações*, II, 69.

[4] *Ib.*, 73.

[5] Cfr. Pereira da Costa, *ob. cit.*, p. 17. — Nos *sambaquis* americanos, monticulos de conchas, analogos aos *kjoekkenmoeddings* da Dinamarca e aos nossos de Mugem, tambem se fazião enterramentos; d'esses monticulos extrahírão-se objecto de pedra talhada e de pedra polida: vid. Nery Delgado, *Relatorio acêrca da 10.ª sessão do Congresso internacional de anthrop. e arch. prehist.*, Lisboa 1890, p. 22. Outros exemplos de inhumação em kjoekkenmoeddings vide-os em P. e Oliveira, in *Communicações*, II, 70-71.

[6] In *Communicações*, II, 4 e 76.

estatura[1]; os craníos dolicocephalicos offerecem caracteres anatomicos pelos quaes ora se aproximão, ora se afastão dos de Cro-Magnon, d'onde Quatrefages inferiu que parece dever estabelecer-se uma raça nova, «que l'on peut appeller *la race de Mugem*[2]». Esta raça apresenta muitos caracteres de inferioridade[3].

Apesar do estado de miseria em que se achavão os selvagens do valle do Tejo, elles constituião comtudo povos mais ou menos sedentarios[4], vivendo da caça e da pesca nos arredores[5].

Como o silex de que são feitos alguns instrumentos se não encontra *in loco,* mas longe, vê-se que ou esses povos mantinhão relações commerciaes com povos distantes[6], ou que, pelo menos em parte, tinhão vindo de lá; mas devia haver na localidade officinas, a julgar de certos factos lá observados[7].

Quaes serião as estancias em que habitavão não se sabe, porque «não se encontrou ainda na localidade vestigio algum, ou logar de retiro, que lhes servisse de abrigo»[8]; mas os povos selvagens, como estes nossos antepassados do valle do Tejo o erão, nem sempre se preoccupão muito com a habitação: a cubata de alguns indigenas de Mossamedes, por exemplo, consta de uma arvore cujos ramos pendem no chão, e são cobertos de capim e revestidos de excremento de boi[9].

---

[1] In *Compte-rendu,* p. 298.

[2] In *Préface* ao livro de Cartailhac, *Les âges préhist.*, p. XXII.

[3] Paula e Oliveira, *As raças dos kjoekkenmoeddings de Mugem,* pag. 9–13.

[4] Cfr. tambem P. e Oliveira, in *Communicações,* II, 72 e 74–78.

[5] P. e Oliveira, *Communicações,* II, 74.

[6] Carlos Ribeiro, *art. cit.,* p. 17; P. e Oliveira, in *Communicações,* II, 64.

[7] P. e Oliveira, in *Communicações,* II, 64.

[8] Pereira da Costa, *Noticia, etc.,* p. 17.

[9] Vid. *De Angola á Contra-costa* por Capello & Ivens, p. 116.

3. Periodo neolithico

Comquanto no periodo claramente neolithico a civilização tivesse adeantado muito, pois apparecem novos costumes e novas fórmas de arte, devemos comtudo continuar a considerar como selvagens os homens de então, pelo menos os dos primeiros tempos d'este periodo.

*

Ao passo que, em relação ao periodo paleolithico, não sabemos ao certo qual era o destino que em Portugal se dava aos cadaveres, e, em relação ao periodo dos kjoekkenmoeddings, apenas se nos deparárão exemplos de enterramento, temos no periodo neolithico muitas noticias a tal respeito.

Neste periodo, entre outros costumes, havia o da inhumação dos cadaveres em monumentos de pedra (antas, etc.), em grutas, etc.

Os monumentos de pedra existem mais ou menos por todo o país; grutas conhecem-se na Estremadura, onde a natureza calcarea do terreno facilitou a sua formação; tambem ha noticia d'ellas em Tras-os-Montes, em terreno igualmente calcareo; no Entre-Douro-e-Minho sabe-se de uma sepultura debaixo de um rochedo. Adeante, quando me referir ao culto dos mortos, desenvolverei um pouco estes pontos.

Em virtude de crenças, cuja exposição deixarei tambem para então, o homem costumava sepultar, com os seus mortos, muitos dos objectos que em vida havião pertencido ou podião pertencer a estes: é por tal motivo que os mobiliarios funerarios são eminentemente instructivos para o conhecimento da civilização neolithica.

*

Se é possivel que em alguns pontos os homens andassem nus, como ainda hoje varios povos selvagens, e nas nossas aldeias as creanças pobres, principalmente no verão,

é comtudo certo que nos tempos neolithicos se conhecia o uso do vestuario, como se deduz do apparecimento de botões, etc. Objectos de osso, semelhantes a furadores, que tambem tem apparecido, devião servir para furar e coser o vestuario[1]. É provavel que este fosse frequentemente de pelles, como por exemplo hoje é nos Esquimós[2]. Muitos objectos que tem fórma de raspadores talvez servissem para extrahir as gorduras das pelles, etc.[3]

Em materia de ornatos, amuletos e insignias, o homem neolithico tinha muitas variedades. Fazia, como os selvagens modernos, collares de conchas, e de contas de diversa natureza e feitio; trazia penduradas ao pescoço curiosas placas de schisto, umas inteiramente lisas, outras com desenhos lineares, desde os mais irregulares e barbaros até outros quasi geometricos[4]. Com todos estes objectos

---

[1] Cfr. Santos Rocha, *Antiguidades da Figueira*, 1, 35; Reinach, *Antiquités nationales*, 149; etc.

[2] *L'Univers (Régions circompolaires*, por F. Lacroix), p. 179.

[3] Cfr. Santos Rocha, *ob. cit., ib., ib.;* Reinach, *ib., ib.;* Evans, *Les âges de la pierre*, Paris 1878, p. 292 sqq.; etc.

[4] Nas explorações archeologicas que o meu amigo dr. Manoel Rodrigues de Mattos Silva, delegado do procurador regio em Ponte-de-Sôr, fez em minha companhia, em Setembro de 1892, no concelho de Avis, tive occasião de observar muitas d'estas placas. Eu mesmo obtive o fragmento de uma, achado sôlto num matto.

Referindo-me agora ás placas extrahidas da anta grande da «herdade da Ordem», notarei o seguinte. Algumas placas são trapezoidaes; outras são subtrapezoidaes, i. é., de lados curvos, com a convexidade voltada para o exterior. Tem um ou dois orificios de suspensão. Ha-as sem ornatos, inteiramente lisas; e ha-as ornamentadas, sendo uma muito barbara, apesar de os ornatos estarem nas duas faces. Os ornatos consistem sobretudo em angulos, curvas e quadrilateros. Alguns dos ornatos tem muita regularidade. Um d'elles parece á primeira vista ter sido feito com regoa, tal é a firmeza de certas linhas; mas, como outras linhas mostrão que a regoa se não empregou nellas, deve concluir se da regularidade dos traços já tal ou qual destreza de mão no artista. Numa placa a ornamentação consiste nisto: alguns traços horizontaes muito tortuosos, e entre elles riscos ao acaso, como de quem andou esgadanhando; é a extrema barbarie.

apparecem dentes e objectos cordiformes ou triangulares, ou ainda de outro feitio, — tudo munido de orificios, para andarem pendurados

Sem tentar discutir aqui quaes d'esses objectos poderião ter servido de amuletos, insignias ou ornatos propriamente ditos, desejo unicamente chamar a attenção para o novo costume e para o facto artistico.

Neste ponto a civilização neolithica portuguesa está em harmonia com a de outros paises e com a selvagem moderna; só placas de schisto, de typo exactamente igual ao das nossas, — que, direi de passagem, são muito vulgares no Sul do país —, não se tem por ora encontrado na Europa, fóra de Portugal, nem mesmo na Hespanha [1].

Na epocha paleolithica não havia louça de barro, ou pelo menos era ella tão rara que não se achou ainda: facto que tambem succede noutros paises [2]. Na epocha neolithica a louça abunda.

Em algumas grutas, como na Furninha [3], Cezareda [4], Oeiras, Carnaxide, Porto Covo e Cova da Raposa [5], e em algumas antas, como na de Montabrão [6], e nas que eu vi no concelho de Avis, a ceramica é muito grosseira, embora os vasos sejão de differentes feitios e tamanhos, adaptados

[1] Os factos que aponto no texto, e não forem justificados nas notas, podem justificar-se facilmente em qualquer livro de prehistoria portuguesa, ou no nosso Museu de Anthropologia em Lisboa.

[2] Cfr. G. de Mortillet, *Le Préhistorique*, 1885, p. 558.

[3] Nery Delgado, *La grotte de Furninha*, p. 228-229.

[4] Id., *Noticia da Cezareda*, p. 45.

[5] Os exemplares pertencentes a estas quatro ultimas estações da Estremadura podem ver-se no Museu de Anthropologia (Lisboa).

[6] C. Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, II, p. 47-50. Carlos Ribeiro escreve *Monte-Abrahão*, mas eu ouvi pronunciar na localidade á gente do povo *Montabrão*.

aos diversos usos da vida; noutros pontos, como nas grutas de Palmella[1] e Cascaes[2], em mamoinhas da Figueira da Foz[3], e numa anta que eu explorei no concelho de Mangualde[4], a louça é ornamentada, attingindo por vezes fórmas notaveis, como succede em Palmella.

Estas divergencias devemos attribui-las ás vezes já a diversidade de civilização e de gôsto, já a circumstancias exteriores, como, por exemplo, a natureza do barro, o maior ou menor grau de riqueza do povo, etc., — e nem sempre a diversidades ethnicas absolutas, pois não só na mesma estação póde apparecer louça com e sem ornatos, mas são contemporaneas certas estações, onde predomina ora uma especie, ora outra, por exemplo Cascaes e Palmella[5].

Sem embargo, nas antas que, em companhia do dr. Mattos Silva, observei no concelho de Avis, em Setembro de 1892, apesar da grande porção de louça que extrahimos, e de com esta louça apparecerem muitos objectos que revelavão gôsto e progresso artistico, como placas de schisto ornamentadas e instrumentos, não se encontrou nenhuma louça com desenhos[6].

---

[1] Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 107 e 123.

[2] Vid. os exemplares no Museu de Anthropologia.

[3] Santos Rocha, *Antiguid. prehist. da Figueira*, Parte II, p. 90.

[4] Refiro-me á anta dos Padrões, ao pé do Outeiro de Espinho. Explorei-a por minha conta em Setembro de 1892. Foi o meu amigo o sr. Bernardes Rodrigues do Amaral, morgado do Outeiro de Espinho, quem me indicou esta anta. A elle agradeço aqui o bom auxilio que me prestou neste e noutros estudos archeologicos, que na referida data fiz naquella região e em regiões vizinhas, e nos quaes o meu amigo dr. Alberto Osorio de Castro me acompanhou tambem.

[5] Sobre a contemporaneidade d'estas duas estações, vid. Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, II, 18 e 19.

[6] Tambem em Argar (SE. da Hespanha), região explorada pelos srs. H. & L. Siret, e muito rica em todo o sentido, a ornamentação só se manifestou num vaso, apesar de apparecerem centenas d'elles. Dizem os exploradores: «Nous avons vu d'autres bourgades plus arriérées, ou tout au moins plus pauvres, où les céramiques ornées

O periodo neolithico tira o seu nome do uso da *pedra polida*. O que d'antes se fazia, apenas lascando a pedra, faz-se agora alisando-a, ageitando-a cada vez mais ás necessidades da vida, e em conformidade com o talento e educação do artista.

Nos nossos museus publicos e particulares abundão os exemplares de pedra polida: machados, goivas, martellos, raspadores, etc. [1]

Mas nem por isso neste periodo deixárão de se fabricar tambem objectos não-polidos, como pontas de seita, facas, serras, lanças, embora com apuro incomparavelmente superior ao dos tempos paleolithicos.

étaient plus abondantes» (*Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne*, p. 122).—Vê-se, pois, que a falta dos ornatos não dependia da civilização, porque esta era grande; dependia do *gôsto*, e talvez da raça.— Os referidos AA. dizem a respeito da ceramica ornamentada: «nous en avons trouvé un seul exemplaire dans les 1.300 tombes de l'époque qui nous occupe *(epocha dos metaes)*. Cela est extraordinaire, étant donné qu'on mettait auprès du mort des objets de grand luxe: il y a là incontestablement une anomalie» (*ob. cit.*, p. 176 e 177).

[1] Na «anta da Ordem» (concelho de Avis), a que já me referi a p. 34, nota 4, etc., apparecêrão dois instrumentos de pedra polida, subtriangulares, isto é, de lados curvos, com a convexidade voltada para fóra, e o vertice arredondado. Uma das faces é concava, e a outra convexa. Ambos estes instrumentos me parecem pequenos sachos, pela sua fórma, e por estarem gastos, como que de terem servido para cavar: o maior está gasto na face concava, em mais da sua metade inferior; o menor está gasto nas duas faces, quasi por inteiro. A base de cada um d'elles é em gume. Pondo de parte os estragos devidos ao attrito posterior ao acto do deposito na sepultura, vê-se que os dois gumes forão avivados,—o que talvez se fez na occasião do enterramento.—Estes objectos estão na collecção archeologica do sr. dr. Mattos Silva, em Ponte-de-Sôr.—O sr. Santos Rocha, *Antiguidades da Figueira*, II, 72-73 e 82, refere-se tambem a instrumentos de cavar.

*

Com a grosseria de certos objectos ceramicos contrasta de modo singular a perfeição, a finura e ás vezes mesmo a graça de varios instrumentos de pedra encontrados ao pé, com especialidade as lanças e as pontas de setta.

D'estas ultimas ha exemplares formosissimos: lembrarei os de Alcalá (Algarve)[1]; cfr. ainda os de Bellas[2]. Na Furninha tambem apparecêrão lindos instrumentos de pedra, ao lado de ceramica grosseira, moldada á mão, sem emprêgo da roda de oleiro[3]; o mesmo na Casa da Moura[4]. Nas antas que estudei em Avis appareceu, como disse, louça muito rude, e ao mesmo tempo delicadas pontas de setta e facas.

Como se explicão estes contrastes? Podem ter concorrido para elles várias causas.

Em primeiro logar, a necessidade é mestra: para o homem beber uns goles de leite, ou comer umas papas de farinha, basta-lhe uma simples escudella; mas, para surprehender a ave, que, voando, atravessa os ares, ou a lebre que se escapole rapida pelo meio das urzes, ou ainda para ao longe ferir de morte os seus inimigos, necessita de flechas bem aguçadas, que penetrem profundamente no corpo das victimas: d'aqui o ter de se aperfeiçoar neste ramo

---

[1] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, est. III (entre p. 224 e 225). Esta estação chama-se *Alcalá* ou *Alcalar:* id., *ib., ib.*, p. 213.—Sobre a louça grosseira de Alcalá, vid. id., *ib., ib.*, est. IX (entre p. 238 e 239).

[2] Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos de Portugal*, II, 32 e sqq.—Sobre a louça grosseira, vid. id., *ib., ib.*, p. 48 sqq.

[3] Nery Delgado, *La grotte de Furninha*, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 228 e 229. Todavia, se a louça é grosseira quanto ao processo do fabrico, apresenta alguns ornatos simples, e fórmas diversas: vid. as respectivas estampas. Sobre os instrumentos, vid. p. 231 sqq. e as respectivas estampas.

[4] Cartailhac, *Les âges prehist.*, 86–89; sobre a ceramica, p. 102.

de indústria. O mesmo raciocinio se deve fazer a proposito de outros ramos igualmente adeantados, ainda que tambem se não deve perder de vista o que, em relação á não-ornamentação da louça, acima expendi sobre o gôsto, etc. Este raciocinio póde ter applicação aos homens de Montabrão, que, não obstante a pobreza da louça, rude e sem desenhos, serião os fabricantes de todos os seus optimos instrumentos de pedra, «tendo, como tinhão, a materia prima, de que são fabricados os mesmos exemplares, em jazigos situados de baixo dos seus pés»[1].

Em segundo logar, nem sempre os objectos encontrados num sitio forão fabricados ahi: na Furninha, por exemplo, ha bellos instrumentos feitos de pedras que não pertencem á localidade[2]; facto analogo succede na Figueira[3]; em Liceia apparecêrão muitos instrumentos de substancias que tambem não tem jazigo alli[4]. Se estes factos ás vezes podem significar que os individuos que usavão os instrumentos num certo local vierão de longe estabelecer-se alli, outras vezes devem significar que se fazião permutações commerciaes entre povos mais adeantados e povos mais atrasados, que havia centros de trabalho, d'onde irradiavão para differentes pontos os productos da indústria[5].

---

[1] Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, II, 37.

[2] Nery Delgado, *La grotte de Furninha*, p. 231.

[3] Santos Rocha, *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, I, 34; cfr. id., *ib.*, II, 75.

[4] Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, I, 65.

[5] Cfr. o que no seu *Étude géologique du Rocio*, Lisboa 1889, a que adeante me torno a referir, diz o sr. Choffat da «extensão enorme que os instrumentos de silex da epocha neolithica apresentão em Portugal, e *da extensão relativamente restricta em que o silex podia ser explorado*» (p. 61).

Vid. tambem a observação que adeante, p. 63, nota, transcrevo de um artigo do sr. Bensaude á cêrca dos locaes presumiveis de fabricação de instrumentos neolithicos.

Isto tudo explica como é que um povo, que não possue louça ornamentada nem placas de schisto com linhas regulares, póde comtudo ir á caça ou á guerra com magnificas lanças de silex. Quantos contrastes d'estes não encontrâmos nos povos contemporaneos!

*

Com relação ás moradas do homem neolithico pouco sabemos de preciso.

Muitas vezes as casas devião ser de estacas entretecidas de ramagens, canniços e palhiços, como ainda hoje são as barracas de guarda nos nossos campos, na Beira, no Entre-Douro-e-Minho, etc., e como se faz nos povos selvagens, podendo tambem ter como coberturas pelles de animaes, o que succede na Africa [1], etc., — e neste caso não admira que o tempo as tenha destruido; outras vezes constarião já de paredes, tapadas por meio de ramos de arvores e de arbustos, em guisa de telhado [2].

Tem sido mui discutida a seguinte questão: se as grutas e cavernas neolithicas servirão de habitações ou de sepulcros.

O sr. Nery Delgado, baseando-se em muitos factos, de diversa natureza, foi levado a crer que a gruta da Furninha, em Peniche, serviu de habitação, mesmo nos tempos neolithicos; entre os factos invocados a favor d'esta hypothese, cita por exemplo a existencia de nucleos e pedaços de silex, minereos de ferro, etc., o que parece effectivamente estabelecer que o homem trabalhava alli [3].

A pouca distancia de Alcobaça descobriu e explorou o sr. Vieira Natividade umas vinte e tantas grutas prehisto-

---

[1] Vid. R. Hartmann, *Les peuples de l'Afrique*, 1880, p. 88.

[2] Cfr. Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, I, 64.

[3] Vid. sobre este ponto o importante trabalho, já várias vezes citado, *La grotte de Furninha*, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa.

ricas, cujos productos constituem já um bom museu, que foi fundado por elle na villa de Alcobaça. Sobre estas grutas leu no Congresso de Paris, em 1890, o sr. Nery Delgado uma memória[1] cujo manuscrito me confiou, e do qual transcrevo estas palavras: «As grutas serviram como habitação ou logar de refúgio, e algumas d'ellas serviram de sepultura. Julga o sr. Natividade que não foram todas occupadas na mesma epocha, e suppõe que algumas d'ellas serviriam como *atelier* de fabrico de instrumentos de silex, vista a grande quantidade de objectos menos perfeitos e lascas de refugo d'esta substancia. Em todas encontrou vestigios de fogo»[2].

---

[1] Cfr. *Relatorio do Congresso de archeologia e anthropologia prehistorica de Paris em 1889*, pelo mesmo, p. 36 e 37.

[2] Agradeço ao meu amigo o sr. Nery Delgado o ter-me confiado este substancioso manuscrito. D'elle resumo ainda algumas curiosas noticias mais.

As grutas exploradas são por ora em número de vinte e tantas; mas ha mais para explorar. Revelão civilizações de differentes periodos, — neolithico, do bronze, e do ferro: o que parece mostrar a longa existencia d'ellas como habitações ou sepulturas. Encontrão-se ahi: raspadores e facas de silex e de quartzo, pontas de flechas e azagaias de silex, machados de amphibolite e de schisto, cinzel e goiva, nucleos de silex e de crystal de rocha; dentes de *Canis*, e lascas de dentes de javali, tudo com orificios de suspensão; contas de azeviche, ribeirite, espatho calcareo, osso e schisto; furadores de osso, e cabeças de grandes alfinetes de toucar feitos da mesma substancia; um bracelete feito de uma valva de *pectunculus;* fragmentos ceramicos grosseiros, negros, com desenhos e ornatos de diversos typos; moendas de pedra; placas de schisto com desenhos; annel, argola, cabo de arma, fibula e agulheta, tudo de bronze; escóreas de fundição de ferro. Tambem apparecêrão restos de aves e de mammiferos, craneos e ossos humanos inteiros ou fragmentados.

A existencia d'estes craneos e ossos e a exiguidade de algumas grutas, bem como o acharem-se accumuladas em certos pontos muitas ossadas humanas, é que fazem suppôr que ellas em parte, pelo menos, servírão de sepulturas; mas a existencia de lascas de silex, etc., e das escóreas leva a admittir a habitabilidade d'ellas, pelo menos tambem em parte. Todavia, como diz o sr. Delgado, «esta região

No limite dos concelhos de Vimioso e Miranda do Douro, por occasião de explorações de marmore e alabastro, que os srs. Francisco Cardoso Pinto e José Cardoso Pinto alli tem emprehendido, descobrirão-se várias grutas que o sr. Nery Delgado visitou, e a proposito das quaes escreveu

---

onde estão as grutas é absolutamente sêcca, a não ser na fôrça do inverno».

O sr. Nery Delgado não só visitou as grutas, mas pôde examinar a collecção feita pelo sr. Vieira Natividade, e tirar d'ella varios desenhos.

Alguns dos objectos achados nestas grutas não tem semelhantes nos que se tem achado nas outras grutas por ora exploradas na Estremadura, — nota o sr. Delgado; outros teve elle o cuidado de os comparar com o que conhecia como pertencente a outras regiões: assim dois typos de pontas de flecha e de azagaia são analogos a outros da Casa da Moura (Cezareda); um vaso de ceramica grosseira é de fórma um tanto semelhante ao que Paula e Oliveira descobriu numa sepultura em Murches, mas sem asa; as moendas parecem-se com as que o sr. Delgado viu em Tras-os-Montes, embora estas sejão de granito, e maiores.

As comparações são sempre importantes, porque podem mostrar a marcha e as epochas da civilização. Não obstante o que as grutas de Alcobaça contenhão de particular, ellas ligão-se, na civilização que revelão, com as outras da Estremadura, como se vê das placas ornamentadas, etc. (placas não se encontrárão nas grutas de Tras-os-Montes); a ceramica não supporta porém comparação com a de Palmella. Se nellas apparecem objectos de metal, estes tambem apparecem na Cezareda.

Já que o sr. Vieira Natividade teve a fortuna de encontrar alguns crauios humanos susceptiveis de estudo, é para desejar que elle os faça medir e examinar competentemente, porque d'isso póde provir alguma luz para o conhecimento das nossas raças prehistoricas.

Aproveito a occasião para agradecer igualmente a este meu amigo, tanto a boa companhia que me fez quando eu visitei as grutas em 1890, como o ter-me mostrado o museu, e dado tres bonitas facas de silex, que eu juntei á minha collecção prehistorica, depositada hoje no Museu da Commissão dos trabalhos geologicos, em Lisboa.

Sobre estas grutas vid. tambem Vieira da Natividade, *Roteiro archeologico dos coutos de Alcobaça*, p. 1-15, e Nery Delgado, *Notes sus les grottes de Carvalhal d'Aljubarrota*, in *Compte-rendu* do Congresso de Paris, p. 565 sqq.

duas memórias[1]. Estas grutasre velárão duas civilizações: uma que parece ser dos fins do periodo neolithico e começo da epocha dos metaes, pois se manifesta em settas e lascas de silex, louça de barro grosseiro fabricado á mão, mas ornamentado, settas e machados de bronze, etc.; outra, que o sr. Delgado disse poderá ser romana, mas que talvez seja de origem proto-historica, a julgar do *suástica flammejante* que appareceu numa pedra, e de que eu adeante darei desenho. A opinião do mesmo geologo á cêrca do destino d'estas grutas nos tempos prehistoricos é que ellas «foram aproveitadas pelo homem como habitação ou para sepultura»[2].

Quer com relação ás grutas da Furninha, de Tras-os-Montes, e de Alcobaça, quer com relação a outras igualmente bastante espaçosas, como as, já por mim visitadas, da Cezareda e da Serra-da-Neve (Cadaval)[3], etc., o facto

---

[1] São: *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore, etc., de Santo Adrião, e das grutas, etc.* (extr. das *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos,* vol. II, fasc. 1); e *As cavernas em geral e especialmente as de Santo Adrião em Tras-os-Montes* (in *Revista de Portugal,* IV, 31). — É muito para louvar o haverem os srs. Francisco & José Cardoso Pinto posto a par do interesse industrial tambem o interesse scientifico, fazendo conservar os objectos archeologicos encontrados nas grutas. Oxalá que todos os nossos engenheiros e empresarios mostrassem sempre tal dedicação!

[2] Vid. *Reconhecimentos scientificos* (já cit.), p. 6; *Revista de Portugal,* IV, 41; *Relatorio do Congresso de Paris em 1889* (onde tambem o sr. Delgado se refere a estas grutas), pag. 36. — A proposito da gruta da Ribeira diz mesmo: «Na terra extrahida descobriram-se duas pontas de setta de quartzo hyalino, algumas lascas d'esta substancia e de silex, e muitos fragmentos de ossos de animaes, que provam indubitavelmente que esta gruta tambem foi occupada pelo homem». (*Reconhecimento scientifico,* pag. 7 e 8).

[3] A Serra-da-Neve, que faz parte da Serra de Monte-Junto, e fica sobranceira á aldeia de Pragança, no concelho do Cadaval, possue muitas grutas, algumas já exploradas pela Commissão dos trabalhos geologicos, outras ainda não exploradas scientificamente. Os resultados da exploração estão no Museu de Anthropologia em Lisboa. Na referida aldeia e em todas as do concelho do Cadaval

da habitabilidade nada tem de extraordinario, mesmo *a priori*[1]. O proprio sr. Cartailhac, que, sempre que póde, combate a hypothese de as grutas e cavernas de Portugal terem servido, nos tempos neolithicos, de morada de vivos, admitte que algumas grutas da vizinha Hespanha forão provavelmente «habitation plus ou moins temporaire avant d'être transformées en sépulcres»[2].

Disse eu que isso nada tinha de extraordinario, mesmo *a priori*. Realmente o costume vinha já dos tempos paleolithicos[3]; mas ha alem d'isso factos positivos, tanto da antiguidade historica, como modernos, que provão que as cavernas e grutas, naturaes e artificiaes, forão utilizadas como casas. Muitos d'esses factos tem sido bastas vezes citados por differentes investigadores[4]; por isso pouca cousa necessito de indicar aqui.

---

apparecem muitos objectos prehistoricos da epocha neolithica e dos metaes. Eu tenho uma collecção d'esses objectos em número de mais de duzentos. Os objectos consistem em machados, raspadores, goivas, ceramica, etc. Na Paschoa de 1892, numa visita que fiz á Serra em companhia dos meus amigos o sr. dr. Alexandre Agrella, medico no Cadaval, e o sr. Antonio Maria Garcia, professor em Pragança, obtive á superficie do chão de uma gruta duas tijelinhas de barro inteiras, e fragmentos de muitas, gruta que bem merece ser methodicamente explorada. Já depois d'isso o Sr. Garcia encontrou pela serra muitos objectos artisticos (barro, pedra, metal, osso), que me offereceu generosamente. — Sobre a archeologia prehistorica do Cadaval, cfr. os meus artigos *Antiguidades do concelho do Cadaval*, publicados in *Clamor do Bombarral* (desde Agosto de 1892 até Março de 1893).

[1] Carlos Ribeiro, sem recusar a certas grutas a possibilidade de terem sido sepulturas, não lhes recusa igualmente a de terem sido moradas: *Estudos prehistoricos em Portugal*, I, 12.

[2] Vid. *Les âges préhistoriques*, p. 62 sqq.; e cf. tambem p. 59.

[3] Cfr. supra, p. 28. Com relação á utilização das grutas como habitação noutros paises, nos tempos paleolithicos, vid.: S. Reinach, *Antiquités nationales*, I, 149 sqq.; Mortillet, *Le Préhistorique*, 1885, p. 429; Cartailhac, *La France préhistorique*, etc., p. 54 sqq.

[4] Sobre o troglodytismo nos tempos historicos vid. muitos factos reunidos nas *Antiquités nationales*, de S. Reinach, vol. I, 161 sqq.

A respeito dos Ichthyophagos escreve Deodoro Siculo: «alguns habitão em escarpas alcantiladas, aonde jamais foi possivel irem homens, estando, como está, por cima um rochedo elevado, e de todos os lados escarpado, sendo cortado transversalmente o caminho por precipicios inaccessiveis, e ficando o lado restante delimitado pelo oceano»[1]. Dá-se até a coincidencia de esta descripção, feita pelo geographo grego, se poder applicar com pequena differença á gruta da Furninha, pelo menos no seu estado actual[2]. — Mesmo nas proprias vizinhanças da peninsula hispano-lusitanica, isto é, nas ilhas Baleares, indica o citado Diodoro troglodytas[3].

Aproximando-nos de tempos mais modernos, sabemos que ainda no sec. XVIII povos hyperboreos, que estavão na idade da pedra, vivião em covas subterraneas e em antros de rochedos, cujas aberturas se tapavão com pelles de rangifer, suspensas á entrada; algumas das covas tinhão de extensão dez a cincoenta braças, e podião recolher duzentas a trezentas pessoas; as paredes erão forradas e arranjadas com pelles, esteiras, etc.[4] — Povos da Polynesia habitão em cavernas[5].

Mas, para encontrarmos exemplos recentes, escusamos de sahir do nosso país.

No Alto-Minho usa-se um systema de casas que se denominão *barracas de suchão* (sub-chão), e são excavadas nas encostas dos montes, servindo para lá se recolher gado, etc.; em 1882 vi mesmo uma que servia de taberna[6]. — Na

---

[1] Βιβλιοθήκη ἱστορική (*Bibliotheca Historica*), ed. Didot, III, XX.

[2] Vid. a descripção d'esta no *Compte-rendu* do Congresso de 1880, p. 207 sqq.

[3] *Ob. cit.*, V, 17.

[4] Apud. A. Bertrand, *La Gaule avant les Gaulois*, Paris 1891, p. 106.

[5] Vid. A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, II, 147.

[6] Referi-me pela primeira vez a estas barracas no meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 6.

ilha da Madeira ha umas grutas, chamadas *furnas,* onde vive a gente mais pobre, depois de lhes ageitar a entrada para receber uma porta, e de picar as paredes internas para desfazer alguma irregularidade maior; a luz ou vem da porta, ou de algum orificio superior; o chão fica mesmo nu. A gente, que póde dispor de alguns meios de seu, construe casas de pedra com tectos de palha, ás quaes se chama *casas-palhoças;* mas estas casas fazem-se junto das furnas, a fim de se aproveitarem estas para cozinha, por causa dos incendios. Tanto um systema de casas como o outro são vulgares na Madeira. As furnas ha-as junto do mar, e longe. No sitio do Logar de Baixo existe uma gruta enorme, que, depois de competentemente arranjada, serviu primeiro de vivenda, depois de taberna e finalmente de armazem de vinhos [1].

Apesar, porém, de todos os factos que se possão apresentar em defesa da habitabilidade das grutas e cavernas, outros ha que provão que ellas, alem de habitações, tiverão outros destinos.

«Les Finnois et les Wogoules gardent un culte pour les cavernes, dans lesquelles ils déposaient, autrefois, leurs idoles» [2]. O mesmo culto das grutas se encontra no Perú [3]. Os Caraíbas acreditão que a Lua foi da terra para o ceu, sahindo de uma caverna onde primeiro estava encerrada [4]. Uma crença analoga ha no Haiti, onde se mostrava uma caverna sagrada [5]. Outras cavernas lendarias se conhecem

---

[1] Estas informações á cêrca da ilha da Madeira devo-as ao meu amigo o sr. dr. A. Rodrigues de Azevedo, antigo professor do lyceu do Funchal.

[2] Apud A. Bertrand, *Les Gaules avant les Gaulois,* Paris 1891, p. 104..

[3] Vid. A. Réville, *Religions du Mexique,* etc., p. 336.

[4] Réville, *Les religions des peuples non-civilisés,* I, 349.

[5] Réville, *Les religions des peuples non-civilisés,* I, 349. — Em Tras-os-Montes ha uma terra chamada *Cova da Lua,* ou *Cova de Lua* (que é a pronúncia popular, — como eu mesmo lá ao pé ouvi); não sei se tal nome se ligará na origem com esta ordem de crenças.

na America[1] e noutros paises, desde a antiguidade[2]. No nosso país temos muitas grutas, chamadas *Covas da Moura* e *Casas da Moura,* a que se referem lendas e superstições populares[3].

Na epocha neolithica abrião-se galerias subterraneas para a extracção e lavra do silex, como, com relação a Portugal, o provão as que o sr. Paulo Choffat encontrou nas camadas cretacicas do Valle de Alcantara, á entrada do tunnel do Rocio, em Lisboa, galerias em que apparecêrão restos de esqueletos humanos, e instrumentos de basalto e de quartzite, ageitados para poderem ser utilizados como martellos ou percurtores. Diz aquelle auctor: «Il est évident que les grands instruments ont servi de massettes sans manches pour frapper sur un ciseau ou un instrument analogue. Or des massettes analogues figurent parmi les instruments de l'âge néolithique trouvés dans les environs de Lisbonne; on y a aussi trouvé de petites boules de quartzite analogues à celle de l'entrée du tunnel. Si de plus nous considérons l'énorme extension que les instruments de silex de l'époque néolithique présentent en Portugal, et l'étendue relativement restreinte où le silex pouvait être exploité, nous pouvons en conclure que nous nous trouvons en présence de carrières où les hommes de cette époque exploitaient cette substance alors si recherchée»[4].

---

[1] Cfr. Nery Delgado, *Relatorio* do Congresso prehistorico de Paris em 1889, p. 24.

[2] Salomon Reinach no livro *Antiquités Nationales,* I, Paris, s. d., pag. 163 e 164, reune muitos exemplos antigos e modernos de superstições a respeito das cavernas.

[3] Cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal,* Porto 1882, p. 87.—Algumas das grutas que eu conheço com estes nomes são prehistoricas, outras não. Está claro que a adaptação da superstição ás vezes póde ser relativamente moderna, mas o que eu quero notar é o facto em si da veneração das grutas.

[4] Paul Choffat, *Étude géologique du tunnel du Rocio,* Lisbonne 1889, p. 61.

Costumes analogos se conhecem na Inglaterra, Belgica, França, etc.[1]

Tambem não ha dúvida que cavernas, grutas e simples «abrigos debaixo de lapas» forão sepulturas; ainda a respeito de Portugal o facto não é duvidoso, como se vê, umas vezes da grande quantidade de ossadas apparecidas, o que aproxima as duas classes de monumentos *antas* (antellas, etc.) e *cavernas*[2], outras vezes da pequenez das cavidades que não comportavão moradores[3].

Alem de haver razões com que se póde estabelecer a habitabilidade e venerabilidade das cavernas e grutas, nada se oppõe tambem a que ellas fossem alternadamente uma cousa e outra, ou a que até se désse o caso de servirem ao mesmo tempo de habitações e sepulcros, facto que tem analogos hoje na nossa Guiné[4], e, ao que parece, os tinha na Hespanha no periodo prehistorico dos metaes[5].

De tempos muito antigos conhece-se em todo o país e na Galliza uma classe de estações, que, entre outros nomes, tem o de *castros* ou *crastos*, e consistem pela maior parte

[1] Id., *ib., ib.;* e Nery Delgado, *Relatorio* á cêrca do Congresso de 1889 em Paris, p. 19 e 20. Sobre costumes analogos na America, vid. o mesmo *Relatorio,* p. 21. Cfr. tambem Cartailhac, *La France préhistorique,* 1889, p. 137. E vid. mais *Compte-rendu* do Congresso de 1889, p. 569 sqq.

[2] Cfr. Delgado, *Grutas da Cezareda,* p. 81; Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* passim.

[3] Vid. exemplos em Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos,* I, 61; F. Martins Sarmento, *Os Argonautas,* Porto 1887, p. 248, nota 6, e in *Rev. de Guimarães,* V, 114 (cfr. II, 193). — Com relação á Hespanha, vid. H. & L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne,* p. 81-83, 96, 103-109 e 174.

[4] Vid. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 1882, p. 715, (artigo do sr. M. M. de Barros). Adeante me torno a referir a este facto.

[5] H. & L. Siret, *Les premiers âges du métal,* etc., p. 102 e 106.

em ruinas de povoações fortificadas, postas no alto de montes e outeiros, muitas vezes com rios ou ribeiros a passar-lhes ao sopé.

Tenho como immensamente provavel que, pelo menos, algumas d'estas estações archaicas datem dos tempos prehistoricos. Tal hypothese já foi formulada a respeito da Galliza[1]. Com relação a Portugal ha uma estação que apoia muito essa hypothese, se é que a não transforma em certeza.

Refiro-me á estação de Liceia, a pouca distancia de Barcarena, na Estremadura. Ella foi objecto de um bom estudo feito por Carlos Ribeiro[2].

Effectivamente a cumiada de Liceia, defendida por penedos naturaes e por um parapeito, situada junto de um rio, e com agoa potavel em abundancia, tem, pela descripção de Carlos Ribeiro, o aspecto exterior de um castro. Alem d'isso, — facto caracteristico d'esta especie de monumentos —, ha ao pé um outeiro, chamado *Castello*, e não faltão por aquelles sitios lendas populares, como o prova o *logar da Moira*, tambem situado perto[3]. Por toda a estação de Liceia se achárão instrumentos dos tempos neolithicos: machados de pedra, pontas de lança e flechas de silex, furadores, punecções, facas, raspadores, martellos, nucleos, tudo de silex; massas ovoides e esphericas de calcareo; estyletes de osso; vasos e muitos fragmentos de loiça grosseira, fabricada com barro da localidade, sem intervenção da roda do oleiro, e tendo ornatos simples, angulares, gravados por meio de um estylete ou ponteiro. Os habitantes devião ter feito uso da fauna marinha como comestivel, o

---

[1] Vid. Villa-Amil, in *Museo español de antigüedades*, VII (1876), 257. Cfr. tambem Filippe Simões, *Introducção á archeologia da peninsula iberica*, Lisboa 1878, p. 92 sqq.

[2] *Estudos prehistoricos em Portugal*, I (*Noticia da estação humana de Licêa*), Lisboa 1878.

[3] Uma edificação rectangular, que lá ha, e que Carlos Ribeiro descreve, é que talvez não seja primitiva.

que se prova pelo apparecimento de conchas; conhecião alem d'isso o boi, o veado, a cabra, o cavallo, o porco, o lobo e o coelho. Parece que já tinhão casas de fórma quadrada e rectangular. Na localidade ha porém muitas grutas, «que naturalmente servirião de morada aos vivos e tambem de jazida aos mortos» [1]. Uma das grutas, descoberta na encosta de Liceia, era sem dúvida funeraria, pois que possuia exiguas dimensões para poder ser habitada, e continha fragmentos de esqueletos humanos em parte queimados e com cinzas ao pé; a gruta tinha defronte uma lagea que talvez servisse para a tapar; segundo Carlos Ribeiro, talvez o enterramento primitivo não fosse alli, mas noutro sitio, d'onde os ossos se removessem depois para lá. A estação de Liceia tem todos os caracteres de uma estação prehistorica: «a prova de que a estação de Liceia data da epocha neolithica está no proprio facto da presença de instrumentos de pedra polida e na completa ausencia de objectos fabricados de cobre, de bronze e de ferro» [2]. A avaliar por algumas rochas de que os instrumentos são feitos, rochas que não tem jazigo na localidade, os liceenses mantinhão relações com povos de longe. Carlos Ribeiro suppõe que, alem de uma civilização, evidentemente neolithica, haveria outra, talvez da transição d'esta idade para a do bronze, «mas quando nesta região não era commum

---

[1] Carlos Ribeiro, *ob. cit.*, p. 12.

[2] Id., *ib.*, p. 63. Cfr. tambem. p. 11. — Apesar da muita ceramica que appareceu nos arredores de Liceia, nunca C. Ribeiro encontrou «um só pedaço de barro cozido que possa attribuir-se a adobo, tijolo ou telha, nem um fragmento de amphora ou de qualquer outro vaso de indústria romana, nem tão pouco vestigios de argamassa antiga» (p. 35). Estes factos vem em apoio da antiguidade de Liceia, pois junto dos castros luso-romanos é frequente acharem-se pelo menos telhas de rebordo, o que eu tenho verificado numerosas vezes no Entre-Douro-e-Minho e na Beira. — Vid. comtudo adeante, p. 52, nota, onde me refiro ao apparecimento posterior de uma moeda da epocha romana nos arredores de Liceia.

o uso d'aquelle metal [1]; todavia os factos em que se baseia para dizer isto são pouco concludentes [2].

---

[1] *Ob. cit.*, p. 64.

[2] Depois de escrito o que precede á cêrca de Liceia, visitei esta estação (em 16 de Abril de 1893).

Submetto-me á opinião de Carlos Ribeiro, que considera o local como podendo ter sido um entrincheiramento fortificado: por tanto um *castro*, embora o A. se não sirva d'esta expressão. Quem segue a estrada macadam de Caxias a Barcarena, ao passar no logar de Ribeira-a-Baixo, vê logo em frente a cumiada de Liceia destacar-se com a sua vertente que vira para o rio, e separada do vizinho outeiro do Castello, em cujo alto sobresae um moinho com um marco geodesico em cima.

Liceia, ou, segundo a pronuncia local, *Lecêia*, comprehende duas povoações pegadas: Liceia-de-Baixo, junto á cumiada prehistorica, e Liceia-de-Cima, onde está uma capella, arranjada de novo. A primeira, com várias casas em ruina, e offerecendo um triste aspecto de desolação, sem hortas nem arvoredo, é provavelmente mais antiga que a segunda, e succederia ao povoado prehistorico.

Em Liceia-de-Baixo obtive um machadinho prehistorico, de typo semelhante a outros liceenses que Carlos Ribeiro descreve; foi achado nos campos vizinhos ao Castello, e quem m'o cedeu disse que por lá apparecem mais.

Na encosta do lado de Barcarena encontrei eu alguns fragmentos ceramicos, sem dúvida prehistoricos, dispersos num chão negro.

É frequente encontrarem-se pelos arredores de Liceia, nos campos, lascas de silex, a que o povo chama *pedras de ferir*, isto é, de «ferir lume»; obtive algumas, parecidas com as que na est. 12.ª da obra de C. Ribeiro tem os n.os 35, 38, etc.

Toda aquella gente por alli conhece os instrumentos prehistoricos; muitas pessoas denominão-nos «sachinhos dos Moiros», o que revela a influencia das excavações alli realizadas por C. Ribeiro, pois o nome com que mais vulgarmente se conhecem no sul estes objectos é «pedras de raio».

O sr. José Maria Sinel Cordes, da quinta de Nossa Senhora da Conceição, situada nas faldas de Liceia, teve a amabilidade de me dar quatro instrumentos prehistoricos analogos aos descritos por C. Ribeiro; o caseiro da mesma quinta deu-me tambem dois. Todos estes objectos forão achados na quinta, e são feitos de schisto amphibolico.

Dos arredores de Barcarena, povoação proxima, foi ha annos enviada uma collecção de instrumentos, mais ou menos semelhantes,

A estação de Liceia é a unica que conheço no país nestas condições: por isso, até demonstração em contrário, ella póde ser considerada como um castro typico *prehistorico*, da mesma maneira que Sabroso, na provincia do Minho, é um castro typico *protohistorico*, e a Citania de Briteiros, na mesma provincia, é um castro typico *luso-romano*.

A analogia externa de Liceia com os outros castros do país ministra um argumento a favor da hypothese que faz remontar estes aos tempos prehistoricos; mas ha mais argumentos, uns deduzidos do estudo d'esses castros, outros do de castros estrangeiros.

Fallarei primeiro dos nossos.

---

para meu primo Manoel Nicolao Osorio Pereira Negrão, da quinta de Mosteirô, no Baixo-Doiro, o qual os tem hoje no seu já valioso museu archeologico (a que me refiro a cima, p. 14 e 15).

De todos estes factos, e, principalmente dos reunidos por Carlos Ribeiro, etc., se vê que aquella região de Liceia-Barcarena, até Cascaes, é fecunda em materiaes prehistoricos, e que foi muito povoada na idade da pedra.

Diz C. Ribeiro que em Liceia não encontrou nada romano (vid. supra). Devo porém notar que na mesma quinta de Nossa Senhora da Conceição, que fica, como já disse, nas faldas da estação prehistorica, appareceu uma moeda de bronze do tempo de Augusto, a posse da qual devo tambem á bondade do mesmo illustre cavalheiro o sr. José Maria Sínel Cordes. Esta moeda está bastante gasta, e com pátina, todavia vê-se perfeitamente que é uma das antigas da Iberia; vem estampada no *Nuevo método de clasificacion* de D. Antonio Delgado, tomo III, Sevilla 1876, est. CLXVI, n.º 39, e sobre ella ha na *Revue Numismatique*, anno de 1846, p. 5 sqq. e 317 sqq., dois artigos, um de Du Mersan, e outro do marquês de Lagoy, sendo em especial o último muito interessante. No anverso da minha moeda só se percebe a cabeça (e pescoço) de Augusto, voltada á direita, tendo adeante o vestigio de uma palma, mas devendo ter tido atrás um caduceu alado; no reverso só se percebe a *cetra*, ou pequeno escudo redondo hispanico, atravessado por duas lanças, mas devendo ter tido alem d'isto mais duas armas, uma á direita do escudo, outra á esquerda. Nas moedas da familia Carisia, pertencentes á republica romana, figurão symbolos semelhantes, constituidos por armas indigenas: vid. em E. Babelon, *Monnaies de la répub. rom.*, tom. I,

As antas, antellas e mamôas são na sua origem, ninguem o duvida, monumentos funerarios prehistoricos. O sr. F. Martins Sarmento, que tem estudado estes monumentos e os castros, — uns e outros em relação ao Entre-Douro-e-Minho e á Beira-Baixa, — é de opinião que todos elles são contemporaneos. Sem me afoutar a tirar as deducções ethnologicas que elle tira, o que aliás tambem não é o meu fim agora, exponho porém os factos de observação que elle aponta, e que me parecem dignos de nota. Diz elle em

---

Paris 1885, p. 398, os n.os 14, 15 e 16. A moeda de que estou tratando, foi considerada por Du Mersan como cunhada em Sagunto (vid. *Rev. Numism.*, loc. cit.), em virtude de pertencerem a esta cidade symbolos que figurão na moeda; D. Antonio Delgado, fundando-se porém em que, se o caduceu é proprio de Sagunto, a palma foi usada nas moedas de Segobriga, considera-a como moeda de «omonoia» (alliança) entre os dois municipios (*Nuevo método*, p. 357). Não tem raridade, e eu tenho visto bastantes em diversas collecções.

Ainda que uma moeda não basta, só por si, para determinar historicamente uma estação archeologica, porque ella póde ter sido levada para ahi por diversas causas, julgo conveniente archivar o facto. Em todo o caso não ha contradicção nenhuma entre ser Liceia de origem neolithica, e apparecerem nos arredores vestigios de influencia romana. — Estes são abundantes em Cascaes: Paula e Oliveira, *Communicações*, II, 85 sqq.

Para concluir esta nota, desejo ainda dizer o seguinte. C. Ribeiro falla no *Moinho da Moira;* apesar de eu perguntar a muitas pessoas onde ficava este moinho, ninguem m'o soube dizer, antes todos me indicárão como chamando-se *Moinho do Pires* o moinho que aquelle A. figura na planta que acompanha a obra como *Moinho da Moira.* — Confirmo o que digo a cima, p. 49, nota 3, á cêrca da construcção rectangular a que C. Ribeiro attribue tambem origem prehistorica; tal construcção no estado actual não tem nenhum aspecto d'isso. — Nas abas do outeiro do Castello encôntrão-se muitos pedaços naturaes de basalto, do tamanho pouco mais ou menos de machados; com pouco desbaste pedaços semelhantes podião ter sido aproveitados pelo homem neolithico para a sua ferramenta. — Não longe de Liceia, na estrada de Barcarena a Caxias, ha um logarzinho chamado *A Moira,* no qual correm, como é vulgar, lendas de moiras.

(Nesta digressão a Liceia acompanhou-me o meu amigo sr. Antonio Maria de Oliveira Bello, junior).

relação ás antas e antellas, e por tanto tambem ás mamôas [1]: «Que estes monumentos eram a ultima morada dos constructores dos castros..... não soffre contestação possivel. Prova-o a posição das antas e das antellas nas proximidades dos castros, ás vezes dentro das suas ultimas linhas de circumvallação; a identidade de gravuras nas lages dos castros e nas que ficam proximas das mamôas, ás vezes, como as *covinhas* (fossettes), nas pedras das antas e antellas; a perfeita semelhança dos machados de pedra, achados nos castros e nas mamôas, etc. Não será inutil dizer que as antas e antellas apparecem a par umas das outras» [2]. Os castros em que o sr. Sarmento tem encontrado armas de pedra são por exemplo: Sabroso, Citania, Monte da Senhora e Castêllo [3]. — Baseado no achado de instrumentos de pedra em Sabroso, escreve tambem o sr. Cartailhac: «Les haches en pierre, les silex taillés que l'on a pu découvrir dans le territoire de Sabroso, prouvent que dès l'âge de la pierre polie la colline fut un lieu d'occupation» [4]. — Pela minha parte tambem tenho encontrado em antas do Alemtejo *covinhas* analogas ás que tenho visto em castros da Beira, mas castros que manifestão já civilização romana. — A par de instrumentos neolithicos, Sabroso revelou joias de bronze e pedaços de ferro oxy-

[1] As mamôas cobrem as antas e antellas. Cfr. F. Martins Sarmento: in *O Pantheon*, 1880, p. 2; in *Revista Scientifica* (do Atheneo do Porto), 1885, p. 80, nota *a*; *Os Argonautas*, 1887, p. 246, nota 3; in *Revista de Guimarães*, v, 112 e 113.

[2] *Os Argonautas*, p. 248 e nota 8.

[3] Vid. o seu artigo *A proposito de castros*, in *O Panorama contemporaneo*, 1883, p. 26.

[4] *Les âges préhist., etc.*, p. 274. — Nem todos os machados são de trabalho apurado: «il en est de très grossières en schiste dioritique; une seule est en roche verte. Elles ne sont pas trop rares (neuf): elles sont associées à quelques silex parmi lesquels on remarque des lames retouchées sur les bords, un grattoir ordinaire, une pointe triangulaire. Cela suffit, je crois, pour admettre, comme je le disais, que Sabroso fut d'abord une station néolithique». Id., *ib.*, p. 274.

dado [1], embora tudo pre-romano. — A origem do *Castro de Avellãs*, em Tras-os-Montes, apesar dos seus elementos luso-romanos, talvez possa reportar-se aos tempos prehistoricos, «parecendo ser a epocha do bronze aquella a que, com melhor fundamento, deva attribuir-se esta construcção» [2]. — No castro de Medeiros, situado ao pé de Montalegre, tambem appareceêrão dois machados de bronze, possuidos hoje pelo Museu anthropologico da Commissão Geologica de Portugal [3].

Nos castros gallegos que são iguaes aos nossos [4], e se áchão descritos num bem elaborado trabalho de Villa-Amil y Castro, encôntrão-se objectos de differentes epochas, e entre elles neolithicos, de bronze, ceramica com caracteres archaicos (pre-romanos), etc. [5] — Como eu disse acima, as mamôas, em gallego chamadas *mámoas, madorras* e *modorras,* abundão na Galliza. Já em 1838 o escriptor Verea y Aguiar, na sua *Historia de Galicia,* considerava as *mámoas* coetaneas dos castros [6]; Villa-Amil não se decide á cêrca da data d'ellas, mas não lhe repugna considerá-las como de tempos verdadeiramente prehistoricos [7].

No SE. da Hespanha descrevêrão os srs. H. & L. Siret, na sua monumental obra *Les premiers âges du métal,* uma serie de estações que, a julgar da descripção que aquelles AA. fazem, tem a mais estreita analogia com os

---

[1] Vid. F. Martins Sarmento, in *Renascença,* 1879, p. 120; cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* p. 273 sqq.

[2] Nery Delgado, *Reconhecimento scientifico de Santo Adrião etc.,* p. 10. O A. baseia-se, como diz, nas observações de Paula e Oliveira. — Sobre Castro d'Avellãs (que eu tambem conheço *de visu,* pois estive lá em 1884), ha já uma pequena litteratura, que adeante, na Parte II d'este livro, indicarei.

[3] Nery Delgado, *Reconhecimento scient. de Santo Adrião etc.,* p. 10.

[4] Cfr. F. Martins Sarmento, in *O Panorama contemporaneo,* 1883, p. 11.

[5] Vid. *Museo de antigüedades españolas,* vol. VII (1876). 230–235.

[6] Apud *Museo de antigüedades españolas,* vol. VII, 227.

[7] Vid. *Museo de antigüedades españolas,* VII, 230 (cf. 228–230).

nossos castros [1]. Chamo para este ponto a attenção dos archeologos. Taes monumentos do SE. da Hespanha consistem, como cá, em eminencias fortificadas já pela natureza, com fossos constituidos por gargantas de montes, já por meio de muros de pedra, e ás vezes situadas junto de rios. Nestas eminencias descobrirão-se ruinas de casas, frequentemente destruidas por incendio, e todo um museu prehistorico, composto de objectos de pedra polida, de osso, de cobre, de bronze, de prata, de ouro, vasos de barro, pesos, ossadas humanas, restos de vestuario, etc., etc.; descobrirão-se tambem sepulturas de muita especie, — *cists* (i. é., as nossas *antellas*), grutas, grandes vasilhas. Uma das collinas fortificadas, a que os AA. dão o nome de Fuente Vermeja, tem mesmo o significativo nome popular de *El Castellin* [2], evidente deminutivo de castellum, correspondente ao português *Castellinho*, que é tambem denominação de locaes nossos [3]. — Os monumentos do SE. da Hespanha são pelos srs. H. & L. Siret classificados em duas epochas: *epocha de transição da pedra para os metaes*, e *epocha dos metaes*. — Eis pois aqui nestes monumentos um forte argumento para fazer remontar aos tempos prehistoricos os castros portugueses. Já tambem não póde o sr. Cartailhac dizer que «rien de semblable aux citanias [4] n'a été jusqu'ici découvert en Espagne» [5].

---

[1] Elles mesmos comparão com a nossa Liceia as construcções defensivas prehistoricas do SE. da Hespanha: *Les premiers âges du métal*, p. 240.

[2] *Ob. cit.*, p. 71. — É sem motivo que os AA. deixão de adòtar na sua descripção este nome de *El Castellin*.

[3] Perto de Terena, no Alemtejo, ha um outeiro chamado *Castello Velho*, onde estive, e que é um castro bem caracterizado; a alguma distancia d'elle ha outro outeiro denominado *Castellinho*, aonde ainda não pude ir, mas que me dizem estar nas mesmas condições do primeiro.

[4] A palavra *citania* significa pouco mais ou menos o mesmo que *castro*.

[5] Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 294.

Escolher as alturas dos outeiros e dos montes para habitação, e ás vezes mesmo para praça fortificada, ou ainda para séde de cerimonias religiosas, é cousa muito natural.

A França offerece bastantes estações que sem dúvida se podem fazer remontar á idade da pedra[1]. O Peu-Richard, «situé sur un mamelon aux pentes très douces», ladeado de fossos, e contendo no seu interior unicamente objectos pertencentes á civilização da idade da pedra, taes como instrumentos de silex e de osso, fragmentos de ceramica ornamentada, mas trabalhada á mão, etc.[2], tem sua semelhança com a nossa Liceia. — Na Aquitania ha monumentos parecidos com os castros portugueses, quer na fórma e situação, quer nos objectos que ministrão; parecem de origem pre-romana, mas achão-se romanizados. O mais curioso que aqui tenho de notar a respeito d'elles, é o nome *castéra,* que elles tem[3]. — Analogamente ao que succede nos castros portugueses, tem-se extrahido de estações archaicas da França machados prehistoricos a par de barros gauleses e de restos romanos[4].

E não levo agora mais longe a comparação. Vemos que ha motivos para attribuir de modo geral aos nossos castros uma remota origem, nos tempos prehistoricos. Sem embargo, se exceptuarmos Liceia, todos os que por ora estão reconhecidos recebêrão o influxo de civilizações posteriores á neolithica: é pois para outras secções d'este livro que reservo o que sobre elles me falta ainda dizer.

O homem neolithico não devia só viver em castros e em grutas. Ha muitas regiões onde o solo não offerece

---

[1] Cartailhac, *La France préhistorique,* Paris 1889, p. 131.

[2] Id., *ib.,* p. 131-132. Nesse livro dão-se noticias de outras estações prehistoricas da Gallia. Parece, porém, que nas mais antigas não se achão condições de defesa, podendo talvez algumas ter sido locaes de religião. Vid. id., *ib.,* p. 131 sqq.

[3] Vid. *Une sépulture des anciens troglodytes des Pyrénées,* por Lartet & Dupare, Paris 1874, p. 17-19.

[4] Cfr. *L'Anthropologie* (revista), III, 226.

relevos orographicos nem aberturas, e onde comtudo os vestigios humanos d'esse tempo são claros. Os rios que fertilizão os campos e crião peixes, as pedreiras de silex que encerrão materia prima preciosa para o trabalho, os bosques com fructos e caça, etc., etc., erão outros tantos attractivos para os nossos antepassados se fixarem em locaes determinados. Precisar todos esses locaes constitue porém tarefa que aqui me não posso impor.

*

Já dos tempos neolithicos se conhecem noutros paises (Suissa, Belgica, etc.) certas estações denominadas *lacustres*, porque as casas erão construidas sobre estacas dentro de lagos. Este genero de habitações nada tem de estranho, pois não só os auctores classicos [1] se referem a ellas, mas estão em vigor ainda actualmente em povos da Africa, da America, etc., e no nosso proprio país (na classe dos pescadores) [2].

Habitações lacustres prehistoricas é que por ora não forão descobertas em Portugal: corre apenas uma lenda, que, por nada ter de especial ao nosso país, e se não apoiar em factos de observação, nos não serve de prova [3].

A respeito de lagos da Galliza contão-se lendas que se parecem com outras que tambem tem parallelos em Portugal, nas lagoas da Serra da Estrella. Villa-Amil y Castro menciona essas tradições gallegas, e funda-se nellas para deduzir a existencia de povoações lacustres naquelle nosso vizinho país [4]; não cita porém factos de observação propria, para que se possa acceitar plenamente a sua theoria.

---

[1] Por exemplo Herodoto (V. xvii).

[2] No meu *Portugal prehistorico*, p. 60, juntei a este proposito alguma bibliographia portuguesa.

[3] *Ib.*, *ib.*

[4] *Antig. prehist. y célt. de Galicia*, parte I, Lugo 1873, p. 66 sqq.

Ha em Portugal, proximo da foz do Mondego, defronte da Figueira da Foz, uma curiosa povoação, chamada Cova de Lavos, que póde dar ideia do systema das estações lacustres. Eu estive lá em 1890, e fallo pois *de visu*. As casas são inteiramente de madeira e a sentão tambem em estacas, mas, em vez de estarem situadas na agoa, estão situadas na areia, pois toda aquella zona é um vasto, sêcco e esteril areal. Estas casas chamão-se *palheiros*. A povoação tem bastantes. Junto mesmo da Figueira da Foz ha alguns á beira-mar, e d'esta especie de casas tira certamente o nome a *Praia de Palheiros*, que fica num arrabalde da cidade.

A occupação do homem nos tempos neolithicos póde em parte inferir-se das reliquias da sua indústria, e dos ossos dos animaes seus companheiros.

Alem da vida guerreira, que se deduz do variadissimo arsenal que esses tempos remotos nos legárão, o homem tinha tambem vida industrial e artistica: era armeiro, oleiro, gravador, esculptor, pedreiro..., e em cada uma d'estas classes devia ainda haver outras subalternas. Como notavel officina do silex posso citar a gruta do tunnel do Rocio[1]; officinas existião tambem, ao que parece, na Figueira da Foz[2], em Bellas[3], na Furninha[3], e em Alcobaça[3], etc.[4]. Em muitos objectos, como na ornamentação dos vasos e certo feitio d'estes, no apuro de varios instrumentos (ao que acima me referi), na escolha das rochas, etc., havia já taes ou quaes preoccupações estheticas, e não se attendia unicamente á utilidade prática.

---

[1] Vid. supra, p. 47.

[2] Santos Rocha. *Antiguidades da Figueira*, II. 75 e 76.

[3] Vid. supra, respectivamente, p. 39, 40 e 41.

[4] O sr. Nery Delgado informa-me que tem visto em muitos pontos accumulações de lascas de silex, que certamente representão officinas de instrumentos prehistoricos.

A julgar pelos restos de varios animaes, como o boi, o carneiro, parece que já se praticava a domesticidade d'estes; talvez já tambem se praticasse a agricultura, pelo menos em alguns pontos[1]. Noutros o homem viveria principalmente da caça e da pesca: com effeito, são muito numerosos os restos de coelho, mariscos, etc., encontrados em estações humanas, e que servião sem dúvida para alimentação d'elle.

Vê-se que o homem tinha já vida sedentaria, e sabía o que era a paz domestica. Mas em tudo devemos sempre estabelecer as cousas relativamente, pois ainda, em tempos de Estrabão, muitos povos das montanhas da Lusitania erão barbaros e vivião da rapinagem[2]; tambem pois nos tempos prehistoricos, apesar do atraso geral, devia de haver umas populações menos rudes que outras, o que aliás está em harmonia com os documentos ethnographicos: assim, na Furninha revela-se certa barbarie na ceramica, em muitos objectos de uso e nos desenhos, ao que póde ainda acaso juntar-se o cannibalismo[3] e o cos-

---

[1] «Parece-nos poder affirmar que os homens do fim da epocha da pedra polida, que dominavão no nosso solo, e levantaram os dolmens dos districtos adjacentes a Lisboa, não só conheciam a arte de domesticar os animaes, como já fazião uso da alimentação vegetal e principalmente de fructos, o que mais tarde mostraremos quando se descrevam aquelles dolmens, algumas grutas, e as estações prehistoricas de Palmella». C. Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, I, 67.— Carlos Ribeiro não chegou a publicar a descripção de Palmella, apenas publicou no vol. II dos *Estudos prehistoricos* a dos monumentos megalithicos dos arredores de Lisboa.—O sr. Santos Rocha interpreta como triturador para moer cereaes e fabricar farinha um objecto de pedra arredondado que encontrou nas suas explorações (*Antiguidades da Figueira*, II, 55 e 56), objecto analogo ao que o sr. Mortillet descreve no *Musée préhistorique*, n.os 589 e 590.

[2] *Geographia*, III, III, 5 e 8.

[3] Baseando-se no estudo do estado physico e da proporção dos ossos humanos desenterrados da gruta da Furninha, o sr. Delgado pronuncia-se pelo cannibalismo dos povos neolithicos portugueses: vid. *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 215, etc. Esta ques-

tume de habitar as grutas; em Palmella, pelo contrário, a que tem de se aggregar Cascaes [1], — já encontramos uma arte de ceramica e de desenho mais adeantada.

A vida sedentaria do homem neolithico deduz-se ainda do habito de construir grandes monumentos funebres. Um povo errante e vagabundo, que não amasse os seus mortos, que não gostasse de os ter junto de si, para os honrar, para se lembrar d'elles com saudade, não despenderia tanto trabalho e não gastaria tanto cabedal, como foi necessario para a feitura dos monumentos neolithicos [2].

---

tão foi muito debatida no Congresso: pronunciando-se uns congressistas pró, outros contra: *ibid.*, p. 266 sqq. — O sr. Schaaffhausen, que defende o cannibalismo (*Compte-rendu*, p. 269), cita em apoio das suas ideias uma passagem de Estrabão (*Geog.*, liv. IV, c. v, § 4) em que este A. falla do cannibalismo dos Iberos: mas tal texto pouco prova, pois o cannibalismo iberico de que falla Estrabão não é dado como um costume dos antigos habitantes da peninsula iberica, mas sim como um mero accidente por occasião de fomes em cêrcos. O sr. Mortillet, que combate o cannibalismo, affirma peremptoriamente: «Nul animal ne dévore l'animal de son espèce si ce n'est pas pressé par la faim» (*Compte-rendu*, p. 269); mas tal affirmação é gratuita: vid. em relação ao homem os factos citados por Schaaffhausen, *ib.*, e por Adolpho Coelho, in *Sciencias historicas em Portugal* (extr. da *Renascença*, fasc. v–vii), p. 11 sqq. — Como me faltão dados novos com que possa entrar nesta questão, não me atrevo, deante de tão variados pareceres, a emittir o meu; todavia direi que os factos invocados pelo sr. Nery Delgado, que iniciou entre nós estes debates, me parecem importantes, e que não forão meudamente refutados; que o cannibalismo (com os sacrificios humanos: cfr. tambem Réville, *Prolégomènes de l'histoire des religions*, 4.ª ed., p. 184 sqq.) é um costume que se encontra em diversissimas partes; e que elle nem sempre depõe contra a moralidade dos povos primitivos, pois que a anthropophagia tem diversas causas: por isso, se me faltão elementos para o acceitar abertamente, os mesmos me faltão para o regeitar *in limine*.

[1] Vid. a descripção das cavernas de Cascaes em Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 104 sqq.; e a descripção das grutas de Palmella, *ibidem*, p. 118 sqq. Carlos Ribeiro considera estas duas estações como contemporaneas: *Estudos prehistoricos*, II, 19.

[2] Cfr. tambem dr. Santos Rocha, *Antiguidades da Figueira*, I, 32.

Se pela anályse dos restos industriaes, etc., é facil esboçar a vida, por assim dizer, caseira do homem primitivo, já não é tão facil traçar um quadro das instituições sociaes, pelo menos de todas.

Das proprias sepulturas, dos proprios objectos domesticos, uns imperfeitos, outros com mais apuro, conhece-se sem custo que havia ricos e pobres, humildes e poderosos, o que, de mais a mais, era natural. Mas, qual a organização, qual o govêrno?

Que existião povoados não deve haver grande dúvida; já a cima fallei dos castros. As antas, que em alguns pontos, por exemplo no Alto-Minho, em Castello de Vide, no concelho de Avis e nos arredores de Evora, estão agrupadas, formando como que extensos cemiterios, de tumulos grandiosos e de difficillima construcção, embora barbaros e rudes, levão tambem, pelo seu lado, a admittir que os homens que as levantárão vivião perto d'ellas, e mais ou menos juntos entre si, em certa communidade.

Muitas antas podião não só ser communs a certas familias, mas mesmo a classes mais geraes: é assim que nas de Montabrão se achárão vestigios de uns oitenta individuos[1]; mas este facto indicará tambem ou inhumações successivas através dos tempos, ou que taes antas erão simples ossuarios.

Não sabemos as relações em que nos tempos prehistoricos estavão entre si todas as populações do nosso país: a julgar do que succede nos selvagens, do que os variados aspectos da civilização neolithica e variadas raças nos revelão, e do que os AA. antigos nos dizem á cêrca dos tempos protohistoricos da Lusitania, não será aventuroso suppôr que não havia unidade, mas que todas essas populações

[1] C. Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, n. 59. — Sobre a Figueira da Foz, cfr. Santos Rocha, *Antiguidades prehistoricas*, 1, 39.

constituirião tribus, ora em guerra entre si, ora acaso ás vezes federadas, e de certo uma ou outra vez em boas relações commerciaes[1]. Muitos dos povos protohistoricos que os AA. classicos mencionão na Lusitania com nomes especiaes devem ainda em parte corresponder ás tribus primitivas.

Sobre as fórmas de govêrno pairão tambem sombras: é provavel que essas tribus fossem, pelo menos ás vezes, governadas por chefes ou regulos, como em muitos povos

---

[1] Cfr. supra, p. 39.

As placas de schisto, são um exemplo frisante das relações commerciaes, federativas ou ethnicas das populações prehistoricas de uma boa parte do nosso país, pois, apparecendo numa zona, que, segundo as investigações feitas até hoje, se estende da Beira maritima até o Algarve, revelão sem dúvida uma origem commum, na sua fórma, nos seus desenhos, etc.

Com o titulo de *Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de pierre trouvés en Portugal* publicou o sr. prof. Bensaude um artigo in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, de 1880, artigo que, a este respeito das relações sociaes, dá interessantes elementos, porque o A., a proposito da natureza das rochas de que são feitos certos instrumentos prehistoricos nossos, busca saber a proveniencia d'ellas. Comquanto nem sempre pudesse chegar a um resultado inconcusso, ainda assim o A. indica a serra de Cintra como um ponto que podia ter ministrado rochas para instrumentos achados nas estações prehistoricas de Cascaes, Porto-Covo, Liceia, Palmella, Monte-Junto, Carvalhal, Columbeira, Nisa, Cezareda e Bellas; o Norte do país talvez désse tambem rochas para Cascaes; a amphibolite, substancia de que são feitos numerosos instrumentos pertencentes á Estremadura, encontra-se em Bragança e em muitos pontos do Alemtejo. A ribeirite, variedade de callaite, de que são feitas muitas contas de collar, não tem jazigo conhecido em Portugal, nem no país vizinho, parecendo ter vindo de longe: cfr. tambem Cazalis de Fondouce, in *Compte-rendu* de Lisboa, p. 314 sqq.

Já Carlos Ribeiro, baseado em várias considerações, como por exemplo a qualidade de algumas substancias siliciosas importadas de outras regiões, havia igualmente apresentado a hypothese de «que os homens de Liceia tiverão relações com os seus contemporaneos da Europa occidental e meridional, quando mais não fosse, por intermedio das tribus nomadas ou traficantes»: *Estudos prehistoricos*, I, 67.

atrasados succede, e que já houvesse classes com certo predominio social, a julgar das condições em que forão achadas diversas sepulturas [1].

As differenças que encontramos na ethnographia encontramo-las tambem nas raças, não querendo eu porém dar ás deducções da anthropologia prehistorica mais valor do que o que ella realmente tem com o seu actual caracter provisorio.

No periodo dos kjoekkenmoeddings, que é o mais antigo de que temos noticias anthropologicas certas, havia no nosso solo, como mostrei, raças cujas fórmas cranianas erão as seguintes: brachycephalica, sub-brachycephalica e dolichocephalica, representando esta a «raça de Mugem».

No periodo neolithico [2] encôntrão-se representadas as fórmas brachycephalicas e dolichocephalicas, sendo as ultimas as mais frequentes [3]. Ha alem d'isso fórmas mixtas de brachycephalia e dolicocephalia.

Porém, tanto os cranios brachycephalicos como os dolichocephalicos não se apresentão neste periodo exactamente iguaes aos dos do periodo dos kjoekkenmoeddings: offerecem differenças, com especialidade os dolichocephalicos.

Estes ultimos comprehendem dois typos principaes: um, que appareceu numa anta de Nisa, na Casa da Moura, nas cavernas de Monte-Junto, em Alcobertas, talvez tambem nas Folhas das Barradas, etc., e se assemelha á maioria

[1] Cfr. Santos Rocha, *Antiguidades da Figueira*, II, 87.

[2] Sobre o que vou dizer dos caracteres physicos e da distribuição geographica das nossas raças neolithicas vid. principalmente os dois trabalhos de Paula e Oliveira publicados no *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 291 sqq., e nas *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos*, II, 1 sqq.

[3] *Compte-rendu* de Lisboa, p. 300.

dos typos de Mugem, só tendo maior volume, prognathismo menos accentuado e menor desenvolvimento das fossas supraciliares; outro, que appareceu em Cascaes, estabelece como que uma transição do typo antecedente e do de Mugem para o de Cro-Magnon[1].

A fórma brachycephalica de Mugem appareceu mais ou menos pura nas grutas do Carvalhal, na Casa da Moura e em Liceia[2].

As fórmas mixtas (brachy- e dolichocephalia) observárão-se na Casa da Moura, no Monte-Junto e em Palmella[3].

As dimensões dos ossos longos neolithicos são em geral mais consideraveis que as dos ossos longos do Cabeço da Arruda: «assim, no intervallo decorrido entre a epocha dos kjoekkenmoeddings e a idade neolithica, a estatura augmentou, do mesmo modo que o volume dos crania»[4]. Com quanto os caracteres descriptivos dos ossos longos de Mugem se encontrem nos ossos longos neolithicos, ha nestes algumas differenças secundarias que correspondem ás differenças de dimensões acabadas de mencionar: «a platycnemia das tibias parece attenuar-se um pouco, e os humeros perfurados tornão-se menos numerosos»[5].

Assim, em resumo, nota-se: em primeiro logar, que as raças antigas, i. e., as dos kjoekkenmoeddings, se modificárão mais ou menos, em virtude quer de influencias mesologicas, quer de cruzamentos reciprocos, quer talvez da mistura de raças novas; em segundo logar, que as raças neolithicas se estendem, ora sós, ora a par, por variados pontos do nosso país, o que póde explicar algumas das coincidencias de civilização que, no meio das differenças, assignalei acima.

---

[1] *Communicações*, II, 10 e 11.

[2] *Ib., ib.*, 11.

[3] *Ib., ib., ib.*

[4] *Ib., ib., ib.* — Cfr. tambem Nery Delgado in *Compte-rendu*, p. 222.

[5] *Ib., ib., ib.*

Em virtude do primeiro facto, temos em Portugal, no periodo neolithico, pelo menos quatro grupos ethnicos:

1) «raça de Mugem» modificada;
2) typo dolichocephalico intermédio, de Cascaes;
3) typo brachycephalico, de Mugem;
4) typo mixto (brachy-, dolichocephalico).

Em virtude do segundo facto, não só um e o mesmo typo apparece, por exemplo, na Casa da Moura, em Nisa, no Monte-Junto, etc., mas ha na mesma estação, por exemplo na Casa da Moura, typos differentes.

Pena é que os estudos de anthropologia prehistorica, por ora publicados, se limitem quasi unicamente á Estremadura. Ha uma excepção a respeito de Nisa, de que fallei a cima. A respeito das grutas de Tras-os-Montes publicou o sr. Nery Delgado uma observação, segundo a qual nos tempos neolithicos «uma população apresentando bastantes caracteres anthropologicos communs, se extendia desde a região central até o extremo septentrional do nosso paiz»[1]. Á cêrca da Figueira da Foz tambem o sr. Santos Rocha faz algumas considerações, que, porém, como elle proprio confessa, se baseião em dados muito circumscriptos[2]. Duas cabeças osseas e um cranio achados no Algarve, e pertencentes, segundo as informações que tenho, aos tempos neolithicos, offerecem os seguintes typos: mesaticephalico, mesorrhinico (Broca); sub-dolichocephalico (Hamy); sub-brachycephalico, mesorrhinico (Broca)[3].

Uma das raças quaternarias da Europa melhor estudadas é a de Cro-Magnon (cranio dolichocephalico), que se estendia pela França, Belgica, Hespanha, Italia, Marrocos, Algeria e Canarias, e que ainda no periodo do bronze tem representantes na Andaluzia. D'onde partiu ella? Tem

---

[1] *Reconhecimento scientifico dos jazigos de Santo Adrião*, p. 9; e *Compte-rendu* de Paris, 1891.

[2] *Antiguidades da Figueira*, I, 32.

[3] Ao sr. dr. Ferraz de Macedo, que fez o estudo craniometrico d'estas tres peças algarvias, devo o que d'ellas digo no texto.

sido invocados factos a favor da sua emigração do Norte para o Sul[1]. Nas ossadas prehistoricas de Portugal encôntrão-se, como vimos, elementos communs á raça de Cro-Magnon; mas, segundo as observações de Quatrefages, o nosso typo dolichocephalico prehistorico é absolutamente distincto do de Cro-Magnon[2], e pertence a uma raça nova, a «raça de Mugem»[3].

Tem-se comparado as raças prehistoricas portuguesas com raças de fóra: Quatrefages aproxima de certos typos bascos alguns typos nossos[4]; Paula e Oliveira tambem compara varios cranios de cá com cranios escoceses e irlandeses[5]; V. Jacques suppõe identica a «raça de Mugem» a um dos typos mestiços de Argar (Hespanha)[6].

Ainda que das semelhanças osteologicas nem sempre se deva concluir, só por si, parentesco ethnico, pois modos de vida analogos podem originar productos anthropologicos tambem analogos, as comparações tem sempre utilidade.

São todos estes humildes povos, — os neolithicos e os dos dois periodos antecedentes —, os nossos mais antigos avós. D'elles provimos physica ou moralmente. Humildes, digo, mas nem por isso menos dignos de que lhes tributemos a glória eterna, pois na sua humildade forão heroes, forão os precursores da civilização de que gozamos. E por isso se póde exclamar com Vergilio:

> Qui juvenes! quantas ostentant, aspice, vires!
> Atque umbrata gerunt civili tempora quercu.

---

[1] Vid. Verneau, in *Revue Scientifique* de 21 de Julho de 1888. — Para o conhecimento da bibliographia do assumpto consulte-se S. Reinach, *Antiquités nationales*, I, 188 e 189. — Vid. ainda *Compte-rendu* do Congresso de 1889 (París), p. 456–458.

[2] In *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 304.

[3] Vid. a prefação de Quatrefages a *Les âges préhistoriques* de Cartailhac, p. XXII.

[4] *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 305; prefação da obra de Cartailhac, p. XXII.

[5] In *Compte-rendu* de Lisboa, p. 301.

[6] In *Compte-rendu* de Paris, p. 455.

Antes d'elles virem, a solidão envolvia as terras, por onde sómente vagueava a *Hyaena spelaea,* o *Ursus spelaeus,* e outras feras.

Elles povoárão pela primeira vez o territorio em que nascemos; os seus castros roqueiros

— Hi imponent montibus arces —

derão origem ás nossas aldeias, ás nossas villas, ás nossas cidades: Cale, Aeminium, Collippo, Scallabis, Olisipo ... de certo constituirão primitivamente mesquinhos logarejos, entaliscados no coruto de outeiros:

Haec tum nomina erunt, nunc sunt sine nomine terrae [1].

*

Ainda que, dadas as condições de capacidade que o homem tem de progredir incessantemente, e de se aperfeiçoar, é sempre difficil, quando uma phase de civilização se apresenta superior a outra, dizer o que aquella tem de novo, devido a estranhos, e o que deve á evolução natural d'esta, — comtudo, tão manifesta differença e superiodade da nossa civilização neolithica a respeito da paleolithica não póde talvez explicar-se satisfatoriamente por unica e exclusiva evolução autochtonica da ultima; antes, pelo contrário, a comparação com o que se acha noutros paises leva a inferir que houve importação, o que de algum modo será apoiado pela anthropologia, com quanto, no estado actual da sciencia, nada de positivo se possa affirmar sobre as fontes e as circumstancias d'essa importação.

Sem embargo, a nova civilização, implantando-se na anterior, como se vê das raças mestiças, e adaptando-se ao *meio,* parece ter adquirido alguns caracteres seus.

---

[1] Verg., *Eneida,* VI, 771–776 (ed. de J. Moreira).

Diz Cartailhac: «ce qui caractérise l'âge néolithique du Portugal, tel qu'il nous est révélé par les sépultures, ce sont les pierres polies aiguisées en biseau, et qui par conséquent ont dû servir emmanchées à la manière des herminettes»[1]; segundo o mesmo A., este systema não se assemelha a nenhum dos outros que se conhecem nas de mais collecções prehistoricas da Europa, notando-se apenas paradigmas nas ferramentas dos selvagens da Oceania e da America do Norte[2].

De outro instrumento escreve ainda Cartailhac: «Une forme spéciale au Portugal..... c'est la gouge de petite taille, ronde, grosse à peine comme un de nos doigts, à gorge profonde»[3].

As placas de ardosia, etc., ornamentadas são muito frequentes nas nossas estações neolithicas, pelo menos no Sul, encontrando-se tambem na Beira maritima. Com quanto certa semelhança haja entre ellas e algumas que se conhecem do Novo-Mundo[4], todavia não se descobriu por ora noutros paises da Europa nada de exactamente igual a estas nossas; sómente o sr. Emilio Cartailhac achou nos Cevennes várias placas de ardosia «quelquefois percées d'un trou de suspension, d'ordinaire plus petites que celles de la Casa da Moura, jamais ornées et pourtant analogues à coup sûr avec celles-là»[5]. O serem desprovidas de ornatos essas placas francesas não impede que as compararemos com as nossas, pois nas antas que examinei no concelho de Avis encontrei-as tambem absolutamente sem ornamentação, embora com orificios como as ornamentadas[6]. O facto, porém, da ornamentação da quasi totalidade

---

[1] *Les âges préhistoriques*, p. 108.

[2] *Ib.*, p. 110.

[3] *Ib.*, p. 96.

[4] *Ib.*, p. 100 e 101; Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 298.

[5] Cartailhac, *ob. cit.*, p. 100.

[6] Cfr. ainda Santos Rocha, *Antiguidades da Figueira*, I, 16.

das placas portuguesas, e da sua abundancia, pois sei da existencia de muitas dezenas d'ellas, desde a Beira até o Algarve, já é por si mesmo um caracteristico.

Ainda a respeito de alguns pontos da propria Peninsula Iberica, Portugal offerece mais outras peculiaridades suas: «Le Portugal est une région essentiellement dolménique; il s'éloigne complètement du Sud-Est de l'Espagne sous ce rapport»[1]. Todavia tambem ha semelhança entre as reliquias industriaes d'essa região hespanhola e as de cá[2]; e, sem fallar da Galliza, com quem Portugal está em especialissimas relações ethnographicas, o nosso país, nos tempos neolithicos, tem com o resto da Peninsula, como com o resto da Europa, muitos pontos de civilização communs.

b) Epocha dos metaes

Á civilização da pedra succedeu a do metal.

A introducção do metal não se fez bruscamente, como brusca não foi quasi nunca nenhuma phase social: já na idade neolithica, quer em antas, quer em grutas, etc., se encôntrão muitas vezes, associados aos objectos de pedra, objectos metallicos. O facto comprehende-se perfeitamente. É uma civilização antiga que a pouco e pouco se apropria de productos novos que representão um progresso social.

De se achar porém metal nas estações neolithicas, nem sempre se deve concluir que elle é contemporaneo, pois numa anta de Bellas encontrou Carlos Ribeiro uma moeda portuguesa do anno de 1741[3]; o sr. Santos Rocha, em esta-

---

[1] H. & L. Siret, *Les premiers âges du métal*, p. 241. — Os AA. accrescentão: «nous ne trouvons pas en Lusitanie la belle civilisation de nos bourgades de Fuente-Alamo, l'Algar, etc.». Esta affirmação deve ser um pouco attenuada em vista das descobertas que Estacio da Veiga fez no Algarve.

[2] Cfr. H. & L. Siret, *ob. cit.*, p. 239 sqq.

[3] *Estudos prehistoricos*, II, 7.

ções neolithicas da Figueira da Foz, encontrou um dedal e outro objecto de uso moderno [1]; e eu mesmo, numa anta da Beira-Alta, encontrei fragmentos de louça actual [2]: ora, assim como tudo isto foi levado para os monumentos prehistoricos, na occasião em que estes se violárão, tambem para muitos podem ter sido levados, por motivo analogo, objectos da idade do bronze e do cobre, etc. É necessario, podendo ser, averiguar se cada estação em que estes apparecem está ainda intacta, e tambem a posição relativa das camadas terreas em que os diversos objectos se achão depositados.

Apesar das infiltrações successivas do metal em plena epocha neolithica, creio não poder negar-se a existencia d'esta última [3]. Não só ha muitas estações onde o metal se não tem encontrado [4], ou se tem encontrado em tão pe-

---

[1] *Antiguidades prehistoricas*, I, 15; cfr. p. 20.

[2] Estes exemplos podem multiplicar-se.

[3] «Non seulement il n'y a pas de solution de continuité apparente entre l'époque néolithique et celle qui la suit, mais il est de plus en plus difficile de tracer entre elles une ligne bien définie de démarcation, à tel point que *certains archéologues ont été jusqu'à nier, pour l'Europe du moins, l'existence d'un âge purement néolithique*» (S. Reinach, *Antiquités nationales*, p. 267). Sem embargo, Reinach não nega a existencia da civilização neolithica, antes a define e a caracteriza). — Em relação ao Minho, o sr. Martins Sarmento nega tambem a civilização neolithica, attribuindo as antas e antellas á civilização do bronze, e considerando os instrumentos de pedra, achados nellas, como objectos de um rito funerario conservado através de muitos seculos (vid. *Revista Scientifica*, do Atheneo do Porto, p. 77 sqq.; e *Revista de Guimarães*, v, 113).

[4] Nas explorações emprehendidas pelo sr. Santos Rocha no concelho da Figueira, as quaes se achão descritas em duas *Memorias*, não appareceu objecto algum fabricado de metal. Carlos Ribeiro, nas explorações de Liceia e Bellas, nenhum encontrou tambem: vid. os seus *Estudos prehistor.*, I e II. A *estação-tumulus* de Aljezur (Algarve) é, segundo Estacio da Veiga, uma estação «rigorosamente pertencente ao periodo neolithico», por «não se ter alli achado um unico artefacto metallico, quando ainda havia alguns planos intactos, conservando os objectos nas suas primitivas posições» (*Antig. do*

quena quantidade que não constitue caracteristico dominante[1], mas mesmo mal se comprehende que houvesse um salto brusco dos periodos extremamente selvagens da pedra lascada e dos kjoekkenmoeddings para a epocha já bastante florescente dos metaes, sem que as populações de cá, ou por si, ou pelo contacto com o resto da Europa, tivesssem conhecimento da arte de polir a pedra.

Se se disser que não houve civilização da pedra polida, e sómente civilização do bronze ou do cobre, sendo os instrumentos de pedra, que apparecem nos tumulos, meros objectos votivos ou de ritual, com caracter archaico e tradicional, tambem me parece que esse raciocinio se não póde acceitar por completo, alem de outras razões, por ter grande número d'esses objectos vestigios evidentes de se haver trabalhado com elles, e por outros apparecerem em locaes onde o homem vivia e se servia d'elles, i. é, nos castros, etc.

*

Quando se falla da epocha dos metaes surgem logo entre outras as seguintes questões: 1) o cobre dominou, ou não, anteriormente ao bronze? isto é, ha de admittir-se, ou

---

Algarve, I, 204: cfr. porém, vol. IV, 60 e 61). E no emtanto, todas estas estações neolithicas em que não apparecêrão objectos metallicos, manifestárão numeroso peculio ethnographico. Suppondo mesmo que alguns objectos metallicos houvesse primitivamente, e que se tivessem depois deteriorado por completo ou perdido, elles não poderão caracterizar uma phase metallica. Mas, seja o que fôr, um facto positivo que, pelo menos por ora, nos tem de servir de criterio é este: a ausencia absoluta de artefactos de metal em algumas estações.

[1] Por exemplo a Furninha e a Cezareda: vid. os trabalhos do sr. Nery Delgado. O unico objecto que o sr. Delgado achou na Cezareda foi uma frecha de cobre. A mim porém deu-me posteriormente um homem de Olho-Marinho um machado chato metallico achado no monte da Cezareda, em terreno perto da gruta, e disse-me ter achado mais uns onze que vendêra nas Caldas da Rainha a um fundidor, mas estes não os vi.

não, uma *idade do cobre* distincta da *do bronze?* 2) e o uso do cobre e do bronze, ou, pelo menos, do primeiro, é de origem indigena ou estranha?

Não me pertence discutir neste logar tão importantes questões; desejo apenas indicá-las, e dizer algumas poucas palavras sobre ellas.

A primeira questão foi já posta no Congresso de Lisboa em 1880[1]; o sr. Cartailhac refere-se tambem a ella no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*[2], não estando muito longe de admittir em Portugal, como na Hespanha, uma *idade do cobre,* que estabeleça transição da idade neolithica para a do bronze[3]; Estacio da Veiga retomou com calor a questão nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*[4], e, embora num estylo por vezes um pouco singular, e com muitas preoccupações de escola, reuniu a tal respeito bastantes e valiosos dados, em virtude dos quaes elle se pronuncia abertamente não só pela existencia de uma *idade de cobre,* mas pela origem peninsular do uso d'este.

Ambas as questões são muito difficeis de resolver. Da semelhança de fórmas artisticas em diversos paises não se deve sempre concluir positivamente que esses paises communicárão uns com os outros: o espirito humano, em circumstancias identicas entre si, póde em verdade ser levado, em regiões muito afastadas, a resultados iguaes, principalmente quando estes resultados são simples, são, por assim dizer, elementares, como succede com os machados chatos de cobre e com outros productos artisticos do mesmo metal e de bronze.

Era natural que o uso industrial do cobre precedesse o do bronze, por ser este uma liga de cobre e estanho, e sobretudo porque o cobre nativo seria primeiro conhecido

---

[1] *Compte-rendu,* p. 352 sqq.
[2] P. 197 sqq.
[3] *Ib.,* p. 211.
[4] Vol. III e IV.

que os processos metallurgicos que ensinárão a tirar o cobre das pyrites para o unir ao estanho.

Em Portugal ha muitos jazigos de cobre em todas as provincias, especialmente na do Alemtejo[1]; o museu mineralogico da Commissão dos trabalhos Geologicos de Lisboa tem, por exemplo, amostras de cobre nativo de Barrancos, Bogalho, Silves, Aljustrel e Palhal. Existem tambem muitas estações archeologicas, onde, a par da pedra, se encontra só cobre, e não bronze[2], o que parece levar a admittir que aquelle realmente precedeu este durante algum tempo. Por outro lado ainda, não só as primeiras manifestações do cobre consistem em objectos singelos ou de fórma mais ou menos analoga á dos objectos de pedra, mas tambem ha minas de cobre, não só em Portugal, mas em Hespanha, que forão exploradas em epochas muito remotas, pois nellas se encontrárão martellos de pedra[3].

---

[1] Este assumpto está tratado technicamente nas seguintes obras: *Estatistica mineira* (1882) por Neves Cabral, Lisboa 1886; *Catalogo descriptivo da secção de minas* da Exposição Industrial de Lisboa em 1888, coordenado por Severiano Monteiro e Augusto Barata, sob a direcção de Neves Cabral, Lisboa 1889. Estacio da Veiga, nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 19 sqq., tambem dá indicações numerosas.—Já Estrabão, *Geographia,* III, II, 8, celebra o cobre nativo da Turdetania. Cfr. tambem Plinio, *Nat. Histor.,* III, III, que falla da abundancia de cobre na Peninsula.

[2] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 128–130. (Refere-se ás estações archeologicas de Palmella, Oeiras, Cascaes e Cezareda). *Ibidem,* p. 131 sqq., onde descreve a rica estação algarvia de Alcalar, na qual appareceu *cobre* e não *bronze,* a par da pedra, do ouro, etc., considerando-a pois o A. como caracteristica da idade de transição do periodo neolithico para a epocha dos metaes. Cfr. tambem vol. IV, p. 41–51.

[3] Com relação a Portugal vid. Pereira da Costa, *Noticia de alguns martellos de pedra, e outros objectos, que foram descobertos em trabalhos antigos da mina de cobre de Ruy Gomes no Alemtejo,* Lisboa 1868 (com uma estampa).

Com relação á Hespanha, vid. a citada memória de Pereira da Costa, bem como *Les âges préhist.* de Cartailhac, p. 202 sqq., e H.

Por consequencia, não repugna acceitar a existencia de uma *idade do cobre*, nem, sabendo-se que importancia

---

& L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne*, p. 121, e Atlas correspondente, est. 23, n.º 48 (epocha metallica).

A respeito dos martellos de pedra, tão caracteristicos (pois são ovulares ou ellipsoidaes, com um sulco circular ao meio, para passar a correia que os prendia ao cabo), diz Cartailhac: «on les a signalés dans les anciennes mines de cuivre de presque tous les pays des deux hémisphères, et il semble que dans la plupart des cas ils précédèrent la connaissance du fer»: *ob. cit.*, p. 205.

Martellos analogos dos Estados-Unidos são figurados e descriptos in *Smithsonian Report*, 1888, p. 647 e 648, onde se diz tambem: «They are supposed to have been used in the mines»; cfr. est. xx e xxii.

Na mina de S. Estevão, no Algarve, onde ha vestigios de trabalhos pre-romanos, achou-se um, hoje depositado pelo seu possuidor o sr. Judice dos Santos no gabinete archeologico da Bibliotheca Nacional: a elle se refere Estacio da Veiga, *Antig. mon. do Alg.*, iv, 80, dando na est. ix, n.º 1, um imperfeito desenho. — Em Setembro de 1892, na quinta do Paulo (sitio da Moita, proximo de Avinhó, freg. de S. João da Fresta, conc. de Mangualde), num local onde apparece muita telha (mas onde, por mais que busquei, a não achei de rebordo), e mós de moinho de mão, encontrei eu no chão um martello de granito igual aos descritos. Mostrando-o a uma velha, que estava alli perto, esta me disse que tinha uns poucos, achados no mesmo sitio, os quaes lhe servião de pêsos; não me foi difficil adquiri-los, — e todos elles, em número de oito, estão hoje na minha collecção archeologica depositada no Museu da Commissão Geologica, em Lisboa. Nada vi no referido sítio que me pudesse dar precisamente uma indicação chronologica: apenas encontrei lá grossas lageas lisas rectangulares, sem inscripções e só com sulcos parallelos; informárão-me que erão de sepulturas, cujas ossadas havião desapparecido. Tambem me informárão que se tinhão achado cousas de metal «á moda de um iscôparo» (escopro), e outras com feitio de formão, etc. Serião machados de cobre ou bronze? Tudo isto se sumiu. Dizendo-se-me, porém, que num povoado proximo se conservavão alguns d'esses objectos, corri lá, mas só me mostrárão um pedaço de ferro ferrugento, cousa moderna, e sem valor. Junto da casa da quinta havia umas columnas cylindricas, lisas, de certo antigas; todavia ignoro a data. O que finalmente posso apurar de tudo isto é que no sitio da Moita houve uma estação archaica, provavelmente pre-romana. (Nesta excursão acompanhou-me o meu amigo o sr. dr. João Baptista de Castro, de Mangualde).

tinha a metallurgia na Iberia em tempos pre-romanos[1], a origem peninsular do uso d'este[2], com quanto eu diga isto com todas as reservas, pois a ideia podia ter vindo de fóra, e nada impede tambem que se admitta que a mesma descoberta se fizesse independentemente em várias partes, e que logo em seguida se entabolassem relações commerciaes ou ethnicas entre países em que os objectos de cobre se patenteião.

Se ás vezes é difficil estabelecer de modo absoluto differenças entre o periodo neolithico e o do cobre, não é menos difficil dizer igualmente quando começa o bronze. O proprio Estacio da Veiga, que talvez no destrinçar estes periodos foi um pouco decisivo de mais, confessa lealmente que os artefactos de bronze, não obstante, em certos casos, acharem-se isolados, se achão tambem «associados aos de cobre e ainda algumas vezes aos de pedra»[3].

Nenhuma dúvida ha que o bronze pudesse ter sido trabalhado na Peninsula, pois que existem cá minas de estanho[4];

---

[1] Ella é apregoada por varios AA. antigos, por ex.: Estrabão, III, II, 8, etc.

[2] Nas *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos de Portugal*, II, 119, publicou o sr. prof. Alfredo Bensaude uma *Notice sur quelques objets du Portugal fabriqués en cuivre*, na qual, como no trabalho analogo, citado acima, p. 63, applica a analyse chimica á resolução dos problemas archeologicos. Diz elle: «Il est permis d'affirmer, d'après ces analyses, qu'il y a une distinction à faire entre les objets de bronze et de cuivre» (p. 121). Depois de fallar da grande abundancia de cobre nativo no nosso país, e de se referir aos trabalhos mineiros realizados entre nós em tempos pre-romanos, chega á seguinte importante conclusão: «Je ne crois donc pas que l'on soit forcé d'admettre la nécessité d'une importation de cuivre à l'époque des métaux et je m'incline à croire qu'une bonne partie des objets en cuivre et en bronze ont pu être fabriqués avec le cuivre de la Péninsule» (p. 123).

[3] *Antiguidades monumentaes*, IV, 169.

[4] Já Estrabão falla das minas de estanho no país «dos barbaros acima da Lusitania», e entre os Artabros, no extremo NO. da Lusitania: *Geographia*, III, II, 9.

todavia tambem se não podem negar as intimas semelhanças que existem entre muitos objectos portugueses pertencentes quer ao periodo do cobre, quer já ao do bronze, e objectos de paises estranhos, — semelhanças que só satisfatoriamente se explicão por communicações directas, devidas quer a importação, quer a exportação. A semelhança entre varios productos artisticos de Portugal, Hespanha, Sudoeste da França e Sul das Ilhas Britannicas levou mesmo o sr. E. Cartailhac, em virtude de certas considerações que faz, a perguntar se haveria uma exportação de objectos de bronze da Iberia para aquell'outros paises [1].

Ás considerações theoricas que apresentei a cima, á cêrca da possibilidade da metallurgia prehistorica no nosso pais, juntarei agora factos positivos: «les grandes haches à talon trouvés en groupes, — *cachettes de fondeurs, trésors de marchands,* — sont souvent telles qu'elles sortaient du moule, avec leur culot, leurs bavures, et l'absence de tout mar-

---

Com relação á Hespanha vid. Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 206.

Com relação a Portugal, vid. as obras citadas acima, p. 74, nota 1. Temos regiões estanniferas em Tras-os-Montes (as principaes), no districto de Viseu (tambem importantes), no districto do Porto e na Serra da Estrella.

Sobre a fundição moderna do estanho vem no *Catalogo* da Secção de minas da Exposição Industrial de 1888 uma notícia curiosa, que, por poder dar ideia de usos primitivos, passo a transcrever: «Até á actualidade a lavra do estanho no país não tem sido productiva senão para os pesquisadores furtivos, principalmente gallegos, que atravessão a fronteira de Tras-os-Montes, excavão o solo aqui e alli, abrindo pequenas covas onde colhem o minerio de estanho, vão fundi-lo a um sitio distante, e, tendo obtido um número sufficiente de barras que lhe assegure um capital com que possão viver um anno, partem para a Hespanha a fazer a venda d'esse metal aos funileiros das aldeias, villas e cidades da Galliza e Castella-a-Velha» (*Catalogo* da Secção de minas da Exposição Industrial de 1888, p. 161).

[1] *Les âges préhistoriques*, p. 241. — Cfr. tambem *Compte-rendu* de Lisboa, p. 329, e H. & L. Siret, *Les permiers âges, etc.*, p. 265.

telage»[1]. Estes esconderijos de fundidores, ou thesouros de negociantes, tem apparecido ás vezes no nosso país: Cartailhac dá noticia de alguns[2], e depois d'elle o sr. Martins Sarmento[3]; cfr. tambem Estacio da Veiga[4]. Os que por ora estão indicados referem-se tanto ao Norte como ao Sul do país. Talvez os doze machados chatos (se é que não ha exaggêro no número) achados na Cezareda, a que a cima me referi[5], constituissem outro esconderijo ou thesouro. — O que porém cá se não tem por ora encontrado, que eu saiba, são fôrmas de fundição, que já se conhecem lá fóra.

*

As condições da existencia, depois da applicação dos metaes á indústria, melhorárão consideravelmente.

As nossas estações archeologicas offerecem-nos muitos objectos, ainda que não com a riqueza e variedade que se encôntrão noutros países.

Os objectos de cobre e bronze consistem principalmente em machados, enxós, lanças, espadas, etc. Muitos dos machados são singelos e reproduzem os moldes dos machados de pedra[6]. As lanças reproduzem ás vezes o feitio de folhas de arvores vulgares. Os objectos de cobre e bronze encôntrão-se em todas as provincias de Portugal.

---

[1] *Ib.*, p. 229; e vid. as est. 324 e 325, que representão instrumentos de bronze do castro de Medeiros, em Montalegre, de que fallei a p. 55.

[2] *Ib.*, p. 220 e 221.

[3] In *Revista de Guimarães*, v, 157–158.

[4] *Antig. monument.*, III, 130 (refere-se ao districto de Leiria).

[5] P. 72, nota 1.

[6] Cartailhac diz: «en Portugal, pas une seule des quarante haches en métal que j'ai vues n'a le tranchant en biseau oblique des herminettes en pierre si communes» (*Les âges prehistoriques*, p. 233); mas eu conheço, e até possuo, machados chatos de pedra, analogos a machados chatos de metal. — Cfr. tambem R. Severo, *Palæothnologia Portugueza*, 1888, p. 71 e 79.

Alem dos objectos de cobre e bronze temos tambem d'este tempo louças, e artefactos de osso.

Não só o homem não engeitou o que do periodo precedente lhe podia servir, como tambem não aproveitou apenas o cobre e o bronze para a vida prática: com effeito elle tentou desde muito cedo reunir o util ao agradavel: é assim que nos restão anneis, braceletes, etc. (se é que não tinhão ás vezes fins supersticiosos, ou outros), e muitos dos proprios instrumentos de uso são affeiçoados com gôsto; alem d'isso já havia, ao que parece, contas de vidro, e ás vezes o marfim, o ouro e a prata erão empregados como materia prima de objectos artisticos [1].

Com relação a usos funerarios praticava-se, como direi adeante, a inhumação e a incineração; em todo o caso teve-se sempre em conta o respeito pelos mortos. Um facto notavel neste particular é o depósito dos cadaveres em grandes vasilhas de barro [2].

Como centros de população, devemos, pelo menos, considerar alguns dos muitos castros que nos restão, tanto em Portugal como na Galliza, segundo já foi dito a cima [3], e que se parecem com os do SE. da Hespanha, e com outros de fóra da Peninsula. D'elles fallarei mais desenvolvidamente na Parte II d'esta obra.

Ao cobre e ao bronze succede o ferro como materia prima da indústria, o qual dá o nome tambem a um *periodo do ferro*.

---

[1] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, III, 210 sqq. e 225 (refere-se a Alcalar, que o A. considera como uma estação de transição da pedra para os metaes). Cfr. *ibidem*, IV, 59, 138 e 169, sobre os factos que o A. suppõe caracteristicos dos periodos do cobre e do bronze.

[2] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, VI, 74–75. Os srs. H. & L. Siret indicão no SE. da Hespanha factos analogos. Noutro ponto da presente obra tornarei a fallar d'isto.

[3] P. 48 sqq.

Mas a civilização d'este periodo confunde-se por tal modo com a dos TEMPOS PROTOHISTORICOS, a que já aliás a do *periodo do cobre* e a *do do bronze* em parte pertencem, que neste logar não me alongo mais á cêrca do que a proposito d'ella e da dos outros dois periodos poderia ainda dizer, e reservo-me tambem para fallar d'isto adeante, na Parte II.

RELIGIÕES PREHISTORICAS

Resumirei aqui, para mais clareza, o que fica exposto nas páginas precedentes.

Ao periodo paleolithico succede o dos kjoekkenmoeddings, em que ha factos que o ligão ao paleolithico, como a grosseria de certos instrumentos e a ausencia de ceramica authentica, outros que o prendem ao neolithico, como as laminas trapezoidaes de silice e certos instrumentos polidos; o periodo neolithico, em certos pontos, mal se distingue tambem do dos metaes, porque em plena civilização da pedra apparecem a pouco e pouco as primeiras manifestações metallicas, como industria nova.

Devemos conceber os povos do primeiro periodo como extremamente selvagens: pobre gente, alimentando-se de caça e de pesca, usando fracos instrumentos de madeira e de pedra para a lucta e para os usos domesticos, desconhecendo a louça, e habitando em grutas, á maneira das feras. O segundo periodo, ainda selvagem, revela já alguns fulgores de civilização: o homem tem, ao que parece, vida um tanto estavel, mora talvez em choças, conhece o lume, e possue varios instrumentos com certo apuro; todavia falta-lhe ainda o conhecimento da agricultura, falta-lhe a olaria, pelo menos a olaria digna d'este nome, e erão miseras e mesquinhas as condições da sua existencia.

O que possuimos do primeiro e segundo periodo não nos indica que as nossas populações se distinguissem de populações congeneres de outros paises senão na grande rudeza: nada ha no nosso país que se possa comparar, no periodo paleolithico, ao esplendor do periodo magdalenense em França; os proprios kjoekkenmoeddings de Mugem, no valle do Tejo, são inferiores, em certos casos, aos tão célebres da Dinamarca.

O periodo neolithico, pelo menos no seu começo, e em certas regiões, é ainda selvagem. O homem tem moradas humildes, e paramenta-se com collares de conchas e de contas grosseiras, como os povos atrasados. Mas o progresso é lei da humanidade, e por isso, e em virtude de novas ideias e talvez de novo sangue, este periodo avantaja-se em muito aos precedentes: apparece a olaria; os instrumentos de pedra são mais variados, havendo alguns perfeitissimos; inicia-se, segundo se crê, a agricultura; os mortos recebem consagração monumental e dispendiosa, embora rude; e para o fim do periodo vem pouco a pouco o metal a substituir a pedra, ministrando á industria novas applicações, e abrindo á intelligencia e á imaginação mais dilatado campo.

As populações do nosso país, nos tempos neolithicos, estavão, ao que parece, mais ou menos relacionadas entre si, no geral, pelo menos algumas: isto infere-se da identidade de certos productos artisticos, como, por exemplo, as placas de schisto, que apparecem numa larga zona; infere-se da existencia de centros industriaes, como, por exemplo, a serra de Cintra, que exportava artefactos para diversas partes; infere-se ainda, até certo ponto, do exame osteologico. Todavia não se póde dizer que todas essas populações constituissem uma nação unida, e politicamente definida, no sentido moderno: antes o contrário é mais provavel; nem se póde dizer que a civilização neolithica tivesse um desenvolvimento uniforme. Por um lado as particularidades geographicas, altas montanhas difficultando as communicações, e dando estabilidade á civilização dos habitadores

d'ellas e dos dos seus valles; rios, marcando limites, ainda que tambem estabelecendo ás vezes caminhos de commércio; aqui varzeas ferteis, alem aridos desertos, mais longe, em comprida faxa, o mar com seu clima e seus productos; — por outro lado as variedades anthropologicas, raça de Mugem, dolichocephalos de Cascaes, etc.: tudo isto, com outras circumstancias ainda, se não separa completamente as populações do país, imprime-lhes comtudo variedades, pois achamos, nuns sitios, como Palmella, em terreno rico, perto de rios navegaveis, uma arte ceramica muito desenvolvida, e o uso de grutas artificiaes; noutros sitios, como a Figueira, a pobreza da louça e o uso das mamoinhas.

Em todo o caso, na abundancia dos objectos, na variedade das suas fórmas, e usos, nas difficuldades do lavor de muitos, depara-se-nos uma gente activa, emprehendedora, intelligente, mesmo artista, buscando de continuo a melhoria de vida, e, o que é mais, apresentando por vezes um aspecto, que, tanto quanto se póde julgar, no estado actual da sciencia, contribuia para que, já em epochas tão remotas, e por isso mais primitivas, e de sua natureza mais uniformes, a OCCIDENTAL PRAIA LUSITANA offerecesse, em relação ao resto da Peninsula, taes ou quaes peculiaridades suas, que, no decorrer dos seculos, não fizerão senão ir-se successivamente accentuando até hoje.

Com o predominio dos metaes, a condição das sociedades primevas da Lusitania melhora ainda mais, e estas, continuando, com as outras sociedades ibericas, a revelar as suas aptidões para o trabalho, e abrindo, por meio das explorações mineiras e do cultivo do solo fecundo (o que tudo attrae á Peninsula povos longinquos), uma rendosa via de commércio, entabolando assim novas relações ethnicas, começão a entrar no que costuma commummente chamar-se *vida historica*.

Mas passarei já a occupar-me das religiões.

CAPITULO I

Religiosidade do homem paleolithico

Fallando do homem quaternario, e em especial do grande número de joias, ou objectos de ornato, que se encontrárão nas estações prehistoricas do periodo magdalenense (paleolithico), faz o sr. Gabriel de Mortillet no seu livro *Le Préhistorique,* Paris 1885, as seguintes categoricas affirmações:

a) «Ce qui frappe au milieu de toutes ces pendeloques, c'est de ne rien trouver qui ait une physionomie d'amulette» (Pag. 475);

b) «Les gravures et les sculptures, dans leur ensemble aussi bien que dans leurs détails, conduisent à la même conclusion, l'absence complète de religiosité» (*Ib.*);

c) «....les religions, toutes, quelles qu'elles soient, enfantent, comme objets d'art, des monstruosités, des anomalies, des non-sens....Eh bien, il n'y a pas trace de cette aberration d'esprit, de ce dévergondage d'imagination dans tout l'art de l'époque magdalénienne» (Pag. 476);

d) «La première résultante de toute idée religieuse est de faire craindre la mort, ou tout au moins les morts. Il en résulte que dès que les idées religieuses se font jour, les pratiques funéraires s'introduisent. Eh bien, il n'y a pas trace de pratiques funéraires dans tous les temps quaternaires» (Pag. 476).

D'isto conclue facilmente:

«L'homme quaternaire était donc complètement dépourvu du sentiment de la religiosité» (pag. 476).

A esta affirmação já me referi no meu *Elencho das lições de numismatica,* Lisboa 1889, I, 21; como porém ella em parte vae de encontro ao que tenho de dizer adeante, e como o livro do sr. Mortillet, graças ao brilho da fórma com que está escrito, e á universalidade da lingua francesa, é muito lido, retomo aqui a questão, desenvolvendo os fundamentos que tenho para a não acceitar nos termos precisos em que o illustre professor parisiense a formulou [1].

A) **Amuletos.** — Assevera o sr. Mortillet que não achou nada com physionomia de amuletos entre os objectos que pertencêrão á gente da epocha magdalenense. Não devia porém elle asseverar isto, por quatro motivos:

1.º — Porque nem todas as substancias de que o homem costuma fazer amuletos (e feitiços) são igualmente solidas e duradouras, podendo pois muitas ter-se destruido desde os tempos quaternarios até hoje. Assim na Chaldeia e na Assyria usava-se o barro [2]; no nosso povo um ramo de arruda livra de bruxarias [3], como um ramo bento livra da influencia do raio, e o sabugueiro, o alho, etc., afugentão os espiritos malignos [4]; no Alemtejo tenho visto amuletos de madeira. Embora algumas d'estas substancias resistam nuns casos, não resistem em todos.

2.º — Porque estamos muitas vezes na impossibilidade de, á vista de certos objectos, decidir se elles são ornatos, insignias, amuletos, etc. Os povos da Lunda átão no braço

---

[1] «Controversy is always a thing to be avoided, but, in this particular case, when a system opposed to the prevalent method has to be advocated, controversy is unavoidable». A. Lang, *Custom and Myth*, London 1885, pag. 9.

[2] Perrot & Chipiez, *Histoire de l'art*, II, 332.

[3] Cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 251-c.

[4] Vid. *ob. cit.*, § 248.

um fio com algumas contas grossas ou missangas, e tambem caroços, para afastarem maleficios [1]; se o sr. Mortillet encontrasse estas contas na epocha quaternaria, dizia igualmente que erão enfeites, e comtudo são amuletos! Ainda ha poucos dias comprei numa feira na Estremadura um furador e um gancho da meia, ambos de osso, e tendo um lavrada uma figa e outro uma mãozinha, com fins supersticiosos: ora eis ahi objectos de uso domestico, que ao mesmo tempo denuncião caracter religioso. Nas mesmas circumstancias estão, por exemplo, as cruzes de ouro que as mulheres trazem ao pescoço e os homens na corrente do relogio, as figas encastoadas, o annel da unha-da-grãbesta (de prata), etc., etc. Quem sabe tambem se os crystaes, os ossos gravados e as conchas que o sr. Mortillet descreve como pingentes quaternarios [2], entrarião em algumas d'aquellas categorias? Sobre as conchas invoco contra elle proprio outro trabalho seu, em que as considera como amuletos gauleses [3]: de maneira que num caso as conchas perfuradas da epocha magdalenense são joias; no outro, as conchas igualmente perfuradas dos tempos gauleses são amuletos! Não se vê quál fosse o criterio invocado pelo sr. Mortillet. Mas ha outra contradicção ainda mais flagrante no mesmo auctor. A pag. 396 sqq. de *Le Préhistorique* diz, em relação ao homem quaternario: «Les pendeloques les plus habituelles consistaient en dents percées à la racine», ideia que completa a pag. 475: «Toutes les pièces, percées pour être portées suspendues, s'expliquent et se justifient très bien comme bijoux». Affirma pois formalmente que os dentes com orificios são puros ornatos. Em relação ao homem da epocha robenhausenense (neolithica), em cujos mobiliarios achou dentes nas mesmas condições, escreve: «ces canines

---

[1] Major Henrique de Carvalho, *Ethnographia e historia tradicional dos povos da Lunda*, Lisboa 1890, pag. 357-358.

[2] *Ob. cit.*, pag. 397.

[3] Vid. *Amulettes gauloises et gallo-romaines*, Paris 1876, pag. 7 sqq.

étaient des trophées très glorieux ou plus probablement encore *des amulettes fort recherchées,* qui se portaient constamment et se léguaient religieusement [1]». E no citado opusculo *Amulettes gauloises et gallo-romaines* classifica, a pag. 7 sqq., sem ter dúvida alguma, como amuletos dos Gallos, varios dentes perfurados de cavallo, lobo, cão, porco e castor. Porque é que num caso julga os dentes de um modo, e no outro, em circumstancias semelhantes, os julga de modo tão diverso? — Na Escocia as crianças trazem coral ao pescoço, sem que aquelles que lh'os pendurão pensem já nas qualidades magicas e efficazes attribuidas ao coral por Dioscorides e Plinio [2]. No museu da Sociedade Archeologica do mesmo pais conservão-se grãos de ambar, que, segundo a crença popular, livravão da cegueira [3]. Nos nossos museus ha muitas placas de ardosia prehistoricas esculpidas, que, se podem ser meros ornatos e insignias, podem tambem ser objectos de religião [4]. Agora mesmo é difficil distinguir, ás vezes, um amuleto moderno de um enfeite, como por exemplo os cordões de coral; mas o sr. Mortillet quer encontrar, contra todas as regras da critica ethnographica, uma distincção nitida nos tempos prehistoricos. — A vida antiga estava muito impregnada de ideias religiosas: basta, por exemplo, ter leve conhecimento da archeologia e litteratura romanas para ver em quasi todos os actos, em quasi todos os objectos, estampada directa ou indirectamente a crença; d'isto adeante, na secção respectiva, teremos de ver algumas provas [5].

3.º — Porque muitos objectos, mesmo sem apparencia de amuletos, feitiços, idolos, etc., podião sê-lo. Nos paragraphos antecedentes citei casos que servem tambem de pro-

---

[1] *Ob. cit.,* p. 563.

[2] Simpson, *Notes on some Scottish magical charm-stones, etc.* Edimburgo 1863, pag. 3.

[3] Simpson, *ob. cit.,* pag. 8.

[4] Sobre ellas vid. supra, pag. 69, e adeante.

[5] Vid. p. 106–110, e notas.

vas aqui. Eis outros: os amuletos dos negros ou *gris-gris* «sont de toutes formes et varient depuis la simple coquille ou la corne d'un animal jusqu'à l'objet le plus compliqué [1]». No museu da Sociedade de Geographia de Lisboa ha um objecto dos selvagens da Lunda assim descrito no respectivo catalogo: «*nhanbua* — chifre pequeno, cheio de sangue de um animal; pendurado ao pescoço, livra de arrelias o caçador» (n.° 20) [2]. Dos negros de S. Jorge da Mina diz João de Barros que tinhão rochedos á beira-mar, adorados como deuses [3]. Na Escocia, se o pó que se raspe do cranio de um suicida for bebido, livra de certas doenças [4], facto analogo ao que se dá em Portugal com relação a santos [5]. Certas pedras, lançadas á agua, imprimem a esta, segundo a crença escocesa, grandes virtudes curativas [6]. Um pedaço irregular de *pedra d'ara* goza de muitas propriedades magicas entre nós [7]. Das árvores diz Plinio: «Fôrão ellas os templos das divindades, e ainda agora, em virtude de um rito antigo, os aldeãos simples consagrão a um deus a melhor árvore [8]». E que se não sabe á cêrca das arvores sagradas de todos os povos? Quantas árvores sagradas não podia ter tambem o homem quaternario? Em Roma uma lança representava Marte [9]; uma pedra escura, de pouco pêso, e face angulosa, era a Magna

---

[1] A. Maury, *La Magie*, etc., 1877, pag. 10-11. Sobre os *gris-gris* do Senegal, vid. R. Basset in *Mélusine*, IV, 57 sqq.

[2] Cfr. tambem *Ethnographia e historia tradicional dos povos da Lunda*, pelo Major Henrique de Carvalho, pag. 358.

[3] *Decadas da Asia*, ed. 1628, fls. 38 *v.*, col. 1.

[4] Simpson, *Notes one some Scott. mag. charm-stones* (já cit.), p. 8.

[5] Vid. os factos que juntei num artigo publicado in *Revista Archeologica*, II, 115, onde porém sahiu, por êrro typographico, *Ervedal* em vez de *Cadaval*.

[6] Simpson, *ob. cit.*, p. 8-9.

[7] Vid. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 206.

[8] *Nat. Hist.*, XII, II (I), § 1.

[9] Preller, *Römische Mythologie*, 1881, I, 338-339.

Mater do Ida[1]! Porque é, pois, que o sr. Mortillet, que conhece por certo estes factos e outros analogos, se decide tão peremptoriamente pela irreligiosidade do homem quaternario?

4.º— Porque, comparando nós com certos objectos modernos, positivamente amuletos, e com outros antigos, que, como sabemos pelas noticias litterarias, o erão tambem, muitas das reliquias prehistoricas, mesmo dos tempos quaternarios, não ha razões para excluir totalmente d'ellas a ideia religiosa. Nos paragraphos precedentes citei factos em abono da minha proposição. Se nós hoje encontramos como amuletos nos selvagens e nos póvos atrasados as conchas, os dentes e outros objectos com orificios, que razões temos para negar em absoluto esse caracter a objectos iguaes que pertencêrão a phases sociaes ainda mais atrasadas que aquellas? Mais longe voltarei a este assumpto[2].

B) **Gravuras e esculpturas.** — O sr. Mortillet descreve no seu livro com certa miudeza a habilidade artistica do homem da epocha magdalenense: vê-se que este se servia da pedra, do martim, do osso e do chifre, e que tinha particular propensão para figurar animaes, taes como reptis, aves, peixes e mammiferos, não deixando tambem de representar vegetaes, etc. Mas, como o sr. Mortillet não encontrou «ni ronds concentriques, ni ronds centrés, ni triangles», nem a cruz, infere que tal facto constitue «une des nombreuses preuves que les populations des temps géologiques n'avaient pas de culte, pas d'idées religieuses»[3].

Ora, em primeiro logar, uma crença religiosa não implica necessariamente a existencia de objectos de arte: já noutro logar reuni varios dados bibliographicos para provar que alguns povos, em certo periodo do seu desenvol-

---

[1] Preller, *ib.*, II, 55.

[2] Vid. adeante, p. 120 sqq.

[3] *Le Préhistorique*, pag. 415.

vimento religioso, não representárão, ou pelo menos tinhão pouca tendencia para isso, os seus deuses por imagens[1]; em segundo logar, como póde asseverar o sr. Mortillet que certas series de linhas rectas, de linhas onduladas, «et autres conceptions de fantaisie», e muito principalmente os animaes, como o lobo, o urso, o cysne, etc., — o que tudo apparece na arte dos tempos quaternarios —, não representão, pelo menos algumas vezes, ideias religiosas? Abundão os factos neste sentido em grande numero de religiões, que nos offerecem copiosos symbolos e animaes sagrados, como a respeito da Lusitania veremos adeante. Alem d'isso, quem sabe se haveria tambem em madeira algumas d'essas provas que o sr. Mortillet procura? Elle proprio confessa: «Le bois devait aussi très probablement être fort employé par les artistes de l'époque magdalénienne. Pourtant, nous n'en avons pas la preuve certaine; car le bois ne se conserve pas et on n'en a jamais trouvé dans les stations remontant aux temps géologiques. Nous ne pouvons juger que par analogie, les peuples sauvages actuels taillant et sculptant très fréquemment le bois avec des instruments en pierre[2]». Exactamente dos selvagens temos nós numerosos idolos ou manipansos de madeira; toda a gente os conhece em Portugal, onde, em virtude das nossas relações com a Africa, etc., ha muitos, — e muitos se podem ver, por exemplo, no museu da Sociedade de Geographia de Lisboa. Em Borneo havia idolos que consistião «en morceaux de bois ou de pierre, ou de dents de crocodiles creuses nommées *pinjangs*, ou en figurines peintes sur des bâtons, ou en statuettes humaines taillées dans le liége»[3].

Portanto, a conclusão do Sr. Mortillet, de que a arte magdalenense prova a ausencia de religiosidade do homem de então, é completamente arbitraria.

---

[1] In *Revista Lusitana*, II. 347.

[2] *Le Préhistorique*, pag. 414.

[3] L. de Backer, *L'Archipel Indien*, Paris 1874, pag. 222.

C) **Monstruosidades da religião.** — Segundo o Sr. Mortillet, a arte religiosa produz monstruosidades, contra-sensos, aberrações de espirito; como não encontrou nada d'isto nos tempos quaternarios, inferiu d'ahi que o homem não tinha crenças. Não me parece que o erudito professor francês attendesse muito neste ponto á historia religiosa, pois que nem sempre esta revela na arte as aberrações que elle desejava observar nos tempos magdalenenses. As outras objecções que eu poderia aqui oppor ficão mencionadas no paragrapho precedente.

D) **Culto dos mortos.** — Quer o Sr. Mortillet que a primeira manifestação da religião fosse o temor da morte e as práticas funebres. Um compatriota seu, Fustel de Coulanges, diz tambem que parece que a religião da morte foi a mais antiga nos povos indo-europeus[1]. Mas nenhum d'estes auctores reflectiu em que o homem, antes de morrer, viveu! Era pois natural que anteriormente aos deuses da morte, ou pelo menos contemporaneamente com elles, os deuses da vida attrahissem a veneração do espirito humano. Sem embargo, Fustel de Coulanges, noutra passagem, fallando dos povos indo-europeus, e principalmente dos gregos e romanos, contradiz-se um pouco, pois, ao lado da religião da morte, põe a religião da natureza physica, e diz não se saber qual appareceu primeiro[2]. Porque é que o homem temeu a morte, e não temeu por exemplo a trovoada, o furacão, o animal feroz? Para que dar preferencia ao temor da morte, e pôr de parte, por exemplo, o temor ou a adoração de outros phenomenos naturaes? É êrro querer buscar a origem da religião num elemento

---

[1] *La cité antique*, 8.ª ed., pag. 20: «Cette religion des morts paraît être la plus ancienne qu'il y ait eu dans cette race d'hommes».

[2] *Ibid.*, pag. 137: «De ces deux religions, laquelle fut la première en date, on ne saurait le dire; on ne saurait même affirmer que l'une ait été antérieure à l'autre».

unico: a natureza é muito complexa, e o homem está sempre dominado por ella toda.

O não encontrar o Sr. G. de Mortillet sepulturas na epoca magdalenense [1] não prova nada contra a existencia da religião quaternaria, pois o destino que o homem tem dado aos cadaveres dos seus amigos é muito variado, e nem só por tumulos, ou elles sejão como o de Mausolo, ou se limitem a uma rude anta, se manifesta o sentimento da religião da morte: os Bijagós e Nalús, tribus da nossa Guiné, costumão enterrar os mortos dentro em casa, e por baixo da cama dos vivos [2]; a um Muatiánvua defunto, na Lunda, «tiram-lhe os dentes, as unhas e os cabellos, e guarda-se tudo numa especie de urna tosca de madeira, que vão depositar numa casa em logar proximo á mussumba do Calânhi, a que chamam Anzai, e o corpo sepultam-no no leito do rio, o quinto affluente do Calânhi» [3]; os magnates de Mataba (Lunda) são tambem sepultados nos leitos dos riachos [4]; entre os Quiôcos (Lunda), «para os do povo é costume, em qualquer sitio afastado das povoações, abrir uma cova pequena, e sentar nella o cadaver, ficando a cabeça e joelhos de fora, e aquelles que fizeram o enterramento, deitam em seguida a fugir» [5]; os Uandas, na Lunda, comem a carne dos defuntos, e, de accôrdo com alguns dos costumes expostos, lanção os ossos nos rios [6]. Não obstante, todos estes povos possuem crenças religiosas, e celebrão cerimonias funebres [7].

Está claro que, se os povos prehistoricos dos tempos quaternarios tivessem estes ou semelhantes costumes,

---

[1] Pag. 480, etc.

[2] M. de Barros, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1882, pag. 715. — Cfr. o que digo acima, pag. 48.

[3] Major Henrique de Carvalho, *Ethnographia dos povos da Lunda*, Lisboa 1890, pag. 512.

[4] *Id., ibid.*, pag. 512.

[5] *Id., ibid.*, pag. 513.

[6] *Id., ibid.*, pag. 514.

[7] Vid. *loc. cit.*, passim.

o Sr. Mortillet, por mais que escavasse e por mais que inferisse, não encontraria «trace de pratiques funéraires»: portanto esta sua conclusão, como as outras discutidas, é destituida de fundamento solido.

*

Ainda que os factos invocados pelo Sr. Mortillet se não refutassem, como creio ter feito, elles erão insufficientes, pois os objectos materiaes não constituem os unicos elementos que definem e determinão uma religião, em que ha tambem práticas, lendas, festas, fórmulas, etc., de que nenhumas informações directas possuimos em relação aos tempos prehistoricos, em que tudo isso podia existir. E quantos phenomenos e seres naturaes não caberião no quadro religioso primitivo, sem o homem os representar figuradamente, — taes como os ventos, as tempestades, os montes, os rios, e outros muitos? As religiões dos povos selvagens ministrão d'isso numerosos exemplos. Era igualmente possivel o culto das grutas, como succedia na America[1].

A questão proposta pelo Sr. Mortillet, de que o homem quaternario não tinha crenças, é analoga a est'outra, que ha hoje povos sem religião alguma: opinião defendida por Lubbock[2], mas refutada por G. Roskoff[3], em apoio de quem veiu tambem Réville.[4]

---

[1] A. Réville, *Les religions du Mexique, etc.*, 1885, p. 336. Cfr. o que digo acima, pag. 46.

[2] *L'homme préhistorique* (trad. francesa), 1876, p. 526 sqq.

[3] *Das Religionswesen der rohesten Naturvölker*, Leipzig 1880. As principaes conclusões do auctor são as seguintes: Ainda se não encontrárão povos sem vestigio de religiosidade: a origem d'esta deve principalmente procurar-se nas leis e condições do desenvolvimento da natureza humana (vid. p. 178 e 179).

[4] *Prolégomènes de l'histoire des religions*, 1886, p. 46, etc.;
Les religions des peuples non-civilisés, I, 1883, 10 sqq.
E cfr. tambem em opposição a Lubbock: Quatrefages, *L'espèce humaine*, 1877, p. 349 sqq.; Tylor, *La civilisation primitive*, I, 484–493.

Dada de mais a mais a circumstancia da civilização relativamente adeantada dos homens magdalenenses, custa a crer que taes homens fossem desprovidos de sentimentos religiosos. No dizer do Sr. Mortillet «ces hommes, peu nombreux, n'avaient pas à se combattre entre eux: la guerre était inconnue.... Ils aimaient et admiraient la nature. Il est donc tout simple qu'ayant des loisirs, ils aient fait leurs efforts pour reproduire cette nature le plus fidèlement possible. C'est ce qui les a conduits à représenter divers animaux avec une extrême vérité».[1] Pondo de parte o que este poetico quadro possa ter de phantasioso, sómente se conclue de taes palavras, e de varios capitulos do elegante livro do Sr. Mortillet, que na epoca magdalenense as bellas-artes, — a esculptura, a gravura —, e a industria tinhão certo desenvolvimento.

A natureza despertava pois emoções artisticas nas almas d'estes homens; mas elles, ainda que em todos os povos historicamente conhecidos, por mais atrasados e rudes que sejão, o sentimento religioso apparece sempre em maior ou menor grau, terião ficado completamente fóra do circulo da crença: «sans idées religieuses, de folles terreurs ne venaient pas troubler et pervertir leur imagination»[2]! Singulares almas, que, ao contemplarem os grandiosos phenomenos do universo, sabião já evocar ideaes tão levantados, tão brilhantes e tão proprios do homem, ao mesmo tempo que por outro lado jazião na sombra, rebaixadas ao nivel do bruto animal feroz!

O resultado a que se chega, depois do exame que acaba de ser feito da theoria do sr. Mortillet, é que NÃO TEMOS ELEMENTOS BASTANTES PARA PODERMOS AFFIRMAR SCIENTIFICAMENTE QUE O HOMEM DA EPOCHA PALEOLITHICA NÃO POSSUIA RELIGIÃO; antes, pondo em confronto com a civilização d'essa epocha tudo o que sabemos á cêrca das reli-

---

[1] *Le Préhistorique*, p. 601.
[2] *Le Préhistorique*, p. 601.

giões historicas, quer nos povos selvagens, que são os mais vizinhos dos prehistoricos, quer nas classes menos cultas dos povos civilizados, antigos ou modernos, somos levados a uma supposição inversa da d'aquelle auctor.

A religião, como todas as instituições humanas, teve principios humildes, simples. Não se chegou repentinamente á concepção de divindades como Zeus ou Mercurio.

O homem primitivo, com a sua imaginação fecunda e a sua ignorancia das leis que regulão os phenomenos physicos, tinha tendencia para considerar como outras tantas individualidades humanas, embora *sui generis,* tudo aquillo a que elle attribuia movimento ou vida, — a água, o vento, a nuvem, o astro, a planta, o animal, o lume, a sombra fugidia...; mal differençava o sonho da realidade, a morte do sonho ou do deliquio, a vida da morte; attribuia muitas vezes á simples successão no tempo uma relação necessaria de causalidade; tomava não raro o nome pela cousa nomeada: d'aqui resultou o povoar o universo de entidades superiores e mysteriosas, da vontade das quaes julgava que elle proprio e a natureza estavão dependentes em certos casos, e as quaes por isso precisava de invocar ou de esconjurar, conforme as circumstancias. É isto a religião.

Assim, primeiramente constituirão materia religiosa as cousas naturaes, consideradas como conscientes, ainda que sem nellas se estabelecer distincção nitida entre corpo e espirito *(Naturalismo elementar);* depois acreditou-se na existencia individual de espiritos *(Animismo),* uns, da Natureza, outros, meras divisões da pessoa humana, — espiritos que ora andavão soltos pelo espaço *(Espiritismo),* ora se fixavão em certos objectos *(Feiticismo).* Ao que accrescentaremos a concepção dos amuletos e dos symbolos [1].

---

[1] Estas ideias sobre a natureza, origem e classificação das religiões podem ver-se mais desenvolvidamente nos seguintes AA.:

Tiele, *Manuel de l'histoire des religions* (Paris 1885), — e cfr. do mesmo A. o artigo *Religions,* in *Encyclopaedia Britannica,* vol. xx, 1886, s. v.; — A. Réville, *Prolégomènes de l'histoire des religions*

A faculdade religiosa não constitue apanagio do homem primitivo, — é de todas as civilizações e epochas; mas nelle tinha grande intensidade.

*

Comprehende-se que pobres sociedades, como erão as nossas quaternarias da Cezareda e da Furninha, descritas acima, possuissem crenças religiosas muito elementares.

Para o homem primitivo os seres divinos, innumeros quasi como as impressões da alma deante do espectaculo da vida, multiformes e cambiantes como os aspectos dos phenomenos naturaes e da actividade psychologica humana, devião apresentar-se de modo bastante complexo, obscuro, indeciso e até ás vezes contradictorio. As ágoas que davão peixes e mariscos, ou que, num impeto de tempestade, inundavão a miseravel cabana em que elle costumava abrigar-se; as arvores cheias de pomos frescos e saborosos; o urso e a hyena, cahindo de improviso e com furia sobre a criancinha que dormia, entroixada em pelles ou hervas sêccas, num recanto, ao sol: erão outras tantas entidades formidandas e sobrehumanas, ante as quaes o selvagem estacava aterrado ou grato, convulso de raiva ou sorridente de gôso, mas nas quaes não distinguia outros attributos

---

(Paris 1886); *Les religions des peuples non-civilisés* (Paris 1883, 2 vol.), *Les religions du Mexique* (Paris 1885); — Conde Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu* (Paris-Bruxelles, 1892). Obras excellentes, escritas com amplidão de vistas, e em que se attende á vida dos selvagens e dos povos atrasados para se chegar ao conhecimento das religiões antigas.

Neste sentido veja-se tambem Andrew Lang: *Custom and Myth* (Londres 1885); *La Mythologie* (Paris 1886); e *Myth, Ritual and Religion* (London 1887), 2 vol. Sem embargo, as theorias fundamentaes de Andrew Lang não devem ser levadas ao extremo.

O animismo foi estudado com muita largueza por Tylor, *Primitive culture*, 2 vol., obra anterior áquell'outras. Sirvo-me aqui da traducção francesa (Paris 1876–1878).

Já na obra do prof. Otto Pfleiderer, *Die Religion, ihr Wesen und ihre Geschichte*, Leipzig 1869, vol. II pag. 41–42, se lê o seguinte:

alem d'aquelles de que elle, pelos sentidos, recebia conhecimento directo e immediato; pois não sabia ainda estabelecer abstracções profundas.

Como das mais antigas epochas da nossa história nos não restão factos sufficientes que nos habilitem a tirar deducções positivas e práticas, applicadas ao caso presente, só pelo raciocinio se poderia comprehender qual seria a religião de então, e ainda assim de modo extremamente generico. Não insisto por isso mais nesse ponto, contentando-me com ter deduzido a possibilidade da existencia de uma religião quaternaria muito simples; porquanto, o que adeantava eu em suppor que, visto que os homens da Cezareda vivião num monte, e os da Furninha á beira-mar, teria o mar e os montes um logar assignalado no quadro da religião, ou que, se esses homens se assemelhavão aos selvagens mais atrasados que conhecemos, acreditarião, por exemplo, que por imprecações se poderia serenar uma tempestade, ou por offerendas fazer que uma árvore se expandisse em flores e fructos?

«A phantasia desprovida de reflexão não vê, porém, em todos os phenomenos e cousas da Natureza, nem objectos, corpos ou fórmas sem alma, nem meras manifestações regulares das fôrças mechanicas, mas vê em tudo o que vive analogias com a propria vida humana, isto é, alma sensiente, consciente e voluntaria, e considera todos os phenomenos como resultado de acção consciente e volitiva; numa palavra, a phantasia personifica toda a Natureza, e principalmente as grandes fôrças e espheras naturaes elementares. O que actualmente é feito pela poesia artistica, com inteira consciencia da não-realidade do que ella representa, fazia-o nos tempos primitivos a phantasia involuntaria e inconsciente, e por isso mesmo tambem crendeira, da humanidade ainda na infancia».

No campo da bibliographia portuguesa posso citar como trabalhos de caracter geral os seguintes livros e opusculos:

Systema dos mythos religiosos, por Oliveira Martins, Porto 1882;

O animismo em jeral, etc., por Vasconcellos Abreu, Lisboa 1889 (folheto);

Bosquejo da historia da religião dos aryas do Oriente, — preliminares —, pelo mesmo (folheto lithographado).

CAPITULO II

A necrolatria nos kjoekkenmoeddings

A respeito dos kjoekkenmoeddings, cuja civilização é pouco superior á paleolithica, podem até certo ponto fazer-se considerações analogas ás que fiz no capitulo antecedente; todavia, como agora temos alguns factos reaes, ainda que poucos, quero limitar-me a elles.

Conforme disse acima [1], nos kjoekkenmoeddings encontrár-rão-se esqueletos, dispostos de maneira que fazem crer que houve inhumação regular, e não que forão atirados para alli á toa [2]. Erão muito numerosos; só no museu da Commissão Geologica existem, ao que parece, restos de uns duzentos [3].

Aqui está um primeiro facto que notar: o respeito aos mortos.

[1] P. 31.

[2] «Les squelettes se trouvaient presque toujours couchés sur le dos, ayant le tronc étendu horizontalement et les membres plus ou moins courbés, les genoux se montrant souvent rapprochés du visage à cause de la flexion des jambes. Les bras quelquefois étendus, les mains s'appuyant sur le bassin ou sur les cuisses; quelquefois courbés, les mains placées sur la poitrine ou près de la tête» (Paula e Oliveira, in *Communicações da Commissão Geologica*, II, 73).—Esta posição é, segundo nota o A., a que toma um cadaver quando o lânção pelos pés e pelas mãos numa cova pouco espaçosa *(ib., ib.)*.

[3] Paula e Oliveira, *ib., ib.*, p. 71.

Com os esqueletos apparecêrão productos de indústria [1], encontrando-se os instrumentos de silex sempre em maior número ao pé d'elles [2]. Isto repetia-se tanto, que os obreiros encarregados do desentulho dos monticulos, quando vião apparecer silices, dizião logo que não tardarião a apparecer tambem esqueletos [3].

É esse o segundo facto que notar.

Escreve Paula e Oliveira: «Je ne conserve aucun doute sur le caractère intentionnel de ce fait, lequel révèle chez nos sauvages un sentiment de piété pour les morts, et probablement déjà la croyance à une existence future» [4]. A crença de que o homem tem alma, e de que elle, morrendo, vae viver outra vida, alem do tumulo, parece-me que não basta, só por si, para implicar uma ideia religiosa. Conseguintemente, por nós vermos os homens prehistoricos honrar os mortos, recolhendo-lhes os restos em sepulturas especiaes, ou, como se dirá mais adeante, em grutas e em tumulos, e collocando-lhes ao pé, para a futura existencia, os objectos que nesta lhes servírão ou pudérão servir [5], não devemos concluir absolutamente, só por isso, que nos tempos prehistoricos havia o culto dos mortos; mas, como em geral a esta veneração pelos que fallecêrão andão em todas as epochas, de que temos noticias directas, associados sentimentos sem dúvida alguma religiosos, é natural que nos tempos prehistoricos tambem succedesse assim, e seja por tanto legitima a conclusão de Paula e Oliveira á cêrca da necrolatria, ou culto dos mortos, no periodo dos kjoekkenmoeddings, conclusão que acceito.

Na necrolatria, o culto póde dirigir-se aos mortos, quer deificados quer não, ou aos deuses a favor d'aquelles.

---

[1] Id., *ib.*, *ib.*, p. 70.
[2] Id., *ib.*, *ib.*, p. 73.
[3] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*
[4] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*
[5] Vid. este livro, supra, p. 33, e adeante, no cap. III.

Os mortos deificados, *Dii Manes*, Θεοὶ χθόνιοι, recebião offerendas, já para protegerem os vivos, já para os não avexarem. Sabe-se que os Gregos e os Romanos acreditavão que as *sombras* dos mortos que não recebião honras funebres ficavão na terra a vaguear durante certo tempo, sendo as honras funebres destinadas a dar-lhes paz [1]. No proprio catholicismo se reza pelas almas dos mortos, tanto para que Deus lhes dê bom logar, como para que ellas peção a Deus por nós. Nas religiões antigas e nas primitivas os defunctos venerados são sobretudo os antepassados, os quaes se tornão assim deuses protectores da familia e da tribu.

Com relação ainda aos nossos kjoekkenmoeddings, direi que o rito funebre parece deduzir-se tambem de que o local do enterramento comprehende apenas uma parte do monticulo, pouco mais ou menos metade [2]: local que na verdade ficava sendo um *campo santo*.

[1] Homero, *Odysseia*, XI, 72 sqq.; Vergilio, *Eneida*, VI. 325-330. Sobre este assumpto vid. tambem: Fustel de Coulanges, *La cité antique*, Paris 1880, p. 15 sqq.; Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, 1893, p. 135 sqq.

[2] Paula e Oliveira, *loco laudato*, p. 71.

CAPITULO III

Ideias religiosas no periodo neolithico

O periodo neolithico succede ao paleolithico, tendo servido o dos kjoekkenmoeddings como que de intermédio.

Algumas das considerações theoricas que apresentei a propósito do periodo paleolithico tem pois agora, em relação ao neolithico, applicação prática; e neste periodo vamos achar tambem um desenvolvimento do pouco que notámos nos kjoekkenmoeddings.

I. Culto da Natureza. A Lua.

Collocado no seio do Universo, e dependente de tudo o que o cercava, era muito natural que o homem neolithico, comquanto já socialmente tão longe do homem primitivo, mas ainda desprovido, ou quasi desprovido, do conhecimento das leis physicas, divinizasse a Natureza, rezando-lhe ou amaldiçoando-a, fazendo-lhe oblatas, ou oppondo-lhe amuletos e fórmulas magicas. Tudo o que sabemos das crenças dos selvagens, das religiões antigas e das superstições populares nos auctoriza a suppor isso.

O ceu, com o esplendor da sua luz e a variedade e importancia dos seus phenomenos, attrahiu logo muito cedo a attenção dos homens.

Dos astros, a lua, pelo contraste brusco que estabelece entre as trevas e a luz, foi, segundo A. Réville, o que «primeiro cativou a vista, e estimulou a imaginação do homem-criança»[1], supposição que tem tambem a seu favor o achar-se o culto lunar muito espalhado, e principalmente

---

[1] A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, II, 226.

Cfr. tambem Oliveira Martins: «Não foi o sol, diz Spiegel, que chamou a attenção do selvagem. O ceu nocturno, cujas luzes contrastam com a escuridão da terra, impressiona muito mais a imaginação ingenua. Entre as luzes do ceu, a lua domina pelo tamanho, pela originalidade das suas phases.... O culto lunar é o primitivo, o solar é posterior.» (*Systema dos mythos*, Lisboa 1882, p. 62). Como se não cita a obra de Spiegel, perguntei ao meu amigo dr. Vasconcellos Abreu, visto ser orientalista (como Spiegel), se a conheceria: elle disse-me possuir a *Erânische Alterthumskunde*, d'onde me enviou o seguinte trecho (vol. II, p. 705, 1873): «Klar ist jedoch, dass auch (der Mond) hauptsächlich deswegen verehrt wird, weil er ein lichter Körper ist.... wird ihm und seinem Lichte hauptsächlich das Wachsthum der Pflanzen zugeschrieben» (trad.: «é todavia claro que tambem a lua foi adorada principalmente por ser um corpo luminoso.... a ella e á sua luz foi principalmente attribuido o crescimento das plantas»).

Ainda sobre a prioridade do culto da lua se lê o seguinte na obra de Goldziher, *Mythology among the Hebrews and its historical development*, London 1877, p. 72 (trad. do allemão), obra cuja indicação devo tambem ao meu amigo dr. Vasconcellos Abreu: «.... in the order of genesis the worship of the night-sky, inclusive of that of the moon, preceeds that of the day-sky and sun» (trad.: «com relação ao culto do ceu nocturno, comprehendendo o da lua, precede elle o do ceu diurno e o do sol»).

T. Harley diz igualmente: «It seems to be generally admitted that no form of idolatry is older than the worship of the moon» (i. é: «parece admittir-se geralmente que nenhuma fórma de idolatria é mais antiga do que a adoração da lua»), e cita varios AA. para o provar entre os quaes o referido Goldziher. Vid Harley, *Moon Lore*, London 1885, p. 89 e 90.

Á cêrca da possibilidade da existencia do culto lunar nas populações lacustres, vid. Anselmo de Andrade, *As populações lacustres*, Lisboa 1882, p. 82 sqq. (mas cfr. tambem Joly, *L'homme avant les métaux*, Paris 1879, p. 306).

nos povos mais atrasados, como os Negros, os Hottentotes, os habitantes da California, os Australios, etc.[1]. Ainda que em assumptos d'estes seja sempre difficil estabelecer primazias, não se póde porém negar a antiguidade e generalidade d'este culto.

Juntamente com varios objectos pertencentes ao periodo neolithico, taes como instrumentos de silex, vasos de barro grosseiro, etc., encontrou Carlos Ribeiro numa sepultura prehistorica no sitio da Folha das Barradas, dentro da quinta regional de Cintra, um curioso objecto de calcareo subcrystallino, representado na fig. 1 com dois terços do tamanho natural: uma das suas faces é convexa; a outra é plana. A face convexa está ornamentada, como se vê na fig. 1. Objectos analogos a este, cujo destino se ignora, mas que não podem ser armas, como queria Carlos Ribeiro[2], encontrou-os o mesmo illustre geologo nas antas de Bellas; nelles porém a ornamentação, quando a tem, limita-se a sulcos mais ou menos parallelos[3].

Na ornamentação do objecto da Folha das Barradas parece entrar, como se vê, o disco lunar. Já Carlos Ribeiro disse tambem: «notamos que um dos baixos relevos esculpidos na parte convexa .... muito se assemelha ao crescente»[4].

---

[1] Réville, *ib.*, II, 226.

Sobre o culto da lua em geral vid. T. Harley, *Moon Lore*, London 1885, e particularmente o cap. II, intitulado *Moon Worship* (p. 77 sqq.).

Sobre o culto da lua na Africa em especial, vid. tambem: Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, liv. III, cap. XIX; A. Alvares de Almada, *Tratado breve dos rios de Guiné*, etc., Porto 1841, p. 19; Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), Barcelona 1888, I, 148.

Na Parte II da presente obra terei de me occupar outra vez do culto lunar.

[2] Cfr. tambem E. da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, IV, 98.

[3] Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos em Portugal*, II, 39, 40 e 83. A estampa que dou no texto é tirada do livro de C. Ribeiro, fig. 87 (p. 83).

[4] *Ob. cit.*, p. 83.

Teremos aqui o vestigio de um culto prestado á lua pelos nossos antepassados neolithicos?[1] A hypothese apresenta-se tanto mais seductora quanto é certo que o disco se destaca elegantemente no meio do objecto, como que num logar de honra.

Fig. 1

Sem dúvida este caso pertence á classe d'aquelles em que se torna difficil distinguir entre symbolo e mero ornato; como porém, pelas razões geraes expostas a cima, o culto da lua nos nossos avós neolithicos não tem nada de absurdo; como este culto ha de deparar-se-nos, sem sombras de dúvida, na epocha seguinte, em alguns povos peninsulares; como nos selvagens as representações artisticas, e principalmente as representações especiaes como esta, tem de ordinario um fim prático, e nem sempre um fim unicamente estethico[2]: a hypothese de que neste objecto ha um symbolismo do culto lunar é perfeitamente legitima.

Indicarei ainda uma coincidencia notavel: nos tempos protohistoricos, como direi adeante, a serra de Cintra (ou Sintra), ao pé da qual foi achado o objecto de que estou tratando, tinha, ao que parece, o nome de *Serra da Lua*. O culto d'esse astro viria assim pois já dos tempos prehistoricos? Da epocha romana temos

---

[1] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, 98, igualmente formúla esta hypothese, mas sem a justificar. Elle compara com o mesmo objecto outros de Mafra e do Algarve, que porém me não parecem comparaveis.

[2] Aqui transcrevo, para prova, algumas importantes observações

tambem da região cintrá inscripções consagradas ao Sol e á Lua; mas aqui o culto é de immediata procedencia romana.

O facto de se não terem encontrado mais representações symbolicas da lua não obsta á hypothese que tenho

geraes, feitas por especialistas competentes, como são Lang, Goblet d'Alviella e Ratzel:

O selvagem «imita a natureza em danças, cantos ou arte plastica, com uma definida intenção prática. As suas danças são danças magicas, as suas imagens são feitas com intuito magico, os seus cantos são ensalmos. Assim a theoria de que a arte é uma expressão desinteressada da faculdade imitativa difficilmente se póde apoiar no pouco que sabemos dos começos da arte. Adoptaremos provisoriamente a hypothese de que a mais antiga arte de que temos noticia é a dos selvagens contemporaneos ou extinctos». Andrew Lang, *Custom and Myth* (2.ª ed.), London 1885, p. 276.

«...j'avoue ne pas croire beaucoup aux préoccupations purement esthétiques des sauvages. Tout chez eux a un but pratique, même l'art et la religion». C^te^ Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, Paris-Bruxelles 1892, p. 20.

Tambem Ratzel diz que nos povos no estado natural «la religión abarca la filosofia, la ciencia y la poesía, y que dadas estas circunstancias, queda mucho por suponer y por investigar en este terreno». *Las razas humanas* (trad. do allemão), Barcelona 1888, t. I, p. 21.

Estas observações combinão com o que escrevi a p. 38-40 á cêrca da arte do homem neolithico português. É claro, porém, que, se a arte selvagem fosse unica e exclusivamente prática, as bellas-artes nunca terião nascido, porque a humanidade começou pelo estado selvagem; havemos então de admittir que, dentro da esphera do util, preoccupação principal do selvagem, a faculdade esthetica ia pouco a pouco desenvolvendo-se, e nascendo assim a arte propriamente dita. A necessidade obrigava, por exemplo, o homem a fazer um pucaro de barro, o qual, com tanto que tivesse certa capacidade, satisfazia ao seu fim; mas, com a experiencia do mundo, começava a intervir o gôsto e a imaginação, e em breve já não bastava que o objecto fosse só concavo, exigia-se que fosse tambem symetrico, airoso, elegante (cfr. supra p. 59). A princípio o *utile* sobrepuja o *dulce;* é só muito posteriormente que este se colloca a par d'aquelle, e ás vezes por seu turno o supplanta tambem, nascendo então a *arte pela arte.*

sustentado. Se num caso, como este, o symbolo se salvou, por o objecto ser de calcareo, elle perdia-se inevitavelmente logo que fosse fragil a substancia escolhida, por exemplo madeira. Hoje é muito vulgar trazerem as crianças uma meia lua como amuleto: se a maior parte das vezes o amuleto é de metal, osso ou marfim, ás vezes tambem é de madeira, como um que possuo na minha collecção; escolhi de proposito para exemplo este amuleto, por estar fallando da lua, mas os casos são numerosos (cfr. supra, p. 86). E que admira tambem que de idade tão remota, desde os tempos prehistoricos, se conservasse até o presente um só objecto d'esta especie?

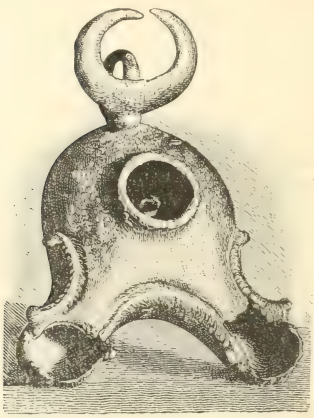


Fig. 2

Não se poderá dizer com facilidade, admittida a hypothese de a figura ser realmente do disco lunar, e representar um culto, qual era a fórma do culto, e porque motivo o symbolo apparece naquelle objecto.

Neste terreno escorregadio das supposições não quero, pois, ir mais adeante; todavia, ainda que o objecto não seja, em si mesmo, tambem cultual, por exemplo um symbolo phallico, mas fosse uma insignia ou tivesse qualquer applicação prática, podia receber em si, com intuito religioso, a imagem da lua.

Eis aqui, na fig. 2, um pouco reduzida, a cópia de uma lucerna ou candeia romana, de metal, existente na secção archeologica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e onde se vê o disco lunar, um dos emblemas de Diana.

Muitos exemplos analogos se podem juntar: não tem tambem algumas espadas os copos em fórma de cruz?[1]

Para terminar este capitulo á cêrca da lua, quero ainda tocar numa classe de factos que se ligão com os precedentemente estudados.

Para muitos povos selvagens, os astros, como o sol e a lua, são pessoas humanas e tem a sua história (mythos).

---

[1] Nesta ordem de ideias escreve G. Roskoff: «Para se adquirir opinião justa á cêrca das concepções religiosas de um povo selvagem, é necessaria observação larga e rigorosa de seus costumes e usos, e principalmente de todo o seu modo de viver. Com effeito, os elementos religiosos nem em todas as raças se crystallizárão num culto divino, mas estão muitas vezes encobertos por estranhos usos e costumes, que á primeira vista não offerecem nenhuma connexão com a religião, mas ainda assim se contém latentes, sendo necessario primeiramente pô-los em evidencia». *Das Religionswesen der rohesten Naturvölker,* Leipzig 1880, p. 12.

Já um auctor hespanhol do seculo xv, Fernandez de Oviedo, conta o seguinte na *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano,* a propósito de *Çemí,* divindade dos indigenas, á qual elle chama *diabo:* «Y ésles tan soçiable é comun, que no solamente en una parte de la casa lo tienen figurado, mas aun en los bancos, en que se assientan..... Y en madera y de barro y de oro, é en otras cosas, quantas ellos pueden, lo esculpen y entallan, ó pintan» (*Ob. cit.,* ed. de Madrid, de 1851, vol. I, 125-126). O A. frisa a ideia um pouco adeante: «En esta Isla Española *çemí,* como he dicho, es el mismo que nosotros llamamos diablo; é tales eran los que estos indios tenian figurados en sus joyas, en sus moscadores, y en las frentes é lugares que he dicho, é en otros muchos, como á su propóssito les paresçia ó se les antojaba ponerle» (*Ob. cit., ib.,* p. 126). — Ahi estão bellos exemplos de objectos que poderião ser tomados como exclusivamente artisticos, e que não obstante continham intuitos religiosos.

O referido auctor, descrevendo as tatuagens, diz: «E aun en la Tierra-Firme, no solamente en sus ídolos de oro y de piedra y de madera, é de barro, huelgan de poner tan descomulgadas y diabólicas imágenes, mas en las pinturas que sobre sus personas se ponen (teñidas é perpetuas de color negro, para quanto viven, rompiendo sus carnes y el cuero juntando en sí esta maldita efigie), no lo dexan de haçer» (*Ob. cit.,* p. 126). — Poderia juntar muitos exemplos das tatuagens de outros paises: basta porém notar que

As manchas, phases e eclipses da lua explicão-se de differentes maneiras. Segundo os Esquimós o sol e a lua erão irmãos[1]; a ideia de parentesco encontra-se noutros povos[2]. Para alguns povos (por exemplo os Khasias do Himalaya) as manchas da lua resultão de cinza atirada á cara do astro; muitas vezes isto provém de despeitos de amor[3]. Entre as tribus indigenas da India pensa-se que o sol, esposo da lua, a cortou em duas partes por ella lhe ter sido infiel[4].

ainda hoje em Portugal se acha como elemento de tatuagem a representação religiosa, — a Virgem, Christo crucificado, etc.; tenho observado muitos exemplos, e alguns se podem tambem ver no opusculo do sr. Rocha Peixoto, *A tatuagem em Portugal,* Porto 1892, p. 22 sqq. (e respectivas estampas).

Como é sabido, o nosso povo considera a ferradura do pé esquerdo de um animal como amuleto. Este amuleto vê-se frequentemente pregado nas portas das casas, quer do lado de dentro (por ex. em Lisboa), quer mesmo do lado de fóra (por ex. no Porto, — em certas ruas mais afastadas do centro da cidade, onde eu as observei muitas vezes), — com o fim de evitar que o *mal* entre em casa. No Minho as tecedeiras pendurão uma ferradura tambem nos teares, por causa do seguinte, que eu ouvi contar a uma tecedeira nos arrabaldes de Guimarães: Se qualquer pessoa que tem *má olhadura* a deitar para o tear, estala o fio, e até mesmo a lançadeira póde saltar; estando porém a ferradura no tear, a pessoa olha para ella, e não póde fazer mal, ou mesmo, por virtude da ferradura, póde nem sequer olhar. (Estas ideias explicão-se melhor pelo que digo adeante, p. 114–118). O facto mais curioso que desejo contar, e que se relaciona com tudo quanto tenho dito, é que a ferradura, *ao mesmo tempo que serve de amuleto, póde servir de pêso do tear.* Estamos pois deante de outro caso em que a superstição se não póde distinguir da vida prática.

Combinem-se todos esses factos com o que disse a cima, p. 107, nota, e com o que digo adeante, p. 125, nota.

[1] A. Lang, *Myth, Ritual and Religion,* vol. I, London 1887, p. 129.

[2] A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés,* I, 220 (selvagens da America); *Les religions du Mexique,* etc., p. 304 (Incas).

[3] A. Lang, *Myth, Ritual and Religion,* vol. I, London 1887, p. 129; e *La Mythologie,* Paris 1886, p. 183. — Tambem na mythologia grega temos os amores de deusas lunares com deuses.

[4] A. Lang, *La Mythologie* (já cit.), p. 180 e 181. Cfr. do mesmo A. *Myth, Ritual and Religion,* p. 132 e 133.

Os eclipses da lua são ás vezes attribuidos a luctas d'este astro com o sol[1].

Ideias semelhantes a estas se encontrão ainda hoje no povo português: compendiei-as no meu livro *Tradições populares de Portugal*. O sol é tambem irmão da lua. As manchas forão produzidas por cinza (terra, areia, etc.) que o sol atirou á cara da lua, após uma altercação sobre a belleza dos dois, ou sobre requebros de amor. A lua está constantemente a ser retalhada. Nos eclipses o sol batalha com a lua[2].

Estas ideias são actualmente uma supervivencia de tempos antigos, de quando o povo que primeiro as concebeu se achava num estado de espirito analogo ao dos selvagens. Virão ellas para Portugal em virtude de alguma influencia dos diversos povos historicos que tem pisado por vezes esta terra, ou, attenta a grande tenacidade com que em geral as tradições se conservão, remontão directamente ás epochas em que os nossos avós vivião naquelle estado de selvageria, isto é, remontão ás epochas prehistoricas?

II. Amuletos e objectos congeneres, etc.

Em virtude dos principios geraes que enunciei a cima sobre a origem das religiões, a crença em amuletos é muito natural, porque o homem, ao ver-se rodeado de seres malfazejos, busca sempre oppor-lhes resistencia; e, se o homem culto não vae além dos meios physicos, o inculto, pelo contrário, não deixa de recorrer aos meios que elle julga sobrehumanos e mysteriosos. Ora o amuleto é de ordinario um objecto (portatil) dotado de virtudes maravilhosas contra o mal. Ainda que ás vezes um amuleto possa não ser propriamente religioso, no emtanto

[1] A. Lang. *Myth, Ritual and Religion*, p. 152.
[2] Vid. *Tradições populares*, Porto 1882, p. 1-6.

suppõe de ordinario a crença, real ou extincta, em seres sobrehumanos, cujos effeitos destroe, ou por cuja influencia actua; em todo o caso está sempre tão ligado com os objectos rigorosamente religiosos, que, ainda quando a independencia d'elle seja como tal reconhecida, mal se poderá separar da religião.

Uns amuletos devem a sua efficacia á natureza intima da sua substancia; outros ao aspecto exterior (feitio e côr), outros juntamente á fórma e á essencia. Ha-os puramente naturaes, tirados de qualquer dos tres reinos, e ha-os que são fabricados pelo homem.

É só pelo estudo dos amuletos modernos e dos que conhecemos pela litteratura antiga que comprehenderemos os amuletos prehistoricos.

*

Desde o momento que se creia na virtude mysteriosa de certas pessoas e de certos animaes, crê-se tambem, pelo principio de que a parte ás vezes representa o todo, que um orgão ou um fragmento de orgão póde conter as mesmas virtudes que a propria pessoa ou animal a que elle pertence, sobretudo se o orgão é aquelle em que se cuida que a virtude principalmente reside.

Os Cafres, por exemplo, trazem no collar um osso de carneiro, uma unha de leão, um pé de milhafre, para terem a dureza do osso, a fôrça do leão e a rapidez do milhafre[1]; os Indios da America do Norte comem, antes de partirem para o combate, certas partes dos animaes, segundo as qualidades que querem adquirir, v. g., o coração do cão, para serem corajosos, a carne do castor, para serem matreiros e astuciosos, etc.[2]; os Romanos acreditavão que a cabeça sêcca de um morcego, trazida como amuleto, dissi-

[1] Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 153.

[2] C. Vogt, in *Compte-rendu* do Congresso de Bruxellas, p. 309.

pava o somno [1], talvez por o morcego ser um mammifero nocturno, e se suppor que o phenomeno do somno está em connexão intima com a cabeça, equivalendo pois o trazer «uma cabeça que não dorme» a trazer realmente comsigo uma causa de insomnia.

Ás vezes basta o simples contacto do objecto virtuoso para se aproveitarem as virtudes d'elle, evitando-se assim o trazer este ou um seu fragmento: terra da sepultura de S. Tórpes, em Sines [2], trazida ao pescoço, livra ou livrava de sezões [3]; um fragmento de pedra d'ara, trazida da mesma maneira, livra de diversos males [4].

*

Tem-se tambem muita fé com certos objectos de natureza igual á do objecto que se quer conjurar, ou da parte que se quer defender: assim, uma *pedra de raio* livra dos accidentes do raio [5]; os antigos suppunhão que os calculos biliares podião curar doenças do figado [6]; para as dores da bexiga aconselha um medico do seculo XVIII, como remedio prontissimo, a bexiga do porco montês, feita em pó, e dada em caldos de gallinha [7]; «a madre ou o oveiro da gallinha, sêcco e deitado dentro no utero da mulher que tiver pur-

---

[1] Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. *amuletum*, p. 254, col. 1.

[2] Cfr. este livro, supra, p. 21.

[3] Vid. Lis Velho, *Vida do glorioso S. Torpes*, 1746, p. 159.

Em algumas terras suppõe-se que, se se tomar o pó que se raspe de um penedo de virtude ou de uma imagem de santo feita de pedra ou feita de outras substancias, se curão as sezões: vid. o meu artigo «Antiguidades de Carquere» in *Revista archeologica*, II, 115. (Neste artigo, por êrro typographico, sahiu *Ervedal* em vez de *Cadaval*).

Exemplos iguaes ou analogos vêde-os em H. Gaidoz, *La rage et St-Hubert*, Paris 1887, p. 203 sqq.

[4] *Tradições populares de Portugal*, § 206.

[5] *Tradições populares de Portugal*, § 146 *b*.

[6] Daremberg & Saglio, *ob. cit.*, p. 254, col. 2.

[7] Curvo Semedo, *Polyanthea medicinal*, trat. II, cap. CI, § 15.

gações, lh'as tira»[1]; o coração da perdiz cura a «paixão cardiaca»[2]; o nosso povo costuma trazer numa bolsinha de chita, pendurada ao pescoço, o maxillar inferior do ouriço macho *(Erinaceus Europaeus)*, para evitar dor de dentes[3]; a mesma receita se applica ás crianças como meio prophyllatico contra os accidentes da dentição[3].

Estes factos podem interpretar-se de duas maneiras, conforme os casos:

a) Em primeiro logar, em relação aos objectos que se trazem juntos ao corpo, ou *applicata* (para me servir de uma designação usada na antiga hygiene), suppondo-se que na origem se cria que a acção do espirito mau, productor da doença ou do raio, iria exercer-se naquelles objectos, seus affins, em logar de se fixar no homem ou nos objectos pertencentes a este. Temos assim, no uso do amuleto, um como caso do que a velha medicina chamava *derivação* e *revulsão*. O nosso povo, no Alemtejo, tambem costuma pendurar ao pescoço das crianças uma pequena medalha christã rodeada de pedrinhas de côr, encravadas, porque «é crença que o espirito malevolo, pretendendo atacar a criança, fixa-se numa das pedras, e esta, partindo-se, *talha* o mal»[4]. Nesta superstição, que nos leva aos tempos manifestamente animisticos, a connexão entre as pedras e o espirito mau não é clara, mas devemos ver aqui um echo inconsciente de uma epocha em que, por qualquer circumstancia, essa connexão era effectivamente clara. Nas mesmas circumstancias estão as super-

---

[1] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*, § 16.

[2] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*, § 18.

[3] A. Thomás Pires, in *O concelho de Elvas* de Victorino d'Almada, v. *amuletos*, p. 497. — Tambem encontro num médico do sec. XVIII: «o queyxo de bayxo do ouriço cacheyro trazido ao pescoço suspende.... os fluxos de destillicidio que fazem as dores de dentes». Curvo Semedo, *Polyanthea medicinal*, tract. II, cap. CI, § 20 (e cita casos de observação sua). — Cfr. o que digo adeante, p. 133.

[4] Vid. A. Thomás Pires, in *ob. cit.*, p. 497 e 498.

stições citadas pelo prof. Wuttke[1], que cebolas e certos animaes podem attrahir doenças para si, ficando livres d'estas os homens[2].

b) Em segundo logar, quanto aos objectos que se ingerem, ou *ingesta,* suppondo-se que o orgão assimilado vae de algum modo substituir ou fortificar o orgão doente, como nos exemplos de Curvo Semedo, ha pouco citados. Analogos a estes exemplos do empirismo grosseiro e *a priori* pódem effectivamente citar-se casos comprovados pela physiologia e pela experiencia, como os de Brown-Séquard a respeito da injecção sub-cutanea de certos sucos de origem animal[3], e os bem conhecidos da transfusão sanguinea, ou introducção de sangue no systema circulatorio, onde vae desempenhar funcções estimulantes, etc.

Casos haverá porém que sejão difficeis de distinguir, como succede com o exemplo dos calculos biliares. O povo tem muitas tendencias para confundir factos, que, embora

---

[1] *Der Deutsche Volksaberglaube.* Berlin. 1869.

[2] «... man hängt sie [a cebola] auch in die Stube über die Thür, damit sie (aber nur ein Jahr lang) die Krankheiten an sich ziehe». *Ob. cit.,* § 127.

«Nächstdem gibt es manche Thiere, welche wie ein Magnet die Krankheiten an sich ziehen und dadurch gewöhnlich selbst krank werden; der Kranke braucht dann meist weiter nichts zu thun, als das Thier in seiner Nähe zu haben». *Ob. cit.,* § 485.

[3] «Avons-nous raison de rire de l'emploi alimentaire des testicules d'animaux pour guérir l'impuissance, lorsque les récents résultats de la méthode de Brown-Séquard nous montrent que le suc des testicules, du corps thyroïde, du pancréas, injectés à un homme, produisent chez lui les effets physiologiques qui sont propres au testicule, au corps thyroïde ou au pancréas?». A. Bordier, *Superstitions médicales,* in *Revue mensuelle de l'École d'anthropologie,* III, 44.

Este assumpto foi tratado desenvolvidamente por Ch. Éloy no livro intitulado *La méthode de Brown-Séquard,* Paris 1893.

Posto que nem todos os medicos dêem completo assentimento ao methodo de Brown-Séquard, este A. ministra factos de observação physiologica e clinica muito importantes, e ha casos positivos de cura do myxedema por injecções de succo thyreoideu.

semelhantes, erão originariamente distinctos. E mesmo ás vezes podia dar-se uma generalização: a principio, v. g., certo orgão ou substancia, que se ingeria, tinha virtudes por algumas das razões que dei; depois ligava-se só importancia, não ao facto da ingestão, mas ao objecto ingerido, tendo-se por certo que tanto faria ingerir este como trazê-lo comsigo.

*

Por causa da tendencia que o espirito humano tem para estabelecer relação entre a fórma e a essencia das cousas, comprehende-se que, quando o homem não puder obter o objecto magico ou sagrado, ou um fragmento d'elle, recorra a uma simples imagem [1].

Ha nas crianças uma doença convulsiva que o povo attribue aos effeitos da lua [2], — supervivencia provavel de uma epocha antiga em que se acreditava que era o espirito da lua que, por meio do luar, penetrava no organismo infantil e o molestava; o povo, para evitar os maus effeitos do astro da noite, pendura ao pescoço das crianças uma figura (de metal, marfim, madeira, etc.) representando um

---

[1] Cfr. o meu *Elencho das lições de numismatica*, Lisboa 1889, I, 22 (Moedas-amuletos); e C^te^ Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, Paris-Bruxelles 1892, p. 121 e 122.

[2] *Tradições populares de Portugal*, § 35. — Já um medico do sec. XVIII dizia: «Huma advertencia muito necessaria, e principal, he, que não ponhão ao luar as roupas e panos com que os mininos se vestirê, porque os rayos e luz da Lua por meio dos ditos panos fazem nocivas impressoens nos meninos, sobre os quais tem este Planeta muito dominio». Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana*, Porto 1750, p. 101. — Para provar os maus effeitos da lua cita outros medicos e observadores, já portugueses, já estrangeiros, e até da antiguidade, como Zacuto Lusitano, Sennerto, Galeno, etc. Entre esses effeitos figurão as convulsões e «accidentes epilepticos» (que provavelmente os medicos confundião ás vezes com outras convulsões symptomaticas, e com as convulsões essenciaes da infancia ou eclampsia). *Ob. cit.*, p. 101 e 102.

crescente: neste caso o espirito da lua buscará de preferencia a sua propria imagem para se alojar ou para actuar, e deixará em paz o innocente infante [1].

Esta explicação, que acabo de dar, recebe confirmação nas crenças vivas de outros povos, por exemplo, os Chaldeus e Assyrios, que, attribuindo as doenças a espiritos representados sob a fórma de animaes phantasticos, púnhão á beira dos palacios esculpturas de monstros, para que os espiritos maus se fixassem alli, e não no corpo humano [2]. Comprehende-se tambem assim a crença antiga, indicada por Plutarcho, de que as figuras ridiculas das mascaras attrahião a si os olhares fascinantes, e os afastavão das pessoas que tinhão recorrido a esta especie de escudo [3]: é que, não podendo ser produzido o mau olhado senão por olhos pertencentes a caras hediondas, horriveis, iria o effeito d'esse mau olhado fixar-se naturalmente, por

---

[1] A meia-lua, ou *lunula*, era tambem um amuleto infantil nos Romanos: cfr. *Dictionnaire des antiquités rom. et grecques* de A. Rich (trad. fr.), Paris 1861, s. v. *crepundia* e *lunula*. — Muita gente suppõe que o nossso amuleto da meia-lua tem origem arabe; mas, como se vê, elle póde remontar bem mais alem.

[2] Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, p. 122. E citão-se lá AA. que trazem exemplos analogos. Pela minha parte citarei tambem os seguintes:

Adolf Wuttke, *Der Deutsche Volksaberglaube*, Berlin 1869, § 127 (cebolas penduradas sobre a porta attraem para si as doenças) e § 485 (animaes que tambem attraem o mal para si);

e F. Byron Jevons, *Plutarch's Romane Questions*, London 1892, introd., p. LXXVIII-LXXIX e nota (a respeito da Asia). Este A., por uma curiosa coincidencia (pois o meu texto está composto antes de eu ter lido aquella obra), dá do amuleto da lua uma explicação semelhante á minha: «O espirito da lua manda doença ou apodera-se da pessoa que está «lunatica» ou «aluada» (i. é., *moon-struck*). Mas o espirito póde ser enganado, e entrar para um objecto, em fórma de lua, trazido pela pessoa atacada». — Esta explicação, como a minha, deduz-se sem difficuldade realmente da exposição de factos como aquelles que cito no texto e nas notas.

[3] Cfr. *Revue Archéologique*, x, 583.

attracção, na mascara que era tão semelhante á cara de onde elle emanava[1].

De outro modo haveria uma contradicção palpavel: pois quer-se evitar o raio, e guarda-se em casa uma «pedra de raio»? quer-se evitar a influencia funesta da lua, e traz-se um amuleto com a fórma lunar? E assim por deante.

Isto succede principalmente quando o amuleto actua, *fixando* o espirito malevolo (ou *detendo* a sua acção); mas o amuleto póde actuar, *repellindo-o*, por exemplo o alho. Á primeira classe pertencem igualmente os amuletos em fórma de nó, o qual prende o mal[2]. Á segunda classe

---

[1] Podem ver-se in *Mélusine*, II, 448, outros factos (dos povos semiticos e da Italia), que entrão na categoria aqui por mim explicada.

[2] Mas o nó, na magia, póde tambem ter por fim deter um espirito bom, que defenda quem o traz comsigo.

Sobre o uso do nó na magia vid. o seguinte:

em relação á antiguidade classica, R. Heim, *Incantamenta magica graeca latina*, Lipsiae 1892, § 75 e nota respectiva;

em relação á Allemanha, A. Wuttke, *Der Deutsche Volksaberglaube*, Berlin 1869 (indice, s. v. *Knoten*);

em relação aos Eslavos, Tiele, *Manuel de l'histoire des religions*, Paris 1885, p. 262;

em relação a outros povos do Norte, um artigo in *Mélusine*, II, 184, onde se falla de nós magicos que, desatados, produzião, como os odres de Eolo, vento e tempestade [deve inferir-se d'aqui que os nós retinhão presos os espiritos da atmosphera]; no mesmo logar se citão mais as obras seguintes a propósito do assumpto: *Deutsche Mythologie* de J. Grimm, 2.ª ed., vol. I, 606; e *Sagen aus Schleswig* de Müllenhoff, p. 222 e 225.

No referido jornal, *Mélusine*, VI, 137 e 138, ha tambem uma allusão do sr. H. Gaidoz á importancia do nó como amuleto.

Em Portugal, o *nó magico* é ainda reconhecivel nas fitas com que se costumão atar os cornichos na testa dos bois, cavallos, burros, etc. As fitas são de ordinario vermelhas, embora as possa haver de outras côres (verdes, etc.). A côr vermelha, segundo a crença de certos povos, goza de virtudes magicas. No supra-citado costume português o effeito é pois triplice, porque provém do cornicho, do nó das fitas e da côr d'estas. — A significação da côr e do nó creio que está hoje perdida, ou quasi, no nosso povo, pois tenho geralmente

pertence em certo sentido uma cruzinha que muitas pessoas, como tenho visto, trazem comsigo, ligada ao mesmo tempo com uma figa, um cornicho, etc., attribuindo por igual a cada um d'estes objectos virtudes magicas [1].

---

ouvido dizer que as fitas são para enfeite, e que qualquer côr serve: todavia o predominio da côr vermelha, e o facto de muitissimas vezes se pôrem na testa ou ao pescoço dos animaes sómente fitas, sem mais objecto algum a que o povo attribua os poderes sobrenaturaes que attribue ao cornicho, levão-me a admittir, como disse, que as fitas e a sua côr são vestigios de crenças mais antigas.

[1] O nosso povo colloca muitas vezes a par do Christianismo as suas crenças pagãs. Eis mais alguns factos que tenho observado, e que não admittem objecção.

Aqui em Lisboa é vulgarissimo ver o seguinte nas cangalhas em que anda a fructa a vender em burros: uma ferradura (amuleto), um sino-saimão pintado, uma cruz pintada; dando-se frequentemente o caso de a cruz vir ao pé dos outros dois ou de algum d'elles. — Uma vez um homem da Estremadura disse-me que elle costumava pôr nos seus campos, para os livrar do mal, ou uma cruz de madeira, ou uma armação de carneiro, pois, segundo elle cuidava, qualquer das cousas produzia o mesmo effeito. — Possuo dois amuletos em fórma de meia-lua, um de prata, outro de chumbo, contendo o primeiro a inscripção *I. M. I.* (Jesus, Maria, José), e o segundo a inscripção *I. H. S.* (Jesus Hominum Salvator): aquelle é um pouco antigo, e obtive-o no concelho de Avis; este é moderno, e obtive-o numa feira do Cadaval. — Em Guimarães, entre outras, adquiri uma fôrma de chumbo de um dos precedentes amuletos, onde se lê: *J M I* (com a ultima lettra ás avessas, para fazer symetria com a primeira); o que mostra que o amuleto não é especial do Sul. — No Algarve comprei a uma velha um annel metallico, que operava nella, por suggestão, para a cura de certas nevralgias, o qual foi começado em 4.ª feira de trevas, continuado em 5.ª feira santa, e acabado em 6.ª feira, amuleto que tem o nome de *annel da enxaquêta* (enxaqueca). — Na mesma provincia costumão mergulhar na pia d'agua benta os amuletos infantis denominados lá, e tambem noutras provincias, *arreliques*. — Eis aqui bellos exemplos do syncretismo pagão e christão. O povo julga reforçar a virtude dos amuletos com a virtude das fórmulas e cerimonias da Igreja, attribuindo o mesmo valor áquelles e a estas.

Factos analogos se dão noutros paises: Cartailhac, por exemplo, cita do territorio de Ehl, uma «pedra de raio», conservada num

A) Amuletos constituidos por dentes

Com a ordem de ideias que estou estudando liga-se a veneração que muitos povos prestão aos dentes de homem ou de animal, chegando elles até a trazê-los comsigo como amuletos.

Vejamos rapidamente alguns exemplos pertencentes a differentes paises e epochas.

Os Romanos acreditavão que o guerreiro que trouxesse ligado ao braço um dente de hyena não deixaria nunca de acertar no alvo, quando lançasse os dardos[1]. Os dentes tinhão tambem para os Romanos muita importancia na medicina empirica[2]: o primeiro dente que cahia a uma criança, com tanto que não tocasse no chão, possuia propriedades singulares, e trazido sempre no braço, engastado num bracelete, livrava de doenças uterinas, podendo mesmo impedir que as mulheres concebessem[3]. Um dente de lobo livrava do medo e dos accidentes da dentição as crianças; trazido ao pescoço de um cavallo tornava-o infatigavel[4]. Outros dentes, como os de toupeiras, etc., gozavão tambem de virtudes contra os accidentes da dentição[5].

Sem nos afastarmos da Italia, mas já em tempos modernos, o que não impede que estejamos deante de super-

---

cofre com imagens da Virgem, uma cruzinha, etc., e cita, dos Abruzzos, uma ponta de setta prehistorica que andava ao pescoço de uma criança juntamente com veronicas (*L'âge de pierre dans les souvenirs et superstitions populaires*, Paris 1877, p. 17 e 40). Da Italia tambem Bellucci cita outros exemplos (*Catalogo della collezione di amuleti*, Perugia 1881, n.º 9, etc.).

[1] Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. *amuletum*, p. 254, col. 1.

[2] Iid., *loc. laud.* — E vid. Plinio, *Nat. Hist.*, liv. XXVIII, cap. XXV, XXVII, XXVIII, XXXI; e cfr. tambem *ibid.* o cap. VIII.

[3] Daremberg & Saglio, *loc. laud.*

[4] Iid., *loc. laud.*

[5] Iid., *ib.*, p. 254, col 2.

stições provindas da antiguidade, encontramos muitos outros exemplos da crença em amuletos feitos de dentes. Num opusculo do sr. Giuseppe Bellucci mencionão se varios dentes de animaes (de porco e de lobo), usados pelas crianças em Spoleto, Fojano e Perugia, para obterem bons dentes e boas gengivas[1]. Na Calabria acredita-se que um dente de animal, penetrado de um orificio, e suspenso ao pescoço das crianças, é seguro preservativo contra os accidentes da dentição[2]. Nas provincias napolitanas o povo conserva muitos dentes fosseis como amuletos contra certas doenças, e as crianças trazem-nos ao pescoço para se livrarem do mau olhado[3]. O sr. Gabriel de Mortillet tambem falla de dentes de porco trazidos ao pescoço pelas crianças em diversos logares da Italia, tendo elle mesmo comprado um em Reggio d'Emilia para o museu de Saint-Germain[4]. O sr. Giuseppe Pitrè diz que na Sicilia se crê que um dente de javali, encastoado em prata, é efficaz contra bruxedos[5].

Na Allemanha é vulgar o uso de dentes como amuletos: contra a dôr de dentes traz-se um dente de potro, ou um dente humano que se arrancou, ou um dente de homem morto; contra a gotta um dente de toupeira, etc.[6].

Na Bohemia o dente de um cão preto preserva de hydrophobia[7].

Na Irlanda, segundo um A. do seculo XVII, usava-se como amuleto um dente canino de lobo, encastoado em

---

[1] *Catalogo della collezione di amuleti inviata all' Esposizione nazionale di Milano 1881,* Perugia 1881, n.os 154–157. Cfr. ainda os n.os 116, 122, etc.

[2] Broca, in *Revue d'Anthropologie*, VI. 207.

[3] *Compte-rendu* do congresso de Bolonha. Bologne 1873. pag. 40.

[4] *Amulettes gauloises et gallo-romaines*. Paris 1876, pag. 10.

[5] *Mostra etnografica siciliana* (Esposizione nazionale di Palermo 1891-92), Palermo 1892, p. 78, § 218.

[6] Wuttke, *Der Deutsche Volksaberglaube,* Berlin 1869, §§ 185, 526, 534, etc.

[7] H. Gaidoz, *La rage et S^t-Hubert,* Paris 1887, p. 12.

prata ou ouro[1]. Nos North Hants (Inglaterra) um dente tirado da bôca de um cadaver humano, e trazido em volta do pescoço, num saquinho, preserva de odontalgias quem o traz[2].

Em Portugal, a superstição com os amuletos feitos de dentes é bastante vulgar, e já antiga. Nas *Constituições* synodaes do arcebispado de Evora, de 1534, manda-se que não se «traga comsigo *dente,* nem baraço de enforcado, nem qualquer outro membro de homem morto»[3]; a ligação das phrases mostra que o dente de que se trata era de enforcado. Comparavel a isto é o que diz Curvo Semedo, medico do sec. XVIII: «Hum dente de defunto que morrer de pura velhice, sem frio, nem febre, tocando em qualquer dente que doer, o faz cahir, sem ferro e sem violencia»[4]. Agora em relação aos dentes de animaes.

---

[1] John Aubrey, *Remains of Gentilisme and Judaisme,* 1686–87, edited and annoted by James Britten, London 1881, p. 115 e 204.

[2] William George Black, *Folk-medicine,* London 1883, p. 98.

[3] F. Adolpho Coelho, *Ethnographia portugueza.* § 128 (in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 1880, p. 428). — A proposito do baraço, cfr. Plinio, *Nat. Hist.,* XXVIII, XI e XII.

[4] *Polyanthea medicinal,* tract. II, cap. CI, § 26.

Com esta receita do nosso crendeiro medico, que elle talvez colheu da tradição popular, como tantas outras, é comparavel a seguinte superstição escoceza: Quem for a um cemiterio, na occasião em que se está abrindo uma cova, e pegar numa caveira, em cuja queixada haja dentes, e com os proprios dentes arrancar um da caveira, sara da odontalgia (Walter Gregor, *Notes on the Folk-Lore of the North-East of Scotland,* London 1881, p. 48). — Cfr. tambem W. G. Black, *Folk-Medicine,* London 1883, p. 98, que citei numa das notas antecedentes.

Nos *Remains of Gentilisme and Judaisme* de John Aubrey (sec. XVII), edited and annotated by James Britten, London 1881, cita-se um texto de Plinio (*Nat. Hist.,* XXVIII, II[I]), em que este diz, segundo a auctoridade de Apollonio, que é bom na odontalgia sarjar as gengivas com um dente de homem morto violentamente: Britten commenta que esta operação era muito usada em Bristow (*ob. cit.,* p. 193). Este caso está mais vizinho do da constituição

Escreve Bluteau, no sec. XVIII: «Um dente de cão macho, arrincado estando vivo, furando-o, e trazendo-o ao pescoço, que toque na carne, dizem que preserva de dores de dentes»[1]. A mesma superstição menciona-a Curvo Semedo, accrescentando que este preservativo é para «toda a vida»; citando varios casos de cura observados por elle, falla de «hum homem que tanto que lhe nasce algum filho, lhe pendura logo ao pescoço um dente de cão»[2]. Analoga é ainda est'outra superstição, tambem do seculo XVIII: «o dente que se tirar de huma toupeira, deixando-a ir viva, e tocando com elle o dente que tiver a dor, cura esta»[3]. Os amuletos de dentes são ainda hoje queridos do nosso povo. No Alemtejo usa-se um dente canino de lobo, encastoado em prata, contra os accidentes da dentição[4]. Na mesma provincia é costume pendurar das testeiras dos machos e mulas, ao mesmo tempo com outros amuletos, um dente canino de porco, encastoado em lata ou latão[5]. Na minha collecção ethnographica possuo um amuleto constituido por dois dentes de varrasco, encastoados em lata, e ageitados de maneira que fazem uma meia-lua[6]; creio que é a este que se refere a noticia antecedente, pois elle proveiu do Alemtejo, tendo-me sido offerecido pelo sr. A. Thomás Pires.

---

de Evora citada no texto, do que do de Curvo Semedo, tambem citado.

Vid. ainda Wuttke, *Der Deutsche Volksaberglaube,* Berlin 1869, § 183 (dente de homem morto na guerra, ou violentamente, cura dôr de dentes, quando se esfrega com elle o dente doente e a face dorida) e § 185 (dentes de morto cúrão cephalalgias e odontalgias, etc.).

Temos aqui exemplos da persistencia e transmissão das superstições através dos tempos, desde a antiguidade.

[1] *Vocabulario,* s. v. «amuleto» (vol. I), Coimbra 1712.

[2] *Polyanthea medicinal,* tract. II, cap. CI, § 10 e 11.

[3] Fonseca Henriques, *Medicina lusitana,* Porto 1750, p. 264.

[4] A. Thomás Pires, *Amuletos* (já cit.), p. 497, § V.

[5] A. Thomás Pires, *ib.,* p. 501, § XXV.

[6] Cfr. o meu opusculo *Sur les amulettes portugaises,* Lisbonne 1892, pag. 9.

Na ilha de S. Miguel (Açores) acredita-se que «para as dores de dentes é bom trazer na aljibeira um dente de cão»[1]. Em Gaia liga-se importancia a certo *dente santo* contra as mordeduras de animaes damnados[2].

Se sahirmos da Europa, deparar-se-nos-ha igualmente o apreço superstícioso dos dentes. «A Bornéo, les Dayaks ne s'adressaient à leurs divinités que par l'intermédiaire des *hampatongs*. Ces idoles, qu'ils considéraient comme tout-puissants auprès des dieux, consistaient en morceaux de bois ou de pierre, ou de dents de crocodiles creuses nommées *pinjants*, ou en figurines peintes sur des bâtons, ou en statuettes humaines taillées dans le liége»[3]. Nas ilhas Marquesas usão-se amuletos guerreiros, feitos de dentes de baleia[4]. No Brasil os olhos de *bôto* ou *nyára* «são considerados preciosos amuletos para abrandar corações de amantes; seus dentes preservativos excellentes contra as dores d'estes orgãos e contra os perigos da primeira dentição»[5].

E, com quanto fosse facil reunir mais exemplos, entendo que esses bástão já para o meu intuito, que era verificar, de modo positivo, a crença nas virtudes maravilhosas de certos dentes, que por isso se trazem ou trouxerão como amuletos.

Parece-me agora que não é deixar o methodo ethnographico attribuir costumes analogos aos povos prehistoricos, entre os quaes, como as explorações archeologicas o provão, não era raro fazerem parte de collares os dentes com orificios. Achamos sempre deante de nós, é certo, a difficuldade de distinguir entre o que póde ser objecto

---

[1] Theophilo Braga, *O povo portuguez*, II, 234.

[2] Vid. o meu artigo *Amuletos italianos e portugueses*, in *Revista scientifica* (do Porto), 1883, p. 584.

[3] Louis de Backer, *L'Archipel Indien*, Paris 1874, p. 221 e 222.

[4] Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), I, 491.

[5] Apud F. Adolpho Coelho, *As sereias*, in *Archivio per le tradizioni popolari* de G. Pitrè, 1885, — Julho a Setembro —, p. 338.

religioso, mero enfeite, curiosidade, etc.; mas o facto de os povos historicos terem usado de amuletos dentarios com tanta frequencia, e as considerações que apresentei a p. 106–110 e notas, á cêrca do utilitarismo das representações artisticas e analogas nos povos atrasados, dão, quanto a mim, bastante pêso áquella attribuição.

Já do *periodo paleolithico* existem nos museus estrangeiros muitos dentes com orificios de suspensão, dentes pertencentes a varios animaes, como lobo, raposa, veado, boi, rangifer: por exemplo, dentes provenientes de Cro-Magnon, da estação de Solutré, das cavernas de Thayngen e de Excideuil, da Madeleine, do abrigo de Laugerie-Basse, de Bruniquel, de Eyzies, de Menton, etc.[1].

Do *periodo neolithico* temos a gruta de Durnthy, nos Pyreneus, da qual se extrahiu grande quantidade de dentes caninos de leão e de *Ursus ferox,* quasi todos com orificios de suspensão, e alguns com esculpturas (flechas, linhas, etc.)[2]. Na gruta de Malvézie, tambem nos Pyre-

---

[1] Salomon Reinach, *Antiquités nationales,* Paris s. d., I, 186 (nota 1), 206, 216, 219, 223, 235 e 236, 249 (e nota 6), 250, 254.

Cfr. tambem G. de Mortillet, *Le préhistorique,* Paris 1885, p. 396 e 397. A cima, p. 86–90, discuti as ideias do sr. Mortillet a este propósito.

[2] *Compte-rendu* do congresso de Estocolmo (1874), Stockholm 1876, I, 304 e 307.—Vid. tambem *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme,* IX, 101 sqq. (e muitos desenhos a p. 140 sqq).

Lartet e Duparc, auctores tanto do artigo do *Compte-rendu* como do dos *Matériaux,* entendem que estes caninos de urso o de leão fazião parte dos ornatos dos homens de então, e devião ao mesmo tempo servir de tropheus de caça (*Matériaux,* ib., p. 137). Esta ideia tem a seu favor um costume dos caçadores elegantes da Belgica, que, quando matão certas peças grandes, lhes tirão os dentes e os trazem como berloques (vid. Dupont in *Compte-rendu* do congresso de Estocolmo, I, 314).

Mas não haveria aqui o vestigio de uma surperstição mais antiga? (cfr. tambem Reinach, *Antiquités nationales,* I, 233 e 234).

O que sabemos da ethnographia dos povos não-civilizados auctoriza tal hypothese. Vejamos alguns exemplos. Os Beduinos de Hadramaut ligão á coronha das suas espingardas, como talisman de

neus, apparecêrão dentes de javali e de outros animaes

---

caça, um fragmento da pelle de cada animal que elles mátão (H. Gaidoz, in *Mélusine,* III, 245). «Dans les Iles Aaru (Indes orientales), quand on a tué un sanglier à la chasse, on en conserve la queue au-dessus de la porte de la maison et on pend la mâchoire inférieure à un arbre, pour avoir de la chance à la chasse» (Apud H. Gaidoz, in *Mélusine,* III, 246). De outros talismans e feitiços de caça vid. exemplos *ib., ib.,* col. 247 e 543, e VI, col. 81, no artigo intitulado *Croyances et pratiques des chasseurs,* por H. Gaidoz.

Assim os dentes que servem de berloques aos caçadores elegantes da Belgica podem muito bem representar superstições extinctas, semelhantes ás mencionadas.

No Algarve (Sagres), quando se caça um lobo, tira-se-lhe um *dente,* qualquer dos *olhos,* o *buço* (cabellos brancos de debaixo da barba) e algum *sangue.* Guarda-se tudo isto, «porque é bom» para certas molestias.

É sabido como os idolos, os symbolos, os talismans, etc., degenerão ás vezes em ornatos. No Porto ha uma casa chamada *O Palacio das Sereias,* que tem duas sereias á porta; as sereias erão nymphas do mar na mythologia greco-romana, mas no exemplo do Porto são simples embellezamento architectonico. Aqui mesmo em Lisboa, em dois jardins da Avenida, ha umas figuras humanas, de pedra, segurando cada uma um vaso d'onde sae água, e que representão os rios Tejo e Doiro; o artista quis unicamente fazer uma obra de arte, mas imitou as crenças da antiguidade, segundo as quaes os deuses da água erão figurados d'aquella maneira. Os *frades de pedra,* que servem para interceptar a passagem de uma rua, para amparar o cunhal de uma casa, etc., representão, como direi a seu tempo, um velho culto phallico, já hoje não comprehendido do vulgo. Os exemplos podem multiplicar-se.

Na propria classe dos amuletos os temos. Eis um de país estrangeiro (Tyrol): «Le chasseur se donne l'œil perçant et du courage dans le danger quand il porte à son chapeau des plumes d'aigle, dont deux doivent être prises sous la queue de l'animal; aussi celles-ci sont-elles très chères» (H. Gaidoz, in *Mélusine,* art. cit., col. 243). O A. commenta: «Porter des plumes au chapeau est devenu un simple ornement dans les pays des montagnes; mais on voit par là qu'à l'origine la plume était une amulette» (*ib. ib. ib.*). Nos Polynesios as pennas servem de adôrno, e ao mesmo tempo de objectos de fé, por serem sagradas as aves a que ellas pertencem (Ratzel, *Las razas humanas,* I, 458, col. 2). No nosso país ha varios exemplos de degeneração de amuletos em ornatos. É vulgar em

com orificios [1]. Da estação austriaca de Weyeregg (lago de Attersee) ha tambem noticia da descoberta de dentes com orificios de suspensão [2].

Na rica estação archeologica de Argar (SE. da Hespanha), que pertence á *epocha metallica*, apparecêrão dentes de differentes animaes, como se vê na obra dos srs. H. & L. Siret, já por vezes citada neste livro [3]: na est. XXIII, que acompanha o texto, vem desenhos de varios dentes que pertencêrão a collares, tendo alguns d'estes dentes orificios ao longo, para a introducção de anneis de cobre, que ainda ahi se encôntrão, e tendo outros dentes um simples orificio de suspensão; na est. XXV, n.os 39 e 40, vem desenhos de dentes de javali com orificios [4]; tambem apparecêrão dentes sem orificios, ou porque esses dentes, como cuido, estavão ainda por trabalhar, ou porque, como objectos de virtude que serião, bastavão mesmo assim; nas sepulturas de Argar, e na *estação neolithica* da Cueva de los Toyos achárão-se dentes de esqualo [5].

Lisboa ver na testa dos cavallos uma roseta de metal; como se prova pela comparação com outros casos, esta roseta substitue uma meia-lua feita da mesma substancia. O peixe de marfim que em Portugal serve de gancho da meia, o coração que muitas pessoas trazem em collares, uma cruz de ouro nas correntes dos relogios, etc., são outros tantos objectos religiosos tornados enfeites. — Cfr. tambem A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 362, (Paris 1883); e o que escrevi supra, p. 106–110.

Portanto á hypothese dos srs. Lartet e Duparc, de que os dentes furados da gruta prehistorica de Duruthy erão simples ornatos ou tropheus, contraponho a minha de que podião ser objectos supersticiosos.

[1] *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, VIII, 449.

[2] *Compte-rendu* do congresso de Bolonha, Bologne 1873, p. 155.

[3] *Les premiers âges du métal dans le Sud-Est de l'Espagne.*

[4] Segundo dizem os AA., estes dentes servião «comme ornement de collier». Hypothese inteiramente gratuita.

[5] Vid. H. & L. Siret, *ob. cit.*, est. LII, n.º 334; e est. II, n.º P. — Sobre dentes de esqualo, como amuletos, vid. G. Belluci, *Catalogo*

Todos esses dentes furados, que datão do periodo paleolithico e se estendem até á epocha dos metaes, serião, na minha hypothese, objectos de virtude. Como não temos á cêrca d'elles noticias directas, foi preciso raciocinar inductivamente para chegar a esta conclusão.

Dos tempos prehistoricos, ou antes protohistoricos, ha porém já em França alguns factos que, comquanto tambem desprovidos de indicações directas, estão em taes condições que se podem considerar como positivos, e que por tanto apoião grandemente a hypothese que até aqui tenho sustentado. São os seguintes:

Nos cemiterios gauleses de Marne (Norte da França) e Arles (Sul da França) apparecêrão muitos objectos que o sr. Gabriel de Mortillet descreveu e figurou no seu curioso opusculo intulado *Amulettes gauloises et gallo-romaines*, Paris 1876. Estes objectos consistem em coraes, em contas de pedra e de ambar, em conchas, em *dentes com orificios*, em ossos inteiros ou fragmentados, do mesmo modo com orificios, em contas de vidro, em rodinhas, num amuleto composto de um phallus e de uma figa, etc. O A. mostra como, por exemplo, o ambar e o coral são objectos de superstição popular, sendo pois natural que os outros objectos associados com estes tivessem virtudes analogas, tanto mais que alguns d'esses objectos, como duas clavículas de criança, uma esquirola de osso longo, dois cuboides de vacca e de cervideo, uma rodella de cranio humano, tudo com os competentes orificios, mal podião ter sido ornatos. Mas o facto decisivo é o amuleto que se compõe, como disse, de um phallus e de uma figa. Se este objecto era, sem

---

della collezione di amuleti (já cit.), n.ºs 116, 119, 122; e E. Cartailhac, *Les âges de pierre dans les souvenirs et superstitions populaires*, Paris 1877, p. 93, nota. — Tambem no nosso povo, no Sul, os dentes de esqualo são tidos como «pedras (*sic*) de raio»; possuo um, que obtive ao pé de Cacilhas. — Por isso os de Argar e os da Cueva de los Toyos podião muito bem ser amuletos.

dúvida alguma, amuleto [1], outros, como os *dentes,* que se encontrárão nas mesmas circumstancias que elle, isto é, pendentes de um *torques,* e á cêrca dos quaes ha por toda a parte bastantes superstições, devião tê-lo sido tambem.

O sr. Barão de Baye refere-se igualmente aos tumulos gauleses de Marne [2]. Em Saint-Jean-Sur-Tourbe encontrou-se um *torques,* tendo um annel com varios objectos enfiados, e encontrou-se um bracelete com os seguintes objectos: nove contas de ambar, um annel de bronze, uma rodella de osso e uma pedra furada. Entre os objectos que apparecêrão com o *torques* figura «une défense de sanglier, une amulette phallique, deux pierres d'une configuration bizarre, et trois coquillages percés», sendo fosseis duas das conchas [3]. O amuleto phallico (figura humana) é pois tambem outro facto positivo. E quem negará que o dente de javali seja aqui um amuleto? [4]

*

Cheguei agora ao ponto de fallar dos dentes com orificios, achados nos jazigos neolithicos de Portugal. Elles constituem o objecto principal d'este capitulo, mas eu não podia citá-los sem ter primeiro justificado, como fiz, a sua

---

[1] Do *fascinus* fallarei na Parte III d'esta obra.

[2] In *Compte-rendu* do Congresso de Paris, p. 311 sqq.

[3] *Ib.*, p. 313.

[4] O A. faz várias considerações á cêrca da superstição com o ambar, mostrando que os povos antigos a tinhão, segundo Plinio (*Nat. Hist.,* XXXVII, XII), e que ella existia nos Gallos e ainda hoje na França. Facto interessantissimo: o cranio do morto que tinha sido enterrado com tantos objectos de ambar accusa um desenvolvimento doentio do cerebro, o que parece indicar que o ambar havia servido de meio therapeutico. *Ib.*, p. 312 e 315. [O morto esperava pois continuar na outra vida a curar-se com elle]. Sobre o ambar vid. tambem: Fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental,* liv. I, cap. XXVIII; Wuttke, *Der deutsche Volksabergl.,* Berlin 1869, § 531; *Mélusine,* II, 26; e a passagem que cito adeante, p. 141, á cêrca da Escandinavia. Fr. Manoel de Azevedo falla das virtudes do alambre na *Correcçam de abusos,* II, Lisboa 1705, p. 87.

entrada aqui; e se a justificação foi longa, é que eu quis libertar de dúvidas, o mais possivel, o espirito do leitor.

a) Na fig. 3 temos o fragmento de uma presa de javali com vestigios de orificio para suspensão, — objecto proveniente da gruta da Casa da Moura (Cezareda);

b) Na fig. 4 temos outro fragmento de uma presa de javali, furado e affeiçoado, — objecto proveniente da gruta da Furninha (Peniche)[1];

Fig. 3 Fig. 4 Fig. 5

c) Na fig. 5 temos um dente de *Canis*, furado na raiz, — e proveniente da Casa da Moura.

d) Na fig. 6 temos outro dente nas mesmas condições, — e da mesma proveniencia.

e) Na fig. 7 temos outro dente de *Canis*, — proveniente da Furninha[2].

---

[1] Tambem foi desenhado no trabalho do Sr. Nery Delgado, *La grotte de Furninha*, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 234, e est. VI, n.º 59.

[2] Já desenhado pelo Sr. Nery Delgado no citado trabalho, *ib.*, *ib.*, n.º 54.

f) Na fig. 8 temos um dente principal de *Canis*, furado em dois ramos da raiz,—objecto proveniente da Casa da Moura.

g) Na fig. 9 temos um dente de *Felis*, furado na raiz, — objecto proveniente da Casa da Moura.

Todos estes dentes se achão hoje em Lisboa, no rico Museu Anthropologico da Commissão dos Trabalhos Geologicos d'onde forão photographados para aqui [1].

Fig. 6

Fig. 8

Fig. 7

Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

h) Na fig. 10 temos um dente de *Canis*, encontrado na anta da Capella, concelho de Avis, em Agosto de 1893 [2].

---

[1] Ao meu amigo o sr. Nery Delgado, chefe dos Trabalhos Geologicos de Portugal, agradeço o ter-me permittido servir-me d'estes e d'outros objectos prehistoricos existentes no Museu. Igualmente agradeço, a elle e ao sr. Berkeley Cotter, naturalista adjunto da Commissão dos Trabalhos Geologicos, as informações que a proposito de todos estes objectos me derão.

[2] Esta anta foi explorada pelo dr. Mattos e Silva. Com os dentes descriptos apparecêrão muitos objectos, como instrumentos de pedra, centenas de contas, etc., alem de muitos ossos humanos. Cfr. adeante, p. 132, nota 4.

A raiz foi desgastada dos dois lados, e fez-se-lhe um orificio, que o atravessa, como nos de mais dentes. Este dente está já raxado, o que se vê na figura.

i) Na fig. 11 temos o fragmento de outro dente de *Canis,* encontrado na referida anta da Capella, na mesma occasião. No que resta da raiz vê-se ainda parte de um orificio de suspensão [1].

Nas grutas de Alcobaça, exploradas pelo sr. Vieira Natividade, tambem apparecêrão dentes de *Canis,* e lascas de dentes de javali, com orificios de suspensão [2].

Pelas razões que desenvolvi acima, considero todos esses dentes, no geral, como amuletos. Alguns d'elles, ou pela sua natureza, ou porque fôrão affeiçoados pela arte, tem certa symetria, qualidade que não raro se encontra nos amuletos [3]; mas o da fig. 8 é muito pouco bello, o que mostra que difficilmente poderia ter sido ornato, pois só seria trazido pelo homem um objecto d'estes, quando dotado de virtudes mirificas e poderosas [4].

---

[1] Os dentes n.os 10 e 11 pertencem hoje á minha collecção ethnographica, por generosidade do dr. Mattos e Silva.

[2] Vid. supra, p. 41, nota.

[3] Cfr. o meu opusculo *Sur les amulettes portugaises,* etc., p. 8.

[4] Se os dentes com orificios tivessem servido de ornatos, ou ainda de tropheus de caça, era de esperar que se encontrasse maior número d'elles do que o que realmente se tem encontrado. Na anta da Capella (concelho de Avis), explorada pelo dr. Mattos Silva, trabalho a que assistiu tambem o meu collega Henrique Schindler e eu, encontrámos 677 contas, e apenas quatro dentes (de cão) com orificios, mais um (do mesmo animal) sem orificio, e cinco (sendo quatro fragmentados) de javali, sem orificios; não obstante, os dentes humanos pertencentes aos cadaveres que havião sido sepultados na anta erão muito numerosos (encontrárão-se 1509 dentes, sendo 1020 molares, 332 incisivos e 157 caninos), o que mostra que não houve grande deterioramento. No Museu da Sociedade de Geographia de Lisboa está um collar com muitas dezenas de dentes de diversos animaes, alguns ossos e uma concha univalve, tudo munido de orificios de suspensão; o rótulo que o acompanha diz o seguinte: «Collar de grande caçador shetebus (Perú): um dente ou osso por cada animal»; ignoro se a este collar se ligavão superstições ou não.

Vemos que os animaes cujos dentes servião de amuletos aos nossos avós neolithicos pertencião aos generos *Sus, Felis* e *Canis*. Os dentes de *Canis* e de *Sus* ainda hoje o nosso povo os aproveita com o mesmo fim, como se disse a cima; e não ha razão nenhuma para deixar de admittir que as crenças modernas se liguem com as prehistoricas, tanto mais que nós encontrámos amuletos de dentes nos Romanos, que constituem no nosso país a principal interposição, entre os tempos pre- e protohistoricos, de um lado, e os tempos medievaes, do outro.

Quaes serião os effeitos attribuidos a todos esses amuletos dentarios? Impossivel é responder de modo preciso; como porém, na revisão ethnographica feita a cima, notámos ter, a respeito dos dentes, grande applicação o velho aphorismo *similia similibus,* servindo elles muitas vezes, segundo a crença, para livrar de odontalgias e se evitarem os accidentes funestos da dentição, é natural inferir que nos tempos neolithicos acontecesse o mesmo.

É sabido que os povos atrasados acreditão frequentemente que as doenças são produzidas por entidades sobrenaturaes e maleficas. Se, por exemplo, doe um dente, é que ahi actuará um espirito mau; e então o melhor meio de impedir que esse espirito actue no orgão humano, consistirá em lhe apresentar um dente estranho, em que elle possa manifestar-se sem offender a pessoa. Ainda que esta explicação seja a mais natural, e tenha por si factos inconcussos, que citei, póde tambem, para se explicar o amuleto, recorrer-se ao principio *da generalização,* de que fallei a pag. 116. Em qualquer dos casos, comprehende-se o motivo de se trazer ao pescoço, no braço ou á cinta, um dente pendurado.

Qual porém o motivo da escolha do dente d'este ou d'aquelle animal? Isso é questão secundaria, para que podem ter concorrido muitas circumstancias, nem sempre faceis de distinguir.

O que succedia com os dentes, succedia com outros orgãos, como mostrei com exemplos.

As theorias passárão do povo para os medicos e observadores, os quaes lhes derão entrada na classe das *sympathias e antipathias naturaes*. Plinio falla dos odios e das amizades das coisas insensiveis, «quod Graeci *sympathiam* appellavere»[1]. E em livros successivos accumula a este proposito muitos factos, analogos a alguns que já citei. Tambem o nosso Curvo Semedo escreve: «Nem fe póde negar que haja sympathias, & antipathias, & que haja muytas coufas que tem virtudes, & qualidades occultas»[2], referindo seguidamente numerosos exemplos.

Sem dúvida, muitas vezes os amuletos produzem effeitos reaes[3].

A fé é quem nos salva,
Nanja o pau da barca...

diz um dictado nosso, que encontrou a sua confirmação nos modernos estudos de neuropathia. Os amuletos podem

---

[1] *Nat. Hist.*, XX, 1.

[2] *Polyanthea Medicinal*, Lisboa 1716, p. 532, § 4.

[3] No seu livro *Estudos sobre a suggestão*, Coimbra 1888, o dr. Teixeira de Carvalho deu alguns exemplos de interpretação das superstições populares, dos milagres, etc., pela medicina: vid. p. 1 sqq., e 193 sqq. Para isto serve-se dos processos da Inquisição, das constituições dos bispados, das lendas, etc. Eis aqui aberto um bello e fecundo caminho, em que o dr. Teixeira de Carvalho, com a sua competencia especial, póde prestar á sciencia bons serviços. A p. 10 diz que desde 1875 está reunindo elementos para um estudo sobre a *Inquisição e a nevrose hysterica*, o qual porém ainda por ora não viu a luz da publicidade. — Cfr. já E. Littré, *Médecine et médecins*, Paris 1875 (3.ª ed.), p. 111 sqq., onde ha um capitulo intitulado *Un fragment de médecine rétrospective*, sobre a interpretação scientifica dos milagres de S. Luis. E muitos outros medicos tem seguido nesta direcção: vid. por ex. P. Richer, *Études cliniques sur l'hystéro-épilepsie*, Paris 1881, p. 615 sqq. (appendice com o titulo *Notes historiques*, destinado a estabelecer que muitas das grandes epidemias convulsivas da Idade-Media, e casos que nos tempos seguintes tem sido attribuidos á possessão demoniaca, etc., se explicão, em parte, por aquella nevrose); ahi, a pag. 615, dão-se varias indicações bibliographicas sobre o assumpto. Vid. tambem E. Dupouy *Le moyen âge médical*, Paris 1888.

actuar por *suggestão* em individuos cuja doença seja puramente de causa nervosa. Quem não conhece casos therapeuticos d'estes, por exemplo, os produzidos pelas célebres pilulas de *mica panis?* A imaginação é grande recurso em medicina.

Outros amuletos podem actuar, na realidade, por causa da natureza da sua substancia, como o alho, que é excitante, e acaso certos metaes.

Depois o povo generaliza os effeitos que só se produzem em determinados casos, como os que acabo de referir, e estabelece confusões.

De modo que ha amuletos devidos á observação da natureza; ha outros que só provém da imaginação: mas, como em qualquer dos casos o povo os suppõe quasi sempre dependentes de fôrças occultas e mysteriosas, elles entrão pela maior parte no quadro das superstições religiosas.

De accôrdo com as explicações que acabo de dar, os amuletos dentarios dos nossos avoengos neolithicos, com quanto pudessem ter uma das suas origens no principio geral dos *similia similibus,* produzirião por ventura ás vezes effeitos devidos á *suggestão,* o que confirmaria o uso d'elles: isto é, quem os trazia comsigo esperava sarar, e sararia realmente[1].

Sem embargo, esta classe de objectos podia ter tambem outros fins, pois a cima vimos exemplos de os Cafres trazerem comsigo orgãos ou fragmentos de orgãos de animaes, conforme as propriedades que pretendião assimilar[2].

Devemos porém regular-nos pelo caso mais geral, que é o primeiro.

---

[1] Medicamente fallando, a suggestão é de differentes especies: suggestão no *somno* (em que se considerão ainda dois casos, conforme a sua acção se manifesta durante elle ou depois) e suggestão na *vigilia.* Os amuletos de que estou tratando entrão nos casos de suggestão na vigilia.

[2] Vid. supra. p. 112.

B) Varios objectos amuletiformes, e outros

O que acabo de dizer parece-me sufficiente para mostrar o caracter amuletico dos dentes provídos de orificios, julgando eu que só por grande pyrrhonismo poderá deixar de se acceitar o conjuncto dos factos que apontei. Temos porém agora de considerar outros objectos, cuja natureza religiosa já é mais susceptivel de dúvida, — motivo porque constituo com elles um grupo separado, em que ainda assim faço diversas subdivisões.

a) Objectos de azeviche

O azeviche é uma variedade de lignite; a lignite uma especie de carvão mineral. O azeviche é conhecido em Portugal de alguns jazigos de lignite que apontão á superficie da zona do littoral ao Norte do Cabo de Espichel, e no Valle do Picheleiro ao Sul de Azeitão[1].

Desde a antiguidade se celebrárão as virtudes reaes e as imaginárias do azeviche, que, applicado quer no estado natural, quer em fumigações, se admittiu na medicina e na magia, e foi objecto de muitas superstições populares. O seu nome greco-latino é γαγάτης, *gagates*.

Plinio não lhe poupa louvores[2], e em circumstancias analogas está Dioscorides[3]. O auctor da *Ars veterinaria*[4]

---

[1] Esta indicação do jazigo do azeviche devo-a ao meu amigo o sr. Rego Lima, engenheiro de minas.

[2] Segundo diz este A., o azeviche serve para expulsar as serpentes, dissipar a hysteria, fazer reconhecer a epilepsia e a virgindade, curar as dôres de dentes e as escrophulas. Plinio chama-lhe «pedra *gagates*», e accrescenta: «Dizem que alguns magos a utilizão no processo divinatorio denominado *axinomancia*, asseverando que, se tiver de acontecer o que se deseja que aconteça, ella não arde». *Nat. Hist.*, XXXVI, 34.

[3] *Materia medica*, V, 146. Em parte repete Plinio, e pouco diz de novo.

[4] Este auctor é um Publio Vegecio, do seculo V da era christã. Cfr. Teuffel, *Geschichte der Römischen Literatur*, Leipzig 1875, § 432.

indica uma receita «ad lustranda animalia, quae et fascinum tollit», na qual comprehendia «lapidis *gagatis masculi*, lapidis *gagatis feminae*, ana uncias 3»; os ingredientes crão muitos, por isso observa o A.: «sumptuosior quidem, sed putatur utilior»[1].

Numerosos AA. estrangeiros se tem occupado do azeviche ou alludido ás propriedades d'elle. Os AA. portugueses, que vou citar, já os mencionárão; torna-se pois desnecessario accumular aqui mais textos.

O dr. Fr. Manoel de Azevedo, depois de referir várias passagens de AA. que tratárão do azeviche, e depois de enumerar as virtudes d'este, diz: «basta que saibão as virtudes sobreditas, e que a tem grande o azeviche para evitar encantos, e ligamentos, e todo genero de feitiços, por virtude natural que Deos lhe deu para estes effeitos; e assi contão os naturaes, que para preservar de olhado, e quebranto, tem tanta efficacia, que primeiro elle se deixa quebrar em mil pedaços, que consentir que a maligna qualidade do olhado mao passe a alterar e fazer enfermar a creatura que o trouxer comsigo, no braço, ou pescoço, dependurado»[2].

O medico Fonseca Henriques cita tambem, da sua parte, muitos AA., e escreve: «entendemos que o azeviche tem o primeiro logar entre todas as cousas que se numerão

---

[1] O A. recommenda que todos os ingredientes sejão misturados e queimados, porque «com o seu cheiro se oppõem ás doenças tanto dos homens, como dos animaes, e diz-se que afugentão os demonios, obstão á saraiva e purificão o ar». Vid. *Artis veterinariae*, lib. I, cap. XX. — Cfr. tambem lib. IV, cap. XII, onde quasi nada se accrescenta ao que fica transcrito.

[2] *Correcçam de abusos introduzidos contra o verdadeyro methodo da medicina*, parte II, Lisboa 1705, p. 84 e 85. — É este mais um facto para juntar aos que citei a cima, pag. 117-118, quando me referi aos amuletos que tem por fim fixarem em si o mal, evitando que este incommode a pessoa. Possuo uma conta de azeviche quebrada; quem m'a vendeu disse que ella estava assim por effeito de má olhadura que nella cahiu (Guimarães).

para não receber o quebranto, assim tomando os fumos d'elle como trazendo-o cada um comsigo»[1].

O P.e Raphael Bluteau traz o seguinte: «Diz S. Agostinho que o perfume do azeviche afugenta os demonios, e trazido desata e desfaz o quebranto, ligaduras, encantamentos, e todos os fantasmas tristes e melancolicos»[2]. Noutro ponto da sua obra refere-se em especial á figa de azeviche[3].

O medico Bernardo Pereira falla igualmente do azeviche[4], mas não vae além dos AA. que tenho citado.

Fig. 12

Quasi no mesmo caso está Fr. João de Jesus Maria[5].

Se agora interrogarmos a tradição popular moderna, tanto de Portugal, como da Galliza, veremos que a crença nas maravilhas do azeviche está muito arraigada.

Em relação á Galliza, eis o que diz Piñol, fallando da *figa:* «especie de amuleto supersticioso que usaban los gentiles para librarse de mal de ojo: hoy aun lo usan los necios y preocupados, poniéndoselo al cuello á los niños ó á las mujeres»[6]. O A. não indica de que substancia é feita a figa, mas não só por informações que um amigo meu me enviou da Galliza, como por uma figa gallega que possuo, encastoada em prata, sei que o azeviche se usa para o fabrico das figas, o que não impedirá que estas se possão fabricar de outras substancias, como succede no nosso país, onde as ha de prata, de marfim, etc.

---

[1] *Medicina Lusitana,* Porto 1750, p. 127. A 1.ª edição é de 1710.

[2] *Vocabulario,* I, s. v. *azeviche.*

[3] *Vocabulario,* IV, s. v. *figa.*

[4] *Anacephaleosis medico-theologica,* Coimbra 1734, p. 165 (§ 9) e 213 (§ 93).

[5] *Pharmacopea dogmatica,* Porto 1772, II, 166 (§ 46). Foi o meu amigo, e antigo professor de Materia Medica na Eschola Medica do Porto, o sr. dr. José Carlos Lopes, quem me deu a conhecer esta obra.

[6] *Diccionario gallego,* Barcelona 1876, s. v. *figa.*

Entre nós o azeviche tem sido muito usado como amuleto. Isto se viu já de algumas das passagens transcritas. Segundo a tradição actual, o azeviche, para servir de amuleto, toma pelo menos as seguintes fórmas:

1.ª — De simples pedaço irregular, com um orificio[1];

2.ª — De pequena conta, tambem com orificio[2];

3.ª — De conta maior, e que, em logar de um furo, como a anterior, tem uma argola adaptada á conta por meio de uma chapinha de prata[3];

4.ª — De figa de differentes tamanhos[4]: esta figa póde ser grande, e neste caso não ter orificio nenhum, e póde ser pequena, para andar pendurada, e neste caso ter um orificio, ou ser encastoada em prata ou oiro.

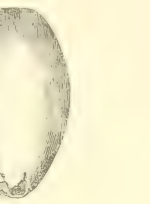


Fig. 13

O povo attribue hoje ao azeviche unicamente virtudes magicas, e preconiza-o contra feitiçarias, máo olhado (quebranto ou fascinação), etc.[5]

Trouxe todos esses factos á consideração dos leitores, porque, havendo-se encontrado na gruta neolithica de Palmella um objecto de azeviche, alongado e com um orificio na parte mais larga, como se vê na fig. 12 (tamanho natural)[6], talvez esse objecto possa ser considerado como amu-

---

[1] Vi um amuleto d'estes no concelho de Baião (logar de Mígoas).

[2] Possuo um exemplar na minha collecção.— Cfr. *Trad. pop. de Portugal*, § 335-*d'*.

[3] Vi um exemplar d'estes na villa de Mesão-Frio. Possue-o hoje meu primo Manoel Negrão na sua collecção archeologica, em Mosteirô.

[4] Vid. por ex. A. Thomás Pires, *Amuletos* (in *Concelho de Elvas* de V. de Almada, I, 496).

[5] Vid. tambem *Trad. pop. de Portugal*, § 335-*p*: «As mulheres que crião devem trazer comsigo azeviche, por causa das *dadas* nos peitos» (Guimarães).

[6] Este objecto conserva-se no Museu da Commissão dos Trabalhos Geologicos (em Lisboa). — Note-se a coincidencia de haver nesta região, como digo a cima, p. 136, jazigos de azeviche.

leto. O mesmo digo das contas achadas na anta de Montabrão (Bellas), uma das quaes está representada na fig. 13[1].

As razões que tenho para dizer isso são, de um lado, a propria fórma dos objectos, do outro as superstições que em todos os tempos se tem ligado ao azeviche, e que nada obsta a que remontem já aos tempos prehistoricos, de mais a mais sendo certo que grande numero das superstições modernas datão de epochas anteriores a toda a tradição.

O azeviche está no mesmo caso que o ambar, a que me referi a cima, e que, sendo objecto de superstições modernas, já o era na antiguidade classica, e certamente tambem nos tempos pre- ou protohistoricos da Gallia[2]. Os amuletos dentarios levárão-nos igualmente, pelo seu lado, a epochas tão remotas.

b) Pingentes triangulares, cordiformes, etc.

Na *Introducção á archeologia da Peninsula Iberica,* de Philippe Simões, vem figurado um objecto de calcareo, da Cova da Estria, o qual aqui represento na fig. 14, em tamanho natural.

Diz aquelle A.: «Tem a fórma de um coração, com quanto os orificios e os entalhos da base mostrem com certeza que deveria ligar-se a um cabo ou haste de pau para representar o antigo e talvez já obsoleto machado de pedra. A molleza do calcareo, provando que este objecto não poderia servir para qualquer trabalho em que tivesse

---

[1] Esta figura é extrahida dos *Estudos prehistoricos* de Carlos Ribeiro, II, p. 52, fig. 59. Diz o A.: «contas fabricadas de azeviche, parecendo formadas de duas pyramides conicas troncadas, unidas pela sua base maior, mas tão deterioradas que se desfazião com a simples pressão dos dedos, e só pudemos restaurar o exemplar que fizemos desenhar sob a fig. 59. Esta especie de contas, fabricadas da mesma substancia e com a mesma fórma, tem apparecido tambem em algumas grutas que serviram de estações sepulcraes, como se vê do exame das nossas collecções». *Ib.*, p. 52 e 53.

[2] Vid. supra. p. 128-129.

de se empregar um machado, confirma a hypothese de que estas e outras reliquias prehistoricas não seriam mais que emblemas ou insignias para as cerimonias do culto ou para quaesquer outras, e que se enterrariam com aquelles a que tivessem pertencido»[1].

Analogo a este é o objecto que represento na fig. 15, e que tambem foi figurado por Carlos Ribeiro nos seus *Estudos prehistoricos*[2]. Encontrou-se na anta de Montabrão, em Bellas, e d'elle diz o citado A.: «placa de porphyro, medindo apenas dois millimetros de grossura. Como mostra o respectivo desenho, é sensivelmente cordiforme, e na base abriram-lhe tres orificios, naturalmente para este objecto ser trazido suspenso em collar ou como amuleto»[3].

É difficil decidir se estamos em presença de verdadeiras representações do coração, de symbolos que representem instrumentos neolithicos, ou ainda de outros objectos.

O amuleto cordiforme tem sido muito usado. «En Scandinavie, des pierres façonnées en forme de cœur étaient jadis montées .... en argent, et portées au cou comme amulettes, probablement contre les traits des Lapons (Lappskott), et d'autres enchantements invisibles. Je n'ai jamais vu de ces cœurs de silex, tous ceux que j'ai rencontrés étaient d'ambre»[4]. Na Italia é elle muito vulgar, pois Giuseppe Bellucci cita nada menos de seis[5], sendo mesmo um d'elles (o n.° 110) muito significativo, pois serve «para as doenças do coração». Walter Gregor, no seu trabalho sobre as tradições da Escocia, menciona um amuleto cor-

---

[1] *Ob. cit.*, p. 54 e 55.

[2] Vol. II, p. 52, fig. 58.

[3] *Ib., ib.*

[4] Iven Nilsson, *Les habitants primitifs de la Scandinavie*, Paris 1868, p. 243, nota.

[5] *Catalogo della collezione di amuleti inviata all' Esposizione nazionale di Milano 1881*, Perugia 1881.

diforme[1]. Póde mesmo trazer-se ao pescoço o proprio coração de um animal, como do da cobra diz Plinio[2].

No nosso país encontra-se tambem com muita frequencia o coração como amuleto ou como emblema[3]; as mulheres do Minho, que costumão trazer ao pescoço grandes collares de oiro, trazem tambem ordinariamente pendurado nelles um coração do mesmo metal, ás vezes muito volumoso; na minha collecção de amuletos possuo, entre outros de diversas substancias, como marfim, latão, vidro, etc., um amuleto pequeno de coral, encastoado em oiro, que me foi offerecido por uma senhora; numa igreja rural do Alemtejo, dedicada á Virgem dos Prazeres, no concelho de Ponte-de-Sôr, vi uma imagem de Nossa Senhora tendo ao pescoço um coraçãozinho de oiro, analogo, no feitio, aos que usão as mulheres minhotas; ha um amuleto complexo, em que, ao lado da cruz, que representa a *fé*, e da ancora, que representa a *esperança*, entra o coração representando a *caridade*, — por tanto um amuleto que symboliza as tres virtudes chamadas theologaes; o coração faz ainda parte de outros amuletos, e (de marfim, etc.) serve ás vezes de gancho da meia, de cabeça de alfinete de gravata, de *centro* de annel, etc. Nem sempre nos casos citados o coração já desempenhará funcções reaes de amuleto, pois algumas vezes a significação primordial perdeu-se, e ficou

Fig. 14

[1] *Notes on the folk-lore of the North-East of Scotland*, 1881, p. 8.

[2] *Nat. Hist.*, XXX, VIII.

[3] Cfr. o meu *Estudo ethnographico á cêrca da ornamentação dos jugos, etc.*, Porto 1881, p. 37 e 38.

só a pura fórma: todavia o sr. A. Thomás Pires falla do «coração de prata ou cornalina, — amuleto contra o máo olhado e contra as dôres»[1].

Em virtude de todos estes factos, podia haver, nos tempos prehistoricos, amuletos cordiformes.

Por outro lado, a veneração prestada aos instrumentos prehistoricos, e por tanto a representação symbolica d'estes, tem tambem a seu favor muitos factos.

Sobre a possibilidade da veneração do machado nos tempos prehistoricos vid. Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, 1892, p. 27 sqq.: «Il n'est pas surprenant que l'homme de la pierre ait vénéré l'instrument caractéristique de sa civilisation, l'arme qui assurait sa domination sur la nature et qui représentait le fondement de sa puissance. Aujourd'hui encore, ne voit-on pas les Peaux-Rouges, les Polynésiens et même les Hindoues offrir des hommages à leurs armes et à leurs outils?»[2]. Todavia Goblet d'Alviella propõe outrás hypotheses, talvez um pouco arriscadas, como elle proprio confessa.

Fig. 15

Cartailhac, no seu livro *Les âges de pierre dans les souvenirs et superstitions populaires*[3], cita bastantes instrumentos neolithicos furados: uns erão sem dúvida trazidos pendurados, como um de pedra, que fazia parte de um collar de contas de ardosia[4]; noutros, porém, o buraco tanto podia servir para segurar o instrumento a um cabo, como para outros fins[5]. Estacio da Veiga encontrou em Aljezur um delicado machadinho de calcareo jurassico, furado na extremidade inferior (represento-o na fig. 16); diz o A.: «O furo mostra-se gasto pelo attrito de um cordão

---

[1] *Amuletos*, in *ob. cit.*, p. 497.

[2] *Ob. cit.*, p. 28; e cfr. p. 104–105 (Indios). — Estacio da Veiga tambem abunda nestas ideias: *Antiguid. monum. do Algarve*, I, 198.

[3] Paris 1877, p. 23 sqq.

[4] *Ib.*, p. 24.

[5] *Ib.*, *ib.*

em que teria sido enfiado para se trazer pendente do pescoço»[1]. Eu possuo dois machados furados, procedentes do concelho de Obidos, ambos de quartzite schistosa, medindo um de comprido 0m,118, e outro, não menos delicado que o de Aljezur, 0m,04: tanto podem ser amuletos ou symbolos, como verdadeiros instrumentos; mas são tão raros nas collecções neolithicas portuguesas os instrumentos com orificios, que talvez se deva excluir a ideia de o orificio ter sido para os encabar, e adoptar a de ter sido antes para permittir que elles andassem pendurados[2].

Representações symbolicas de instrumentos neolithicos cita-as tembem E. Cartailhac na obra a que ha pouco me referi. Diz elle: «C'est la seule explication qu'il soit possible de donner de ces charmes en cornaline taillée & polie suivant le type de la pointe de flèche qui se voient en Orient»[3], — e menciona dois collares modernos, um vindo de Kostainicza, «qui compte quinze perles & quinze cornalines de ce genre», e outro, proveniente do Egypto. Entre os factos prehistoricos parecem-me importantes os que menciona da Escandinavia: «perles en ambre affectant la forme de certaines haches en pierre polie»[4]; e digo *importantes,* porque o ambar, cujas virtudes maravilhosas já tive occasião de lembrar[5], não entraria na feitura d'estes instrumentos sem motivo de superstição.

Dos objectos triangulares, que existem no Museu da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal, e que tem analogia com os da Escandinavia agora mencionados, represento aqui os seguintes (fig. 17 e 18) em tamanho

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 198.

[2] Sobre este assumpto cfr. tambem Santos Rocha, *Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira,* in *Revista de sciencias naturaes e sociaes* (da Sociedade *Carlos Ribeiro,* do Porto), II, 112 sqq.

[3] P. 49.

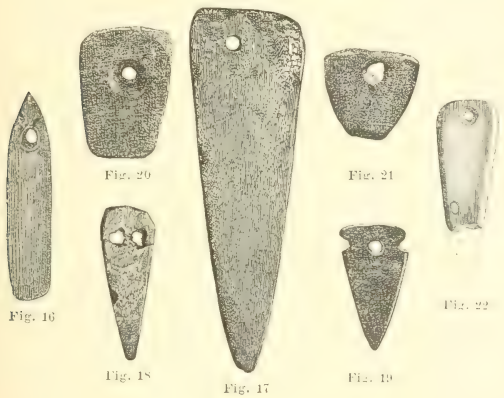
[4] *Ob. cit.,* p. 50.

[5] Vid. p. 128, 129, etc.

natural: o n.º 17 é de ribeirite, e foi achado numa gruta de Cascaes; o n.º 18 é da mesma substancia, e encontrou-se numa gruta artificial de Palmella.

Muito bem acabado é o pingente triangular de ribeirite, proveniente da Casa da Moura (Cezareda), e em fórma de ponta de setta, com entalhes lateraes na base, representado em seu tamanho natural na fig. 19.

Cfr. tambem os dois objectos representados em tamanho natural nas fig. 20 e 21, o primeiro de calcareo (pro-



veniente de Cascaes), o segundo de ribeirite (vindo da Casa da Moura), — os quaes estão imperfeitos, mas talvez fossem primitivamente triangulares.

Na exploração a que o sr. dr. Mattos Silva procedeu, em Agosto de 1893, na anta da Capella, no concelho de Avis, exploração a que assisti, appareceu um objecto de ribeirite muito semelhante ao da fig. 18, tendo porém um só orificio; e apparecêrão mais tres fragmentos da mesma substancia, igualmente furados, e que, pela comparação com o que appareceu inteiro, se podem mentalmente completar: eis o desenho, em tamanho natural, de um que

o dr. Mattos Silva me offereceu, representando eu por pontos a parte que supponho faltar (fig. 22).

Teremos realmente amuletos ou symbolos religiosos em todos esses objectos? Entre os amuletos do povo português não conheço nenhum de fórma triangular, excepto os que são sem dúvida alguma imagens de coração; mas o Sr. Giuseppe Bellucci, na obra citada[1], descreve alguns modernos da Italia com essa fórma: n.os 72, 78, 151 e 158, a dois dos quaes o povo chama *serpentino* e *pietra del pavone,* servindo o primeiro «contro il morso dei rettili velenosi», e o segundo «contro il mal occhio e le malie», não se sabendo as virtudes dos outros dois.

c) Conchas

É muito frequente nos povos atrasados o uso de conchas, quer constituindo collares, quer avulsas. Se muitas vezes ellas são ornatos, moedas, etc., outras vezes são amuletos, ou ao mesmo tempo amuletos e ornatos.

Tratando de certos amuletos de Zanguebar, diz o P.e Picarda: «Ils sont pourtant bien simples, ces fameux *dawa:* quelques *coquillages,* des parcelles de cornes ou de poils d'antilopes, de la peau de girafe, des grains de sable et autres ordures que je ne voudrais pas nommer, le tout renfermé dans un petit sachet et suspendu par une cordelette au cou, au poignet, au pied ou en sautoir sur la poitrine: voilà tout l'affaire»[2].

Indicando quaes os trajos dos Polynesios e Micronesios, escreve Ratzel: «Las cosas más insignificantes y de más diversa índole tenian tambien su aplicación como adornos. El mar con sus brillantes conchas de todos colores ofrecía para ello abundantes materiales; pero además llevaban esos insulares flores y hojas elegantemente colocadas en el cuello, en la cabeza, en las orejas y hasta en la nariz. A

[1] *Catalogo della collezione di amuleti.*

[2] Apud *Mélusine,* III, 248.

todos estos dijes *la superstición agrega las conchas* y huesos de determinadas formas, los huesos y los dientes humanos. . . »[1].

Dos Hottentotes diz o mesmo A. que trazem comsigo «pequeños cuernos, *conchas* de tortuga y otros objectos que sirven de adornos ó de talismanes»[2].

Se passarmos agora á Europa deparar-se-nos-hão tambem frequentemente as conchas como objectos supersticiosos. Na antiguidade achá-las-hemos entre os Gallos[3], e entre os Romanos, que tinhão como amuletos conchas dos generos *Pecten* e *Cypraea*[4]. No poema *Cynegetica* falla Gracio Falisco de «sacris conserta monilia *conchis*» (collares de conchas santas) que, segundo a crença já então velha, era bom pôr ao pescoço dos cães hydrophobos[5]. Nos tempos modernos menciona-as, por exemplo, G. Belluci na Italia[6].

O sr. P. Sébillot, em dois trabalhos seus que consagrou ás conchas, consideradas ethnographicamente[7], menciona numerosas provas da santidade em que ellas são tidas em todas as partes do mundo, sobretudo nos povos de civiliza-

---

[1] *Las razas humanas* (trad. do allemão), Barcelona, I, 1888, 459.

[2] *Ob. cit.*, I, 102, col. 2.

[3] Vid. *Amulettes gauloises et gallo-romaines*, por G. de Mortillet, Paris 1876, p. 7; e o art. do Barão de Baye (citado supra, p. 129). — Nas grutas de Menton apparecêrão conchas perfuradas alternando com caninos de animaes igualmente perfurados (A. Locard, *Hist. des mollusques*, p. 25). Como aos dentes andão de ordinario associadas ideias supersticiosas, talvez tambem aqui as houvesse com as conchas, visto que estas apparecêrão juntas aos dentes.

[4] *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg et Saglio, I, 256 e 257.

Cfr. tambem A. Locard, *Histoire des mollusques*, 1884, p. 234.

[5] Verso 403. Edição de Baehrens, Leipzig 1879.

[6] Vid. o já cit. *Catalogo della collezione di amuleti*, n.º 112, etc.

[7] Esses trabalhos são:

Légendes, croyances et superstitions de la mer, vol. I, Paris 1886, c. IV, § 2;

Le coquilles de mer, in *Revue d'Ethnographie*, 1886, p. 499 sqq.

ção menos adeantada. Com relação ás conchas que servem de amuletos cita, por exemplo, o seguinte:

a) «En Algérie les coquillages de mer comptent parmi les amulettes les plus efficaces»;

b) «De nos jours les femmes du Çomal portent au cou des amulettes de gros coquillages ronds: deux de ces amulettes figurent au Musée du Trocadéro»;

c) «Les coquilles de mer sont des talismans populaires chez les Indiens de la côte d'Amérique, et les nègres de la Côte d'Or portent aussi, pour se préserver des tempêtes, des coquillages fétiches»;

d) «Plusieurs dieux indiens ont à la main une coquille sénestre; des amulettes en bronze affectent la forme d'une boule et représentent la conque de Krishna»[1];

e) «A Dacca il existe toute une grande industrie qui a pour objet la fabrication, avec des coquilles de *Turbinella pyrum* et de *Turbinella rapa*, de bracelets, de pendeloques, de fétiches de toutes sortes. De temps en temps ou trouve dans le nombre une coquille sénestre, c'est la conque sacrée qui doit porter bonheur à celui qui la possède. A Calcutta, en 1882, une de ces coquilles fut vendue environ 1.000 francs de notre monnaie»[2];

---

[1] Os exemplos citados até aqui são extrahidos das *Légendes de la mer*, I. 275 sqq.

[2] Este facto explica-se facilmente: é que certos objectos, quando são raros, chamão mais a attenção; e nos povos de pouca civilização as ideias de *raridade, maravilhoso* e *religião* são muitas vezes synonimas.

Concordão nisto os diversos observadores. A proposito do facto citado no texto diz tambem Locard: «La conque sénestre des Indous doit donc prendre rang à côté de ces singularités naturelles connues sous le nom de *trèfle à quatre feuilles*, *d'Ibis noir*, de *merle* ou *d'éléphant blanc*, et tant d'autres analogues. Ce ne sont pas de simples mythes, comme on serait tenté de le croire, mais bien de véritables cas tératologiques recherchés, fêtés ou même adorés, non point parce qu'ils sont beaux, mais simplement parce qu'ils sont r a r e s». Ar-

f) «Aux îles Fidji, la coquille du trochus est mise dans un anneau pour servir d'amulette»;

h) «Aux Nouvelles-Hébrides, les indigènes ont au cou et quelquefois à l'oreille des médaillons faits de coquilles; ils sont suspendus par une ficelle de poil de roussette, et ils les regardent comme des amulettes efficaces»;

i) «A Samoa, une large coquille d'ovula est attachée comme ornement à la place d'honneur dans les canots; quoique le capitaine américain ne le dise pas expressement, il est probable que les indigènes la regardaient comme une sorte de talisman protecteur de leur embarcation. Sur mes propres côtes, on les voit en usage parmi les marins, qui leur assignent une vertu protectrice»;

j) «En Calabre, les coquilles garantissent du mauvais œil»;

k) «Dans les Asturies, pour augmenter son lait, une femme qui nourrit doit porter au cou, suspendu par un cordon, un coquillage appelé *cuenta de leche* (grain de

---

nould Locard, *Histoire des mollusques dans l'antiquité,* Lyon-Paris 1884, p. 59; e cfr. p. 57.

Já antes d'este A., tinha dito Gaidoz o seguinte a respeito da cerimonia druidica da colheita do *gui du chêne:* «A quoi le gui du chêne devait-il d'être une si puissante panacée? A un fait bien simple, à sa rareté et à l'étrangeté de sa croissance. N'oublions pas que ce qui est merveilleux est toujours divin et fournit le sujet d'une invocation qui semble d'autant plus puissante que l'objet invoqué paraît plus en dehors des conditions ordinaires de la nature. Ainsi le trèfle à quatre feuilles, plante assez rare, doit à sa rareté même de mettre celui qui le porte à l'abri de tout maléfice et de tout malheur». H. Gaidoz, *La religion gauloise et le gui de chêne* (extr. da *Rev. de l'histoire des religions,* II), Paris 1880, p. 9.

No nosso povo o trevo de quatro folhas tambem tem virtudes: vid. *Trad. pop. de Portugal,* p. 114. — Nesta categoria de factos entra igualmente o que o povo pensa á cêrca da espiga roxa que ás vezes apparece quando se esfolha o milho (cfr. *Trad. pop.,* § 236). No Alemtejo é costume conservar em casa estas espigas, ás quaes se deixa ficar uma parte do folhelho, de que fazem uma trança, para as pendurar (observei este facto no concelho de Avís).

lait), qui, pour avoir de la vertu, doit avoir été ramassé dans la mer»[1];

l) «En Haute-Bretagne, pour préserver les enfants des vers, on leur met au cou un collier de patelles»;

m) «Des charlatans italiens prétendent que le coquillage appelé dentale *(dentalium)*, porté en amulette et pendu au cou, guérit de l'esquinancie»;

n) «En Provence, une coquille appelée, à cause de sa forme, oreille de madone, porte bonheur à celui qui l'approche de son oreille»[2]. Este facto entra na categoria que estudei acima, pag. 113 sqq.

Entre nós tenho visto, no Alemtejo, pequenas conchas univalves do genero *Nassa (N. reticulata)*, como amuletos infantis, preservativos do máo olhado[3]; eu mesmo possuo na minha collecção um d'estes buzios[4].

Por tanto, as conchas que conhecermos como havendo feito parte de collares prehistoricos, se podem ter sido ornatos, etc., tambem podem ter servido de amuletos[5].

Os exemplos que acabo de citar são bastantes para assentar esta hypothese.

No Museu da Commissão Geologica, em Lisboa, ha algumas conchas com orificios, o que mostra que andárão penduradas: por exemplo dos generos *Conus* e *Buccinum*, achadas na estação prehistorica de Cascaes[6].

---

[1] Em Portugal tambem ha o amuleto chamado *conta leiteira*, mas, pelo menos nas fórmas em que o conheço, não é feito de concha.

[2] Todos os casos citados desde o §–*f* até aqui vem in *Revue d'Ethnographie*, 1886, p. 507 sqq.

[3] Cfr. Bellucci, *loc. cit.*, n.º 115 (genero *Cypraea*).

[4] Vid. tambem A. Thomás Pires, *Amuletos*, p. 498.

[5] Cfr. Rocha Peixoto, *Notas sobre a malacologia popular*, p. 5–6.

[6] A respeito das conchas tidas como sagradas, e como symbolos, nos diversos povos, podem ver-se noticias mais desenvolvidas nas obras especiaes que citei no texto, e que vem a ser:

a) Arnould Locard, *Histoire des mollusques dans l'antiquité*, Lyon-Paris 1884, p. 39 sqq. e 221 sqq.;

d) Pingentes de osso

Na fig. 23 represento um pingente de osso encontrado na gruta neolithica do Carvalhal, e conservado no Museu da Commissão Geologica, em Lisboa.

Fig. 23

Do exame a que procedi nelle não posso concluir que fosse instrumento de uso. Sería ornato? Sería amuleto?

Raciocino aqui como a cima: podia ser qualquer das cousas, ou ambas.

Os ornatos de osso são muito numerosos, mas tambem ha amuletos da mesma substancia.

Já a cima me referi aos povos da Oceania[1]. — Nos Hottentotes «los niños llevan en su cinturón algunos huesos para jugar ó á modo de talismán»[2]. — A respeito dos Gallos cita Mortillet amuletos osseos[3], e fôra facil reunir exemplos de outros povos[4].

Em Elvas (Alemtejo), diz Antonio Pires, temos «o *osso de cão,* amuleto natural contra a *praga* dos animaes. Dependuram, do pescoço do animal atacado de sarna, uma bolsinha contendo um

---

b) Paul Sébillot, *Légendes, croyances et superstitions de la mer,* vol. I, Paris 1886, c. IV, § 2;

c) Idem, *Les coquilles de mer* (étude ethnographique), in *Revue d'ethnographie,* 1886, p. 499 sqq.;

d) Rocha Peixoto, *Notas sobre a malacologia popular,* Porto 1889, p. 3 sqq.

Noticias avulsas podem encontrar-se noutros trabalhos, por exemplo (alem d'aquelles a que me referi no texto) no *Second annual Report of the Bureau of Ethnology,* 1880–1881, Washington 1883.

[1] P. 146–147.

[2] Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), I, Barcelona 1888, p. 102, col. 2.

[3] Opusculo citado, p. 8.

[4] Cfr. tambem Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu,* 1892, p. 20–21. De superstições com ossos de defunctos vid. casos em Wuttke, *Der deut. Volksab.,* 1869, § 185. — Cfr. supra, p. 122, nota 4.

osso de cão, para o livrarem do mal»[1]. Tambem observei o mesmo amuleto nos concelhos de Avís e Ponte-de-Sor; só elle differe em o pendurarem, em vez de o collocarem dentro de uma saquinha. Nestes dois concelhos dá-se o nome de *praga* a uma ferida verminosa (nos cães)[2].

Fallando de livros mysticos populares, diz pittorescamente Camillo Castello Branco, num seu romance: «Tinham grande sahida os *Cordões* do mesmo santo (S. Francisco), e as *Correias de S. Agostinho,* com um *botão de ôsso,* a apertar a cintura, — arnez impenetravel ao diabo por causa do botão, que, posto na correia, tem virtudes para osso muito admiraveis, quasi como as da carne, mas no sentido inverso, — ella attrahindo o cão tinhoso, e elle repulsando-o»[3]. Não conheço no povo esta superstição, mas deve ser exacta, porque Camillo costumava descrever com fidelidade os costumes do povo: o romance *A Brasileira de Prazins,* d'onde extrahi a passagem, contém boa collecção de factos ethnographicos e dialectologicos a respeito do Minho[4].

*

Era aqui logar de fallar dos *amuletos cranianos;* mas, como se ligão com outra ordem de ideias, reservo-me para fallar d'elles adeante no § III.

---

[1] *Loc. cit.*, p. 501.

[2] Sobre amuletos contra as feridas verminosas vid. Bellucci, *Catalogo della collezione di amuleti,* Perugia 1881, n.º 84 (animaes suinos e ovinos); e cfr. n.º 90.

[3] *A Brasileira de Prazins,* 1883, p. 340–341.

[4] As virtudes do *botão* e do *osso* explicão-se pelo que escrevi a cima, p. 119 (sobre o *nó),* e p. 113 sqq. *(similia similibus:* cfr. p. 133). Apesar de Camillo dizer que o *botão* serve hoje para repulsar o Diabo, o effeito que elle devia realmente produzir aos olhos dos primitivos crentes era fixar o mal, impedindo que este actuasse no corpo da pessoa que trazia o *botão.*

e) Contas

As contas estão no mesmo caso que qualquer dos objectos precedentes.

Plinio falla das mulheres ribeirinhas do Pó, as quaes usavão de collares de ambar não só para se ornarem,

Fig. 24

Fig. 25

mas tambem para se preservarem de doenças[1]. No nosso país não só o coral é ainda hoje trazido em collares, ao mesmo tempo como amuleto e como enfeite, mas usão-se supersticiosamente, para certos fins, collares de contas feitas de raiz de lirio e de páo de figueira[2]. As pessoas supersticiosas attribuem ao coral virtudes contra a melan-

[1] *Diction. des antiq. grec. et rom.* de Daremberg & Saglio, I, 253.
[2] Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 123-124 (§ 251-*d*-*e*).

colia, e contra certas molestias dos olhos. De contas de azeviche no nosso povo fallei ha pouco (p. 139). Posso aqui mencionar igualmente os rosarios de contas.

Difficil ou impossivel cousa será saber se as numerosas contas de ribeirite, schisto, etc., que se tem extrahido das nossas estações prehistoricas, erão amuletos ou sòmente joias, ou, o que é muito possivel, as duas cousas juntas.

Sobre outras contas empregadas como amuletos vid. supra[1]. No citado poema de Gracio Falisco, *Cynegetica,* tambem são lembrados contra a raiva nos cães os amuletos (já então antigos) de coraes de Malta:

> ..... circa Melitesia nectunt
> Curalia[2].

O nosso Fr. João dos Santos, fallando do *peixe-molher,* que se cria nos mares de Sofala, diz: «Tem a bôca cheya de dentes, como dêtes de cão, quatro dos quaes, que são as prefas, lhe faem fóra da bôca quaſi hũ palmo, como dentes de porco javali, os quaes fão muy eſtimados, e d'elles fazem as *contas* a que chamão de *peixe-molher,* e dizem que tem muita virtude contra as almorreimas, e contra o fluxo de fangue, e trazẽ-ſe pera iſſo junto da carne[3]». Esta superstição podia entrar tambem no paragrapho em que me occupo dos amuletos dentarios.

E pouco custaria juntar mais exemplos do uso de contas como amuletos.

---

[1] P. 87 e 128. Sobre o ambar, vid. p. 129, nota. — Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 167, e est. VII, indica cinco fragmentos de pingentes de ambar escuro, provenientes da estação prehistorica de Alcalar (Algarve).

[2] Vv. 404 e 405. Edição de Baehrens, Leipzig 1879.

[3] *Ethiopia oriental,* liv. I, cap. XXVII (ed. de 1609, p. 40–41). — Segundo me indica o meu amigo o sr. Alberto Girard, naturalista do Museu Nacional, o *peixe-molher* tem grande analogia com o *Halicore Dugung,* Cuv. (em francês *dugong*).

f) Placas

As placas constituem, como disse a cima[1], uma particularidade muito notavel da nossa archeologia prehistorica. Encontrão-se nas tres provincias do Sul, e em parte da Beira, havendo a respeito d'ellas noticias em varios trabalhos de archeologia prehistorica[2]. Nesses trabalhos vem muitas estampas, todavia eu figuro aqui algumas placas ainda ineditas, — todas achadas na «anta grande» da Ordem, no concelho de Avís, e pertencentes ao sr. dr. Mattos e Silva, que obsequiosamente me permittiu que fossem photographadas. Estas figuras contém alguns dos principaes typos da maioria das nossas placas. Vão aqui todas em metade do tamanho natural.

A placa de ardosia, representada na fig. 24, é um typo bastante frequente.

A placa da fig. 25, com uma pequena falha, é um desenvolvimento do typo precedente, embora sòmente com um orificio. Os ornatos de uma das secções médias da placa como que se assemelhão a algumas das pontas de setta neolithicas.

---

[1] Pag. 69.

[2] Vid. por exemplo os de Philippe Simões, C. Ribeiro, Cartailhac, etc. e o *Boletim* da Socied. Archeologica do Carmo, VI–46, est. n.º 86. — E. da Veiga, nas *Antiguid. monum. do Algarve*, II, 429 sqq.» consagrou-lhes um artigo extenso, e esboçou um mappa da sua distribuição geographica. Já depois da publicação d'este trabalho o número das placas tem augmentado muito. Só nas explorações que o dr. Mattos e Silva e eu fizemos em Avís, em 1892, encontrámos grande quantidade d'ellas (cfr. supra, p. 34, nota 4). — No Norte do reino não tem por ora apparecido, e mesmo na Estremadura não apparecem sempre: assim na exploração a que procedi em Setembro de 1893, no «Castello» de Pragança (Cadaval), exploração a que assistírão tambem os meus amigos dr. Henrique Schindler e Maximiano Gabriel Apollinario, manifestárão-se quasi todos os caracteres do nosso neolithico menos as placas de schisto.

A placa da fig. 26, da mesma substancia, falhada num lado e com algumas raxas, pertence ainda á classe dos dois typos precedentes, mas é mais bella; as secções em logar de serem horizontaes, são verticaes; os traços indicão muita certeza de mão.

Fig. 26

A placa figurada com o n.º 27, tambem com uma falha, é a mais delicada de todas, e com um typo de ornamentação differente. Nas outras os orificios occupão uma secção especial; nesta não. Esta placa não é de ardosia, no que tambem differe das mais.

Apesar do gôsto e habilidade que estas placas já revelão, o desenho, como se vê, não passa por ora ainda do geometrico.

A placa figurada com o n.º 28, de ardosia, tendo uma falha no angulo esquerdo superior, offerece uma peculiari-

dade notavel: é a barbarie da sua ornamentação, ou antes pseudo-ornamentação[1].

Com estas placas foi achada outra tambem de lousa, que não represento aqui, e em que a ornamentação, igualmente barbara, occupa as duas faces da placa[2].

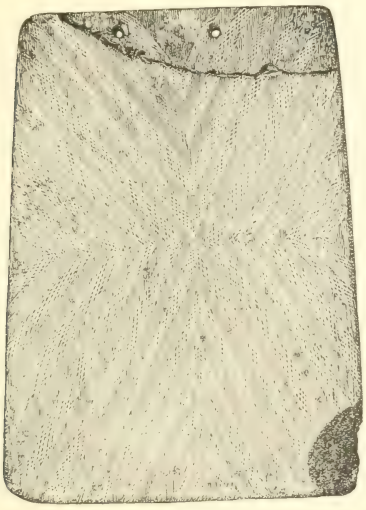


Fig. 27

A placa da fig. 29, com uma fractura obliqua de cima para baixo e da esquerda para a direita, não contém ornato algum, e parece que nunca o teve. E. da Veiga (II, 441) cita um exemplar de placa de schisto, inteiramente

[1] Já me referi a ella a cima, p. 34, nota 4.—E. da Veiga tambem representa nas *Antiguidades do Algarve,* II, est. 2 (das placas de schisto) uma muito barbaramente ornamentada.

[2] Quanto a outras, ornamentadas tambem nas duas faces, vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* II, 436.

lisa, que elle considera como esbôço «já preparado para a gravura». No Cabeço dos Moinhos (Figueira) encontrou o sr. Santos Rocha uma placa de ardosia irregularmente estriada numa das faces e com vestigio de orificio de suspensão na parte superior, mas sem ornamentação nenhuma [1].

*

A proposito das placas tem de se estudar tres ordens de questões: o local e frequencia do seu apparecimento; a natureza da sua substancia, e o seu desenho, comparado com o de outros objectos contemporaneos ou vizinhos no tempo; a sua significação. Estacio da Veiga, no livro ha pouco citado, reuniu alguns elementos para esse estudo. Das duas primeiras questões tambem eu já disse a cima algumas palavras; resta-me fallar da última.

Primeiro que tudo, vê-se que as placas erão para se pendurarem e estarem á mostra, porque todas quantas tenho visto, á excepção de uma, que é feita de outra placa, possuem um ou mais orificios de suspensão, e, com excepção de rarissimas, relativamente ao número das que se conhecem, que já orça por muitas dezenas, contém ornatos, e geralmente só de um lado.

Mas serviào ellas de enfeites, insignias ou objectos religiosos?

Não sei se, em virtude das considerações que fiz a cima (p. 106–110), a respeito da utilidade prática dos objectos que, parecendo á primeira vista meros ornamentos de povos inferiores, o não são, se poderá admittir que as placas serviào puramente de enfeites pessoaes.

Com relação a serem insignias, se o erão, difficilmente tambem em povos do grau de civilização d'aquelles, de que estou fallando, uma insignia se distinguiria de um objecto religioso.

---

[1] *Antig. da Fig.*, I, 16. — Cfr. Estacio, *Antig. do Alg.*, III, 353.

Estacio da Veiga, embora com outros argumentos, combate a hypothese de ellas haverem servido de enfeites[1].

Lembra ainda uma hypothese: as placas serião objectos de virtude sobrenatural, e conservar-se-hião penduradas em casa[2].

No emtanto Estacio (II, 436) escreve: «todas tem junto ao bordo superior um ou dois orificios, deixando presumir que seriam objectos de trazer suspensos, como com effeito mostram alguns já um tanto abatidos e roçados pelo attrito do cordão, ao passo que outros conservam ainda as estrias de rotação, produzidas pelas pontas de silex que os abriam por um e outro lado». O exame a que procedi, quer nas placas que ficão figuradas nas paginas antecedentes, quer em muitas outras que vi, levou-me á mesma conclusão: em algumas os orificios estão com as arestas perfeitamente vivas, mostrando que nellas não houve o minimo attrito de cordel ou de fio de suspensão; noutras ha vestigios d'esse attrito, mas muito tenues.

Quando não existe vestigio de attrito, o que mostra que as placas não andárão penduradas junto ao corpo, temos um facto a favor da última hypothese que enunciei. Devo porém lembrar que, como as placas, ou pelo menos a maioria d'ellas, pertencem a despojos funerarios, não ha absurdo em se suppor que se enterrassem com o morto *placas novas,* e por tanto sem vestigio de attrito: ainda hoje se faz isso em Portugal com o vestuario do morto[3].

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* II, 437.

[2] Á mesma hypothese se encosta igualmente Estacio da Veiga: *ob. cit.,* II, 437 (e cfr. tambem Filippe Simões, *Introd. á archeolog.,* p. 53). Tanto Estacio (*ob. cit.,* II, 431-435), como G. de Mortillet (*Musée prehistorique,* p. 557), ligão certo valor symbolico á fórma triangular de alguns desenhos das placas. Como objecção, ou pelo menos restricção, a esta hypothese, devo notar: de um lado, que os ornatos das placas não são sempre triangulares; do outro, que a ornamentação angular e triangular é, pela sua simplicidade, das que primeiro acode ao espirito de quem começa a desenhar.

[3] Cfr. Tylor, *Civilis. primit.,* I, 562 (objectos novos enterrados).

Mas em algumas o facto do attrito é positivo. Agora, vista a tenuidade d'elle, o que é que deve admittir-se: que as placas só poucas vezes forão usadas, e isto em occasiões solemnes, — ou que a repetição do acto de as pendurarem em casa, e certa fôrça empregada nesse acto, bastavão para produzirem o attrito? Se as placas se conservavão

Fig. 28

Fig. 29

em casa, erão muito provavelmente objectos religiosos; se só se punhão em occasiões solemnes, ficamos em dúvida á cêrca da significação do seu uso, embora, pelo conhecimento geral que temos da ethnographia dos povos atrasados, não estejamos, como já lembrei, auctorizados a excluir totalmente d'ellas a ideia religiosa. Isto justifica o haver eu fallado d'ellas na presente obra, e ter dado ao assumpto algum desenvolvimento.

A maioria das placas tem fórma trapezoidal ou subtrapezoidal; ha-as porém com outras fórmas, como vamos ver já.

Lembrarei em primeiro logar as placas em fórma de baculo, de que dou aqui amostra reduzida na fig. 30[1]. Tem-se aventado várias hypotheses quanto á sua significação[2]. Não repugna totalmente a hypothese d'aquelles investigadores que vêem ahi um symbolismo phallico, pois que este symbolismo, como terei occasião de mostrar noutro volume da presente obra, desempenhou nas religiões antigas papel importante.

Em segundo logar lembrarei duas curiosas placas de schisto, uma das quaes foi achada numa gruta do Carvalhal (Alcobaça), e a outra numa anta ao pé de Idanha-a-Nova.

A primeira pertence hoje á collecção organizada em Alcobaça pelo sr. Vieira Natividade, a cujo obsequio devo o tê-la visto e poder reproduzir aqui uma photographia d'ella na fig. 32 (tamanho natural). Esta placa, como me nota o Sr. Natividade, parece representar, «ainda que grosseiramente, a cabeça de um mocho ou coruja». Em these, isso podia ser, tanto mais que a coruja e o mocho são animaes de que existem muitas tradições religiosas[3]; mas provavelmente aqui a semelhança é fortuita.

---

[1] Extrahida dos *Estudos prehistoricos* de Carlos Ribeiro, vol. II, est. VI, n.º 1.

Vid. ainda: Philippe Simões, *Introducção á archeologia da peninsula iberica*, p. 53 (fig. 33); Carlos Ribeiro, *ob. cit., ib.*, est. V; Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, II, est. XII (placas de schisto); Cartailhac, *Les âges préhist.*, 92 sqq.

No Museu Ethnographico Português tambem ha uma placa d'esta especie, a qual porém não foi ainda publicada. Obtive-a para lá por compra. Cfr. *O Archeologo Português*, I, 220.

[2] O Sr. G. Mortillet, por exemplo, compara-as com os desenhos que se observão em alguns monumentos megalithicos prehistoricos de França, desenhos que, segundo elle, representão «sans doute des bâtons, servant d'armes ou d'instruments, auxquels on attachait peut-être déjà une idée de dignité et d'autorité» (In *Revue mensuelle de l'Ecole d'anthropologie*, IV, 307).

[3] Como não vem a proposito fazer agora uma monographia sobre ellas, basta indicar o seguinte:

A placa de Idanha-a-Nova pertence ao Sr. Antonio Pereira da Nobrega, que com a maxima liberalidade me permittiu tambem que a examinasse e a fizesse desenhar. Vae representada na fig. 31 em $\frac{2}{3}$ da grandeza natural. A semelhança d'esta placa com a de Alcobaça ninguem a contestará; ao mesmo tempo vê-se que em ambas se trata de uma representação zoomorphica, provavelmente humana.

Com aquella placa da Idanha appareceu a metade inferior de outra: talvez pertencesse á mesma classe, mas nada se póde dizer ao certo; em todo o caso represento-a na fig. 33, em $\frac{2}{3}$ do seu tamanho[1].

Em relação ao mocho vid. *Trad. pop. de Portugal,* § 299, e A. de Gubernatis, *Mythologie zoologique,* II, Paris 1874, p. 257 sqq.

Os antigos gregos consagravão á deusa Athene ou Pallas a ave chamada γλαύξ: vid. Roscher, *Ausführliches Lexikon der Griech. und Röm. Mythologie*, I, s. v. *Athene*. col. 678. 686, etc. A γλαύξ tornou-se por isso o emblema monetario da cidade de Athenas: vid. *ob. cit.,* passim (e tambem a estampa da col. 693); Head, *A manual of Greek Numismastics,* Oxford 1887, p. 310 sqq.,— e qualquer outro tratado de numismatica antiga. A γλαύξ, como emblema monetario, não figura só nas moedas de Athenas: vid. Rasche, *Lexicon universae rei numariae,* Leipzig 1787, s. v. *noctua;* Babelon, *Monnaies de la république romaine,* II (Paris-Londres 1886), indice s. v. *chouette.* — Cf. ainda Schliemann, *Atlas des antiquités Troyennes,* Leipzig—Paris 1874, est. LIV, LIX, etc. (vasos com a imagem da ave de Pallas).

Em regra, quando um animal, num periodo adeantado de desenvolvimento religioso, se torna emblema de uma divindade, é porque foi, num periodo antecedente, a propria divindade.

[1] A arte dos povos de civilização inferior offerece muitos exemplos de representações humanas comparaveis com estas, o que não deve attribuir-se a influencias reciprocas, mas á paridade do desenvolvimento esthetico.

No livro do M. de Nadaillac, *Les premiers hommes,* I, 135, encontra-se uma figura humana, e um esbôço de outra, feitas de chifre de rangifer, achadas na gruta de Rochebertier (Charente), que não são superiores ás das placas portuguesas.

Vejão-se ainda várias estampas na dissertação de W. Holmes, *Art in shell of the Ancient Americans* (publicada in *Second annual*

As duas primeiras placas, alem de serem dois dos raros exemplares da arte neolithica portuguesa, no sentido da representação animal, constituem interessantes documentos para o conhecimento das ideias religiosas do periodo de que estou fallando, porque serão talvez mais do que simples amuletos ou feitiços, serão acaso já idolos.

Adeante citarei outros exemplos de objectos zoomorphicos, tambem encontrados em sepulturas neolithicas[1].

*

Ha outras placas que, com quanto de menores dimensões, e ás vezes de outras substancias, me parece que não devo deixar de aqui mencionar. Vid. por exemplo as se-

---

Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, Washington 1883), principalmente as est. LXIX e LXX: ahi a expressão artistica tem o mesmo valor que nos casos supra-mencionados (de Portugal e de França).

Particularmente curiosos neste sentido são tambem os desenhos publicados pelo sr. L. Siret in *L'anthropologie,* 1892, III: idolos de pedra, de Hissarlik (p. 397); vasos neolithicos de Hespanha (p. 395). D'estes últimos diz o A. do artigo: «Certains desseins nous paraissent simplement décoratifs, mais d'autres sont certainement symboliques: de grands yeux avec leur sourcils, en dessous des seins...» (p. 396).

[1] Conforme digo no texto, são raras entre nós manifestações zoomorphicas na arte neolithica. Positivas não se publicárão por ora mais nenhumas senão as que apresento no texto. Estacio da Veiga, nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 206, menciona uma lamina de schisto, em que pretende ver gravada uma figura humana; mas confesso que o desenho que elle traz não me convence. O sr. Santos Rocha, in *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* IV, 1 sqq., num artigo intulado «A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira», occupa-se de duas lascas de silex retocadas, em cada uma das quaes tambem julga ver representado um perfil da cabeça humana; sem pôr em dúvida a descripção que o illustre archeologo faz das lascas, tenho para mim que a coincidencia entre a fórma dos retoques e o vago perfil da cabeça humana é casual,— e desculpe-me o meu prezado amigo a franqueza d'esta opinião.

guintes, que se guárdão no Museu de Anthropologia da Direcção dos Trabalhos Geologicos de Lisboa:

Fi.

Fig. 31

a da fig. 34 (em tamanho natural), de ardosia, achada em Casc[illegible]es numa gruta[1];

[1] Esta estampa vem tambem em Cartailhac, *Les âges préhist. de l'Espagne et du Portugal*, p. 106, n.º 129 (reduzida).

a da fig. 35 (em tamanho natural) de calcareo, tambem de Cascaes;

a da fig. 36 (em tamanho natural), de calcareo, da mesma procedencia [1];

e a da fig. 37 (em tamanho natural), de calcareo, proveniente da 4.ª furna ou gruta artificial de Palmella.

Fig. 32

As placas representadas nas fig. 36 e 37 são principalmente curiosas por conterem desenhos; a última, com os seus sulcos parallelos, ainda que ás vezes um tanto obliquos, lembra bastante as placas grandes de ardosia de que fallei primeiro (de pag. 155 em deante).

Ás placas precedentes posso ainda juntar outra, de serpentina, com ornatos, a qual se suppõe que proveiu da

[1] Esta estampa vem igualmente em Cartailhac, *Les âges préhist. de l'Espagne et du Portugal*, p. 106, n.º 127 (reduzida).

estação prehistorica de Aljezur (fig. 38,— em tamanho natural[1]).

Estas placas pequenas é que, pela exiguidade das suas dimensões, erão proprias para poderem andar penduradas ao pescoço, á cinta, etc. Traria assim comsigo o povo como que uma imagem reduzida dos objectos maiores, que podião ficar guardados em casa, ou que só mais raramente se trarião[2]: tambem hoje os fieis trazem ao pescoço veronicas, bentinhos, e outros pingentes, que são reducções de imagens maiores.

*

Mas, quanto á hypothese de serem todas as placas objectos de religião, é claro que lhe não ligo maior valor do que o que ella realmente tem, pois de sobra tenho insistido nas difficuldades do assumpto, para que eu pretenda chegar de pronto á solução definitiva d'este problema.

Muitos mais objectos existirião no periodo neolithico capazes de serem neste logar mencionados como amuletos: uns, que se terião perdido, como os constituidos por materias destructiveis[3]; outros, cuja significação se torna hoje difficil ou impossivel descobrir[4].

---

[1] Foi-me offerecida pelo sr. Antonio J. Judice, da Mexilhoeirinl a (Portimão), e está na minha collecção archeologica.— Sobre a estação de Aljezur vid. E. da Veiga, *Antig. do Algarve*, I, 145 sqq.

[2] No Museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos ha uma placa de lousa ornamentada, e furada, que, alem de não ser muito grande, tem a particularidade de ser affeiçoada em fórma de machado, e de ter sido feita de outra placa maior, o que se reconhece immediatamente pelos desenhos. É uma especie de palimpsesto.

[3] Cfr. supra, pag. 86 e 89.

[4] Cfr. supra, pag. 85-90. — Amuletos feitos de pedras, umas com fórma natural, outras com fórma geometrica, vem descritos em Bellucci, *Catalogo* (já cit.), passim: e em Cartailhac, *Les âges de pierre dans les souvenirs* (tambem já cit.), pag. 91-93, notas.

Quem conhece as tradições populares, a archeologia e os costumes dos povos selvagens, sabe que o número dos amuletos é muito maior e mais variado do que o d'aquelles que estudei nas páginas precedentes. Mas eu não quis sahir fóra da área dos factos materiaes deixados pelos nossos avoengos neolithicos; e, dentro ainda d'esses factos, procurei manter-me nos limites da prudencia.

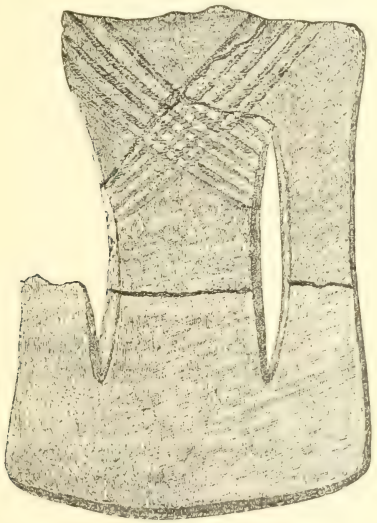


Fig. 33

Não obstante, haverá alguem mais timorato que me accuse de exaggêro. A esse tal offereço as seguintes palavras de um bom observador e apreciador dos phenomenos religiosos:

«Nous possédons un certain nombre de gravures qui remontent à l'âge du renne, et il est difficile de ne pas admettre que cet art primitif ait eu une portée religieuse.

Ce sont le plus souvent des représentations d'animaux, mammouths, rennes, chevaux, serpents, poissons, dessinés sur des fragments d'os ou d'ivoire..... Chez les nègres, toutes les représentations analogues sont des fétiches, ou, du moins, ont un but conjuratoire..... Il con-

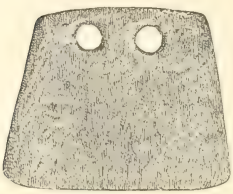


Fig. 34

Fig. 35

Fig. 36

Fig. 37

vient de mentionner également les coquilles perforées, les fossiles, les cristaux, les cailloux de quartz et les cornes de renne déposés à l'intérieur des tombes, parfois même dans la main du mort, objets sans utilité pratique, qui ont pu servir d'ornements, mais qui, dans certains cas,

doivent avoir été employés comme talismans ou comme amulettes»[1]. O A. refere-se especialmente ao periodo paleolithico[2], mas os seus argumentos são do mesmo modo válidos em relação ao neolithico, cujas ideias religiosas elle considera, com razão, como desenvolvimento e generalização das d'aquelle periodo[3].

Devemos ter sempre na memoria que estamos deante de povos que se encontravão em grau muito inferior de civilização: que se servião de instrumentos de pedra; que vivião em humildes cabanas, ou ainda provavelmente em grutas, ou ficavão não raro ao ceu sereno; que não possuião a arte de escrever; que no desenho, ora não ião alem do linear, ora se limitavão a esboços de figuras zoomorphicas; de povos, emfim, que enterravão os mortos em monumentos extremamente rudes... Homens assim não se elevão ás altas concepções philosophicas: por isso não estranhemos que nelles, como nos selvagens modernos, e nas camadas baixas das nações cultas, os dentes, as contas, os dixes de osso, os buzios, as pequenas pedras ..., que elles trazião profusamente comsigo, em collares pendentes ao pescoço, e em xorcas ou em cintilhos, pudessem formar thema de veneração religiosa.

Fig. 38

[1] Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, 1892, p. 19–21.

[2] Antes de eu ter conhecimento do livro do sr. Goblet d'Alviella, que é de 1892 (e a presente obra está no prelo desde essa data), escrevi, tambem sobre o periodo paleolithico, o que fica dito a p. 85–98, em que discuto as ideias do sr. Mortillet. Todavia o que lá digo já estava contido em germen num pequeno trabalho meu publicado em Lisboa em 1889, e intitulado *Elemento das lições de numismatica* (1, 21 e nota).

[3] *L'idée de Dieu*, p. 22.

III. Trepanação prehistorica e factos correlativos

É sabido que nos tempos prehistoricos se praticavão duas especies de trepanação nos cranios humanos: uma, durante a vida do indivíduo, o que se reconhece pelos vestigios da cicatrização dos bordos da abertura; outra, no cranio de um individuo já morto. Encontrárão-se tambem cranios em que se praticárão successivamente as duas operações: uma, durante a vida; outra, *post mortem*. Com estes factos liga-se o terem apparecido nas estações prehistoricas pequenos fragmentos e rodellas de cranios humanos, ás vezes com perfurações, como que para andarem pendurados, outras vezes sem ellas.

Quem primeiro sujeitou o assumpto a estudo desenvolvido foi o dr. Prunières (1873)[1]; depois Broca retomou-o (1876–1877) em trabalhos que ficárão célebres na sciencia[2]. Mas não se limitão a estes dois os investigadores que se tem occupado da trepanação prehistorica: ha mais, tanto franceses, como allemães, etc. Até á data de 1882 acha-se condensado no trabalho de Robert Fletcher,— *On prehistoric trephining and cranial amulets*, Washington 1882[3] —, tudo, ou quasi tudo, o que a este proposito se havia publicado. De 1882 para cá ignoro se existem trabalhos especiaes sobre o assumpto; sei apenas de notas ou allusões avulsas a elle, como terei occasião de dizer.

---

[1] *Association française pour l'avancement des sciences:* Compte-rendu de la 2me session: Lyon 1873 (Paris 1874, in-8.°, p. 703). Este trabalho não o conheço directamente. — Sei que ha outros do mesmo auctor. O descobrimento de cranios trepanados data já de 1868 (tambem de Prunières): vid. Broca in *Revue d'Anthropologie*, VI, 7.

[2] Vid.: *Congrès d'anthropologie préhistorique de Budapest*, 1876; *Revue d'Anthropologie*, VI, 1–42 e 193–225, Paris 1877.

[3] Este trabalho faz parte das *Contributions to North American Ethnology*, vol. V; mas tem paginação á parte, e por isso constitue por si um livro.

Os trabalhos especiaes que conheço directamente á cêrca da trepanação prehistorica, e de que aqui me sirvo, são os seguintes (dois d'elles já citados):

Sur la trépanation du crâne et les amulettes cranienes à l'époque néolithique, por Paulo Broca (in *Revue d'Anthropologie,* VI);

La trépanation préhistorique, por Joseph de Baye (Paris 1876);

On prehistoric trephining and cranial amulets, por Robert Fletcher (Washington 1882).

A) **Trepanação em vida**

Para explicar a trepanação em vida, defendeu e justificou Broca, no artigo ha pouco citado, uma brilhante hypothese, que vou expôr.

Os povos incultos admittem que certas doenças são produzidas por espiritos maus que entrão no organismo humano[1]: quando o logar de eleição para o alojamento dos espiritos fôr o cerebro, o melhor meio de lhes dar sahida, para alliviar o doente, será abrir o cranio.

D'aqui o suppôr Broca que a trepanação prehistorica tinha por fim expulsar da cabeça do doente os espiritos causadores do mal. Acreditar-se-hia muito naturalmente que os espiritos maus se alojarião na cabeça, quando as doenças fossem nervosas, como loucura, cephalalgia, e as de symptomas convulsivos, etc.

Broca lembrou a este propósito os seguintes factos, que são muito interessantes:

«Partout les maladies convulsives ont été attribuées aux esprits, aux dieux, aux démons, aux influences mystiques. Hippocrate écrivit son beau *Traité de la maladie sacrée* pour combattre ce préjugé; et il le fit sans le moindre succès, car au temps d'Aristote l'épilepsie s'appelait encore

[1] Cfr. adeante p. 181, onde cito exemplos.

le *mal d'Hercule*[1]. Le mot *épileptique* signifie : saisi d'en haut. Les Latins nommaient l'épilepsie *morbus major*[2] ; au moyen âge ce fut le *mal Saint-Jean,* le *mal d'en haut,* le *haut mal,* et ce dernier nom est encore très-usité dans le peuple. Les démoniaques de l'Évangile sont des épileptiques ; pour les guérir il faut chasser les esprits qui s'agitent dans leur corps, et parfois, à la suite de ce miracle, on voit les esprits malins se réfugier dans le corps des animaux qui se trouvent à leur portée. La croyance aux possessions s'est perpétuée jusqu'à nos jours ; l'Église a toujours ses cérémonies d'exorcisme. Taxil, au dix-septième siècle, consacre tout un chapitre à prouver que les démoniaques sont épileptiques[3]. Tout le monde connaît l'histoire des convulsionnaires, qui fut prise au sérieux en plein dix-huitième siècle, et qui s'est plusieurs fois reproduite de notre temps. Ces superstitions populaires, que nous voyons autour de nous, surtout dans nos campagnes, fleurissent bien plus encore chez les peuples incivilisés. Ce ne sont pas seulement les affections convulsives qu'ils attribuent aux esprits : ce sont toutes les maladies qui troublent l'intelligence. Les idiots et les fous sont chez eux l'objet d'un respect mêlé de crainte ; mais ils vénèrent surtout les épileptiques, dont les mouvements effrayants et désordonnés témoignent de l'agitation de l'esprit emprisonné dans le corps »[4].

O que Broca diz, referindo-se aos epilepticos, deve tambem, segundo creio, applicar-se aos hystericos. A terrivel nevrose chamada hysteria, que offerece tanta variedade nos seus symptomas, com quanto, nas suas fórmas apparatosas,

---

[1] Aristotelis *Problemata,* sect. 30, quaest. 1.

[2] Celse, lib. III, cap. XXIII. Les Romains appelaient aussi l'épilepsie *morbus comitialis,* parce qu'il fallait fermer les comices lorsque l'un des assistants tombait en convulsions ; c'était un signe de la colère des dieux.

[3] Taxil, *Traité de l'épilepsie,* Lyon 1603, liv. I, cap. VII (p. 149-159).

[4] *Revue d'Anthropologie,* VI, 206-207.

seja muito mais vulgar em mulheres do que em homens, tambem apparece nestes, e alem d'isso póde, tanto num como noutro sexo, manifestar-se, pelo menos, desde a idade dos 15 annos. Em todos os tempos as manifestações hystericas se attribuirão a influencias sobrenaturaes, — diabolicas ou divinas. As pessoas hystericas, na occasião dos ataques, forão tidas como obsessas e possessas, e por esse motivo exorcismadas. Nos seus *Études cliniques sur l'hystéro-épilepsie ou grande hystérie,* Paris 1881, traz o dr. Paul Richer, em appendice, umas valiosissimas *Notas historicas* em que interpreta, á luz da medicina, como phenomenos em grande parte hystericos, certas epidemias convulsivas da idade-media, etc., e outros factos em que o povo havia visto a acção immediata de Deus ou do Diabo; e igualmente interpreta pelos meios naturaes da sciencia alguns pretendidos milagres. Veja-se tambem Charles Richet, *L'homme et l'intelligence,* Paris 1884, nos capitulos intitulados *Les démoniaques d'autrefois* e *Les démoniaques d'aujourd'hui.* — Já num medico português do sec. XVI, o dr. Rodrigo de Castro [1], leio o seguinte á cêrca das mulheres hystericas: «Ad curationem igitur vocati medici, caveant,..... ne tandem *vulgari superstitione* sic affectas *ab immundo spiritu teneri* judicent»[2]. E noutro ponto: «*Ab immundo spiritu corripi* suffocatas *vulgus* existimat»[3]. Depois de mencionar as variadas vozes de animaes que as pes-

---

[1] Vid. sobre este medico um interessante estudo do dr. Pedro Augusto Dias, intitulado *Rodrigo de Castro,* e publicado nos *Archivos de historia da medicina portuguesa,* do dr. Maximiano Lemos, vol. I. p. 49 e 73.

[2] Isto é: «Quando os medicos forem chamados para instituirem o tratamento, devem ter cautella em não julgarem, conforme a superstição popular, que as doentes estão possuidas do espirito diabolico». Vid.: *De universa muliebrium morborum medicina,* Veneza 1644, part. II. p. 299.

[3] Isto é: «O povo imagina que as hystericas estão possuidas do espirito immundo (diabolico)». *Ob. cit.,* ib., p. 308.

soas doentes fazem ouvir, — factos que realmente se observão na hysteria —, conclue o medico que não se deve desesperar da cura, apesar de o povo suppôr que «divinum quicquam subesse aut super naturam»[1]. Como se vê, o nosso judicioso medico combate a superstição, e reduz a doença ás leis naturaes. Apesar d'isto, ainda nos sec. XVII e XVIII se publicárão entre nós *Practicas de exorcistas,* que indicão os meios de reconhecer nos doentes a existencia de espiritos malignos. Tenho aqui presentes alguns d'esses livros: um é a *Practica de exorcistas e ministros da igreja,* traduzida pelo Padre Rodrigues Martins, Coimbra 1694, e noutra edição, Coimbra 1718; outro livro é o *Brognolio recopilado e substanciado* por Fr. Joseph de Jesu Maria, Lisboa 1738[2]. Em ambos elles ha uns capitulos especiaes com a indicação dos «signaes certos e evidentes do endemoninhado» ou «Dos signaes e effeitos porque se conhece que alguem está possuido do demonio». Esses signaes nada mais são muitas vezes do que symptomas da hysteria. Os proprios exorcismos influião não raro na imaginação dos doentes como agentes de suggestão, provocando phenomenos hystericos, taes como convulsões, somnambulismo, etc.[3]

[1] Isto é: que nesta doença «ha alguma cousa de divino ou de sobrenatural». *Ob. cit.,* ib., p. 309.

[2] Está claro que os exorcismos não datão sòmente do seculo XVII. As fórmulas dos *exorcismos* e das *bençãos,* através dos *Rituaes* ecclesiasticos, remontão geralmente a outras fórmulas de origem pre-christã. Aqui, como noutros muitos pontos, a igreja christianizou ideias pagãs. As fórmulas magicas antigas (em latim chamadas *incantamenta)* achão-se representadas entre nós de duas maneiras: sob a fórma de *exorcismos* e *bençãos,* com caracter ecclesiastico; e sob a fórma de *ensalmos* e *orações,* com caracter popular.

Na já citada obra de Charles Richet, *L'homme et l'intelligence,* Paris 1884, p. 299-301, e notas, se indicão alguns elementos bibliographicos para o estudo dos exorcismos (e dos manuaes inquisitoriaes, cuja origem está no *Malleus maleficarum,* impresso pela primeira vez em 1580).

[3] Vid Culerre, *Magnétisme et hypnotisme,* Paris 1887, p. 22 sqq.: e Dupouy, *Le moyen âge médical,* Paris 1888, p. 215.

Hoje mesmo está muito radicada no povo a crença de que os hystericos e epilepticos são *endemoninhados*, isto é, *possessos*. Recorre-se indistinctamente aos padres, para lhes «lerem os exorcismos», e «ás mulheres de virtude». Fallei no Algarve com uma velha, cuja filha, pelas informações que colhi, tinha hysteria; a mãe foi com ella consultar uma mulher «que falla com o Espirito Mau», e esta deulhe de conselho que a mandasse *benzer* por um padre (i. é, *exorcismar*), porque aquella doença «era obra do Diabo». Conheço mais casos analogos a este.

Os exemplos citados bástão para mostrar que, no decurso de toda a historia, as doenças de symptomas convulsivos fôrão muitas vezes lançadas á conta de manifestações de entidades sobrehumanas introduzidas no organismo doente. Que assim já fosse nos tempos prehistoricos, é tambem natural.

A hypothese de que com a trepanação prehistorica se expulsava da cabeça um elemento morbifico não é gratuita, apoia-se em factos de observação moderna. Broca lembrou alguns, que já depois d'elle tem sido invocados por outros auctores. Diz o illustre anthropologista: «Quant à l'idée de traiter les affections convulsives par la trépanation, ce n'est pas seulement chez les hommes néolithiques que nous la retrouvons. Qu'elle soit née d'une doctrine plus ou moins mystique ou de toute autre conception, peu importe; nous savons qu'elle est encore en faveur chez certains insulaires de l'Océanie, chez les Kabyles, et aussi, dit-on, chez les montagnards du Monténégro. Cette indication a même été acceptée jusqu'au dernier siècle par un certain nombre de praticiens formés dans nos écoles d'Europe.... Ce même Taxil [sec. XVII] que j'ai déjà cité.... est au nombre des auteurs qui ont admis la trépanation dans le traitement de l'épilepsie»[1].—A respeito da Oceania diz tambem Bordier que Lesson conheceu um indigena que tinha pra-

[1] In *Revue d'Anthropologie*, VI. 208-209.

ticado mais de duzentas trepanações [1]. Leio no mesmo auctor que os pastores do Montenegro e de Luzère fúrão com uma navalha os cranios dos carneiros atacados de «tournis» (tornéo)[2]. — Na Allemanha, segundo diz Veckenstedt, os pastores praticão a trepanação cirurgica no gado [3].

É pois perfeitamente acceitavel a conclusão de Broca, aliás já formulada por Prunières, como aquelle mesmo nota: «Le but que je crois pouvoir assigner aux trépanations préhistoriques est donc conforme aux croyances et aux pratiques que nous retrouvons chez beaucoup de peuples, et même chez des peuples certainement plus éclairés que ne pouvaient l'être les peuples néolithiques» [4].

Sem dúvida, em certos casos, a trepanação póde ser applicada scientificamente, e produzir effeitos satisfatorios, como, por exemplo, numa fractura do cranio, quando os fragmentos cranianos, irritando ou comprimindo uma ou outra zona do encephalo, cáusão immediatamente, ou passado tempo, quer accidentes epileptiformes, quer phenomenos paralyticos, convulsões, contracturas, estado comatoso, ou delirantes perturbações mentaes. Então, pela trepanação, levantão-se os fragmentos cranianos, o que faz cessar a irritação ou a compressão, e por tanto desapparecer os symptomas. Broca tambem cita casos d'estes, um mesmo observado por elle [5]. Ch. Féré consagra num livro seu algumas páginas á efficacia do emprêgo da trepanação no tratamento da epilepsia, sobretudo da traumatica [6].

---

[1] In *Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie,* 1893, III, 58.

[2] *Ib., ib.* — Cfr. Broca, in *Revue d'Anthropologie,* VI, 30-31.

[3] Apud Fletcher, *On prehistoric trephining* (já cit.), p. 12.

[4] In *Revue d'Anthropologie,* VI, 209. — Sobre o costume dos Montenegrinos, vid. Barão de Baye, *L'Archéologie Préhistorique,* Paris 1883, p. 151 (apud Ricardo Severo, *Paleoethnologia Portugueza,* p. 47, nota).

[5] In *Revue d'Anthropologie,* VI, 208, nota.

[6] *Les épilepsies et les épileptiques,* Paris 1890, p. 507 sqq.

Curas semelhantes concorrerião para que nos povos prehistoricos, que as não attribuião á operação em si mesma, mas sim a influencias sobrenaturaes, isto é, á sahida de maus espiritos, se firmasse cada vez mais a crença na existencia d'estes.

Assim a hypothese de Broca explica bem a trepanação em vida. E de facto ella é acceite pelo geral dos paleoethnologos[1].

Postoque as condições anatomo-pathologicas da epilepsia sejão diversas das da hysteria, e nesta última doença nunca a trepanação possa por si mesma aproveitar, todavia o homem prehistorico não estava em circumstancias de proceder a diagnóstico seguro e a applicação therapeutica apropriada, pelo que tambem praticaria a trepanação nos casos de hysteria, doença cujos symptomas convulsivos reclamavão, como os da epilepsia, a expulsão do espirito maligno.

É verdade que a hysteria manifesta-se geralmente, pelo menos, só depois dos 15 annos, e Broca, em virtude de considerações dos anatomia pathologica, suppõe que esta operação se praticaria sobretudo ou quasi sempre na infancia[2]; mas, como não nega que ella o pudesse ser tambem na idade adulta, fica justificado o que acima referi ácêrca da hysteria.

---

[1] Parrot, in *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, 1881, 3.ª serie, IV, 104-108 (apud Fletcher, *l. l.*), dá conta de um notavel exemplo neolithico de um cranio doente em que a trepanação foi praticada visivelmente com o fim de o curar. Em virtude de razões lá expostas, a doença não se póde considerar como accidente da operação; é anterior a esta. Parrot diz que isto prova que a trepanação tinha um fim therapeutico, e não sómente o de alliviar de doenças devidas a imaginarias causas de demonios (convulsão, epilepsia); comtudo, como observa Fletcher, os symptomas podião fazer reclamar o remédio ordinario. Vid. Fletcher, *On prehistoric trephining*, p. 19.

[2] *Ob. cit.*, p. 24, 25, 30, 35, 36, etc.

B) Trepanação post mortem

A trepanação *post mortem,* ou postuma, tem tambem sido interpretada de differentes maneiras.

Alguns suppuserão que o orificio sería feito com o fim de pendurar o cranio, como tropheu de guerra, costume que se encontra em alguns povos [1]. Mas esta hypothese não explica todos os casos. Alem d'isso o processo postumo mal se póde separar do processo cirurgico. De mais a mais, como nota com fundamento o sr. Ricardo Severo, se o cranio era tropheu, devia pertencer a um inimigo, e por isso não podia estar cerimoniosamente collocado numa sepultura junto das outras partes do esqueleto [2].

Outros julgárão que a abertura do cranio sería praticada com o fim de se fazerem taças para os inimigos bebe-

[1] Vid. Broca, in *Revue d'Anthropologie,* VI. 223.
Da caverna de Caco diz Vergilio:

> ..... foribus adfixa superbis
> Ora virum tristi pendebant pallida tabo.
>
> (*Eneida*, ed. de Julio Moreira, VIII. 196–197).

Isto é:

> Nos suberbos portões fixos pendião
> De homens saniosas lividas cabeças.

(*As obras de Virgilio,* trad. de Lima Leitão, t. III, Rio de Janeiro 1819, p. 50, v. 229-230).

Na Lunda (Africa) os cranios dos inimigos pendurão-se em arvores, e constituem tropheus de guerra, analogos aos tropheus de caça. Diz o Sr. Henrique de Carvalho: «vi tropheus de guerra com as caveiras de inimigos, porém o número d'estes era limitado, e o maximo número de caveiras, que cada um tinha, não excedia seis. Informaram-me que noutro tempo viam-se muitos d'esses tropheus; porém hoje onde elles se vêem mais frequentes é nas povoações de Canoquena, quatro dias ao norte da mussumba do Calânhi; são caveiras dos individuos da Lunda, que os naturaes conseguiram matar e devorar» (*Ethnographia da Lunda,* 1890, p. 250).

[2] *Paleoethnologia Portugueza,* p. 17.

rem por ellas[1]. Ha effectivamente muitos exemplos d'isto nos povos atrasados e nos povos antigos[2]. Esta hypothese está sujeita ás mesmas objecções que a antecedente.

O sr. Cartailhac diz que a trepanação seria para extrahir o cerebro, quer com o fim de transformar o cranio em tropheu, hypothese que acabo de pôr de parte, quer com o fim de o esvaziar das materias putresciveis, «prélude d'une momification, accomplissement d'un rite funéraire, on ne sait»[3]. No emtanto, em qualquer dos casos, no da

---

[1] Apud Fletcher, *On prehistoric trephining*, p. 6. — Já Prunières tambem tinha formulado esta hypothese em 1868: Broca, in *Revue d'Anthropologie*, VI, 7.

[2] O Muzimbas (Africa Oriental) «tem de costume comer a gente que matão em guerra, e beber polas caveiras, mostrando-se nisso fonfarrões e ferozes» (Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, II, XVIII).

Os Bagas (Guiné), matando os inimigos, cortão-lhes as cabeças e dançõo com ellas; «e depois as cozem, e tirão a carne toda, e limpas da carne e miolos bebem por ella, servindo-lhes de pucaros» (A. A. de Almada, *Tratado da Guiné*, sec. XVII, Porto 1841, p. 70).

Ratzel, *Las razas humanas*, I, 145, traz os desenhos de vasos feitos de cranios humanos, conservados no Museu Britannico.

Tito Livio, narrando a derrota de Postumio, causada pelos Bojos (povo da Gallia Cisalpina), diz que estes cortárão a cabeça ao general, despejárão o cranio, embutírão-no de ouro, considerando-o, segundo o costume, como vaso sagrado, que servia para as libações nas festas e tambem de taça aos sacerdotes: «spolia corporis caputque praecisum ducis Boji ovantes templo, quod sanctissimum est apud eos, intulere; purgato inde capite, ut mos iis est, calvam auro caelavere idque sacrum vas iis erat, quo sollemnibus libarent, poculumque idem sacerdotibus ac templi antistibus» (T. Livii *Ab urbe condita*, ed. de Riemann & Benoist, XXIII, 24).

Silio Italico repete a mesma notícia:

> At Celtae vacui capitis circumdare gaudent
> Ossa, nefas, auro ac mensis ea pocula servant.
>
> (*Punica*, ed. de L. Bauer, XIII, 482-483).

I. é: «Os Celtas, esses, que horror! comprazem-se em guarnecer de ouro o cranio, depois de esvaziado, utilizando-o á mesa como taça».

[3] *Les âges prehistoriques*, p. 87.

mumificação, ou no da execução de um rito funebre, era natural que o número dos cranios trepanados fosse muito maior, pois que taes costumes devião ter caracter de generalidade[1]. Porque é que, por exemplo (se estamos deante de um caso de mumificação ou de um rito), numa caverna funeraria de Nogent-les-Vierges, onde apparecêrão 200 esqueletos[2], só appareceu um cranio trepanado? A pergunta fica de pé, mesmo admittindo-se que a tal mumificação ou rito se praticasse só com relação aos cranios dos chefes (?), á semelhança do que hoje succede com os principes e bispos, cujos cadaveres são geralmente os unicos que se costumão embalsamar.

*

Ha ainda mais hypotheses. A trepanação postuma far-se-hia com o fim de extrahir do cranio particulas que servissem de amuletos ou reliquias[3]; ou far-se-hia, como aquella que se realizava em vida, para dar sahida a um mau espirito alojado na caixa craniana[4].

Estas hypotheses podem combinar-se uma com a outra.

Temos, por tanto, de considerar dois casos, o que vou fazer separadamente, começando, para melhor sequencia das ideias, pelo segundo.

a) *Expulsão do espirito causador da morte.*

Como já se disse a cima[5], muitos povos attribuem em geral as doenças não a uma causa natural, mas sim a uma sobre-natural (a qual aliás para os selvagens é tambem *natural),* como por exemplo a acção de um feiticeiro, a

---

[1] Cfr. tambem Ricardo Severo, *Paleoethnologia Portugueza*, p. 48.

[2] Cartailhac, *La France préhistorique*, p. 281.

[3] Broca, *passim*: Alviella, *L'idée de Dieu*, p. 27: etc.

[4] Réville, *Prolégomènes*, p. 128: Alviella, in *op. laud.*, p. 27: Bordier, in *Revue mensuelle de l'école d'anthropologie*, III, 1893, p. 56.

[5] P. 171.

entrada de um espirito mau no organismo[2]. Em virtude

[2] Sobre causas sobrenaturaes das doenças vid. Tylor, *La civilisation primitive*, t. I, p. 7, 485; t. II, sobretudo p. 163 sqq., e ainda p. 148, 150 e 190. Este A. reuniu muitos exemplos: espiritos que entrão no corpo, almas penadas, demonios, etc.

Segundo A. Alvares d'Almada, *Tratado breve dos rios da Guiné*, p. 13, certos povos de Africa pênsão que morrem por causa dos feitiços. Está-se tão longe de se attribuir a morte a um desarranjo das funcções do organismo, que de modo geral se diz que, se alguem morre, é porque alguem o matou (*ob. cit.*, p. 49). — Na Lunda (Africa), diz o Sr. H. de Carvalho, «acreditão muito nas mortes por feitiçaria» (*Ethnographia da Lunda*, p. 431; cfr. p. 437); as doenças são attribuidas á acção dos idolos e dos feiticeiros (*ob. cit.*, p. 502).

Na *Zeitschrift des Vereins Volkskunde*, 1895, p. 1 sqq., publicou Max Bartels um desenvolvido artigo á cêrca dos esconjuros da doença (*Ueber Krankheits-Beschwörungen):* ahi se trata da personificação das doenças, e se expõem muitas fórmulas magicas contra ellas.

No nosso povo ha ainda numerosos vestigios da primitiva concepção animistica das doenças. Segundo elle, certas doenças são causadas por *bichos* que passão pelo corpo; o melhor modo de obter a cura é pois *talhar o bicho*, o que se faz com fórmulas (ensalmos) e um determinado ritual. Vid. exemplos nas *Tradições populares de Portugal*, § 251. — É pelo mesmo motivo que as doenças, conforme a crença popular, podem ás vezes ser transferidas ou transportadas do corpo doente para outro corpo, ou para qualquer logar: nas *Tradições populares de Portugal*, § 248-*a*, citei um caso de personificação das sezões, invocadas com o nome de *Maleitas*, — com o qual caso se póde comparar uma superstição do Archipelago Indico referida por Tylor, *loc. laud.*, II, 165. O sr. H. Gaidoz tratou desenvolvidamente da transplantação de doenças a proposito das curas produzidas pela passagem por uma abertura, ou pela utilização de uma cavidade: vid. *Un vieux rite médical*, Paris 1892. É o caso de atravessar por um vime rachado ou por outras arvores uma criança rendida: vid. *Tradições populares de Portugal*, p. 112 sqq. — Sobre transplantação das doenças vid. ainda Max Bartels no artigo ha pouco citado, in *Zeitschrift des Vereins Volkskunde*, p. 25 sqq.

Uma tradição popular do Douro diz tambem: «Os pobres morrem todos de feitiçaria» (*Tradições populares de Portugal*, § 342-*l*). Os pobres forão considerados como mais sujeitos á acção sobrenatural, em virtude do seu caracter de humildade e fraqueza, que os torna pouco resistentes.

d'isto praticão-se, depois da morte de alguem, certos ritos que vou indicar:

«Chez les Esquimaux du Mackensie, on brûle la tête du mort pour détruire le double morbide qui est censé y siéger.

«Chez les Peaux-Rouges, en vertu de la même conception animo-céphalique, on fait un trou dans la paroi du cercueil, au niveau de la tête.

«Dans la Basse-Lusace, M. Wockenstedt a trouvé des urnes funéraires percées d'un trou qui avait sans doute la même destination.

«Sans doute convaincus de la légéreté spécifique du ψυχή, les Esquimaux, Yacoutes et Tongouses pratiquent, après la mort d'un homme, un trou au sommet de sa maison.

«Chez nous, dans les campagnes, on ouvre la fenêtre dans le même but.

«Plus précises, les populations du Michigan pratiquaient une ouverture posthume de 10–15 millimètres sur le bregma»[1].

Assim, nada é de estranhar que nos povos prehistoricos houvesse as mesmas crenças animisticas, e se praticasse a trepanação nos mortos para dar sahida a um espirito mau, como nos vivos, segundo o que a cima expus. Muitos povos crêem que o cadaver *continúa a viver* no sepulcro; d'ahi resulta o querer evitar-se-lhe uma causa de mal.

---

[1] Bordier, in *Revue de l'École d'anthrop.*, III, 1893, p. 56. Pode ainda comparar-se o costume, que ha em alguns povos, de abrir a janella do quarto do morto, para que a alma sáia. Á cêrca de costumes d'estes em França, na Escocia e na China, vid. *Mélusine*, II, 97 e 439. Os costumes citados no texto e nesta nota mostrão que se estabeleceu paridade no modo de dar sahida aos espiritos causadores da vida e da morte. J. Grimm cita o costume de se deixar uma abertura num tumulo para o rouxinol poder vir annunciar a Primavera (vid. *Kleinere Schriften*, II, Berlin 1866, p. 214, nota 1). Esta poetica interpretação está certamente já muito longe da primitiva.

Visto que se considerava que *post mortem* havia outra vida, que para o defuncto valia como vida real, era perfeitamente logico que se fizesse uma operação postuma com o mesmo fim com que se fazia a operação em vida. O facto de já no cranio existir ás vezes uma perfuração, feita em vida, não impedia que se fizesse outra, pois, se o individuo morreu, é porque lá entrou outro espirito, a que era preciso dar sahida especial e conveniente.

Se, em relação aos tempos neolithicos, para cada região em que apparecêrão os cranios trepanados, se tivesse de admittir que a trepanação tinha por fim dar sahida a um espirito causador da morte, esta hypothese estava sujeita ás mesmas objecções que algumas das hypotheses que já mencionei: isto é, como tal concepção da morte devia ser geral, o número dos cranios trepanados devia, *ipso facto,* ser tambem maior do que é. Mas podemos admittir que a trepanação se não praticava a proposito de todas as doenças, e sim sómente a proposito de algumas, d'aquellas que mais em particular se attribuião a certos e determinados espiritos, e sobretudo àquelles que se julgava que se alojavão na cabeça. Hoje, por exemplo, tambem a Igreja não exorciza todas as doenças, e o povo, que sabe meios magicos de curar, e suppõe que os *bichos* podem causar doenças, tambem não attribue sempre estas a bichos, nem tem ensalmos para todas.

As ideias que acabo de expender não fazem suppôr que mesmo aquelles doentes em quem a operação estava indicada fossem todos trepanados, pois alguns podião não ter querido, ou não ter podido sujeitar-se a ella[1].

[1] Os Pelles-Vermelhas acreditão que no homem ha duas almas, uma das quaes vem visitar o corpo na sepultura, para o que se pratica uma abertura no tumulo. Este facto, como já nota Gillman (citado por Broca), não explica os costumes prehistoricos, porque a trepanação prehistorica não é constante (vid. Broca, in *Rév. d'Anthrop.,* VI, 224). Broca não julga sufficiente a nota de Gillman, mas o que elle diz contra ella tambem me não parece muito concludente; e por isso admitto as razões de Gillman.

b) *Amuletos cranianos:*

Broca, que explicava a trepanação em vida como meio de dar sahida a um espirito morbifico contido no organismo humano, foi levado a admittir com Prunières que as pequenas rodellas cranianas, que muitas vezes, como a cima disse, apparecem nas sepulturas prehistoricas, tinhão, em virtude das propriedades maravilhosas que o povo attribue a certos objectos bentos, e da analogia que ás vezes acha entre taes objectos e as doenças, effeitos prophylacticos contra estas. Escreve Broca: «Il est donc très-plausible d'admettre que les hommes néolithiques aient attribué à la substance des crânes trépanés une propriété prophylactique relative à la maladie que la trépanation était censée guérir, c'est-à dire à l'influence des mauvais esprits, manifestée sous forme de convulsions. C'est peut-être de là que vint plus tard l'usage médicinal de la substance du crâne humain dans le traitement de l'épilepsie. On en usa et abusa pendant tout le moyen âge, et même après la Renaissance. On citait le crâne des momies égyptiennes comme l'un des remèdes les plus efficaces contre l'épilepsie. Taxil recommande contre cette affection un grand nombre de recettes, où figurent tantôt la *raclure,* tantôt la poudre, tantôt la cendre du crâne humain..... Les os supplémentaires connus aujourd'hui sous le nom d'os wormiens avaient à cet égard une réputation..... toute spéciale.....[1]».

Pela minha parte citarei, em apoio das ideias emittidas pelo anthropologo francês, um amuleto que o sr. G. Bellucci menciona no seu *Catalogo della collezione di amuletti,* e que consiste num fragmento de cranio humano, considerado como remédio contra a epilepsia ou *male del Santo*[2].

A pag. 151–152 mencionei os amuletos de osso, e a pag. 122 nota 4, referi-me a várias superstições ligadas com o cranio humano.

---

[1] In *Revue d'Anthropologie,* VI, 207–208.

[2] Vid. o n.º 162.

Conhecem-se bastantes exemplos de rodellas e fragmentos cranianos prehistoricos achados em circumstancias de poderem ter servido de amuletos. Alguns tem orificios, outros não[1]. Ha mesmo um fragmento, apparecido na Lozére, irregular, e com vestigios «d'un commencement de forage par section»[2], facto que, como logo direi, tem, para o meu caso, particular curiosidade. «M. de Baye, diz o sr. Cartailhac, en possède aussi d'isolées qui pouvaient être suspendues au cou, comme les médailles actuelles»[3]. Tambem se possuem *torques* de bronze gauleses providos de rodellas cranianas enfiadas juntamente com outros amuletos[4].

O facto d'esta coincidencia, e os exemplos citados a cima, da utilização do cranio humano como remedio ou amuleto, são bastantes para se poder acceitar parte da hypothese de Broca: quero dizer, as rodellas cranianas prehistoricas serião amuletos. O sr. Cartailhac, porém, apesar de não repellir absolutamente da trepanação, como vimos, a pag. 179, a ideia religiosa, pergunta, depois de se referir á existencia das rodellas cranianas, taes como as apresentei a cima: «pourrons-nous tirer de ces faits une conclusion applicable à l'époque néolithique?»[5]. E porque não? Pois então

---

[1] «Parmi les nombreuses amulettes crâniennes .... il n'y a qu'un assez petit nombre qui soient percées d'un trou ou munies d'entailles de suspension». Dizia Broca em 1877 in *Revue d'Anthropologie*, VI, 5. — D'estes pedaços de cranio falla-se muito nas obras prehistoricas. Citarei, por ex., E. Cartailhac, *La France préhistorique*, p. 284; B. de Baye, in *Bulletins de la Société d'anthropologie*, 2.ª serie, XI, 121; idem, *La trépanation prehistorique*, 1876, passim.; Joly, *L'homme avant les métaux*, 1879, p. 307 sqq.

[2] Cartailhac, *ib.*, p. 284.

[3] Cartailhac, *La France préhistorique*, p. 285.

[4] Vid. o que se escreveu supra, p. 128–129; e tambem: E. Cartailhac, *La France préhistorique*, p. 285; Broca, in *Revue d'Anthropologie*, VI, 6–7; J. de Baye, *La trépanation prehist.*, 1876, p. 28-29, e fig. 11.ª

[5] *La France préhistorique*, p. 285.

como é que nós interpretamos os factos da prehistoria, senão pelos que a história nos ministra? O sr. Cartailhac é escriptor muito circumspecto, e por isso não gosta demasiadamente do exclusivismo; todavia elle não dá explicação do que possão razoavelmente ser as rodellas cranianas que nos ficárão dos tempos prehistoricos, e que sem embargo se explicão bem como amuletos, entrando na classe geral que estudei a cima, pag. 112 sqq.[1].

*

De tudo o que acabo de escrever sobre a trepanação postuma conclue-se que ésta poderia ter por fim dar sahida a um espirito morbifico; aproveitando-se em seguida, como amuleto prophylactico da doença causada por esse espirito, o fragmento craniano que resultava da operação.

O amuleto seria mero accessorio, e não o intuito principal. Tambem hoje se aproveita como amuleto contra as trovoadas um pedaço de cera que cresce das cerimonias da Semana-santa[2]; um fragmento dos ramos bentos que

[1] Ainda preoccupado com a ideia do embalsamento dos cadaveres, cita o sr. Cartailhac uma serie de craios modernos de Borneo, e diz: «Dans plusieurs de ces crânes on voit que la fraction détachée a été remise en place. Elle est maintenue au moyen d'un fil métallique pour le passage duquel on avait pratiqué de petits trous symétriques sur les bords voisins de la plaquette et du crâne. Sans l'ombre d'un doute, de telles «rondelles» perforées, trouvées seules dans un mobilier de dolmen ou de crypte sépulcrale, passeraient pour des pendeloques ou pour des amulettes» (*La France préhistorique*, p. 287).

A objecção é espirituosa, e funda-se num justo pensamento de prudente reserva que deve presidir a todas as investigações d'este genero, mas, segundo entendo, não faz nada ao nosso caso, não só porque as *rodellas* cranianas prehistoricas estão noutras condições, mas porque já a cima, p. 179–180, exclui a hypothese do embalsamento.

[2] Vid. *Tradições populares de Portugal*, p. 64.

se levão na mão por occasião da festa dos Ramos tem, quando queimado, virtudes prophylacticas analogas ás da cera benta[1]. Nestes dois casos, e em muitos outros, susceptiveis de se citarem, o amuleto é constituido por um objecto que accidentalmente se aproveitou. No mesmo caso estaria a rodella craniana.

D'este modo, a operação postuma fica equiparada á operação em vida, justificando-se tambem assim o haver crannios com vestigios das duas. O fim principal de ambas as operações, — a expulsão de um espirito maligno —, póde confirmar-se por meio dos costumes historicos que citei a cima.

Se o intuito da trepanação postuma fosse unica e exclusivamente extrahir um pedaço de cranio, e não entrasse ahi a ideia de *perfuração,* não me parece que para obter o desejado amuleto se tornasse necessario abrir o cranio, pois bastava destacar uma esquirola ou raspar pó que depois se traria junto ao corpo, — costume este de que ha muitos exemplos[2].

A hypothese, tal como a apresento, differença-se das que tem sido apresentadas por outros, ou pelo menos differença-se das que conheço.

C) Pessoas dotadas de caracter sobrenatural

Quando um individuo tem certos defeitos physicos que impressionão, ou está em condições extraordinarias, ou possue certas qualidades que se julgão superiores ás dos demais homens, o povo propende ou para considerar esse individuo como perverso e como victima de um castigo divino, ou para lhe attribuir poderes sobrenaturaes.

---

[1] Vid. *Tradições populares de Portugal,* p. 64.

[2] Vid. alguns acima, p. 180. — A respeito de objectos (pós, pedras) trazidos modernamente em *saquinhos,* junto ao corpo, vid. *Tradições populares de Portugal,* §§ 202 e 206-*d*.

É assim que, em relação ao primeiro caso, correm em Portugal, como noutros países, varios adagios e ditados que podem ser representados por este:

Deus, que o assinalou,
Alguma cousa lhe achou[1].

Em relação ao segundo caso acontece que o individuo é muitas vezes elevado á categoria de adivinho, bruxo, feiticeiro, santo.

Quem não sabe hoje que, por exemplo, os extases e estigmas, que se admiravão em varios santos, nada mais são do que phenomenos que se explicão pela hysteria, pela suggestão? A pathologia mental reduz ás condições naturaes muitos outros casos maravilhosos. Socrates, que, segundo o que d'elle se conta, tinha um genio ou demonio, de quem ouvia a voz, parece que padecia de hallucinações[2]. Santa Theresa de Jesus era hysterica[3]. Muitos mysticos pertencem evidentemente á classe dos loucos e dos degenerados. A antiguidade offerece-nos como curiosos exemplares de hysterismo as Pythonisas e as Sibyllas[4].

---

[1] *Tradições populares de Portugal*, p. 255. Cfr. *Revista Lusitana*, II, 377.

[2] Vid. Littré, *Médecine et médecins*, 3.ª ed., p. 82, na analyse do livro de Lélut, *Du démon de Socrate*, Paris 1836.

[3] Sobre os extases de Santa Theresa vid.:

Ch. Letourneau, *Physiologie des passions*, Paris 1868, cap. V *(L'extase raconté par Sainte Thérèse)*;

E. Zamacois, *El misticismo*, Madrid 1893, p. 47 sqq;

Dr. Arturo Perades y Gutiérrez, *El supernaturalismo de Santa Teresa y la filosofia médica*, Madrid 1894, part. I, cap. I, p. 159–182. O auctor d'este livro prova o hysterismo de Santa Theresa; todavia, apesar de ser lente cathedratico da Faculdade de Medicina de Granada, acredita piamente que os extases da *santa*, isto é, da doente, erão mysticos e sobre-naturaes, e escreve páginas e páginas, tentando justificar-se!

[4] O enthusiasmo prophetico da Sibylla de Cumas, quando falla a Eneias, nada mais é, nos versos de Vergilio, do que a phase segunda (clownismo) de um ataque hysterico:

«Aux étages inférieurs de la religion (diz Réville) de nos jours encore chez les peuples étrangers à la civilisation, on peut remarquer la fréquence du penchant à considérer certains individus, mieux doués que les autres, d'une imagination plus vive, d'un sens religieux plus subtil, comme plus rapprochés de la Divinité, plus aptes par conséquent à interpréter ses volontés, à prédire ses desseins, à indiquer ce qu'il faut faire pour être avec elle dans la relation désirée. Il peut même arriver que ce qui serait à nos yeux une preuve d'infériorité physique et mentale passe aux yeux des hommes encore profondément igno-

---

Excisum Euboicae latus ingens rupis in antrum,
Quo lati ducunt aditus centum, ostia centum;
Unde ruunt totidem voces, responsa Sibyllae.
Ventum erat ad limen, cum virgo: «Poscere fata
Tempus, ait; deus, ecce deus!». Cui talia fanti
Ante fores, subito non voltus, non color unus,
Non comptae mansere comae; sed pectus anhelum,
Et rabie fera corda tument; majorque videri,
Nec mortale sonans: adflata est numine quando
Jam propiore dei.

(*Eneida*, ed. de Julio Moreira, VI, 42–51).

Traducção de Lima Leitão:

Escavada de um lado em fórma de antro
A grande rocha Eubea põe patente
Cem atrios, cem portões, onde a Sibylla
Cada dia despede os seus orac'los.
Chegou-se ao limen, e a donzella exclama:
«Interrogue-se o Fado: eis Phebo, eis Phebo!»
Disse, e subito em si tudo é mudado:
Outras são as feições, a côr é outra,
Os cabellos per si se desordenão;
Arqueja, o peito fero embebe de ira;
E, quando o deus já no íntimo a commove,
Maior parece, e a voz tem mais que humana.

(*As obras de P. Virgilio Maro*, t. II, Rio de Janeiro 1819, p. 195–196, v. 54-64).

rants pour un signe de supériorité et de vocation divine»[1]. — Tylor menciona a este respeito, e em relação aos povos incultos, muitos factos na sua *Civilização primitiva:* loucos considerados como inspirados; epilepticos tidos na conta de prophetas; nevropathas de toda a natureza elevados á classe de feiticeiros, magicos e visionarios[2]. — Num artigo de *L'Anthropologie,* descrevendo-se um caso de gigantismo (de um homem, cujo cadaver, apesar da rigidez cadaverica, media $2^{m},29$ de estatura), diz-se que um joven grego, na idade de 14 annos, tinha attingido tal desenvolvimento physico, que «les paysans, par superstition, craignaient de s'approcher de lui»[3].

No nosso povo tambem ha superstições que se filião nesta ordem de ideias. Quando, pela articulação dos maxillares superiores com os ossos palatinos, é visivel uma cruz no ceu da bôca de algumas crianças, suppõe-se que ellas tem o dom de curar certas doenças e de predizerem o futuro[4]; neste exemplo ha a influencia mystica da *cruz.* Se nascerem a uma mãe sete filhos a seguir, um d'elles está sujeito a ser *corredor* (lobis-homem); e, se nascerem sete filhas, uma d'ellas está sujeita a ser bruxa[5]. Se um menino *chorar* no ventre da mãe, será *bento*[6], ou, se *fallar,* não divulgando a mãe o segredo, será feliz pela vida toda[7]; a crença em um menino poder chorar ou fallar no ventre materno deve ter origem no *vagido uterino*[8].

---

[1] *Prolégomènes de l'histoire des religions,* p. 198.

[2] Vid. o vol. II, 168-172 (traducção francesa, Paris 1878).

[3] *L'Anthropologie* (revista), Paris 1891, p. 34-35.

[4] *Tradições populares de Portugal,* p. 204.

[5] *Ib.,* p. 262 e 307.

[6] Cfr. o meu artigo «Costumes da Beira-Alta», in *Encyclopedia republicana,* Lisboa, 1882, p. 188.

[7] Informação particular do sr. dr. Sousa Martins.

[8] A este vagido me refiro no meu livro *Evolução da linguagem,* Porto, 1886, p. 55-56.—Vid. tambem Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana,* ed. de 1750, p. 72, que trata o assumpto segundo as ideias da epocha, confundindo superstições com factos de observação.

Todos estes factos entrão na classe estudada a cima, p. 148–149 (nota), de que *o que é raro é maravilhoso.*

Um individuo em quem, pelas condições especiaes do seu estado pathologico, nos tempos neolithicos se fazia a melindrosa operação da trepanação seria tambem olhado como possuidor de caracteres sobrenaturaes, que lhe conferirião certa hierarchia espiritual e social?[1]

Eis o que, em virtude da importancia que o seu cranio adquiria para que, segundo parece, os fragmentos d'elle servissem de amuletos, é legitimo perguntar, mas a que só com dúvidas se póde responder. No emtanto, aqui cito a tal respeito um facto importante. Nos Kabylas, na Algeria (cfr. supra, p. 175), a trepanação pratica-se por causa de fracturas do cranio, doenças d'elle ou violentas dôres de cabeça («violent pains in the head»). O operador, ou *thebibe,* é uma especie de semi-sacerdote, investido nestas funcções por herança. A operação, os instrumentos, tudo é sagrado, e o operado fica tido em veneração depois da cura. O doente póde ser operado muitas vezes[2]. — Este exemplo, tirado da vida contemporanea, póde elucidar-nos bastante á cêrca do passado.

Postos esses preliminares, que me foi necessario alongar, para ficarem mais explicitas as ideias que quis expôr, passarei a referir-me a dois interessantes factos da prehistoria portuguesa.

No depósito neolithico da gruta da Casa de Moura, no planalto da Cezareda, appareceu um fragmento de cranio humano, em que, como nota o Sr. Nery Delgado, se co-

---

[1] Cfr. J. de Baye, *La trépanation prehistorique,* Paris 1876, p. 24.

[2] Vid. Fletcher, *On prehistoric trephining,* p. 30.

meçou a praticar a trepanação, tratando-se «d'enlever un assez grand morceau ellipsoïdal du crâne, en le découpant au moyen d'un silex. De chaque côté des deux rainures courbes qui forment l'ellipse, se trouvent plusieurs stries montrant que le silex qui a servi à l'opération a souvent glissé sur le crâne, l'écartant de la direction que l'opéra-

Fig. 39

teur voulait lui donner»[1]. — Eis na fig. 39 representado o respectivo fragmento do cranio, segundo a est. XV do trabalho do Sr. Delgado, inserto no *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa[2].

---

[1] *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 219, nota. Tambem foi desenhado por E. Cartailhac no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 84.

[2] No museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos de Lisboa existe um fragmento craniano, em cuja superficie externa se observa uma excavação circular de 0m,020 de diametro e de 0m,005 de profundidade. Este fragmento provém da camada neolithica da gruta da Furninha, e d'elle deu um desenho o sr. Nery Delgado no *Compte*

Na anta da Capella, concelho de Avis, á qual já por vezes me referi, achei eu mesmo, no meio de muitos fragmentos de ossos humanos, um pedaço de osso parietal, mais ou menos arredondado, em cuja superficie interna, junto á orla, se vê o começo de um orificio, feito com instrumento cortante. O orificio devia ser destinado a atravessar a rodella craniana, mas, em virtude de qualquer circumstancia, que não se determina, ficou inacabado. Por coincidencia, o fragmento osseo tem, num ponto menos afastado da orla que o primeiro, outro orificio, que tambem não atravessa a rodella, mas que é mais fundo; tal orificio, como se deduz da irregularidade dos seus bordos,

---

rendu do Congresso de Lisboa, p. 219. Aqui reproduzo o desenho na fig. 40. Pelos caracteres da excavação não é facil decidir com rigor se se trata de um caso de trepanação, se, como parece melhor, de

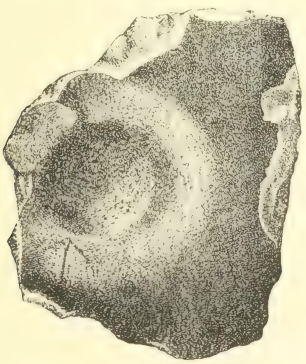


Fig. 40

uma alteração pathologica, i. e., de uma atrophia do osso, ou expontanea, ou devida, por exemplo, á pressão de um kysto glandular. O meu amigo dr. Henrique Schindler, a quem pedi o obsequio de examinar este fragmento osseo, pensa do mesmo modo.

é apenas casual, e distingue-se perfeitamente do seu vizinho, pois neste são bem claros os córtes regulares e intencionaes[1]. — Represento o fragmento da rodella, em tamanho natural, na fig. 41; só omitto a representação do segundo buraco, para não causar confusão.

Appliquemos agora a estes dois documentos, que a prehistoria portuguesa nos ministrou, as ideias que a cima se desenvolvêrão a respeito da trepanação e dos mais factos congeneres.

O sr. Cartailhac já tambem se refere ao cranio da Casa da Moura. Diz elle formalmente: «Le but était la perforation du crâne après la mort et non la confection d'une rondelle»[2]. Mas porque diz isto, se, á cêrca da placa ellipsoidal, que não chegou a ser destacada do cranio, tinha dito sete linhas antes: «détachée n'aurait différé en rien de nos rondelles»? Se a trepanação d'este cranio se fez em vida, seguindo-se-lhe immediatamente a morte do individuo, ou se se fez já *post mortem,* é o que não se poderá saber ao certo. Baseado no processo da operação, — trepanação por serragem —, o sr. Cartailhac inclina-se á segunda hypothese[3]. O que é certo é que não se achão vestigios de reparação ossea.

O pedaço de cranio achado na anta da Capella creio não haver dúvida que pertence á classe dos amuletos cranianos de que ha pouco fallei, sendo em especial compa-

[1] Não conheço mais nenhuns exemplares nas collecções archeologicas portuguesas. Este foi, que eu saiba, o primeiro descoberto cá. — Acha-se agora, por generosa dadiva do dr. Mattos Silva, na minha collecção prehistorica, depositada no Museu Ethnographico Português.

[2] *Les âges préhistoriques,* p. 86.

[3] *Ob. cit.,* p. 85.

ravel á *rondelle* mencionada pelo sr. Cartailhac, já referida[1], na qual tambem o orificio ficou por terminar; mas devo notar que aquelle pedaço de cranio não foi obtido por trepanação, pois numa das suas beiras ha vestigios de sutura: o que apoia a ideia que sustentei a cima, de que o fim proprio da trepanação postuma não era preparar amuletos, pois existem amuletos que não se obtiveram assim.

Fig. 11

Quanto á conclusão que tirei sobre o caracter sobrenatural dos individuos cujos cranios fôrão trepanados, nada devo accrescentar, neste caso particular da prehistoria portuguesa, áquillo que, de modo geral, disse a cima.

Como o meu intuito é chegar á verdade, e não fazer-me echo de qualquer opinião preconcebida, não occultarei que outras hypotheses tem sido admittidas, com o fim de explicarem, quer a trepanação em vida, quer a trepanação postuma.

[1] Vid. supra, p. 185.

Pensou-se que a trepanação em vida teria por fim abrir passagem ao espirito do operado, a fim de esse espirito sahir do corpo e poder communicar livremente com seres sobrehumanos[1].

Pensou-se tambem que poderia constituir uma especie de mutilação religiosa, tal como ella se encontra em muitos povos, que offerecem ás divindades cabello, unhas e phalanges dos dedos inteiras, partes estas que substituem, no sacrificio, a propria pessoa[2].

A mim mesmo, no decurso das minhas leituras, me occorreu outra hypothese, que vou expor.

Se muitos povos attribuem as doenças á entrada de espiritos maus no organismo, ha igualmente povos que as explicão pela sahida e ausencia temporaria da alma, do mesmo modo que outros suppõem que a morte é devida á ausencia permanente. Tylor cita muitos exemplos. Os Algonquins, na America do Norte, dizem que um individuo adoece quando a *sombra,* i. e., a alma, está desconcertada ou separada do corpo. Os Fidjianos costumam até ás vezes, quando se vêem doentes, chamar pela sua alma. Os Negros da Guiné imputão certas doenças mortaes á partida prematura da alma. Os Tartaros da Asia Septentrional acreditão tambem na possibilidade de a alma abandonar o corpo durante a doença. Nas tribus budhicas existe a mesma crença, e os *lamas* realizão com minuciosissimas práticas a cerimonia da restauração da alma[3]. Em alguns casos *faz-se entrar a alma pela cabeça do doente,* como no Salish do Oregon e nos Karens da Birmania, ainda que Tylor não indica o processo[4]. — D'este modo, admittindo-se que os povos prehistoricos tinhão ideias semelhantes, a trepanação

[1] Cfr. Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu,* 1892, p. 26.

[2] *Ib., ib., ib.* — Sobre diversas especies de mutilação religiosa vid. tambem Magitot in *Compte-rendu* do Congresso Prehistorico de Lisboa. 587–607 sqq.

[3] *La civilisation primitive,* I, 506–507. E cfr. 504.

[4] *Ob. cit.,* I, 507–508.

cirurgica poderia ser destinada a abrir uma passagem para a alma do doente entrar, e não para um espirito mau sahir. A trepanação postuma poderia ter analoga explicação, visto que commummente se acredita que a morte é devida á separação da alma.

Réville tambem aventa a hypothese de que com a trepanação postuma se queria «donner à l'âme du mort une issue pour s'échapper, de même que chez les Iroquois on a soin de ménager dans le même but un petit conduit dans chaque tombeau»[1].

Todas estas hypotheses, e por ventura outras, se podem mais ou menos justificar com factos colhidos na vida dos povos incultos; mas aquella a cuja justificação dei a cima algum desenvolvimento parece-me explicar todo o conjuncto das circumstancias em que apparecem os cranios trepanados e os amuletos: e por isso a preferi[2].

Seja porém qual for, d'entre as hypotheses emittidas, a de futuro acceita, parece-me que ao menos um elemento da religião neolithica fica determinado, e isso basta para o meu fim: é a crença no animismo.

---

[1] *Prolégomènes,* p. 128. — Cfr. do mesmo A., *Les religions des peuples non-civilisés,* I, 252–253.

[2] Numa revista bávara, *Prähistorische Blätter,* VII, 66, encontro noticia de uma obra do dr. Koganei, em que este falla da frequencia com que hoje se encontra a trepanação postuma nos cranios dos Ainos (Japão); esta operação é feita pelos Japões com o fim de extrahirem o cerebro, que goza de virtudes magnificas no tratamento da syphilis. A relativa raridade dos cranios prehistoricos trepanados não nos auctoriza a suppor que fosse esse o intuito da trepanação neolithica, com quanto, pelo estudo de certas lesões que se notam em alguns ossos prehistoricos, a antiguidade da syphilis na Europa se possa já fazer remontar a epocha tão afastada, como é a neolithica. Sobre a historia da syphilis veja-se Bordier, *Géographie médicale,* 339 sqq. e 530 sqq.

IV. Culto dos mortos

No capitulo II, pag. 99, d'este livro, já me occupei dos vestigios que a necrolatria, ou culto dos mortos, havia deixado entre nós no periodo prehistorico dos kjoekkenmoeddings. As ideias que então encontrámos, por assim dizer, em germen, encontrá-las-hemos agora com bastante desenvolvimento, no periodo neolithico.

De um lado, pela vista do cadaver frio, inerte, desfigurado, em contraste com o corpo vivo; do outro, pelos sonhos, em que o homem como que se transporta a mundos ignotos ou distantes; pelas hallucinações, em que se vêem as pessoas que perecêrão; pelos extases, e por muitos estados pathologicos que simulão a morte; pela sombra do proprio corpo, a qual, projectando-se, como que o duplica; e pela imagem que aquelle deixa reflectida numa superficie lisa, por exemplo a água quieta e transparente; e ainda por outros motivos, quaes são a contemplação interior, subjectiva: o homem foi levado a conceber a existencia de uma alma ou entidade distincta do corpo, a qual habita nelle e o anima durante a vida, e se separa d'elle na occasião da morte. Esta noção, com quanto para os povos de pouca cultura, a alma nada tenha da espiritualidade que lhe attribuem os philosophos e os theologos, mas seja sôpro, vapor, phantasma, sombra, fumo[1], não deve ter sido primitiva, e sim ter apparecido sómente depois de já um tanto amadurecida, pela observação e pela experiencia das cousas, a reflexão humana.

[1] Fallando dos homens que viveram em epochas anteriores á d'elle, diz Cicero: «Animos enim per se ipsos viventes non poterant mente complecti; formam aliquam figuramque quaerebant» (i. e.: — «não podião conceber que as almas vivessem por si mesmas: buscavão-lhes alguma fórma, alguma figura»). *Tusculanae*, edição de O. Heine, I, § 37.

Muitos povos acreditão mesmo na existencia de várias almas para cada corpo, alojadas em differentes pontos d'este. Os Algonquins, da America do Norte, pênsão que tem duas almas: uma, que baixa com o cadaver á sepultura, onde depois recebe alimentos a titulo de offerenda; outra, que, na occasião do fallecimento, se retira para o país dos mortos[1].

Não é a existencia independente o unico destino que, segundo os povos, a alma tem *post mortem*, pois tambem se cuida que ella póde transmigrar, quer para outros homens, quer mesmo para animaes, e ainda para simples objectos[2]; ou que póde talvez anniquilar-se[3].

A concepção do local em que assenta o país onde a alma vae continuar a viver tem variado com o grau de imaginação e as condições da existencia de cada povo[4]. Uns collocárão-no no alto de montanhas, na profundidade dos valles, em regiões afastadas, nos confins occidentaes da terra, á beira-mar, em ilhas solitarias, em abysmos sem fim, em jardins florescentes e mimosos[5]. Outros imagináram-no no seio dos mares[6]. Outros limitárão-se a pô-lo debaixo da

---

[1] Vid. sobre estes assumptos a já citada obra de Tylor, *La civilisation primitive*, I, 504.

A alma tambem póde ser concebida como composta de partes, cada uma encerrada em seu ponto do corpo durante a vida, e com diverso destino depois da morte. Vid. Boüinais & Paulus, *Le culte des morts dans le Céleste Empire et l'Annam comparé au culte des ancêtres dans l'antiquité occidentale*, Paris 1893, p. 8 e nota, e p. 11 nota. — Por brevidade citarei d'ora avante este livro apenas pelo titulo de *Le culte des morts*.

[2] Cfr. Tylor, *La civilisation primitive*, II, 3 sqq. e 159. — Por amor da brevidade, omitto as indicações que a proposito podião dar-se aqui sobre *metempsychose* e *totemismo*.

[3] Vid. *Dictionnaire des sciences anthropologiques*, Paris, s. d., p. 17, s. v. *âme*.

[4] Este ponto foi tratado com desenvolvimento por Tylor, *ob. cit.*, II, p. 77–96.

[5] Vid. exemplos em Tylor, *loc. laud.*

[6] Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 342.

terra[1]. Outros, emfim, transportárão-no para as regiões transcendentes da atmosphera e do ceu, para as nuvens e para o interior dos astros luminosos[2]. Todavia alguns povos não sabem onde é esse local[3].

As almas na outra vida, ou vão continuar esta (theoria da *continuação*), ou vão ser punidas ou recompensadas (theoria da *expiação*). A primeira theoria é mais frequente nos selvagens[4]. Os Cafres, diz o nosso Fr. João dos Santos, «sabem que a alma do homem he immortal, e que vive eternamente no outro mundo, e cuidaõ que la vivem com suas molheres, muito á sua vontade, e levaõ lá melhor vida que neste mundo»»[5]. Já Cicero, fallando das superstições populares, escrevia nas *Tusculanas* que se «suppunha que, depois da cremação dos cadaveres, os mortos comtudo fazião nos Infernos aquillo que sem corpo era impossivel fazer-se ou conceber-se»[6].

Acontece não raro o imaginar-se tambem que as almas dos mortos vóltão a este mundo, *ândão cá*, para me servir de uma expressão beirôa. Isto em parte resulta dos sonhos e das hallucinações, em que as almas dos mortos são realmente *vistas*. O nosso povo chama-lhes *almas do outro*

---

[1] «In terram enim cadentibus corporibus, hisque humo tectis, e quo dictum est *humari*, sub terra censebant reliquam vitam agi mortuorum» (i. e.: «depois de sepultados os cadaveres, e cobertos de terra, d'onde veiu a palavra *enterrar-se*, julgava-se que os mortos ião ahi continuar a viver»). *Tusculanae*, ed. O. Heine, I, § 36.

Da Guiné Portuguesa diz M. M. de Barros: «Os nossos pagãos consideram a terra como a última morada das almas» (artigo «Guiné Portuguesa», in *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 1882, p. 715).

[2] Vid. exemplos em Tylor, *loc. laud.*

[3] Por exemplo os Cafres: vid. Fr. João dos Santos, *Ethiopia oriental*, I, IX.

[4] Vid. Tylor, *ob. cit.*, II, 97 sqq.

[5] *Ethiopia oriental*, I, IX.

[6] «.... ut, corpora cremata cum scirent, tamen ea fieri apud inferos fingerent, quae sine corporibus, nec fieri possent, nec intelegi». *Tusculanae*, I, XVI.

mundo, e ás vezes *almas penadas.* Todos ou quasi todos os povos possuem pouco mais ou menos esta crença, — ao que já me referi a cima[1].

Era natural que tal crença, — por isso que as almas dos mortos, *vivendo* no outro mundo, e até apparecendo aos vivos, estão *ipso facto* revestidas de caracter solemne, mysterioso e sobrenatural —, levasse o homem a divinizá-las, sobretudo quando na vida terrestre houvessem pertencido a individuos notaveis por qualquer circumstancia. «A vrai dire, dans l'extrême Orient (escrevem Boüinais & Paulus), toutes les âmes des morts deviennent des dieux et sont adorées par la lignée familiale, et les honneurs de l'apothéose appartiennent à tous les morts»[2]. Com relação á antiguidade classica, Fustel de Coulanges[3] citou muitos factos no mesmo sentido[4].

Da divinização das almas dos mortos, ou da simples concepção geral da vida futura, ou ainda das duas causas juntas, resultárão muitas cerimonias e costumes, que constituem propriamente o *culto dos mortos,* que se refere sobretudo aos antepassados. Nos Cafres, o *quiteve,* diz o nosso Fr. João dos Santos, «quando apparece a lua-nova, sobe a huma serra muito alta..... e em cima della faz grandes exequias pelos Reis seus antepassados, que todos ali estão sepultados»; as exequias consistem em comes e bebes, e em jogos[5].

Os mortos podem voltar ao mundo dos vivos para differentes fins, como fazerem certas recommendações a estes,

---

[1] Pag. 101.

Vid. tambem, e principalmente. Tylor, *ob. cit.,* II, 32 sqq.; e Réville, *Les religions des peuples non-civilisés,* I, 148, 157 (Africa).

[2] *Le culte des morts,* p. 19.

[3] *La cité antique,* 8.ª ed., p. 16 etc

[4] Mas do que digo não se conclua que acceito, no que de exclusivo ha nella, a theoria do *evhemerismo.* Os phenomenos religiosos tem muitas e diversas origens.

[5] *Ethiopia oriental,* I, VIII.

attrahirem-nos a si, ou vingarem offensas, devidas especialmente á falta de veneração para com elles, — privação de sepultura, não observação do ritual, etc[1]. Por isso o medo dos mortos é facto muito vulgar nos diversos povos, os quaes sempre se tem esforçado por os honrar e os applacar por differentes meios: erecção de tumulos, offerendas, sacrificios, responsos, exequias, festins, etc.

Mas os mortos deificados podem ainda receber culto, a fim de valerem aos vivos, e de os ajudarem. Os Cafres, continúa Fr. João dos Santos, soccorrem-se todos ao rei para pedirem chuva, suppondo «que tudo póde alcançar dos defunctos seus antepassados com os quaes lhes parece que falla»[2].

As almas dos mortos, se de ordinario apparecem espontaneamente, ás vezes devem ser evocadas. A *evocação dos mortos* (νεκρομαντεία ou νεκυομαντεία) constituia um dos mais curiosos processos da magia na antiguidade[3].

---

[1] Os exemplos susceptiveis de se citarem aqui erão muito numerosos. Para não alongar demasiadamente a nota, contento-me com estas referencias:

Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 71, 148 e 157;

Tylor, *La civilisation primitive*, II, 36 sqq. e 145;

Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 10;

Fustel de Coulanges, *La cité antique*, 8.ª ed., p. 11 etc.

Cfr. tambem o que digo supra, p. 101.

Nas tradições populares portuguesas conheço alguns factos da mesma natureza.

[2] *Ethiopia oriental*, I, IX.

Vid. tambem Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 11.

Os exemplos podem multiplicar-se. Cfr. Tylor, *ob. cit.*, II, 149.

[3] Plinio, fallando das especies de magia e dos meios de que ella se serve, diz: «et multis aliis modis divina promittit, praeterea umbrarum, inferorumque colloquia» («e por muitos outros modos procura adivinhar, e alem d'isso procura os colloquios das sombras e do inferno»). *Nat. Hist.*, ed. de Detlefsen, XXX, § 14.º

Um curiosissimo caso de evocação, legado pela litteratura antiga, é o que vem descrito no poema de Lucano: uma feiticeira evoca da morte um soldado romano para fallar com Sexto, filho de Pompeu:

Depois de conhecidas estas generalidades, vejamos agora até que ponto a nossa archeologia nos deixou elementos de que se deduza o culto dos mortos nos tempos neolithi-

Adspicit adstantem proiecti corporis umbram

«e [ella] vê em pé a sombra do corpo, que jazia estirado». *Pharsalia*, ed. de Tauchnitz, VI, 720.

Segundo conta Vergilio, Creusa appareceu a Enéias, prophetizando-lhe o futuro:

Ausus quin etiam voces iactare per umbram,
Implevi clamore vias maestusque Creusam
Nequidquam ingeminans iterumque iterumque vocavi.
Quaerenti et tectis urbis sine fine furenti
Infelix simulacrum atque ipsius umbra Creusae
Visa mihi ante oculos et nota maior imago.

(*Eneida*, ed. de J. Moreira, II, 768–773).

Traducção de Lima Leitão:

Vozes comtudo ousei lançar ás sombras;
Enchi co'o grito as ruas, e debalde
Por Creusa chamei, chamei mil vezes.
Eis que em quanto incansavel a procuro
Pela cidade inteira enfurecido,
Encaro de Creusa a triste sombra,
Tão alta, como então eu nunca a vira.

(*As obras de P. Virgilio Maro*, t. II, Rio de Janeiro 1819, p. 84, v. 881–887).

Aqui o apparecimento de Creusa não resulta porém de evocação magica em fórma.

Interessante é tambem para o estudo do assumpto a *Declamação 10.ª*, attribuida a Quintiliano. Sobre esta *Declamação* fez o sr. Ed. Le Blant uma communicação á Académie des Inscriptions, de Paris: vid. um extracto in *Revue Archéologique*, 1894, 245–246.

Alem dos citados, já tem sido reunidos outros textos antigos pelos diversos investigadores. Para o meu fim bástão esses. Vid. porém sobre o assumpto:

Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, II, 243 sqq.:
Marquardt, *Le culte chez les Romains*, I (1889), p. 134;
Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, 1893, p. 162 sqq.

cos, e por tanto ideias semelhantes ou parecidas com as mencionadas. A cada passo terei, para isso, de tornar a recorrer á ethnographia geral.

A) Destino dado aos cadaveres

Depois que alguem morre, o cadaver geralmente constitue para as pessoas que o cércão um objecto de terror, de mágoa ou de respeito, ao mesmo tempo que, em virtude da decomposição organica que em breve começa a manifestar-se, e que torna insupportavel a presença d'elle, tem de ser retirado de ao pé dos vivos.

A remoção do cadaver nem sempre obedece só a preceitos hygienicos; entrão nisto tambem ás vezes, como nem podia deixar de succeder, ideias philosophicas ou religiosas á cêrca do futuro do cadaver, ou do da alma do morto.

O destino que o homem, através dos tempos, tem dado aos restos mortaes do seu semelhante apresenta muitas divergencias, segundo a indole de cada povo.

Como não estou a escrever propriamente um tractado de ethnographia, mas desejo apenas coordenar entre si, e subordinar a principios geraes, os factos da prehistoria portuguesa, não descrevo aqui por meudo os costumes funebres que vigorão ou vigorárão pelo mundo além, tanto mais, que já a cima, pag. 93, toquei no assumpto, e referi alguns [1].

---

[1] Nos livros de archeologia, de ethnographia e de viagens encôntrão-se sobre isto muitissimas informações, a propósito de cada povo. Como artigos de caracter geral lembrarei aqui, por exemplo, os seguintes, sobre os tempos prehistoricos, a antiguidade e os selvagens modernos:

a) *Les rites funéraires aux époques préhistoriques, et leur origine*, por M^me^ Clémence Royer, — in *Revue d'Anthropologie*, v, 437 sqq.;

b) *Ueber das verbrennen der Leichen* «Acêrca da cremação dos cadaveres», por J. Grimm, — in *Klein. Schrift.*, II, 211 sqq. (neste artigo mencionão-se tambem outros ritos, alem do da incineração);

D'entre esses numerosissimos costumes, — ou elles consistão, por um lado, em enterrar ou queimar os cadave-

---

c) *Rites funéraires des sauvages actuels*, por E. Cartailhac, — in *France préhistorique*, XVI.

Cfr. ainda *A further contribution to the study of the mortuary customs of the North American Indians* by Dr. Yarrow (in *First annual report of the bureau of ethnology to the secretary of the Smithsonian Institution*, Washington 1881, p. 87 sqq.)

Nas *Punicas* de Silio Italico indica-se uma interessante serie de costumes funerarios antigos:

> Tellure — ut perhibent, is mos antiquus — Hibera
> Examina obscoenus consumit corpora vultur.
> Regia cum lucem posuerunt membra, probatum est
> Hyrcanis adhibere canes. Aegyptia tellus
> Claudit odorato post funus stantia saxo
> Corpora et a mensis exanguem haud separat umbram.
> Exhausto instituit Pontus vacare cerebro
> Ora virum et longum medicata reponit in aevum.
> Quid, qui reclusa nudos Garamantes harena
> Infodiunt? quid, qui saevo sepelire profundo
> Exanimos mandant Libycis Nasamones in oris?
> At Celtae vacui capitis circumdare gaudent
> Ossa, nefas, auro ac mensis ea pocula servant.
> Cecropidae ob patriam Mavortis sorte peremptos
> Decrevere simul communibus urere flammis.
> At gente in Scythica suffixa cadavera truncis
> Lenta dies sepelit, putri liquentia tabo.
>
> (*Punica*, ed. de L. Bauer, XIII, 471–487).

Isto é: «Na terra iberica é um abutre repellente que consome os corpos mortos, costume que, segundo se diz, vem já de longe. Os Hyrcanos, quando morrem os reis, julgão conveniente entregá-los aos cães. No pais egypcio collocão-se, depois da morte, os cadaveres em pé, dentro de um tumulo perfumado, estando sempre deante do espectro livido a mesa posta. Os do Ponto costumão extrahir os miollos ás cabeças dos mortos, e conservá-las embalsamadas pelo tempo adeante. E os Garamantes, que sepultão na areia os cadaveres nus? E os Nasamões, nas praias Libycas, os quaes entregão os mortos ao mar impetuoso? Quanto aos Celtas, que horror! comprazem-se em guarnecer de ouro o cranio, depois de esvaziado,

res, por outro, em fazê-los pasto dos animaes, suspendê-los em arvores, mettê-los em tocas, abandoná-los nas proprias casas, expô-los nos altos dos montes, mesmo devorá-los em familia, etc.—, são o da inhumação e o da incineração os que até o presente mais tem chamado a attenção, como existentes nos tempos prehistoricos em geral, pois só d'elles possuimos documentos archeologicos certos, ainda que nada impede que outros costumes existissem tambem.

Com relação ao nosso paiz, indicarei o que pude averiguar.

1) *Inhumação.*

O costume da inhumação precedeu sem dúvida o da incineração: era mais natural, mais simples, e já provinha, como vimos[1], do tempo dos kjoekkenmoeddings.

É facto averiguado que existia entre nós, no periodo neolithico, o costume de collocar os cadaveres e os esqueletos em sepulturas especiaes: ha effectivamente muitas estações puramente neolithicas[2], ou onde pelo menos a civilização neolithica predomina, nas quaes a inhumação é a regra.

Adeante se citarão numerosos exemplos d'este facto

2) *Incineração.*

Muitos archeologos estrangeiros, baseados no que succedia na Escandinavia, onde o rito da inhumação dos cadaveres é caracteristico da civilisação da epocha da pedra, e o da incineração é caracteristico da da epocha dos metaes, suppuserão que essa nitida distincção se applicava ao resto da Europa. Citárão-se mesmo factos avulsos, que

utilizando-o á mesa como taça. Os Cecropidas estabelecêrão que os que pela patria morressem na guerra, fossem queimados juntamente, em pyra commum. Pelo que respeita á nação scythica, só com o andar do tempo se desfazem os cadaveres, porque os pendurão nas arvores, d'onde elles ficão escorrendo podridão».

[1] Supra, p. 99 sqq.

[2] Cfr. supra, p. 71–72.

parecião confirmá-la[1]. A conclusão susceptivel de se tirar era que a nova civilização, a metallica, trouxera comsigo novos costumes funerarios. Todavia, outros factos se havião já invocado, e se invocárão ao mesmo tempo, ou depois, para mostrar que em muitas partes, em pleno periodo neolithico, se praticava a incineração a par da inhumação[2]: o que em verdade não contradiz em absoluto aquella conclusão, porque, assim como o metal não substituiu bruscamente a pedra, mas se lhe juxtapôs primeiro, assim tambem, na occasião da vinda do costume da incineração, podia succeder um facto analogo.

Viesse como viesse o costume da incineração, a sua existencia em alguns paises da Europa em pleno periodo neolithico é certa; este facto e a consideração de que ha differença radical entre incineração e inhumação, para que um mesmo povo, sem mais nem menos, deixasse uma para adoptar a outra, ou as adoptasse a ambas sem escolha, levão a admittir que o novo costume faz parte de corrente civilizadora geral, e que elle pouco a pouco se foi sobrepondo ao costume da inhumação.

A respeito do periodo neolithico português, sabe-se que na gruta da Furninha (Peniche)[3], na do Poço-Velho (Cascaes)[4], e na anta do Cabeço-dos-Moinhos (Figueira da Foz)[5], apparecêrão em maior ou menor abundancia ossos humanos queimados, á cêrca dos quaes se formulárão várias hypotheses (banquetes funebres, desinfecção, inci-

---

Alexandre Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, 2.ª ed., 1889, 246 sqq.

Cartailhac: *La France préhistorique*, p. 270 sqq.

Cfr. tambem Alexandre Bertrand, *La Gaule avant les Gaulois*, 1891, p. 142.

[3] Nery Delgado, in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 218.

[4] Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 104.

[5] Santos Rocha, in *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, I, 22; e *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, II, 86.

neração, etc.)[1]. Effectivamente o facto de em algumas estações prehistoricas apparecerem ossos humanos queimados póde ter muitas explicações, como se diz nos trabalhos citados em nota. Ha mesmo povos selvagens que accendem lume sobre os tumulos, para as almas virem aquecer-se[2]. A proposito de uma sepultura neolithica lê-se na *Revue Archéologique:* «la sépulture avait été soumise à un feu violent avant le dépôt du corps et du mobilier funéraire au point de dénaturer complètement la couleur de la pierre; nous sommes certainement en présence d'une rite religieux, sorte de cérémonie où le feu était chargé de purifier la fosse et de chasser le mauvais esprit»[3].

O Sr. Santos Rocha, no vol. III das suas *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* sahido á luz durante a impressão da presente obra, dá grande desenvolvimento á hypothese da desinfecção, suppondo que os vestigios de fogo que apparecem nas sepulturas só se explicão pelo facto de, na occasião de novos enterramentos, se accender lume para se purificar o ar. As razões que elle allega não me parecem sufficientes para excluirem a hypothese da incineração dos cadaveres, porque nem sempre esta era completa: ficavão muitas vezes ossos mal queimados, ou simplesmente chamuscados. Nas ruinas de Troia, em frente de Setubal, explorei uma sepultura romana, que, por pertencer a uma epocha definida e bem conhecida, constitue para o nosso caso um exemplo eloquente: nesta sepultura

---

[1] Vid.:

Compte-rendu do Congresso de Lisboa, p. 218, 273 e 274;

Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* 104, 111 e 112;

Santos Rocha, *locis laudatis;*

Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 351-353;

F. Adolpho Coelho, in *Revista Archeologica,* III, 140.

[2] Tylor, *La civilisation primitive,* I, 563, nota; Réville, *Les religions des peuples non-civilisés,* II, 155; cfr. tambem *Mélusine,* III, 94.

[3] 3.ª serie, t. XXVI, p. 265.

havião-se depositado os restos de um cadaver incinerado, que consistião em cinzas e em fragmentos de ossos; com os restos humanos encontrárão-se pedaços de vidro calcinado, e varios objectos perfeitamente intactos, o que prova que parte do mobiliario funebre foi queimada com o cadaver, e outra parte posta na sepultura depois de extincto o lume, — exactamente como devia ter succedido em diversas sepulturas prehistoricas, em que apparecêrão ossos e objectos ora indemnes da acção do fogo, ora com mostras de a terem experimentado.

Numa das antas do grupo chamado do «Frieiro», no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar, apparecêrão tambem ossos humanos queimados, que, pelas circumstancias do seu apparecimento, provão claramente, creio eu, que alli se praticou o rito da incineração. Á entrada d'esta anta, á profundidade de 1 metro, encontrou-se, posta horizontalmente, uma grande lagea de granito (da qual fallarei adeante, com mais individualização), cuja superficie superior apresenta muitas *cóvinhas,* umas maiores do que outras, cheias de cinzas, ossos humanos carbonizados de adultos e de crianças (vertebras, ossos do cranio, ossos do pé, etc.) e simples carvões, tudo coberto de uma camada de areia[1]. A pedra mostrava «estar, quando a achárão, no seu lugar primitivo, já porque differentes camadas de terra que pousavão sobre ella não tinhão indicio algum de serem movidas, já porque o conteudo das covas estava ainda intacto»[2]. Este caso exclue em absoluto a hypothese exclusiva da intervenção de fogo destinado a desinfectar de miasmas o monumento funebre, e não sei que razões se possão invocar para deixar de o explicar pelo rito da incineração. Se uma sepultura, em cuja parte profunda, e nas melhores condições de resguardo, e, direi

[1] Vid. um artigo do Sr. P.e J. Raphael Rodrigues, in *O Archeologo Português,* I, 349. Eu tive occasião de ver alguns dos ossos, graças á amavel condescendencia do referido Sr. P.e Raphael.

[2] Diz-m'o o Sr. P.e Raphael Rodrigues.

mesmo, de veneração, se áchão cinzas, carvões e ossos humanos queimados, não significa que ahi se praticou o rito da incineração, então não ha meio, supponho eu, de verificar a existencia d'este rito fóra do testemunho directo da historia.

Por tanto, se já mesmo com relação aos ossos queimados e chamuscados da Furninha, do Poço-Velho e da Cabeça-dos-Moinhos me parece plausivel a hypothese que explica esses vestigios de fogo pelo rito da incineração imperfeita[1], com relação ás antas do Frieiro o facto não se me afigura hypothetico, afigura-se-me certo.

Explorei e ajudei a explorar algumas antas neolithicas na Beira-Alta e no Alemtejo, nas quaes não se encontrou o minimo vestigio de ossadas. O mesmo se observou noutras sepulturas exploradas por diversos investigadores. Ter-se-hia aqui praticado o rito por incineração? destruir-se-hião os ossos em virtude de circumstancias geologicas especiaes? ou deve recorrer-se a outra ou outras explicações?[2]

Só depois de investigações posteriores se poderá responder.

---

[1] Cfr. Cartailhac. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 111–112.

[2] Cfr. E. Cartailhac: «si le fossoyeur d'Hamlet enseignait avec raison que «l'eau est le plus actif destructeur des morts», nous pouvons ajouter qu'elle les détruit plus vite dans le sol granitique de la Bretagne que dans toute autre» *(La France préhistorique*, 1889, p. 324). — A região alto-beirôa a que me refiro é tambem granitica. — Na Allemanha do Norte tem-se igualmente encontrado dolmens sem esqueletos, «ce qui s'explique sans doute aussi par la nature du sol» (in *Revue Archéologique*, 1893, p. 272).

Já depois de escrita esta nota explorei mais tres antas na mesma região da Beira-Alta: em duas não appareceu, como nas de que fallo no texto, nenhum vestigio de esqueleto; numa appareceu, á superficie, uma pequena e insignificante esquirola ossea, que mal

Uma ou outra vez um tumulo em que não se encontrárão cinzas nem ossos, nem restos alguns humanos, poderia ter servido de cenotaphio, como de um das Carniçosas (Figueira-da-Foz) suppõe, com mais ou menos probabilidade, o Sr. Santos Rocha[1]. De uma necropole bávara da epocha de Halstatt (primeira idade do ferro) diz tambem o Sr. J. Naue: «Quelques tumulus, la plupart très bien construits, n'ont donné aucun objet — tout au plus, et très rarement, quelques traces de charbons. Je les considère comme des *cénotaphes,* tombes de hauts personnages de la tribu décédés au loin et dont on n'avait pu recouvrer les corps»[2]. — Á importancia dos cenotaphios em geral, refiro-me adeante p. 283.

Sabemos, por conseguinte, que no periodo neolithico se praticava no nosso país a incineração dos cadaveres a par da inhumação, constituindo esta última o rito funerario mais importante. Faltão-nos elementos para apreciarmos devidamente os actos que acompanhavão os dois ritos; porém, pelo que toca ás fórmas dos monumentos sepulcraes, ao modo como se sepultava o morto ou os seus restos, a certos cuidados que se dispensavão a este, alguma cousa se conhece, — o que se verá nas páginas seguintes.

---

posso considerar como proveniente de esqueleto alli enterrado, mas que devia ter sido para alli levada casualmente.

Todavia num dolmen da referida região, explorado ultimamente pelo Sr. Maximiano Apollinario, apparecêrão fragmentos de cranios humanos. Este facto faria suppôr que o não apparecerem noutros dolmens da região restos de esqueletos se não deve attribuir á destruição d'elles pelo rito da incineração.

[1] *Antiguidades da Figueira,* I, 37.

[2] In *Revue Archéol.,* 3.ª serie, t. XXVII, p. 46; cfr. tambem p. 67.

B) Especies de monumentos sepulcraes

Existem dos tempos neolithicos em Portugal muitas variedades de monumentos sepulcraes, desde a singela lapa ou abrigo de baixo de rochedo, até á crypta abobadada, — o que revela tambem pelo seu lado differenças de civilização e de datas.

Tornar-se-hia bastante difficil tentar expor com exactidão e rigor a ordem chronologica segundo a qual as diversas fórmas sepulcraes succedêrão umas ás outras.

No que vae seguir-se, indico todas as que conheço, limitando-me porém a distribui-las por typos: 1) grutas naturaes e lapas; 2) grutas artificiaes; 3) e 4) sepulturas por excavação sem ou com revestimento interno; 5) dolmens em geral; 6) monumentos de transição entre os dolmens e as cryptas alcalarenses; 7) monumentos alcalarenses propriamente ditos; 8) monumentos de transição entre os precedentes e as cistas; 9) cistas e antellas; 10) sepulturas diversas; 11) questões correlativas.

1. Grutas naturaes e lapas

a) Natureza das grutas

São de tres especies principaes as grandes aberturas do solo: *lapa* propriamente dita, ou abrigo de baixo de um rochedo; *gruta,* de maiores dimensões, aberta para o lado de fóra, e ás vezes com varios compartimentos internos; *caverna,* enorme cavidade, de fórma variada, e muito extensa, chegando algumas a attingir legoas de comprimento. A palavra *caverna* é tambem termo geral para significar «toda a cavidade subterranea de qualquer extensão e fórma, produzida por causas naturaes, e penetrando irregularmente nas camadas superficiaes da crusta terrestre»[1].

Segundo as theorias hoje admittidas pelos geologos, as grutas e cavernas tem origem em fendas e fracturas da

[1] Nery Delgado, *Grutas da Cezareda,* p. 5.

superficie do globo; estas fendas e fracturas forão depois alargadas pelo influxo de diversos agentes physicos, principalmente das aguas, que, alem de desaggregarem, e em certos casos dissolverem, as rochas, arrastárão em seguida os productos da desaggregação e dissolução [1].

b) Designações vulgares das grutas

As grandes aberturas naturaes do solo recebem varios nomes na nossa lingua, a saber: *lapa* (e *solapa*), *furna* (e *fórna*), *gruta* (e *grota*), *caverna, cova, mina, algar,* etc.

A palavra *lapa* parece corresponder mais particularmente a «abrigo de baixo de rochedo»: até na linguagem usual se diz *alapar-se* e *solapar-se*: Neste sentido emprega Rodrigues Lobo a palavra:

> Verdes *lapas,* que ao pé de altos rochedos
> Sois moradas das Ninfas mais formosas...[2]

E tambem fr. Luis de Sousa: «Offereceu-se-lhe á vista, ... posto sobre um penedo alto, ... um menino; ..... ao pé do penedo se abria uma *lapa,* que podia ser bastante abrigo para o tempo; ..... chamou-o e disse-lhe que se descesse abaixo para a *lapa*»[3]. E F. Mendes Pinto: «..... *lapas* ..... feitas á mão, entre uns penedos de rocha viva»[4]. Seria facil juntar mais textos analogos. No emtanto a palavra *lapa* tem significação multipla, pois, por exemplo, no *Sanctuario Mariano* de fr. Agostinho de Santa Maria leio: «a mina ou *lapa*»[5]; «*lapa* ou gruta», aberta na rocha calcarea, e com estalactites[6]; «*lapa*..... quasi sub-

---

[1] Sobre a origem e formação das cavernas consulte-se o citado trabalho do Sr. Delgado, e alem d'isso um artigo do mesmo auctor, «As cavernas» (in *Revista de Portugal,* IV, 31 sqq.).

[2] *Obras,* Lisboa 1723 (*Primavera*), p. 164.

[3] Esqueci-me de notar o lugar a que pertence esta phrase.

[4] *Peregrinação,* cap. CLXI.

[5] Vol. IV, p. 555.

[6] Vol. IV, p. 570.

terranea, e tendo de comprido 25 palmos»[1]. A respeito do Algarve, diz Estacio da Veiga, depois de ter fallado de *gruta, algar, furna* e *lapa:* «de todas as mencionadas palavras a menos vulgar é a *lapa,* que mais geralmente se refere, não tanto a covas e nichos que se acham em rampas de montes e outros logares, como a grandes chapas de rochas estratificadas, que se destacam das pedreiras ou se encontram isoladas e dispersas». Em virtude d'esta última significação que a palavra *lapa* tem tambem na nossa lingua, é que na Beira-Alta se diz *lapada* em vez de «pedrada». Em Sintra usa-se o termo *slapa* ou *selapa* (que está em vez de *solapa* = *sob-lapa*), no sentido de *gruta,* etc.

Quanto a *furna,* vid. supra, p. 46, onde fallei das furnas da Madeira. No concelho do Cadaval diz-se *fórna,* palavra mais conforme com a etymologia, pois *forna* é feminino de *forno,* e *forno* vem do latim *furnus,* com *ŭ,* que no latim vulgar deu *o*.

«Pela designação de *furnas,* diz E. da Veiga, são assaz conhecidas no Algarve as cavernas da costa maritima, ao passo que na região sertaneja ou serrana se denominam *algares,* sobretudo se as suas entradas são abertas na rocha, á feição de poço, se dão entrada ás correntes pluviaes, e medem grande profundidade»[2]. Este último termo encontra-se no mesmo sentido na Estremadura, onde, em virtude do processo linguistico chamado «etymologia popular», se diz *algarve,* no plural *algarves,* por influencia phonetica do nome proprio *Algarve.*

A fórma *grota* usa-se nos Açores, mas o seu significado não é exactamente o de *gruta*[3].

A palavra *gruta* é puramente litteraria, não se usa no povo; no mesmo caso está *caverna.*

[1] Vol. III, p. 258. — Esta *lapa* fica situada no termo de Lamego.

[2] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 33.

[3] Vid. *Revista Lusitana,* II, 307.

c) Distribuição geographica das grutas

Embora em todos os terrenos possão mais ou menos existir grutas e cavernas, é todavia, como se sabe, nos terrenos calcareos que ellas mais vezes se encôntrão. Já a pag. 33 me referi por alto á distribuição geographica das grutas no nosso país.

Em Portugal, como fica expresso na lista feita a p. 12 sqq., e como se disse a p. 40 sqq., ha muitas grutas que datão dos tempos neolithicos. Temos em Tras-os-Montes as de Santo Adrião; fallando do Entre-Douro-e-Minho, diz o sr. Sarmento que a escolha de *abrigos* formados por um ou mais penedos para lugar de sepulturas é lá facto vulgar[1], e especifica o sitio das Coriscadas, no Marco de Canaveses[2]; na Estremadura temos as de Alcobaça, do Monte-Junto (grutas e abrigos), da Cezareda, da Furninha, e muitas nos arredores de Lisboa, como as de Liceia, de Porto-Covo, de Carcavellos, de Oeiras, de Carnaxide, de Cascaes, etc.; no Algarve, apesar de lá existirem muitas grutas, Estacio da Veiga apenas menciona uma em que se fizerão explorações, a da Solestreira, «utilizada para depósito mortuario, mui provavelmente no periodo neolithico, ou na epocha da transição d'esse periodo para a idade do bronze, em que tambem apparecem no Algarve as célebres contas de callaïte nos depositos mortuarios»[3]; no Alemtejo, como na Beira, ha algumas grutas, mas não sei se nellas se tem achado vestigios archeologicos ou anthropologicos.

d) Grutas funerarias

A p. 40–48 expus a questão da habitabilidade das grutas no nosso país, nos tempos prehistoricos, e então disse que, apesar de muitas d'ellas poderem ter sido habitações, o facto de outras terem sido sepulturas era positivo. Não

---

[1] Vid. *Revista de Guimarães*, v. 112.

[2] Vid. *Revista de Guimarães*, v, 111.

[3] *Antiguidades do Algarve*, I, 81–82.

intentando inventariar aqui as grutas prehistoricas, mas desejando apenas apresentar um quadro dos costumes neolithicos, entre os quaes havia, como acabo de notar, o de sepultar os mortos nas aberturas naturaes do solo, não necessito de descer a minudencias; bastar-me-ha pois apresentar algumas considerações geraes.

O que leva a admittir que as grutas neolithicas, não obstante a possibilidade de haverem servido de moradas dos vivos, forão, senão sempre ou quasi sempre, pelo menos, muitissimas vezes, sem dúvida alguma, moradas dos mortos, é o apparecimento nellas de restos de esqueletos humanos, collocados nas mesmas condições que os apparecidos nas antas e nas outras especies de sepulturas[1].

Das grutas consideradas como ossuarios fallarei adeante, no § 11-*a*.

c) Typo geral das grutas

Como exemplo de grutas funerarias vou aqui apresentar a descripção summária da gruta das Penhas do Furadouro, situada na Serra do Monte-Junto, no concelho do Cadaval. Escolho esta gruta por não ser ainda conhecida do público.

Foi explorada em Agosto de 1894 pelo adjunto do Museu Ethnographico Português o Sr. Maximiano Apollinario, a quem devo as seguintes notas:

«Esta gruta e a que depois se explorou, bem como outras que o forão quando a das Fontainhas, na serra do Monte-Junto, achão-se situadas na vertente occidental do valle do Furadouro.

Dá-se a designação de Penhas do Furadouro á parte do apertado valle do mesmo nome onde os rochedos, formando uma serie de contrafortes nas vertentes, as recortam em desfiladeiros, que correm até ao fundo d'elle.

Descendo o valle, quasi ao chegar aonde, de estreito que elle é, se alarga numa vasta bacia hydrographica, no topo

[1] Sobre costumes estrangeiros de sepultar em grutas cfr. Cartailhac, *La France préhistorique*, p. 298.

de um desfiladeiro da vertente occidental, e no ponto onde a encosta offerece uma quebrada, acha-se situada a gruta que foi chamada «do Furadouro».

A gruta aberta na encosta, a talvez mais de 70 metros a cima do fundo do valle, tem a sua entrada voltada para o oriente, e pela sua posição é quasi inaccessivel.

Aberta no calcareo jurassico, apresenta um revestimento estalagtitico nas paredes e no tecto.

A camada superior, e que formava o solo da gruta, era constituida por terra vegetal que continha de mistura muitas pedras, formando esta camada um leito horizontal que distava do vertice da bôca $0^{m},80$; e a sua entrada achava-se fechada por grandes pedras.

Depois das excavações reconheceu-se que o contôrno da gruta fechava um recinto em que se distingue um pequeno corredor de entrada, uma primeira camara que se dilata ao fim d'aquelle, e finalmente uma segunda camara que se achava quasi completamente obstruida.

Corredor e primeira camara. — Uma camada de terra vegetal que envolvia muitas pedras, de cêrca de $0^{m},70$ de espessura, e formava superiormente um leito horizontal, constituia o solo da gruta.

Nesta camada forão feitas, em Maio, algumas excavações por Antonio Maria Garcia Junior, sendo então encontrados muitos ossos humanos e de animaes, e productos de industria, como ceramica muito ornamentada (com desenhos de linhas variadas), dois machados de pedra, uma faca tambem de pedra, alguns nucleos e estilhaços de silex, tudo na zona superior d'esta camada até $0^{m},60$ de profundidade. Á entrada da primeira camara, e a cêrca de $0^{m},4$ de profundidade, estavão dois cranios humanos fragmentados, um ao meio do recinto, o outro junto da parede SE d'elle; juntamente forão colhidos outros fragmentos menores de cranios humanos.

Levantada toda esta primeira camada, forão ainda encontrados alguns restos de animaes e de industria, como cacos e estilhaços de silex, e dois pequenos fragmentos

de osso trabalhado. Do fundo d'esta camada retirárão-se tambem alguns fragmentos de conchas (Venus).

Sob esta camada de terra vegetal pôs-se a descoberto um depósito de areia sôlta com pedras e atravessado por muitas raizes, constituindo o solo virgem da gruta, notando-se neste depósito muitas incrustações calcareas produzidas pelas aguas de infiltração, que, caíndo do tecto, atravessárão o solo superficial. A areia vermelha d'este depósito apresenta-se tambem alterada por conter misturados detritos organicos, o que tudo lhe altera o aspecto que é muito variado, havendo pontos onde o depósito calcareo é abundantissimo, sendo o solo por vezes compacto e resistente, outros desaggregavel, e sempre caracterizado pela brancura da sua massa, o que principalmente se nota em pontos, que correspondem inferiormente ás estalagtites do tecto, o que confirma a hypothese da sua estructura.

Segunda camara.—Esta achava-se quasi completamente obstruida pela terra vegetal, que a enchia posteriormente, e o seu pavimento acha-se cêrca de 1 metro a baixo do da primeira, passando-se de uma á outra por um pequeno declive. A espessura da camada vegetal era proximamente a mesma que na camara anterior. Por baixo d'esta camada revelou-se tambem um depósito alluvial, constituindo por assim dizer um grês bastante cimentado e que superficialmente apresentava muitas infiltrações calcareas. Encontra-se neste solo outro grês compacto e muito resistente, que fórma uma camada de espessura variavel, assentando sobre o calcareo, havendo entre este grês e o calcareo uma fina camada estalagmitica. Isto, porém, não se observa em todos os pontos. Em geral a primeira zona do solo natural é formado pelo grês vermelho agglutinado pelas infiltrações calcareas e no meio do qual se encôntrão muitas inclusões calcareas, que fórmão pequenas geodes e delgadas camadas de crystaes de calcite que forão preencher cavidades e fendas; alem d'isto a impregnação pelo calcareo manifesta-se por inclusões no estado amorpho branqueando irregularmente toda a massa, variando muito esta estru-

ctura nos diversos pontos do solo. Em outros pontos encontra-se um grês muito resistente, compacto e de estructura crystallina.

Á entrada d'esta camara e na camada de terra vegetal, a pequena profundidade, forão encontrados muitos ossos de animaes, principalmente vertebras e ossos longos, varios fragmentos de cranio de uma criança, de cada lado junto das paredes um femur humano, um maxillar (fragmento) humano, e muitos dentes e fragmentos de maxillares de animaes. Encôntrão-se tambem alguns restos de ceramica, fragmentos de silex, um pequeno osso trabalhado, um dente com vestigios de ter soffrido a acção do fogo e fragmentos de carvão. Ao fundo d'esta camara foi encontrado um machado de fibrolite.»

A fim de se ficar com uma impressão mais directa do aspecto geral de uma gruta, reproduzo nas figs. 42 e 43, segundo uma photographia[1], as bôcas das grutas do Poço-Velho, situadas em Cascaes; a respeito d'ellas vejão-se as obras citadas no *Archeologo Português*, I, 250[2].

1) Ideias do homem prehistorico a respeito das grutas

Abertas no amago ou nas vertentes dos montes solitarios, ou mesmo entre as escarpas da beira-mar, comprehende-se que as grutas constituissem magnificos asylos para os homens prehistoricos depositarem os caros restos dos seus paes, dos seus parentes, dos seus amigos. Alli, depois de tomadas as devidas precauções, não irião facilmente as feras profanar o que era sagrado.

Para todos os povos um tumulo contém alguma cousa de mysterioso e de veneravel, até para os povos civilizados,

[1] Tirada pelo Sr. Maximiano Apollinario em Novembro de 1895.

[2] Na nossa litteratura geologica os trabalhos do Sr. Nery Delgado á cêrca das grutas (trabalhos já por mim citados várias vezes nesta obra) são, no conceito dos entendedores, modelos no genero. Para elles remetto o leitor curioso de mais informações.

Fig. 42

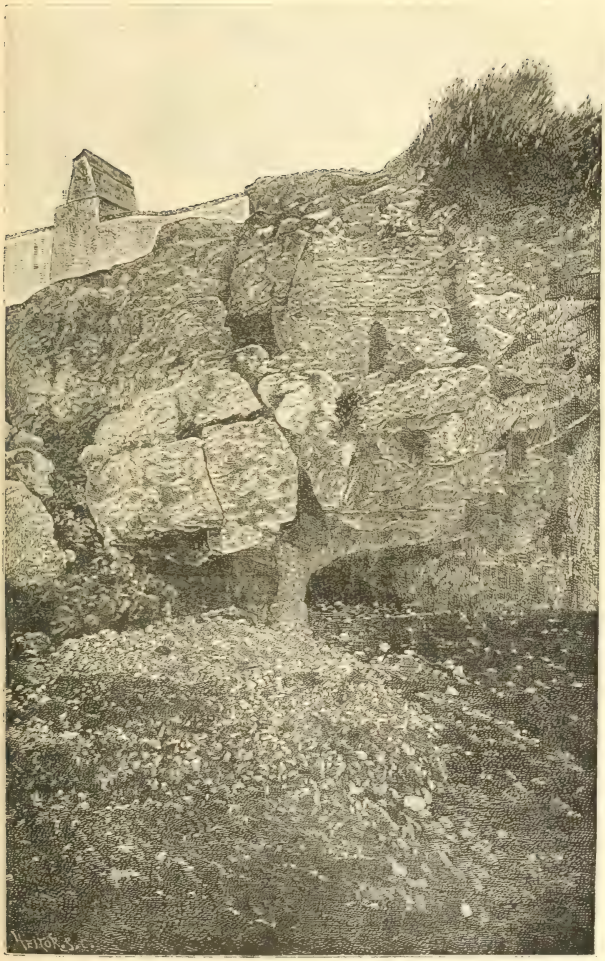


Fig. 13

apezar de o considerarem como depósito das últimas fórmas que a materia reveste ao acabar-se o cyclo da evolução vital do organismo humano; mas para muitos povos incultos elle representa um lugar em que o *morto* não deixa de ter existencia propria, elle é o theatro onde *post obitum* continúa a representar-se o drama da vida: ainda Vergilio, fallando dos funeraes de Polydoro, diz *animamque sepulcro condimus,* «e sepultamos a alma»[1]. D'aqui o carinho com que sempre se tratárão os mortos, escolhendo-se-lhes para sepultura lugares especiaes, ou levantando-se-lhes mausoleus com certa pompa[2].

Quando as grutas, ao mesmo tempo que se utilizavão como sepulcros, fossem habitações, facto de que a cima citei exemplos[3], e de que poderia aqui citar outros[4], ficavão os mortos mais perto dos vivos, melhor guardados, melhor lembrados: e estava nisso outra prova de affecto e de culto.

Como sería lugubre entrar numa gruta de corredores tortuosos, humida, escura, extensa, onde as palavras se prolongavão momentaneamente em echo, onde as sombras e os estrondos subterraneos causavão medo! Quando por

---

[1] Eneida, III–67.

Cfr. o que fica escrito supra, a p. 199.

[2] Adeante desenvolvo mais este assumpto, ao fallar dos dolmens, no § 5.

[3] Vid. p. 48 e 93.

[4] «En Grèce, les morts furent longtemps ensevelis dans la maison qu'ils avaient habitée, près du foyer qu'ils avaient allumé (cfr. Euripides, *Hélena* 1163) ..... Servius ..... fait dériver le culte des lares de cette antique coutume». Bouïnais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 171–172.

Sobre costumes de sepultar em casa, nos antigos e nos selvagens, vid. tambem *Revue d'Anthropologie,* v, 446.

Na terra dos Sapes (Guiné) os enterramentos fazem-se nas suas proprias casas: vid. A. Alvares d'Almada (sec. XVI), *Tratado da Guiné,* Porto 1841, p. 77.

Muitas vezes porém as casas em que se depositão os mortos são abandonadas pelos vivos. Cfr. tambem Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda,* p. 512–513.

acaso se accendia um archote no interior d'aquellas solidões, logo, como sabe toda a gente que visita uma gruta, bandos de morcegos esvoaçavão, despertados do sossêgo em que vivião: quantas vezes, para os homens simples e crendeiros dos tempos neolithicos, os innocentes mammiferos, acossados violentamente dos esconderijos, representarião os espiritos dos mortos, que surgião das trevas, e se sobresaltavão na presença dos vivos? Effectivamente muitos povos concebem a alma como uma ave[1]: e para quem não estudou zoologia um *morcego* é *ave*[2]. As estalactites,

---

[1] Cfr. as *Tradições populares de Portugal*, § 309 e nota 144.

Quando morreu o conde Nilo e a sua namorada, diz-se num romance popular (Almeida Garrett, *Romanceiro*, III, n.º XVIII) que

> De um nascêra uma pomba,
> De outro um pombo torquaz.

Fallando das exequias de um summo sacerdote do Pegú, diz Fernão Mendes Pinto (sec. XVI): «E neste dia se não fez mais que libertar-se hũa grande quantidade, e quasi innumeravel, de passarinhos, que em mais de trezentas gaiolas e corças ali erão trazidos, dizendo que *erão almas de defuntos já passadas d'esta vida, que naquelles passaros estavão em deposito,* esperando o dia em que as avião de soltar, para que livremente pudessem ir acompanhar as almas d'este defuncto». *Peregrinação,* cap. CLXVIII.

Quanto á alma representada como uma borboleta vid. tambem Babelon et Blandet, *Bronzes antiques,* Paris 1895. n.º 302.

[2] Cfr. esta adivinha popular do *morcego:*

> Estudante, que estudaes
> Nos livros da philosophia,
> Dizei-me que *ave* é esta
> Que tem peitos, leite e cria.

Na Odysseia, fallando-se das almas conduzidas para o Orco por Hermes, diz-se que estas o seguem,

> Ὡς δ' ὅτε νυκτερίδες μυχῷ ἄντρου ἠερόεντος
> τρίζουσαι πτείουσι, ἐπεὶ κε τις ἁπὸ πετάων
> ἐρραδὸν ἐκ πέτρης, ἀνὰ τ' ἀλλήλῃσιν ἔχυντο.
>
> (*Odyssea.* Paris, Didot, XXIV. 6-8).

que frequentemente pendião do tecto e das paredes, assemelhar-se-hião a grossas lagrimas que os mortos chorassem com pena de haverem deixado a vida, pena avaliada pela saudade que legavão; pisando-se o solo frio, e ás vezes pouco consistente, a cada passo se julgaria tocar nas reliquias santas dos filhos e dos irmãos, cujos cadaveres lividos e disformes para lá tinhão sido transportados. Por toda a parte o terror e ao mesmo tempo o amor fallando ao coração.

Se as grutas ficavão perto do mar, a zoeira das ondas, que se despedaçavão incessantemente nos alcantis da praia, penetrava lá dentro pelos boqueirões e pelas frinchas, e juntava outro elemento á melancolia, á desolação, á tristeza inherentes numa catacumba.

E se as grutas se abrião, como as do Monte-Junto, numa serra alta e sujeita a frequentes nevoeiros, que costumão, á maneira de phantasmas errantes, pairar nas cumiadas dos outeiros, então o local das grutas adquiria para a imaginação do homem antigo um aspecto ainda mais mysterioso, porque na mythologia d'esses tempos, como na dos tempos posteriores succedeu, e se nota nas modernas tradições populares, o nevoeiro devia originar concepções sobrenaturaes. Em todo o nosso país, com especialidade nas regiões serranas, o povo recita imprecações magicas contra o nevoeiro: na propria Serra do Monte-Junto, onde, segundo se disse a cima, ha grutas funerarias, colhi eu algumas d'essas fórmulas, — o que porém aqui noto como pura coincidencia, e não porque queira significar que ellas proviessem directamente dos tempos prehistoricos.

Traducção de João Felix Pereira:

> Ao modo de morcegos, que do fundo
> De antro sagrado, voão, vozeando,
> Quando um se solta do cordão, que fórmão,
> Prendendo-se uns aos outros, suspendido
> Da penha.
>
> (*A Odysseia de Homero*, Lisboa 1891, p. 451-452).

Não se imagine que, escrevendo o que acabo de escrever, procurei romantizar o antigo uso das grutas. Todo o meu empenho consistiu sómente em despertar no ânimo do leitor algumas ideias, que, ainda que não correspondão, com exactidão completa, a factos que realmente succedessem, não destoão, me parece, do que sabemos á cêrca da vida psychologica de povos em condições parecidas com as dos povos neolithicos. Se os factos não succedêrão assim, podião succeder; ou succedêrão outros semelhantes.

g) Destino ulterior das grutas

Com o andar dos tempos, e o progresso da civilização, forão abandonadas as grutas e as lapas prehistoricas; não obstante, quer umas, quer outras, não perdêrão no geral para o homem, embora já depois de esquecido o antigo uso d'ellas, o caracter sobrenatural que primeiro tiverão.

O nosso povo, quando as não aproveitou para sanctuarios christãos, ou para outros fins, vestiu-as, e veste-as ainda hoje, de poeticas lendas, suppondo-as não raramente habitadas por Mouros e Mouras, do que resultárão para ellas denominações como Cova da moura e Casa da moura[1].

Estas tradições vem já de muito longe, como o prova o onomastico. Duas das grutas da Cezareda tem aquelles nomes. Na Serra de Monte-Junto ha uma caverna denominada *Algar das Gralhas,* onde, segundo a lenda, apparece uma Moura; nesta caverna porém ainda não se encontrárão materiaes nenhuns dos tempos prehistoricos.

Com relação a lendas christãs, vejamos agora alguns documentos.

Uma vez a Virgem Maria appareceu a uma pastora, junto da villa de Alvaiazere, «em huma tosca *lapa,* que hoje se conserva nas costas da mesma casa da Senhora, em que ao presente he venerada com o titulo de *Memoria*»[2].

---

[1] Cfr. supra, p. 47.

[2] *Sanctuario Mariano,* IV, 550.

Em Setembro de 1895 visitei esta lapa e a capella, que se chama de *Nossa Senhora dos Covões*. A lapa é propriamente uma fenda entre dois grandes penedos. Por ahi perto achão-se nos campos instrumentos neolithicos: eu vi um machado, e o sr. Polycarpo Marques Rosa, de Alvaiazere, diz-me ter visto fragmentos de facas de silex. Não é absurdo o suppôr que esta fenda servisse de depósito funerario nos tempos neolithicos, embora nada prove isso directamente.

Fr. Agostinho de Santa Maria conta no *Sanctuario Mariano,* com bastante individualização, outro apparecimento de Nossa Senhora numa gruta de Condeixa; Nossa Senhora tem neste caso a invocação da «Lapa», e venera-se tambem numa ermida[1].

A gruta de Carnaxide, perto de Lisboa, onde hoje está um sanctuario christão muito venerado, foi um sepulcro prehistorico[2].

Estes tres exemplos bástão.

Porém nem todas as grutas, a que hoje se applicão lendas, forão estações prehistoricas; o povo muitas vezes generalizou as lendas a variados lugares. Por outro lado, nem de todas as grutas prehistoricas se conservárão na tradição lembranças, até hoje. Póde ainda dar-se o caso de só modernamente se adaptar uma lenda a uma gruta prehistorica que tambem só modernamente se descobriu, como parece ser o caso da gruta da Senhora de Carnaxide, ha pouco citada. Os nomes tambem nem sempre são guia segura para determinar a existencia de grutas: assim *cova* applica-se a qualquer abertura no solo, pequena ou grande; *Casa da Moira* ou *dos Moiros* tambem se applica a antas; *Cova da Moira* póde applicar-se a um local em que se encôntrão vestigios de mineração antiga[3].

[1] *Sanctuario Mariano*, IV, 569 sqq.

[2] Vid. a demonstração d'este facto n-*O Archeologo Português*, I, 182 sqq.

[3] Vid. Severiano Monteiro, in *Revista das obras publicas e minas*, XXV, 402.

Alem d'isso as grutas tem tido outros destinos, como se disse a pags. 46–48.

2. Grutas artificiaes

Naquelles pontos em que a fragilidade do terreno permittia que este fosse excavado com os instrumentos de que se podia dispôr na idade da pedra, ou no principio da seguinte, o homem abriu grutas artificiaes, á maneira das naturaes.

No nosso pais, na Extremadura, conhecem-se algumas grutas artificiaes, que tem sido com razão consideradas como sepulturas[1]. As mais notaveis são as de Palmella; mas não são unicas, como direi adeante.

a) Grutas de Palmella.

As grutas de Palmella forão descobertas e exploradas pelo collector geologico o sr. Antonio Mendes, sob a direcção de Carlos Ribeiro, que porém não chegou a publicar a respeito d'ellas trabalho nenhum, apesar de ter tencionado publicá-lo[2], e existirem na Commissão Geologica uns apontamentos manuscritos, feitos pelo mencionado collector, e emendados por Carlos Ribeiro.

O sr. Cartailhac, havendo-se utilizado, segundo confessa[3], das informações que Carlos Ribeiro lhe dera vocalmente, e havendo observado as proprias grutas, e examinado os objectos que de lá se tinhão extrahido, e estavão, como agora estão, no Museu da Direcção dos trabalhos geologicos, consagrou a estes curiosos monumentos algu-

---

[1] Cfr. a este proposito:

Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos*, I, 61;

Paula e Oliveira, in *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos*, II, 83;

Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 116 sqq.

[2] Vid. os *Estudos prehistoricos*, II, 86.

[3] *Les âges prehistoriques*, p. 119.

mas páginas no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 118 sqq.

O Sr. Nery Delgado, Director dos Trabalhos Geologicos de Portugal, fez-me o favor de me facultar o exame dos citados apontamentos manuscritos, que Carlos Ribeiro mandára organizar. D'elles extráio o que vou dizer, completando-o com algumas notas e desenhos tirados do livro do sr. Cartailhac. Estas grutas não tive ainda occasião de as visitar, posto que já passasse por perto.

As grutas ou furnas conhecidas pelo nome de «grutas de Palmella» não ficão propriamente em Palmella, mas nos arredores da villa, no Casal-Pardo, lugar dos Bacellos (Quinta do Anjo). Estão em terreno mioceno. São em número de quatro, e forão exploradas em Abril de 1876.

1. *Primeira furna.* — «Em volta redonda; a sua circumferencia, na sua parte mais larga, mede $10^{m},40$; altura, contada interiormente, $2^{m},20$; o tecto fórma uma abobada, cujo centro está aberto por uma claraboia, quasi circular, de diametro aproximadamente de $4^{m},20$; a porta está para S 60 E. A primeira entrada é uma concavidade de largura de $1^{m},80$ e de altura de $1^{m},20$; fórma uma especie de meia-laranja. Na frente tem uma porta interior, que dá entrada para a furna: esta porta tem de altura $0^{m},80$, e de largura $0^{m},70$».

O Sr. Cartailhac offerece, a p. 120, fig. 152, uma vista, que reproduzo, um pouco reduzida, na fig. 44[1]:

Continúa a ler-se nos apontamentos manuscritos: «Esta furna estava quasi cheia de terra, e tinha grande quantidade de pedras de differentes tamanhos; erão todas da mesma qualidade da rocha continente. No começo da exploração estava a terra muito macia: aqui e alli se encontravão fragmentos de loiças e de ossos humanos: antes de se chegar ao solo, numa espessura de terra de $0^{m},30$ appa-

[1] Entre as medidas aqui indicadas, e as que indica o Sr. Cartailhac a p. 122, ha divergencias, mas pequenas.

recêrão alguns objectos pequenos, como em baixo menciono. Os poucos ossos humanos que aqui apparecêrão, e esses mesmos em fragmentos, bem como as loiças no mesmo estado, dão prova que esta furna já foi mexida; mas não creio que o fôsse toda, porque tinha, em partes, porções duras, mas isto só se conhecia em baixo, na espessura da terra, em que apparecêrão os objectos pequenos. Pela parte de baixo de tudo isto ha uma camada muito rija, com pouca espessura», onde apparecêrão ossos humanos, e um estilete de osso.

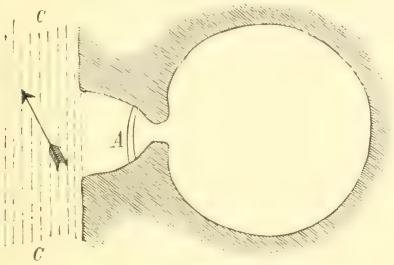


Fig. 44

Alem dos objectos mencionados, encontrárão-se nesta mansão funeraria lanças e facas de silex, machados de pedra, conchas furadas para andarem penduradas, pingentes de osso, e quatro lanças de cobre; por estes ultimos objectos se vê que a gruta pertence ao fim do periodo neolithico, quando já apontava a civilização chamada «dos metaes».

2. *Segunda furna.*— «Tambem em volta redonda. Tem menos diametro que a primeira, mede 9 metros; de altura 2; a abobada é de ponto mais subido que a primeira, no centro tambem tem claraboia com o diametro de $1^{m},9$ aproximadamente. A entrada é pela parte de cima da rocha, a 4 metros da claraboia. Tanto a entrada como a

furna estavão totalmente cheias de terra e pedras. A medida da porta dentro da furna é de altura $0^m,70$, e de largura $0^m,65$; está virada para N 50 E. Toda a espessura de terra dentro da furna estava muito macia; mesmo em baixo, á camada branca tambem succedia o mesmo. Junto ao solo, a $0^m,20$ de altura de terra, apparecêrão uns pequenos objectos inteiros, e muitos fragmentos de loiças com desenhos, e alguns ossos humanos, uma lança de cobre, alguma cousa mais comprida do que as outras que se achárão na primeira furna». Apparecêrão tambem fragmentos de facas de silex, um machado de pedra, e um objecto redondo de calcáreo. Entre os restos humanos

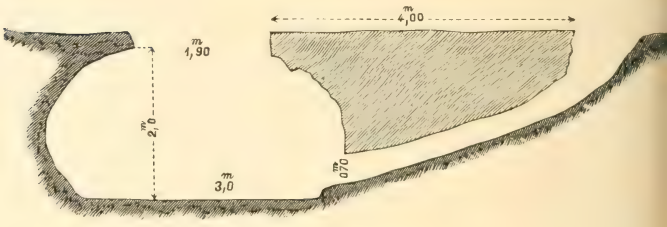


Fig. 45

havia alguns ossos longos, e parte de uma mandibula, com tres dentes. «Pelos fragmentos das loiças e dos ossos, e pela terra tão macia, e por tão pouca cousa que appareceu, bem se deixa ver que esta furna já tinha sido mexida».

A fig. 45 (córte vertical) dará ideia da gruta.

Esta gruta pertence ao mesmo periodo que a precedente.

3. *Terceira furna.* — A parede Sul d'esta furna havia sido, antes da exploração, desmontada a polvora, para serem aproveitadas as pedras para alguma propriedade, vendo-se ainda os signaes da broca; todavia ficou intacta a parte do conteúdo de NE, e mesmo do fundo, onde se fez boa colheita. Já não se pôde reconhecer se tinha tido claraboia; a abobada é mais larga e mais abatida que

a das outras, tendo de altura 1^{m},89. A porta está voltada para S 40° O. Vid. na fig. 46 o córte vertical.

O chão da gruta tinha uma particularidade notavel, pois, segundo o que se lê nos apontamentos, estava dividido «por uma saliencia que faz quatro divisões, como mostra na figura em baixo; esta saliencia tambem sobe pela abobada a altura de 1 metro, e acaba em bico». Carlos Ribeiro accrescentou a seguinte nota: «saliencia de tufo, formando como um cordão que para O se trifurca, *A;* e deixa ver-se adherente a parede de *E,* formando como um resto de tabique que adelgaça para a superficie, e desapparece como succede aos veios de tufo que atravessão as rochas preexistentes».

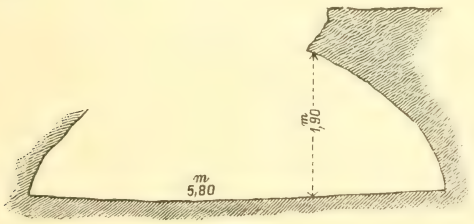


Fig. 46

Esta gruta não tem indicio de ter sido mexida, pois apparecêrão nella craneos e ossos humanos e loiças, tudo inteiro. A espessura de terreno de 1^{m},50, tinha bastantes pedras, desde cima até baixo.

Pela parte de baixo da primeira camada de terra havia uma muito negra, com alguns ossos de animaes recentes.

De baixo d'esta havia uma camada amarella, de 0^{m},3 de espessura em que appareceu rico mobiliario: muitos machados de pedra, muitas lanças e facas da mesma substancia; dois objectos de cobre; muitas contas; placas de schisto; objectos feitos de osso, de calcareo e de barro; variada loiça de barro, com e sem desenhos; tambem apparecêrão nesta camada muitas ossadas humanas, — craneos, mandibulas avulsas, dentes soltos, ossos longos, etc.

Pelo que toca á disposição dos ossos nesta camada de terra, lê-se no manuscrito o seguinte: «Os ossos não tinhão regularidade na sua distribuição; estavão muitas vezes juntos das loiças; notei que os cranios estavão collocados de differentes modos; o mesmo succedia ás maxillas inferiores que se encontravão sôltas, algumas estavão com os dentes para o solo; pela razão de os ossos estarem aos montes, é que poucos se podião tirar inteiros».

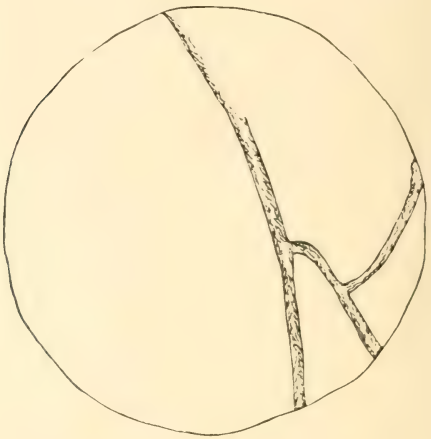


Fig. 47

Por baixo da camada amarella havia uma quarta camada, pouco espessa, onde apparecêrão ossos humanos pequenos, cinco lancinhas e cinco machados de pedra, e algumas contas.

As lanças mais aperfeiçoadas e as contas mais variadas apparecêrão numa das divisões do chão da furna, das quaes a cima se fallou.

Dá-se o desenho d'essas divisões na fig. 47.

Na furna não se encontrárão carvões.

A epocha d'esta furna é a mesma que a das precedentes, a julgar dos objectos encontrados: cobre (ou bronze) ao lado da pedra.

4. *Quarta furna.* — Esta furna estava já muito destruida, quando foi explorada, e por isso não se conheceu se teve claraboia. É menos perfeita que as outras, e tambem de menores dimensões que ellas: terá de largura uns 9 metros, e de altura $1^{m},56$. A porta volta para S. 40° E., e tem de altura $0^{m},60$ e de largura $0^{m},65$.

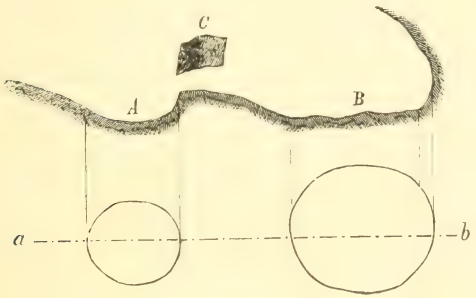


Fig. 48

Para esta furna dava accesso outra furna pequena, tambem já muito destruida, e com a porta já pouco perceptivel; a sua altura orça por 1 metro.

Eis a posição de uma em relação á outra na fig. 48.

Dentro da furna maior estavão duas pedras grandes, que se reconhecia serem da abobada; havia lá outras pedras grandes, dispostas de modo especial, como de altar, mas cujo destino certo se ignora. Nesta furna appareceu carvão em bastante quantidade.

Na furna menor appareceu uma porção parece que de cinzas, mas tão cimentadas, que era impossivel extrahir de lá algum objecto intacto: ahi se encontrárão ossos humanos, um cranio em mau estado, duas tigelas, sendo uma

de calcáreo, metade de uma faca de silex, e um pedaço de calcáreo muito bem affeiçoado, e pedacitos de carvão; tudo isto estava coberto por uma porção de terra de 1 metro de altura.

No manuscrito falla-se ainda do apparecimento de outros cranios, de dentes avulsos e ossos humanos, mas não se diz se elle se deu na gruta grande ou na pequena; a ordem das ideias faz-me suppôr que foi na gruta grande. A menção é como se segue: «Os cranios e ossos longos estavão quasi todos em posição não regular; muitos forão vistos com a parte superior para cima, e tambem alguns de lado, as maxillas inferiores a bastante distancia dos cranios a que devião pertencer, e quasi todas com falta de dentes adeante;..... cheguei a ver tres cranios com bem pouca espessura de terra, de uns aos outros, quasi juntos; dei sempre por falta de ossos pequenos, jamais [1] d'aquelles que os esqueletos tem em maior quantidade, como costellas e vertebras».

Quanto á epocha a que pertence esta dupla furna não se póde determinar com exactidão, pelo facto de estar muito destruida; mas talvez o monumento, neste ponto, não diffira dos outros.

*

Completarei agora, como disse, a descripção d'estas grutas com alguns passos tirados do livro do Sr. Cartailhac.

Do modo da construcção diz o archeologo francês: «Les parois portent encore la trace des instruments qui ont creusé la roche; l'outil devait être pointu et je me suis assuré qu'un pic en bois de chêne pourrait suffire à ce travail. La molasse est fort tendre, en effet, et elle a gardé très nets les détails les plus intéressants. Il ne s'agit pas de sculptures comme celles que les grottes artificielles de la Marne ont montré. Je n'ai rien vu dans ce genre.

---

[1] [Aqui *jamais* significa *sobretudo, principalmente*].

Mais le seuil, l'entrée des souterrains offrent la preuve de l'expérience, de l'habilité des ouvriers et de leur prévoyance»[1].

Das claraboias falla assim: «Maintenant cette première grotte a, comme les autres, sa voûte crevée au sommet; l'orifice permet au grand jour d'y pénétrer, il est évident qu'il est plus ou moins moderne. Il ne pouvait que se produire vu la fragilité de ces voûtes dont l'épaisseur atteignait à peine sur ce point $0^{m},20$ centimètres. Il a été peut-être fait pour faciliter les fouilles, et n'a dans tous les cas aucune importance»[2]. O sr. Cartailhac está de algum modo em contradicção, pois, se os orificios não podião deixar de se produzir, em virtude da fragilidade da abobada, para que propõe a hypothese de elles serem para facilidade das explorações? Mas quaes explorações: antigas, ou as emprehendidas por Carlos Ribeiro? Estas ultimas já vimos que não podem entrar em linha de conta, por quanto os orificios ou claraboias existião antes da exploração. Não serei tão affirmativo neste ponto como o illustre archeologo francês, e por isso direi que tanto á cêrca da data da feitura dos orificios, como do destino d'estes, tenho dúvidas. Como lembrarei adeante, conhecem-se na prehistoria geral muitos dolmens providos de uma abertura: poderá comparar-se com esse facto o que se dá nas grutas de Palmella? O completo esclarecimento d'este ponto depende de investigações futuras.

As louças de Palmella offerecem alguns dos mais bellos espécimes da nossa ceramica prehistorica, e merecêrão ao sr. Cartailhac muita consideração, comparando-as elle por vezes com as dos tumulos neolithicos da França, da Irlanda e da Sicilia[3]. Já depois de publicado o livro do sr. Cartailhac appareceu em Hespanha, na provincia de Madrid, uma

---

[1] *Les âges préhistoriques*, p. 121.
[2] *Loc. laud.*, p. 122-123.
[3] *Ibid.*, p. 125-127.

necropole [1], em que os cadaveres forão, ao que parece, inhumados immediatamente na terra, ou em covas, tendo uma d'ellas 1m,40 de largura, e 1 metro de altura [2], o que a aproxima da furna pequena que dá accesso para a furna n.º 4 de Palmella; junto dos cadaveres encontrárão-se muitos vasos, comparaveis, na fórma e nos desenhos, aos vasos palmellãos; esta necropole hespanhola, a julgar dos objectos de cobre que acompanhavão os vasos e os esqueletos, pertence á epocha do cobre [3], — e será por tanto mais moderna que a necropole portuguesa —, mas, como estava muito destruida, não se póde dizer se haveria tambem objectos de pedra sufficientes para fazerem recuar um pouco a data, e considerar os tumulos como contemporaneos dos nossos, isto é, como dos fins do periodo neolithico.

Á proporção que os estudos archeologicos progridem, vão-se descobrindo relações successivamente mais íntimas, entre os diversos povos, o que não quer dizer que, apesar da communidade geral da civilização, esta não revista ás vezes em differentes localidades feições especiaes.

Com quanto de civilização material analoga á de muitos povos que depositavão os seus mortos nas grutas naturaes de que fallei ha pouco, os povos que excavárão as grutas artificiaes de Palmella, situadas em terreno baixo e arborizado, vivião num meio physico differente do d'aquelles que habitavão os altos das montanhas, ou junto das escarpas do oceano, e differentes devião ser tambem, pelo menos em certos casos, as noções que possuião á cêrca do mundo que os rodeava.

---

[1] Vid. a seu respeito o *Boletin de la Real Académia de la Historia*, Madrid 1894, t. xxv, p. 436 sqq.

[2] *Loc. laud.*, p. 437.

[3] Vid. o cit. *Boletin*, p. 449.

Mas mal se poderia entrar mais no assumpto, sem divagar pelos dominios da phantasia.

Como poderiamos nós estabelecer com nitidez a diversidade das concepções que, por exemplo, produziria na imaginação do homem neolithico o enterrar um morto num subterraneo natural, profundo, irregular, pouco conhecido lá por dentro, e portanto já de si mysterioso, ou enterrá-lo numa crypta feita com cuidado pela mão de artifices, e onde a natureza não punha outros mysterios senão os da morte propriamente dita?

b) Grutas de Alapraia.

O que ha publicado á cêrca da Alapraia reduz-se ao seguinte, do fallecido ethnologo Paula e Oliveira:

«A Alapraia, petit hameau situé à quatre kilomètres environ à l'est de Cascaes, j'ai visité une grotte artificielle, creusée dans un grès tertiaire peu compact qui affleure en cet endroit en couches à peu près horizontales. La grotte, circulaire à la base, est régulièrement disposée en voûte dans sa partie supérieure, et une galerie á ciel découvert donne accès dans son intérieur. Par son aspect général, elle présente beaucoup d'analogie avec le tombeau de Monge et avec les grottes sépulcrales artificielles de Palmella. Quoique son contenu primitif ait disparu depuis longtemps, son caractère funèbre me semble évident» [1].

Oliveira não diz mais nada; creio que não procedeu a excavações, ou, se procedeu, não encontrou objectos.

Sem dúvida ha analogia entre esta gruta e o monumento do Monge; mas este monumento, por ser revestido de paredes, o que não acontece nem em Palmella, nem em Alapraia, pertence a outro systema de sepulturas, e por isso fallarei d'elle mais adeante, a p. 245.

---

[1] In *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, II, 83.

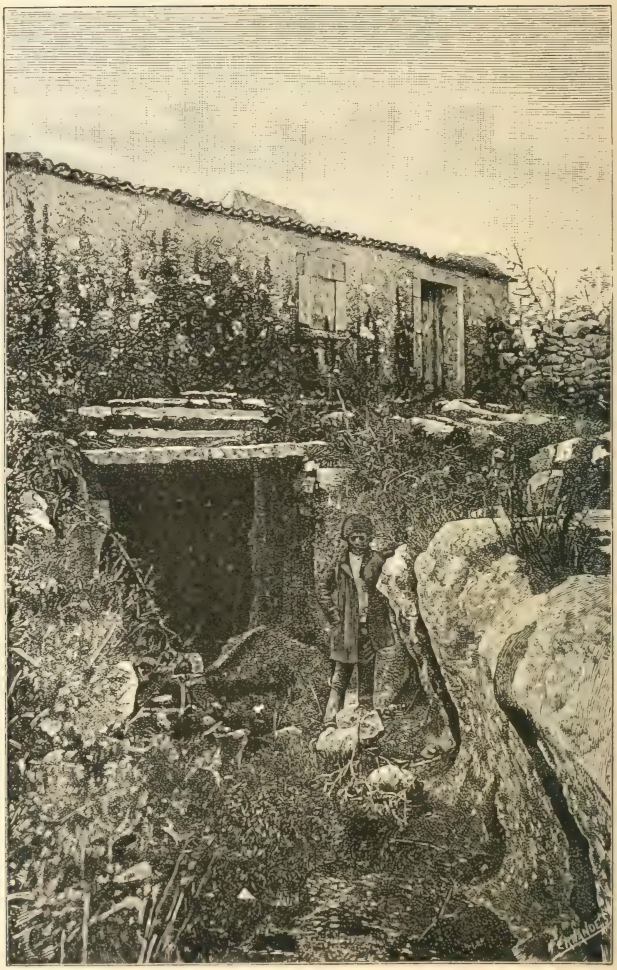


Fig. 49

Tive já occasião de fazer uma rapida visita á gruta descrita por Paula e Oliveira. A galeria é um pouco mais baixa que a crypta, e divide-se em tres secções; o seu comprimento total é de uns 13 metros; as paredes são concavas. A camara ou cripta tem de diametro transversal uns $5^{m},5$, de diametro longitudinal uns $4^{m},7$ e de altura uns $2^{m},2$; a abobada é exteriormente coberta por lages sobrepostas. Dá-se uma gravura na fig. 494. O povo chama á gruta *Cova dos Mouros*.

Na povoação de Alapraia ha outras grutas analogas a esta. Visitei uma d'ellas, mas vi-lhe só a camara, que estava já obstruida; a galeria, se a tinha, como é provavel, estava soterrada.

Pelos campos vizinhos apparecem, não raro, instrumentos neolithicos, da classe que o povo chama «pedras de raio»; uma mulher mostrou-me um, a que ligava grande importancia supersticiosa, motivo por que m'o não cedeu.

3. Sepulturas por excavação, sem revestimento interno

Feitas pelo mesmo processo que as grutas artificiaes, isto é, por excavação no solo, e sem revestimento interno de pedras, mas de dimensões menores que as de Palmella, são as sepulturas de que vou fallar.

*

Seja a primeira a da Folha das Barradas, que fica dentro da Quinta Regional de Sintra. Foi Carlos Ribeiro quem a descobriu, e primeiro a descreveu. Eis as suas proprias palavras:

«O jazigo neolithico da Folha das Barradas, tanto pela sua fórma, como pelo seu modo de ser, pareceu-nos no-

[1] Segundo uma photographia do sr. Maximiano Apollinario.

vidade como monumento da epocha da pedra polida. É uma caixa aberta no solo natural formado de calcareo branco e marnes verdoengos, com cêrca de 19 metros de comprimento, e orientada na linha EO. Da parte do nascente começa esta sepultura por uma cavidade de fórma cylindrica, com $0^{m},6$ de média altura, e 4 metros de diametro, fazendo-se representar na parte restante por um canal de paredes verticaes, mas de secção variavel, como indica a planta. O plano do fundo d'esta sepultura tem um pendor para o poente, mas muito mais suave do que o da superficie natural do solo, de modo que no extremo da mesma sepultura encontram-se os dois planos. No fundo da sepultura está aberto um pequeno rêgo ou canal, em

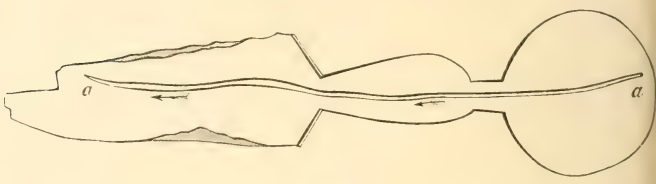


Fig. 50

quasi todo o comprimento d'ella, provavelmente para dar escoamento ás aguas pluviaes que atravessassem os objectos inhumados e a terra que os envolvia, o qual estava coberto por um capeamento de pequenas lages de basalto, para evitar, segundo parecia, o pronto obstruimento do mesmo rêgo. A parte circular, ou antes o extremo oriental da sepultura era destinado a receber os despojos mortaes dos individuos que ali se inhumavam. Estava repartida em compartimentos limitados por septos, cujas paredes divisionarias eram formadas por lages delgadas da formação cretacea vizinha, mas sem apparelho, ou taes quaes foram arrancadas da pedreira. Foi dentro d'estes compartimentos que se encontraram os restos de esqueletos humanos e a sua respectiva mobilia funeraria. Infelizmente os trabalhadores que andavam empregados na abertura do

referido caminho, tendo começado por esta parte do jazigo, demoliram os septos e quebraram os ossos humanos, que aliás eram e são extremamente frageis. — Pelo que toca aos productos de industrias humanas encontrados na parte cylindrica da excavação junto aos esqueletos, eram elles de diversas classes, a saber: instrumentos de silex; clavas e massas cylindricas de calcareo, e vasos de barro»[1].

Para melhor se ajuizar da *fórma da sepultura,* reproduzo na fig. 50 a planta publicada por Carlos Ribeiro.

Vem a propósito lembrar que os compartimentos que Carlos Ribeiro notou dentro da parte circular da sepultura, limitados por septos, e destinados para depósito funerario, se devem comparar com os compartimentos que, como vimos a p. 231 (cfr. fig. 47), existião numa das grutas artificiaes de Palmella (só nestas os septos são naturaes). Estacio da Veiga, ao descrever um dolmen de Marcella, no Algarve, tambem diz que «a crypta no quadrante de sueste manifestou tres compartimentos, formados por lages toscas, cravadas no solo, mas pouco elevadas», num dos quaes existião ossos humanos e objectos industriaes[2]. Ha, pois, aqui vestigio de um rito funerario de tal ou qual importancia, sendo os compartimentos por ventura reservados para receberem os restos de algum morto mais respeitavel[3].

---

[1] C. Ribeiro, *Estudos prehistoricos,* II, 79–80.

Já me referi a este monumento, a cima, p. 105–106, por occasião de fallar do culto da lua.

O Sr. Cartailhac tambem o menciona no seu livro *Les âges préhistoriques,* p. 135–137, segundo a descripção de C. Ribeiro.

[2] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 259.

[3] Em dolmens estrangeiros encontrão-se as mesmas divisões. O barão A. de Bonstetten diz porém d'ellas: «*Les compartiments intérieurs* des dolmens apparents ou couverts sont formés de dalles dressées qui atteignent souvent à la hauteur des tables ou, comme nous l'avons déjà dit, de cailloux de 30 à 35 cent. fichés en terre les uns à la suite des autres. Il est inutile d'ajouter que le nombre des compartiments est toujours proportionné au nombre des sépultures déposées dans le dolmen». *Essai sur les dolmens,* 1865, p. 11–12.

*

Ao mesmo systema da sepultura da Folha das Barradas pertencem tres sepulturas neolithicas do Algarve, estudadas por Estacio da Veiga: uma descoberta em Aljezur, e as duas outras numa azinhaga da Torre dos Frades.

Quando Estacio da Veiga foi estudar o depósito mortuario de Aljezur, já o encontrou profanado e remexido, pelo que não pôde dar d'elle uma descripção minuciosa e clara. Neste depósito, aberto por excavação no terreno carbonifero-inferior, encontrárão-se ossos humanos, muitos artefactos de pedra polida, de schisto e de osso, contas, vasos de barro[1].

Os dois jazigos da azinhaga da Torre dos Frades estavão melhor definidos. Diz Estacio: «foram abertos e for-

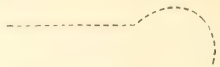


Fig. 51

mados por excavação na rocha natural, como o havia sido o famoso depósito de Aljezur, com a configuração geral de quasi todos os *dolmens cobertos* da região, compondo-se simplesmente de crypta ou camara circular, e de uma galeria ou corredor, que tambem se abriu por excavação. O maior diametro da crypta nos dois monumentos mediu $1^{m},50$ e ambas as galerias tinham $0^{m},80$ de largura, não se podendo saber qual foi a extensão que tiveram por estarem destruidos os atrios, assim como não é possivel avaliar-se a primitiva altura interna, por terem os monumentos sido cortados, e a terra emparelhada para a cul-

[1] Vid. *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 145 sqq.; e cfr. vol. IV, p. 60 sqq.

tura, desde tempos antigos»[1]. Encontrárão-se nestes jazigos ossos humanos e objectos de pedra e de barro. O typo geral das plantas dos jazigos é o da fig. 51.

Alem d'estes dois jazigos da Torre dos Frades, Estacio da Veiga descreve um terceiro no logar do Arrife[2], que porém se liga com outro systema de construcções funerarias, de que fallarei a p. 246.

As estações mortuarias da Folha das Barradas, de Aljezur e da azinhaga da Torre dos Frades não se assemelhão

Fig. 52

Fig. 53

só pelos systemas de construcção, offerecem entre si outros pontos de semelhança: refiro-me ao apparecimento de uns curiosos vasos de barro, providos de buracos de suspensão,

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 282.

[2] *Ob. cit.*, I, 285 sqq.

como uns que tambem apparecêrão em Palmella. Todos elles tem entre si fórma commum[1].

O sr. Cartailhac desenha no seu livro um antigo vaso da Irlanda igual a todos estes[2].

Aqui indico, para mais clareza, dois dos nossos vasos, como typicos, nas figs. 52 e 53[3].

Trago taes factos á consideração dos leitores, porque elles estabelecem mais ou menos a contemporaneidade dos nossos monumentos funerarios, e indicão certa corrente de civilização geral[4].

4. Sepulturas por excavação, com revestimento interno

A avaliar das descripções que Carlos Ribeiro e Estacio da Veiga fizerão, cada um por seu lado, julgo haver paridade entre o processo de construcção da sepultura chamada «do Monge», na Serra de Sintra, e o da de uma sepultura encontrada no Arrife (Algarve).

---

[1] Ha já uma pequena bibliographia a respeito d'estes vasos:

Do vaso da Folha das Barradas falla Estacio da Veiga nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 280. Vem um desenho d'elle em Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos,* II, 85, fig. 95; mas este A. não tinha dado pela existencia dos buracos de suspensão, como nota o mesmo Estacio da Veiga nas referidas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 201 e 280.

Dos vasos de Aljezur e da Torre dos Frades falla Estacio da Veiga nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* vol. I, respectivamente a p. 200 e 284.

Dos de Palmella falla Cartailhac no seu livro *Les âges préhistoriques,* p. 127.

Obtive ultimamente para o Museu Ethnographico Português outro vaso semelhante a estes, provindo do Alemtejo.

[2] *Les âges préhistoriques,* p. 127.

[3] Publicados primeiramente por Estacio da Veiga nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 280 e 284.

[4] Já a p. 235, se notou semelhança entre outros artefactos ceramicos de Pamella e da Irlanda.

A planta indicada na fig. 54 dá ideia do monumento do Monge, o qual se compõe de duas partes: um recinto circular B–G–A–H, de 4^{m},5 de diametro, e 3^{m},5 de altura; e um vestibulo descoberto, ou galeria, E–F, irregular, de 6^{m},5 de comprimento e 6 metros de maior largura;

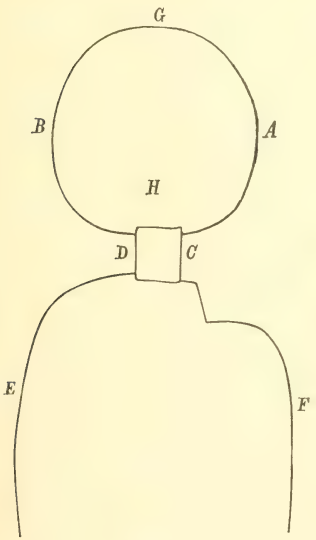


Fig. 54

Fig. 55

ambas estas partes estão ligadas por um corredor, D–C, de 1 metro de comprimento e 0^{m},4 a 0^{m},5 de largura.

As paredes internas do recinto circular estavão revestidas por grossas pedras sem apparelho algum, dispostas artificialmente, como se vê na fig. 55; o recinto fechava pois em fórma de zimborio.

A galeria, ou vestibulo, era tambem limitada de ambos os lados por paredes toscas de pedra sôlta.

Este monumento, com quanto faça lembrar, pela sua fórma, as grutas artificiaes de Palmella e de Alapraia, differença-se porém d'ellas por causa do revestimento interno com paredes.

No monumento apparecêrão instrumentos de silex e fragmentos ceramicos com ornatos semelhantes aos da ceramica de Palmella; mas não apparecêrão ossadas nem cinzas. Tambem ahi se encontrou grande quantidade de seixos ellipsoidaes; não sei porém dizer se sim ou não formavão camada[1].

*

Passemos agora ao jazigo do Arrife.

Na fig. 56 indico a planta, segundo a estampa que d'ella dá Estacio da Veiga[2].

O recinto circular tinha de diametro longitudinal $3^{m},70$, e de diametro transversal $4^{m},18$; a galeria de entrada conservava só a extensão apreciavel de $2^{m},78$, com a largura de $1^{m},35$. Grandes lages de schisto devião revestir primitivamente todo o plano da excavação; mas d'essas lages só restão na camara ou crypta as bases, já partidas, de seis, e na galeria quatro, alem das pedras que constituião as batentes a que, á distancia de dois metros da entrada da camara, se encostaria uma porta. O pavimento da crypta era calçado de pedra meuda. No meio da calçada assentava uma lage lisa de schisto, sobre a qual estavão alguns fragmentos osseos, pedaços de louça, uma frecha de silex

---

[1] Á cêrca do monumento do Monge vid. *Estudos prehistoricos*, de C. Ribeiro, II, 74–78; cfr. tambem Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 137.

[2] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, est. XXVII, em frente da p. 284.

e uma lasca de osso furada e ponteaguda, «deixando perceber que sôbre aquella reservada superficie tinhão sido depositadas algumas reliquias humanas de maior veneração». Alem dos referidos objectos, havia outros analogos, espalhados pelo monumento [1].

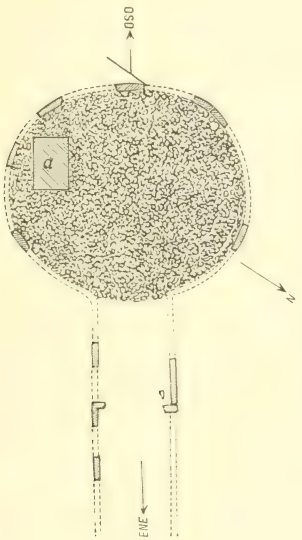


Fig. 56

Não é este monumento o unico em que se encontrou uma lage servindo de depósito especial de ossos e reliquias humanas: no dolmen de Marcella, por exemplo, encon-

[1] Para mais minudencias consulte-se Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 286-287, d'onde extrahi e resumi o que digo no texto.

trou-se outra[1], e num dolmen de Trás-os-Montes[2]. Tal facto póde comparar-se com o que a cima notei, dos compartimentos das sepulturas da Folha das Barradas, Palmella e tambem Marcella[3].

*

Tanto o monumento do Monge, como o do Arrife, por serem produzidos por excavação á superficie da terra, assemelhão-se ás grutas artificiaes, como já disse, e ás sepulturas que descrevi no § 3; mas, por serem revestidos de pedras, assemelhão-se aos dolmens: estabelecem pois transição d'aquellas duas classes de monumentos para a terceira.

5. Dolmens em geral

a) O que são dolmens

Entre os monumentos funerarios do nosso país, nos tempos prehistoricos, ha uns que constão de uma especie de casa (*camara*) de contôrno polygonal ou mais ou menos circular, formada de várias pedras (*esteios* ou *espeques*) enterradas a pino no solo, com uma grande lage por cima a cobri-la á maneira de *chapeu,* casa a que vae dar uma especie de corredor ou *galeria,* mais baixa, tambem coberta de lages, — tudo revestido de um monticulo de terra, de maiores ou menores dimensões.

Taes monumentos compõem-se pois de duas partes: o edificio de pedra, subdividido em *camara* e *galeria;* e o monticulo de terra superficial. O edificio corresponde ao

---

[1] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 259; e o que digo mais adeante no § 6.

[2] D'elle fallarei adeante, no cap. V, a proposito dos «Signaes esculpidos em pedras».

[3] Vid. p. 231, 240 e 241.

que em archeologia se chama propriamente *dolmen;* o monticulo ao que se chama *tumulus*[1]. Mas *dolmen* significa ordinariamente tambem o monumento completo.

Alem d'estes monumentos, existem, como direi adeante, outros de differente especie, que podem igualmente ser cobertos de monticulo ou *tumulus*.

b) Denominações populares

Para se designarem os monticulos que cobrem os dolmens e os restantes monumentos adoptão-se no nosso país, embora não espalhados por todo elle, nomes especiaes, que porém em parte são communs a diversas classes de monumentos.

---

[1] A palavra *dolmen,* palavra puramente litteraria e não de uso popular, é neo-celtica e moderna, significando «mesa de pedra»; o primeiro elemento (*dol*) tem porém origem latina (*tabula*). Segundo o Sr. Arbois de Jubainville, in *Revue Celtique,* XIV, 3, onde colhi esta notícia, ha duas irregularidades grammaticaes na adopção d'aquelle elemento. — Em França não se encontrárão alem do sec. XVIII provas do emprêgo d'esta palavra, que primeiro teve as fórmas *dolmin* e *dolmine:* vid. Sal. Reinach, in *Revue Archéolog.,* XXII, 36. — De França passou para Portugal. É tambem no sec. XVIII que ella cá apparece pela primeira vez. Filynto Elysio, citando um Diccionario francês-celtico, emprega a fórma *dolmin* nos *Martyres,* liv. IX, p. 313 e 315 (ed. de 1818); Pereira da Costa, apoiando-se na auctoridade de Filynto, dá *Dolmins* como titulo a um livro seu publicado em 1868, e citado a p. 8. — Hoje em Portugal, como noutros países, prevalece a fórma *dolmen.* — Vários auctores regulárão-se pela celticidade da palavra *dolmen* para attribuirem grande antiguidade a certos monumentos; mas a attribuição, baseada nisso, não tem fundamento, por ser a palavra *dolmen* moderna e de uso litterario. Tambem no *Portugal Antigo e Moderno,* s. v. *Viseu,* p. 1702, se suppõem derivados de *dolmen* e *dolmin* os nossos nomes DOLVES (ponte), DONIM (aldeia) e DOMIN ou DONIM (rio); a tal derivação oppõe-se não só, como vimos, a historia da palavra, — pois *dolmen* nunca foi vocabulo popular em Portugal —, mas as leis da lingua portuguesa.

Tumulus é palavra latina, e significa originariamente «eminencia de terra»; tem o mesmo radical que o verbo *tumere,* «estar inchado».

Esses nomes são: *mamôa, mámoa* (e *mâmoa*), *mamoinha, mamunha, montilhão* e *madorra*[1]; em Esposende usa-se tambem o nome de *mamoella,* que cobre um monumento *sui generis*[2], de que fallarei posteriormente. Todas estas denominações as conheço no Norte e Centro do reino; nas tres provincias do Sul não conheço a este respeito denominações especiaes. Na Galliza, como já disse a cima[3], são correntes os nomes *mámoa, madorra* e *modorra.* — Da etymologia d'estas palavras não posso aqui tratar desenvolvidamente: limito-me a breves indicações. *Mamunha* não passa de simples alteração phonetica de *mamoinha*[4]; esta última fórma, bem como *mamoella,* são deminutivos de *mamôa* ou de *mámoa,* mais provavelmente da segunda;

---

[1] Vid.:

Pereira da Costa, *Dolmins ou antas,* p. 89;

Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães,* v, 112; e in *Revista de sciencias naturaes e sociaes,* III, 64;

Santos Rocha, *Antiguidades do concelho da Figueira,* I, p. v, e *passim.*

Cfr. tambem o meu *Portugal prehistorico,* p. 46-47.

A palavra *mámoa* foi-me indicada pelo Sr. Sarmento em carta; usa-se no concelho de Esposende. *Mâmoa* dizem me que se usa em Albergaria-a-Velha. — *Mámoa* e *mâmoa* são a mesma palavra (esdruxula), só numa o *a* é aberto, noutra fechado. — O Sr. Nery Delgado diz-me que *mâmoa* é muito commum no país.

O Sr. Martins Sarmento, na *Revista de Guimarães,* v, 159, falla de *combros* como termo ouvido perto da Trofa (Minho); mas parece-me que *combro* (= cômoro) não será mais que um termo da lingua commum empregado pelo *cicerone* do Sr. Sarmento para designar um objecto, isto é, uma *mamôa,* que não tinha nome especial, ou cujo nome era desconhecido do interprete.

[2] Martins Sarmento in *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* III, 64.

[3] Pag. 12. — Vid. *Museu español de antigüedades,* VII, 195. Em documentos antigos gallegos achão-se as fórmas *mamula* e *mamoua: ibid., ib., ib.* — *Mamoua* é tambem ainda hoje a pronúncia vulgar de *mamôa* (Minho).

[4] Isto é: *mamoínha* = *mamuínha* > *mamáinha* > *mamunha.* Cfr. *munha,* de *moínha,* etc. (no Minho).

mámoa vem do latim m a m m ŭ l a: quanto a *mamôa*, é mais difficil dizer como se formou, talvez seja o feminino de *mamão* (augmentativo de *mama*), pois, no onomastico ha MAMÕES. Todas estas palavras tem, como se vê, por base o lat. m a m m a, e representão metaphoricamente o aspecto externo do monumento, comparado com uma *mama*[1]. *Montilhão* decompõe-se em *mont-ilh-ão* ou *mont-elh-ão*, do radical de *monte*. *Modorra* e *madorra* são uma e a mesma palavra; vide a seu respeito o *Elucidario* de Viterbo (s. v.). Pereira da Costa falla de um monumento da Beira-Baixa, conhecido na localidade pelo nome de «mamunha de *Mamaltar*»[2]; a palavra MAMALTAR decompõe-se verosimilmente em *mama-altar*, entrando, quanto ao seu primeiro elemento, numa das categorias a cima indicadas[3]. — Por brevidade, empregarei em geral de ora avante o termo *mamôa*, quando tiver de me referir a um *tumulus*.

---

[1] *Mamoa* e outras fórmas da mesma familia apparecem já em documentos medievaes: vide *Elucidario* de Viterbo, s. v. *mamoa*.

[2] *Dolmins ou antas*, p. 89.

[3] A palavra *Altar* creio que não mostrará que o povo suppõe ou suppôs, como os eruditos do seculo XVIII (vid. supra, p. 5-6), que os dolmens servírão de altares. Esta palavra julgo-a meramente metaphorica, em virtude da semelhança que o povo achou entre um altar e um dolmen. No onomastico português ha ALTARES e PEDRA DO ALTAR, que provavelmente tem a mesma origem que MAMALTAR.

Na França ha *Autel du Loup* e *Les Autels*, e na Allemanha *Teufelsaltäre* (altares do Diabo). O Sr. Salomon Reinach, que cita estes factos in *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXI, 222, suppõe que essas designações são devidas a influencia erudita. Eu entendo que não, e que a explicação d'ellas é a mesma que a que dou das designações portuguesas. Sem embargo, existirão outras devidas a influencia erudita, como serão *Opferaltäre* (altares de sacrificio), *autel des Druides*, que elle tambem cita, *loc. laud.*

O que póde acontecer é sôbre o nome criar-se uma lenda, como sabem todos aquelles que estudão scientificamente as tradições populares: assim, dado a um dolmen por metaphora, o nome de *altar*, tornava-se facil apropriá-lo, por exemplo, ao Diabo, cuja existencia é do dominio das crenças do vulgo.

*

Por qualquer circumstancia, póde acontecer que o monumento perca, no todo ou em parte, alguns dos seus elementos fundamentaes, como chapeu, esteios, galeria ou mamôa. Assim tenho visto dolmens reduzidos só á camara e galeria, já sem mamôa; outros reduzidos só á camara; outros ainda com a camara e a galeria meias soterradas, etc. Importa conhecer-se isto de antemão, para se comprehenderem melhor os processos populares da denominação geral dos dolmens.

Já a pag. 25, e nota respectiva, me occupei de algumas designações populares dos dolmens entre nós. Actualmente não ha designação que seja commum a todas as provincias de Portugal: nuns sitios adoptão-se umas, noutros outras; e noutros não ha nenhuma. Nem todas as designações dos dolmens são tambem *substantivos appellativos;* muitas d'ellas são *substantivos proprios,* o que prova que o povo no geral vae perdendo a noção dos monumentos. Dá-se ainda o caso de o monumento ter ás vezes um *nome appellativo,* e ao mesmo tempo um *nome proprio.*

Em tempos antigos, porém, como notei a pags. 25–26, os dolmens tiverão uma designação appellativa, que se estendeu por todo o país: chamavão-se *antas*[1]. Hoje a palavra *anta,* como appellativa e popular, creio que só é conhecida no Alemtejo, pelo menos nunca a ouvi empregar noutras provincias, nem me consta que o seja.

---

[1] Na *Revue Archéologique,* 3.ª serie, XXII, 39, diz o Sr. Salomon Reinach: «Personne ne voudra plus expliquer *anta* par *templum in antis,* comme l'a proposé Boulin, *Comptes rendus de l'Académie des Sciences,* 19 avril 1869». Conforme lembrei, a p. 26, nota, já Viterbo, no seculo XVIII, tinha proposto o latim a n t a e como etymo de *anta.* Abstrahindo da ideia de *templo,* não vejo difficuldade em admittir tal etymo, pois temos aqui uma metaphora, de que dei outros exemplos na citada p. 26, nota, e de que adeante darei mais.

Em certos sitios da Beira-Alta e Beira-Baixa, os dolmens recebem o nome popular de *orcas* (cfr. p. 256, nota), a que ás vezes se junta *casa, lapa* ou *pedra*: «casa d'*orca*», «lapa da *orca*», «pedra d'*orca*»; mas ouvi muitas vezes ao povo expressões, como estas: «estava lá *uma orca*», «havia *uma orca*», e outras analogas, — o que prova claramente que o povo inclue *orca* na classe dos substantivos appellativos, e que por isso a noção de taes monumentos lhe é aqui ainda familiar[1]. A palavra *orca* é já conhecida na litteratura, pelo menos desde o seculo XVII, dos *Dialogos moraes historicos e politicos* do Dr. Manuel Botelho Ribeiro Pereira[2], que a dá tambem como da Beira[3].

---

[1] Fiz esta observação nos concelhos de Mangualde, Cannas de Senhorim, Nellas e Fornos d'Algodres. No *Portugal antigo e moderno*, s. v. *Viseu*, p. 1699, nota, diz-se que *orca* é tambem vulgar, como synonimo de *anta*, nas comarcas de Viseu e Gouveia. Perto do Fundão (Beira-Baixa) ha uma aldeia denominada ORCA, o que prova que o nome, se é que lá não é ainda popular e appellativo, o sería em tempos passados. — Já depois de impresso isto, ouvi no concelho de Sátão empregar *orca* inuúmeras vezes como substantivo vulgar, e até na fórma deminutiva *orquinha*.

[2] Sobre este A. vid. *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal & Pedro Augusto Ferreira, s. v. *Viseu*, p. 1805. A obra foi escrita entre os annos de 1630 e 1636: *loc. laud.*, p. 1805; não chegou a imprimir-se, mas ha d'ella várias cópias mss., uma das quaes existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

[3] Vid. o cit. *Portugal antigo e moderno*, s. v. *Viseu*, p. 1699, onde se diz: «São as *orcas* apontadas pelo Dr. Botelho.....». Comtudo, na cópia ms. que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, diz-se, no Dialogo I, cap. 13: «cujas *Arcas*, como o vulgo lhe chama, há hoje muitas em a Beira, com pedras de estranha grandeza» (fls. 65 *v.*). Eu escrevi *Arcas*, embora tambem se pudesse ler *Arcos*, porque o copista fez ás vezes a terminação *-os* igual á terminação *-as*; noutro ponto da página lê-se novamente a palavra, escrita do mesmo modo. É provavel que o original de que este exemplar é cópia tivesse *Orcas*, e o copista, não conhecendo a palavra, a transcrevesse por *Arcas*. A julgar do que diz o A. do *Portugal antigo e moderno*, o ms. consultado por elle tambem tinha *Orcas*, e não é de suppôr que houvesse engano, por isso que a palavra se encontra lá duas vezes, e ella é tão usada na Beira.

Parece que outro nome antigo dos dolmens no nosso país, empregado como appellativo, foi, ou é, *arcas*. No *Portugal antigo e moderno* diz-se indifferentemente «*antas* ou *arcas* ou *orcas*»[1], mas o auctor do artigo não se explica mais, e até creio que foi levado a exprimir-se assim, pelo facto de haver uma terra chamada *Arca,* no concelho de Oliveira-de-Frades, onde «ainda se vê um dolmen junto da igreja matriz»[2]. Ao pé de Carrazedo do Alvão, no concelho de Villa-Pouca-d'Aguiar, ha um sítio com muitos dolmens, denominado *As Arcas*[3]: o povo não sabe dar a razão da denominação *Arcas,* e chama aos dolmens *fornos* e *casas dos Moiros;* mas é possivel que, tanto neste caso como no de Oliveira-de-Frades, taes palavras fossem na origem nomes communs ou appellativos dos dolmens, supposição que tem a seu favor o facto de na Estremadura hespanhola os dolmens se chamarem ainda effectivamente *arcas*[4]. Acontecêrão com *anta* e *orca* factos semelhantes, pois se tornárão nomes proprios[5].

---

[1] S. v. Viseu, p. 1699–1700.

[2] Pag. 1701–1702.

[3] Estive lá em Setembro de 1895, com o Sr. P.e J. Raphael Rodrigues, um dos exploradores d'estas antas, e o Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu Ethnographico Português. O nome Arcas não se limita ao local em que estão as antas, propagou-se aos arredores; o local das antas chama-se propriamente «Fundo das Arcas», sendo «Fundo» mera designação orographica, pouco mais ou menos no sentido de *bacia.*

[4] Facto citado por Sal. Reinach in *Revue Archéologique,* 3.ª serie, xxii, 39.

[5] Entre os Romanos a palavra *arca* era um marco especial, usado nos campos, e «formado de quatro paredes, á maneira de guardas de poço, que os agrimensores edificavam nos quadrifinios»: vid. Alberto Sampaio, in *Revista de Guimarães,* xi, 145. Sobre a significação e uso d'esta palavra vid. tambem Du Cange, *Glossarium,* s. v. *arca.*

O povo achou certa semelhança entre os dolmens e as arcas, que se vião tão frequentemente a marcar os terrenos e applicou, por metaphora, o termo *arcas* aos dolmens; ás vezes porém tambem os

Segundo me informa, em carta de 28 de Maio de 1895, o Sr. P.e José Augusto Tavares, parocho de Ligares (Trás-

---

dolmens podião realmente servir de *arcas* ou marcos.— Depois de impressa esta parte da nota, estive no concelho de Sátão (Beira-Alta), onde encontrei duas *orcas,* que effectivamente tem servido de limites territoriaes, como ainda se vê das datas e lettras esculpidas na parte superior dos chapeus d'ellas.

O Sr. Alberto Sampaio diz em nota, *loc. laud.:* «Na linguagem diplomatica [i. e., nos *diplómata* da Idade-média] e na dos gromaticos *petras fictas* ou *fixas* e *arcas* não podem entender-se como monumentos prehistoricos — menhires e dolmens». Sem dúvida as *arcas* forão na origem marcos, mas depois o termo applicou-se aos dolmens: e d'aqui resultou por fim confusão na linguagem popular (isto, dada a hypothese, que enunciei no texto, e que tem todas as probabilidades, de *arcas* ser outr'ora entre nós nome commum dos dolmens,— mas o raciocinio tem pelo menos applicação á Hespanha),

Na lingua commum usa-se *arca d'agua* no sentido de mãe-d'agua ou reservatorio d'agua coberto por uma abobada: vid. os *Diccionarios* de Bluteau, Moraes, etc. Já os Latinos empregavão tambem a r c a em sentido semelhante. Não foi porém da palavra nesta accepção que os dolmens tomárão o nome, não só porque as *arcas d'agua* são muitissimo mais raras do que devião ser as *arcas*-marcos, mas porque creio que nunca se emprega no primeiro sentido a palavra *arca* desacompanhada do definitivo *d'agua;* alem d'isso era maior a semelhança dos dolmens com as *arcas*-marcos do que com as *arcas d'agua.* Sem embargo, no Minho (vid. Martins Sarmento in *Revista de sciencias naturaes e sociaes,* IV, 96), ha uma anta arruinada, a que o povo chama «*Poço*-da-Chã»; a denominação de *Poço* provém, ou do aspecto da anta, já desprovida de chapeu, ou da cova que se tinha outr'ora feito na mamôa para se extrahirem algumas pedras; todavia, do facto de se tratar de um *poço,* e de a *arca d'agua* ser tambem reservatorio, não se deve concluir que a denominação *arca*-dolmen nascesse da denominação *arca*-d'agua, tanto porque não ha semelhança entre *arca d'agua* e *poço,* como porque é exactamente com um poço, como se diz a cima, que a *arca*-marco se parece.

Nem sempre, pois, quando apparece no onomastico, como nome de terra, Arca, será possivel dizer-se se este nome tem origem nas *arcas*-marcos ou nas *arcas*-dolmens; só a archeologia poderá elucidar, como, segundo penso, succede com os dois casos de Villa-Pouca-d'Aguiar e de Oliveira-de-Frades, citados no texto. Com relação ás *arcas*-d'agua, parece-me que não ha dúvida, pois já ha pouco notei que no uso geral não se diz, que me conste, só *arca* nesta signifi-

os-Montes), o nome generico de dolmen nas regiões do Sul do districto de Bragança, é Pala da Moura, dizendo-se

---

cação; tanto isso é assim que a *Chorographia moderna*, de Baptista, offerece como nome topographico Arca d'agua. A mesma *Chorographia* offerece tambem só Arcas e Arca; mas quanto a Arcas o plural prova que não se trata dos reservatorios de agua; quanto ao singular Arca explica-se por um dos meios antecedentemente lembrados.

O nosso Viterbo diz que em doc. dos seculos IX a XII se declara «que o mesmo erão *mamoas* que *arcas*», e accrescenta que *arcas* «erão montes de terra com que os nossos maiores dividiram os territorios» (*Elucidario*, s. v. *mamoa*). D'aqui se poderá concluir, a ser isso bem exacto, que a *arca*, por extensão de significação, passou a designar não só o dolmen propriamente dito, mas tambem, e ao mesmo tempo, o respectivo *tumulus*.

Em França os *menhires* tem, entre outros nomes, os de *borne, grande borne, haute borne, borne longue*. O Sr. Salomon Reinach, que cita estes nomes, accrescenta: «Des menhirs ont servi aussi à marquer les limites de communes ou de finages et ont été préservés ainsi de la destruction; il en a été de même pour les tumulus». Vid. *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXI, 199.

Expostas estas observações, poderei ensaiar uma explicação da palavra *orca*, como synonima de *dolmen*. Nos Romanos *orcas* erão vasos de barro, de bastante dimensão, mas menores que as amphoras (vid. Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, Paris 1861, s. v. *orca*; sobre a etymologia vid. Diefenbach, *Die Alten Völker Europas*, Frankfurt am Main, 1861, p. 392). Estes vasos servião para conter peixe, azeite, vinho, etc.; mas vieram tambem a servir de marcos, collocados nos limites dos campos, apparecendo por isso na linguagem dos gromaticos expressões taes como *orca, orcula-orcularis terminus* (vid. Ducange, *Gloss.*, s. v., e Forcellini & Faccio, lati, *Gloss.*, s. v.). Ora, sou levado a suppôr que, como as *arcas* e as *orcas*, embora de differentes fórmas, desempenhavão na agrimensura o mesmo papel, — marcar os campos —, se estabeleceu confusão na linguagem popular, attenta a semelhança dos vocabulos, que só differem na vogal inicial, e se chamou *orcas* ás *arcas*, e por tanto aos *dolmens*, que tinhão tambem (pelo menos na Hespanha) o nome de *arcas*. Isto é:

dolmen = *arca*,
arca = *orca*;
logo: *dolmen* = *orca*,

porque duas cousas iguaes a uma terceira são iguaes entre si.

pois «*Pala da Moura* de Villarinho», «*Pala da Moura* do Castedo»[1]. Mas será *Pala* nome commum, ou nome proprio, embora de uso frequente[2]?

Alem de *anta, orca* e *arca* (e *pala*?), não conheço por ora na linguagem popular outros nomes appellativos que designem particularmente dolmens[3].

Ainda que, como digo acima, um dolmen, que tem nome commum, póde alem d'isso ter nome proprio especial[4], grande número de vezes o dolmen perdeu o nome commum, e ficou só com o proprio. Quando o povo chama a uma anta *Casa da Moira, Penedos Altos, Casa dos Galhardos, Forno de Mouros, Pedra dos Mouros*[5], sabe que

---

[1] Cfr. tambem *O Archeologo Português*, I, 107-109 [Deve ler-se *Pala da Moura*, ou da *Moira*, e não *Pala Moira*].

[2] A palavra Pala encontra-se no onomastico: assim se chama um apeadeiro do caminho de ferro do Douro. — Quanto á etymologia, parece ser *Pala* antes uma metaphora, tirada do substantivo da lingua commum *pala*, do que uma inversão das syllabas de *lapa*; no caso de haver metaphora, tê-la-hia originado a cobertura ou chapeu do dolmen.

[3] Á cêrca de *antellas* e *antinhas* vid. adeante, nos §§ 9 e 10.

[4] Por exemplo na Beira-Alta ha uma *orca* chamada «Cova dos Moiros».

[5] Num substancioso artigo publicado pelo Sr. Salomon Reinach, na *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXI, 195 sqq. e 329 sqq., indicão-se muitos nomes populares dos dolmens em differentes países. Alguns d'esses nomes são, como é natural, analogos aos nossos, por ex.: *four des géants, maison des fées, pierre levée, pierre plate, maison du diable*, etc.

Na *Chorographia* moderna do reino de Portugal, de J. Maria Baptista, tomo VI, citão-se muitos nomes de lugar que certamente correspondem a antigos monumentos prehistoricos (dolmens); por ex.: Pedra d'Anta, Pedra do Altar, Pedras Alçadas, etc. Com Pedra do Altar, cfr. Mamaltar, que citei supra, p. 251. A palavra Moimenta, que vem do lat. m o n i m e n t a (plural de *monimentum*), é possivel que em alguns casos represente tambem monumentos prehistoricos. No concelho de Mangualde ha uma aldeia assim chamada, ao pé da qual existia um dolmen. Num campo gallego junto de Moymenta (Pontevedra) ha várias *mámoas:* vid. Villa-Amil in *Museo español de antigüedades*, VII, 227. O facto de hoje se encontra-

esses nomes se referem a determinados monumentos, que ficão em certos sitios, e não a varios da mesma especie, como é o caso quando se serve de *anta* e *orca;* pelo menos é isto o mais geral.

Ha pouco fallei de uma necropole prehistorica chamada «das Arcas»; sitios com o nome de «das Antas» são vulgares; na Beira-Alta explorei um dolmen no sitio «das Orcas», dizendo mesmo o povo «a orca das Orcas». Quando pelo país se encontrarem taes nomes no onomastico, deve a attenção do archeologo ficar alerta, porque póde ser que nos sitios denominados d'esse modo haja ou houvesse monumentos prehistoricos.

Assim, em resumo, os dolmens no nosso país, quando tem nomes, são hoje designados, pelo menos, de duas maneiras: com um nome commum, — *anta, orca* (antigamente tambem com toda a probabilidade *arca*, e hoje ainda talvez *pala*) —, que domina em determinadas localidades, e se applica aos dolmens em geral; com um nome proprio, que, embora ás vezes se possa repetir, como *Casa da Moira* e *dos Moiros,* se refere sempre, ou quasi sempre, a certos dolmens ou grupos de dolmens em especial[1].

O povo ha muito tempo que perdeu a noção da primitiva significação dos dolmens; por isso aquellas palavras traduzem apenas, já a fórma e o estado em que se vêem os monumentos, já as lendas que se lhes ligão, — e não entra nellas ordinariamente a ideia de sepulcro[2].

---

rem povoações ou locaes assim denominados, em que já não existem estes monumentos, não impede que se acceite a hypothese, porque os monumentos podem ter sido destruidos.

[1] Rigorosamente fallando, *forno* e *casa,* em algumas regiões, quasi desempenhão o papel de nomes communs de dolmens: «aquillo são *fornos* ou *casas dos Moiros*», diz o povo muitas vezes.

[2] Isto que digo é confirmado pelas observações que tenho feito pelo país. O Sr. Martins Sarmento, fallando dos monumentos funerarios prehistoricos, diz tambem: «o que eu não vi ainda foi que o seu verdadeiro destino se perpetuasse no correr da tradição. Sabe-se apenas que aquillo é obra de Mouros; sobre o seu prestimo phan-

Com relação a denominações dos dolmens usadas em territorios de Hespanha comprehendidos nos limites da Lusitania só sei que na Estremadura existem as palavras *arca*[1] e *garita*[2] naquelle sentido. De *arca* já fallei a p. 254–256. *Garita* é certamente uma metaphora, semelhante a outras que já vimos a cima.

*

Como estudei separadamente as denominações populares dos *tumuli* e dos *dolmens,* poderá parecer que o povo estabelece sempre distincção nitida entre o *dolmen* propriamente dito, ou edificio de pedra, e o *tumulus,* ou monticulo de terra. Não é assim. Devemos lembrar-nos que a linguagem humana tem muita tendencia para se generalizar. No Alemtejo examinei alguns dolmens que não tinhão mamôa, e o povo chamava-lhes de facto *antas;* mas na Beira ouvi dar o nome de *orcas,* tanto a dolmens completamente descobertos, e já sem vestigio algum de *tumuli,* como a dolmens

---

tasiam-se todas as explicações, menos a que se aproxima da verdadeira» (*Revista de Guimarães,* v, 112).

O Sr. Santos Rocha, porém, nas *Antiguidades do concelho da Figueira,* falla de uma *mamoinha* que, segundo a tradição popular, tinha sido sepultura de Mouros (I, p. v). Supponho ser caso isolado, embora occorra naturalmente ao povo, ao encontrar ossos num dolmen, que este servíra de sepultura; mas nem todos os dolmens contém já ossadas, ou as contém em grande quantidade; e por outro lado os dolmens não estão constantemente a ser explorados, de modo que o povo se capacite de que forão sepulturas. Ainda que um ou outro individuo observe isso, e se convença, a memoria do facto em breve desapparece, e o monumento volta a occupar o seu lugar, como *Casa do Diabo, Forno de Moiros,* etc., no vasto quadro das tradições populares, onde ha já outras ideias e lendas parecidas. Aqui está, no meu entender, a razão porque tanto em Portugal, como noutros paises (vid. Salomon Reinach, in *Revue Archéologique,* 3.ª serie, xxi, 359–360), a crença em os dolmens serem sepulcros, ou não existe, ou é rarissima.

[1] Vid. supra. p. 254.

[2] Vid. Tubino in *Museo español de antigüedades,* vii, 316.

ainda semi-envoltos em monticulos. O termo *mamoinha,* a pesar de corresponder propriamente a *tumulus,* parece significar tambem o monumento completo, — isto é, o dolmen com o *respectivo tumulus.* Ao termo *mamôa* deve acontecer o mesmo. O que não sei é se se applicará a designação de *mamôa* e *mamoinha* só á parte interna do monumento, isto é, ao dolmen; provavelmente não. O termo MAMALTAR (= Mama[do]Altar), que citei a p. 251 é que designará acaso os dois elementos do monumento: o *dolmen* (ALTAR) e o *tumulus* (MAMA); em todo o caso é nome proprio.

Nome appellativo, e popular, que signifique dolmen completo, não temos[1]: por isso, no decurso d'este livro, servir-me-hei frequentemente, como é uso entre nós, d palavra *dolmen* ou *anta,* no sentido de «dolmen coberto» ou de «qualquer dolmen». Todavia, quando a clareza do sentido o exigir, adoptarei tambem as expressões «dolmen coberto» e «dolmen descoberto».

c) Dolmens cobertos e descobertos

O facto de no dolmen faltar frequentemente a mamôa tem feito admittir que ha dolmens de duas especies: uns cobertos, outros descobertos, suppondo-se que os descobertos o estão desde a origem. A questão, se não está já resolvida em sentido contrário, caminha depressa para isso, admittindo-se hoje que os dolmens que actualmente se achão descobertos representão apenas ruina, e que por tanto todos os dolmens que existem estiveram primitivamente cobertos de mamôas[2].

---

[1] O que digo a p. 256, nota, á cêrca de *arca,* baseado nas palavras de Viterbo, não é ponto bem assente, como lá noto; de mais a mais trata-se de um nome antigo, e eu agora refiro-me á actualidade.

[2] *Brevitatis gratia,* citarei aqui apenas duas obras estrangeiras em cada uma das quaes a questão geral é encarada por seu lado: *Essai sur les dolmens,* pelo barão A. de Bonstetten, Genève 1885, p. 5–8; *Le Préhistorique,* por G. de Mortillet, Paris 1885, p. 589–591 e 597.

No Minho, pelo menos no littoral, não ha dolmen sem mamôa[1]. No concelho dos Arcos de Val de Vez, na mesma provincia, existem dolmens em que se vê ainda parte da mamôa[2]. Este último facto observa-se tambem em dolmens de Tras-os-Montes[3]. Na Beira-Alta, se tenho observado dolmens completamente desprovidos de mamôa, tenho observado outros ainda semi-envoltos nella. No concelho da Figueira os dolmens, como já disse, estão cobertos por *mamoinhas*[4], não se tendo ainda encontrado lá nenhum descoberto. Com relação á Extremadura notarei que num dos dolmens de Bellas, explorado por Carlos Ribeiro, se vê ainda parte da mamôa, como, não ha ainda muito tempo, verifiquei. No Alemtejo tenho visto dolmens sem mamôa, o que não quer dizer que os não haja com mamôa ou parte d'ella; nos arredores de Evora, em terreno agriculturado, examinei algumas *antas* propriamente ditas, assentes em pequenas elevações, nas quaes podia ter existido mamôa que se esboroasse. No Algarve observei alguns dolmens cobertos, que Estacio da Veiga descreve; e este A. falla de muitos cobertos[5], dizendo mesmo que hoje no Algarve se não conhece nenhum descoberto[6], embora talvez outr'ora os houvesse, como o onomastico o dá a entender[7]. Em abono dos factos citados, diz-me tambem

---

[1] Martins Sarmento, in *O Pantheon*, 1880, p. 2.

[2] Informação particular do Sr. Dr. Alves Pereira.

[3] P.e Raphael Rodrigues, in *A Vida Moderna*, 1895, n.º 28. Todavia noutros dolmens transmontanos a mamôa é ainda bem pronunciada, e alguns estavão ainda por inteiro debaixo das mamôas: vid. o n.º 26 e o mesmo n.º 28 da cit. *Vida Moderna*. Eu proprio observei estes factos ao pé de Carrazedo do Alvão (Villa Pouca de Aguiar).

[4] Vid. supra, p. 25. Eu mesmo vi no concelho da Figueira dois (que o Sr. Santos Rocha me indicou), já explorados, mas ainda com parte dos monticulos.

[5] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, passim.

[6] *Ob. cit.*, I, 91, 96, 143; III, 343.

[7] *Ob. cit.*, I, 104–107. — Cfr. tambem p. 100, onde falla de um monumento, que, segundo as informações que colheu, seria um dol-

o Sr. Dr. Martins Sarmento, em carta particular: «Ainda não vi anta nenhuma sem signaes de *mámoa* (como se diz em Esposende), senão uma no Fundão; lembra-me que sustentei contra F... que a mamôa se não via hoje, porque tinha sido arrasada. Mas depois, e a pouca distancia (tambem na Beira-Baixa) vimos restos de outras antas em que o monticulo era muito visivel. No Minho ainda não vi nenhuma, em que a mamôa deixe de revelar-se. A mais perfeita que tenho visto é a da Lapa da Barrosa (Ancora). Um córte transversal no monumento daria isto (fig. 57): *a–a,* parte dos supportes descoberta; *b–b,* parte dos supportes enterrada; *c–c,* terra (mamôa). Não longe d'esta ha restos de outra anta, em que existem apenas os supportes das costas; a mamôa ainda hoje sobe a cima d'elles. Numa palavra, ainda não vi anta sem mamôa. Quando vejo mamôa com tres metros de alto, ainda que no centro não haja uma só pedra, concluo que forão d'alli arrancadas as pedras d'uma anta, e já por duas vezes as minhas previsões foram confirmadas por informadores que tinham visto a cousa, e m'a descreveram».

Vê-se, por tanto, que os nossos dolmens se encôntrão hoje nos seguintes estados: cobertos totalmente de mamôa (Algarve, Figueira-da-Foz); só em parte soterrados (Minho, Tras-os-Montes, Extremadura, Beira-Alta); já sem nenhum vestigio de mamôa (Beira-Alta, etc.).

Dos dolmens gallegos diz Villa-Amil y Castro: «Galicia es de los países en que ..... tanto como escasean los dólmenes aparentes ó desnudos de toda envoltura térrea ó pedregosa, abundan los tumulares, ó encerrados en un monton de tierra en forma de porcion de esfera, lo que

---

men descoberto; mas deve subentender-se que o estava na occasião da observação.

O que Estacio da Veiga diz, repetindo as palavras do barão de Bonstetten (*Essai sur les dolmens,* 1865, p. 40, nota), á cêrca de poder ter havido no Cabo de S. Vicente alguns dolmens, não passa de mera phantasia, sem fundamento algum.

sucede muy en particular en la montañosa comarca que se extiende desde Jallas hasta la ria de Arosa y puerto de Lage»[1]. Com esta observação concorda a de Maciñeira y Pardo: «En Galicia son numerosos los monumentos tumulares depositarios de los restos de nuestros aborigenes, y se les conoce con el nombre regional de *mámoas,* acusando en su construcción un arte en estado embrionario. De ellos una gran parte encierra el grosero *dolmen*»[2].

Para mim tenho como assente que todos os que hoje estão descobertos forão d'antes cobertos. De facto, desde o momento que numa mesma região, num mesmo concelho, ha uns dolmens descobertos e outros semi-descobertos,

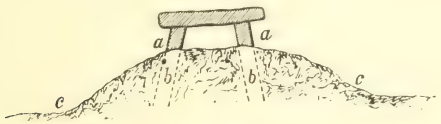


Fig. 57

podendo explicar-se razoavelmente o motivo pelo qual os descobertos estão assim, porque é que ha de admittir-se que os dolmens descobertos o fossem sempre? De mais a mais o envoltorio de terra é um meio de resguardo, senão absolutamente necessario, pelo menos muito util, visto que o dolmen abriga no seu seio restos mortaes alli postos com veneração e carinho. Tambem muitas vezes, como direi adeante, falta ao dolmen o chapeu, e nem por isso se admitte que os havia primitivamente abertos. Accresce ainda este facto: que só a mamôa, servindo de plano inclinado, explica que o enorme chapeu da anta pudesse ser alevantado para o seu logar, attentos os fracos recursos mechanicos de que dispunha o homem prehisto-

[1] In *Museo español de antigüedades,* VII, 226.
[2] In *La Ilustración artística,* XIV, 126.

rico[1]. Em muitos de grandes dimensões, como os do Alemtejo, da Beira-Alta, do Minho e de outras partes, o monticulo esboroou-se todo ou quasi todo, em virtude da acção atmospherica, da curiosidade do homem, do trabalho agricola, etc. Fallando das mámoas da Galliza, diz Villa-Amil que ellas estão «desfiguradas más ó ménos, no sólo por efecto de los trabajos practicados para reconocerlas, sino por el más uniforme de las frecuentes lluvias del país, á los que se agregan los hechos por las zorras, cuyas alimañas muestran gran predileccion para abrir en las *mámoas* sus madrigueras»[2]. O ter-se mantido o monticulo noutros, como nos do Algarve e da Figueira-da-Foz, deve explicar-se, umas vezes por serem menores os dolmens e confundirem-se facilmente as mamoas nas ondulações e accidentes do terreno, outras vezes por circumstancias especiaes de protecção, como arvores e collinas, ou por não estarem em terrenos cultivados, etc.[3]

Se os *dolmens descobertos* o não forão sempre, estão-no porém pela maior parte ha muitos seculos, como se vê do facto de terem nomes já bem enraizados, impostos pelos Romanos: cfr. o que escrevi supra, a pags. 25 e 26. Effectivamente a palavra *anta* só podia applicar-se a um dolmen descoberto ou semi-descoberto; a palavra *arca,* e por tanto *orca,* tambem faz suppôr que se tinha deante dos olhos um dolmen descoberto ou semi-descoberto, pois só

---

[1] Bonstetten, *Essai sur les dolmens,* p. 14, tambem admitte que era necessaria terra para transportar as lages, mas, preoccupado como está com a ideia da dualidade dos dolmens, diz que, depois do transporte, a terra se tirava, e o chão se nivelava!

[2] In *Museo español de antigüedades,* VII, 227.

[3] O Sr. Nery Delgado tem-me em conversa manifestado várias vezes que é de opinião que houve sempre dolmens descobertos a par de dolmens cobertos. Respeito muito todas as ideias que emanão do illustre geologo, que é ao mesmo tempo um dos mestres da Prehistoria portuguesa; todavia neste ponto não posso concordar com elle, em virtude do que digo no texto; perdoe-me o meu excellente amigo esta liberdade.

um dolmen nestas circumstancias apresentava semelhança com a *arca* dos gromaticos; de *pala* (vid. supra, p. 257) poderá dizer-se o mesmo.

Tão antiga é a existencia dos *dolmens descobertos,* que os nomes appellativos com que forão designados passárão já para o onomastico; ha muitas terras e campos em Portugal com os nomes de *anta, arca* e *orca*[1]; de Pala fallei a pags. 256–257. No onomastico gallego tambem, como lembrei a cima, pags. 25 e 26, nota, se encontra a palavra Anta e Antas; deve ahi ter a mesma origem historica que no nosso país.

Os já citados nomes Os Padrões, Casa da Moura, Forno do Mouro, Casa dos Galhardos e outros semelhantes, dados aos dolmens descobertos ou semi-descobertos, confirmão tambem o raciocinio, porque todos elles se originárão na fórma do dolmen, depois de descarnado.

Por outro lado, aos dolmens andão ligadas lendas e tradições, como já notei a cima, p. 6 e 26, e como tornei a dizer adeante, no § *g*; isto depõe tambem a favor da antiguidade do esboroamento da mamôa.

---

[1] Na *Chorographia moderna do reino de Portugal,* de J. Maria Baptista, citão-se dezasete locaes com o nome de Anta, vinte e tres com o nome de Antas, e alem d'isso estes: Anta-Cal, Anta-Cova, Anta-de-Baixo, Anta-de-Cima, Anta-Nova, Antas-de-Baixo, Antas-de-Cima, Antas-do-Meio, Antas-do-Viegas. Cita-se Antinha, Antella e Antellas. Cita-se Antões, Antões da Capella e Antões d'Alem, podendo Antões ser augmentativo (plural) de *anta*, do mesmo modo que Antão.

Com o nome de Arca citão-se seis; com o de Arcas treze; e alem d'isso Arca-villa (= Arca da villa), Arcella e Arcellas. Estes dois ultimos são fórmas deminutivas de *arca,* analogas a Antella e Antellas, fórmas deminutivas de *anta.*

Com o nome de Orca citão-se dois; eu tambem conheço na Beira propriedades assim chamadas.

Descontando aquelles nomes que não representem directamente monumentos prehistoricos, mas sejão devidos a diversas causas, ficarão ainda muitos que abonem a these enunciada no texto.

d) Distribuição geographica dos dolmens

Abro aqui paragrapho, apenas por symetria com o que fiz a respeito das grutas, e pelo grande desejo que tenho de ser claro, pois o que escrevi a pags. 12–24, e nos paragraphos que precedem este, basta já para mostrar que existem dolmens em todas as provincias de Portugal.

Segundo noticias recentes que recebi, a provincia de Tras-os-Montes é muito rica em dolmens; o Alemtejo abunda nelles igualmente. A Extremadura é onde se conhecem menos; muitos terão sido destruidos, outros constituirão ainda segredo para a sciencia.

A julgar do que resta, e do que póde inferir-se das noticias antigas e do estudo do onomastico, conclue-se que Portugal possuia numerosissimos dolmens nos tempos prehistoricos: o que pela sua parte concorre para mostrar quanto tem sido sempre povoada esta nesga occidental da Europa. Com a abundancia dos dolmens concorda a abundancia dos castros (povoações); raro será o concelho montanhoso de Portugal, se algum ha, em que não existão ou não existissem castros.

Á abundancia dos dolmens na Galliza me referi a cima, quando citei as palavras de Villa-Amil e de Maciñeira[1]. Na mesma região existem tambem numerosos castros ou *croas*[2].

e) Typos geraes dos dolmens

Para os leitores fazerem bem ideia do monumento funerario que se compõe de *dolmen* propriamente dito e de *tumulus*, aqui lhes offereço um desenho (fig. 58), extrahido das *Antiguidades monumentaes do Algarve*, de Estacio da Veiga[3]. É o monumento «n.º 1» de Alcalar.

---

[1] Vid. p. 262-264.

[2] Vid. Villa Amil y Castro in *Museo español de antigüed.*, VII, 195.

[3] Vol. I, est. II–A em frente da p. 218, reproduzida no vol. III, est. II, em frente da p. 134.

«O monumento, diz o citado A., é um perfeito dolmen. A sua crypta polygonal, tirante a circular, é composta de oito alentados monolithos de grés, da altura de $2^{m},30$ a $2^{m},50$, com varias larguras até $1^{m},60$, e externamente reforçada por outra ordem de monolithos de grandes dimensões, encostados aos primeiros, todos dispostos com inclinação convergente para o alto do eixo perpendicular. Os dois primeiros monolithos lateraes são postos de modo que

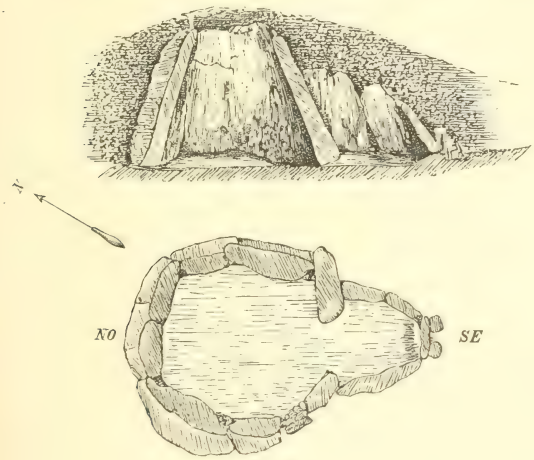


Fig. 58

os seus topos ficam fronteiros e quasi a $0^{m},90$ de distancia, formando assim a entrada da crypta para poder ser fechada com uma pedra de encôsto, á feição de porta. A estes dois monolithos adherem os lateraes que formam o vestibulo, a cuja entrada externa encosta transversalmente outro, que fecha como porta todo o monumento, tendo pela parte de fóra duas grandes pedras encostadas e cravadas no solo, para se manter firme. Esta porta aponta para sueste, correndo o eixo que passa pelo centro no sen-

tido de noroeste. O maior diametro transversal da crypta mede $2^{m},60$ e o longitudinal $2^{m},70$. Da porta externa até á entrada da crypta ha no vestibulo o comprimento de $1^{m},60$, na maior largura $1^{m},40$, e na entrada externa $0^{m},65$» [1]. Em logar de *galeria,* Estacio emprega aqui o termo *vestibulo,* por aquella ser curta.

Quanto ao *tumulus* que envolveu e cobriu o monumento, continúa o A.: — «Uma camada de pedra serviu de assentamento ao outeiro artificial, seguindo-se-lhe outra de pedra miuda, e finalmente a última de pedra menos miuda, coberta de terra: — o que obriga a inscrevê-lo no genero *dolmen sob tumulus* »[2].

Infelizmente, o monumento aqui representado e descrito já não está completo: falta-lhe o *chapeu* ou *tampa,* que parece se achava em pedaços no chão [3]. Os dolmens descritos até hoje pelo sr. Santos Rocha, como encontrados dentro das mamoinhas da Figueira da Foz, tambem já estavão destapados [4].

*

Entre as *mamoinhas* mencionadas pelo sr. Santos Rocha nas suas *Antiguidades do concelho da Figueira,* ha uma assaz notavel, representada na fig. 59, que, com auctorização do A., copio do referido livro.

O sr. Santos Rocha descreve d'esta maneira a mamoinha: «tem 10 metros de diametro na base, e é limitada

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 134-135.

[2] *Ob. cit.,* III, 136.

[3] *Ob. cit.,* III, 135.

[4] Vid. do mesmo A. as *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* parte I, passim. Á cêrca do facto de estarem destapados, vid. especialmente p. 39. O A. propõe a questão de saber se os monumentos que descreve erão ou não primitivamente todos cobertos de tampa; depois de várias considerações, inclina-se a crer que sim, o que tambem me parece.

por uma orla de pequenas pedras. Dentro encontrámos um grande monumento, composto de sala ou camara, e de galeria, orientada a SO., e abrindo para o lado do oriente, como se vê na respectiva planta. Esta fórma faz lembrar

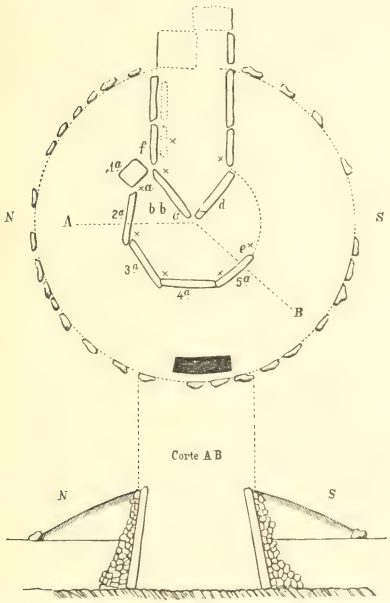


Fig. 59

alguns dos dolmens das vizinhanças de Bellas, explorados pelo sr. Carlos Ribeiro. Dois renques de lages de mediana grandeza, erguidas parallelamente na distancia de 1^{m},75, formam a galeria, que mede 4^{m},20 de comprimento. As lages do lado do Norte são de grés, e as da aléa do sul, de calcareo. Duas d'ellas, uma de cada lado, acharam-se

cahidas. Na extremidade do nascente esta galeria estava cerrada por dois pedaços de lage, inclinados para dentro, e unidos pelos topos. Outras pedras miudas enchiam os intersticios, de modo que vedavam completamente a entrada. Na extremidade do poente outras duas lages, medindo $1^{m},38$ e $1^{m},50$ de comprimento, e $0^{m},54$ e $0^{m},40$ de altura, avançavam das aléas da galeria, e aproximando-se pelas extremidades, penetravam no meio da camara, dando para esta, ao tempo em que as descobrimos, uma communicação de $0^{m},50$ de largura. Esta disposição é muito singular, e poderia fazer suppôr que taes pedras teriam cahido. Mas obtivemos prova do contrario: por baixo d'ellas apenas existia terra; emquanto no solo immediato contíguo, de um e outro lado, encontraram-se ossos, carvões e instrumentos de pedra. A camara é polygonal, e tem $3^{m},10$ de diametro. Cinco grandes lages de grés, provenientes de fóra da localidade, a limitam pelo norte e poente, havendo do lado do sul um espaço que apenas achámos preenchido por uma agglomeração de pequenas pedras. O pavimento é de rocha viva e irregular, apresentando fendas e depressões onde estão cravadas e acunhadas com pedras as grandes lages. Estas lages, apoiando-se umas contra as outras, estão inclinadas para dentro, e tem os intersticios tapados externamente com lascas de pedra[1]». A altura das pedras, contada até o pavimento, oscilla, entre $2^{m},10$ e $1^{m},85$.

A orla de pedras, de que a cima se falla, pareceria indicar, no pensar do explorador do monumento, o caracter sagrado do recinto[2]. Sem se ficar em desaccôrdo com este pensar, poderia ao mesmo tempo suppor-se que tal orla seria um meio symbolico de deter a distancia os maus espiritos, susceptiveis de perturbarem o descanso dos mortos, ou um meio de aprisionar as almas d'estes, para não irem

---

[1] *Antiguidades do concelho da Figueira*, p. 18–19.
[2] *Ob. cit.*, p. 37.

opprimir os vivos[1]. Mas porque não serião antes taes pedras um meio de segurar a terra da mamôa[2]?

*

Como typo geral do aspecto de um dolmen já desprovido de mamôa, póde servir a *casa d'orca* da Cunha-Baixa, no concelho de Mangualde, representada na fig. 60[3].

Explorei esta anta em Setembro de 1892[4], mas já em tempos passados tinha sido remexida com varios fins. Como se vê da figura, compõe-se de camara e galeria; mas, por estar situada no meio de um campo plano, que tem sido successivamente lavrado e culturado, já não revelava vestigio de mamôa.

Por não ser necessario, para o meu fim, entrar aqui em pormenores, limito-me a dizer que a camara é de fórma

---

[1] O seguinte costume, que se observa na Africa, tem especial importancia para o caso: quando num sítio morre alguem, põem-se ahi dois circulos de pedras, e cada pessoa que passa espeta dentro d'esses circulos um ramo de arvore, para evitar que os espiritos dos mortos fáção mal. Vid. Capello & Ivens, *De Angola á Contra-Costa*, p. 195-197.

A respeito de varios meios de afastar as almas dos mortos, vid. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 374.

Lá fóra conhecem-se bastantes monumentos sepulcraes tambem dentro de cêrcas de pedras, mas estas são de maiores dimensões; taes cêrcas chamão-se *cromlechs*.

Na Galliza igualmente se conhecem uns monumentos especiaes, consistentes em espaços circulares fechados por pedras: vid. Maciñeira, in *La Ilustración Artística*, XIV, 174. Taes monumentos não se sabe o que são: Maciñeira chama-lhes *cromlechs*. Ao pé encontrão-se dolmens cobertos de *mámoas: ib., ib.*

[2] Cfr. J. Naue, in *Revue Archéologique*, 3.ª serie, XXVII, 43.

[3] Desenho feito pelo Sr. Francisco de Almeida Moreira, alumno militar da Eschola Polytechnica de Lisboa.

[4] Foi o meu amigo o Dr. Alberto Osorio de Castro quem m'a indicou. Está situada numa propriedade pertencente ao Sr. Dr. Paes da Cunha, de Santar, que da melhor vontade consentiu nas explorações archeologicas.

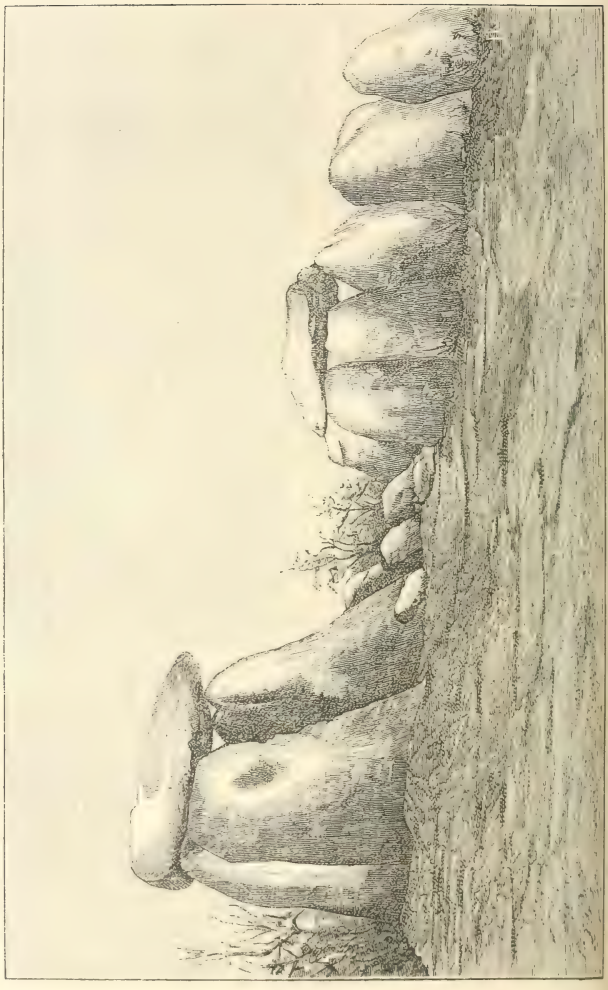


Fig. 69.

polygonal, constituida por sete grandes lages (esteios), que convergem mais ou menos para o centro, cobertas por um chapeu ou tampa. Um dos esteios tem de altura a cima do solo $2^m,3$, e de maior largura $1^m,7$; o chapeu tem de comprimento 3 metros e de largura $2^m,2$. A galeria compõe-se de dois renques de grandes lages, algumas já cahidas; tinha sido primitivamente coberta, restando ainda no seu logar, horizontalmente, uma das pedras. A galeria tem actualmente de comprimento total $7^m,17$, de largura ao meio $1^m,68$ e de largura á entrada $1^m,05$. Todas as pedras do dolmen são de granito.

A propósito da descripção do typo geral dos dolmens, convem fazer ainda algumas considerações.

As dimensões, tanto da camara, como da galeria, varião bastante. O diametro da camara póde oscillar entre 2 metros, ou menos, e 6 metros, ou mais; a altura dos esteios póde ser menor que 1 metro e exceder 3. O comprimento da galeria póde attingir 6 ou 10 metros; a largura ser desde pouco mais de $^1/_2$ metro até quasi 2 metros. Tudo isto que digo se baseia em factos observados directamente por mim, ou compendiados nas obras de archeologia portuguesa.

As dimensões das mamôas regulão-se por estas. «Imagina-se, diz o Sr. Martins Sarmento, que elevação precisava de ter a mamôa que cobria uma anta, sabendo-se que a de Gontinhães (Lapa dos Mouros) tem de altura mais de 3 metros, havendo-as ainda maiores. Isto com relação á altura. Quanto ao diametro, dizendo-se que o monticulo, alem de cobrir a anta, tinha de cobrir uma galeria ou corredor, que d'ella partia para a circumferencia, e que ás vezes era da extensão de 6 ou mais metros, é facil de ver que proporções poderia attingir»[1]. Mamôas que o

[1] In *Revista de Guimarães*, v, 113.

Sr. Maximiano Apollinario e eu observámos na Beira-Alta, na Beira-Baixa e em Tras-os-Montes, já em parte esboroadas, medião de circumferencia 60, 63, 70, 78 até 80 metros. Das *mámoas* da Galliza diz Villa-Amil: «Sus dimensiones varían mucho: las más comunes tienen un par de metros de alto y como diez de diámetro; algunas no pasan de la mitad de éste, con algo ménos de los dos metros de altura, y las mayores no llegan á los cinco metros de elevacion»[1]. Tambem Maciñeira diz ter encontrado *mámoas* «desde veinte metros de diámetro hasta de cuatro[2].

*

A natureza da rocha de que são feitos os dolmens differe consoante as regiões em que estes se áchão. Ha-os de granito, de calcareo, de schisto, de grés. Diz-me o Sr. Nery Delgado que proximo do limite das regiões graniticas com as schistosas viu algumas vezes que nestas ultimas os dolmens erão formados de lages de granito, ao passo que nas regiões graniticas erão formados de lages de schisto.

Como vimos das medidas precedentemente indicadas, as pedras dos dolmens são muitas vezes de grandes dimensões; attendendo a isto, e ao facto de ellas virem frequentemente de longe, embora quasi sempre da mesma região geologica, facil é calcular quanta despesa, quanto trabalho não custaria o transporte d'ellas aos pobres homens prehistoricos, que, para as accarretarem, dispunhão de tão poucos meios mechanicos: facto este muito digno de se ter em conta, quando se procure conhecer a significação religiosa dos dolmens.

A collocação do chapeu sobre os esteios, collocação devéras difficil, por elle ser quasi sempre enorme, devia fazer-se por meio de alavancas e rolos de madeira, ser-

---

[1] In *Museo español de antigüedades*, VII, 227.

[2] In *La Ilustración Artística*, XIV, 126.

vindo do plano inclinado a mamôa[1]. Na remoção das grandes pedras ainda hoje se utilizão frequentemente os rolos de madeira.

Segundo as observações feitas pelos archeologos, as pedras que constituem os monumentos megalithicos podem não apresentar nenhum vestigio de trabalho de alisamento ou apparelho. Fallando de uma anta de Bellas, diz Carlos Ribeiro: «Como o geral das grandes pedras empregadas nestas rusticas construcções, as superficies estão litteralmente em bruto»[2]. Ao descrever uma mamoinha das Carniçosas, nota o sr. Santos Rocha: «Nenhuma das pedras que entram na construcção d'este monumento apresenta vestigios de apparelho»[3]. Pela minha parte tenho visto muitos dolmens formados de lages rudes; todavia creio que outras se tentou aperfeiçoá-las, por exemplo as de uma *casa d'orca,* ao pé das Antas de Penalva, na Beira, em que as lages todas parece haverem sido apparelhadas na face interna, ao passo que são convexas e toscas exteriormente. Estes factos não são unicos. Na *France préhistorique* escreve o sr. E. Cartailhac: «Les pierres qui entrent dans la construction des tombes néolithiques ne sont pas toujours à l'état brut. Dans un certain nombre de cas, elles ont été dégrossies et ouvragées, et ce genre de travail n'est nullement incompatible avec l'outillage rudimentaire et primitif des ouvriers de ce temps-là»[4].

Tem-se observado entre nós alguns dolmens não só providos das célebres *cóvinhas* («fossetes», «cupules»), mas

---

[1] Frederico VII, rei da Dinamarca, escreveu a propósito da construcção dos dolmens uma dissertação que tem sido várias vezes citada pelos archeologos: cfr. Bonstetten, *Essai sur les dolmens,* p. 24; Cartailhac, *La France préhistorique,* cap. xi; etc.

[2] *Estudos prehistoricos em Portugal,* ii, 6.

[3] *Antiguidades do concelho da Figueira,* parte i, p. 19.

[4] Cap. xiii, p. 234.

ainda providos de sulcos e esculpturas. Como nem umas nem outras são privativas dos dolmens, e pelo contrário se encôntrão tambem em rochedos brutos, farei do estudo d'ellas um capitulo especial, lá mais adeante (§ V). Aqui só notarei que numa anta da Beira, chamada *Cova dos Moiros*, as cóvinhas forão abertas na face interna do monumento, o que, combinado com o facto supracitado de outra anta beirã ter sido, ao que parece, alisada pelo lado de dentro, faz pensar que a piedade dos constructores d'estes monumentos os levava a trabalhar principalmente a parte da pedra que mais em contacto ficava com os queridos restos alli sepultados.

Encontrei no concelho de Sátão alguns dolmens neolithicos, cujos esteios estavão pelo lado de dentro revestidos de pinturas de côr vermelha, as quaes representavão figuras humanas, figuras de animaes e varios arabescos. Este facto é novo na nossa prehistoria, e, se não dou aqui mais desenvolvimento ao assumpto, é que descobri já depois de muito adeantada a impressão do presente livro, que não póde ser interrompida. Uma das pedras com uma figura humana acha-se hoje no Museu Ethnographico Português, para onde a conduzi em 1896. Taes pinturas estavão ainda soterradas.

Em alguns dolmens de Tras-os-Montes dá-se uma particularidade curiosa: são ladrilhados com pedras de variadas dimensões[1]. Quando, na Beira-Alta, explorei o dolmen *das Orcas*, notei tambem que parte do chão era constituido por pequenas lages chatas assentes no saibro natural, á maneira de ladrilho; noutros pontos da mesma anta encontrei pedras iguaes, já deslocadas, que devião formar o resto do ladrilho[2]. A entrada da galeria da anta do Poço-da-Chã, no

---

[1] P.e Raphael Rodrigues, in *O Archeologo Português*, I, 36, e n-*A Vida Moderna*, 1895, n.º 20.

[2] Depois de escrito isto, fiz novas excavações em dolmens da Beira, e encontrei outros ladrilhados.

Minho, era tambem ladrilhada, «e o ladrilho ultrapassava alguns passos a orla da mamoa»[1].

*

Já que fallei das condições dos dolmens propriamente ditos, isto é, da natureza e configuração das pedras, devo tambem dizer que as mamôas que os envolvem não são constituidas sómente por terra: entra nellas tambem abundante pedregulho; o destino das mamôas parece ter sido exclusivamente proteger os dolmens, pois nunca encontrei nellas objecto algum.

Se a edificação da camara e galeria demandava trabalho, a do envoltorio não o demandava menos: quanta difficuldade para transportar a terra, faltando, como faltavão, muitos dos meios de que hoje se dispõe!

f) Utilização e significação primitivas dos dolmens

Ao começar a fallar dos dolmens, parti, como era natural, da ideia de os considerar como monumentos sepulcraes, ideia em que no decurso d'estas paginas sempre tenho insistido; mas convem mais de espaço fazer aqui a este respeito algumas considerações.

Depois de se haver imaginado que os dolmens terião servido de aras de sacrificios[2], de casas[3], etc., assentou-se por fim definitivamente que elles não passão, como digo, de monumentos funerarios.

Se em muitos se não encôntrão já restos mortuarios, ou porque ahi se praticou a incineração, ou porque os agentes naturaes operárão a destruição d'esses restos, ou ainda por outros motivos[4], é porém positivo que grande número de

---

[1] Vid. Martins Sarmento, in *Revista de sciencias naturaes*, IV, 97.
[2] Cfr. supra, p. 5-6.
[3] Cfr. mesmo as denominações populares de «Casas dos Moiros».
[4] Vid. supra, p. 210.

dolmens, na occasião da sua exploração, continhão no seu seio ossadas humanas, ás vezes até em muita quantidade. Diversos exploradores dão noticia d'esse facto[1]: o que não se explica satisfactoriamente senão admittindo-se que os dolmens erão sepulturas.

A cima[2] adduzi exemplos de povos que enterravão os seus mortos em casa; e por isso a alguem menos avisado poderia tambem acaso parecer que os dolmens serião ao mesmo tempo casas e sepulcros, isto é, casas-sepulcros: mas, comquanto varios dolmens tivessem capacidade para poderem ter abrigado habitantes, ha outros demasiado pequenos para tal fim, — e tendo, uns e outros, exactamente a mesma fórma, faltar-se-hia á logica se se considerassem os grandes de um modo, e os pequenos de outro; alem d'isso em certos dolmens a abundancia dos despojos funerarios é tal, que não se póde acceitar que ahi juntamente vivesse alguem, antes fica bem manifesto que elles constituião simples depositos mortuarios; sendo casas, não se comprehende para que havião de ser feitos de lages tamanhas, providos de galerias e cobertos de montes de terra, factos que, sendo elles, como erão, sepulturas, se interpretão sem difficuldade, o que se verá em breve. A taes considerações accresce esta, que os dolmens não raro estão situados perto dos castros, que erão realmente povoações a que pertencião; que elles se relacionão com várias classes de monumentos, uns já a cima indicados, outros indicados adeante, os quaes, ainda aos mais incrédulos,

---

[1] Vid., por exemplo, com relação ao nosso país, as obras de Carlos Ribeiro, Estacio da Veiga e Santos Rocha, *passim*.

O mesmo observárão os Srs. P.es José Brenha e Raphael Rodrigues nas suas explorações em Tras-os-Montes: vid. *A Vida Moderna*, 1895. De algumas das minhas explorações posso tambem dizer isso.

Pelo que respeita á Galliza, vid. Maciñeira y Pardo in *La Ilustración Artística*, XIV, 126 e 171; e pelo que respeita á Extremadura hespanhola, vid. Tubino in *Museo español de antigüedades*, VII, 316.

[2] Pag. 48, 93, e 222, nota.

ou aos mais alheios nestes estudos, não poderão deixar de se afigurar como sepulturas; e finalmente ainda hoje em alguns paises se usão dolmens ou monumentos muito semelhantes a estes[1].

Quanto á hypothese de haverem os dolmens servido de aras de sacrificio, só por memoria a menciono. Sería effectivamente extraordinario fazer aras de sacrificios nas condições em que os dolmens se mostrão, e com a profusão em que elles ás vezes ainda hoje apparecem num local muito limitado.

Sem sombra de dúvida, pois, os dolmens constituião receptaculos, em que os povos prehistoricos depunhão os restos mortaes d'aquelles que em vida lhes forão caros.

Não cause estranheza que para os mortos se construissem monumentos tão solidos e tão duradouros, que tem resistido ao embate dos seculos, quando para os vivos se edificavão quasi sempre pequenas cabanas, ou de frageis e mal conformadas paredes, que se desmoronárão, ou de madeiras e ramos de arvores, que o tempo consumiu.

É que os povos antigos acreditavão que os mortos ião ter no «outro mundo» existencia analoga á que tiverão neste: as mesmas ou semelhantes necessidades e costumes. Se por tanto aos mortos não se prestassem honras funebres, e não se lhes désse sepultura conveniente, elles não poderião achar «na vida futura» o indispensavel repouso. Cfr. o que escrevi a cima, pags. 101, 187 e 219. Em Samoa «les morts qui n'ont point été enterrés errent toute la nuit en gémissant et en se plaignant du froid»[2]. Em Maugain «nul ne peut entrer dans le paradis si ses parents

---

[1] «..... quant aux mégalithes funéraires, nous savons qu'ils sont encore, à l'heure qu'il est, en usage dans les monts Khasias, dont les populations (qui portent le même nom) ne se contentent pas de placer des dolmens sur la tombe de leurs ancêtres, mais élèvent, en outre, des menhirs aux mânes de leurs proches.....» (E. Desor, in *Matériaux pour l'hist. primit. et naturelle de l'homme,* XIII, 276).

[2] Marillier, *La survivance de l'âme,* Paris 1894, p. 27.

n'ont pas fait célébrer avec une solénnité suffisante une fête funéraire»[1]. Segundo dizem os Karens de Birmania, «ceux-là seuls peuvent entrer dans Plu (la terre des morts) qui ont été enterrés convenablement»[2]. Nas populações turanianas da Asia Septentrional «règne la croyance que les esprits des morts qui n'ont pas reçu de sépulture continuent de voltiger dans l'air au-dessus de l'endroit où leur cadavre a été abandonné»[3]. Na America do Norte «les Iroquois ..... pensent que si les cérémonies funéraires ne sont pas accomplies, l'esprit du mort est destiné à errer longtemps sur cette terre dans un état de profonde misère»[4]. «Les noirs de la côte des Esclaves croient que ceux qui n'ont pas reçu les honneurs funèbres ne peuvent aller dans le pays des morts (*orun rere*) et qu'ils sont obligés d'errer çà et là en ce monde, exposés à être saisis par les mauvais esprits qui les maltraitent cruellement ..... La conséquence est que le principal châtiment des criminels est la privation de sépulture»[5]. Nos Chineses, «quand un homme meurt, la troisième âme, le Kouei, descend avec le corps dans le tombeau. Si la sépulture est convenable, elle y reste tant que subsistent les vestiges de la dépouille mortelle. Si la demeure dernière laisse à désirer, si elle n'est pas orientée suivant les principes du *Foung-chouei*, si les funérailles ne sont pas célébrées suivant les rites, l'âme matérielle s'enfuit dans l'espace, cherche à se réincarner et devient dangereuse pour les vivants»[6]. Passemos agora á antiguidade classica, e deparar-se-nos-ha o mesmo respeito pela sepultura dos mortos. Vergilio, por exemplo, ao narrar a visita de Eneias com a Sibylla ao Inferno, põe na bôca de Sibylla as seguintes palavras:

---

[1] Marillier, *La survivance de l'âme*, p. 27.
[2] *Id., ib.*, p. 29.
[3] *Id., ib., ib.*
[4] *Id., ib., ib.*
[5] *Id., ib.*, p. 30.
[6] Boüinais & A. Paulus, *Le culte des morts*, p. 9–10.

Haec omnis, quam cernis, inops inhumataque turba est:
Portitor ille, Charon; hi, quos vehit unda, sepulti.
Nec ripas datur horrendas et rauca fluenta
Transportare prius, quam sedibus ossa quierunt.
Centum errant annos volitantque haec litora circum...[1].

depois o troiano encontra a sombra de Palinuro, que, tendo ficado tambem sem sepultura, lhe pede que o livre d'aquella desgraça, e lhe enterre o cadaver que está no porto de Velia:

Eripe me his, invicte, malis: aut tu mihi terram
Inice (namque potes) portusque require Velinos[2].

Noutro passo da Eneida vemos Euryalo querendo acompanhar o seu amigo Niso numa aventura guerreira, mas este recusa-se a admitti-lo, dando-lhe como razão, que, se morrer, deseja que haja quem lhe sepulte o cadaver, depois de trazido do campo da batalha ou de resgatado, ou, que se, como ás vezes acontece, a sorte evitar isto, haja ao menos quem lhe faça exequias e lhe levante um cenotaphio:

Sit, qui me raptum pugna pretiove redemptum
Mandet humo, solita aut si qua id Fortuna vetabit,
Absenti ferat inferias decoretque sepulcro[3].

---

[1] *Eneida*, ed. de Julio Moreira, VI, 325–328.
Traducção de João Franco Barreto:

Toda essa turba e ajuntamento afflicto
Gente é, que a sepultura não consume;
O barqueiro é Charonte, e os que embarcados
Pela agoa leva, são os sepultados.
Nem passar se concede o rio horrendo,
Antes que os ossos em repouso estejão:
Cem annos vão voando e discorrendo
Em redor d'estas praias que negrejão.

(*Eneida Portuguesa*, Lisboa 1763, liv. VI, est. 72–73).

[2] *Ib.*, *Ib.*, 365 e 366.
[3] *Eneida*, ed. de Julio Moreira, IX, 213–215.

Quando Mezencio está para ser morto por Eneias, em combate, a unica cousa que pede a este é que lhe permitta que o cadaver seja enterrado: «corpus humo patiare tegi»[1]. O cuidado de ter um tumulo tornava-se pois para os antigos uma preoccupação constante. O culto dos mortos era a unica honra attendida na habitação dos mortos: «qui solus honos Acheronte sub imo est»[2]. Na epocha romana, diz Boissier, «on prenait autant de peine pour se préparer un tombeau, qu'un chrétien met de soin à se munir avant sa mort des derniers sacrements. C'était le souci de tout le monde: on y songeait d'avance, pour n'être pas pris au dépourvu»[3]. A epigraphia offerece mesmo as fórmulas VIVVS ou VIVO SIBI FECIT, para indicar que o tumulo fôra construido pela pessoa que ahi jazia. «L'âme qui n'avait pas son tombeau, diz Fustel de Coulanges, n'avait pas de demeure»[4]. As Pyramides do Egypto são ainda outro exemplo, bastante conhecido, da importancia que se attribuia a um tumulo.

O facto de querer conservar o cadaver, as ossadas, as cinzas da pessoa querida não tem só por si caracter religioso, nem basta para demonstrar que se acreditava na permanencia postuma do ser, porque esse facto provém de um sentimento muito natural; todavia, attendendo ás ideias que circulavão nos tempos neolithicos, as quaes em muitos pontos devião ser analogas ás que vimos existirem em varios povos incultos, torna se grandemente provavel que ao simples e natural desejo de conservar o cadaver, as ossadas, as cinzas se alliasse a crença de que dependia de tal conservação a perpetuidade e ventura do morto. Não se me objecte, dizendo-se-me que ainda hoje nos povos civili-

---

[1] *Eneida*, ed. de Julio Moreira, x, 904.

[2] *Eneida*, xi, 23.

[3] Apud C. Jullian, *Gallia*, 1892, p. 115-116.

[4] *La cité antique*, p. 10.—Cfr. tambem, nessa obra, as observações e notas de p. 11-12, a respeito do temor da privação de sepultura nos Gregos e Romanos.

zados se embalsamão cadaveres, e se conservão em casa, como reliquias venerandas, objectos que pertencêrão a mortos, ou fizerão parte do seu corpo, como por exemplo umas feveras de cabello, — sem que a isso se associe outra ideia que a do amor e do respeito; a objecção vale pouco, porque devemos lembrar-nos que muitas vezes os costumes modernos perdêrão a significação primordial, e que quem agora manda proceder a um embalsamento, ou recolhe com a mais carinhosa sympathia um legado funebre, póde fazer isto em virtude de uma tradição já não comprehendida actualmente, mas que remonta a uma epocha em que a supradita crença na permanencia postuma do ser estava na plenitude do seu vigor.

Assim os dolmens, como outros monumentos congeneres, adquirião aos olhos do homem prehistorico grande significação[1]. Posto que elles, como já a p. 211 se lembrou, nem sempre servissem propriamente de sepulturas, ou, de ossuarios, mas sim tambem ás vezes pudessem servir de meros cenotaphios, nem por isso a significação deminuia, porque um cenotaphio para os povos antigos tinha quasi o mesmo valor que um verdadeiro tumulo: ha pouco citei um exemplo, colhido na *Eneida*[2].

No emtanto não se imagine que se basearia sempre exclusivamente num candido sentimento de altruismo ou de affecto este cuidado de dedicar aos espiritos dos mortos um monumento de tal modo dispendioso, e para aquelles tempos magnifico, e de insculpir-lhe nos esteios e na cobertura signaes acaso symbolicos ou magicos: como já notei a p. 101 (e aos exemplos lá citados podem juntar-se

---

[1] Cfr. supra, p. 61.

[2] O uso dos cenotaphios na antiguidade era bastante frequente: vid *Eneida*, III–304 e (lugar já a cima citado) IX–213 a 215; Suetonio, *Vida de Claudio*, cap. I (*honorarius tumulus*). Cfr. tambem *Bulletin des commissions royales d'art et d'archéologie*, Bruxelles 1878, p. 391 e nota; *Revue archéologique*, 3.ª serie, t. XXVII, p. 46; Fustel de Coulanges, *La cité antique*, 8.ª ed., p. 8, nota 2.

muitos mais), diversos povos acreditavão que as *larvas,* ou sombras maleficas dos mortos, perseguião os vivos, quando estes lhes não prestavão as respectivas honras funebres[1]; d'aqui a necessidade de as prestar, e entre ellas a construcção da sepultura não é a de somenos valor.

Ainda porém que assim succedesse nos tempos prehistoricos, não temos direito de arrancar completamente do coração do homem neolithico um sentimento que é innato geralmente em nós, e que até em alguns animaes se encontra: a saudade dos mortos. Por isso, e pelo que deixo exposto acima, os dolmens tinham caracter sagrado: *sancta religio sepulcrorum.*

Na avaliação da importancia que se concede a um tumulo ha graus: se para uns povos bástão humildes campas, abertas na terra, para outros erão precisos sepulcros relativamente grandiosos, como os dolmens e os monumentos congeneres, de modo que á *eternidade* da existencia como que correspondesse a *eternidade* da morada. Quanto mais resistente e estavel fosse esta morada, tantas mais condições de felicidade e de descanso offerecia á alma.

Sem embargo, como disse a p. 204 sqq., nem todos os povos depositão em sepulturas os restos dos seus mortos; mas estou fallando d'aquelles que, como os povos prehistoricos, tinhão, entre outros, esse costume.

Não é a inhumação o unico costume compativel com a crença na immortalidade. Logo que se attinja a concepção da alma como ser independente, o cadaver póde experimentar qualquer destino, de accôrdo com os ritos. Neste caso está a incineração. Fallando do cadaver de um rei de Sião, conta Fernão Mendes Pinto que «se ordenou que fosse logo queimado antes que a peçonha de que morrêra lhe causasse algum mao cheiro, porque, se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva»[2]: d'aqui

---

[1] Cfr. p. 101.

[2] *Peregrinação,* cap. CLXXXIV.

se vê que o fogo, segundo a crença, não destroe a alma, antes opera nella e no corpo certa purificação. Nos Romanos era tão firme a crença que as almas dos mortos ficavão debaixo da terra, que, ainda depois que se estabeleceu o uso de queimar os corpos, ella continuou a existir[1].

A mamôa, que envolvia o dolmen e o protegia, augmentava a qualidade protectora das lages, sendo necessario estabelecer-se uma galeria para, através do monte de terra, se penetrar na camara sepulcral; depois de nesta se não poderem depositar mais restos funerarios (ou quem sabe se por outros motivos?), erão elles enterrados na propria galeria, o que se tem verificado por occasião de muitas excavações archeologicas. Incidentemente notarei que, tendo as grutas artificiaes, e as sepulturas que estabelecem transição das grutas para os dolmens, a mesma configuração typica d'estes, — camara e galeria —, devião talvez todas tambem, quando fosse possivel, ser cobertas de mamôas.

Aqui está portanto claramente explicado o motivo de os monumentos sepulcraes chamados *dolmens* apresentarem tamanha solidez na sua construcção, relativamente sumptuosa. Elles erão mais que barracas de vivos: servião de perpetuos palacios ás almas dos mortos.

g) Destino ulterior dos dolmens

Tendo servido de lugar de repouso mortuario nos tempos prehistoricos, os dolmens, no decurso das idades posteriores, de certa epocha em deante, deixárão de ser utilizados para esse fim, e ou o homem os apropriou aos usos praticos da vida quotidiana, ou os revestiu de ideias religiosas, e de poeticas lendas, ou os desprezou e olvidou completamente.

Nem sempre, por tanto, os mortos continuárão a dormir alli o seu somno placido; innumeras vezes mãos sacrilegas

---

[1] Fustel de Coulanges, *La cité antique*, 8.ª ed., p. 8, nota 1.

os forão despertar, já por impulso da cobiça, para o descobrimento de thesouros escondidos, ou para o aproveitamento das pedras dos monumentos, já em nome da fé, á procura de reliquias santas[1], já sob a invocação do nome da sciencia, com o intuito de enriquecer os museus e a história, e de patentear aos olhos dos curiosos um quadro desenvolvido do viver das gerações extinctas.

De modo que pouco valeu á piedade dos povos neolithicos o haverem tão cuidadosamente resguardado as ossadas e as cinzas dos mortos dentro de grandes mausoleus de pedra, cobertos de terra! O egoismo humano não respeitou as crenças das eras passadas; as reliquias dos defuntos ei-las dispersas ao vento, ou constituindo *exemplares de estudo* nos laboratorios dos sabios; ninguem mais tornou a ter uma lágrima de dó para com os que tão heroicamente luctárão pela vida, e nos legárão a herança da civilização! D'elles não se poderá pois dizer com um poeta:

> Mortos! eu vos invejo! — As frias lagens
> Cobrem-vos, hoje, os corações desfeitos!
> As brancas pombas voão nesses leitos,
> E as meigas aves gemem nas folhagens!
>
> A natureza enflora os vis defeitos...
> Ri nas estatuas, urnas, nas imagens...
> E ahi, emfim, contentes, satisfeitos,
> Vós descansaes das lugubres viagens![2]

As antas no nosso país começárão a ser violadas em epochas relativamente remotas. Muitos observadores tem encontrado nellas, e em monumentos da mesma natureza, objectos de origem romana, sobretudo fragmentos de telhas (*tegulae*): vejão-se os escritos dos Srs. Martins Sarmento[3],

---

[1] Cfr. supra, p. 21-23.

[2] Gomes Leal, *Claridades do Sul*, Lisboa 1875, p. 217.

[3] In *Revista de Guimarães*, III, 143.

Cartailhac[1] e Rocha[2]; por mim direi que tambem tenho encontrado nas antas os fragmentos iguaes[3].

Como se explicão estes factos? O Sr. Martins Sarmento parece dar a entender que admitte que os monumentos funerarios de que se trata continuárão a existir como taes depois da dominação romana[4]; o Sr. Cartailhac diz: «probablement ils ont servi d'étables ou de cabanes aux bergers et aux passants depuis cette époque, aussi renferment-ils maints débris sans valeur, des tessons de poterie surtout, de tous les temps»[5]; Estacio da Veiga propõe que a violação das antas pelos Romanos sería devida a elles irem ahi procurar instrumentos de pedra como objectos de superstição (*ceraunias*)[6]; o Sr. Santos Rocha formúla e sustenta uma hypothese no mesmo sentido[7].

Os documentos por ora colligidos em Portugal não bástão para explicar completamente o facto; todavia o apparecimento de tegulas, pregos, fibulas nas antas não se harmoniza com a hypothese exclusiva da procura de *ceraunias:* os instrumentos de pedra devião apparecer nos campos ainda em maior abundancia do que hoje, e não sería indispensavel ir desenterrá-los dos dolmens e das mamôas; porém isso poderia dar-se uma vez ou outra avulsamente. O apparecimento de telhas e prégos faz antes pensar que os dolmens em que isso se encontra servirião já então, como hoje, de abrigos ou lojas. Nos países lá de fóra tem-se tambem observado que nume-

---

[1] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 167 e 170.

[2] In *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, III, 5 sqq.

[3] No concelho de Mangualde (anta dos Padrões). — O Sr. Maximiano Apollinario, que explorou uma anta no Carvalhal da Loiça (concelho de Seia), tambem achou nella varios fragmentos de telha de rebôrdo e de vasos de barro saguntino.

[4] In *Revista de Guimarães*, III, 143.

[5] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 171.

[6] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, III, 159-165.

[7] Vid. o seu artigo «A profanação das antas na epocha romana», in *Revista das sciencias naturaes e sociaes*, III, 5.

resos monumentos sepulcraes prehistoricos forão violados na epocha romana, e chegou-se a apurar que em muitos d'elles se praticárão sem dúvida alguma inhumações nessa epocha[1]. Sobre a galeria de um monumento sepulcral de Alcalar (Algarve), de que fallo adeante, § 7, encontrou Estacio da Veiga tambem uma sepultura romana. Ás vezes porém objectos romanos apparecidos nos dolmens podem ter ido para lá por occasião do remeximento d'elles ou de cavas dos campos, e creio que será o caso mais vulgar; isto é certo pelo menos com relação a alguns objectos modernos, como fragmentos de louça vidrada, moedas, e ainda outros.

Tomando em consideração os nossos dolmens no seu estado actual, ou pelo menos em relação a epochas recentes, poderemos dizer que elles:

1.º — *Ou se utilizão para os usos praticos da vida,* — pois servem de abrigos transitorios, tanto á gente[2], como

---

[1] Sobre este assumpto vide:

Alexandre Bertrand, *La Gaule avant les Gaulois,* Paris 1891, p. 132, nota;

Cartailhac, *La France préhistorique,* cap. XVII.

Na Tunisia achou Carton ceramica romana nos monumentos prehistoricos, e propõe tres hypotheses para explicar este facto: 1) os povos serião contemporaneos dos Romanos, e ao lado dos vasos indigenas porião nas sepulturas vasos romanos; 2) os monumentos servirião de abrigos aos Romanos; 3) os Romanos aproveitarião os megalithos para sepulturas suas. O auctor do artigo prefere a última hypothese. (Não dou indicações bibliographicas, porque me esqueci de apontar a obra onde colhi os elementos d'esta nota).

[2] Por ex.: a *Casa d'Orca,* de Fornos de Algodres, de que fallei a p. 16, e muitas outras. No jornal portuense *A Vida Moderna,* n.º 37 (1895), diz tambem o Sr. P.e José Isidro Brenha que conhece antas que igualmente servem de abrigo a pastores. — Lá fóra succede naturalmente o mesmo; dos monumentos megalithicos dos Pyreneus-Orientaes dizia Réart em 1833 que «le pâtre de la montagne n'y voit que de simples cabanes pour lui servir d'abri dans un temps de pluie» (apud Reinach, in *Revue Archéologique,* 1893, p. 332, nota 4); no emtanto, «c'est avec terreur, dans certains pays, que les bergers cherchent un abri sous les dolmens« (*ib.,* p. 331).

ao gado[1], servem de estabulos permanentes[2], servem de marcos que limitão freguesias[3], etc.

2.º — *Ou estão revestidos de caracter sobrenatural,*

a) já sendo assumpto de lendas populares, tidos geralmente como séde de thesouros occultos, e de habitação de *Moiras encantadas*[4], — d'onde o receberem nomes apropriados, taes como os que mencionei a pags. 26 e 257, por exemplo, *Casa da Moira, Cova dos Moiros, Pala da Moira*[5];

---

[1] Cfr. um artigo do Sr. P.e José Tavares, in *O Archeologo Português*, I, p. 108.

[2] Ao pé de Fiaes (Cannas de Senhorim, — na Beira-Alta) vi eu em 1894 uma anta, ageitada para loja de gado, e fechada por uma porta de madeira; o dono recolhe ahi 40 a 50 cabeças de gado. — No concelho de Avis vi em 1892 tambem um dolmen que servia de loja de animaes, competentemente fechado com sua porta de madeira.

[3] Por exemplo: a *orca grande* dos Juncaes (Queiriga) e a *orca grande* do Tanque (Carvalhal), ambas no concelho de Sátão, nas quaes se lêem datas (seculo XVIII–XIX) e lettras gravadas na superficie das lages que servem de chapeus.

[4] Eis uma lenda que ouvi na Beira-Alta (lenda analoga a outras de outras terras). Trata-se da «Cova dos Moiros», nome de uma orca na freguesia de Senhorim. Uma vez passou ali uma molher levando um cesto com o jantar para uns trabalhadores, e estava lá uma Moira que disse á molher que, á volta, lhe desse da comida; a molher assim fez, e a Moira disse-lhe que deixasse ali a louça, e encheu-lhe o cesto de uma cousa que a molher não sabia o que era, mas recommendou-lhe que não descobrisse o cesto senão em casa. A molher foi, mas não teve mão que não descobrisse o cesto para ver: só viu carvões, que deitou fóra; como ficassem por acaso uns no cesto, que no dia seguinte estavão transformados em oiro, a molher correu ao local onde tinha deixado os outros carvões, mas já não achou nada. — Esta lenda contém vários elementos, como o *encanto*, a relação entre o carvão e o oiro (cfr. Phedro, *Fabulas*, V, 6, ed. de Epiphanio Dias: *carbonem, ut aiunt, pro thesauro invenimus*), a sátyra da curiosidade feminina enganada; mas não é aqui o lugar de os estudar. — A respeito de crenças estrangeiras de thesouros enterrados nos monumentos prehistoricos vid. *Revue Archéologique*, 1893, p. 204 e 257 (artigo do Sr. Salomon Reinach).

[5] Na *Revue Archéologique*, 1893, p. 205 sqq. e 345 sqq., mencionão-se factos analogos: entidades mythicas habitão tambem os mo-

b) já relacionando-se com a religião christã, — por exemplo, o dolmen do Cabo de Sines, de que fallei a pags. 21–23, que foi considerado como sepultura de S. Torpes, e d'onde nessa fé se desenterrárão ossadas [1];

---

numentos prehistoricos; a p. 217 cita-se mesmo uma *Cabana del Moro* (dolmen dos Pyreneus-Orientaes).

[1] Na freguesia de Arca, concelho de Oliveira de Frades, ha um dolmen junto da igreja (Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* vol. I, s. v. *Arca*); não sei se o facto da existencia do dolmen influiria no da edificação do templo ao pé, mas talvez influisse. — «Fréminville et Mahé ont noté plusieurs fois en Bretagne que des chapelles ou des calvaires avaient été construits tout près de menhirs et de dolmens *pour faire diversion au faux culte*..... En Hollande, Gratama a signalé la proximité des églises chrétiennes et des dolmens du pays». (Salomon Reinach, in *Revue Archéologique,* 1893, p. 336).

Segundo me informa o meu amigo Dr. Mattos Silva, ha em Pavia uma capella de S. Dinis, que é uma anta formada por cinco pedras, (quatro esteios e cobertura).

Ao pé do Torrão (Alemtejo) ha uma anta chamada *Lapa de S. Fáusto,* onde é tradição que appareceu o santo, e onde este teve um nicho. Estive lá em Dezembro de 1895, e effectivamente vi sobre o chapeu da anta vestigios de uma construcção de pedregulho e cal, que, segundo dizem, pertenceu ao nicho (e não comprehendo que outro destino pudesse ter). A poucos metros de distancia, na mesma propriedade, ha as ruinas de um templo, onde li a data de 1645. A anta está bastante arruinada: se conserva ainda chapeu, e alguns esteios em pé, outros estão já cahidos; os vestigios da galeria são incertos. Como outras do Alemtejo, esta anta fica numa pequena elevação do terreno, que conterá acaso os restos da mamoa. O Sr. Correia Baptista achou no campo situado em volta do monumento um percutor prehistorico de pedra. — O povo pronuncía de differentes modos o nome do santo: ouvi dizer *S. Faústo, S. Fraústo, S. Fagústo* e *S. Fragústo;* a fórma culta lá usada é *S. Fáusto.*

Tambem na Beira ha um santuario da Virgem, chamada *da Lapa,* muito venerado dos fieis. Ainda não pude ir ver este santuario, nem do que a respeito d'elle tenho lido posso decidir se era ou não primitivamente um monumento prehistorico. Vid. a proposito d'esse santuario as seguintes obras:

— Antonio de Vasconcellos, *Descriptio regni Lusitani,* Antuerpiae 1621, p. 558;

c) já tornando-se objecto de qualquer superstição ou crendice, — por exemplo, um dolmen de ao pé de Pinhel, onde se vão queimar as primicias dos fructos, para, da direcção do fumo, se tirar oraculo á cêrca da boa ou má colheita agricola nesse anno [1];

3.° — *Ou achão-se totalmente abandonados e esquecidos, quer ainda algumas vezes intactos, quer já mais ou menos desmoronados, sem o povo lhes ligar alguma ideia ou os applicar para algum fim.*

Os factos indicados precedentemente, tanto no texto, como nas notas, são de facil interpretação.

Que um dolmen possa servir de abrigo, de loja de gado ou de balisa, não tem nada de notavel.

Quanto ao caracter sobrenatural que reveste muitos dolmens, isso depende de várias circumstancias: umas vezes tal caracter póde provir directamente de epochas remotas, tendo a sanctidade dos monumentos, considerados ainda como tumulos, sido a pouco e pouco transmittida e modificada, através da civilização pre-romana, romana e post-romana (e christã) até o presente; outras vezes a lenda, a superstição, a crença formárão-se em epochas mais ou menos modernas, em occasião de descobrimentos

---

— Antonio Leite, *Historia da Virgem da Lapa*, 1639, fls. 31–32 *v.*;
— Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano*, III, 158–159.

A litteratura archeologica de outros países ministra varios exemplos de dolmens transformados em santuarios: «nous pouvons montrer deux dolmens transformés en chapelle, l'un dans la Charente, l'autre dans les Côtes-du-Nord», diz Cartailhac, *La France préhistorique*, 1889, p. 304; estes factos franceses são tambem indicados por Salomon Reinach, in *Revue Archéologique*, 1893, p. 335, o qual accrescenta: «On cite aussi en Espagne des exemples de dolmens transformés en cryptes d'églises et en chapelles».

[1] Vid. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 79. No nosso país ha outras pedras, mesmo sem talvez terem sido monumentos prehistoricos, que dão tambem oraculos: são os *Penedos dos Casamentos* e o *Penedo dos cornudos* (vid. *Tradições populares de Portugal*, § 200). O Sr. Salomon Reinach cita factos parallelos estrangeiros: vid. *Revue Archéologique*, 1893, pags. 203 e 342.

de dolmens, tendo o povo feito entrar esta classe de monumentos, pela sua estranheza e singularidade, no círculo de ideias tradicionaes já pre-existente, — verdadeiro thesouro mythico e religioso —, e applicado pois a elles o que applicava, havia muito, a monumentos congeneres ou parecidos. Nas *Tradições populares de Portugal,* cap. VI, occupei-me de várias crenças populares á cêrca das pedras, no nosso país, e d'ahi se póde ver como essas tradições são vivazes ainda hoje, e como as lendas e superstições relacionadas com os dolmens se assemelhão a ellas.

O abandono a que muitos dolmens forão deitados explica-se tambem sem custo. Em primeiro lugar, a Igreja tem condemnado insistentemente o culto das pedras. Ainda no seculo XVI um bispo de Lamego, regulando-se por preceitos de antigos concilios, estatue: «defendemos e mandamos que com as procissões nam vam a outeiros, nem *penedos,* mas soomente aa igreja, ou hermida onde se faz ho officio divino»[1]. Posto que estes e outros anathemas nem sempre produzirão effeito, como se prova com a persistencia das tradições, e posto que a Igreja em certos casos, consciente ou inconscientemente, santificou alguns monumentos, — não se póde negar que não raro por este motivo diversos dolmens perderião o prestigio tradicional. Mas muitas vezes basta o insulamento do local para que os dolmens se esqueção. O caracter dos aldeãos tambem influe nisto bastante. A proposito de alguns dolmens que ajudei a explorar no Alemtejo, o povo fallava, sim, em Moiros, porém rindo-se, e como que sómente fazendo-se apagado echo de crenças geraes e antigas; pelo contrário, na Beira, onde o povo é mais superstícioso que no Alemtejo, notei que não era sem muita desconfiança que elle me via andar a excavar as *casas dos Moiros.*

---

[1] *Constituições do bispado de Lamego,* anno de 1563, p. 135.

Com relação a prohibições analogas nos seculos V, VI, VII e VIII, vid. *Revue archéologique* 1893, p. 333.

Em todo o caso, senão na maioria, pelo menos em grande número de dolmens, a primitiva noção sobrenatural não se perdeu totalmente: se já hoje ninguem chora pelos mortos dos tempos neolithicos, se os seus tumulos innumeras vezes forão profanados, — ao menos o povo a cada passo olha ainda mysteriosamente para a herança dos velhos avós!

6. Monumentos de transição

(Entre os dolmens propriamente ditos e as cryptas alcalarenses)

Seguidamente aos typos mencionados, devo referir-me a outra classe de monumentos que como que constituem transição d'aquelles para os que chamo *alcalarenses propriamente ditos,* ou de Alcalar[1] (Algarve), que vão apontados no § 7.

Todas essas fórmas de transição são algarvias, e forão descritas por Estacio da Veiga: jazigos de Marcella[2], e jazigos «n.º 2 e n.º 3» de Alcalar[3].

1. O jazigo de Marcella compõe-se, segundo o typo usual, de camara ou crypta e galeria; mas não só a crypta é circular, como tambem a galeria está dividida, segundo Estacio, em tres partes, que elle chama, começando de fóra para dentro, atrio, camara central e corredor. No seu aspecto

---

[1] Em alguns pontos d'esta obra escrevi *Alcalá,* baseado em Estacio da Veiga, que escreve assim, de preferencia a *Alcalar*. Apesar de elle dizer, *Antiguidades monumentaes,* III, 131, «o sitio de *Alcalá* ou *Alcalar*», depois, preoccupado com a etymologia arabe (*loc. laud.,* p. 132), desterra *Alcalar,* e adopta exclusivamente *Alcalá,* sem motivo real, pois eu estive na localidade, e tanto á gente de lá, como á das povoações mais proximas, não ouvi dizer senão *Alcalar;* é pois *Alcalar* a fórma legítima, e a unica que empregarei d'ora avante.

[2] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 257 sqq. (com a est. XII).

[3] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* III, 137 sqq. (com a est. III e VI). — Digo «n.º 2 e n.º 3», segundo a designação de Estacio da Veiga em relação á obra d'elle.

geral este monumento funerario distingue-se dos dos typos precedentes por ser *mais regular*.

Eis na fig. 61 a planta.

Quer a crypta, quer a parte da galeria, estavão calçadas de pedras miudas, de schisto e de calcareo, embebidas no solo. Já a cima, na p. 246, vimos que a sepultura do Arrife era tambem calçada d'aquella maneira. Em dolmens do Norte do Tejo tem-se igualmente encontrado pedras miudas, do que fallarei adeante, p. 314; mas parece haver differença quanto á disposição d'ellas, porque nesses, pelo

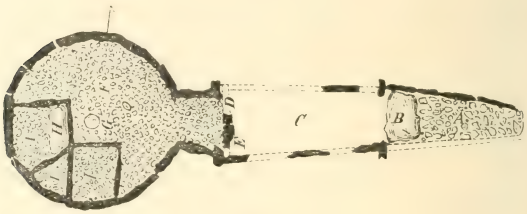


Fig. 61

menos em alguns, as pedras cobrião os ossos, ao passo que no monumento de Marcella, segundo diz Estacio da Veiga, as pedras estavão embebidas no solo [1].

Internamente a crypta offerece tambem uma particularidade: é dividida em tres compartimentos, que na fig. 61 se indicão com a lettra I, «formados por lages toscas, cravadas no solo, mas pouco elevadas, sendo os seus pavimentos calçados de pedra miuda [2]». Esta divisão é muito curiosa e significativa: já a cima vimos o mesmo facto numa das grutas de Palmella [3], e no monumento da Folha das Barradas [4].

[1] Cfr. os lagedos dos dolmens, de que fallei a p. 276.
[2] Estacio da Veiga, *ob. cit.*, I, 259.
[3] Id., *ibid.*, pags. 231 e 232.
[4] Id., *ibid.*, p. 241. Ahi se propõe uma explicação d'elle.

Do mesmo modo que no jazigo do Arrife, que descrevi a p. 246, havia na crypta de Marcella, tanto dentro de um dos compartimentos de que acabo de fallar, como no espaço adjacente, umas lages, sendo uma tosca, e a outra mais ou menos circular, sobre as quaes estavão collocados ossos humanos, vasos e instrumentos de pedra[1]. O intuito devia ser o mesmo que foi indicado a pags. 247 e 248, a proposito do Arrife: reservar um sitio especial para se collocarem certos despojos mortuarios; — o que combina com a divisão da crypta em espaços secundarios, tambem, ao que parece, reservados. O encontrarem-se assim ossos avulsos sobre uma pedra faz admittir que o jazigo não era sepultura propriamente dita, mas sim ossuario.

O monumento, quando Estacio o explorou, já não tinha mamôa, mas devia tê-la tido, havendo desapparecido com as lavouras[2].

2. O monumento «n.° 2» de Alcalar, cuja planta e perfil dou na fig. 62, extrahida da obra de Estacio da Veiga[3], é, segundo parece, bastante semelhante ao de Marcella: muita regularidade da crypta (circular), grande extensão da galeria annexa. Differença-se do «n.° 1» de Alcalar, (vid. p. 267), não só nesta extensão da galeria, mas tambem em que as paredes da crypta, em vez de serem convergentes superiormente como naquelle, mantem em toda a altura o mesmo aprumo, — isto é, tem fórma de pôço.

Neste jazigo apparecêrão ossadas humanas, muitos objectos de pedra, caracteristicamente neolithicos, e já alguns de cobre, o que mostra invasão de nova civilização.

Da disposição das ossadas julga Estacio da Veiga poder deduzir que ou os cadaveres «eram dobrados pelas articulações superiores das pernas e encostados ás paredes, ou os enterramentos se faziam em sepulturas isoladas, e o

---

[1] Estacio da Veiga, *ob. cit.*, I, 259.

[2] Id., *ibid.*, I, 258.

[3] Vol. III, est. III, deante da p. 136.

dolmen era apenas um ossario destinado ao depósito dos restos humanos, armas e utensilios de cada individuo; e

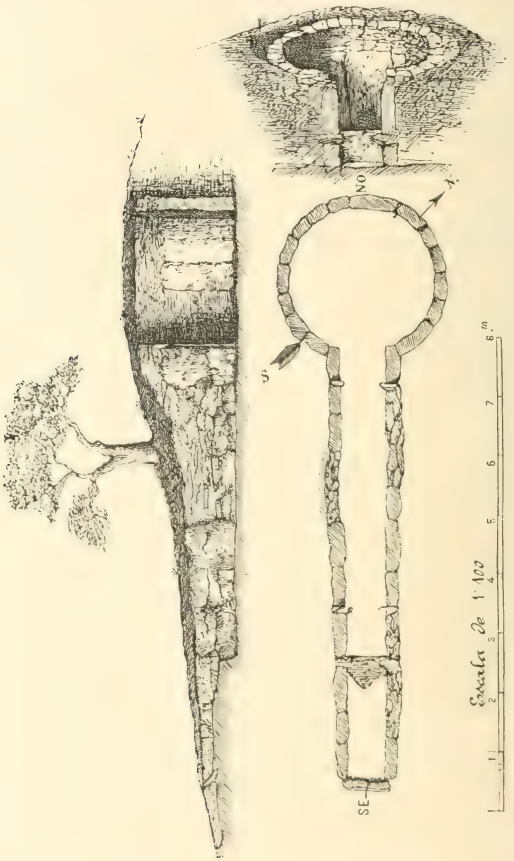
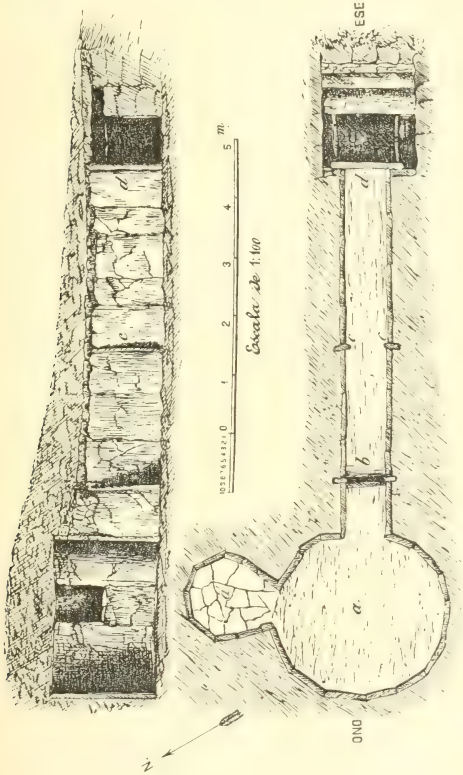


Fig. 62

se assim succedia em certo número de casos, a propria construcção do dolmen poderia ser determinada quando já

houvesse um crescido número de sepulturas para exhumar, a fim de que os ossos dos que foram durante a vida apre-



ciaveis companheiros, e dignos de memoria dos que ficaram, tivessem abrigo mais seguro e venerado» [1].

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, III, 140-141.

Entre os poucos objectos de cobre, ha uma agulha, que foi achada «dobrada e com mais outra curvatura a curta distancia do fundo»[1]. Estacio da Veiga julga intencional a deformação, e compara-a com a que tambem se mostra em algumas lanças e adagas de ferro achadas em Alcacer-do-Sal, numa necropole que data dos principios do *periodo de ferro*[2], suppondo haver aqui o vestigio de um rito funerario; mas de um facto unico mal se poderá, creio eu, concluir isso.

3. Do monumento «n.º 3» de Alcalar (crypta e mamôa) dou a planta e o perfil na fig. 63.

Comparando esta figura com a dos outros monumentos, vê-se que ha bastante differença, senão no typo geral da construcção, pelo menos em dois pormenores: um atrio diverso, e uma especie de nicho appenso á crypta, e communicando com ella.

Estacio da Veiga descreve assim o atrio e o resto da galeria: «O atrio é quadrado, com 1 metro por lado, e fechado externamente por dois travessões unidos e dispostos transversalmente, á maneira de degraus, sendo o primeiro mais alto que o segundo. O atrio está externamente reforçado por uma segunda ordem de grossas lages, encostando ás do revestimento interno, e a porta para a galeria ficou de tal modo encravada, que não seria possivel abrir-se sem se desmanchar parte do atrio; o que deixa presumir que o monumento, sendo simplesmente um ossario, depois de receber as exhumações a que tinha sido destinado, foi assim fechado para não mais se poder abrir. A galeria está dividida por batentes lateraes em tres secções, mas só a última, que serve de ante-camara da crypta, tem porta que abre para dentro, podendo encostar a um dos lados»[3].

---

[1] Estacio da Veiga, *ob. cit.*, p. 151.

[2] Cfr. *O Archeologo Português*, I, p. 78–79.

[3] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, III, 158.

Neste monumento apparecêrão muitos ossos humanos, muitos instrumentos de pedra, e bastantes de cobre, uma lamina de marfim, fragmentos ceramicos, graes de pedra, contas, etc.

O nicho lateral era certamente um espaço reservado, analogo aos que mencionei a p. 294, fallando dos jazigos de Palmella, da Folha das Barradas, de Marcella e do «n.º 2» de Alcalar; nesse nicho apparecêrão umas célebres facas de silex, tão grandes, que não só fazem suppôr que o individuo, cujos ossos havião sido depositados no nicho, era alto personagem, mas que ellas, por mal poderem servir na prática, constituirião meras offerendas funebres, ou symbolos [1].

*

O jazigo de Marcella não revelou objectos metallicos: por este facto, admittindo-se que nunca os tivesse, aproxima-se das *mamoinhas* da Figueira e dos outros monumentos em que não se encontrou metal; mas na sua configuração distingue-se d'elles, por estes serem extremamente rudes. Nos jazigos «n.º 2» e «n.º 3» a regularidade e complexidade da fórma vão augmentando; nelles apparece tambem metal, ao lado da pedra, facto que se repete nos monumentos alcalarenses propriamente ditos; todavia estes são compostos de pedras meudas e fechados em abobada, o que não acontece nos jazigos «n.º 2» e «n.º 3».

7. Monumentos alcalarenses propriamente ditos

Será ainda da obra de Estacio da Veiga [2] que extrahirei o que vou dizer d'estes monumentos, porque foi elle quem os explorou e descreveu. Os monumentos tem nessa obra os n.os 4, 5, 6 e 7, pelos quaes tambem aqui os designarei.

---

[1] Cfr. Estacio da Veiga, *Antiguidades mon. do Algarve*, III, 170.
[2] Id., *ibid.*, III, 131 sqq.

Alcalar é um sitio na freguesia da Mexilhoeira-Grande, concelho de Villa-Nova-de-Portimão (reino do Algarve).

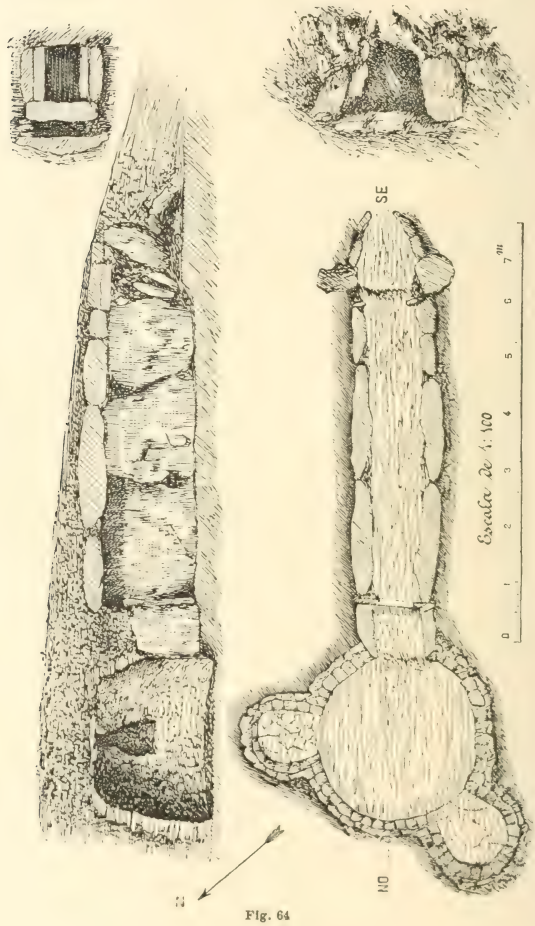


Fig. 64

1. Offereço aos leitores na fig. 64 a planta e perfil do monumento «n.º 4», cuja extensão total é de $11^{m},80$, tendo de altura a galeria $1^{m},65$ e a crypta $2^{m},10$ (maxima).

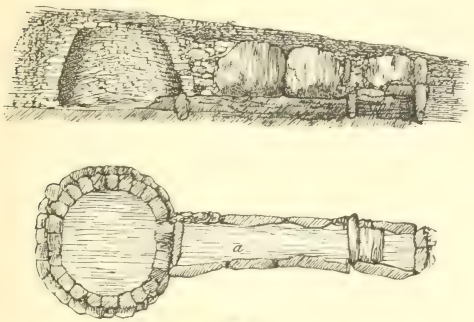


Fig. 65

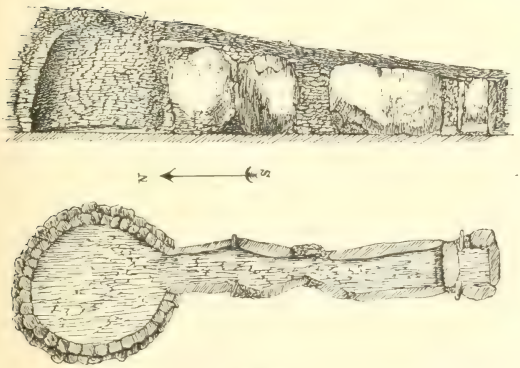


Fig. 66

A galeria é formada por grandes monolithos, e do mesmo modo coberta. É pois semelhante á das antas em geral; mas este estylo «parou como repentinamente nas ligações

lateraes da galeria com a crypta, onde não ha encontrar ..... uma pedra de grande vulto»[1]. A crypta tem, como se vê, aspecto de forno. Nella abrem-se a certa altura dois nichos, analogos ao que vimos no monumento «n.º 3»; os nichos são construidos da mesma maneira, com pedras de pequenas dimensões, de schisto.

Em resumo: a galeria é feita de grandes lages; a camara e os nichos, de pedras pequenas.

Neste monumento apparecêrão ossos humanos, juntamente com fragmentos ceramicos, objectos de pedra, de osso, de marfim, de ouro, de cobre; Estacio diz tambem haverem apparecido nos entulhos umas lages enigmaticas, que tinhão «configuração trapeziforme rematada superiormente em arcatura»[2], medindo uma d'ellas quasi $0^{m},70$ de altura. O apparecimento de taes pedras dentro de monumentos sepulcraes prehistoricos não é facto avulso[3].

2. Do monumento «n.º 5» dou a planta e perfil, na fig. 65.

De todos os monumentos é este o menor.

A crypta, que mede até á porta da galeria, abrangendo a espessura do muro, quasi 2 metros, e no diametro transversal $1^{m},80$, não é bem circular, é formada por pequenas lageas horizontaes de schisto estratificado, convergindo para o eixo vertical; os constructores reforçárão a crypta «com uma segunda volta de encôsto, do mesmo apparelho, enchendo os intersticios com terra, que não parece ter sido molhada»[4]. A estructura do monumento é analoga á do n.º 4; mas a crypta não tem nichos.

Neste monumento apparecêrão ossos humanos, objectos de pedra e vasos de barro.

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve*, p. 185.

[2] *Ibid.*, p. 198.

[3] Transversalmente sobre o topo da galeria tinha sido aberta uma sepultura romana, onde Estacio achou fragmentos de uma urna de vidro, e um médio-bronze de Claudio I.—Vid. p. 226.

[4] *Ibid.*, p. 227.

3. Na fig. 66 represento a planta e perfil do monumento «n.º 6».

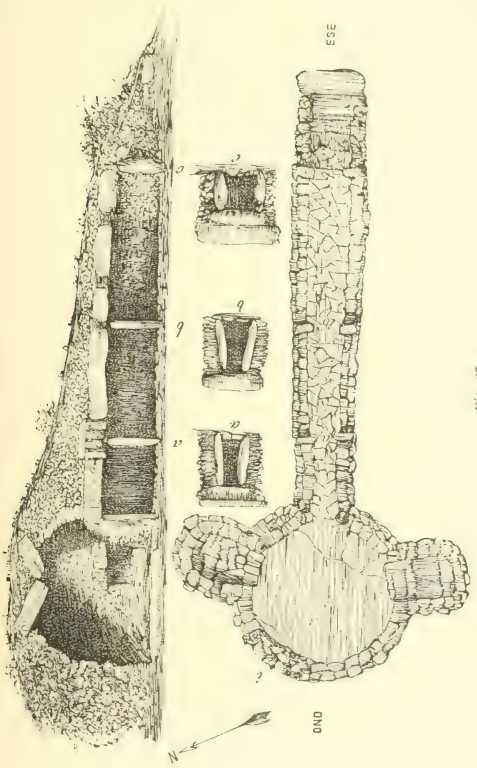


Fig. 67

Este monumento é bastante semelhante ao «n.º 5», só maior; a crypta não tem degrau á entrada, por estar no mesmo plano da galeria.

Os antigos profanadores do monumento deixárão nelle poucos objectos; Estacio já lá não encontrou nem sequer ossos dispersos.

4. Finalmente na fig. 67, represento a planta e perfil do «n.º 7», o ultimo monumento d'esta serie.

É do mesmo typo dos outros, tendo dois nichos a crypta, mas differe na galeria, que, em vez de ser constituida por pedras grandes, o é «por muros de lages de schisto sobrepostas em fiadas horizontaes, como sómente nos tres antecedentes eram construidas as cryptas» [1], embora coberta de lages. Á cêrca do modo de se fechar a crypta, escreve Estacio: «O córte mostra que a crypta, chegando á elevação de $2^{m},50$, ficou apenas com uma abertura do diametro de $1^{m},60$, a qual foi fechada com duas lages unidas, tendo uma $1^{m},20$ e a outra $0^{m},90$ de comprimento, com a espessura de $0^{m},35$. Estavam um tanto descaídas, porém deixando ver qual era o modo de completar a cobertura d'aquellas construcções com apparente fórma de abobada de pleno cimbre, mas em que a estructura do arco na disposição do material era completamente desconhecida» [2].

Neste monumento encontrárão-se ossos humanos, a par de ossos de animaes, e objectos de pedra e de schisto, mas nenhum de metal. Os nichos nada continhão.

*

Todos estes monumentos estavão cobertos de terra e pedras, como se mostra nas figuras.

Não são os unicos que existem na localidade; Estacio da Veiga deixou ainda mais por explorar [3].

---

[1] *Ob. cit.*, p. 237.

[2] *Ibid.*, p. 239.

[3] Vid. *ob. cit.*, p. 243.

Alcalar apresenta-se-nos, pois, como uma interessante necropole dos tempos prehistoricos.

Durou, sem dúvida, muito tempo, e recebeu em si as reliquias de diversas civilizações: o monumento «n.º 1», descrito a p. 267, é extremamente rude, tendo-se achado nelle sómente objectos de pedra; os monumentos seguintes vão-se aperfeiçoando, e revelando na complexidade da fórma o progresso humano, novas aptidões, conhecimento mais profundo da arte de construir, e da mechanica, o que condiz com o facto de apparecerem objectos de cobre a par de objectos de pedra.

Esta duração de uma necropole não é cousa que surprehenda. Em muitas das nossas igrejas ha sepulturas que provém da Idade-Media, podendo seguir-se as datas dos tumulos desde então até o presente. São factos bem conhecidos; escuso de os especificar.

Á primeira vista póde parecer que a diversidade de monumentos que se encôntrão na vasta necropole de Alcalar não é motivo sufficiente para fazer suppôr que nella sepultárão muitas gerações, de civilização variada, os seus mortos, pois, assim como hoje, num cemiterio ou numa igreja, se observão tumulos ricos e pobres, pequenos e grandiosos, humildes e artisticamente trabalhados, tambem em Alcalar poderia ter succedido o mesmo, e pertencerem todos aquelles tumulos a um unico povo e a uma unica epocha: mas tal razão não basta, porque, se aquella diversidade de fórmas e de processos architectonicos dependesse só da maior ou menor riqueza dos constructores, sendo contemporaneos os monumentos uns dos outros, devia notar-se a mesma diversidade noutras estações portuguesas, onde necessariamente havia tambem ricos e pobres: ao pé de antas mesquinhas, esperar-se-hia admirar mausoleus primorosos. Como, a julgar do que actualmente se conhece da archeologia portuguesa, esse facto não se dá, é que Alcalar

constitue grande excepção; é que alli existirão condições especiaes, — quero dizer, a estação durou muito, e recebeu o influxo de civilização ou civilizações mais adeantadas que as que dominárão noutras regiões portuguesas.

8. Monumentos de transição entre os precedentes e as cistas

O Algarve, como provincia carinhosamente estudada pelo benemerito Estacio da Veiga, que não se poupou a

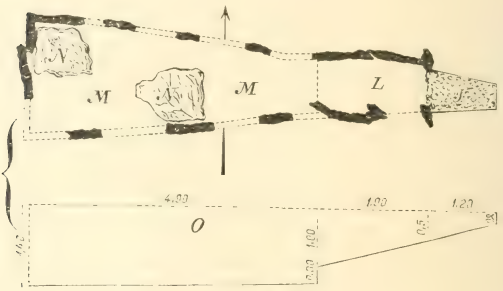


Fig. 68

esforços nem a cuidados para conhecer a archeologia da sua terra natal, offerece realmente muitas variedades de fórmas sepulcraes prehistoricas. Não admira, por tanto, que eu recorra mais uma vez ás *Antiguidades monumentaes do Algarve,* colhendo lá o assumpto d'este paragrapho.

No sítio da Nora e do Sêrro do Castello encontrou Estacio da Veiga duas sepulturas, cuja configuração differe da das precedentes, como se vê das respectivas plantas que dou-nas figs. 68 e 69[1], e se aproxima da das cistas. Tem fórma trapezoidal.

[1] Extrahidas das *Antiguidades do Algarve*, I, est. XII; IV, est. XVI.

1. O monumento da Nora foi formado por excavação, e dividido em tres partes distinctas (atrio, corredor médio, crypta); o perimetro da construcção foi guarnecido de *menhires,* medindo os da crypta $1^{m},40$ de altura, a qual vae deminuindo até os da galeria, que estão reduzidos á altura de $0^{m},50$. A extensão total interna do monumento é de 8 metros, e a maxima largura, tomada no fundo da crypta é de $1^{m},90$[1]. O pavimento estava ainda calçado de pedra miuda, facto que já observámos noutros monumentos funerarios descritos a cima.

Fig. 69

Nelle apparecêrão ossos humanos, e objectos de industria neolithica.

2. Do monumento do Sêrro do Castello diz Estacio: «foi coberto, com a crypta ainda revestida de grandes e toscas lages de schisto, medindo de comprimento $1^{m},40$ e de largura $1^{m},10$. O corredor ainda conserva algumas lages, formando-lhe os flancos, mas perdeu uma parte da sua extensão primitiva»[2]. O actual comprimento interno do monumento é de $2^{m},20$.

Este monumento tinha sido despejado; todavia Estacio encontrou lá ainda alguns fragmentos de ossos humanos, um pedaço de faca de silex e varios restos de louça igual á de todos os dolmens neolithicos.

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, pags. 249–250.

[2] *Ibid.,* I, p. 292.

*

Estacio da Veiga chama a ambos estes monumentos «dolmens cobertos de *tumulos*». Com quanto o sejão, e haja, pelo menos entre o primeiro e os que descrevi no § 4 (Monge e Arrife), alguma semelhança, todavia, a julgar da planta, a configuração externa é mais parecida com a das «cistas», e por isso constituí com a descripção d'elles um paragrapho de transição.

9. Cistas (e antellas)

Em archeologia prehistorica emprega-se a palavra inglesa *cist* para significar um tumulo que consiste numa caixa quadrangular, fechada pelos seus quatro lados por pedras, e com tampa tambem de pedra. Estacio da Veiga e o Sr. Santos Rocha traduzem esta palavra por *cisto*[1]. Os franceses dizem no mesmo sentido *ciste*. Como a origem das duas fórmas é o latim *cista*, que por seu turno vem do grego κίστη[2], entendo que em portuguêS devemos dizer *cista*, do genero feminino, e não *cisto*, do genero masculino, embora em inglês *cist* seja neutro[3]. Vem pois *cista* a ser fórma parallela de *cesta*, que tem o mesmo etymo, divergindo apenas uma da outra, em aquella ser

---

[1] *Antiguidades do Algarve*, e *Antiguidades da Figueira*, passim.

[2] Cfr. W. Skeat, *A concise etymological dictionary*, 1887, p. 78.

[3] Effectivamente não ha motivo nenhum para dizer *cisto* com *-o*. Se é para aportuguesar o francês, isso não póde ser, por que *ciste* em francês é palavra feminina. Se é para aportuguesar o inglês, isso tambem não póde ser, porque o meio de a aportuguesar seria juntar *-e*, do mesmo modo que, para aportuguesar o inglês *bowl* e *piss-pot*, se diz em portuguêS *bule* e *bispote*: e ha muitas outras palavras portuguesas do genero masculino acabadas em *-e*. Mas, como a palavra é originariamente feminina, grego κίστη, o meio natural de a aportuguesar é dar-lhe a fórma *cista*.

de origem litteraria, e por tanto moderna, e esta de origem popular, e por tanto antiga. O haver em português *cesto,* a par de *cesta,* não é razão para se dizer *cisto,* porque *cesto* pertence a outra categoria lexicologica.

Nas *Antiguidades do concelho da Figueira,* vol. II, p. 49, descreve o Sr. Santos Rocha uma *cista,* que, comquanto não manifestasse objecto algum de arte ou industria, pertencerá, segundo o A., á epocha neolithica[1]. Esta *cista* formava uma camara rectangular de 0^{m},75 de comprimento, de 0^{m},52 de largura e de 0^{m},64 de altura, com uma tampa de 1 metro de comprimento e 0^{m},90 de largura; «os intersticios das lages estavam tapados com algumas lascas de pedra, e o pavimento da camara era formado pelo solo natural»[2]. Nesta sepultura encontrárão-se ossadas pertencentes a dois individuos, um adulto e outro adolescente; o tamanho da caixa faz crer que o corpo do adulto foi sepultado de cócoras[3], costume que se observou noutras regiões, nos tempos prehistoricos.

Na epocha do metal as *cistas* tornão-se um typo muito frequente de sepulturas. «Originariamente pertencentes á ultima idade da pedra, passaram a ser usadas durante a idade do bronze (e *do cobre*), e ainda na primeira idade do ferro, em todo o territorio do Algarve»[4].

As *cistas* que o Sr. Santos Rocha tem observado no concelho da Figueira não são (diz-m'o elle em carta particular) cobertas de mamoinhas; pelo menos nada as revelou: estão simplesmente enterradas no solo natural.

O Sr. Martins Sarmento nos seus estudos sobre archeologia prehistorica refere-se a uma classe de monumentos, que denomina *antellas,* que parece se aproximão das *cistas,* mas que, como as antas, são cobertos de mamôas, embora

---

[1] *Loc. laud.,* pags. 51 e 76.

[2] *Ibid.,* pags. 49 e 50.

[3] *Ibid.,* p. 85.

[4] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 94, nota. No vol. IV d'esta obra refere-se particularmente ás cistas do periodo do cobre.

geralmente mais baixas[1]. «Eu chamo *antella,* diz elle, uma simples caixa formada de pedras, mettidas de cutello. Outras pedras postas de través serviâo-lhe de tampa. Esta caixa póde ser de maiores ou menores dimensões; mas, como a sua altura não é grande, a mamôa que as cobria tinha tambem pequena elevação. A maior antella que tenho visto é a da Casa da Moura, em Villa-Chã, concelho de Barcellos: a sua altura é de 2 metros, comprimento 3m,35, largura 1m,5, mas a maioria das que examinei tanto ahi, como noutras partes, não chega á metade d'estas dimensões»[2]. Nas *antellas* tem o Sr. Sarmento encontrado instrumentos de pedra[3]: a par, segundo refere, de alguns instrumentos metallicos[4], — o que mostra que a civilização que estes ultimos representão se ia a pouco e pouco sobrepondo á dos primeiros.

Muitos archeologos considerão as *cistas* como antas em ponto pequeno[5]; mas, alem da falta de galeria, ha uma differença capital: a entrada para ellas era por cima, ao passo que a entrada para as antas era pela frente[6].

---

[1] Que *antella* é nome antigo e de certa generalidade vê-se do onomastico: a *Chorographia do reino de Portugal* de J. Maria Baptista offerece uma Antella e duas Antellas. O Sr. Sarmento, nos seus escritos, cita tambem sitios com o nome de Antella (vid. especialmente um artigo seu in *O Pantheon,* 1880, p. 21). — É Antella um deminutivo de *anta,* como Palmella o é de *palma,* Agrella de *agra,* Covella de *cova,* etc. — Da palavra *antela* no onomastico da Galliza fallei a cima p. 25, nota.

[2] In *Revista de Guimarães,* v, 113 e nota.

[3] In *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* III, 68.

[4] In *Revista de Guimarães,* v, 113. Cfr. tambem o que digo a cima, p. 71–72.

[5] Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques,* p. 213.

[6] No *Boletim da Associação dos Architectos e Archeologos,* II, 177, descreve-se um tumulo apparecido na Tapada da Ajuda (Lisboa), o qual parece se aproxima das *antellas* do Sr. Sarmento; mas da descripção não posso determinar rigorosamente a que epocha elle pertencia.

Provavelmente um estudo mais circumstanciado d'este assumpto levará á conclusão de que *antellas* e *cistas* são uma e a mesma cousa.

10. Sepulturas diversas

Alem dos monumentos indicados, talvez no nosso país haja ainda outros, que devessem ser mencionados e descriptos neste lugar; mas, na classe de monumentos bem definidos, não conheço mais nenhum.

A proposito citarei aqui alguns factos, que necessitão de ser opportunamente esclarecidos após novos descobrimentos archeologicos.

1. Antinhas. «Com o nome de *antinhas,* escreve o Sr. Martins Sarmento, são conhecidas, desde Belmonte até Idanha-a-Velha, algumas construcções, que não sabemos classificar, por não podermos fazer d'ellas uma perfeita ideia. São antas? São antellas? Forcejámos inutilmente por apurar se estas construcções tinham um dos lados abertos. A resposta insistente é que são *uma especie de poço.* Sendo antas, falta-lhes em todas a mesa. Umas são redondas; outras quadrilongas. As redondas compõem-se de sete e oito pedras, que tem de altura, umas 3 outras 4 metros e mais. Estão descobertas; mas é para notar que outro nome com que são designadas é o de *madorras,* que em muitas partes é synonimo de *mamôa.* Algumas occupam o cimo dos outeiros, como a do Torrão (Idanha-a-Velha), que fica no alto do *Cabeço dos Mouros;* outras acham-se em planicies. Nomearam-nos, alem das do Cabeço dos Mouros, uma em Belmonte, perto do Zezere; tres na Ribeira da Meimôa; uma perto da quinta do Ortigal; uma no Arundinho, perto de Unhaes; tres na ladeira dos Vinte. Tem sido encontradas dentro d'ellas *cunhas que medem de comprido 20 a 25 centimetros, e 8 a 10 de largo, e estas tem a côr preta, e parecem de pedra* (machadinhas, sem dúvida). Demais d'isso, apparecem tambem *costelletas como de porco, mas dispersas, e tem a côr de café escuro; são*

rijissimas, e, feridas com fusil, ferem lume, como se fossem pederneiras (facas de silex, parece)»[1].

Tambem nada tenho que accrescentar á informação referida; mas mal se póde duvidar que se trate de monumentos da epocha neolithica. Se, como suspeito, esses monumentos forem antas, achamos pois entre *antinhas* e *antas* a mesma relação grammatical que entre *mamoinhas* e *mamôas*, isto é, dois nomes, um na sua fórma plena, outro na sua fórma deminutiva, para significarem a mesma cousa, facto nada estranho na vida da linguagem, pois, por exemplo, á palavra portuguesa *sol*, do latim sol, corresponde a palavra *soleil*, do deminutivo latino soliculus.

O onomastico tambem offerece a fórma Antinha[2].

2. Mamoellas. As *mamoellas*, termo usado no concelho de Esposende, são mamôas que cobrem «um monumento *sui generis*, composto de duas pedras semelhantes a esteios em posição vertical, e cuja base pousa numa especie de pia. Sepulturas d'este genero são vulgares nos arredores de Esposende, segundo parece»[3].

11. Questões correlativas

Tratarei neste paragrapho alguns assumptos que, por se referirem a mais de uma classe de monumentos, não forão tratados nos paragraphos precedentes.

a) Modo de deposição dos restos funerarios nos sepulcros

Parece ser facto averiguado noutros países que os cadaveres nos tempos prehistoricos erão muitas vezes depositados de cocoras nos sepulcros.

---

[1] In *Relatorio* da expedição da Sociedade de Geographia de Lisboa á Serra da Estrella, por F. Martins Sarmento, p. 23.

[2] Na *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, III, 64, diz o Sr. Martins Sarmento: «Em Esposende são conhecidos os nomes d'*antas* e d'*antinhas*. Ignoro porém a differença que se marca entre umas e outras». Mas trata-se de nomes communs ou de nomes proprios?

[3] Martins Sarmento, in *Revista de sc. natur. e soc.*, III, 64.

Á cêrca do nosso país não ha ainda factos positivos, ha apenas presumpções. Já a cima (Alcalar n.º 2) citei umas palavras de Estacio da Veiga. Fallando das sepulturas da Torre dos Frades, diz o mesmo A.: «O systema de enterramento em tão apertado espaço, tendo sido o da inhumação, só póde conceber-se que tivesse podido effeituar-se com os cadaveres dobrados pelas articulações dos femures e encostados em torno do espaço excavado..... em que achei os cranios, ou então que os enterramentos se fizeram em *cistos,* passando-se depois os ossos para aquelle deposito»[1]. O sr. Santos Rocha, em virtude de considerações que faz, suppõe tambem que na *cista* da Asseiceira se enterraria um cadaver de cocoras[2]. Costumes parecidos se observão nos povos selvagens. Quando morre um Cafre, diz Fr. João dos Santos, «fazem-lhe a cova dentro no mato, onde o metem *quasi assentado*»[3]. Na Lunda os mortos enterrão-se tambem sentados, mas com a cabeça e os joelhos de fóra da cova[4]. Para explicar a inhumação de cocoras, que se observa nos tumulos prehistoricos, tem sido enunciadas várias hypotheses, algumas porém, como creio, pueris. A mim parece-me que a posição do cadaver de cocoras ou sentado é uma posição de commodidade para quem, segundo as crenças reinantes, tinha de ir *viver* no outro mundo. Haveria nisto um rito funebre.

De compartimentos reservados em que se depunhão em certos casos os restos mortuarios disserão se a cima, p. 299, algumas palavras.

O Sr. Santos Rocha observou que nas cistas da Asseiceira e no megalitho de Santo Amaro da Serra (concelho da Figueira) os cadaveres tinhão sido cobertos de areia ou de terra arenosa[5]; o mesmo facto foi notado pelo Sr. P.e

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* I, 282.

[2] *Antiguidades prehistoricas da Figueira,* II, 85; III, 169.

[3] *Ethiopia Oriental,* liv. I, cap. XV.

[4] Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda,* p. 513.

[5] *Antiguidades do concelho da Figueira,* III, 169.

Raphael Rodrigues em antas do Carrazedo do Alvão (concelho de Villa Pouca de Aguiar), como elle me disse.

Ao referir-me, a p. 294, á camada de pedra miuda que cobria o chão de várias sepulturas algarvias, prometti deixar para este lugar o occupar-me das pedras da mesma natureza que apparecem em alguns dolmens do Norte do Tejo. No dolmen de Montabrão (Bellas) encontrou Carlos Ribeiro grande quantidade de seixos de quartzite, calcareo e basalto, quasi todos de fórma ovoidal, de grandezas variaveis, desde o tamanho de uma amendoa até o de uma maçã grande; estes seixos, que mostrão ter sido colhidos nos leitos das ribeiras proximas, estavão, em parte misturados com a terra da camada superficial do dolmen, em parte constituindo um manto ou camada *que cobria alguns ossos humanos:* de tudo isso conclue aquelle illustre paleoethnologo que a preferencia dada aos seixos da ribeira sobre os fragmentos angulosos de calcareo e basalto, em que abunda o solo adjacente ao monumento, parece provar que as cerimonias funebres exigião o emprêgo de pedras sem arestas, isto é, de seixos rolados, não sendo pois taes seixos destinados a protegerem os restos mortaes alli sepultados, pois para isso bastarião os seixos da localidade, mas sim a significarem uma ideia ou preceito religioso, lançando na jazida cada um dos que assistia ao entêrro uma pedra arredondada[1]. O sr. Santos Rocha, que tambem tem encontrado cascalho dentro das sepulturas neolithicas do concelho da Figueira, pende igualmente para a hypothese da significação religiosa, suppondo que poderia esse facto comparar-se com o costume que hoje ainda existe em Portugal de os assistentes lançarem um punhado de terra na sepultura no acto da inhumação do cadaver[2]. Pela minha parte tenho encontrado em alguns dolmens seixos

[1] *Estudos prehistoricos*, II, 61. — Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 137–138.

[2] *Antiguidades prehistoricas da Figueira*, I, 38.

rolados pequenos, mas sem que d'isso me julgue auctorizado a tirar nenhuma deducção rigorosa. O que diz Carlos Ribeiro relaciona-se com a cerimonia de deitar uma pedra sobre um tumulo; as accumulações de pedra tinhão outr'ora entre nós o nome de *fieis de Deus* [1], conservando-se ainda esta phrase na toponymia.

---

[1] Vid. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 208 (onde juntei algumas notas), e tambem:

Tylor, *Civilisation primitive*, II, 149;

Reinach, in *Revue Archéologique*, XXI. 342–343;

Ratzel, *Las razas humanas*, I, 146 e 94;

Revue Archéologique, XXV, 104;

Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme, V, 410–411;

Museo de antigüedades españolas, VII. 228;

Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 174; e cfr. *Religions du Méxique*, pags. 228 e 242.

Cfr. Smith, *Diction. of greek and rom. antiq.*, s. v. *hermae*, p. 602; e Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, p. 514.

Clémence Royer filia os *fieis de Deus* no costume de cobrir o cadaver com ramagens e pedras, para o defender dos animaes ou mesmo para o aprisionar (in *Revue d'Anthropologie*, V, 444–445).

O seguinte costume dos povos da Lunda parece esclarecer este ponto:

«Todos os que passam por pé de uma sepultura, fazem-no com certo respeito, e é frequente quebrarem um tronco de um arbusto proximo, antes de se aproximarem, e lançam sobre ella o ramo, quando passam, batendo em seguida com a mão no pé do lado da sepultura. . . lançam o ramo para não serem perseguidos em sonhos pelo sepultado, e batem o pé, para que cáia toda a terra que pudessem trazer pertencente á sepultura, a qual poderia tirar-lhes a força para andarem d'ahi em deante» (Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, p. 515). Cfr. tambem Ratzel, *loc. laud.*

Assim, o facto de cada pessoa atirar com uma pedra para sobre uma campa, facto hoje sem sentido, e reduzido á classe de superstição, póde ter como origem a crença de que, procedendo d'esse modo, se detem a acção do espirito do defuncto,— explicação que está de harmonia com varios factos enunciados no decurso d'este livro. A mesma explicação se póde attribuir ao costume de lançar punhados de terra avulsos sobre um cadaver.

Convem saber se o enterramento nos dolmens se fazia a baixo do nivel do solo, servindo a camara apenas de embellezamento, corôa ou symbolo, ou se se fazia dentro da propria camara. No seu *Ensaio á cêrca dos dolmens* o barão de Bonstetten admitte os dois processos [1]. Com o primeiro processo póde comparar-se o que no seculo XVI se usava na Terra dos Sapes (Africa): «os reis se enterrão fóra da aldeia, ao longo da estrada; porque dizem que, como é pessoa real, e administrou justiça, se não ha de enterrar senão em logar público, onde todos o vejão; e fazem um modo de casa de palha, que se põe sobre a cova» [2]. Julgando pelo que tenho observado em Portugal, os enterramentos nos nossos dolmens não se fazião a baixo do nivel do solo, mas a cima. Logo que, na occasião da exploração, se chega ao ladrilho que reveste o fundo da camara, não se encontra mais nada, senão o chão firme; os objectos, e as ossadas quando as ha, apparecem sempre a cima do ladrilho, até certa altura, no meio da terra que enche o monumento. Da utilização da galeria como depósito funerario, fallei a cima (p. 285).

Com relação á deposição dos restos mortuarios na sepultura, era natural que, quando se tratasse dos proprios cadaveres, estes fossem envolvidos em pelles, depois de vestidos e paramentados com os seus collares, as suas joias e as suas armas; quando se tratava de simples ossuadas, já vimos, a p. 295, que, pelo menos num caso, ellas se collocavão em lages reservadas; quando se tratava das cinzas e ossos queimados, resultantes da prática do rito da incineração, uma anta de Villa-Pouca de Aguiar (vide p. 209) mostrou-nos que, embora igualmente num caso unico, esses restos erão tambem depositados sobre uma pedra muito especial; outras vezes as cinzas dos mortos serião depostas em vasos de barro.

---

[1] *Essai sur les dolmens,* Genève 1865, p. 23.

[2] A. Alvares de Almada, *Tratado dos rios da Guiné,* 1841, p. 77.

b) Ossuarios

Não ha dúvida que muitos dos monumentos sepulcraes, e especialmente os de grandes dimensões, como as grutas e as antas, acolhêrão no seu seio restos funerarios de mais de um individuo.

Este facto, combinado com outros, tem levado a admittir que taes monumentos, em vez de serem sempre apenas sepulturas propriamente ditas, crão sobretudo ossuarios [1]. O Sr. Cartailhac apresenta a este respeito bastantes considerações curiosas, e refere-se aos trabalhos de outros investigadores estrangeiros [2]. Quem primeiro enunciou aquella hypothese foi o sueco Bruzelius (1832) e o dinamarquês Boye (1863); posteriormente um italiano, o Sr. Pigorini (1880), desenvolveu-a e justificou-a, indicando a favor d'ella uma prova de pêso, qual é o apparecimento, em tumulos neolithicos, de craníos humanos com vestigio de haverem sido pintados [3].

Com relação ao nosso país já Carlos Ribeiro, nos seus *Estudos prehistoricos* [4], declarou ter-lhe vindo á lembrança a hypothese de que os individuos sepultados num dos dolmens de Bellas o tivessem sido primeiro noutro lugar, d'onde, só depois de consumidas as partes molles, os seus restos serião removidos para alli. Estacio da Veiga nas *Antiguidades monumentaes do Algarve* [5] falla tambem no mesmo sentido, ao tratar dos monumentos de Alcalar. Notem-se tambem os factos que citei a pags. 295 e 296.

---

[1] Cfr. o que fica escrito a cima, p. 62.

[2] Apud Cartailhac, *La France préhistorique*, cap. XVI.

Vid. tambem Alexandre Bertrand: *Archéologie celtique et gauloise*, 2.ª ed., p. 175, nota; e *La Gaule avant les Gaulois*, 2.ª ed., p. 146.

[3] Apud Cartailhac, *La France préhistorique*, cap. XVI.

Vid. tambem Alexandre Bertrand: *Archéologie celtique et gauloise*, 2.ª ed., p. 175, nota; e *La Gaule avant les Gaulois*, 2.ª ed., p. 146.

[4] Vol. II, 58.

[5] Vol. III, 140, 159 e 236.

A proposito da lapa neolithica das Coriscadas (Marco de Canaveses), escreve-me o Sr. Martins Sarmento em carta particular: «Dá-se por certo que appareceram nesta sepultura uns quatorze craniios, e alguns d'elles estiveram por muito tempo espetados em paus, junto de uma telheira, segundo me informou o dono d'esta. A gruta furada pela aba do penedo não tem capacidade para ter guardado quatorze cadaveres, d'onde se segue, sendo exacta a conta, que servia para guardar as ossadas, e provavelmente não de uma assentada». Só outros factos d'esta natureza, mas positivos, poderão elucidar a questão pelo que se refere ao nosso país.

A hypothese tem, como disse, numerosos factos a seu favor, colhidos na observação dos povos selvagens [1]; mas, como com razão pondera o Sr. Cartailhac, não a devemos «généraliser outre mesure» [2].

Na Beira-Alta (ao pé da Queiriga) encontrei um dolmen com a camara tão pequena, e com a galeria tão estreita, que, a não ser mero cenotaphio ou tumulo de criança, só poderia ter servido de ossuario ou de depósito de cinzas; mas não encontrei nelle nem cinzas, nem ossos.

c) Monumentos com um orificio na camara

Em alguns países, como a França, a Inglaterra, o Caucaso, a Syria, a India, tem-se encontrado dolmens com uma abertura numa das lages que constituem a camara [3];

---

[1] Vid. Cartailhac, *La France préhistorique*, cap. XVI.

[2] Id., *ibid.*, p. 302.

[3] Vid. sobre este ponto um artigo (com estampas) na *Archéologie celtique et gauloise* do Sr. Alexandre Bertrand, 2.ª ed., p. 175 sqq.; cfr. do mesmo auctor, *La Gaule avant les Gaulois*, p. 152.

Lubbock, no seu livro *O homem prehistorico*, trad. fr., 3.ª ed., p. 117, diz ter tambem encontrado numerosos dolmens providos de aberturas lateraes (circulares).

Á cêrca do Caucaso em especial, vide E. Chantre, *Recherches anthropologiques dans le Caucase*, I, 52 sqq.

uma vez appareceu mesmo num dolmen ainda a tampa que servia para fechar a abertura[1].

Qual a utilidade de tal buraco praticado na parede de um tumulo?

Eis a pergunta que naturalmente occorre, mas á qual não se póde responder ao certo.

Lubbock suppõe que a abertura sería para por ella se introduzirem offerendas destinadas aos mortos[2]; Bertrand considera-a como «destinée à mettre les morts en communication avec les vivants ou à donner passage aux esprits»[3].

Estas e semelhantes hypotheses podem justificar-se com factos que se observão nos povos incultos.

Conforme diz o P.e Pedro Tavares, que missionou na Africa no sec. XVII, os povos do Dongo «tinhão junto dos idolos o seu çemiterio a q̃ chamão Inibielas, cõ m^tas casinhas feitas de lagẽns, e hũs buracos, a modo de lousas, [por onde] metião o comer aos difuntos aly enterrados, segundo m^tas vezes em outras partes vy»[4].

Em Ratzel lê-se: «En algunos pueblos existe la creencia de que el alma volverá temporalmente al cuerpo que ha entrado en descomposicion, y a este objecto se deja en la tumba una abertura.....»[5].

Escreve tambem A. Réville: «Les Iroquois ..... ménageaient dans chaque tombe une petite ouverture par laquelle l'esprit du mort pouvait entrer ou sortir à sa guise»[6].

Cfr. alem d'isso o que se escreveu a cima, pags. 178 e 192, a proposito da *trepanação prehistorica*.

---

[1] Vid. *Archéologie celtique et gauloise*, de Alexandre Bertrand, p. 177.

[2] *Loc. laud.*

[3] *La Gaule avant les Gaulois*, p. 154.

[4] Ms. da Bibliotheca de Evora, citado por Lino de Assumpção n-*O Catholicismo da côrte ao sertão*, 1891, p. 182.

[5] *Las razas humanas* (trad. do allemão), Barcelona 1888, I, 24, col. 2.

[6] *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 252.

A cêrca dos Pelles-Vermelhas. *Ibid.*, p. 253.

Poisque, como creio, os dolmens erão todos cobertos por mamoas ou *tumuli,* a abertura, se servia para os vivos communicarem com os mortos, só devia ser praticada na lage da entrada; mas, se o seu fim era dar passagem mysteriosa aos espiritos, então ter-se-hia como meramente symbolica, e podia ser praticada em qualquer lage do monumento, ficando mesmo coberta de terra.

Tive de expôr os factos precedentes, porque em Portugal, na herdade da Candieira, falda occidental da Serra de Ossa (Alemtejo), existe um dolmen com uma abertura, ao qual o povo chama *A casa da Moira,* nome que, como vimos [1], é vulgar entre nós para designar dolmens.

Quem primeiro fallou d'este dolmen foi o Sr. Gabriel Pereira, em 1877, num artigo publicado no n.º 47 do *Universo Illustrado,* de Lisboa, e depois reproduzido num opusculo do mesmo A., intitulado *Notas de Archeologia,* Evora 1879, p. 26 sqq. Este artigo serviu de base a outras noticias que á cêrca do mesmo dolmen se publicárão no país e fóra, por exemplo:

no *Boletim de Archeologia* da Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses, 1878, n.º 6;

nos *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme,* 1878, pags. 361–363;

em *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* de E. Cartailhac, 1886, p. 171 sqq.;

nos *Baudenkmäler in Spanien und Portugal,* von C. Uhde, Berlin 1890, p. 3.

Na fig. 70 dou uma estampa d'elle [2].

---

[1] Pag. 289.

[2] Segundo um desenho feito do natural pelo Sr. Gabriel Pereira, que teve a bondade de m'o offerecer.

O Sr. Gabriel Pereira descreve assim o monumento:

«Seis grandes esteios estão ainda erguidos, assentando a mesa ou pedra superior em quatro d'elles; o setimo jaz tombado, e pela abertura que deixou patente se póde penetrar no dolmen. A altura d'este tumulo prehistorico é superior a dois metros; o espaço comprehendido pelas lages anda por 2 metros de comprido e 1^{m},5 de largo.

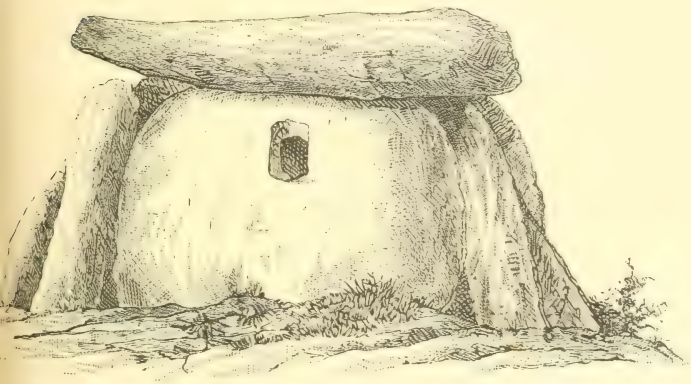


Fig. 70

As lages sâo de rocha schistosa, unica formação geologica d'aquelle solo ..... Um dos esteios porém d'esta anta é furado; a pouco mais de meia altura mostra-se um buraco visivelmente artificial, aberto com certa regularidade, e talvez com instrumento de pedra polida ou bronze; a abertura tem proximamente um palmo quadrado»[1].

Na 2.ª sessão do Congresso das Sciencias Anthropologicas em 1878, dizia o Sr. E. Cartailhac: «La découverte d'un dolmen avec un trou en Portugal est très-importante; c'est

[1] *Notas de Archeologia*, p. 27.

un lien de plus qui relie les tombes de ce pays avec les groupes des autres contrées. On sait que ce sont surtout les mégalithes de la Crimée, de la Palestine, de l'Inde, qui présentent le plus fréquemment cette particularité, fort intéressante par les questions qu'elle soulève et les hypothèses qu'elle a déjà provoquées»[1]. Nesta epocha o Sr. Cartailhac não tinha ainda visto o monumento.

Em 1886, porém, depois de haver estado *in loco*, e examinado o monumento, escreve elle: «..... la petite ouverture ménagée dans le support de l'ouest, en face l'entrée, ne m'a point paru ancienne, ou du moins aussi ancienne que *l'anta*. Elle a été probablement creusée avec un outil en métal et je ne serais pas éloigné de l'attribuer sinon à un ermite, du moins à quelque pâtre qui aurait jadis transformé ce tombeau en cabane vulgaire»[2]. O poder ter sido praticada com instrumento de metal a abertura não constitue razão sufficiente para se negar a antiguidade d'esta, pois o uso do metal começou a propagar-se ainda no periodo dos dolmens. Por tanto, embora as palavras do Sr. Cartailhac sejão dignas de reflexão, como para mim tambem tem pêso as do Sr. G. Pereira, e não se comprehende com que fim o eremita ou o pastor praticasse aquella abertura no dolmen, tanto mais que, como vimos, se conhecem lá fóra muitos igualmente providos de buracos d'esta natureza, não me parece improvavel que o buraco date dos tempos prehistoricos.

Uma objecção susceptivel de se apresentar contra a antiguidade do buraco é não se conhecer em Portugal senão um dolmen em taes condições: se estamos deante de um rito funebre, porque não existirão mais provas d'elle?

Em primeiro lugar: quem sabe se existem? Comquanto o número de dolmens descobertos no nosso país seja já muito consideravel, todavia o número total não é ainda

---

[1] *Matériaux pour l'histoire primitive*, 1878, p. 363.

[2] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 171.

conhecido, — e todos os dias estão a apparecer novos monumentos[1]. Em segundo lugar, como as rochas de granito e de calcareo, que constituem a materia prima da maioria dos dolmens, erão para os homens prehistoricos muito mais difficeis de trabalhar do que o schisto, de que é feito o da Candieira, talvez, como já tambem nota o Sr. Gabriel Pereira[2], nos dolmens construidos com aquellas rochas, em vez de abertura feita *ad hoc,* se utilizasse qualquer abertura deixada pelos intersticios das lages.

Poderá acaso comparar-se com este facto da abertura praticada nos dolmens o que mencionei a cima, p. 235, de terem tambem uma abertura ou claraboia as grutas artificiaes de Palmella.

d) Relação em que estavão entre si os diversos monumentos funebres

A theoria levará a suppor que os monumentos mencionados apparecêrão successivamente, na ordem em que a cima os descrevi[3].

Qual é o monumento mais natural? A gruta, que, depois de ter servido, ao que parece, exclusivamente de habitação no periodo paleolithico, passou a servir, ou só de sepultura, ou, ao mesmo tempo, de sepultura e de habitação, no periodo neolithico. Á gruta natural succederia a gruta artificial, e a esta, depois de algumas phases intermedias, o dolmen, com as suas fórmas derivadas (Alcalar) e o seu apparente deminutivo a cista.

Mas a theoria póde muitas vezes enganar-nos com a sua seductora simplicidade.

---

[1] Diz-me o Sr. Gabriel Pereira que lhe consta que no Alemtejo ha outro dolmen furado; mas dá-me esta notícia ainda com reserva.

[2] *Opusculo citado,* p. 30.

[3] Cfr tambem E. Cartailhac, *La France préhistorique,* p. 199, onde expõe ideias do Sr. G. de Mortillet.

Sem dúvida, a civilização do longo periodo neolithico no nosso país não é uniforme: já a pags. 38-39 e 61 lembrei a este proposito alguns factos. Os monumentos alcaralenses, pela sua parte, como se disse a p. 305, manifestão tambem certo progresso em comparação com todos os mais do mesmo genero, que por ora se conhecem em Portugal. As cistas e as antellas, apesar de conterem ás vezes mobiliario analogo ao das antas, differem d'estas no tamanho, na solidez e na fórma, o que, attenta a correspondencia que para os povos antigos havia entre a concepção da morte e a natureza da sepultura, talvez traduza taes ou quaes variedades dentro do mesmo quadro de civilização, o que parece confirmar-se com o facto de, como se disse, as cistas (e antellas) apparecerem muito frequentemente na epocha do metal.

No emtanto, se a diversidade das fórmas sepulcraes podia em varios casos depender da sobreposição de novos povos, ou de novas correntes civilizadoras, podia muitas vezes depender das mais variadas circumstancias, quaes erão o solo, que nuns casos continha grutas utilizaveis, noutros casos não continha, nuns ministrava boa rocha para dolmens, noutros não ministrava, — e o grau de riqueza ou de pobreza, de supremacia ou de miseria, dos habitantes, segundo o qual se preferiria, dentro de certos typos, uma sepultura a outra.

e) Situação dos monumentos funebres

Orientação. — Local. — Cemiterios

1. Quanto á orientação dos nossos dolmens, o Sr. Cartailhac considera-a como variavel[1]. O Sr. Santos Rocha, encontrou com a entrada voltada para o Nascente a maioria dos megalithos que até hoje tem explorado no concelho da Figueira[2]. Outros investigadores tem tambem encon-

[1] Cfr. *Les âges préhistoriques*, p. 346 (indice).

[2] *Antiguidades do concelho da Figueira*, III, 174.

trado numerosos dolmens com a abertura voltada para o Nascente; este facto observa-se sobretudo nos dolmens de Trás-os-Montes[1], nos do valle do Ancora[2] e nos que explorei na Beira-Alta: e é natural que, vista a frequencia do facto, haja aqui intenção, que mal poderá deixar de ser mysteriosa, ou, para melhor dizer, religiosa, pois que o sol (como a lua) desempenhava grande funcção na vida affectiva do homem antigo, tanto nas crenças, como nos costumes (vid. p. 103 sqq.).

Noutros países tem-se tambem observado que, se em muitos dolmens é variavel a orientação, outros muitos se acham voltados para o Nascente[3]. Nas proprias sepulturas dos selvagens de Africa ha ás vezes certa orientação[4].

2. Fallando dos monumentos prehistoricos que existem na serra da Boa-Viagem, cuja extremidade occidental constitue o Cabo Mondego, diz o Sr. Santos Rocha que todos os que elle ahi explorou se encôntrão no cimo da serra, e propõe como explicação d'esse facto várias hypotheses, umas de ordem physica, outras de ordem ethnographica[5].

No districto de Lisboa ha tambem monumentos funebres situados em alturas: por exemplo, na serra de Sintra.

Junto de Carrazedo do Alvão (Villa-Pouca-de-Aguiar), num descampado da serra, ha uma necropole neolithica (fig. 71), em que existem ainda hoje bastantes antas; a uns hectometros de distancia d'ella ergue se abruptamente um monte, em cujo topo, chamado «Alto da Caturina»[6], sobresae um grande monumento funerario, igualmente neo-

---

[1] Vid. artigos dos Srs. P.es Raphael Rodrigues, José Tavares e José Brenha in *O Archeologo Português*, I, 36 e 109, e in *A Vida Moderna* (jornal portuense), n.os 20, 26, 28, 35 e 39.

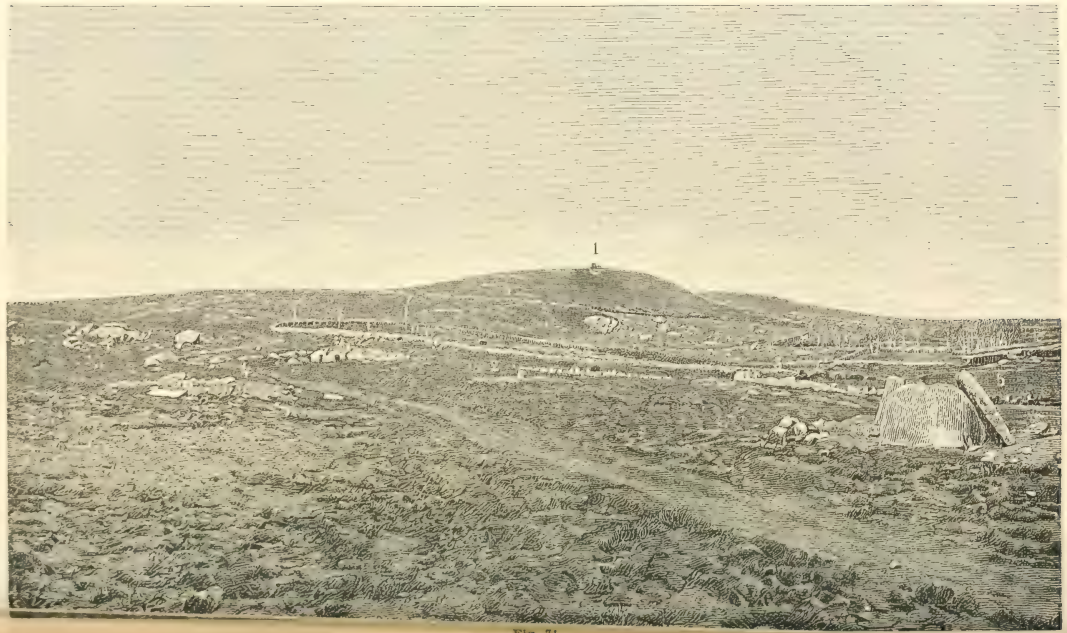
[2] Vid. um artigo do Sr. F. M. Sarmento in *O Pantheon*, p. 4.

[3] Cfr. Nadaillac, *Les premiers hommes*, I, 343.

[4] Vid. Ratzel, *Las razas humanas*, I, 94 e 146 (*bis*) e 632.

[5] *Antiguidades do concelho da Figueira*, I, 36.

[6] Outras fórmas vulgares d'este nome são *Cuatrina* e *Catrina*, que de certo vem de *Catherina*.—Vid. na fig. 71 o n.º 1.


1

lithico[1], composto de dolmen e mamôa. Assim como na vida se estabelecem distincções e graus, quer entre as sociedades, quer entre os individuos, assim tambem na morte. Nem mesmo depois que cahiu no tumulo, o homem se resigna a considerar-se igual ao servo que morreu como elle. Talvez o monumento do Alto da Caturina seja um testemunho de grandeza e de soberba[2]. Deante d'aquelle mausoleu, que, separado de todos os outros, e a elles sabranceiro, domina vasta amplitude de horizonte, poderá pensar-se que elle era talvez de reis, que ainda mesmo na sua quietude e immobilidade sepulcraes,

Inculcão majestade, inspirão medo![3]

Mas, se ha varios monumentos funerarios no alto de montes, quantos não ha em baixas, em planicies, em valles? E por ventura só os dos altos pertencerião a potentados, se é que pertencião?

No Alemtejo tenho visto várias antas, no meio de campos, erguidas em monticulos ou pequenas elevações do terreno. A escolha de taes locaes foi certamente propositada.

3. Se muitos monumentos funebres se áchão insulados, ou pelo menos o estão hoje, grande número de vezes fórmão agrupamentos e constituem necropoles.

A p. 62 citei os agrupamentos das antas do Alto-Minho, do concelho de Castello-de-Vide, do concelho de Avís, e dos arredores de Evora; as antas das vizinhanças de Bellas estão tambem proximas umas das outras; o campo mortuario de Alcalar, no Algarve, é principalmente digno

---

[1] O Sr. Dr. Henrique Botelho, de Villa-Real, encontrou ahi varios objectos de pedra.

[2] Cfr. tambem o que a respeito de um monumento que está nas mesmas condições diz Santos Rocha nas *Antiguid. da Figueira*, III, 168, e a respeito da Oceania diz Ratzel, *Las razas humanas*, I, 633.

[3] P.e José Agostinho de Macedo. *O Oriente*, V, 42.

de attenção, pela importancia e variedade de seus tumulos, e differença de suas epochas, como notei a cima, p. 305. No concelho de Villa Pouca de Aguiar ha, conhecidas, umas cincoenta e tantas antas, distribuidas por grupos, como «Coitada», «Chã Doirada», «Casas dos Moiros», «Alto do Monte Minheu», «Frieiro», «Fundo das Arcas». Visitei um d'estes grupos, o «Fundo das Arcas», ao pé de Carrazedo do Alvão; consta de dez antas (com mamôas), proximas umas das outras: duas estavão contiguas, outras distavão entre si, por exemplo, 21, 23, 24 e 28 metros, — do que resulta que se trata de um perfeito cemiterio neolithico [1].

As grutas e lapas que explorei no «castello de Pragança», no Cadaval, pódem considerar-se igualmente como representando um cemiterio em que os habitantes do «castello» ou castro depositavão os seus mortos. Em Liceia succederia tambem o mesmo: vid. supra, p. 50.

Estes dois exemplos, de Pragança e de Liceia, mostrão-nos a relação dos cemiterios com as povoações. O Sr. Martins Sarmento por mais de uma vez tem insistido em que os *tumuli* que se encôntrão perto dos castros erão as últimas moradas dos habitantes d'estas estações [2]. Nas abas do castro da Senhora-do-Castello, em Mangualde, havia d'antes tambem uma anta, que foi destruida. Quando pois se descobrirem monumentos funerarios prehistoricos, torna-se necessario buscar os locaes das povoações a que elles pertencião: ás vezes já não se descobrirá nada, mas

---

[1] Não encontrei perto d'estas antas vestigios archeologicos que attestassem a existencia da povoação a que ellas pertencião; é provavel porém que a vizinha aldeia de Carrazedo do Alvão seja a representante actual d'aquella povoação prehistorica. — Nas antas do «Fundo das Arcas» não apparecêrão objectos de metal: só apparecêrão objectos de pedra. Ellas forão exploradas pelos Srs. P.es Raphael Rodrigues e José Brenha: eu tambem ahi encontrei alguns objectos. Cfr. *O Archeologo Português*, I. 350.

[2] Vid. por exemplo o seu artigo in *O Pantheon*, p. 4.

outras vezes descobrir-se-hão ruinas, ou mesmo povoações modernas que representem as antigas. Os tumulos ou cemiterios que por ora se tem estudado estão quasi sempre situados fóra das muralhas dos castros, pelo menos fóra da primeira linha de muralhas, a partir do centro, se ha mais de uma[1]. Todavia não se póde considerar este facto como absoluto[2].

Os dolmens da Galliza, diz o Sr. Maciñeira, «están emplazados indistintamento en todas partes del terreno, formando algunas veces importantes necrópolis»[3]. Villa-Amil falla de grupos de tres *mámoas,* sendo maior a do centro, e separada das outras hectometro e meio[4]; mas talvez esta disposição seja accidental, e não geral.

Quando tem chegado até nós um cemiterio prehistorico constituido por monumentos megalithicos cobertos de terra, impressiona-nos immediatamente, ainda agora, com as ondulações do solo produzidas aqui e alem pelas mamôas. Nos tempos prehistoricos estas ondulações erão muito maiores, formavão enormes saliencias ou monticulos; mas a acção atmospherica e os homens tem-nas esboroado, a ponto de ás vezes ellas poderem confundir-se hoje com as elevações naturaes do solo. As pequenas distâncias que as mamoas deixavão entre si não permittião que entre ellas houvesse, quando os havia, senão os espaços necessarios para se passar na occasião dos enterros ou das romarias funebres. Se o panorama, observado á luz do dia, punha nos animos terror, que tetricas lembranças não evocava de noite! O luar, incidindo obliquamente no campo mortuario, fazia que aquelles pinaculos de terra, dentro dos

---

[1] Cfr. Martins Sarmento in *Revista de Guimarães,* II, 198.

[2] Nos castros de Fuente Vermeja e Lugarico Viejo (Hespanha) a piedade para com os mortos leva a fazer as sepulturas dentro das aldeias, junto das casas. H. & L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le sud est de l'Espagne,* p. 83 : cfr. tambem p. 95.

[3] In *La Ilustración Artística,* XIV, 126.

[4] In *Museo español de antigüedades,* VII, 227.

quaes havião sido amortalhadas tantas almas, se cobrissem de sombras, e, tomando aos olhos das pessoas credulas e timoratas, que os contemplavão, aspectos e proporções de phantasmas, parecessem encarnações dos proprios defunctos. Das alturas vizinhas acorrião de vez em quando, no sossêgo nocturno, os povos a maravilharem-se com o estranho espectaculo. No ar esvoaçavão, piando, as corujas agourentas, que são as aves favoritas das trevas, e as sentinellas dos tumulos. Os ventos contorcião-se nas ramagens das arvores, em gemidos e psalmódias, segredando mysterios do Outro-Mundo, porque para todos os povos a noite e a morte se apresentão acompanhadas do mesmo cortejo de medos.

Um dolmen, uma cista, uma gruta funeraria erão outros tantos locaes sagrados, em que o homem prehistorico depositava os restos dos seus mortos; comprehende-se por conseguinte com quanto recolhimento se não penetraria nos territorios que a piedade e o respeito tinhão destinado para serem *cidades dos mortos*. Por occasião de guerras nossas com os gentios da Guiné, conta um jornal contemporaneo: «Batidos os rebeldes em Bandim, foram perseguidos pela companhia de marinha até ao *Amargoso* e *Chão do Enterramento,* onde debandaram por completo. O Amargoso constitue o terreno sagrado, e é ahi que se refugiam os Papeis e Grumetes quando são perseguidos, visto que as crenças gentilicas dizem que os brancos não podem ahi caminhar, por lhes tremerem as pernas»[1]. Nas grandes villas e nas cidades os cemiterios geralmente parecem jardins alindados, que até com frequencia servem de passeios; mas nas aldeias não é assim: um cemiterio considera-se como um recinto povoado de medos, onde tarde da noite se vêem errar phantasmas, ou se ouvem gemidos de afflicção e dor; aqui e alem, á cabeceira das campas rasas e humildes, surge uma cruz de pedra, ou de

[1] *O Seculo*, n.º 4481, de 15 de Julho de 1894.

madeira preta, provocando a commiseração pelos mortos; a cada passo avulta a terrivel legenda *pulvis es et in pulverem reverteris;* ninguem passa deante do portal sem se descobrir e rezar; e, se é noite velha, poucos tem coragem de se aproximar sózinhos do cemiterio. No Minho, como na Italia, os cemiterios chamão-se *campos santos*. Tudo isto prova o caracter sobrenatural da «mansão da morte», e a veneração e pavor que esta ideia desperta no coração do povo rude.

Quando hoje succede isto, que não succederia na *epocha da pedra,* em que os cemiterios não constituião meros lugares de repouso eterno, mas propriamente moradas dos mortos?

Compenetremo-nos dos sentimentos dos homens que vivião nas idades prehistoricas, e não será tambem sem certa emoção que contemplaremos, por exemplo, a abandonada campina de Alcalar, ou o descampado das Arcas de Carrazedo, onde antigos povos do Algarve e de Trás-os-Montes confiárão á guarda da terra, em monumentos relativamente portentosos, alli lançando-se mão dos recursos de uma arte já bastante apurada, aqui acceitando-se os materiaes de construcção ainda pouco mais ou menos como a natureza os offerecia, os restos mortuarios, as cinzas, as ossadas, dos que havião para sempre deixado o mundo!

C) Offerendas aos mortos

Em virtude do modo como muitos povos concebem a alma e o destino d'ella *post obitum,* concepção a que me referi a p. 198 sqq., é costume vulgarissimo, sobretudo nos paises de civilização inferior, depositar nas sepulturas objectos de uso domestico, alimentos, idolos, amuletos, armas, dinheiro, etc., e sacrificar victimas humanas e animaes aos mortos, a fim de que lhes não falte no Outro-Mundo o necesssario para lá poderem *viver*.

Aqui dou alguns exemplos, colhidos em differentes obras.

«Un Tasmanien à qui l'on demandait pourquoi une lance était dans la tombe d'un indigène, répondit: — Pour s'en servir au combat, quand il est endormi»[1]. A mesma ideia tem os Groenlandeses[2]. Os Peruvianos davão como razão dos sacrificios que fazião aos mortos o terem-nos visto em sonhos a passearem com os objectos, pessoas, e animaes depositados nas sepulturas com elles[3]. Os Negros de Africa enterrão com o morto alimentos, bebidas, armas, utensilios, na crença de que tudo isto lhe poderá servir na *futura existencia*[4]. Os Cafres, no tempo de Fr. João dos Santos (sec. XVI), enterravão com o morto os arcos, as frechas, as azagaias e mais armas que possuião, e bem assim milho, arroz, feijões e outros legumes; «poem-lhe sobre a cova o leito em que dormia, a tripeça em que se assentava»[5]. Na Lunda (Africa) cozinha-se comida na vespera do entêrro, á noite, e esta comida vae juntamente com o defunto para a sepultura[6]. Os Patagões collocão ao pé dos cadaveres armas e joias[7]. Os Payaguas da America, que crêem na vida futura, collocão nas sepulturas armas e vestuarios[8]. Varios povos da America enterrão com o morto, para o servirem, os inimigos, as esposas, os escravos, os cães, os cavallos, e ao mesmo tempo vestuarios, armas, comestiveis, louças[9]; se se trata de molheres, enterra-se com ellas a roca e os utensilios culinarios[10]. Na Australia tambem se entérrão as armas com o defuncto[11]. No tempo de Marco Polo os Mongoes conservavão insepultos os cadaveres du-

---

[1] Tylor, *La civilisation primitive*, I, 566.
[2] Id., *ibid.*, I, 566-567.
[3] Id., *ibid.*, I, 567.
[4] Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 68.
[5] *Ethiopia Oriental*, II, cap. XXIII.
[6] Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, 1890, p. 514.
[7] Tylor, *La civilisation primitive*, I, 548.
[8] Id., *ibid.*, I, 483.
[9] A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 354 e 386.
[10] Id., *ibid.*, I, 403.
[11] Id., *ibid.*, II, 155.

rante seis meses, offerecendo-lhes de comer cada dia[1]. Os Bujagós (Guiné Portuguesa) fazem os enterramentos no fundo de grandes carneiros, semelhantes a cisternas, e ahi introduzem viandas e utensilios caseiros[2]. «En algunos pueblos existe la creencia de que el alma volverá temporalmente al cuerpo que ha entrado en descomposicion, y á este objecto ..... se depositan, de cuando em cuando, junto al cadáver nuevos manjares y bebidas»[3]. Quando morre um Cafre, diz Fr. João dos Santos (sec. XVI), «fazem-lhe a cova dentro no mato, onde o metem quasi assentado, e junto d'elle poem ũa panella de agoa e um pouco de milho, o qual dizem que é para o defunto comer e beber naquelle caminho, que faz para a outra vida, e sem mais cerimonia o cobrem de terra, e sobre a cova lhe poem a esteira, ou o catre em que o levárão a enterrar»[4]. Em Sofala, nos «Mouros baços» (sec. XVI): «Enterrañ-se tambẽ nos matos como os Cafres, e dentro na cova lhe metem arroz, milho, manteiga, e agoa em algum vaso, e depois cobrem tudo de terra»[5]. De certos Negros de Africa diz Alvares de Almada (sec. XVI): «Offerecem a seus defuntos, em potes, ao longo d'aquellas covas (i. e., das sepulturas) vinho e leite e outros mantimentos; ..... e mette-se em cabeça a estes pobres que os mortos comem aquillo que lhes offerecem»[6]. Os Aztecas entérrão garrafas com agua para os mortos se refrescarem[7]. Fallando da antiguidade, diz Fustel de Coulanges: «..... on ne manquait jamais d'enterrer avec lui [com o cadaver] les objects

---

[1] Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, p. 84.

[2] M. M. de Barros, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1882, p. 715.

[3] Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), Barcelona 1888, t. I, p. 24, col. 2.

[4] *Ethiopia Oriental*, I, cap. XV.

[5] Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, I, cap. XIX.

[6] *Tratado breve dos rios da Guiné*, p. 23. Vid. tambem p. 43.

[7] Tylor, *La civilisation primitive*, I, 567. Outros exemplos na p. 568; e vid. tambem p. 575 (Borneo).

dont on supposait qu'il avait besoin, des vêtements, des vases, des armes. On répandait du vin sur sa tombe pour étancher sa soif; on y plaçait des aliments, pour apaiser sa faim. On égorgeait des chevaux et des esclaves, dans la pensée que ces êtres enfermés avec le mort le serviraient dans le tombeau, comme ils avaient fait pendant sa vie»[1].

Alem das comidas e bebidas que d'antes, em certos povos, se collocavão nos tumulos, realizavão-se tambem banquetes funebres junto d'estes, julgando-se que os mortos assistião a elles, e comião e bebião[2]. Uma das offerendas funebres muito vulgares outr'ora, e ainda mesmo actualmente nas camadas mais atrasadas das populações civilizadas, consiste em moedas para os mortos passarem a barca ou a ponte que conduz á eternidade (*dinheiro de Charonte*)[3].

Nas sepulturas collocão-se, como notei a cima, objectos de virtude sobrenatural para protegerem os mortos: «chez les Chinois et les Annamites, ... comme dans l'antiquité occidentale, on enterre avec les cadavres des amulettes pour protéger le *kouei* [i. e., a terceira alma do morto, aquella que desce ao tumulo] contre les mauvais génies»[4].

Na Maravia, «outr'ora, quando o chefe morria, fazião-se sacrificios humanos, recahindo a escolha das victimas nas

---

[1] *La Cité antique*, 8.ª ed., p. 9; e vid. tambem as respectivas notas.

[2] Citei alguns exemplos nas *Tradições populares de Portugal*, p. 242, nota.

Vid. mais:

Fustel de Coulanges, *La cité antique*, 1880, indice, s. v. *repas;*

Tylor, *La civilisation primitive*, II, 39 sqq.;

Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, pags. 119 e 180.

[3] Vid. a este propósito:

A. Maury, *La Magie et l'Astrologie*, 4.ª ed., p. 158;

Tylor, *La civilisation primitive*, I, 568 e 575;

Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, pags. 78 e 168.

De costumes portugueses fallarei adeante.

[4] Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 102. Á cêrca do *kouei* vid. a mesma obra, p. 10.

pessoas a quem elle mais amava em vida, e em guerreiros, os quaes erão enterrados com arco e frecha, para formarem o sequito que o devia acompanhar na grande viagem»[1]; como um régulo uma vez se oppusesse a que depois da sua morte os seus subditos fizessem isso, ameaçando-os de que voltaria transformado em leão, e os devoraria, pois a crença de que os grandes homens podem transformar-se em leões está muito arreigada, os povos não contrariárão a vontade do régulo, «e assim, para não deixar de se lhe pagar um último tributo á sua grandeza, foi sacrificado e enterrado com elle um cão preto que muito estimava»[2]. Na Guiné Portuguesa: «Os nossos pagãos considerão a terra como a última morada das almas, e os Fulupos e Bijagós acreditão na sua transmigração, e todos prestão um esmerado culto de dulia a seus manes com libações e sacrificios»[3]. Nos Ban-kumbi (Humbe, — Africa) immola-se um boi sobre a sepultura, que é regada de sangue; mas a carne come-se[4]. Nos Cafres existiu o costume, hoje parece que em decadencia, de immolar escravos e companheiros de armas perante o cadaver de um chefe, para continuarem a servi-lo no outro mundo[5]. Os Beafares (Guiné), «quando morre o rei, e o enterrão, matão e enterrão com elle alguns d'estes (criados), até o cavallo, e dizem que tem necessidade de levar tudo isto para que o sirvão na outra vida»[6]; comtudo, a vontade de acompanhar o defuncto não era grande, porque «tanto que o rei morre, ou está mal, fogem estes seus privados que

---

[1] Carlos Weise, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie x, p. 335.

[2] Id., *ibid.*, *ibid.*, *ibid.*

[3] M. M. de Barros, in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1882, p. 716.

[4] Capello & Ivens, *De Angola á Contra-Costa*, p. 223.

[5] Apud Réville, *Religions des peuples non-civilisés*, I, 138, nota 1.

[6] A. Alvares de Almada, *Tratado breve dos rios de Guiné*, (sec. XVI), Porto 1841, p. 58.

receião que os mandem com elle para o servirem»[1]. Este costume de sacrificios humanos nos Beafares não se praticava só com os reis, praticava-se tambem com os fidalgos de consideração, que levavão igualmente quem no outro mundo os servisse[2]. «Quande morre o *quiteve* [rei das terras de Sofala], tambem suas *molheres grandes* [i. e., rainhas] tem obrigação de morrer com elle pera o servirem, e viverem com elle no outro mundo,..... e, para comprimento d'esta ley tão deshumana, no mesmo ponto em que o Rey morre, tomão peçonha, que tem prestes pera isso, a que chamão *lucasse,* com que morrem»[3]. Quando o rei novo toma posse do reino de Sofala, manda chamar os grandes e senhores, «e nestas cortes é costume mandar matar alguns d'aquelles senhores que se ali ajuntão, dizendo que são necessarios pera irem servir ao rey defunto no outro mundo»[4]. No Manamotapa (Africa Oriental) e na China mata-se tambem a rainha e animaes, para o mesmo fim[5]. Os Indios Tlinkit (Alasca) offerecem comida aos mortos, e sacrificão-lhes escravos[6]. Dos Indios da America conta Fernandez de Oviedo: «quando algun caçique se moria, al tiempo que le enterraban, algunas de sus mugeres vivas le acompañaban de grado é se metian con él en la sepoltura»[7]. Os Esquimós depositão no tumulo de uma criança a cabeça de um cão, para que a alma d'este, que não se engana nunca no caminho, possa guiar a criancinha ao *país das almas*[8]. O ethnographo Tylor menciona neste sentido muitos costu-

---

[1] A. Alvares de Almada, *Tratado breve dos rios de Guiné,* p. 58.

[2] Id., *ibid., ibid.*

[3] Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental,* I, v (1.ª ed., de 1609).

[4] Id., *ibid.,* I, vii.

[5] Id., *ibid.,* II, xvi. — Á cêrca da China antiga vid. tambem Boüinais & Paulus, *Le culte des morts,* p. 102.

[6] In *Mélusine,* iii, col. 94.

[7] *Historia general y natural de las Indias,* Madrid 1851, t. i, p. 134, col. 1.

[8] Tylor, *La civilisation primitive,* i, 549.

mes a respeito da Africa [1], da America [2], da Asia [3], da Oceania [4] e da Europa antiga [5]. — Com o progresso da civilização, os sacrificios tornárão-se meramente symbolicos. No Japão, por exemplo, substituem-se aos homens e animaes imagens de pedra, de argilla, de madeira, que se collocão junto do cadaver [6]; no Caucaso ha tambem cerimonias symbolicas, andando em volta do tumulo a viuva e o cavallo do fallecido [7]; na Inglaterra o cavallo do soldado que morreu vae atrás d'elle, a acompanhá lo até á sepultura [8] (vestigio de quando o cavallo se enterrava). Na China, diz um auctor português do sec. XVI, «tem ho defunto oito ou quinze dias, nos quais vem de noite continuamente os sacerdotes de seus deoses a offerecer seus sacrificios e rezar suas envenções gentilicas; trazem ali muitos homens e molheres pintadas, e com muitas cerimonias os queimam; por derradeiro põe homens e molheres pintados em papel sobre cordas, e com muito rezar, e com moverem estas pinturas pollas cordas, e com grandes vozes e gritas, dizem que mandam ho defunto ao ceo» [9].

Muitas vezes os objectos que se offerecem aos mortos devem ser quebrados ou deformados. Na *Civilisation pri-*

---

[1] Tylor, *La civilisation primitive*, I, 532–537.

[2] Id., *ibid.*, I, 535–567.

[3] Id., *ibid.*, I, 538–550.

[4] Id., *ibid.*, I, 534.

[5] Id., *ibid.*, I, 540–551. A respeito da Europa antiga, vid. tambem Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 177 sqq; a respeito dos Celtas em particular vid. H. d'Arbois de Jubainville, *Études sur le droit celtique*, I, 7 e notas.

[6] Tylor, *ibid.*, I, 538–539.

[7] Id., *ibid.*, I, 539.

[8] Andrew Lang, *Custom and Myth*, p. 11.

[9] Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado em que se contém as cousas da China*, Lisboa 1829, p. 95. [A 1.ª ed. é de 1569].

Sobre costumes analogos vid. tambem Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, pags. 116–117; a p. 116, nota 3, citão aquelles AA. outros costumes symbolicos de diversos povos antigos.

tive, de Tylor[1], dão-se a este proposito abundantes indicações bibliographicas. Diz o mesmo A.: «Certains races sauvages supérieures, plus ou moins d'accord en cela avec d'autres races barbares, s'imaginent très réellement que les pierres, les bâtons, les armes, les bateaux, les aliments, les vêtements, les ornements, en un mot tout un ensemble d'objets que nous tenons pour inanimés, possèdent une âme ou un esprit qui s'en sépare et leur survit après qu'ils ont été détruits»[2]. Por isso, na India brahmanica, atira-se á pyra funeraria o arco de guerra quebrado[3]; nos funeraes dos Garos quebrão-se os vasos antes de serem lançados no tumulo com as cinzas, e «les Garos assurent que ces vases ne serviraient pas à l'esprit de la jeune fille s'ils n'étaient pas cassés, et que leurs fragments se réunissent à son intention»[4]; no Archipelago Indico offerecem-se aos mortos, alem de escravos, armas, objectos preciosos, vestuarios, etc., mas tudo despedaçado[5]; foi por isso talvez que em sepulturas proto-historicas de Alcacer-do-Sal se encontrárão armas de ferro com as laminas torcidas[6]. Em um tumulo belgo-romano de Tirlemont, do sec. I ou II da era christã, apparecêrão varios objectos quebrados de propósito, os quaes revelão igualmente a existencia de um rito funebre[7]. Pelo mesmo motivo se podem queimar os objectos do morto e depositar nas sepulturas as cinzas; é d'este modo que deverão explicar-se os costumes seguintes: «Quant au mobilier pour la vie future (chez les Chinois et les Annamites) c'est celui de la *maison funéraire* brulée

---

[1] Tomo I, 562–563, notas. Cfr. tambem Goblet d'Alviella *L'idée de Dieu,* p. 107–108.

[2] Tylor, *ob. cit.,* I, 554; vid. tambem 558–559.

[3] Id., *ibid.,* I, 541,

[4] Apud eundem, *ibid.,* 562, nota.

[5] In *Mélusine,* III, 122–123.

[6] Cfr. *O Archeologo Português,* I, 78; e cfr. tambem este livro supra, p. 298.

[7] Vide o que a este respeito se diz in *Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles,* IX, 448–449.

sur le tombeau»[1]; na occasião da morte dos Cafres queimavão-se as casas com os moveis que continhão, porque era impureza possuir objectos que pertencêrão a mortos, e «a cinza da casa que se queimou, com alguns pedaços de paos, que se não acabárão de queimar, tudo junto lhe põem sobre a cova»[2]. Dizem tambem Boüinais & Paulus: «Les Asiatiques orientaux, comme autrefois les Grecs et les Romains, brûlent les offrandes destinées aux morts, sauf la nourriture»[3]. Assim, em resumo: crê-se que os objectos tem almas, e que estas, pela destruição ou deformação dos objectos a que pertencem, se separão d'elles, e vão juntar-se ás almas dos defuntos, no *outro mundo*, para as servirem.

As offerendas aos mortos tem tambem não raramente por fim apaziguar as almas dos mortos ou os deuses da morte[4]. Nos Gambos: «trazem provisões para junto dos tumulos, onde são collocados para apaziguarem os mortos»[5]. Os selvagens africanos pênsão que os mortos desejão attrahir a si os vivos, e que, quando não se cuida dos mortos, se está exposto á vingança d'estes[6]. Nos Indigenas do Brasil: «L'immolation des prisonniers de guerre est en réalité un sacrifice humain, puisqu'elle a lieu pour apaiser les esprits des membres de la tribu qui ont succombé dans les combats»[7]. Na America Central: «.... *Yuncemil*, seigneur de la mort, qu'on apaisait par des offrandes alimentaires»[8].

---

[1] Boüinais & Paulus, *Le culte des morts*, p. 102. Á cêrca da *casinha funeraria*, vid. a mesma obra, p. 8, e tambem o nosso Fr. Gaspar da Cruz, *Tratado da China* (ed. de 1829), p. 95.

[2] Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, II, cap. XXIII.

[3] *Le culte des morts*, p. 119.

[4] Cfr. o que escrevi supra, p. 101. E vid. principalmente Tylor, *La civilisation primitive*, II, 36 sqq.

[5] Capello & Ivens, *De Angola á Contra-Costa*, p. 195.

[6] A. Réville, *Les religions des peuples non-civilisés*, I, 71.

[7] Id., *ibid.*, I, 379.

[8] A. Réville, *Les religions du Mexique, de l'Amérique centrale et du Pérou*, p. 228.

*

O methodo ethnographico permitte que se interpretem da mesma maneira os objectos que se encôntrão nas sepulturas prehistoricas, — antas, grutas, cistas, etc. Todos esses objectos erão pois offerendas funebres.

Indicar aqui o que tem apparecido nos monumentos de Portugal, quasi equivaleria a fazer um inventario da prehistoria portuguesa, porque a maior parte do que sabemos da vida dos nossos primitivos antepassados baseia-se no estudo e anályse dos mobiliarios das sepulturas. Se não fosse a crença na vida futura, em virtude da qual se collocava junto do morto tudo aquillo de que se suppunha que elle precisava no *outro mundo,* estariamos hoje privados de importantissimas notícias.

O guerreiro e o caçador erão sepultados com as suas armas de pedra, lanças, settas, facas, punhaes, para poderem continuar nas regiões da morte as batalhas sanguinolentas e as caçadas ferozes; os pacificos camponeses dormião o último somno, tendo á mão alfaias, machados, martellos, enxós, goivas, enxadas; todos, emfim, repousavão ao lado das suas louças e das suas comidas, com as suas vestes, e providos das insignias que os nobilitavão no mundo, das joias que os tornavão vistosos e alegres, dos amuletos que os defendião do mal, fosse elle qual fosse.

Sem dúvida, em algumas estações funerarias não se acha nada, ou porque o tempo e os homens destruírão o que a piedade alli tinha posto, ou porque os mortos erão tão pobres, que não puderão levar comsigo objecto algum, ou ainda por outros motivos; no emtanto, ordinariamente acha-se qualquer cousa, e até não poucas vezes em grande quantidade.

Postoque o que se enterrava consistia em cousas de valor, a piedade e superstição primeiro, o esquecimento depois, forão a causa de terem chegado até nós tantas preciosidades archeologicas. Quem visita os mortos e toca

no alimento d'elles não volta á vida, crêem os povos da Nova-Zelandia[1]; os objectos tocados pelo morto ficão manchados, diz Fr. João dos Santos, fallando da Ethiopia[2]; no nosso proprio povo se cuida que a candeia que alumia os mortos não deve alumiar os vivos, e por isso se inutiliza o azeite que cresce de ter alumiado um cadaver[3]. Quem ousaria pois subtrahir aos mortos o que lhes pertencia, e que o amor, o respeito ou o medo tinhão posto ao pé d'elles, dentro dos tumulos, para seu uso?

Entre os diversos objectos desenterrados dos sepulcros neolithicos, ha uns que são, por assim dizer, vulgares, pois apparecem em toda a parte, por exemplo machados, facas, settas, louças; ha outros que são mais raros, e limitados por ora ao Centro e ao Sul do país, como as placas ornamentadas; ha outros que são especiaes a certas regiões ou a certos monumentos. Da primeira classe escuso de fallar aqui em particular, porque tenho fallado já algumas vezes no decurso d'este livro, e porque basta abrir qualquer obra de prehistoria, para encontrar numerosos desenhos ou descripções dos exemplares que lhe pertencem; da segunda classe formei a pags. 155–166 uma secção; é pois só á terceira que devo referir-me agora, mencionando alguns objectos extremamente curiosos.

Em Trás-os-Montes, na Serra do Alvão, ha grande quantidade de antas, que forão excavadas pelos Srs. P.es Raphael Rodrigues e José Brenha[4]. Numa d'estas antas encontrárão os referidos ecclesiasticos uma notavel serie de figuras de pedra, que não tem nada que se lhes pareça no que por ora se conhece na nossa prehistoria. Algumas d'estas figuras são humanas; outras representão animaes;

---

[1] Tylor, *La civilisation primitive*, II, 68, nota.

[2] *Ethiopia oriental*, I, cap. XV; II, cap. XXIII.

[3] Por exemplo na Beira-Alta.

[4] Ambos publicárão a respeito d'ellas artigos na *Vida Moderna* (jornal portuense), 1895; o primeiro publicou tambem artigos no vol. I d-*O Archeologo Português*.

outras representão objectos diversos. Tenciono fazer d'ellas noutro lugar um estudo circumstanciado; e por tanto limito-me aqui a dar em tamanho natural a estampa de uma (fig. 72), que parece representar um gato; o illustre naturalista e meu amigo, o Sr. Albert Girard, a quem consultei sobre a significação de algumas d'estas figuras, tambem se inclina a que seja um gato, porque, diz elle, o gato «é o unico animal que no nosso país dispõe os membros, quando

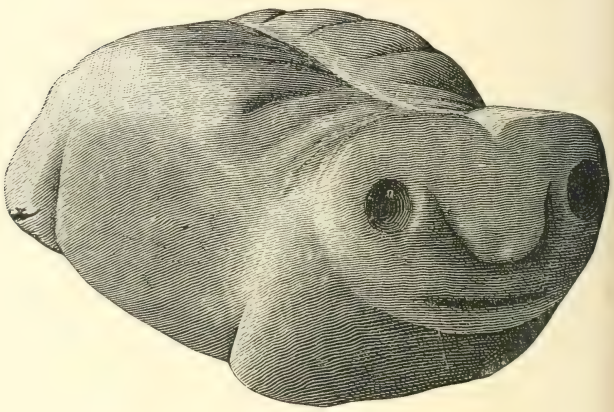


Fig. 72

deitado, como a pedra os representa». Outras figuras parece representarem, uma um cão ou um gato, outra um sapo ou uma rã, outra um cão; outra talvez represente um porco, com um dente muito sahido. Ás vezes cada pedra representa ao mesmo tempo mais de uma figura. Estes objectos são importantissimos, já por constituirem uma das poucas representações zoomorphicas da nossa arte neolithica[1], já pela sua significação religiosa, pois,

[1] Vid. o que escrevi a cima, p. 163 e nota.

quanto a mim, representâo idolos ou feitiços, depositados junto dos mortos, para os protegerem, como os amuletos de que tratei a p. 111 sqq. Não será sem interesse notar que, assim como na classe dos amuletos feitos de dentes achámos dentes de animaes dos generos *Sus, Felis* e *Canis*, tambem aqui achámos, ao que parece, figuras de porco, de gato e de cão[1]. Todos estes animaes, como os outros representados pelas restantes pedras, terião pois certo caracter religioso. Em antas vizinhas, na mesma Serra do Alvão, apparecêrão tambem objectos que podem ser considerados como amuletos; uma pedra de que fallo adeante, p. 359, e cujo caracter religioso me parece igualmente claro, pertence ainda á referida região.

Na anta da Cunha-Baixa (Mangualde), a que me referi a cima, p. 271, encontrei um objecto de granito, com a conformação indicada na figura 73: o objecto tem de comprimento $1^{m},20$ e de maior largura $0^{m},20$, apresentando ao longo uma serie de sulcos feitos com toda a regularidade; estava deitado á entrada da camara. Não me parece facil determinar precisamente o uso d'este objecto. Nunca vi outro igual, comquanto tenha encontrado dentro das antas pedras mais ou menos compridas e irregulares, que talvez lá não fossem postas sem especial intuito[2]. Num livro do sr. Joly[3] vem o desenho de um objecto que represento na fig. 74, o qual não deixa de ter

---

[1] Estas figuras são comparaveis, creio eu, ás que apparecêrão em França na epocha magdalenense (epocha quaternaria): cfr. G. de Mortillet, *Le Préhistorique*, 1885, p. 413. Perrot & Chipiez, na *Hist. de l'art dans l'antiquité*, II, 355, fallão de figuras achadas em tumulos chaldaicos e egypcios, mas dão d'ellas outra explicação differente da que me parece se deve dar das do tumulo trasmontano. Ainda á cêrca de figuras achadas em tumulos antigos vid. *The Academy*, de 21 de Setembro de 1895, p. 231. — Num tumulo bavaro da epocha de Halstatt encontrárão-se ossadas de javali, que era um animal sagrado: vid. J. Naue, in *Revue Archéologique*, 1895, p. 44.

[2] Cfr. supra, p. 302.

[3] *L'homme avant les métaux*, Paris 1879.

alguma parecença com o de cima, embora talvez seja muito menor, e de outra substancia[1]: o A. denomina-o

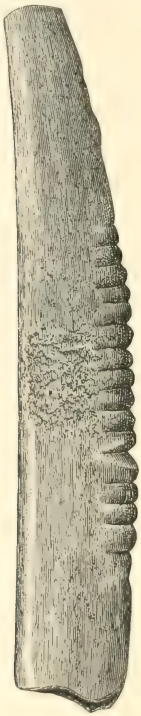


Fig. 73

Fig. 74

registre de comptes. Inclino-me a crer que o objecto da Cunha-Baixa representa um tropheu, designando os sulcos

[1] Vid. *obra cit.*, p. 214. O Sr. Joly, segundo o pessimo costume de certos AA., não nota d'onde extrahiu a figura, dizendo apenas vagamente *d'après Broca;* por isso não posso consultar a fonte, e saber até que ponto será fundada a comparação que faço no texto.

um número qualquer (de victórias, de caçadas, etc.): neste caso poderia comparar-se tambem, quanto ao uso, com os chamados *bâtons de commandement,* que o sr. Salomon Reinach considera exactamente como tropheus de caça[1]. A hypothese que apresento é confirmada por um costume dos Bongos (Africa): «cuando fallece uno de sus valientes guerreros, sus amigos levantan sobre su tumba un montón de piedras, lo cercan con una pequeña valla de tosca madera *y clavan sobre él un tronco de árbol redondo y lleno de cortes transversales que, al parecer, indican el número de enemigos muertos por el difunto*»[2]. A differença entre o costume da Africa e o nosso está em alli ficar o tropheu sobre a sepultura, e na Cunha-Baixa ter apparecido o objecto dentro do tumulo; todavia isto depende de uma concepção secundaria: o facto mais importante está na semelhança da fórma dos objectos.

Neste ponto de fallar dos objectos industriaes collocados nas sepulturas, devo lembrar que, se se torna crivel, de accôrdo com os factos que citei a p. 337, que algumas vezes os deteriorassem, quebrassem ou queimassem, outras vezes, e muitissimas até, depositavão-nos inteiros, ora já usados, ora perfeitamente novos, sem uso nenhum ainda, como hoje mesmo se faz. A civilização neolithica não era uniforme; por isso que admira que numas localidades houvesse uns costumes, e noutras costumes differentes?

Não consistião só em objectos industriaes as offerendas feitas aos mortos. Tanto nas grutas, como nas sepulturas de pedra, se tem encontrado com mais ou menos frequencia ossos de animaes. Fallando dos alimentos usados pelos habitantes neolithicos da região da Figueira-da-Foz, diz o sr. Santos Rocha: «O coelho devia ser um dos mais abundantes e talvez dos mais apreciados, visto que é d'este animal que temos maior número de vestigios, e que era

---

[1] Vid. *Antiquités nationales,* I, 234.

[2] Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), I. 319.

offerecido aos mortos conjunctamente com as armas e instrumentos mais bem acabados. Nas grutas da Cezareda e da Furninha tambem se encontraram numerosissimos ossos da mesma especie animal; o que parece indicar que esse alimento foi muito usado no nosso territorio pelos primitivos habitantes» [1]. Alem dos restos do genero *Lepus,* apparecem restos de muitos outros, *Ursus, Cervus, Sus, Bos, Ovis,* etc., e variadas conchas. A respeito da Furninha (Peniche) nota o sr. Nery Delgado um facto curioso: «on n'a pas rencontré de restes de poissons dans cette grotte, sauf dans le corridor d'entrée où ils se trouvaient d'ailleurs en très petite quantité, à peine 3 vertèbres et un fragment de maxillaire, peut-être appartenant tous à une seule espèce, et même à un seul individu. Cette tribu troglodyte ne connaissait-elle pas l'industrie de la pêche? Cela ne paraît pas vraisemblable, puisqu'elle vivait au bord de la mer, où l'on voit aujourd'hui pulluler les poissons» [2]. Os povos que sepultárão os seus mortos na gruta da Furninha, vivendo, como acaba de se dizer, á beira-mar, é mais que provavel que tivessem o culto das aguas: talvez no facto de não utilizarem, como parece, os peixes para a alimentação, se manifestasse alguma superstição, por exemplo, a veneração pelos peixes. Hoje mesmo alguns pescadores da nossa costa maritima não pescão em dia de S. Pedro, pois que este santo, segundo a crença, foi pescador, e é por isso advogado dos homens do mar, desempenhando assim algumas das funcções de Neptuno. A minha hypothese justifica-se ainda com outro facto: as conchas de molluscos marinhos encontradas na referida gruta da Furninha representão, segundo o sr. Nery Delgado, uma parte insignificantissima

---

[1] *Antiguidades do concelho da Figueira,* 1, 34. — Á cêrca da Furninha, vid. Nery Delgado in *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, pags. 223 e 239; á cêrca da Cezareda vid. o mesmo A., *Noticia das grutas,* p. 38.

[2] In *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 226.

da alimentação, «si leur introduction dans la grotte n'a pas plutôt une autre signification ethnographique» [1]: effectivamente, já a p. 146 sqq. vimos a importancia ethnographica das conchas, consideradas como amuletos. Por tanto os habitantes d'aquella região não comerião os animaes maritimos, ou pelo menos alguns d'elles, certamente por os terem por cousas sagradas [2]. — Podia succeder que não só se depositassem junto dos cadaveres e dos esqueletos as comidas que aos espiritos dos mortos havião de ser-

---

[1] In *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, p. 223.

[2] São conhecidos na ethnographia geral muitos factos analogos, ou de semelhante natureza.

Fallando dos Beafares (Africa) diz A. Alvares d'Almada (sec. xvi): «Ha nesta terra humas aves grandes que se querem parecer com perús, mas não se encrespão como elles, nem lhes cae a crista a baixo; são como as femeas. Por leis do reino não se podem matar, nem ninguem as mata, porque ha grandes penas postas sobre isso. Tem por erronia aquella nação em dizerem que são estas aves as almas dos seus antepassados [*totemismo*]. Não ha negro nenhum que lhes faça nojo» (*Tratado dos rios da Guiné*, ed. 1841, p. 61). Aves que para os Beafares erão tão veneraveis, não o erão para os Portugueses: «Os nossos, achando-as em lugares escusos, onde não sejão vistos, as matão e as comem» (*Ob. cit.*, p. 61).

Outra superstição dos Beafares refere o mesmo A.: «E, alem d'esta, não consentem matar as aves que pousão nas arvores que tem á porta, ao longo de suas casas, sem licença de seus donos, porque dizem que são seus hospedes, a quem se não póde fazer mal» (*Loc. laud.*, p. 61). Esta superstição parece-se com as que correm em Portugal á cêrca das andorinhas: vid. *Tradições populares de Portugal*, § 287.

Ratzel, *Las razas humanas* (trad. do allemão), 1, Barcelona 1888, pags. 93, 147 e 192, refere-se á repugnancia que varios povos tem não só pelos peixes, mas por outros animaes.

Muitos podem ser os motivos que influão para que deixe de utilizar-se um animal para alimentação. Se os Mahometanos e Judeus, por preceito religioso, não comem toucinho, que tão apreciado é por outros povos, nós, por exemplo, não comemos, por nojo, carne de cavallo, que tanto consumo tem em França.

Os povos catholicos não comem carne em certos dias do anno.

vir na vida eterna, mas tambem se celebrassem *banquetes funebres*, analogos aos que mencionei a cima, p. 334[1].

De se encontrarem numa sepultura prehistorica ossadas de animaes não se deve logo porém concluir que estamos sempre deante de restos de comidas depositadas com os mortos, ou de banquetes funebres, porque ha pouco mostrei que são muito vulgares nos povos selvagens os sacrificios de animaes, podendo pois tambem tê-los havido nos tempos neolithicos, o que é de mais a mais extremamente provavel.

Do mesmo modo é possivel que muitas das ossadas humanas achadas nos sepulcros pertençâo a victimas immoladas em honra de pessoas notaveis ahi sepultadas, — prática de que dei a cima bastantes exemplos.

As offerendas depostas nas sepulturas fazem inferir que os povos neolithicos acreditavão na existencia postuma, e por tanto no animismo[2]: ideia que combina não só com o que deduzi no cap. II, á cêrca da necrolatria dos kjoekkenmoeddings, no cap. III, á cêrca das trepanações neolithicas e a cima, p. 279, á cêrca da solidez dos dolmens, mas com o que se sabe das concepções da vida formadas pelos selvagens e por outros povos incultos, ás quaes tambem me referi.

Esta ideia, no periodo neolithico, adquire porém maior desenvolvimento do que o que tinha nos periodos anteriores; pelo menos manifesta-se num culto regular e desenvolvido prestado aos mortos, culto que, a julgar dos vestigios que permanecêrão até hoje, consistia na consagração de tumulos especiaes, ás vezes bastante grandiosos, e em offertas, mas

---

[1] Cfr. tambem Santos Rocha, *Antiguidades do concelho da Figueira*, I, 38: todavia os factos ahi mencionados não são sufficientes para se admittir positivamente o costume em Portugal.

[2] Cfr. supra, p. 96.

que devia ter sido muito mais complexo, com quanto só theoricamente se pudesse esboçar por inteiro o ritual funereo. Se havia sacrificios, havia de haver sacerdotes, que recitarião fórmulas e procederião a evocações[1]. O entêrro constituiria um acto solemnissimo, em que o morto, deixando este mundo, partia para outro, munido, como se disse, de tudo aquillo de que lá poderia necessitar; mas, ainda que havia a convicção de que a alma não se anniquilava, pois se lhe davão alimentos e preparos para a vida futura, e se lhe erigia um tumulo solido e magnificente, que resistia aos seculos, e lhe prestava abrigo seguro, não seria comtudo sem compuncção que, enfeitados com seus ornatos e amuletos, contas verdes, pingentes, placas cobertas de debuxos, os amigos e parentes do morto o conduzião em pelles ou esteiras feitas de ramos de arvores[2], até á entrada da gruta ou da galeria dolmenica, onde o coveiro hirsuto, removendo a tampa da sepultura, appareceria deante dos olhos de todos como o interprete dos mysterios e das sombras da eternidade.

Comquanto o que acabo de dizer se baseie em certos factos, como se vê das notas, não vou mais longe na interpretação d'estas scenas da historia do passado, porque receio entrar no campo da phantasia.

*

Ou porque dos tempos prehistoricos ficárão muitos restos na tradição, que nos tempos posteriores se vivificárão e renovárão ao contacto dos costumes dos povos protohistoricos e historicos que dominárão na Lusitania, ou porque nesses

---

[1] Sobre a possibilidade da existencia de sacerdotes vid. tambem o que se disse a p. 187 sqq.

[2] Vid. sobre costumes d'estes: E Ignacio da Camara, *Relatorio* á cêrca dos povos de Timor (in *Diario do Governo* de 14 de Outubro de 1895, p. 2776); Ratzel, *Las razas humanas*, I, 154 (Betschuanos), I, 229 (Ovahereiros), e I, 355 (Bihé).

tempos posteriores muitos costumes surgirão cá pela primeira vez: o que é certo é que a moderna ethnographia portuguesa offerece ao estudo do investigador factos numerosos que não pertencem como proprios á civilização actual, e que pelo contrário derivão do passado, como o *dinheiro de Charonte,* o *comer sobre as sepulturas,* os *banquetes* em que se reserva um lugar para o morto, a crença na *apparição* dos espiritos, os *fieis de Deus,* etc.: o que tudo se estudará noutras partes d'esta obra[1].

V. Signaes insculpidos em pedras

Tanto em simples rochedo, como em monumentos claramente archeologicos, encontrão-se ás vezes insculpturas toscas ou signaes, que, pela sua singularidade, tem chamado a attenção dos estudiosos. São de duas especies principaes: cavidades e figuras. Umas e outras varião na fórma e dimensões. Já não se duvida hoje do caracter artificial d'estas insculpturas, attenta a regularidade com que em certos casos apparecem, e outras circumstancias ainda; no emtanto convem lembrar que varios rochedos offerecem á sua superficie cavidades naturaes, que olhos menos exercitados poderião confundir com as cavidades artificiaes.

As cavidades tem nomenclatura scientifica especial. Os Allemães chamão-lhes *Schalensteine* e *Näpfchensteine* (pedras em fórma de taça e de malguinha); os Ingleses *cupped stones* ou *cupstones* (idem); os Franceses *pierres à bassin* ou *à écuelles* (as maiores; podem ter $0^{m},5$ de diametro, mais ou menos), *pierres à cupules, à godets* ou *à fossettes* (as menores; podem ter $0^{m},03$ de diametro, menos ou mais). O sr. J. Sacaze distingue: 1) *pierres à bassin* ou *à écuelle* (no sentido indicado); 2) *pierres à cupules* ou *à godets* (idem); 3) *pierres à fossettes* (quando alongadas; podem ter de $0^{m},16$ a $0^{m},56$ de comprimento, e $0^{m},06$ de largura);

[1] Cfr. no emtanto as minhas *Tradições pop. de Portugal,* § 342.

fórma ainda uma 4.ª classe, *pierres à Y* (figura composta «soit de trois fossettes réunies, soit de trois simples lignes tracées sur la pierre»)[1]. No emtanto, do que tenho lido nos AA. franceses concluo que elles muitas vezes emprégão no mesmo sentido, indistinctamente, as expressões *écuelles, fossettes, godets, cupules*. Em português costuma adoptar-se a expressão *covinhas* para significar as cavidades menores; as maiores carecem de denominações, porque não tem ainda cá sido descritas. — Para as figuras não existe, supponho, nomenclatura propria na linguagem scientifica.

Entre outros muitos artigos, ou notas, dispersos pelos livros ou jornaes de archeologia, citarei aqui, para commodidade dos leitores, os seguintes trabalhos especiaes sobre o assumpto, de todos os quaes me utilizei mais ou menos:

— *Sur les sculptures des rochers de la Suède,* por Oscar Montelius, in *Compte-rendu* do congresso de anthropologia e archeologia prehistoricas de Estocolmo (sessão de 1874);

— *Sur les rochers sculptés découverts en Scanie,* por G. Bruzelius, *ibidem*;

— *Sculptures préhistoriques situées sur les bords des lacs de Merveilles* (Italie) por L. Clugnet, in *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme,* 1877, XII, 379 sqq., com estampas;

— *Les pierres à écuelles,* por E. Desor, — no mesmo jornal, 1878, XIII, 259 sqq., resumo de um opusculo de 43 paginas, in–12.°, com estampas, publicado na referida data (Vid. d'aquelle A. tambem as *Mélanges Scientifiques,* Paris 1789);

— *Observations on cup-shaped and other lapidarian sculptures in the Old World and in American,* por Ch. Rau, Washington 1881, 112 pag, com estampas (In «Contributions to North American Ethnology», vol. V);

---

[1] Vid. *Compte-rendu* do Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas celebrado em Paris em 1889, p. 615 sqq.

— *Les premiers hommes,* pelo Marquês de Nadaillac, I, Paris 1881, p. 277 sqq. (*pierres à écuelles*), p. 334, sqq. *(sculptures et ornementations).*

— *La France préhistorique,* por E. Cartailhac, Paris, 1889, cap. XIII *(Sculptures des cryptes et des grottes)* e cap. XVIII, com estampas;

— *Schalensteine,* por J. Mestorf, 5 pag., com estampas (extracto das *Mittheilungen des Anthropolog. Vereins in Schleswig-Holstein,* fasc. 7.°);

— *Les pierres à écuelles et à cupules,* por J. Lacaze, in *Compte-rendu* da sessão do Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica celebrada em Paris em 1889, p. 615 sqq.;

— *Les figures sculptées sur les monuments mégalithiques de France,* por A. de Mortillet, in *Revue mensuelle de l'École d'anthropologie,* IV, 1894, p. 273 sqq., com estampas.

— *Zwei neue vorhistorische Skulpturensteine auf den Hubelwängen, oberhalb Zermatt,* por B. Reber, in *Anzeig. für Schweizerische Altertumskunde,* XXIX, 74 sqq.

As *covinhas* existem em muitas regiões. Conhecem-se pelo menos na Suecia, Noruega, Grã-Bretanha, Allemanha, Austria, Suiça, França e Portugal, e alem d'isso na India e na America do Norte. As figuras conhecem-se tambem em muitas d'essas regiões e na Italia, e, segundo informações particulares que recebi, parece que tambem se conhecem na Hespanha.

Estas insculpturas encontrão-se, como disse, em simples rochedos, e em monumentos archeologicos, isto é, em menhires, cromlechs e dolmens. Na Suiça dominão nos rochedos duros, especialmente de granito e de gneiss, com quanto tambem as haja, embora em menos quantidade, nos rochedos de calcareo e de schisto [1]. Nos dolmens occupão ou as superficies externas, ou as superiores, ou as internas das lages.

---

[1] Desor, in *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme,* XIII, 263.

Na Suiça, por exemplo, «on a signalé six écuelles à l'intérieur de l'une des chambres des tumulus du mont Saint-Michel à Carnac»[1]. Na Dinamarca encontrão-se tambem dentro das camaras funerarias prehistoricas[2]. Fergusson cita uma camara sepulcral de Lough-Crew, em que algumas lages tem notaveis insculpturas (figuras)[3]. No referido artigo de Desor vem desenhado um dolmen da Grã-Bretanha com a cobertura semeada de covinhas[4]. Á cêrca da perfeição do trabalho das covinhas, diz Desor, fallando das da Suiça: «L'intérieur des écuelles n'est parfaitement lisse que dans les exemplaires bien conservés; mais même lorsqu'elles ont perdu leur régularité, on constate encore l'intention de les rendre aussi régulières et aussi propres que le permettaient la nature de la pierre et les instruments dont disposaient les sculpteurs primitifs»[5].

Das observações dos diversos investigadores resulta que as insculpturas de que se está fallando datárão já dos tempos neolithicos, o que não impede que as haja tambem do periodo do bronze[6]. «Des expériences, qui semblent décisives, exécutées au Musée des antiquités nationales, à Saint-Germain, ont montré que le coin de pierre était parfaitement capable d'opérer par écrasement ces sillons à la surface des granits. Le coin de bronze s'émousse au contraire et ne peut être utilisé dans ce but»[7].

---

[1] Desor, in *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme,* XIII, 263.

[2] Rau, *Observations on cup-shaped, etc.,* p. 26.

[3] Apud Bertrand, *La Gaule avant les gaulois,* 1891, p. 154.

[4] In *Matériaux, etc.,* XIII, 267.

[5] In *Matériaux, etc.,* XIII, 261.—Cfr. Rau, *Observations, etc.,* p. 16.

[6] Vid. Desor, in *Matériaux,* XIII, 275; J. Mestorf, *ib., ib.,* 277; Rau, *Observations on cup-shaped, etc.,* p. 22 sqq.; Mortillet, in *Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie,* IV, 281; etc., etc.

[7] Cartailhac, *La France préhistorique,* cap. XIII.

Cfr. tambem Clugnet in *Matériaux, etc.,* XII, 386; Desor, *ib.,* XIII, 266; Rau, *Observations on cup-shaped, etc.,* p. 82, nota; Nadaillac, *Les premiers hommes,* I, 335.

As covinhas estão muitas vezes disseminadas, sem ordem, á superficie das pedras, outras vezes agrupadas regularmente, em linha recta, em circulos, em quadrados; ora se achão separadas umas das outras, ora ligadas entre si por sulcos ou gotteiras; podem apresentar-se insuladamente, ou combinadas com outras insculpturas (circulos, espiraes, figuras várias), o que mostra a contemporaneidade d'essas diversas especies de signaes[1]. O número, quer das covinhas, quer das figuras, varia tambem com cada pedra.

Muitas theorias tem sido apresentadas para explicar o sentido primitivo das insculpturas neolithicas. Uns considerão as covinhas como meros ornatos, outros como receptaculos do sangue de victimas, como cartas geographicas ou astronomicas, como relogios de sol, como mesas de jogo; tudo o que á imaginação humana aprouve! Clugnet attribuia em 1877 as interessantes figuras esculpidas nas margens dos lagos da Italia á distracção dos pastores prehistoricos nas longas horas que a guarda dos rebanhos lhes deixava livres e ociosas[2]. No emtanto, basta reparar na connexão que frequentemente se nota entre as insculpturas e os monumentos archeologicos, na coexistencia d'ellas em diversos paises, e no facto de muitas vezes se acharem ou em rochedos extremamente rudes, ou dispostas em superficies verticaes, ou em lages que devião ficar occultas debaixo da terra, para excluir todas as hypotheses indicadas. Se fossem meros ornatos, não se farião em penedos irregulares, d'onde toda a belleza esthetica está ausente; se (as covinhas) fossem receptaculos de sangue, não as veriamos em superficies que tinham de ficar em posição vertical; se fossem mappas geographicos, taboas astronomicas, mesas de jogo, não se esconderião dentro dos tumu-

---

[1] Vid. os respectivos desenhos nos trabalhos citados no principio d'este capitulo. — Cfr. tambem Rau, *Observations, etc.*, p. 10.

[2] In *Matériaux, etc.*, XII, 385.

los; finalmente, se fossem entretenimentos vagos de gente que não tinha em que pensar, não as veriamos apparecer nas mesmas condições em tão afastados e differentes paises, a revelarem ideias que, se não erão perfeitamente identicas entre si, erão sem dúvida muito semelhantes[1]. Mas que ideias revelavão ellas então? Difficil se torna responder de modo preciso a esta, como a analogas questões. Muitos investigadores, attendendo ás condições em que as covinhas em grande parte se mostram, dentro de tumulos, ou perto d'elles, e ás tradições populares que ainda modernamente se lhes ligão, inclinão-se a crer que, senão todas, pelo menos algumas, continhão sentido religioso[2]. A mesma conclusão se deve tirar a respeito das figuras, pois que tão intimamente se relacionão com as covinhas.

Aqui cito algumas tradições populares. Na Suiça a «Pierre d'Ayer», que tem covinhas, chama-se *Pierre du Sauvage,* e o povo diz que se vêem ahi muitas vezes as Fadas[3]; perto de Schalberg un «bloc à écuelles» chama-se *Hexenstein,* isto é, *Penedo das Bruxas,* porque ahi se reunem as Bruxas em assembleia nocturna *(sabbat)*[4]; em Bienne ou Biel, tambem na Suiça, um «bloc à écuelles» chama-se *Kleiner Heidenstein,* isto é, *Penedinho dos Pagãos*[5].

---

[1] Cfr. tambem Desor, in *Matériaux, etc.,* XIII, 259 sqq.; Rau, *Observations, etc.,* p. 71 sqq. — «Si les écuelles se trouvent dans les mêmes conditions en Suisse, en Angleterre, en Scandinavie, dans les Pyrénées et en Allemagne; si elles y sont partout l'objet de superstitions et parfois d'une espèce de culte, il faut bien qu'il ait existé quelques relations, quelques liens entre les peuples qui ont sculpté ces signes mystérieux» (Desor, in *Matériaux, etc.,* XIII, 270).

[2] Vid. a tal proposito:

Tate e Simpson (apud Rau, *loc. laud.,* 78 e 82. Este não se decide, mas não é adverso á ideia religiosa).

J. Mestorf, *Schalensteine,* p. 1; e in *Matériaux, etc.,* XIII, 279.

Salomon Reinach, in *Revue Archéologique,* XXII, 46.

J. Sacaze, in *Compte-rendu* do Congresso de Paris, 1889, p. 620.

[3] *Matériaux pour l'histoire primitive, etc.,* II, 257 (Desor).

[4] *Ib., ib.,* p. 258 (Desor).

[5] *Ib.,* XIII, 263 (Desor).

Na Escandinavia ha um penedo com covinhas que tem o nome de *Penedo de Balder* ou *Bulder*[1]; muitos outros denominão se *Elfstenar* ou *Elfqvarnar,* isto é, *Penedo* ou *Moinho dos Elfos,* porque os Elfos habitão debaixo d'elles, e moem farinha nas covinhas[2]; um costume curioso consiste em untar as covinhas com gordura, e depositar nellas offerendas (flores, moedas, etc.), para obter a protecção dos seres mysteriosos que vivem sob os penedos[3]. Em alguns pontos da Allemanha as pedras com covinhas tem o nome de *Todtensteine,* isto é, *Penedos* ou *Pedras dos Mortos*[4]; nesse país «on se débarrassait de la fièvre et d'autres maladies en soufflant dans les cavités»[5]; numa pedra especial, com covinhas e figuras, chamada *Bischofstein,* isto é, *Pedra do Bispo,* na Prussia, buscava-se tambem a cura para diversos males[6]. Na França (Thoys) certo bloco erratico com covinhas chama-se *Boule de Gargantua;* o vulgo explica as covinhas, dizendo que resultárão das impressões dos dedos de Gargantua[7], gigante que naquelle país desempenha funcções analogas ás que entre nós, na imaginação popular, desempenhão os Moiros. Na India as molheres levão, nas suas peregrinações ás montanhas de Pendjab, água do Ganges para banharem os signaes (discos) esculpidos nas pedras, chamados *mahadeo*[8].

Ainda que do facto de a um monumento se attribuirem hoje lendas, ou significação religiosa, não se póde logo concluir que sempre assim fosse desde a origem d'elle, porque o povo a cada passo estabelece syncretismos, re-

---

[1] *Matériaux, etc.,* XIII, 268 (Desor).

[2] J. Mestorf, *Schalensteine,* p. 1. — Cfr. tambem *Matériaux, etc.,* XIII, 268 (Desor); e Nadaillac, *Les premiers hommes,* I, 279.

[3] Mestorf, *Schalensteine,* p. 1.

[4] *Matériaux, etc.,* XIII, 278 (Mestorf).

[5] *Matériaux, etc.,* XIII, 278 (Mestorf). — É um dos conhecidos meios supersticiosos de transferir as doenças.

[6] *Ib., ib., ib.* (id.).

[7] *Matériaux, etc.,* XIII, 284 (Falsan).

[8] *Ib.,* XIII, 271 (Desor).

vestindo uns monumentos das attribuições de outros: comtudo é muito provavel que no nosso caso as tradições populares sejão echo de vetustas crenças, porque não só taes tradições tem bastante generalidade, mas estão de accôrdo entre si, e com outras que ficárão de tempos immemoriaes, por exemplo as que se referem ás grutas, aos dolmens e aos machados de pedra polida. Sacaze chega mesmo a dizer das insculpturas: «faisant partie de monuments funéraires ou situées dans leur voisinage, peut-être ne sont-elles pas sans rapport avec le culte des morts»[1]; o mesmo nota Mestorf: «Wo sie, wie bei uns, in Grabhügeln oder auf den Decksteinen von Steingräbern vorkommen, scheinen sie auf einen Todtencultus hinzudeuten»[2]. O encontrar-se um symbolo religioso junto de um tumulo não basta para se admittir *ipso facto* que é exclusivamente funerario: assim a cruz christã, se se colloca nos cemiterios, a amparar com os seus braços as sombras dos mortos, adora-se ao mesmo tempo nas igrejas, como emblema do fundador do Christianismo, e ergue-se nos pontos de bifurcação dos caminhos, santificando velhos cultos pagãos; por isso as covinhas e as restantes insculpturas, comquanto verosimilmente sagradas, e sem dúvida em estreita connexão com a necrolatria prehistorica, podião ter significação religiosa mais lata, pois se observão tambem em locaes onde, pelo menos hoje, não se descobrem monumentos funebres contemporaneos d'ellas. Sustentão ainda alguns auctores que o culto ou veneração das covinhas era outr'ora tão vivaz, que foi preciso intervir a Igreja para o desarreigar, christianizando-o. Assim explica Mestorf que numa pedra, que existe na Prussia, chamada *Bischofstein* (pedra do bispo), de que já fallei a cima, se veja insculpida, entre muitas covinhas, uma cruz e um calice; e que noutra pedra,

---

[1] In *Compte-rendu* do Congresso de Paris (1889), p. 620.

[2] Isto é: «Quando, como entre nós, ellas se encôntrão nos *tumuli* (mamôas) ou nas lousas tumulares, parece que se relacionão com o culto dos mortos». *Schalensteine*, p. 5.

agora existente no museu de Kiel (Holstein), formem quatro covinhas, pela sua reunião, uma cruz[1]. O segundo facto não o julgo bastante concludente; a disposição crucial das covinhas póde nada ter de especial, por ser muito natural. O primeiro é mais importante; mas foi elle bem observado? Adeante citarei um caso português, analogo a este. Facto tambem digno de nota é o encontrarem-se covinhas nos muros de várias igrejas da Prussia e da Suecia[2], mostrando algumas haverem sido de fresco untadas com gordura[3], superstição a que ha pouco me referi.

Depois de ponderado quanto fica escrito, não deverá realmente duvidar-se do primitivo caracter sagrado das covinhas e insculpturas congeneres.

Pareceu-me conveniente fazer essas considerações geraes á cêrca das insculpturas prehistoricas, como introducção ao que vou agora expôr nos dominios da archeologia nacional, assumpto que, quando me occupei dos dolmens, disse (p. 276) que reservava para este lugar.

Como noutros paises, tambem temos em Portugal differentes especies de insculpturas, apparecidas em condições igualmente variadas. Primeiro reunirei os documentos comprovativos do que digo, estabelecendo comparações com os factos estrangeiros; depois, por fim, synthetizarei, num quadro, os caracteres das nossas insculpturas.

Num dolmen no lugar de Frieiro, concelho de Villa-Pouca-d'Aguiar (Tras-os-Montes), já com a tampa cahida e com a mamôa um tanto esboroada, mas não ainda devassado, appareceu uma lage em cuja superficie havia 32 covinhas. Eis a fórma da lage e a disposição das covinhas na fig. 75.

---

[1] In *Matériaux, etc.*, XIII, 278.

[2] *Ib., ib., ib.* — Cfr. tambem Rau, *Observations, etc.*, p. 87.

[3] *Matériaux, etc.*, XIII, 278 (Mestorf).

A pedra é de granito e muito dura: tem de comprimento 1^{m},10, de largura num dos lados 0^{m},84 e no outro 0,55. Achava-se collocada horizontalmente á entrada da camara, á altura da base dos esteios, a 1 metro de profundidade, assente no solo natural. A cova maior, que occupa quasi o centro, tem de diametro 0^{m},10; as outras covinhas tem differentes diametros, que varião, uns entre 0^{m},06 e 0,08, e os outros entre 0^{m},02 e 0^{m},04. Particularidade muito digna de nota: toda a superficie da pedra estava coberta de uma camada de cinza, misturada com ossos humanos mais ou menos

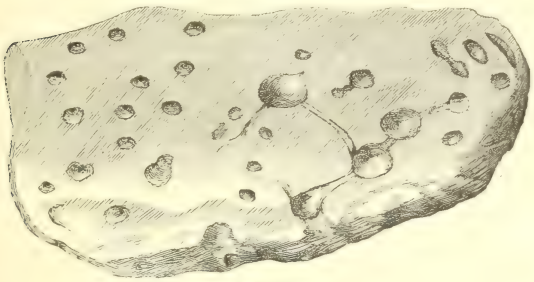


Fig. 75

carbonizados, e com terra,—o que tudo enchia tambem portanto as covinhas. O dolmen compõe-se de sete esteios, de uns 2 metros de altura. Póde attribuir-se ao periodo neolithico, porque nelle só apparecêrão instrumentos de pedra polida, como raspadeiras; com as raspadeiras apparecêrão amuletos[1]. Em nenhuma das antas d'esta região,

[1] Devo esta noticia ao Sr. P.^{e} José Brenha, que explorou o dolmen em companhia do Sr. P.^{e} Raphael Rodrigues. Cfr. tambem os artigos do último no jornal portuense *A Vida Moderna*, n.^{os} 28 e 30 (Março-Abril de 1895); mas n-*O Archeologo Português*, I, 349, diz que não appareceu nenhum objecto de pedra (certamente se engana). Em Setembro de 1897 estive no concelho de Villa-Pouca de Aguiar

das quaes já se conhecem mais de cincoenta, appareceu ainda por ora objecto algum metallico.

A precedente noticia é muito instructiva. Mestorf diz tambem que num tumulo de Beldorf apparecêrão duas pedras com insculpturas; uma, de que dou mais adeante a estampa (p. 368), de $1^{m},75 \times 2^{m},50$, estava de pé, no meio da mamôa; outra, de $1^{m},80 \times 0^{m},90$, jazia ao lado, um pouco afastada, com as covinhas voltadas para cima; ao pé da primeira apparecêrão carvões, cinzas e cacos[1]. Este facto é comparavel ao que se observou no dolmen de Tras-os-Montes, onde evidentemente o rito funerario consistiu em incineração. Vê-se que, do mesmo modo que nas sepulturas de Arrife e Marcella (Algarve)[2], tambem no dolmen de Frieiro se reservou uma lage especial para depósito dos restos de um ou mais defunctos, tidos em certa veneração; mas, no caso de que se trata aqui, essa veneração é augmentada pelo facto de a lage conter covinhas: difficilmente se hesitará pois em attribuir a estas significação mystica. O povo não julgou bastante o abrir covinhas no monumento, ou o dispô-las de modo que ficassem voltadas para dentro, como em muitos dolmens succede: quis collocá-las mesmo em contacto com as venerandas reliquias do morto, que assim ficaria mais precavido contra a acção malefica das entidades sobrenaturaes!

Continuemos a fallar de Tras-os-Montes.

Na obra *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* de Contador de Argote, 2.ª ed., Lisboa 1738, liv. III, cap. VIII, diz-se que perto do «Cachão da Rapa, na margem direita do rio Douro, que he precipitada em distancia

---

e examinei a pedra e alguns dos ossos em casa do Sr. P.e Raphael Rodrigues, a quem aqui agradeço todos os obsequios que me dispensou.

Posteriormente á impressão do que fica escrito, adquiri para o Museu Ethnographico Portuguêz a pedra e ossos achados com ella.

[1] *Schalensteine*, p. 4.

[2] Fallei d'ellas a p. 247–248.

de vinte passos do rio, está eminente hum penhasco todo cuberto de musgo, excepto em parte de huma face, que está muy lisa por espaço de dez covados em alto, e quatro em largo no meyo, nas extremidades tres; nesta tal face lisa se vem debuxadas diversas figuras com cores diversas, a saber: huns quadrados, e outras que se não póde bem julgar se são jeroglificos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do xadres, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos,

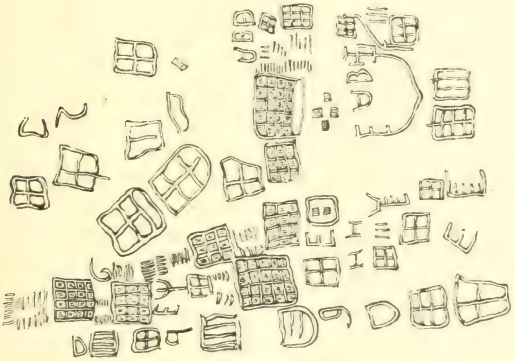


Fig. 76

e negros, mas só de uma cor, que he hum vermelho escuro, a margem porém em huns he azul, outros a não tem. As de mais figuras se compoem das mesmas duas cores. O vulgo, e, o que he mais, alguns homens nobres, e eruditos, entendem que estas figuras se renovão todos os annos em dia de S. João Bauptista pela manhãa, e que apparecem mais brilhantes: eu reputo isto por allucinação da vista». Do mesmo penedo falla tambem Argote nas *Memorias do Arcebispado de Braga*, t. II, Lisboa 1734, p. 486 sqq. Ambas as descripções são acompanhadas de uma estampa (a mesma nas duas), que eu reproduzo na fig. 76.

O penedo fica a meia legoa de Linhares, termo da villa de Anciães. O local do penedo chama-se *As Lettras*. O povo procura sempre explicar e caracterizar os objectos que lhe parecem raros: d'aqui o considerar os signaes como «lettras», e revestir de uma lenda o penedo. Ao pé d'este havia, ou ha ainda, um monumento, que da leitura do texto de Argote não acerto bem o que seja. Diz-se ahi: «No fundo d'esta pedra, em que estão os sobreditos caracteres, para a parte que olha para o rio Douro, está um portal, que parece obra da natureza, e, entrando por elle dentro, se acha em pedra firme huma grande sala com assentos á roda, e no meio uma grande mesa, tudo de pedra, segundo dizem pessoas que alli tem entrado, e affirmão ver-se d'esta sala huma porta que vay para outras mais para dentro» [1]. Noutro ponto chama-se-lhe gruta [2]. O povo, no sec. XVII, acreditava que ahi havia thesouros encantados, — crença que *mutatis mutandis* se encontra ainda hoje a cada passo junto dos antigos monumentos. Em 1687, na manhã de S. João, o Padre Domingos Mendes, «para desengano dos que dizem existir alli um grande thesouro escondido», vestiu-se de sobrepeliz e estola, tentou penetrar dentro do monumento, mas, accrescenta Argote, «ao entrar da sala interior, se encheo de tanto medo, e sentio hum cheiro tão fetido, que ficou tremulo, e insensato, e a poucos dias lhe cahirão os dentes, nem fallou mais, de sorte que se entendesse bem». No principio do sec. XVIII houve quem fizesse excavações na *gruta*, descobrindo vasos de barro, de que ainda muitos annos depois d'isso existião fragmentos; tambem, segundo uma informação ministrada a Argote, appareceu ahi então uma «grande cruz de prata» [3]. Em breve veremos o valor d'estes factos.

---

[1] Pag. 487.
[2] Pag. 488.
[3] Pags. 488–489.

As *Lettras* da margem do Douro são bastante conhecidas no nosso país.

Em sessão da Camara dos Pares, de 5 de Março de 1853, o Visconde de Seabra, num discurso patriotico, chamou a attenção do Ministro das Obras Publicas para este monumento, e em virtude d'isso, na occasião em que se construiu a linha férrea do Douro, o monumento foi respeitado, mandando-se tirar uma cópia dos signaes, a qual reproduzo (reduzida) na fig. 77 [1], d'onde se vêem os estragos que o monumento soffreu desde o sec. XVIII.

Posteriormente tornou ainda o monumento a ser objecto de estudo. No *Boletim da Real Associação dos Archeologos,* 1886, p. 78 sqq., publica o Sr. Possidonio da Silva um artigo, acompanhado de uma estampa, que supponho que foi extrahida da cópia representada na fig. 76 [2]. Nesse artigo diz elle que, por occasião do congresso da *Associação francesa para o progresso das sciencias,* celebrado em Grenoble em 1885, enviou tambem para lá um desenho dos signaes.

Apesar do que fica notado, ainda ninguem, que eu saiba, deu esclarecimentos certos a respeito da epocha e civilização a que pertencem os signaes, e só se tem apresentado hypotheses inverosimeis ou pueris.

Os factos seguintes elucidão, me parece, a questão.

A uns 600 metros de distancia de uma *orca* (dolmen) chamada «Cova dos Moiros», situada no pinhal dos Amiaes,

---

[1] Segundo as informações que colhi no Ministerio das Obras Publicas, onde obtive a cópia, foi o conductor José Felix Alves quem a tirou, o que elle fez «amarrado com uma corda».

Ao Sr. Prof. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, illustre chefe da Repartição de Minas, agradeço o ter-me facilitado que eu examinasse o respectivo processo archivado naquelle Ministerio.

[2] O Sr. Possidonio, comparando a sua estampa com a de Argote, que é mais completa, nota por linhas pontuadas as figuras primitivas que faltão agora, mas interpreta inexactamente estas, pois representa por E E e por um suástica alguns quadradinhos incompletos de Argote.

na freguesia de Senhorim (Beira-Alta), encontrei em 1894 no sitio da Pedraça um rochedo bruto de granito, de $1^{m},7$ de maior comprimento, e de $1^{m},1$ de maior largura, em cuja parte superior se viam pouco mais ou menos estes signaes representados na fig. 78[1]. É evidente a analogia entre alguns d'esses signaes e os que menciona Argote; o que desde já nos mostra que *As Lettras* do Douro não constituem caso unico.

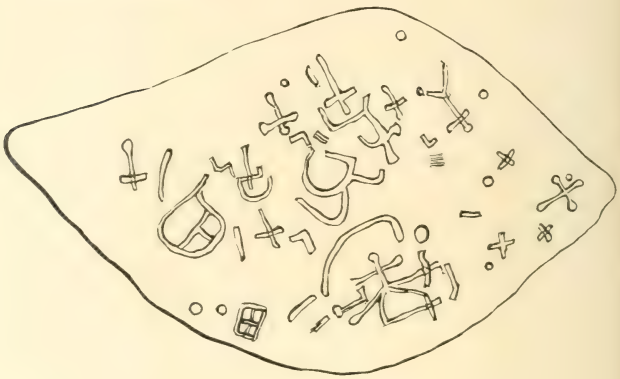


Fig. 78

Uma das lages que formavão a camara da referida *orca*, ou Cova dos Moiros, tinha insculpido na sua parte superior o que se mostra na fig. 79, que vem a ser covinhas e figuras analogas ás da Pedraça e ás de Argote. Na face interior a mesma lage tinha sete covinhas, assim dispostas:

[1] Este penedo está hoje na galeria lapidar do Museu Ethnographico Português, para onde o fiz transportar em 1895.

Podem comparar-se, senão nas figuras, ao menos na situação, tambem em pedras de camaras sepulcraes, com as insculpturas de uma das sepulturas de Lough-Crew, de que fallei a p. 353. Na Beira Alta usa-se um jogo infantil chamado «os cantinhos», para o qual os rapazes riscão com um pedaço de telha numa pedra uma figura igual ás da mencionada orca, isto é, um quadrilatero dividido em quatro partes; como o povo d'aquelles arredores applica tambem a taes figuras antigas, por analogia, o nome de *cantinhos,* eu adoptarei aqui este termo para me fazer

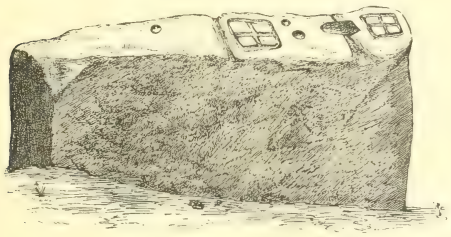


Fig. 79

entender melhor. Temos pois *cantinhos* nas *Lettras* de Argote, no monumento da Pedraça e na orca dos Amiaes; pois que nesta última se achão associados a covinhas, que, como vimos, datárão dos tempos neolithicos, e a orca, em cuja exploração só encontrei instrumentos de pedra, pertence tambem á epocha e civilização neolithicas, fica assim entendido que o célebre penedo do rio Douro se deve attribuir á mesma epocha e civilização. A *gruta* que Argote diz ficar perto, e d'onde se extrahírão vasos e uma «grande cruz de prata», era muito provavelmente um monumento prehistorico, talvez um tumulo, onde tão vulgarmente apparece ceramica; a *cruz de prata* não passará de alguma faca de alvo silex, que o povo facilmente ele-

varia á categoria de prata e de cruz, porque «quem conta um conto acrescenta um ponto»[1].

Perto da igreja de Espinho (concelho de Mangualde), no antigo passal da abbadia, existe uma grande lage de granito, d'onde copiei as seguintes figuras:

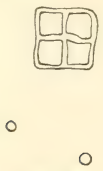


Fig. 80

Fig. 80-a

varios *cantinhos*, que tem de lado 0m,12 pouco mais ou menos: cinco covinhas, algumas muito redondas; e uma cruz. Este local dista apenas alguns kilometros dos de cima.

A repetição das figuras em locaes diversos, sendo o do Douro tão afastado (noutra provincia), provava só por si, ainda mesmo que não houvesse um dolmen com ellas, que

---

[1] A proposito lembrarei o seguinte. Nas ferias grandes de 1896 explorei alguns dolmens em varios pontos do concelho de Sátão (Beira-Alta), onde, entre outros muitos objectos, encontrei facas de silex. Correu logo isto nos povos vizinhos, que a breve trecho propalárão que eu tinha encontrado «garfos de oiro», noticia que chegou a ser acreditada por pessoas de certa illustração! Da ideia de *faca* passou-se á de *garfo*, e como estes objectos são geralmente metallicos, e os Beirões, que acreditão de modo extraordinario no sobrenatural, pensavão que eu queria desenterrar thesouros deixados pelos «Moiros», da ideia de *metal* passou-se á de *ouro*, que é, no dizer de uma canção popular, «o rei dos metaes». — Nada é pois de estranhar que nos principios do sec. XVIII se suppusesse que o silex de uma faca prehistorica era prata, e, attentas as ideias religiosas sempre dominantes no povo, a imaginação d'este fizesse de uma faca uma cruz.

estamos deante de productos de uma mesma civilização antiga, e não de obras do acaso. Mas posso estender a comparação até fóra do nosso país.

A cima me referi ás insculpturas encontradas na Italia, em margens de lagos, por Clugnet; eis aqui algumas d'essas insculpturas, uma das quaes é igual aos *cantinhos* da Beira-Alta, e outras o são a alguns dos signaes do rochedo do Douro (fig. 81):

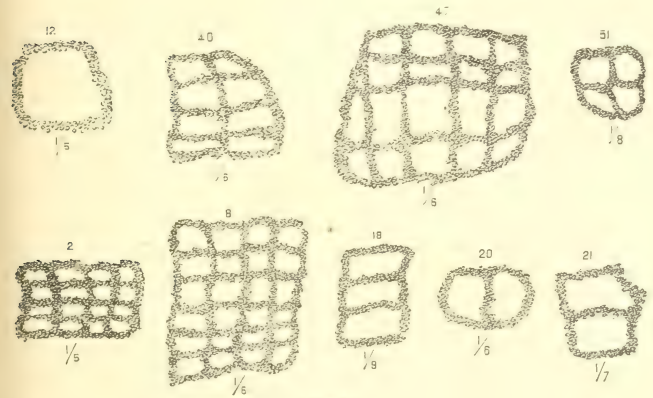


Fig. 81

No citado opusculo de Mestorf vem tambem uma estampa a que não falta analogia com as nossas (fig. 82):

Perante taes semelhanças e identidades não porfiaria já Clugnet que os desenhos, que elle estudou, representavão apenas entretenimentos das horas de ocio de pegureiros vadios!

Voltemos outra vez á Beira. Tambem perto da orca dos Amiaes, ou Cova dos Moiros, vi um penedo irregular de granito, cuja maior dimensão era de $1^{m},6$ e cuja altura era de $0^{m},5$ a $0^{m},7$; na sua superficie tinha muitas covinhas,

dispostas pouco mais ou menos como se vê na fig. 83, regulando por $0^{m},06$ a distancia entre as mais aproximadas, e por $0^{m},02$ ou $0^{m},03$, termo médio, os diametros d'ellas (estas últimas medidas cito-as de memória).

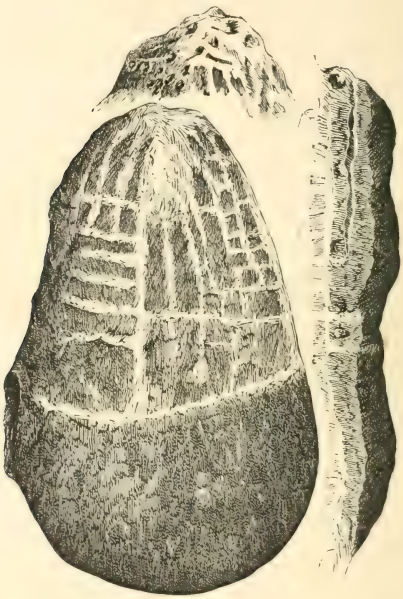


Fig. 82

Junto de Outeiro-de-Espinho (concelho de Mangualde), em um pinhal que antigamente se chamava «das Pedras Pombeiras», vi um grande penedo de granito com quatro covinhas symetricas, como se mostra da fig. 84: a covinha de baixo tem $0^{m},1$ de diametro; as do lado tem uns $0^{m},02$ ou $0^{m},03$; a de cima é maior que estas e menor

que a de baixo. As mais proximas distão entre si 0m,1; a distancia da de baixo é proporcional. Não me consta, apesar de ter perguntado, que haja antas nas immediações, embora perto d'este pinhal apparecesse um machado neolithico, facto que nada tem de especial. Estas covinhas fórmão pois como que uma cruz, que poderá ser analoga á do museu de Kiel[1]; mas nem por isso me julgo auctorizado a dizer com Mestorf que temos aqui a christianização de um culto[2].

Fig. 83

Na mesma área dos monumentos indicados, mostrárão-me no sitio dos Barreiros, ao pé das Carvalhas, freguesia de Senhorim, um penedo com várias cruzes, e um grupo de signaes (fig. 85) que o povo d'ali chama a *Santa Custodia,* sem, que eu saiba, lhe referir lenda alguma; tem de altura uns 0m,56; as duas covinhas de cima não estão symetricas entre si. Se não fossem as covinhas, difficilmente eu teria incluido este grupo de signaes no pre-

[1] Vid. supra, p. 358.
[2] Vid. supra, p. 357-358.

sente capitulo. Parece-me que o nosso pequeno monumento deve comparar-se com o *Bischofstein* ou *Pedra do Bispo* (Prussia), no qual se vêem insculpidas, entre muitas covi-

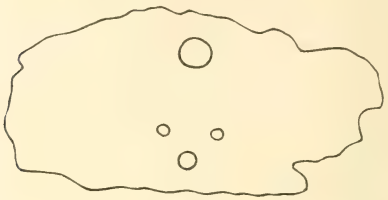


Fig. 84

nhas, a figura de uma cruz e a de um calice[1]. No citado artigo de B. Reber vem desenhos analogos ao da base da cruz da fig. 85[2].

Fig. 85

[1] Vid. supra, p. 357.

[2] In *Anzeiger für Schweizerische Alterthumskunde*, XXIX, p. 75.

Numa vinha, no sitio dos Braçaes, ao pé de Outeiro-de-Espinho, concelho de Mangualde, vi em 1892 um penedo de granito, do comprimento de 4m,36, da largura de 3 metros, e da altura de 0m,61 a Este, e de 1m,21 a Oeste, com a superficie superior encurvada. Do lado oriental está cheio de *covinhas*. D'este lado o penedo offerece uns sulcos

Fig. 86

naturaes[1], que o dividem em seis secções, até meio pouco mais ou menos da largura, como a fig. 86 mostra. As dimensões das covinhas varião entre 0m,45 e 0m,10, etc., de diametro, e 0m,02 e 0m,04, etc., de profundidade. Distão umas das outras desde 0m,10 a 0m,31 etc. Algumas covinhas estão ligadas entre si por sulcos. É o penedo que tenho visto com mais covinhas. Fica perto d'elle a anta

[1] Digo *naturaes*, porque noutro ponto do penedo ha um pequeno sulco semelhante, sem relação alguma com as covinhas, e sem symetria.

dos Padrões[1]. A zona geographica a que pertence este penedo é a mesma a que pertencem os monumentos anteriormente descritos, zona toda ella granitica.

Não longe da aldeia das Antas-de-Penalva (Beira) encontrei em pé, no meio de uns campos, onde não vi monumentos archeologicos propriamente ditos, uma pedra natural, estreita, de 1 metro de altura, pouco mais ou menos, que lembrava um menhir; na extremidade superior havia cinco covinhas, assim:

Infelizmente não posso aqui apresentar desenho d'este pequeno monumento, o que supprirei reproduzindo uma estampa do «menhir à cupules de Saint-Urnel en Plomeur (Finistère)», onde porém as covinhas não são na parte superior como no da Beira, mas na frente (fig. 87)[2].

Em Setembro de 1892 fiz um reconhecimento archeologico no «Castello» de Nossa Senhora do Bom Successo (freguesia de Chãos de Tavares), que é um castro lusitano. Dentro do castro, num penedo natural de granito, encontrei sete covinhas dispostas como aqui se vê,

e em distancia proporcional; diametro de uma covinha $0^{m},07$, de outra $0^{m},5$; profundidade de uma $0^{m},02$. Noutra lage encontrei tres covinhas analogas ás de cima, mas mais symetricamente dispostas:

Noutra lage, ao pé d'esta, vê-se o que noto na fig. 88.

---

[1] A distancia deve regular por 1 kilometro.

[2] E. Cartailhac. *La France préhistorique*, p. 323.

Com esta lage péga outra, sem covinhas, a qual com a anterior constitue a *Varanda da Inacinha* (Ignacinha), como o povo diz. A *Inacinha* é um nome lendario, e corresponde na significação á palavra *Moira* de outras lendas. A pouca distancia ha uma cova, chamada *A Casa da Inacinha.* Conta-se, como noutras ruinas attribuidas aos Moiros, que estão aqui duas minas, uma de alcatrão, outra de oiro;

Fig. 87

se alguem excavar, e achar a de alcatrão, incendeia-se tudo. Quando eu notava, e começava a copiar no meu coiseiro, as covinhas da *Varanda da Inacinha,* algumas pessoas que ião commigo chamárão-lhes *pocinhas,* designação puramente metaphorica e occasional. O nosso povo viu uma *varanda* na simples disposição natural de várias pedras; como os processos do espirito humano são, por toda a parte, mais ou menos semelhantes, tambem na Irlanda o povo chama *the Hag's chair* (a cadeira de Hag) a um penedo que tem covinhas e outras insculpturas[1].

[1] **Rau**, *Observations on cup-shaped, etc.*, p. 18.

X-*O Archeologo Português,* I, 9, fallei de um castro luso-romano da Beira-Alta, onde em vários penedos se vêem igualmente covinhas (fig. 89)[1].

Passando-se de Tras-os-Montes e da Beira para o Entre-Douro-e-Minho, não se encôntrão nas pedras menos covinhas e figuras do que nas duas provincias de que acabo de fallar.

Numa montanha da freguesia de S. Martinho de Penacova (Minho), que poderia ter sido um castro, ha dois penedos com covinhas, a que o povo chama *buraquinhas;* proximo da igreja ha um penedo pequeno, em parte destruido, ainda com algumas covinhas[2].

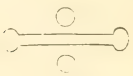


Fig. 88

Fig. 89

Perto da igreja de S. Paio de Vizella ha penedos com covinhas; o povo chama-lhes *pègadinhas,* dizendo uns que são as pègadas de Christo, outros as de S. Gonçalo. O Sr. Sarmento, notando que estas covinhas tem apenas 1 pollegada de diametro, suppõe que as verdadeiras pègadas ou *pègadinhas,* terão já desapparecido[3]. S. Gonçalo é um heroe, em parte real (?), em parte lendario, d'estes sitios, desempenhando papel analogo ao que noutros sitios desempenhão os Moiros, em França Gargantua e S. Martinho, na antiguidade Hercules, etc. Por toda a parte temos sempre lendas semelhantes, que recebem côr local, segundo as regiões. Adeante terei de fallar outra vez nas *pègadas.*

---

[1] Já depois de composta esta página achei (em 1896) na Beira-Alta muitas outras pedras com insculpturas (signaes e covinhas); algumas d'estas pedras fazião parte de dolmens, outras estavão avulsas. Ficará o seu estudo para outra occasião, pois não posso já inclui-lo aqui.

[2] F. Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães,* I, 180.

[3] In *Revista de Guimarães,* I, 187.

Em Tagilde, concelho de Guimarães, ha um penedo crivado de mais de trinta covinhas, chamado «Penedo» ou «Penedinho» de S. Gonçalo[1]; cfr. em França a *Boule de Gargantua,* a que a cima me referi. «Ninguem duvida, diz o sr. Sarmento, que na corôa do penedo estão as marcas dos joelhos do santo, quando rezava; a cavidade onde punha o pucarinho do caldo; outra que lhe servia de saleira»[2]. Alem do typo do nome, a lenda é aqui tambem analoga á de Gargantua em França, pois o povo de lá explica as covinhas da *Boule de Gargantua,* pela impressão que os dedos do gigante fizerão na pedra[3]; «sur le polissoir dit *Pierre aux dix doigts,* les rainures passent pour être la trace des doigts de Saint-Flavit»[4]. Na «Sierra del Almuerzo» ou «de los Siete Infantes de Lara», na provincia de Soria (Hespanha), ha uma pedra cylindrica chamada *El canto hincado,* que gira sobre um ponto de apoio, e em cuja parte superior «se ven marcados siete platos y cucharas al rededor, y en medio la huella de un pie»[5].

Em Cristello (Santa Comba de Regilde) ha um penedo com a superficie crivada de *buraquinhas,* á qual se liga uma lenda, analoga ás lendas dos Moiros: «Uma madrugada, um rapazito seguido pelo pai, passou perto do penedo, e vendo as buraquinhas cheias de milho, gritou — *Jesus! o que vae aqui de milho, meu pai!* Mas ao nome de Jesus o milho tinha-se transformado repentinamente em carvão. Era ouro puro, está claro»[6]!

No Minho, escreve o sr. Martins Sarmento, a cada passo se encôntrão covinhas ou *buraquinhas*[7]. D'uma carta que

---

[1] F. Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães,* I, 188.

[2] In *Revista de Guimarães,* I. 188.

[3] Vid. o que escrevi supra, p. 356.

[4] S. Reinach, in *Revue Archéologique,* XXI, 225.

[5] Informação particular do meu amigo, e illustrado philologo hespanhol, D. Ramon Menéndez Pidal.

[6] F. Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães,* I. 179.

[7] In *Revista de Guimarães,* I. 179.

elle me mandou em 5 de Julho de 1892 extraio as seguintes interessantes noticias: «As covinhas apparecem em penedos e lages; mas tambem as encontrei nas pedras que formavam uma sepultura[1], em Ancora. Apparecem isoladamente ou na companhia de circulos concentricos e outras gravuras. Numa lage proxima das ruinas da Saia encontram-se associadas com um suástica. Não teem disposição regular, nem com relação umas ás outras, nem com relação a qualquer outra gravura. Associadas com os circulos, tenho-as visto mesmo dentro d'elles. Tambem não teem diametro certo. As mais communs pouco mais teem que pollegada e meia; ha-as porém de tres e quatro. Não é raro tambem vê-las ligadas por um sulco (fig. 90). Os circulos tambem podem ser grandes ou pequenos; os pequenos, de cinco pollegadas; os maiores, que tenho visto, tem

Fig. 90

Fig. 91

Fig. 92

meio metro de diametro. Pelo que me contou um homem de Venade, a respeito de uma lage que pôs em hastilhas, aos circulos chamava o *sol,* ás covinhas *estrellas*. O penedo tambem tinha a lua, mas não pude perceber o que elle entendia por *lua*. Mais tarde vi em Soutello (concelho de Caminha, como Venade) umas lages, onde alem de covinhas e circulos havia algumas gravuras (fig. 91). Não sei se em alguma figura semelhante viu elle a *lua* (meia-lua). Tenho visto algumas lages com gravuras não longe de mamôas, e inclino-me a crer que as duas cousas se relacionavam. Assim succede em duas mamôas que ha em Briteiros. Não longe de uma, ha dois circulos de meio metro de diametro cada um; proximo de outra havia uma lage com muitas covinhas e alguns circulos. Não pude conservar a lage; ape-

[1] [Antella].

nas me consentiu o dono que lhe aproveitasse os signaes, que foram arrancados aos pedaços. Perto de Santo Antão (monte), sobre Caminha, ha tambem uma mamôa, e proximo d'ella umas gravuras, alem de outra, que só ahi vi, um pouco semelhante, em uma lage, perto do castro de Neiva (não se confunda com o Castello de Neiva). Estas gravuras são quadrilongas (fig. 92), mas a incisão é feita como a

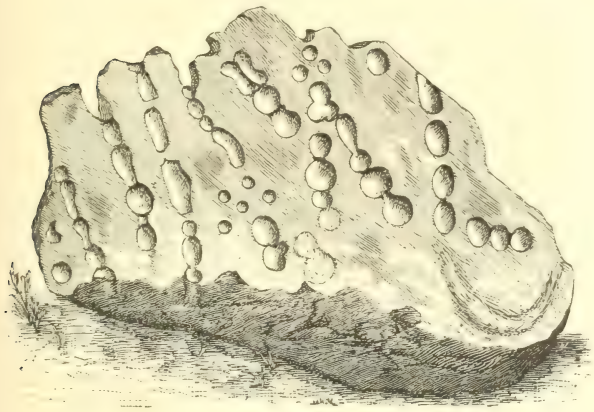


Fig. 93

dos circulos e outras. Uma lage em S. Claudio (freguesia proxima das Taipas) continha mais de 200 covinhas. Destruiu-as um bruto. Quando este anno quis ver esta *ubi Troia,* surprehendeu-me ver no mesmo sitio pedaços de telha com rebordo. Disseram-me que estes fragmentos tinham apparecido proximo á lage. Não seria cousa do outro mundo que as telhas formassem uma sepultura. Já me matei para apurar se o povo ligou algumas ideias ás covinhas; mas achei apenas uma pista, e não a pude seguir por falta de bons informadores. O Penedo de S. Gonçalo (perto de Arriconha) está cheio de covinhas pequenas, e

algumas grandes na face superior; d'estas ultimas uma servia para o santo pôr o pucarinho do caldo, outra para ter o sal e não sei que mais, porque cito de memoria[1]. O *pucarinho* pareceu-me a tal pista de que fallei. Em Felgueiras ha o monte das *Pucarinhas* e pelos modos havia (e não sei se ha) por ahi varios penedos com covinhas;

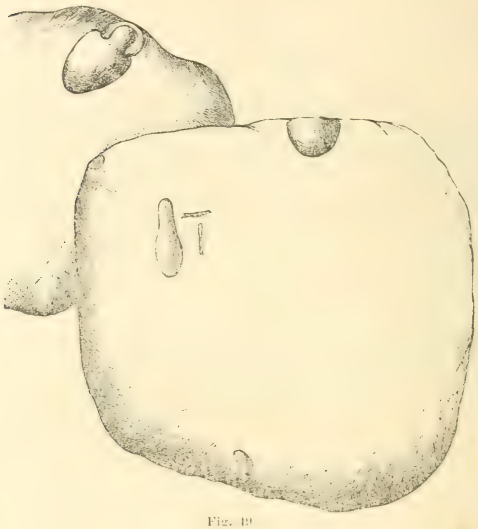


Fig. 19

com ellas é que se relacionavam os pucarinhos. As covinhas é que faziam subentender os pucarinhos como no Penedo de S. Gonçalo? Por mais que diligenciei, nada tirei a limpo. Em Candoso (S. Martinho, concelho de Guimarães) tambem na manhã de S. João um tal viu um pucarinho sobre um penedo: pegou nelle, quando surdiu

[1] Cfr. o artigo da *Revista de Guimarães*, t. 188, citado supra.

uma moura a pedir-lh'o com toda a instancia, etc. Mas o diabo é que o penedo não tem covinhas nenhumas. A pista perde-se d'este modo. As covinhas apparecem quasi por toda a parte, e ás vezes onde menos se esperam. Encontrei-as nos meus passeios por Leça da Palmeira, por Villa do Conde e Povoa, no Castello de Neiva, Castro de Neiva, Ancora, Caminha, por Briteiros, pelos arredores de Guimarães, em Basto, no Marco de Canaveses, na Saia e em

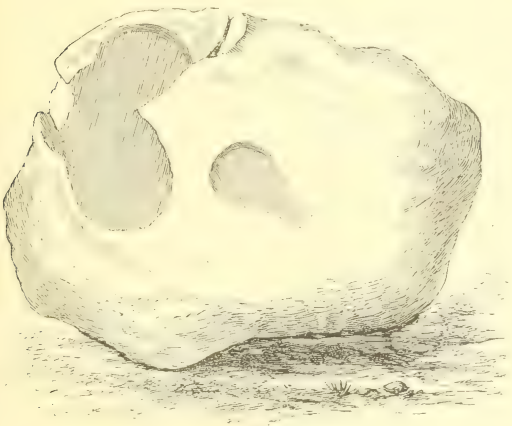


Fig. 95

mais partes que agora me não lembram. Dentro das muralhas do Sabroso e da Citania não faltam, como não faltam pelas proximidades. Como em geral eram abertas em pedra fina, a maior parte d'ellas foram-se nos sitios, onde tal pedra era procurada; as que são gravadas em pedra grossa tambem não estão muito bem paradas, por que os montantes as preferem na possibilidade de encontrarem dentro algum thesouro encantado. Aqui está o que posso dizer a galope.»

O Sr. Cartailhac diz que o sr. Possidonio da Silva o informou de que nos arredores de Vianna do Castello existem penedos com muitas covinhas[1]. O meu amigo Arthur Augusto da Fonseca Cardoso completa esta informação dizendo-me em carta de 23 de Outubro de 1893 que no «castro» de Santa Luzia, ao pé de Vianna do Castello

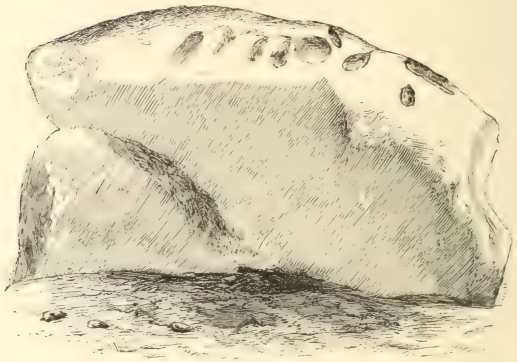


Fig. 96

encontrou um penedo de $4^{m},10 \times 2^{m},60$, com 56 *escudellas,* umas insuladas, outras conjugadas, fig. 96. A sua disposição é interessante, pois fórmão fieiras parallelas, que vão de alto a baixo. Num espaço á parte ha um grupo de tres, que communicão entre si, apresentando uma d'ellas no fundo uns canaezinhos toscos, que se assemelhão a um suastica curvo»:

[1] Vid. Cartailhac, *Les âges prélhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 177.

Já a cima se fallou do castro de Sabroso (Minho). Nas immediações d'este castro encontrão-se duas pequenas pègadas associadas a várias covinhas[1]. Tambem já a cima se citárão outros exemplos de *pègadas* e *pègadinhas*[2]. O Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu Ethnographico Português, encontrou em penedos da Beira várias insculpturas, algumas das quaes se assemelhão a pégadas (fig. 94, 95 e 96). Mestorf menciona uma pedra que está no Museu de Kiel (1m,80×0m,90), na qual se vêem igualmente muitas covinhas, e ao mesmo tempo uma pègada[3].

A crença de que certas pègadas, que se observão em penedos, se ligão com determinadas personagens historicas e religiosas, e com animaes, data já da antiguidade, e acha-se ainda hoje espalhada por muitas partes: temos, por exemplo, pègadas de Hercules, de Budha, de Adão, de Moisés, de Jesus, do Diabo, de Gargantua, de Roland; pègadas de muitos santos, como S. Martinho, S. Miguel, Santo Hilario, S. Gonçalo; pègadas de gigantes ou *Hünentritte* (na Allemanha); pègadas de burros, de cavallos, etc.[4]

---

[1] F. Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães*, I, 187.

[2] Vid. p. 374.

[3] *Schalensteine*, p. 5.

[4] Sobre este assumpto vid.:

A. Maury, *Essai sur les légendes pieuses du moyen-âge*, Paris 1843, pags. 214–215 e respectivas notas.

Ch. Rau, *The archeological collection of the United States National Museum*, Washington 1876, p. 75;

Salomon Reinach, in *Revue Archéologique*, XXI, 214, 223–226 e 367, — onde se ministrão muitos elementos bibliographicos; cfr. ainda do mesmo A. o *Traité d'épigraphie grecque*, 1885, p. 385.

Á pègada de Budha em Ceylão se refere Camões (*Lusiadas*, X, 136), fallando do monte onde ella está:

> Os naturaes o tem por cousa santa,
> Pela pedra onde está a pègada humana,

versos commentados por Vasconcellos Abreu no seu opusculo *Fra-*

A origem d'essa crença deve collocar-se, como vimos, nos tempos prehistoricos, pois as *pègadas* achão-se ás vezes misturadas com as *covinhas*. Os varios povos é que a adaptárão ás lendas dos heroes, dos santos, etc., com que sympathizavão, ou que já occupavão lugar assignalado nos

---

gmento d'uma tentativa de estudo scoliastico da epopeia portugueza, Lisboa 1880, p. 72.

Á cêrca de pègadas em penedos cfr. ainda: Desor, *Mélanges scientifiques*, Paris 1879, pags. 184, 207; *Mélusine*, I, 97; Gubernatis, *Mythologie zoologique*, I, 377, nota; Gaidoz, *La rage et Saint Hubert*, Paris 1887, p. 215; Ratzel, *Las razas humanas*, I, 564.

Nas *Tradições populares de Portugal*, § 209, citei diversas lendas portuguesas a este proposito.

Na «Historia de Santa Comba dos Valles», poemeto de Antonio Ferreira (sec. XVI), conta-se a perseguição de Santa Comba por um Rei Mouro. A santa é recolhida dentro de um penedo que se abre. Depois:

> Tambem a lança do Mouro abrio a pedra,
> Ao pé fica assinada a ferradura,
> Ao pé da rocha. Onde hoje inda parece,
> E na pedra a lançada se conhece ...

Poemas lusitanos, 4.ª ed., I, 339.

Na lenda de Nossa Senhora de Nazareth tambem o cavallo de D. Fuas deixou as ferraduras impressas no rochedo, á beira-mar:

> E ainda lá na penha vereis o signal
> Do pé do cavallo do bom cavalleiro ...

diz Castilho «na Chacara da Senhora da Nazareth»: vid. *Outono*, Lisboa, 1863, p. 170; e effectivamente no rochedo ha um buraco a que o povo attribue essa origem, como verifiquei em 1894, por occasião de visitar o lugar do «milagre» e a gruta da Senhora.

Tenho visto, em poder de pessoas devotas, figuras de seda e de papel que representão medidas dos pés de Christo e da Virgem. Estas figuras tem estampas da cruz ou do Calvario. Numa d'ellas lê-se: *Vestigium D. N. Jesu C. in Monte Oliveti*; i. e., «pègada de N. S. Jesus Christo no Monte Olivete»; noutra: «Verdadeira medida do pé da Virgem Mãe de Deus, etc.». Possuo tres d'estas figuras, duas do pé de Christo, e uma do da Virgem. O mais curioso é que as do pé de Christo não são iguaes!

dominios da tradição. Sem dúvida nem sempre, quando o povo falla de uma pègada, se referirá a uma esculptura real e definida: bastará uma falha ou excavação num penedo, para a imaginação popular criar uma lenda de pègadas; mas isto mesmo tem sua importancia, porque mostra a preexistencia de uma tradição, que só necessitava de um pequeno ponto de apoio para se localizar. O sentido primitivo das pègadas, como o das outras insculpturas, torna-se difficil de precisar: mas a associação das pègadas com as covinhas [1], cuja significação religiosa, se não ficou provada a cima, ficou justificada [2]: o seu apparecimento em dolmens [3]; e as lendas que as revestem [4]: — tudo faz effectivamente suppôr que tambem temos nellas qualquer symbolismo religioso [5].

Ainda a proposito das ornamentações prehistoricas, devem lembrar-se os castros de Sabroso e da Citania de Briteiros, onde apparecem pedras notavelmente insculpturadas [6]. Algumas d'estas insculpturas relacionão-se sem dúvida com as prehistoricas; mas outras são, segundo creio, relativamente mais modernas, pertencem aos tempos que deno-

---

[1] Vid. os factos citados a cima, pags. 374 e 381.

[2] Vid. supra, p. 358.

[3] A *Pedra de S. Martinho*, no Indre (França) é um dolmen em cuja cobertura se vê uma «pègada do santo»: *Revue Archéologique*, xxi, 214.

[4] Vid. o que escrevi a cima, pags. 374–375.

[5] Em certas pedras encontrão-se cavidades em fórma de pègada, que podem ter servido para assentar pés de estátuas, como talvez numa de Panoias (cfr. G. Pereira, in *Boletim da Associação dos Archeologos*, 1895, p. 53), e com certeza numa do templo do deus Endovellico, hoje guardada na galeria lapidar do Museu Ethnographico Português.

[6] Vid.:

F. Martins Sarmento, in *Renascença*, p. 25;

O *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa, estampas collocadas entre pags. 662–663;

Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 285–288.

mino PROTOHISTORICOS, e por isso fallarei d'ellas mais de espaço na Parte II d'esta obra. Diz o sr. Cartailhac que «aucun préhistorien ne voudra consentir à faire descendre les plus récents tombeaux mégalithiques de la péninsule, même au IX[e] siècle, et à bouleverser toutes nos données de chronologie relative, appuyées sur des faits toujours vérifiés, par ce seul motif, que les antas d'Evora portent des écuelles et des cercles gravés comme ceux des pierres de Sabroso ou de Citania»[1]. Nem isso me parece necessario. Se nos dois célebres castros do Minho, um protohistorico, o outro luso-romano[2], se encôntrão os mesmos signaes que nas antas e em monumentos contemporaneos d'ellas, é que a civilização de Sabroso e da Citania deve ter começado pelo menos no periodo neolithico[3]; esta civilização foi-se desenvolvendo, e, em virtude de tal evolução, as insculpturas adquirem nos periodos seguintes, isto é, no protohistorico e no luso-romano, mais perfeição e apuro. Supponho que assim se harmonizão todos os factos entre si[4].

Até aqui tenho fallado das insculpturas prehistoricas das provincias do Norte e Centro de Portugal. Resta fallar das outras provincias.

Da Estremadura não conheço nada, apesar de se terem feito nesta provincia bastantes investigações prehistoricas.

Nas antas do Alemtejo diz o sr. Cartailhac que apparecem muitas covinhas, — «petits creux ou godets, qui sont depuis longtemps connus dans l'archéologie préhistorique»[5], e cita a anta da Candieira[6], na superficie superior de cuja

---

[1] *Les âges préhistoriques, etc.*, pags. 287–288.

[2] A cêrca d'estas designações vid. *O Archeologo Português*, I, 5–7.

[3] Cfr. o que escrevi a cima, p. 54.

[4] A respeito de uma insculptura da fonte de Briteiros, e de outras de penedos da Beira, vid. Martins Sarmento, *Relatorio* da expedição da Sociedade de Geographia á Serra da Estrella, Lisboa 1883, p. 8, nota.

[5] *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 174.

[6] Pag. 176.

cobertura ha um grupo (fig. 97); cita a anta do Paço-da-Vinha; e cita a de Paredes[1], onde uma das lages contém outro grupo, de uns 0m,05 de profundidade e 0m,08 de largura, dispostas como se observa na fig. 98.

No concelho de Mora, herdade da Gonçala (Alemtejo), visitei em 1892, em companhia do meu amigo dr. Mattos e Silva, uma anta em que havia algumas covinhas, umas dispersas, outras formando grupos de quatro, assim:

o o
o o

estas covinhas estavão na superficie externa da tampa da camara, na lage que devia tapar o começo da galeria. As dimensões das covinhas regulão pelas das outras de que tenho fallado.

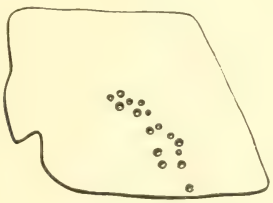


Fig. 97

Com relação ao Algarve tambem não conheço nada no genero das covinhas, ou no das figuras; apenas num dolmen de Alcalar encontrou Estacio da Veiga tres lages de grés, cahidas sobre o pavimento, mas que talvez tivessem servido de tecto ao dolmen, as quaes «apresentam numa face numerosos sulcos abertos em diversos sentidos, que bem podem ser symbolos, emblemas, signaes de significação reservada, ou talvez os inicios de uma paleogra-

[1] Pag. 176.

phia rudimentar, em que parece haver uma certa harmonia intencional, que longe estou de poder interpretar»[1]. Eis na fig. 99 os desenhos respectivos. Vi as pedras, que ultimamente obtive para o Museu Ethnographico Português, em cuja galeria lapidar já estão: os sulcos são realmente artificiaes. Embora, como disse, de fórma diversa das dos signaes estudados a cima, e mais modernos, creio que estes sulcos do dolmen algarvio desempenhavão ahi certamente funcção analoga á das outras insculpturas: mas não posso neste momento consagrar-lhes o estudo que merecem.

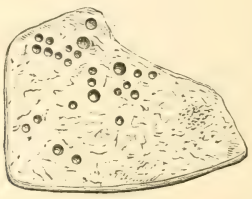


Fig. 98

Na Galliza tambem existe a lenda das pègadas. No Ferrol falla-se da «pégada da Virgem[2]»; o que não sei é se se trata de insculpturas prehistoricas, se de excavações naturaes. O Sr. Maciñeira y Pardo teve a bondade de me communicar, em carta particular, que em varios penedos da comarca de Ortigueira (Galliza) se encôntrão muitas insculpturas, ao que parece, prehistoricas, da natureza de muitas das indicadas a cima.

Em resumo: os factos da Prehistoria portuguesa, mostrão que as insculpturas se podem fazer remontar ao periodo neolithico, porque umas se encôntrão em antas, onde só apparecem instrumentos de pedra, ou onde, pelo menos,

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve*. III, 135.

[2] Vid. *Tradições populares de Portugal*, § 209.

predomina a civilização neolithica, e as outras, que não estão por assim dizer, tão bem datadas, são analogas ás primeiras, e devem por isso pertencer á mesma epocha que ellas.

As insculpturas tanto se observão em penedos dentro de castros, como em lages de antas, como em rochas avulsas, embora sempre ou quasi sempre estejão perto de antigos povoados ou de sepulturas archaicas. Num caso unico as covinhas occupavão a extremidade de um penedo posto a

Fig. 99

pino, á maneira de menhir; digo *um caso unico,* mas entende-se que é o unico observado, pois não duvido que haja mais monumentos d'esta especie.

As nossas insculpturas reduzem-se a quatro classes:

a) simples sulcos;

b) figuras lineares com certa regularidade;

c) covinhas;

d) pègadas.

Pelo menos as tres últimas classes apparecem noutros paises, nas mesmas condições que no nosso.

O povo português dá ás vezes ás insculpturas que consistem em escavações arredondadas os nomes genericos de *covinhas* e *buraquinhas;* outras vezes emprega designações metaphoricas, como *pocinhas, pucarinhos,* as quaes explica por meio de lendas, como os demais povos estrangeiros; ás insculpturas que consistem em figuras quadrangulares chamão os Beirões *cantinhos*. Onde ha heroes locaes, ou personagens já consagradas pela tradição, prevalecem os nomes d'elles, como o prova o «Penedo de S. Gonçalo» numa comarca minhota, e a «Varanda da Inacinha» num monte beirão; onde os não ha, applica-se o nome generico de «Moiros». Parece que em alguns casos a designação de *pucarinhos* se conservou no onomastico. A imaginação popular chega mesmo a chamar a várias insculpturas *sol, lua* e *estrellas*. Ouvi dizer que no Castello de Cabris (Taboaço)[1] se vêem numa pedra escavações que o povo chama «açafate de prata» do tempo dos Moiros[2]; não sei se se trata de excavações naturaes, se de excavações artificiaes: em todo o caso a lenda tem valor. Ha uma cavidade, natural ou artificial, em certo penedo do Minho, chamada *cêsta*[3]. No denominar as figuras insculpidas nos rochedos o povo português emprega pois metaphoras semelhantes ás de outros povos, onde essas figuras se chamão *vidro de relogio, sertã*[4], *escudella, tigela, malguinha, taça*[5].

A significação primordial das insculpturas neolithicas não se conhece de modo positivo; no emtanto, como se achão associadas a monumentos religiosos, quaes são os dolmens, e nestes, ora em pedras avulsas, collocadas dentro, em contacto intimo com as cinzas dos mortos, ora nas superficies internas das camaras, e portanto tambem em

---

[1] Talvez este «Castello» seja um castro, mas não tenho elementos para o poder affirmar.

[2] Vid. *Tradições populares de Portugal*, § 209.

[3] F. Martins Sarmento, in *Revista de Guimarães*, II, 191.

[4] Mestorf, *op. cit.*, p. 1.

[5] Cfr. o que escrevi a cima, pags. 355–356.

certa relação com as mesmas cinzas, ora nas superficies externas, as quaes tinhão de ficar cobertas, já por outras pedras, já pelas mamoas, o que em qualquer dos dois casos mostra que as insculpturas não se destinavão a attrahirem a vista dos homens, circumstancia que só se póde explicar pelo facto de desempenharem papel protector, sobrenatural, mystico, — não repugna acceitá-las como taes, antes nos vemos forçados a isso. Esta conclusão a que chego a proposito das nossas insculpturas, baseado só em factos portugueses, concorda com a de diversos eruditos que estudárão as estrangeiras, eruditos cujas opiniões citei a cima.

Nas hypotheses enunciadas, as covinhas e mais figuras, fosse qual fosse a latitude do sentido religioso que encerravão, terião na sua relação com os monumentos sepulcraes destino analogo ao das pinturas dos esteios (fig. 112)[1], e ao dos amuletos e figuras de pedra que se depositavão com os defuntos na ultima morada. Já por mais de uma vez tenho insistido na importancia que certos povos attribuem

[1] Como disse a p. 276, foi já depois de adeantada a impressão d'esta obra que descobri na Beira-Alta (concelho de Satão) algumas antas com pinturas feitas a ocre na superficie interna dos esteios das camaras e das galerias. É-me impossivel agora interromper a obra, entrando em descripção meuda; por isso me limito a pouco, remettendo o leitor para a figura representada na p. 430. As antas pertencem aos tempos neolithicos; pelo menos não encontrei nellas objecto algum metallico. As pinturas, que são muito rudes, mesmo infantis, consistem em: figuras humanas; figuras de quadrupedes; arabescos (ramos? etc.). Uma das pedras que tinha as figuras humanas fi-la transportar, como disse, para o Museu Ethnologico Português, onde hoje se acha, e onde constitue um dos mais curiosos ornamentos. Temos pois aqui outro exemplo de zoomorphismo (cfr. supra, p. 342) na arte neolithica de Portugal, assumpto a cujo respeito eu li em sessão da Associação dos Archeologos Portugueses, em Fevereiro de 1897, uma noticia. Estas figuras estão no mesmo caso que os animaes de pedra de que fallei a cima, e por isso as considero como sagradas, isto é, como meios de protegerem sobrenaturalmente os mortos. — Cfr. tambem *O Archeologo Português*, II, 225.

aos tumulos e ao descanso dos mortos. D'aqui o querer-se a todo o panno evitar que os espiritos maleficos perturbem a paz das sepulturas, o que se julga conseguir-se por muitos processos. Varios povos selvagens collocam para este fim objectos de virtude sobrenatural ao pé dos mortos[1]. Nas sepulturas das epochas romanas, tanto da Lusitania, como de outras regiões da Hispania, vêem-se diversas figuras que são sem dúvida symbolicas (suastica, roseta[2]), das quaes fallarei noutra parte d'esta obra. Nas sepulturas christãs da alta idade media observão-se frequentemente, alem de emblemas mysticos, fórmulas bem significativas, como *Requievit in pace Domini, Tibi detur pax a Deo*[3]. Para os christãos a inviolabilidade da sepultura tinha principalmente importancia por causa de se acreditar na resurreição, a qual dependia da conservação do corpo[4]. A necessidade de obter o repouso mortuario levava os fieis muitas vezes a construirem as sepulturas junto dos tumulos dos santos, dos altares ou das reliquias sagradas[5]. Não sería a ideia de resurreição que levaria os povos prehistoricos a olharem attentamente pelos seus tumulos; bastaria para isso a ideia geral, já a cima exposta, da perpetuidade postuma do ser, perpetuidade que se assegurava não só, como fica dito, provendo de amuletos o morto, mas desenhando-lhe nas lages da sepultura, ou em pedras especiaes, que se collocavão dentro d'ella, emblemas cabalisticos, de recondita e maravilhosa significação.

---

[1] Cfr. supra, p. 334.

[2] Cfr. um artigo de Borges de Figueiredo, in *Revista Archeologica*, II, 60–64, e III, 101; e uma nota minha in *Revista Lusitana*, I, 68, bem como o meu *Elencho das lições de Numismatica*, I, 5–6.

[3] Vid. *Inscriptiones Hispaniae christianae* de E. Hübner, Berlim 1871. passim.

[4] Cfr. A. Marignan, *La foi chrétienne au quatrième siècle*, Paris 1887, p. 100.

[5] Cfr. *Revue Archeologique*, XXV, 149 (artigo de Le Brant).

VI. Considerações geraes sobre a religião neolithica

Chegado a esta altura do Capitulo III, julgo conveniente fazer um resumo de todo elle; mas o assumpto é de tal modo obscuro, que não se póde, — ou pelo menos eu não posso —, com os elementos que estão ao alcance, estabelecer um quadro muito nitido e circumstanciado das ideias religiosas que dominárão no periodo neolithico.

Em qualquer religião distingue-se *crença* e *culto* propriamente dito: crença, isto é, o modo como o homem concebe a existencia e a acção dos seres sobrenaturaes e superiores de que suppõe que elle e o mundo dependem; culto, isto é, a fórma directa e indirecta por que se lhes dirige, para lhes captar a benevolencia (*adoração*), quando os julga propicios, e para os repellir (*esconjuro*), quando os julga nefastos.

Do que fica exposto nos paragraphos precedentes conclue-se que por um lado os animaes, e talvez ainda outros elementos da Natureza physica, taes como o ceu e o mar, e por outro lado os espiritos, já por ventura considerados como causas immediatas de doenças, já tidos na conta de almas de mortos, constituião a base das crenças dos nossos antepassados neolithicos.

Na fig. 1.ª, p. 106, representei um objecto prehistorico achado na Folha das Barradas, no qual, segundo todas as probabilidades, se quis symbolizar a lua, — facto que, em virtude das considerações que apresentei, póde invocar-se como prova do culto d'esse astro.

Quando me occupei dos dolmens, notei, pags. 324–325, que as suas entradas estavão, muitissimas vezes, voltadas para o nascente: o que parece depôr igualmente a favor de tal ou qual veneração pelo sol, pois não póde invocar-se como explicação a ideia meramente prática de fazer chegar por modo directo á morada do morto os raios quentes do

astro-rei. Esta orientação dos tumulos não é peculiar dos povos prehistoricos: ainda hoje muitos povos, como os mencionados na obra de Ratzel, citada a p. 325 nota, voltão as sepulturas dos seus mortos tambem para o Nascente. Tanto a orientação de tumulos, como de templos, são factos que se observão frequentemente em epochas historicas.

Quer porque o culto dos dois astros que mais tem preoccupado a imaginação do homem apparece a cada passo nos povos de civilização inferior, quer porque do culto de um d'elles já se acha nos tempos protohistoricos testemunho certo na Hispania, e a respeito da existencia do outro nos mesmos tempos e local ha probabilidades, — d'onde resulta a possibilidade de ambos datarem de tempos anteriores, que são os prehistoricos —, não me parece inverosimil a hypothese de que os habitantes neolithicos de Portugal vissem na luz que lhes cahia do ceu, dando-lhes o dia, e aclarando-lhes a noite, o effeito prodigioso de acções sobrenaturaes e divinas.

Geralmente o homem amolda as suas crenças ás circumstancias do seu viver. Conforme habita as alturas ou as planicies, se entrega á caça ou passa os dias na guerra, guarda rebanhos ou cultiva campos, assim as suas ideias religiosas varião, e se modificão. De diversos passos d'este livro constão os muitos mesteres e condições dos nossos avós nos tempos neolithicos: encontrámo-los, acurvados ao trabalho da esculptura zoomorphica, nas rudes montanhas trasmontanas; vimo-los, na peninsula da Arrabida, excavando com instrumentos rudimentares as grutas em que depositavão os restos dos seus mortos; na Beira, empunhando timidamente o pincel, deparárão-se-nos a esboçar, a ocre, em pedras mal apparelhadas, a imagem grosseira dos seus deuses; por todo o Sul nos apparecêrão gravando, com mais ou menos esmero, religiosas placas de lousa, e por todo o Norte e centro do país, e ainda em parte do Alemtejo, abrindo com escopros de pedra, á superficie dos rochedos bravios, aquelles mysteriosos signaes que são como outras tantas esphynges que desafião e atormentão

a paciencia dos archeologos, no desejo em que estes estão de os decifrar; finalmente, em todo o país, desde o Minho ao Promontorio Sagrado, desde a Serra de Sintra á fronteira beirôa e alemtejana, elles, os velhos povos da idade da pedra, se nos mostrão cheios de actividade e de fôrça, ora affeiçoando instrumentos que adaptavão a todas as fórmas do trabalho, e criando verdadeiras maravilhas industriaes, ora construindo antas, e edificando castros roqueiros. Isto nos prova que esses povos erão sedentarios e artistas. Das reliquias das suas industrias e das suas comidas deduz-se tambem que muitos se occupavão da caça e da pesca, e que a alguns não seria estranha a agricultura. Por outro lado sabemos que em occasiões apertadas praticavão a guerra: senão para que servirião os seus castros, defendidos por parapeitos, e postos em eminencias pouco accessiveis?

Devião reflectir-se na religião, como disse, tão differentes condições de vida; mas, ainda que muito se poderia theoricamente aqui notar, pelo confronto com outros povos em condições analogas ás dos nossos, poucos materiaes nos ficárão pelos quaes se possa formar juizo.

Se na estação maritima da Furninha, de que por vezes tenho fallado neste livro, abundavão os productos da industria humana, e os restos de certos animaes, vimos, a pags. 346–347, que erão raras pelo contrário as conchas de molluscos marinhos, e quasi nullos ou nullos os restos de peixes, — o que leva a crer que estes animaes não fazião parte da alimentação humana, ou entravão nella por maneira muito escassa: d'onde, em razão dos argumentos, que apresentei, de povos que, por superstição, não matão vários animaes, se deverá inferir certa veneração cultual pelos peixes e molluscos, e provavelmente tambem pelo mar.

Teremos assim na religião um reflexo do viver maritimo dos nossos avós.

A importancia dos animaes em geral manifesta-se porém mais claramente noutras circumstancias: as placas de

schisto, figs. 31 e 32, de Alcobaça e de Idanha-a-Nova, que representão animaes; as pequenas figuras de pedra achadas na necropole do Alvão, de que dei amostra na fig. 72; as pinturas zoomorphicas de certas antas da Beira-Alta, de que fallei a pags. 276 e 389 nota; e uns pequenos objectos de calcareo que ultimamente vi no Museu de Faro, e cuja parte superior é affeiçoada á maneira das referidas placas de schisto, — cara provida de globos oculares, palpebras, pestanas e sobrancelhas: tudo isto me parece revelar feitiços, ou melhor idolos. Poderá ainda aggregar-se a taes objectos um vaso de barro, que representa um porco, e foi publicado pelo Sr. Cartailhac em *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 113, proveniente da gruta do Carvalhal, e analogo a outros apparecidos noutros países.

A differença que existe entre feitiço e idolo não é grande: qualquer objecto, mesmo informe, logo que se creia que nelle habita um espirito, torna-se feitiço; quanto ao idolo, é um objecto com certa fórma representativa do ser que nelle se aloja. Ás vezes chama-se imagem a um idolo, mas a imagem não contém o espirito divino; o povo é que, por exemplo, muitas vezes confunde as imagens dos santos com os proprios santos, as quaes por isso se tornão para elle verdadeiros idolos.

Voltando ás nossas figuras prehistoricas, penoso será no emtanto defini-las, pois, ou podião significar animaes sagrados, ou totens, isto é, animaes que encerravão em si espiritos de seres superiores, protectores dos homens, e ordinariamente antepassados d'estes. Não podem deixar de se aproximar das mencionadas figuras de animaes, que parece são pelo menos dos generos *Sus, Felis* e *Canis*, os amuletos feitos de dentes de animaes dos mesmos generos, como se disse a p. 343. A importancia do elemento zoomorphico no quadro religioso fica assim mais patente. Os povos, não satisfeitos com manifestarem o culto que prestavão a certos animaes, dando-lhes as fórmas de feitiços ou idolos, e representando-os figurativamente pela pintura, aproveita-

vão-lhes ainda os proprios dentes, que trazião, com veneração, pendurados ao pescoço, á cinta, nos braços ou nas pernas. Accrescente-se ainda o amuleto de ponta de veado, a que me refiro adeante no ADDITAMENTO á obra.

Em dois ou mais casos, as pinturas a que a cima alludo reproduzem seres humanos. Sendo estas pinturas, como com fundamento supponho, religiosas, evidencia-se nestes exemplos, mais que em nenhum outro, a noção de idolo.

O estudo do assumpto leva á mesma conclusão a que por outros meios cheguei no decurso do presente livro (cfr. p. 324), isto é, que a nossa civilização neolithica não era uniforme. Com effeito, havendo em todos os pontos de Portugal tão abundantes vestigios d'ella, manifestos em estações, em necropoles, em simples sepulturas, e em innumeros objectos avulsos, o que tudo posso certificar dos livros e artigos que tenho lido, do Museu que está a meu cargo, e das collecções públicas e particulares que tenho visitado, apresenta-se como notavel o facto de até agora só se haverem encontrado figuras zoomorphicas em locaes insulados de Tras-os-Montes, da Beira, da Extremadura e do Algarve. Prova-se assim a variedade dos centros sociaes, o que está tambem de accôrdo com o resumo anthropologico que fiz a pags. 64–68, d'onde vimos que no periodo neolithico havia diversos typos ethnicos no nosso país; e póde pois applicar-se á Lusitania prehistorica o que Camões nos *Lusiadas,* X, 139, diz da America:

> Várias provincias tem, de várias gentes,
> Em ritos e costumes differentes.

A crença no Animismo, que, como lembrei, era outro elemento da vida religiosa dos nossos avós, revelou-se-nos sufficientemente no que escrevi á cêrca da trepanação[1] e das sepulturas[2], e em parte nos paragraphos á cêrca dos

---

[1] Cfr. especialmente p. 197.

[2] Cfr. especialmente pags. 279, 330 e 348.

amuletos[1] e das insculpturas em pedras[2]. Para os povos prehistoricos, como para muitos outros, antigos e modernos, o Universo parece que era povoado de espiritos poderosos, que insufflavão vida á Natureza, dirigião os actos sociaes e funcções physiologicas do homem, e representavão as almas dos mortos.

*

Depois de termos fallado das crenças, passemos agora ás variedades do culto propriamente dito.

Em primeiro lugar achamos a possibilidade da existencia de certos individuos dotados de caracter maravilhoso, segundo o que se disse a pags. 191 e 195. D'aqui á possibilidade da existencia de sacerdotes não dista muito: cfr. tambem o que se disse a p. 349. Para os povos de civilização inferior, não só qualquer acto, como a installação de um tropheu de caça, a evocação dos espiritos, é realizada por um individuo revestido de certo caracter hierarchico e sobrenatural, mas tambem a qualidade de sacerdote anda muitas vezes inherente á de médico, e ainda á de rei[3]. Havemos porém de considerar esses sacerdotes pouco mais ou menos como simples feiticeiros ou bentos, de que ainda no nosso proprio povo temos hoje exemplos em abundancia.

Objectos notaveis de culto são os amuletos estudados a p. 111 sqq. (feitos de diversas substancias), 184 sqq. (cranianos) e 193 sqq. (idem), os idolos ou feitiços, de que fallei a pags. 343 e 394, e os signaes insculpidos ou

---

[1] Cfr. especialmente pags. 116–119.

[2] Cfr. especialmente p. 390.

[3] Cfr. Ratzel, *Las razas humanas* (traducção do allemão), I, 108 e 559; Réville, *Prolégomènes de l'histoire des religions*, pags. 197–202, e *Les religions des peuples non civilisés*, I, 150; Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, I, IX; Henrique de Carvalho, *Ethnographia da Lunda*, pags. 246 e 432.

pintados nas paredes das sepulturas ou em penedos vizinhos, como se disse a p. 358 sqq.

No paragrapho sobre os amuletos e objectos congeneres occupei-me, a p. 143 sqq., dos instrumentos neolithicos que, por terem um furo, podião servir para se pendurarem, e disse eu, que, por serem raros, mais facilmente servirião de objectos de culto, do que de objectos de uso prático: com effeito, entre centenas de instrumentos neolithicos, que tenho obtido, apenas uma dezena, quando muito, apresenta orificios; se os orificios servissem para fixarem os objectos nos cabos, de certo devia haver muitos mais instrumentos furados do que ha. No trabalho do Sr. Pigorini, intitulado *Del culto delle arme di pietra nell' età neolitica,* é possivel que eu encontrasse argumentos que apoiassem o meu: mas infelizmente não consegui ainda ler este trabalho; apenas do mesmo auctor conheço directamente um artigo publicado in *Bullettino di paletnologia italiana,* XXII, p. 238, em que vem uma allusão ao assumpto. Entre os varios objectos furados de que tenho conhecimento ha uns tão bem conservados que não revelão uso nenhum; e outros muito pequenos: qualquer dos factos apoia o meu raciocinio. Ao lado dos pequeninos machados de pedra, que, nesta hypothese, serião symbolicos, devo mencionar um instrumento collossal, que vi nas mãos de um particular, e de que me mandárão um esbôço (fig. 100),

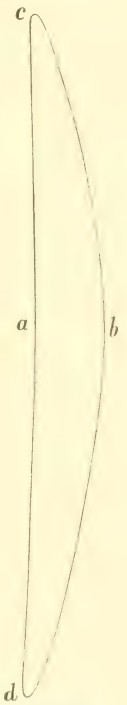


Fig. 100

objecto que, a não ter sido symbolico, não se comprehende bem o que, em virtude das ideias da epocha, teria sido: mede de comprimento (*c-d*) $1^{m},9$ e de maior largura (*a-b*) $0^{m},16$. Conhecem-se lá fóra, na Dinamarca, na Bretanha e na Sicilia, outros machados de pedra igualmente collos-

saes[1]. Mal podem tambem deixar de ser symbolicos os instrumentos feitos de substancia fragil, como lousa e barro. No Museu Ethnologico Português ha um interessante machadinho de barro, que aqui figuro em tamanho natural (fig. 101), proveniente de uma necropole neolithica da Serra do Alvão (Tras-os-Montes), o qual pertence á mesma categoria. Com elle póde comparar-se, quanto á materia, um machadinho de barro de Verucchio (Italia), figurado

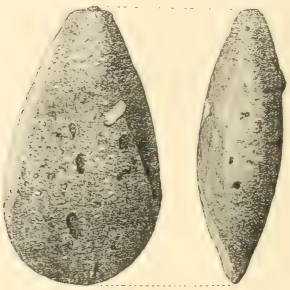


Fig. 101

pelo Sr. Pigorini in *Bullettino di paletnologia italiana*, 1896, p. 238; só este pertence ao primeiro periodo do ferro; o illustre paleoethnologo italiano considera-o tambem como religioso.

Augmentão assim consideravelmente os objectos de culto.

Mais importante e mais complexo porém que tudo é o ritualismo funebre, demonstrado na profusão das sepulturas (naturaes e artificiaes) e no mobiliario sepulcral. De facto, escolhendo-se para typo d'este ritualismo uma anta,

[1] Vid. Paolo Orsi, *Quattro anni di esplorazioni sicule*, Parma 1894, p. 113, nota; e um artigo do mesmo A. in *Bullettino di paletnologia italiana*, 1895, p. 50.

tão completa quanto o estudo do conjuncto de muitas nola faz suppor, vê-se que nada melhor se podia imaginar para descanso do espirito do morto, quer os restos d'este experimentassem a cremação, quer o enterramento: paredes e tecto de fortissimas lages, para alli arrastadas com grande custo; chão ladrilhado de lages ou coberto de seixos; uma pedra de mirificas virtudes, ou uma divisão ou nicho especial, para depósito do despojo funereo; as faces internas da camara e da galeria forradas de pinturas sagradas, ou com insculpturas de mystica significação; em volta do cadaver, das ossadas ou das cinzas humanas, tudo aquillo de que o homem necessita, alimentos, vasilhas com as respectivas tampas, mós para se fazer farinha, armas de guerra e de caça, materia prima para se fabricarem novas armas, instrumentos de trabalho, vestuario, enfeites corporaes, e ainda diversos objectos dotados de virtude sobrenatural, como amuletos, e feitiços ou idolos; e, como complemento final, um grande monte de terra a envolver exteriormente o monumento, cuja entrada se fechava com uma pedra. Protegido pelos seus deuses, provido de quanto para a existencia lhe era mister, que mais queria o morto? Uma anta, e em geral um tumulo, se constituia como que um asylo onde nada faltava, assemelhava-se tambem a um sacro templo, porque, como de um da India diz Camões nos *Lusiadas,* VII, 47:

> Alli estão das deidades as figuras,
> Esculpidas em pau, e em pedra fria,
> Varios de gestos, varios de pinturas...

*

Não desejo rematar este artigo, sem tocar ainda em certos assumptos secundarios.

Nas obras que tratão de prehistoria, ao fallar-se dos monumentos megalithicos, falla-se de cromlechs, menhires, pedras-balouçantes, e ainda de outros. Em relação a Portugal, direi que cromlechs authenticos não conheço por

ora nenhum; de um supposto menhir fallei a p. 372; as pedras-balouçantes, de que realmente existem varios especimes em Portugal [1], parecem-me simples *lusus naturae,*

[1] Borges de Figueiredo in *O Conimbricense,* de 4 de Julho de 1885, e in *Revista Archeologica,* II, 1 sqq., tratou d'este assumpto, indicando duas portuguesas: a da Torre, no concelho de Viseu, e a de Carragosella, no concelho de Táboa. O mesmo A. adopta a opinião do Sr. F. Adolpho Coelho, segundo a qual *Peravana* e *Falperra,* nomes de lugares, indicão pedras-balouçantes, significando a primeira palavra *pedra que abana,* e a segunda *falsa pedra:* quanto a *Peravana,* a etymologia é possivel; quanto a *Falperra,* ella está em opposição com as leis phoneticas, conhecidas, da lingua portu-

Fig. 102

guesa. — Figueiredo considera ainda a expressão *Penedo que falla,* que existe no onomastico, como indicativa de pedra-balouçante; mas tal expressão tem, quanto a mim, sentido muito differente, pois deve basear-se na crença de existencia de Moiras encantadas. Tambem na Beira-Alta ha um penedo «que toca como um sino», assim chamado em virtude de um phenomeno puramente natural: cfr. o meu artigo «Antiguidades da Beira», in *Gazeta da Figueira,* n.º 486, de 19 de Setembro de 1896. — Igualmente interpreta Figueiredo como revelação da existencia de pedras-balouçantes o nome de *Pedra Encavallada* dado a certas localidades; nem sempre assim

embora por isso pudessem ter sido encaradas pelo homem prehistorico como sobrenaturaes, mas do que não possuo provas; de outros monumentos susceptiveis de serem incluidos na classe dos religiosos não tenho notícia.

O que fica exposto a proposito da religião da Lusitania neolithica funda-se apenas nos documentos que de tão remotas eras nos restão; dos elementos religiosos, que não deixão, ou podem não deixar, vestigios materiaes, a saber, a adoração das arvores, das aguas, dos montes, as danças e musicas sagradas, as cerimonias, os sonhos, as fórmulas magicas, as sortes, os bosques santos ou *luci*, e outros elementos semelhantes, claro está que nada se poderia dizer senão theoricamente, de accôrdo com o que se passa na vida dos povos incultos, e com o que pela historia sabemos das mais antigas sociedades ibericas: mas a prudencia pede que não se vá muito alem de uma simples indicação. Já a p. 166 se tocou este ponto, a proposito dos amuletos. A existencia de recintos e lugares sagrados inferiu-se explicitamente, a p. 327 sqq., ao fallar-se dos cemiterios e necropoles. De cerimonias funebres fallou-se a p. 349. Do respeito do homem prehistorico pelas

---

será, porém, porque junto de Mondim da Beira, por exemplo, ha o *Penedo Encavallado*, que não é pedra-balouçante.

Ultimamente o Sr. Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, a quem os estudos ethnographicos merecem muita attenção, deu-me relação de outra pedra-balouçante; existe perto d'aquella villa, e é chamada pelo povo *Pedra que bole*. A titulo de curiosidade, aqui publico (fig. 102) a estampa d'ella, segundo um desenho que o mesmo Sr. me mandou. A pedra mede de comprimento 7 metros; de largura $4^{m},6$; de altura $3^{m},15$. Escreve-me o Sr. Lopo: «A *Pedra que bole* apresenta uma excavação em fórma de concha, que é cheia de covas de diversos tamanhos; a SE. ha uma pedra, que é pequena relativamente á outra, tão proxima da balouçante, que d'ella dista $0^{m},01$ na extensão de $0^{m},50$. É impellindo a *Pedra que bole* do lado dest'outra pedra, que ella oscilla; e olhando-se para o exiguo intervallo que separa as duas, é que melhor se nota a oscillação da balouçante, por menor que ella seja».

grutas alguma cousa se disse a p. 219 sqq.[1]. De cenotaphios fallou-se a pags. 211 e 283; e de ossuarios a p. 317 sqq. Existem povos que levão a singularidade da sua superstição ao ponto de considerarem como fatidicos, ainda os objectos mais extraordinarios, por exemplo, vasos antigos[2]. A proposito de vasos, lembrarei que o Sr. Pigorini, director do Museu Prehistorico de Roma, estudando no seu opusculo *Stoviglie votive italiche,* 1897, uma serie de pequenos vasos do primeiro periodo do ferro e do periodo do bronze, considera-os como votivos. Tambem eu no «Castro» prehistorico de Pragança encontrei um vaso tão pequeno, que não deve deixar de se incluir na serie dos estu-

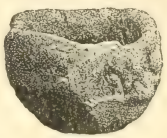


Fig. 103

dados pelo Sr. Pigorini: aqui dou d'elle uma estampa em tamanho natural (fig. 103; o original guarda-se no Museu Ethnologico Português).

*

Quando a Ethnologia estiver mais adeantada, talvez tambem pelo estudo das superstições de cada país, se chegue a conhecer melhor as ideias religiosas do passado. Como nos banquetes heroicos as taças de hydromel passavão de mão em mão, saboreando cada conviva o liquido precioso, assim de seculo para seculo, de geração para geração, neste convivio ininterrupto da humanidade, as ideias se vão agradavelmente transmittindo, ora puras,

---

[1] Cfr. pags. 16 e 91 (grutas santas); 47 e 225 (lendas)

[2] No Archipelago Indico. Vid. *Mélusine*, III, 124.

ora modificadas, conforme a natureza dos povos e as condições dos lugares: de modo que póde em muitos casos seguir-se até muito longe o fio da tradição, com quanto nem sempre seja facil ou exequivel assignar a certas superstições, manifestamente pre-christãs, origem clara e determinada.

O estudo da Historia, ainda que para mais não servisse, servia para mostrar como o presente é solidario com o passado. Já a maioria dos sentimentos de que se compõe a nossa existencia, já o geral dos nossos costumes e dos objectos de que nos servimos diariamente, — tudo provém da antiguidade. Ao estudarmos as grutas e os dolmens, — e fallo principalmente nestes monumentos, por serem duradouros, — vimos, a pags. 225 sqq., 249 sqq. e 285 sqq., como desde remotissimas eras até hoje se tem conservado na memoria popular a lembrança d'elles: monumentos sagrados em seu principio, a alma do povo continuou carinhosamente a santificá-los, embora noutro sentido. Dos instrumentos de pedra, que auxiliavão os homens neolithicos no seu trabalho, conservão-se ainda agora nas mãos da gente do campo exemplares sem conta, e cada um revestido de caracter sobrenatural, porque quem mais não entende dos phenomenos meteorologicos e da ethnographia primitiva considera esses interessantes productos da industria humana como formados pela trovoada, ou «pedras de raio»: já varios AA. antigos, como Suetonio [1], Solino [2], Sidonio Apollinario [3], Claudiano [4] e S. Isidoro [5], se referírão

---

[1] *Vitae,* (ed. de Weise, Tauchnitz, 1845): *Galba,* cap. VIII.

[2] *Collectanea rerum memorabilium,* cap. 23 (ed. de Mommsen, Berlim 1895, p. 104).

[3] *Carmina,* v, 49–53 (in *Monument. German.,* «Auctor. Antiquiss.», VIII, p. 189).

[4] *De Laudibus Serenae,* vv. 77–78.

[5] *Etymol.,* XVI, XXIII, 4 (ed. de Madrid, 1778, *Opera,* I, p. 412). — S. Isidoro repete a superstição tal como vem em Solino, e emprega mesmo algumas das palavras que neste se lêem.

á superstição peninsular das «pedras de raio» em geral, — o que prova a intensidade d'ella[1]. Dos amuletos, cujo exame constituiu o § II do Capitulo III, quantos vestigios não se encontrarão na tradição moderna? A factos analogos a estes me referi tambem a pags. 111 e 349, e do conjuncto d'elles me occuparei com mais individualização na parte d'esta obra consagrada ao estudo dos vestigios do paganismo.

Se cansados das lutas da vida, mortificados de toda a maneira, dirigimos a nossa imaginação para o passado, para as regiões nevoentas e melancolicas em que se esconde o nosso berço primitivo, ao menos experimentamos certo consôlo, porque, ao vermos levantarem-se majestosamente do pó dos tumulos, de entre a escuridão das cavernas, ou de sob as cryptas megalithicas, os espectros dos nossos velhos e incultos avós, com barbas brancas e esqualidas, cahidas sobre o peito, olhos que o somno eterno pisou, mãos callejadas do manejo das armas de pedra, voz de angustia, de quem muito trabalhou e soffreu, comprehen-

---

[1] De entre os AA. citados, é Suetonio o unico que especifica as machadinhas (deve entender-se «de pedra»): *in Cantabriae lacum fulmen decidit repertaeque sunt duodecim secures* (um *thesouro* de instrumentos neolithicos, ou um *ripostiglio,* como dirião os Italianos!). Solino (e com elle S. Isidoro) localiza a superstição expressamente nas costas maritimas da Lusitania, mas não falla de *machadinhas,* conta as pedras de raio entre os productos da Natureza. Claudiano colloca as pedras «nos antros dos Pyreneus»; Sidonio não menciona região nenhuma especial da Peninsula, falla da Hispania em geral. Temos pois, ao que parece, duas especies de pedras de raio: instrumentos prehistoricos, e certas pedras naturaes; a superstição estava espalhada pela Peninsula, na Lusitania, na Cantabria, nos Pyreneus. — Notarei incidentemente que talvez a fonte litteraria de Solino neste ponto fosse o auctor lusitano Cornelio Boccho: sobre Cornelio Boccho cfr. *O Archeologo Português,* I, 69. — Tanto Suetonio como Claudiano considerão o apparecimento das pedras de raio como prodigios, um nas vesperas da exaltação de Galba ao throno dos Cesares, o outro por occasião do nascimento da formosa Serena.

demos que elles nos dizem, na sua irrefragravel eloquencia, que, assim como hoje, cheios de veneração, os vimos saudar, e recebemos e ampliamos com enthusiasmo a herança ou civilização que nos legárão, assim tambem hão-de proceder para comnosco os nossos vindouros, porque a tradição é uma fôrça moral que subordina perpetuamente as consciencias ao respeito da patria.

*

Formemos agora um pequeno quadro provisorio do que, com mais ou menos probabilidade, e sem sahirmos da área dos factos de observação, explicados sempre por comparação com outros que se notão na vida dos povos de civilização inferior, pudemos apurar quanto ás ideias religiosas que dominavão na Lusitania no periodo neolithico:

I. Concepção (Naturalismo e Animismo):

a) *a lua e o sol;*
b) *o mar e os peixes;*
c) *outros animaes* (mammiferos);
d) *os espiritos da Natureza e dos mortos.*

II. Culto:

a) *sacerdocio rudimentar;*
b) *lugares sagrados* (cemiterios);
c) *cerimonias* (funebres);
d) *necrolatria;*
e) *amuletos; instrumentos e vasos symbolicos; idolos ou feitiços* (figurados e pintados) *de animaes e do homem; signaes insculpidos em pedras.*

A ter de ser exclusivamente pelos restos da sua religião que houvessemos de definir o caracter dos Lusitanos neolithicos, de certo não poderiamos collocar no cume da

escala social tribus que se cobrião de amuletos, que para operações magicas perfuravão o cranio, e que consagravão aos mortos, para a romagem do outro mundo, objectos de serventia quotidiana: devemos todavia notar que um grau inferior do sentimento religioso é compativel com o explendor da civilização material, como se observa, por exemplo, na Europa, onde, ainda nos países mais illustrados, existem innumeras e extravagantissimas superstições; por isso suspendamos por um pouco o nosso juizo, e ponhamos a par d'esse quadro modesto e grosseiro da religião dos nossos avós os outros elementos da civilização, taes como o apuro de muitos instrumentos de pedra, o gôsto da ornamentação ceramica, a escôlha de diversas materias primas para fins industriaes e artisticos, as tendencias para a representação zoomorphica pela esculptura, pela gravura e pela pintura: com quanto todos estes elementos appareção, e ainda ás vezes com maior desenvolvimento, em algumas sociedades selvagens, elles revelão grande vantagem em relação ao periodo paleolithico e dos kjoekkenmoeddings, — por onde se deve concluir que os povos neolithicos da Lusitania, se erão ainda em parte selvagens, não rastejavão já nos degraus infimos da civilização, e pelo contrário tinham attingido bastante progresso, offerecendo no conjuncto da sua ethnographia, á parte certas particularidades, os mesmos caracteres que outros povos da Europa seus contemporaneos.

CAPITULO IV

A religião na epocha dos metaes

Assim como se torna difficil, para não dizer impossivel, estabelecer differença radical entre os fins do periodo neolithico e os primeiros alvores da epocha dos metaes, por isso que o uso d'estes, como materia prima na arte e na industria, se juxtapôs lentamente ao da pedra, do que resultou, no desenvolvimento social, uma era de transição, ou chalcolithica: assim tambem mal se póde dilimitar com rigor o que na epocha dos metaes pertence á prehistoria e á protohistoria. O castro ou «Castello» de Pragança, no antigo concelho do Cadaval, ministra um bello exemplo de civilizações mixtas, porque, de um lado tem abundantes caracteres neolithicos, do outro não menos abundantes caracteres da epocha do metal (cobre ou bronze), e, com quanto não chegasse a receber o predominio da civilização romana, penso que foi, pelo menos nos ultimos tempos em que elle existiu, contemporaneo d'ella[1]. Perto da foz do rio Mira descobriu o Dr. Abel da Silva Ribeiro algumas sepulturas, que o Sr. Cartailhac considera como do periodo de transição dos tempos neolithicos para os primeiros tempos do uso do metal[2], e Estacio da Veiga considera como do

---

[1] Vid. o meu artigo «Castros» in *O Archeologo Português*, I. 5-7.

[2] *Les âges préhistoriques, etc.*, p. 210.

periodo do cobre[1]; Paula e Oliveira estabelece analogia entre estas sepulturas e as que elle estudou nos arredores de Cascaes[2], que creio devem considerar-se como protohistoricas. Estes exemplos mostrão a difficuldade que comecei por assignalar.

Adstringindo-nos, porém, ao estudo dos factos portugueses que melhor correspondem ao que com alguma propriedade deverá chamar-se *primeiros tempos da epocha dos metaes,* isto é, tempos em que o cobre e o bronze (mas principalmente o cobre) sobrepujão evidentemente a pedra, encontramos apenas um elemento religioso bem definido: o culto dos mortos; — o que não contradiz que existissem muitos outros elementos, uns provindos do periodo precedente, simples ou modificados, outros apparecidos agora pela primeira vez.

Estacio da Veiga estudou sufficientemente em relação ao Algarve as sepulturas do periodo que elle chama «do cobre». Estas sepulturas são principalmente *cistas,* que já tambem se nos deparárão no periodo neolithico[3]. De outros pontos do reino não ha bastantes elementos de estudo. Nas cistas algarvias achão-se a cada passo, a par de objectos de metal, objectos de pedra; mas aquelles constituem o typo caracteristico d'esta especie de offerendas funebres: por isso trato das cistas no presente lugar, com mais desenvolvimento do que tratei a p. 308 sqq.

As *cistas* são caixas quadrangulares, ou mesmo quadradas, compostas de quatro, seis ou mais lages, toscas, sem alinhamento, que formão os lados, e estão cobertas tambem de lages. Eis aqui na fig. 104[4] a planta e perspectiva de uma cista de Bias (concelho de Olhão). Estacio da Veiga,

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 143.

[2] *Antiquités des environs de Cascaes,* p. 13 (extracto das *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos,* t. I, fasc. 1).

[3] Vid. supra., p. 308.

[4] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, est. XI, em frente da p. 106, n.º 1.

em varios lugares do vol. IV das suas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* traz plantas de sepulturas rectangulares e trapezoidaes.

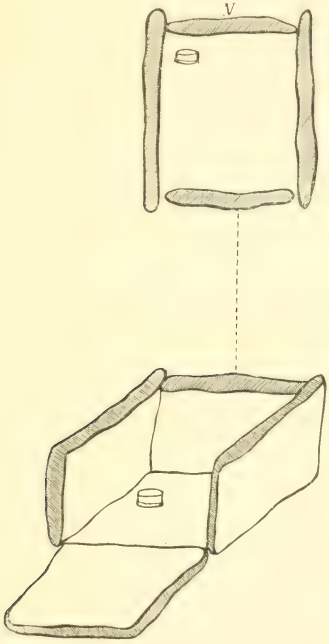


Fig. 104

As dimensões das cistas varião entre $0^{m},85$ e $1^{m},02$ de comprimento, $0^{m},40$ e $0^{m},75$ de largura, $0^{m},50$ e $0^{m},80$ de altura[1].

[1] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve,* IV, *passim.*

Estas sepulturas, umas vezes não contém nada, outras vezes contém pequenas urnas, fragmentos de ossos e instrumentos de cobre e de pedra. As urnas erão destinadas a conter os ossos (*ollae ossuariae*). Em cistas de Alcaria do Pocinho (Algarve) havia uma urna com um cranio quasi inteiro, na disposição indicada na fig. 105[1], e outra com fragmentos de um cranio cobertos pela valva de uma vieira (*Pecten maximus*), como se vê na fig. 106[2]. Esta ultima deve dar ideia do typo geral. Não raro os ossos estavão já dispersos pela sepultura.

Segundo Estacio da Veiga, as cistas erão destinadas a recolher reliquias de exhumações, isto é: os cadaveres terião sido inhumados, e, depois de consumidas as partes molles, as ossadas serião depositadas em urnas e postas nas cistas. As pequenas dimensões de algumas cistas não permittião, de mais a mais, o enterramento, «ainda mesmo dobrado que fosse o cadaver pelas articulações dos femures»[3]. Parece que Estacio não encontrou vestigios positivos de cremação de cadaveres[4], e por isso não fez intervir este rito na explicação dos costumes funerarios revelados nas cistas; apenas, fallando das sepulturas da foz do Mira, que a cima mencionei, diz que a terra que as enchia «manifestou carvão miudo, talvez proveniente de alguma cerimonia funebre, em honra dos mortos, que fosse celebrada no acto do enterramento ou da inhumação»[5]. O Sr. Cartailhac, porém, indicando as dimensões de algumas cistas, accrescenta: «Ces dimensions réduites s'expliquent aisément; sauf exception, le rite de l'incinération succède à celui de l'inhumation. Les cendres du corps n'exigent

[1] Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV. est. XIII. em frente da p. 112. n.º 11.

[2] Id., *ib.*, *ib.*, *ib.*, n.º 10.

[3] Id., *ib.*, *ib.*, 118. Vid. tambem p. 112, etc.

[4] Algumas vezes especifica mesmo que os fragmentos achados erão de *ossos não queimados*: por ex., vol. IV. 123.

[5] Id., *ib.*, *ib.*, 141.

qu'un faible espace et presque toujours la petite chambre en pierre n'a pour but que de protéger l'urne funéraire. Cette urne manque rarement; couverte d'une rondelle de pierre à peu près brute, elle renferme les traces encore

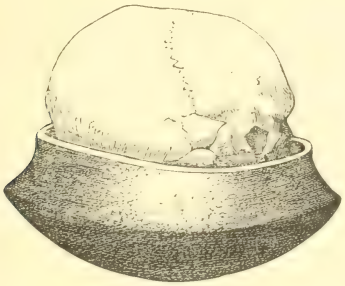


Fig. 105

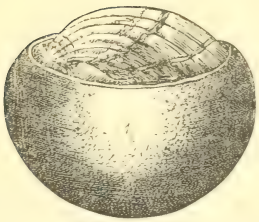


Fig. 106

reconnaissables du squelette; elle occupe un des angles du caisson»[1]. Já Silva Lopes, ao referir-se a uma pedreira de ardosia, trabalhada de tempo immemorial, no concelho de Aljezur, escreveu que nos sitios das Ferrarias e da

[1] *Les âges préhistoriques, etc.*, p. 213-214.

Arregata «se encôntrão muitas sepulturas, formadas de seis lapidas da mesma ardosia, em fórma de caixão, sem que n'ellas se contenhão ossos alguns, indicio de que erão de nações que queimavão os corpos» [1], sepulturas que são de certo cistas [2]. Em verdade causaria estranheza que, havendo-se tornado vulgar noutros paises o rito da cremação dos cadaveres na epocha de que estou tratando, não existissem vestigios d'elle em Portugal; todavia não possuo elementos para ir alem do que deixo apontado.

Ao passo que nas sepulturas do periodo neolithico se recolhião os restos mortaes de muitas pessoas, as cistas da epocha dos metaes encerrão de ordinario ossadas de um só individuo, e raramente de mais de um. Isto é um caracter muito especial seu, no qual insistiram Cartailhac [3] e Estacio da Veiga [4].

Como disse ha pouco, algumas sepulturas não continhão nada: Estacio da Veiga suppõe que ellas serião destinadas a recolher ossos cuja exhumação não chegou a effectuar-se [5]. Tambem em cistas apparecêrão urnas igualmente vazias, o que Estacio attribue ao facto de serem consideradas como monumentos de consagração [6]. Ambas as hypotheses são possiveis, mas com relação á segunda notarei que poderião as urnas ter contido cinzas que o tempo destruisse.

A situação das cistas varia. Muitas são situadas em cabeços ou em rampas de outeiros [7]. Estacio da Veiga encontrou nos montes da Zambujeira vestigios de uma povoação prehistorica; ahi ao pé havia tambem cistas [8]. Quanto á orientação, parece que a não tinhão fixa [9].

---

[1] *Corografia do reino do Algarve,* Lisboa 1841, p. 204.
[2] Cfr. Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve,* IV, 65–68.
[3] *Les âges préhistoriques, etc.,* p. 212.
[4] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 118, 120, etc.
[5] *Ob. cit., ib.,* 124.
[6] *Ob. cit., ib.,* 117.
[7] *Ob. cit., ib.,* 122, 123, 125, 126, 130, 133, etc.
[8] *Ob. cit., ib.,* 121.
[9] *Ob. cit., ib.,* 122, etc.

Do mesmo modo que as antas, as cistas formavão por vezes cemiterios ou necropoles. Estacio da Veiga descreve

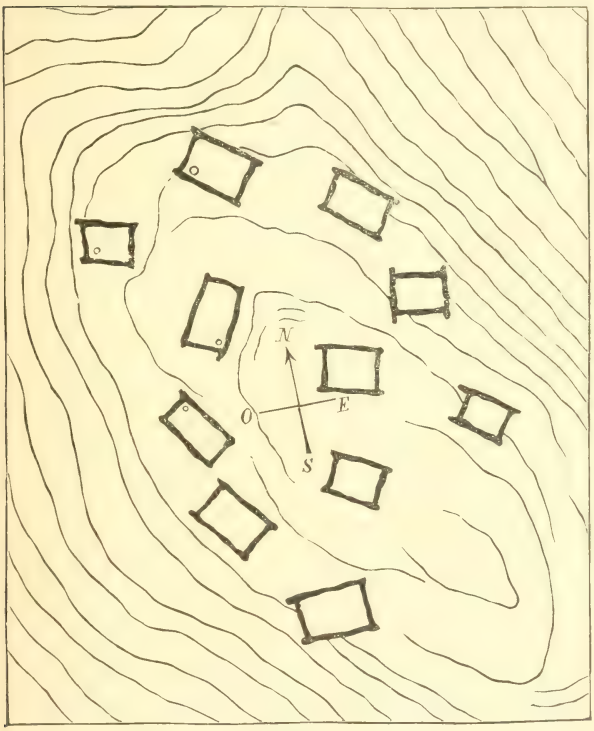


Fig. 107

bastantes; das suas obras extráio a planta (fig. 107) da necropole da Córga-das-Oliveiras (Castro-Marim)[1].

[1] *Ob. cit.*, vol. IV., est. XIV, em frente da p. 122.

As sepulturas da foz do rio Mira, a que alludi a p. 407, erão de diversas dimensões, permittindo algumas a inhumação do cadaver. «Estavam geralmente construidas com seis lages toscas, quatro formando os flancos lateraes e duas os topes, entaladas entre os lados. Não são completamente identicas ás das necropoles do Algarve, por terem as primeiras maior extensão, e a configuração trapeziforme, mas nas necropoles do Algarve tambem appareceram variantes»[1]. Os ossos não tinhão signaes de cremação[2]. Quanto á existencia de alguns carvões, vid. o que se disse a cima, p. 410.

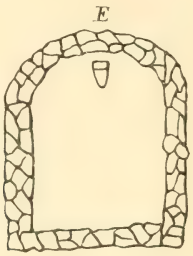


Fig. 108

Na numerosa serie de sepulturas algarvias, que Estacio da Veiga com fundamento attribue á primeira idade dos metaes, ha uma um pouco especial, assim descrita por aquelle A.: «A planta, posta verticalmente, representa um portico de arco abatido, da altura de $1^{m},15$, tendo de largura $0^{m},86$ e de fundura $0^{m},45$. A construcção foi feita com pedaços de lages de schisto por meio de fiadas horizontaes sobrepostas, e mui provavelmente assentes em terra que se molharia para cada fiada ficar mais firme»[3].

[1] Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve*, IV, 141.
[2] Id., *ib.*, *ib.*, 141.
[3] Id., *ib.*, *ib.*, 111.

Dou na fig. 108 a planta, na escala de $^1/_{40}$, extrahida das *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, est. XI, n.º 2. O genero da construcção parecia-se, como nota Estacio, com o da dos n.ºs 5 e 6 da necropole de Alcalar; mas este ultimo monumento era maior.

Outra especialidade nas construcções sepulcraes é a seguinte. No Cerro da Alcaria do Pocinho (Algarve) encontrou-se «um circuito de fórma elliptica, construido com pequenas lages de schisto em fiadas horizontaes sobrepostas. Estava mui bem conservado, certamente porque a pequenez do

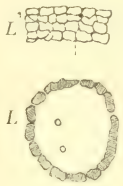


Fig. 109

material da sua construcção foi escapando á vista dos destruidores dos outros jazigos. Parece ter-se assim querido imitar a crypta dos grandes monumentos e o genero do trabalho de alguns de Alcalá (aliás *Alcalar*), dos que continham maior número de artefactos de cobre» [1]. A cobertura tinha desapparecido. O eixo maior mediu 1^m,45. Dentro estavão duas urnas de barro e fragmentos de outro. Como não appareceu osso nenhum, Estacio suppõe que este monumento sería de consagração, isto é, cenotaphio. Na fig. 109 dou a planta, extrahida do vol IV, est. XIII (lettra L) da obra d'aquelle A.

Adoptando o systema que adoptei noutros pontos d'esta obra, de descrever seguidamente os typos que, pelo menos

[1] Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve*, IV, p. 116.

na apparencia, são de transição, esperar-se-hia que eu collocasse ao pé dos monumentos de Alcalar os dois monumentos descritos, que parecem monumentos de transição entre as cistas e as cryptas alcalarenses. Mas a verdade é que, como se trata de várias civilizações, e não de uma unica, não se póde contar com uma serie progressiva de fórmas; se representassemos geometricamente estas fórmas, achariamos um circulo, e não uma recta. Suppondo que

D..... significa dolmens;

TDA... os monumentos de transição dos dolmens para as cryptas de Alcalar;

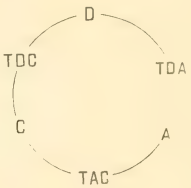
A..... os monumentos de Alcalar;

TAC... os monumentos de transição das cryptas alcalarenses para as cistas;

C..... cistas;

TDC... os monumentos de transição das cistas para os dolmens:

teriamos o seguinte eschema:



Não se limitão aos procedentemente indicados os costumes funerarios da primeira idade dos metaes. Estacio da Veiga dá relação de se haverem achado no Algarve curiosos sarcophagos constituidos por potes de barro, dentro dos quaes havia ossos humanos e instrumentos de cobre.

Estes potes existião no Espiche e em varios sitios proximos de Odiaxere. Infelizmente o infatigavel explorador das antiguidades algarvias não os pôde observar; apenas, para dizer o que diz, se baseia em informações, — que julgo serem porém fidedignas[1].

Os Srs. H. & L. Siret, nas suas explorações do SE. da Hespanha, encontrárão potes analogos, pertencentes á epocha dos metaes[2], — facto que Estacio não deixa de notar[3]; este A. refere-se tambem a costumes analogos da Bretanha, e do Oriente (Chaldeia e Assyria)[4]. A tal proposito leio num artigo do sr. Boetticher: «L'incinération dans de grandes urnes est un usage très répandu dans le monde antique et dont on a récemment constaté des exemples en Tunisie, dans le nord de l'Espagne et surtout dans les tertres funéraires de la vallée de l' Euphrate et du Tigre. A Hissarlik, on a trouvé des urnes contenant les squelettes non brûlés de jeunes enfants; il y a là encore un usage très général, auquel font allusion les vers bien connus de Juvénal (XV, 1396), et qui subsiste encore aujourd'hui à Bornéo»[5]. Nas Baleares, na antiguidade, era costume recolher numa urna os membros do cadaver, depois de quebrados ás pauladas; em cima collocava-se um grande montão de pedras[6]. Passando aos tempos modernos, encontramos o mesmo costume na Africa, nos Ban-kumbi (Humbe): quebrão os ossos principaes do defunto com um pau, e, fazendo-os num feixe, envolvem-nos primeiro num panno, e posteriormente numa pelle de boi; depois mettem-nos em uma panella, que enterrão[7].

---

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 72–75.

[2] *Les premiers âges du métal,* por ex., a p. 128 sqq.

[3] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 74.

[4] *Ib. ib.,* 75.

[5] In *Compte rendu* do Congresso de anthrop. e arch. prehist. de París, París 1891, p. 265 (resumo do sr. Salomon Reinach).

[6] Diodoro Siculo, *Biblioth. Hist.,* V, 18, ed. de Müller, Didot, 1842.

[7] Capello & Ivens, *De Angola á Contra-Costa,* p. 223.

Por consequencia, o costume dos potes funebres do Algarve relaciona-se com outros costumes, cuja área é bastante extensa.

Naturalmente estes potes estavão depositados dentro de sepulturas, ou de recintos especiaes.

*

Resumindo o que acaba de se dizer á cêrca dos costumes funerarios da primeira idade dos metaes, nota-se que, quanto á concepção da vida futura, não devia existir differença fundamental em comparação com o que succedia no periodo neolithico, por isso que junto dos restos humanos se depositavão offerendas: de certo se acreditava na existencia da alma, e que esta sobrevivia ao corpo, tendo na outra vida necessidades analogas ás que tinha na vida presente. Todavia, o rito primitivo experimentava já modificações secundarias, o que se deduz do modo de sepultar o cadaver: com effeito, emquanto no periodo neolithico cada tumulo recebe, ou póde receber, muitos cadaveres, no periodo do cobre cada tumulo recebe de ordinario as ossadas de um só esqueleto. Póde parecer que neste periodo o mobiliario funebre era menos abundante que no periodo neolithico; no emtanto, se em cada sepultura apparecem menos objectos, isto deve-se principalmente ao facto da pequenez da sepultura, e de esta pertencer a um só, ou a poucos individuos. O typo sepulcral predominante é a cista, com algumas variedades; o uso de grandes urnas ou potes, para conter os restos humanos, constitue uma singularidade, postoque o facto de collocar nas cistas urnas pequenas com ossadas seja frequente[1].

---

[1] Já depois de composto este texto publicou o Sr. Santos Rocha in *Revista das sciencias naturaes e sociaes*, IV, n.º 14, um artigo em que estuda parte da necropole da Campina (Faro), pertencente á epocha do cobre. De uma das sepulturas diz: «Era formada por lages brutas de 0m,30 a 0m,50 de comprimento, de altura não supe

Pena é que não existão outros documentos dos quaes se tirem deducções um tanto seguras sobre o caracter religioso da civilização da primeira idade dos metaes; nesta idade, pelo menos nas sepulturas e estações conhecidas, não se tem encontrado (ou, se se tem encontrado, é em pequena quantidade) objectos analogos aos amuletos, placas com ornatos, pingentes, animaes de pedra, rochas insculpidas, etc., do periodo neolithico. Attendendo, porém, ao desenvolvimento que a industria do cobre tomou no nosso país nos tempos de que me estou occupando, e ao grande número de minas que então se explorárão, — factos de que Estacio da Veiga, nas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* vol. IV, *passim,* dá abundantes provas, não vem fóra de proposito suppor que no quadro das ideias religiosas dos povos d'esta idade haveria algum lugar para divindades metallurgicas, ou que ao menos se celebrarião cerimonias, ou terião curso theorias, a proposito de crenças sobrenaturaes relacionadas com o mundo subterraneo. Não offerecia o metal tantas vantagens? Não constituia um instrumento tão util do trabalho do homem?

---

rior a 0m,48 e de 0m,08 a 0m,10 de espessura, cravadas de cutello, descrevendo alguma cousa semelhante a um heptagono irregular, em que faltava um dos lados a SE.: mas um outro supporte seguia no mesmo alinhamento do que ficava ao nascente; de sorte que a sepultura era mais comprida d'esse lado do que do outro. Da cobertura restavão apenas duas pequenas lages» (p. 61). Do modo de inhumação diz: «A exploração do recinto descobriu primeiramente dois esqueletos com as pernas encolhidas, isto é, com os joelhos proximos dos maxillares inferiores, parecendo que ambos tinhão os braços estendidos; e estavão deitados sobre o lado direito, com a face em terra e a cabeça para NO., mas bastante inclinada para O., um ao lado do outro» (p. 62). Nas sepulturas exploradas encontrou-se pequeno mobiliario: vasos de barro grosseiro, analogo ao neolithico da Serra do Cabo Mondego, e objectos de cobre puro. No terreno da necropole encontrou-se uma pequena placa de lousa (amuleto?). Estas sepulturas relacionão-se, como se vê, com aquellas a que no texto me refiro.

Que admira que este o venerasse e o considerasse como presente de um deus?[1]. O que estou dizendo não é pura supposição. Alem de sabermos que por toda a parte, nas camadas menos cultas das sociedades, os metaes, as minas e os mineiros estão a cado passo revestidos de caracter sobrenatural, como se póde ver no copioso livro do sr. Paul Sébillot, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions de tous les pays,* Paris 1894[2], possuimos tambem uma noticia, transmittida pelo escriptor romano Justino, respectiva a velhas crenças metallurgicas da Lusitania[3]. A obra de Justino é, como se sabe, o resumo de uma de Trogo Pompeu, escriptor que viveu no tempo de Augusto, e aproveitou nos seus trabalhos os de outros auctores mais antigos; por tanto, embora a notícia apontada pertença em rigor aos tempos protohistoricos, que constituirão o assumpto da Parte II d'esta obra, onde tambem tratarei d'ella, póde referir-se, e refere-se provavelmente, a factos originarios de tempos anteriores: o que justifica o que a cima escrevi. Deducções analogas, com relação a outras crenças, se poderião tirar de outros factos, mas, como fiz ao tratar dos periodos precedentes (paleolithico, dos kjoekkenmoeddings, e neolithico), não quero sahir da área do que na nossa archeologia entendo que se deve tomar propriamente como religioso, para que não se me appliquem os versos camonianos:

> Este interpreta mais que sutilmente
> Os textos..... .....[4]

---

[1] A pag. 143 citei neste sentido alguns factos.

[2] D'esta obra deu desenvolvida e aprimorada notícia o Sr. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro in *Revista de obras publicas e minas,* XXV, 255–261 e 399–411, d'onde foi transcrita para a *Revista Lusitana,* IV, 85–100.

[3] *Historiarum,* XLIV, III.

[4] *Lusiadas,* VIII, 99.

Até aqui fallei de sepulturas em que como unico metal apparece o cobre, pelo que, a respeito d'ellas, empreguei por vezes a expressão «primeira idade dos metaes». Sepulturas em que appareça exclusivamente o bronze são raras.

Estacio da Veiga falla de duas que explorou nas proximidades de Faro, as quaes não differem das cistas descritas ha pouco: nellas achou fragmento de urnas de barro, instrumentos de bronze e pedaços de ossos[1].

Creio que deve pertencer a este lugar a menção dos seguintes factos. Estando eu uma vez em Mertola em estudos archeologicos, chamou-me a attenção o meu bom amigo o Sr. João Manoel da Costa para uns cacos meudos que se observavão á superficie do solo, em grupos, á maneira de manchas arredondadas, dispersas aqui e alem, numa elevação que fica situada ao lado direito do «barranco» do Pôço, junto da villa. Com um sacho de mão cavei eu mesmo, e fiz cavar por outros, estas manchas, e encontrei, alem de cacos, fragmentos de objectos de metal, já com fórma pouco definivel, e esquirolas osseas, umas quasi reduzidas a pó, outras chamuscadas. Do estudo que fiz no local nessa occasião, e repeti depois d'isso, em Janeiro de 1897, em que ahi voltei, convenci-me de que se tratava de sepulturas por incineração constituidas por pequenas urnas de barro, depositadas em covinhas abertas á superficie da rocha natural (schistosa), lá chamada «talisca». As covinhas tinhão de diametro, umas pelas outras, *plus minus,* dois a tres decimetros e meio, e de profundidade uns dois decimetros. As urnas, no conjuncto dos seus cacos, offerecião hoje o aspecto de tijelas; mas, como a superficie do solo havia sido já por vezes remexida, é possivel que primitivamente fossem mais ou menos globulares, tendo-lhes aquelle tra-

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 191.

balho de remeximent levado as calotes superiores; d'ellas restão apenas, como disse, cacos, de pouca espessura, e de pasta grosseira, ás vezes negra por dentro, igual á de muitos vasos do castro de Pragança, das antas da Beira-Alta e da necropole de S. Martinho de Sintra. Alguns dos objectos metallicos, chimicamente analysados, mostrárão ser de bronze[1].—Teremos pois assim uma necropole do periodo do bronze, por incineração; pude observar ainda vinte sepulturas.

*

Sob o titulo de «Idade do bronze» estuda Estacio da Veiga, no vol. IV das suas *Antiguidades monumentaes do Algarve,* muitos factos com que pretende provar a existencia d'aquella idade como distincta da do cobre. Já a p. 76 eu disse, embora com toda a reserva, que não repugna admittir, antes parece muito acceitavel, no nosso país a dualidade da civilização do cobre e do bronze; no emtanto, alguns objectos descritos por Estacio da Veiga são por este auctor considerados como da «Idade de bronze», sómente por serem de bronze, razão que evidentemente não basta, porque, depois que pela primeira vez se ligou o estanho com o cobre, do que resultou o bronze, não mais até hoje deixárão de se fabricar objectos d'esta substancia. Inclino-me antes a crer que varios factos que Estacio da Veiga expõe, por exemplo, os que se relacionão com as figuras metallicas de fórma humana e animal, devem antes pertencer aos tempos que chamo PROTO-HISTORICOS,—e para lá reservo fallar d'elles.

Com mais razão factos que elle inclue no «periodo do ferro», como os que se referem ás necropoles de Bensafrim e de Alcacer do Sal, os deixo tambem para a Parte II d'esta obra.

---

[1] A anályse foi feita pelo illustre Lente do Instituto Industrial de Lisboa, Sr. Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, a quem aqui agradeço.

*
* *

Acho-me assim chegado ao fim do meu trabalho, em relação aos TEMPOS PREHISTORICOS.

No volume seguinte, em que me occuparei das religiões de uma epocha á cêrca da qual possuimos documentos mais ricos, veremos que muitos dos factos que na primeira parte nos apparecêrão, por assim dizer, rudimentarmente, se revelarão então com caracter mais pronunciado; e teremos deante de nós mais variedade de phenomenos, em virtude ou da relativa nitidez e abundancia dos documentos, ou da sobreposição de novas camadas ethnicas e sociaes: por tudo isso, não será preciso, como até agora, em que havemos andado quasi sempre a caminhar *per una selva oscura,* tratar tantas vezes hypotheticamente ou de relance o assumpto, embora em muitos casos as difficuldades hajão de ser tambem grandes, e até mesmo insuperaveis.

ADDITAMENTO

Por esta obra se estar imprimindo desde 1892, tem occorrido, neste espaço de cinco annos, muitos factos que devem aqui ser mencionados em ADDITAMENTO. Menciono tambem outros, que, comquanto já anteriores, só ultimamente me lembrárão, ou chegárão pela primeira vez ao meu conhecimento.

*

Por Decreto de 20 de Dezembro de 1893, referendado pelo Sr. Conselheiro Bernardino Machado, na qualidade de Ministro das Obras Publicas, foi criado o MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS, que, por Decreto de 26 de Junho de 1897, referendado pelo Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, actual Ministro da referida pasta, passou a denominar-se MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS. Este Museu consta de duas secções principaes: uma (a mais importante), de Archeologia, desde os tempos prehistoricos até o sec. XVIII; outra, de Ethnographia moderna. Na primeira, que já está bastante desenvolvida, embora não tanto, quanto eu desejaria, foi incluido o *Museu do Algarve*, fundado por Estacio da Veiga.

Como orgão do Museu foi auctorizada em 1894, pelo Sr. Conselheiro Campos Henriques, quando Ministro das Obras Publicas, a publicação d-*O Archeologo Português,* revista mensal e illustrada, que vae já no 3.º volume. O leitor que quiser inteirar-se do movimento archeologico português nestes ultimos tempos póde recorrer a ella, o que me dispensará de augmentar o presente ADDITAMENTO com muitas notícias (fundações de museus, publicações litterarias, excavações e excursões, descobrimentos de estações e monumentos, etc.), tanto mais que os volumes publicados tem indices methodicos que facilitão a consulta, alem dos summários que acompanhão cada número.

*

Observação á p. 98:

Ao citar, no campo da bibliographia portuguesa, os livros e opusculos que eu conhecia de caracter geral sobre a natureza, origem e classificação das religiões, deixei de citar por esquecimento os *Ensaios sobre a evolução da humanidade,* de Teixeira Bastos, Porto 1881, onde ha a p. 81 sqq. um artigo sobre as «Origens das religiões».

Obras diversas a respeito de Prehistoria:

—*Nota sobre uma estação chelleana no Valle de Alcantara,* por A. A. da Fonseca Cardoso, Porto 1893 (extrahida da *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* III): vide a crítica feita a este opusculo por P. Choffat in *Communicações dos trabalhos geologicos de Portugal,* III, 111; cfr. o que disse depois o criticado in *Revista das sciencias naturaes e sociaes,* V, 50 sqq.

—*Estudos sobre as antas e seus congeneres,* pelo P.e J. J. da Rocha Espanca, Villa-Viçosa 1894. A seu respeito travou-se polemica entre o A. d'elle e o Sr. P.e José Brenha no jornal portuense *A Vida Moderna,* onde tem sahido varios artigos archeologicos a que alludo mais de uma vez na presente obra (vid., por exemplo, p. 288, nota 2).

A cêrca da Galliza publicou o Sr. Macíñeira y Pardo in *La Ilustracion Artistica,* anno XIV, n.os 684 e 687, varios artigos aos quaes me referi a cima, no corpo da obra.

Nos *Baudenkmäler in Spanien und Portugal,* de C. Hude, Berlin 1890, ha um pequeno capitulo intitulado «Vorgeschichtliche Steindenkmäler», onde se citão umas poucas cousas de Portugal. — Cfr. supra, p. 320.

No *Museo español de antigüedades,* vol. VIII, ha um artigo de F. M. Tubino intitulado «Los monumentos megaliticos de Andalucia, Extremadura y Portugal», p. 303 sqq.; mas da Extremadura Hespanhola, cujas noticias podião interessar aos leitores, por ella em parte pertencer á Lusitania, pouco traz.

A collecção archeologica organizada pelo Sr. Santos Rocha na Figueira da Foz consta, como se diz a p. 10, de duas partes: uma cedida ao Museu do Instituto de Coimbra, outra possuida pelo collector; esta ultima foi por elle generosamente depositada no Museu Municipal da Figueira, onde continúa sempre a augmentá-la.

*

O triturador de que se falla a p. 60, nota 1, tanto podia servir para moer cereaes de que se fabricasse farinha, como para triturar fructos ou bagas silvestres: cfr. P. Orsi, *Quattro anni di esplorazioni sicule,* Parma 1894, p. 217.

*

Alem dos dentes figurados a pags. 130–131, que considerei como amuletos, tenho tido ultimamente conhecimento de outros, alguns dos quaes existem no Museu Ethnologico Português e no Museu da Figueira.

De contas do typo das de p. 139, fig. 13, ha exemplares semelhantes nas collecções dos Srs. Santos Rocha (Figueira da Foz) e Vieira da Natividade (Alcobaça).

Analogos aos pingentes figurados a p. 145 ha outros na collecção do Sr. Vieira Natividade.

Fig. 110

Em appendice ao que disse das placas de schisto, p. 155 sqq., notarei, em primeiro lugar, que na collecção do Sr. Vieira Natividade vi duas placas com ornamentação dos dois lados; em segundo lugar, que no Museu de

Anthropologia da Universidade de Coimbra encontrei umas placas de madeira dos selvagens da America, que são extremamente semelhantes ás prehistoricas, como se vê da fig. 110, copiadas de photographias que teve a bondade de me enviar o meu amigo o Sr. Conselheiro Bernardino Machado, illustre Lente de Anthropologia da nossa Universidade. Estas figuras, quanto ao seu conjuncto, são particularmente comparaveis á fig. 31; no centro apresentão uma cavidade, que de certo servia para conter fei-

Fig. 111

tiços, cavidade que se parece com o relicario que muitos santos tem em posição analoga.

Como appendice geral ao § II, *Amuletos*, p. 111 sqq., podia formar um novo artigo com o titulo de:

Amuletos constituidos por pontas, — incluindo nelle o desenho de uma ponta de veado furada, que appareceu numa gruta prehistorica de Alcobaça, e é possuida pelo Sr. Vieira Natividade. — Seria facil juntar notas comparativas á cêrca da importancia supersticiosa da ponta do veado.

*

Aos factos portugueses relacionados com a trepanação prehistorica de que fallo a p. 191, posso addicionar outro. No Museu Municipal da Figueira existe um fragmento craniano, que aqui represento na fig. 111, segundo uma photographia que devo á amizade do Sr. Dr. Santos Rocha: o mesmo Sr. dignou-se dar-me a proposito os seguintes

Fig. 112

esclarecimentos que extrahiu das suas *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* parte IV, no prélo:

«O parietal é uma peça muito interessante. Ha nelle vestigios manifestos de trepanação. Para o lado da sutura fronto-parietal existe uma incisão profunda, sensivelmente curva, com a convexidade voltada para a mesma sutura. O que resta d'esta incisão mede no comprimento $0^{m},028$, na maior largura $0^{m},004$ e na maior profundidade $0^{m},002$ aproximadamente. Os lados são ligeiramente obliquos, e no fundo apresenta dois planos, um mais estreito e mais

profundo, e o outro formando uma especie de resalto. Por este motivo, até certa profundidade a largura da incisão não é inferior a $0^{m},002$ aproximadamente; mas d'ahi para baixo tem $0^{m},001$ e ainda menos. Por uma extremidade termina na fractura recente do osso, vendo-se alli que faltava menos de $0^{m},001$ para o atravessar completamente; e pela outra extremidade termina numa depressão mais larga, aberta sem dúvida pelo instrumento operador, que devia ser uma forte ponta de silex, e não uma serra. Por estas circumstancias vê-se que a operação foi apenas começada, não chegando até a traçar no osso todo o contorno da rodella que devia ser extrahida. Quanto ás cellulas diploides, é manifesto que se acham obturadas pelo tecido osseo.»

*

A pintura, a que se faz referencia na p. 389 nota, vae representada na fig. 112: foi, como lá se diz, encontrada numa anta neolithica da Beira-Alta; estava num esteio granitico, d'onde fiz cortar, e trazer para o Museu Ethnologico Português, o pedaço de pedra que a contém. A pintura é vermelha, a ocre. Talvez na côr vermelha houvesse tambem uma intenção mysteriosa, pois sabe-se quanta importancia tem tido esta côr no quadro das superstições humanas.

INDICE ALPHABETICO

Ajuda (Tapada da): monumento sepulcral, 310.

Alapraia: grutas artificiaes. 237 sqq.

Alcalar: monumentos sepulcraes: «n.º 1», 266. «n.º 2», 295. «n.º 3», 298. «n.º 4», 301. «n.º 5», 302, «n.º 6», 303, «n.º 7», 304; duração da necropole, 305.

Aljezur: sepultura. 242: dolmen com signaes, 385.

Alma: origem da sua concepção, 198; crença de que ha várias almas em cada corpo, 199; transmigração, 199; local para onde vae a alma depois da morte, 199; composta de partes, 199 n. 1; na outra vida, 200; divinizada, 201; concebida como uma ave, 223 n.

Almas do outro mundo, 200–201.

Altar: nome de megalithos prehistoricos, 251 e n.

Ambar: amuletos de — 88; superstição com o —, 129 n. 4.

Amiaes: orca com insculptura. 364.

Amuletos: 86 sqq.; definição, 111; suas especies, 112 e 429; theoria dos amuletos, 112 sqq.; cranianos, 184 sqq.; exemplar de amuleto craniano em Portugal, 193.

Ancora: pedras com insculpturas, 376.

Animaes: emblemas das divindades, 161 n. 2; poupados por superstição, 347 n. 2; cultuaes nos tempos neolithicos, 394.

Animismo: deduzido da trepanação, 197, e da solidez dos dolmens, 279; e das offerendas aos mortos, 348. Cfr. tambem o artigo sobre os *Amuletos*.

Anta, synonimo de dolmen: etymologia, 25 n. e 252 n.

Antão (Santo): pedras com insculpturas, 377.

Antas de Penalva: ahi perto existe um penedo com insculpturas prehistoricas, 372.

Antas de Penedono: noticia ms. do seculo XVII, 4 e 5.
Antellas, 309.
Anthropologia prehistorica, 64 sqq.
Antinhas (sepulturas), 311.
Arca, synonimo de dolmen, 254.
Areia que cobre os cadaveres, 313.
Arrayolos: seu dolmen conhecido na litteratura estrangeira, 6 n.
Arriconha: ahi ha o penedo de S. Gonçalo, com covinhas, 377.
Arrife: sepultura, 246.
Artes neolithicas, 59.
Arvores sagradas, 89.
Apaziguar os mortos com offerendas, 339.
Applicata, 114.
Azeviche: superstição e amuleto, 136 sqq.
Banquetes: funebres, 334; — na prehistoria portuguesa, 348.
Barreiros: ahi existe um penedo com insculpturas antigas, 369.
Beirões: seu caracter supersticioso, 292 e 366 n.
Bibliographia da Prehistoria portuguesa, 4-11, 426-427.
Bom-Successo (Senhora do): no castro ha insculpturas prehistoricas, 372.
Botão magico, 152 e n. 4.
Brachycephalia prehistorica, 64 sqq.
Bragas: ahi existe um penedo com insculpturas prehistoricas, 371.
Bronze: ha um periodo do bronze, distincto do do cobre? 72 sqq.; objectos de bronze, 78 sqq.; sepulturas, 421.
Brown-Séquard: seu methodo, 115.
Cachão da Rapa (Douro): penedo com signaes prehistoricos, 360 sqq.
Caça: superstição, 125 n.
Cadaver: seu destino, 204 sqq.
Campina: sepultura do periodo do bronze, 418 n.
Candieira: anta com covinhas, 384.
Candoso: lenda, p. 378.
Cannibalismo, 60 n.
Cantinhos (nome de um jôgo na Beira), 365.
Caracteres da civilização neolithica de Portugal, 69 sqq.
Cascaes: grutas, 219; sepulturas nos seus arredores, 448.
Castro de Avellãs: sua origem, p. 55.
Castros: prehistoricos, 49 sqq.; classificação dos nossos castros, 52; diversos castros, 53 sqq.; da epocha dos metaes, 79.
Caverna, 212 e 214.
Cemiterios: dos kjoekkenmoeddings, 101; neolithicos, 327 sqq.
Cenotaphios, 211, 283 e n.
Cêrro da Alcaria: sepultura do periodo do cobre, 415.
Chalcolithico: periodo de transição da pedra para os metaes, XXII e 407.
Charonte (dinheiro de), 334.
Cistas (sepulturas): deve dizer-se *cistas* e não *cistos*, 308 e n.; etymo, 308; sepulturas da epocha dos metaes, 408.
Citania (castro do Minho), 379 e 383.
Classes sociaes nos tempos prehistoricos, 64, 191 e 241.

Claudio (S.): penedo com covinhas, 377.
Cobre: ha um periodo do cobre? 72 sqq.: é indigena ou importado? 73 sqq.; jazigos portugueses, 74 sqq.; objectos de cobre, 78 sqq.; sepulturas, 408.
Cócoras (de): modo de sepultar assim os cadaveres, 313.
Coelho: restos achados nas sepulturas, 346.
Combro, 256 n.
Commissão Geologica de Portugal, 4 e n.
Congresso de Anthropologia e archeologia prehistoricas de Lisboa, 7 e n.
Conchas: superstição e amuletos, 146 sqq.
Contas (amuletos), 153 sqq.
Coração (amuletos em fórma de), 140 sqq.
Coral (amuletos de), 88.
Córga-das-Oliveiras: sepulturas do periodo do cobre, 413.
Coruja, 161 n. 2.
Cova de Lavos: descripção, 59.
Cranio humano esvasiado: tropheu de guerra 178 e n.; taça para beber, 178-179 e n.; rito funebre ou mumificação, 179.
Cristello: penedo com insculpturas, 375.
Cro-Magnon (raça de): 66 sqq.
Culto das armas de pedra, 397.
Cultos pagãos condemnados pela Igreja, 292.
Cunha-Baixa (dolmen), 271 sqq.
Deformações: de objectos depositados em tumulos, 298; de objectos offerecidos aos mortos, 337 sqq.
Degeneração dos idolos e symbolos com ornatos, 126 n.
Dentes (amuletos de): 87; nos Romanos, 120; na Italia moderna, 121; na Allemanha, na Bohemia e na Irlanda, 121; na Inglaterra, 122; em Portugal, 122; fóra da Europa, 124; — com orificios: achados fóra de Portugal no periodo paleolithico, 125; no neolithico, 125: na epocha metallica, 127; nos tempos protohistoricos, 128; achados em Portugal no periodo neolithico, 129 sqq.
Deposição dos restos humanos nos sepulcros: de cócoras, 312; em compartimento reservado, 313; factos diversos, 313 sqq.
Doenças: causadas sobrenaturalmente, 181 sqq.; convulsivas, attribuidas a acção sobrenatural, 171 sqq.; causadas pela sahida e ausencia da alma, 196.
Dolichocephalia prehistorica, 64 sqq.
Dolmens: objectos modernos achados nelles, 70, 71 e 288; definição, 248; seus nomes vulgares, 249 sqq.; etymologia de *dolmen*, 249 n.; cobertos e descobertos, 260 sqq.; distribuição geographica, 266; typos geraes, 266 sqq.; dimensões, 273; natureza da rocha, 274; com as suas lages apparelhadas, 275; ladrilhados, 276; significação primitiva, 277; destino ulterior, 285; utilizados para fins praticos modernos, 288-289; seu caracter sobrenatural, 289 sqq.; servindo de marcos actualmente, 289; rela-

cionados com o culto christão, 290 e n.
Domesticidade dos animaes nos tempos neolithicos, 60.
Enconderijos de fundidores de metaes, 77 sqq.
Entêrro prehistorico, 349.
Eolo: os seus odres produzem tempestade, 118 n. 2.
Epochas prehistoricas, XXXI e 25
Espiga roxa do milho, 149 n.
Espinho: pedras com insculpturas prehistoricas, 366.
Espirito maligno causador de doenças e da morte, 180 sqq.
Estanho (minas de), 76.
Evocação dos mortos, 202.
Exorcismos, 174 e n. 2.
Feitiço e idolo, 394.
Felgueiras: ahi ha o «monte das Pucarinhas», 378.
Ferradura: amuleto, 110 n.
Ferro (periodo do), 79 e 422.
Fieis de Deus, 315 e n.
Figueira da Foz: notavel mamoinha, 268 sqq.
Figuras de pedra achadas num dolmen trasmontano, 341 sqq.
Fitas magicas, 118 n.
Folha das Barradas: sepultura, 239.
Fórmulas sepulcraes christãs, 390.
Frades de pedra, 126 n.
Frieira (Tras-os-Montes): pedra com covinhas, 358 sqq.
Furadouro: grutas, 216.
Furnas, 214.
GALLIZA: bibliographia prehistorica, 11 e 427; pedras com pégadas, 386.
Geographia prehistorica: monumentos que ha pelo país, 12–24.
Gonçala: anta com covinhas 385.
Grota, 214.
Gruta, 214.
Grutas: habitabilidade, 40 sqq e 222 e n.; culto, 46; para extracção de silex, 47 sqq.; sua natureza, 212; seus nomes vulgares, 213; distribuição geographica, 215; funerarias, 48 e 216; seu typo geral, 216; noção d'ellas nos homens prehistoricos, 219; seu destino ulterior, 225; lendas das grutas, 225; grutas funerarias artificiaes, 227 sqq
Hallucinações tidas na conta de sobrenaturalismo, 188.
Historicos (tempos): XXXII.
Historia da Archeologia Prehistorica Portuguesa, 33 sqq. e 425 sqq.
Hysterismo: tido na conta de phenomeno sobrenatural, 188 e n.
Ichthyophagos, 31 n. 1 e 45.
Igreja: condemnando cultos pagãos, 292.
Imagens de objectos magicos, 116.
Inacinha: lendas beirãs, 373.
Incineração: prehistorica, 206 sqq.; na epocha dos metaes, 410 e 421.
Ingesta, 115.
Inhumação prehistorica, 206.
Insculpturas em pedras. Vid. *Signaes em pedras.*
Instituições sociaes dos tempos neolithicos, 62 sqq.
Instrumentos neolithicos: perfeitos, 38; muito pequenos 397; muito grandes, 397; de barro, 398; — prehistoricos symbolicos, 143 sqq.

Kjoekkenmoeddings, 29.
Lacustres (habitações), 58.
Lampadas neolithicas, 243 sqq.
Lapas, 213 sqq.
Lendas: dos dolmens, 289 sqq. e n.; das grutas, 225.
Liceia: descripção, 49 e 51 n.
Lobo (superstição com o), 126 n.
Local dos monumentos funebres neolithicos, 325 sqq.
Louça: falta ou é rarissima no periodo paleolithico, 28 e 35; abunda no neolithico, 35; grosseira, 35; ornamentada, 36,
Lua: culto d'este astro relacionado com o das grutas, 46 e n. 5; *Cova da* — em Tras-os-Montes, 46 n.; culto da —, 104 sqq.; prioridade do seu culto, 104; figurada num objecto prehistorico português, 185; culto da —, em geral, 105 n. 1; seus mythos, 110; seus eclypses, 111; meia —: amuleto, 108; nos Romanos, 117 n. 1; culto da lua nos tempos neolithicos, 391.
Lucerna romana com o crescente, 108.
LUSITANIA: seus limites, XXI; relações com Portugal, XXV; etymologia da palavra, XXVIII; divisões da Historia da Lusitania. XXXI.
Luzia (Santa): ha ahi um penedo com covinhas, 380.
Madeira (idolos e outros objectos de), 91 sqq.
Madorra, 12 e 250.
Mamôa *ou* mámoa, 250 sqq.; suas dimensões, 273; sua constituição, 277.
Mamoelas, 312.
Mamoinha, 250.
Mamunha, 250.
Mar: seu culto nos tempos neolithicos, 393.
Marcella: sepultura, 293 sqq.
Martello de pedra caracteristico da idade dos metaes, 75 n.
Medeiros: castro, 55.
Medo dos mortos, 202.
Mertola: sepulturas por incineração do periodo do bronze, 421.
Mesteres dos povos neolithicos. Vid. *Occupações.*
Metaes (epocha dos), 70 sqq.
Metal: nas estações neolithicas, 70 sqq.; seu culto, 420.
Metallurgia iberica, 76.
Metaphoras da lingua commum: explicações de certas denominações de monumentos prehistoricos, 26 n.
Mira (rio): sepulturas, 407 e 414.
Môcho, 161 n. 2.
Moiros: 257; lendas, 292.
Molluscos: são raros os seus restos nas grutas da Furninha, 346.
Monge: sepultura, 244 sqq.
Monstruosidade das religiões, 92.
Montilhão, 250.
Monumentos sepulcraes, 212 sqq.
Moradas neolithicas, 40.
Morcego: adivinha popular, 223 n. 1.
Mortillet: discussão das suas ideias á cêrca da religiosidade paleolithica, 85 sqq.
Mortos (culto dos): nos tempos paleolithicos, 92; no tempo dos kjoekkenmoeddings, 99 sqq.; deificados, 101; seu culto, 198; divinizados, 201; evocados, 202.

Mugem (raça de), 32 e 65 sqq.
Museu de Anthropologia de Lisboa, 7.
Museus portugueses, 12-24 e 425.
Mutilação religiosa, 196.
Necrolatria prehistorica, 92 e 99.
Necropoles neolithicas, 327 sqq.
Neolithico (periodo): não póde negar-se a sua existencia, 71.
Nora: sepultura, 307.
Nós magicos, 118 n.
Occupações ou mesteres do homem neolithico, 59 e 392.
Offerendas aos mortos em geral: armas, utensilios, comidas, vestuarios, etc., 311; factos da prehistoria portuguesa, 340 sqq.
Ollae ossuariae, 410.
Oraculos, 291.
Orca, synonimo de dolmen, 253 e n.
Orientação dos tumulos neolithicos, 324 sqq.
Orificio na camara dos monumentos funerarios: 318 sqq.; sua significação, 319; em Portugal, 320.
Ossa (Serra da): dolmen furado, 320 sqq.; bibliographia, 320; descripção, 321 sqq.; antas reconhecidas ahi no sec. XVI, 4;
Osso (amuleto de), 151 sqq.
Ossos de animaes achados nos tumulos, 345.
Ossuarios, 317 sqq.
Paganismo condemnado pela Igreja, 292.
Pala, synonimo de dolmen, 256.
Paleolithico (periodo), 27; religião em geral, 85 sqq.; religião em Portugal, 97.
Palmella: grutas artificiaes, 227.
Pathologia mental dando origem a superstições, 188 sqq.
Pedra (amuleto de), 166 n. 4.
Pedras Pombeiras: ahi existe um penedo com insculpturas prehistoricas, 368.
Pedras: sagradas, 89; de raio, antiguidade d'esta superstição na Peninsula, 403;
Pedraça: pedras com insculturas, 363.
Pègadas em pedras, 381 sqq.
Peixes: faltão os seus restos ou escasseião, nas grutas da Furninha, 346; seu culto nos povos neolithicos, 393.
Pelles como vestuario, 34.
Penacova: pedras insculpidas, 374.
Penedos balouçantes, 400.
Pennas de aves (superstição com as), 126 n.
Perfeição dos instrumentos neolithicos, 38.
Perfuração craniana nos tempos prehistoricos: seu intuito, 187.
Pessoas dotadas de caracter sobrenatural, 187 sqq.
Pingentes de várias fórmas, 140 sqq.
Pintura neolithica, 276 e 389.
Placas: de schisto, 34 e n.; — diversas, 155 sqq.; com figura animal, 161-163; com figura de baculo, 161; comparação com factos da ethnographia moderna, 429.
Potes de barro funerarios, 416 sqq.
Prático (fim) da arte selvagem, 106 sqq.
Protohistoricos (tempos), XXXII.

Raças dos tempos prehistoricos em Portugal, 64 sqq.
Relação dos monumentos funebres neolithicos entre si, 323.
Relações commerciaes, federativas e ethnicas dos povos neolithicos, 63 n.
Religião: ha povos sem ella? 94; sua origem, 96; suas fórmas primitivas, 96; dos povos neolithicos, 103 sqq.; neolithica (seu quadro), 405; da epocha dos metaes (resumo), 418.
Religiosidade paleolithica, 85 sqq.
Reservado (espaço) nos sepulcros, 294 e 299.
Sabroso: castro do Minho, 54, 379, 381 e 383.
Sacerdotes, 191, 349 e 396.
Sachos neolithicos, 37 n.
Sacrificios: em honra dos mortos 334 sqq.; tornados symbolicos, 337; na prehistoria portuguesa, 348.
Sambaquis americanos, 31 n. 5.
Santos: hysteria, 188.
Sedentaria (vida) do homem neolithico, 68 sqq.
Seixos nas sepulturas, 314.
Selvagens dos primeiros periodos prehistoricos, 81 sqq.
Sérro do Castello: sepultura 307.
Signaes: insculpidos em pedras, 350 sqq.; suas especies, 350; nomenclatura geral, 350 sqq.; bibliographia, 351 sqq.; distribuição geographica, 352 sqq.; sua arte, 353; sua data, 353; sua ordem, 354; theorias, 355 sqq.; lendas annexas, 355 sqq.; caracter sagrado, 358; em Tras-os-montes, 358; no Douro, 360 sqq.: na Beira, 363 sqq.; no Entre-Douro-e-Minho, 374; no Alemtejo, 384; no Algarve, 386; classificação das insculpturas portuguesas, 387; nomenclatura portuguesa, 388.
Sines: anta descoberta no seculo XVI e considerada sepultura de S. Torpes, 21–23.
Sociologia prehistorica, 82 sqq.
Sol: seu culto, 391.
Soutello: pedra com insculpturas, 376.
Sub-brachycephalia prehistorica, 64 sqq.
Suggestão, 135 e n.; produzindo effeitos reaes no organismo, attribuidos a acção sobrenatural, 134 sqq.
Superstição humana: na arte dos povos incultos, 162, n. 1.
Supremacias sociaes nos tempos prehistoricos, 64, 191 e 241.
Sympathias das cousas insensiveis, 134.
Syncretismo de ideias pagans e christans, 119 n.
Tagilde: insculpturas, 375.
Terciario (homem), 27.
Tórques como amuletos, 129.
Torre dos Frades: sepultura, 242.
Totemismo, 347 n. 2.
Tradições do passado conservadas até hoje, 349 e 403.
Transmigração da alma, 199.
Trepanação prehistorica: bibliographia 170 sqq.; em vida, 171 sqq.; post mortem, 178 sqq.; theoria, 180 sqq.; vestigios em Portugal, 194 sqq. e 429; — nos Japões, 197 n.

Trevo de quatro folhas: tem virtude, 149 n.
Triangular (pingente), 145 sqq.
Troglodytas, 45 sqq.
Tropheus: de caça, 125 n. 2; de pedra achado num dolmen beirão, 343-345.
Typos das sepulturas prehistoricas, 416.
Variedades da civilização neolithica, 324 e 395.
Vasos symbolicos, 402.
Vestuario neolithico, 34.
Virtude mysteriosa de certos objectos, 112; objectos de — para protegerem os mortos, 334.
Vizella (S. Paio de): pedras insculpidas, 374.
Zambujeira: sepultura do periodo do cobre, 412.
Zoomorphismo; na arte, 163 n. 1; na religião neolithica, 393 sqq.

ERRATAS

Entre outras, de menos importancia, notão-se as seguintes:

Pag. 10, nota 2, lê-se «1891» em vez de «1890».

Pag. 35, l. 14 e 16, lê-se «epocha neolithica» em vez de «periodo neolithico».

Pag. 40, l. 5, lê-se «contemporaneos» em vez de «actuaes».

Pag. 61, l. 10, lê-se «neolithicos» em vez de «megalithicos».

Pag. 91, l. 11, lê-se «adeante» em vez de «noutros pontos d'esta obra».

Pag. 159, lê-se «lembra» em vez de «occorre ao espirito».

Pag. 287, l. 2, supprima-se «os».

Pag. 353, l. 17, e pag. 365, l. 14, lê-se «datárão» em vez de «datarão».

Acabou de imprimir-se

Aos 12 dias do mez de outubro do anno

M DCCC XCVII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA

LIBRARY
DEC
19

BINDING SECT. MAY 10 1979

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BL
980
P8
L35
v.1

Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, Jose
Religioes da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal

49